



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

WELBERT FEITOSA PINHEIRO

GARIMPEIRO DE MEMÓRIAS:
PRÁTICAS EDUCATIVAS DE OZILDO ALBANO - PIAUÍ
(1952-1989)

UBERLÂNDIA

2018

WELBERT FEITOSA PINHEIRO

**GARIMPEIRO DE MEMÓRIAS:
PRÁTICAS EDUCATIVAS DE OZILDO ALBANO - PIAUÍ
(1952-1989)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: **Profa. Dra. Sônia Maria dos Santos**

UBERLÂNDIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

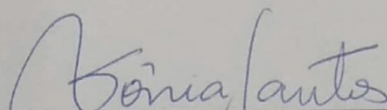
P654 Pinheiro, Welbert Feitosa, 1968-
g Garimpeiro de memórias [recurso eletrônico] : práticas
2019 educativas de Ozildo Albano - Piauí (1952-1989) / Welbert Feitosa
Pinheiro. - 2019.

Orientadora: Sônia Maria dos Santos.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.601>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

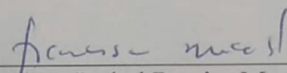
1. Educação. 2. Educação - História. 3. Prática de ensino -
Piauí - 1952 - 1989. 4. Sociologia educacional. I. Santos, Sônia
Maria dos (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós- Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

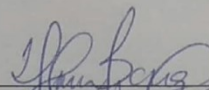
BANCA EXAMINADORA



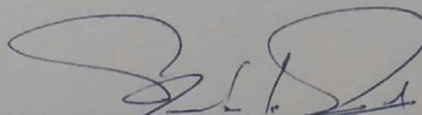
Profª. Dra. Sônia Maria dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



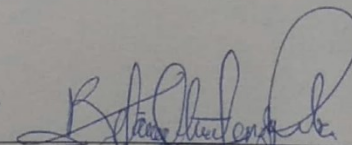
Profª. Dra. Francisca Izabel Pereira Maciel
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG



Prof. Dr. Vilmar José Borges
Universidade Federal de Espírito Santo- UFES



Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Profª. Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Aos meus pais, que me ensinaram os valores mais simples e humanos da vida.

Braz Pinheiro (*in memoriam*),

Presente de Deus na minha vida. Aprendi, com as suas lições diárias, os princípios que norteiam o pensamento cristão e guardo nas minhas memórias tudo que me ensinou. Sinto saudades do tempo que caminhava conosco, das suas orações e da sua presença humana.

Aldenora Pinheiro (*in memoriam*),

Uma amiga que Deus me deu. Aprendi, com as suas narrativas do cotidiano, a ter o cuidado necessário nas andanças da vida. Guardo dela muitas lembranças e, em cada uma delas, a certeza de que de tudo ficou um pouco. Um pouco dela em mim... Um pouco da sua enciclopédia particular que carrego comigo e, até mesmo, do seu jeito “briguento” de ser que trazia uma receita de vida para nos alertar das ciladas da vida. Sinto e sinto saudades do seu jeito de amar e da sua proteção inigualável.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente dou graças ao meu Deus, mediante Jesus Cristo. (Romanos 1:8)

Todos os passos do homem são dirigidos por Deus. Ele sabe o que é bom e tudo providencia no seu tempo. Não sei se sou merecedor de tudo que o Senhor tem feito por mim, o que sei é que tenho-O posto continuamente diante de todo o meu projeto de vida. É por isso que sou grato e confio Nele enquanto viver.

Durante o tempo em que dediquei os meus esforços no caminho da pesquisa e da produção da minha tese de doutoramento, descobri não só o que estava envolto a um mundo particular, rico de cultura e de saberes escolares que faziam parte do mediador cultural José Albano de Macedo, o Ozildo Albano, encontrei nesse universo, o comprometimento ético e social de um homem de cultura que mostrou que era possível espalhar conhecimentos em lugares onde o ritmo da vida era pontuado pela aridez das próprias condições climáticas, mas mais ainda, pelo atraso cultural e educacional em que se encontravam o cidadão local.

Aprendi, na leitura de cada manuscrito deixado por Ozildo Albano, às vezes, pedaços mínimos que me impulsionaram a ir mais adiante e perceber o real sentido das palavras educação e cultura. Fui tentando juntar os fios históricos do seu horizonte humano, em cada caixa do arquivo do seu museu particular uma nova descoberta ia surgindo. Parecia que não tinha fim, muita coisa para ser escrita e, em cada história, as marcas singulares de um tempo e de um homem que ocupou um campo de produção simbólica capaz de implantar um modelo de prática educativa em Picos, Pio IX e Jaicós, no Estado do Piauí.

Aprendi com cada sujeito histórico que entrevistei as lições de vida que seguiram o educador picoense. Dos mais simples gestos deixados por ele, nas caminhadas religiosas até as grandes tomadas de atitudes na criação de empreendimentos educacionais e culturais como a criação do Jornal Flâmula e o seu museu particular Capitão-Mor João Gomes Caminha.

Quero deixar o meu registro de agradecimento, em forma de versos, ao professor José Albano de Macedo, a quem tive a oportunidade de receber as suas

lições culturais, no seu museu e a quem admirava pela sua capacidade ímpar de preservação da memória coletiva. Aqui o meu respeito pelo que vi e ouvi sobre ele.

Ozildo

Picos é teu nome em verso e prosa,
No batistério e no registro civil,
No calendário municipal,
Na escola,
E nas salas do Museu.

É também o teu nome:
Na Praça Félix Pacheco,
Na árvore oiticica,
Nos velhos calçadões,
No Cine Spark...
E nas bancas de jornal.

Picos é teu nome...
Nas batidas do sino da Matriz,
Na Igreja, da Rua Velha.
E nas caminhadas para Bocaina.

Picos é teu nome...
Em todas as ruas, avenidas e becos,
No morro da Mariana,
Na escada do morro
E no Rio Guaribas,
Com cheias
E vazantes.

Picos é teu nome...
Nas danças de São Gonçalo,
Nos bailados e pastoris,
No reisado,
Nas serestas e cantorias,
Nas rodas de calçadas
E no trio acadêmico.

Picos é teu nome...
Gravado na tua história,
Em pedaços de manuscritos
Históricos e pitorescos.
E nas escritas de Flâmula.

Picos é teu nome...
Nome simples,
Simples como você.
Como o simples canto do bem-te-vi.
Bem-te-vi!... Bem-te-vi!... Bem-te-vi!...

Que alegremente entoa a sua nota musical.

Picos é teu nome...
Jurista das leis,
Dos códigos,
Da doutrina
E da Constituição.

Picos é teu nome...
Tua marca inconfundível,
Tua escrita singela,
Com cores fortes,
De cultura,
Educação e
Amor a teu povo.

Compartilho esses versos com todos os que caminharam comigo durante o tempo em que estive aprendendo e construindo conhecimentos. Aos professores do Doutorado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia com os quais aprendi a educar melhor o olhar para adentrar no mundo da pesquisa científica. A todos, ao Profº Dr. Carlos Henrique de Carvalho, Profº Dr. Márcio Danelon, Profª Drª. Sônia Maria Santos, Profº Dr. Marcelo Pereira Soares Silva, Profª Drª Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, Profº Dr. Roberto Valdés Puentes e o Profº Dr. Carlos Alberto Lucena, o meu agradecimento.

Os meus agradecimentos à Profª Drª Sônia Maria dos Santos, minha orientadora, que abraçou a minha proposta de tese e seguiu comigo. Sabia da responsabilidade que eu tinha em minhas mãos, viu e se encantou com o Museu particular criado por Ozildo Albano em terras picoenses.

Os meus agradecimentos à Profª Drª Sandra Cristina Fagundes de Lima e à Profª Drª Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro pelas sugestões que deram ao texto que levei para a qualificação do Doutorado, assim como aos membros da Banca de Defesa, a saber, os Professores Doutores Humberto Aparecido de Oliveira Guido, Vilmar José Borges, Francisca Isabel Pereira Maciel e Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro.

Os meus agradecimentos à Profª Maria da Conceição Silva Albano, irmã de Ozildo Albano. Sem ela, não conseguiria chegar à concretização de minha tese. Abriu as portas de sua casa e deu informações precisas da infância, da juventude e da fase adulta de Ozildo Albano.

Os meus agradecimentos à Capes, pelo incentivo financeiro através de bolsa, no período em que estive em Uberlândia.

Os meus agradecimentos à Universidade Federal do Piauí, pela concessão do afastamento de sala de aula, de forma parcial e, *a posteriori*, integral, para que pudesse dedicar-me ao Curso.

Os meus agradecimentos a Albano Silva, irmão de Ozildo Albano. Sem ele, não conseguiria a documentação que se encontrava guardada nos arquivos do Museu. Nas conversas informais, conduziu-me aos espaços sociais por onde Ozildo Albano trilhou a sua trajetória de vida. E mais, mostrou as histórias que havia por trás de cada fotografia e artefatos museais. Aprendi muito, muito mesmo com ele.

Os meus agradecimentos a Bete, sobrinha de Ozildo Albano. Sempre prestativa e disposta a me ajudar. Quando eu tinha alguma dúvida, ela sempre anotava para me dar a resposta no dia seguinte. Podia estar fazendo qualquer coisa no Museu, quando eu chegava, indagava sobre o que estava precisando para a minha pesquisa.

Os meus agradecimentos a minha irmã, Prof^a Dr^a Cristiane Feitosa Pinheiro, da Universidade Federal do Piauí, por tudo que tem feito por mim, sempre me apoiando nas andanças da vida. Uma amiga que Deus me deu aqui na terra. Posso dizer que tenho alguém que ora por mim e que me protege. É ela a quem recorro para trocar algumas ideias acadêmicas e sempre me coloca no rumo certo.

Os meus agradecimentos ao meu irmão Wellington Feitosa Pinheiro, que tanto me ajudou nas labutas diárias de deixar e buscar os meus filhos na escola e nos cursos que faziam, pois o meu tempo estava tomado pela pesquisa de campo e pela produção da tese de doutoramento.

Ao meu filho Pedro Augusto de Sousa Pinheiro, que talvez percebendo o meu distanciamento pelas viagens relacionadas à pesquisa e o isolamento para a produção da minha tese, em uma dessas noites, bateu na porta do meu quarto e veio para mim com essas palavras poéticas: “Pai, olha para o céu... A lua está quebrada”.

Ao meu filho primogênito Tiago de Sousa Pinheiro, por ter tido a compreensão de não estar lhe assistindo muito nos seus estudos, devido ao meu compromisso com a pesquisa e a construção da minha tese. Fico devendo a você, o teu sonho é o nosso sonho.

A minha esposa Lavinha Nancy Borges de Sousa Pinheiro. Sei que não foi fácil para você, durante as minhas ausências dedicadas à pesquisa. Muitas vezes você me chamava para dormir, mas eu insistia em ficar mais um pouquinho, no silêncio da madrugada. Mas você sabe bem que, no dia seguinte, eu lia tudo para você, queria a tua opinião e o teu olhar. Para mim, a tua palavra sobre o meu texto era importante, dava-me fôlego para produzir mais e mais. Sou devedor por ter tirado de você alguns momentos que faziam parte da nossa caminhada. A minha história de vida ganhou mais em beleza e poesia com você e com os nossos filhos. Grato, sempre!

Aos meus entrevistados que me oportunizaram entrar em contato com espaços/tempos da história coletiva do povo picoense e, especificamente, a história de vida do mediador cultural Ozildo Albano. Atores sociais que trouxeram notícias variadas em torno das práticas educativas desenvolvidas pelo educador picoense e ajudaram na construção da tese aqui proposta. A eles, o meu mais sincero agradecimento por ter compartilhado das suas memórias e por terem me ajudado a entender os passos dados por Ozildo Albano, no campo da cultura e da educação, em municípios piauienses. Fizeram parte desta escrita histórica, as narrativas orais de Maria da Conceição Silva Albano, Albano Silva, Dimas Lélis Leopoldo, Raimunda Fontes de Moura, Olívia da Silva Rufino Borges, Francisco de Moura Fontes, Elízio Serafim de Souza, Maria Vanilda de Moura Albano, Francisco de Assis Macedo Santos, Maria das Graças Moura Formiga Sinval, Maria Eunice Soares Teixeira, Francisco das Chagas Cruz e José Rafael Filho.

Com tudo, sinto-me como a poetisa Cecília Meirelles quando diz, em seu poema **Motivo**, “Eu canto porque o instante existe/ e a minha vida está completa”.

Espalho esse cantar com todos...

Sabemos bem que toda a obra tem que ser imperfeita, e que a menos segura das nossas contemplações estéticas será a daquilo que escrevemos. Mas imperfeito é tudo, nem há ponte tão belo que o não pudesse ser mais, ou brisa leve que nos dê sono que não pudesse dar-nos um sono mais calmo ainda.
(Fernando Pessoa)

RESUMO

A pesquisa se insere no campo da História da Educação e tem como objeto de estudo a história de vida e as práticas educativas realizadas pelo educador picoense José Albano de Macedo, o Ozildo Albano, nos municípios de Picos, Pio IX e Jaicós, no Piauí, nos anos de 1952 a 1989. O estudo historiográfico pautou-se em uma investigação que teve como fio condutor a seguinte questão/problema: Como Ozildo Albano, na condição de mediador cultural, desenvolveu sua prática educativa no Piauí, na promoção da mudança da realidade cultural?. Elegeu-se como objetivo geral investigar as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí, entre os anos de 1952 a 1989 e, como objetivos específicos, analisar o processo de formação escolar e acadêmica de Ozildo Albano, mapear e apresentar as práticas educativas de Ozildo Albano nos espaços escolares, analisar as práticas educativas de Ozildo Albano na imprensa escrita, analisar as práticas educativas de Ozildo Albano no campo museal. Percorreu-se o caminho metodológico traçado pela História Oral, instrumentalizado através de entrevistas realizadas com treze interlocutores que trouxeram informações sobre as suas práticas educativas em espaços/tempo da história coletiva local. Foram usadas fontes documentais que permitiram um mapeamento aprofundado em torno das práticas educativas do educador e do contexto em que estava inserido. Defendeu-se, no percurso investigativo, a tese de que a prática educativa do mediador cultural promove o acesso a saberes educativo-culturais aos povos, em contextos sociais diversos. Através das práticas educativas de Ozildo Albano, no contexto escolar, no Jornal Flâmula e no Museu que leva seu nome foi possível comprovar o resultado do trabalho do mediador cultural, em uma realidade marcada pelo analfabetismo. Na construção textual, utilizou-se do campo teórico da Nova História Cultural, tendo como base os estudos de Burke (1992;2017), Bloch (2001), Le Goff (1984;1988;1995;2002;2003), Prost (1998;2008), Levi (1992;2006), Nora (1993), Ginzburg (1989), Revel (1998), Sirinelli (1998;2003); Heller (1989) sobre o cotidiano; Manguel (2001) e Sontag (1981) sobre leituras de imagens; Thompson (1992) e Alberti (2004;2005;2006) sobre o método da história oral; Forquin (1993) e Julia (2001) com os estudos sobre cultura escolar; Tardif (2002) sobre os saberes docentes; as instruções para a leitura de textos propostas por Eco (1993;1994); os conhecimentos sobre a memória propostos por Halbwachs (1990), Bosi (1994) e Catroga (2001); os estudos de Pomian (1984) sobre as coleções museológicas; Poulot (2013) sobre museu e museologia; Contreras (2002) sobre a profissionalidade docente; Dosse (2009) sobre biografia; Bourdieu (1983; 1996; 2003; 2004a; 2004b; 2004c; 2006; 2007) sobre biografia e as categorias campo, *habitus* e capital cultural, além dos estudos de Nóvoa (2002) sobre a imprensa de educação e ensino.

Palavras-chave: Prática educativa. Mediador cultural. Cultura escolar. Imprensa escolar. Educação patrimonial.

ABSTRACT

The research is part of the History of Education field and has as object of study the life history and educational practices carried out by the educator Jose Albano de Macedo, Ozildo Albano, from Picos, in the towns of Picos, Pio IX and Jaicós, in Piauí, from 1952 to 1989. The historiographic study was based on an investigation guided by the following question/problem: How did Ozildo Albano, as cultural mediator, develop his educational practice in Piauí, promoting the change in cultural reality?. The general objective was to investigate the educational practices of Ozildo Albano, in Piauí, from 1952 to 1989, and the specific objectives were to analyze the educational and academic formation process of Ozildo Albano, to map and present the educational practices of Ozildo Albano in the school spaces, to analyze the educational practices of Ozildo Albano in the written press, to analyze the educational practices of Ozildo Albano in the museum field. The methodological path traced by Oral History was followed, through interviews with thirteen interlocutors who brought information about their educational practices in spaces/time from the local collective history. Documentary sources that allowed a deep mapping around the educational practices of the educator and the context in which he was in were used. It was defended, in the investigative course, the thesis that the educational practice of the cultural mediator promotes the access to educational-cultural knowledge to the peoples, in several social contexts. Through the educational practices of Ozildo Albano, in the school context, in the *Flâmula* newspaper, and in the Museum that is named after him, it was possible to prove the result of the work of the cultural mediator, in a reality marked by illiteracy. In the textual construction, it was used the theoretical field of the New Cultural History, based on the studies of Burke (1992; 2017), Bloch (2001), Le Goff (1984; 1988; 1995; 2002; 2003), Prost, Levi (1992; 2006), Nora (1993), Ginzburg (1989), Revel (1998), Sirinelli (1998; 2003), Heller (1989) on everyday life; Manguel (2001) and Sontag (1981) on image readings; Thompson (1992) and Alberti (2004; 2005; 2006) on the method of oral history; Forquin (1993) and Julia (2001) with studies on school culture; Tardif (2002) on teacher knowledge; the instructions for reading texts proposed by Eco (1993; 1994); the knowledge on memory proposed by Halbwachs (1990), Bosi (1994) and Catroga (2001); the studies by Pomian (1984) on museum collections; Poulot (2013) on museum and museology; Contreras (2002) on teacher professionalism; Dosse (2009) on biography; Bourdieu (1983; 2003; 2004a; 2004b; 2004c; 2006; 2007) on biography and the categories of field, *habitus* and cultural capital, as well as the studies by Nóvoa (2002) about education and teaching press.

Keywords: Educational practice. Cultural mediator. School culture. School Press. Patrimonial education.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	-População de fato de Picos e dados da instrução (1940)	142
QUADRO 02	-Pessoas presentes, de 05 anos e mais, por instrução – Picos (1950)	142
QUADRO 03	-População presente com indicação da instrução por pessoas de 05 anos e mais em Picos (1950)	143
QUADRO 04	-Pessoas de 05 anos e mais alfabetizadas e que estudam – Picos (1960)	143
QUADRO 05	-População de fato do Estado e instrução (1940)	199
QUADRO 06	-Pessoas de 5 a 39 anos que estavam recebendo instrução (1940)	200
QUADRO 07	-Pessoas de 10 anos e mais que possuíam curso completo ou diploma de estudos	200
QUADRO 08	-Lista de edições do Jornal Flâmula	227
QUADRO 09	-Pessoas presentes de 10 anos e mais que possuíam curso completo e grau de ensino	239

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01	-Fotografia: Ozildo Albano na primeira Eucaristia (1938)	52
Ilustração 02	-Fotografia: Grupo Escolar Coelho Rodrigues (s/d)	65
Ilustração 03	-Fotografia: Ozildo Albano usando batina (s/d)	67
Ilustração 04	-Fotografia: Ozildo Albano no Seminário Sagrado Coração de Jesus em Teresina (s/d)	67
Ilustração 05	-Fotografia: Ozildo Albano com uniforme militar (1949)	70
Ilustração 06	-Fotografia: Ozildo Albano em treinamento no Tiro de Guerra 201 (1949)	71
Ilustração 07	-Imagem: Certificado de Alistamento Militar de Ozildo Albano – capa (1948)	72
Ilustração 08	-Imagem: Certificado de Alistamento Militar – verso (1948)	72
Ilustração 09	-Fotografia: Professor José Vidal de Freitas	76
Ilustração 10	-Imagem: Convite de formatura do Ginásio Picoense (programação)	78
Ilustração 11	-Fotografia: Bênção dos anéis, na Missa de Ação de Graças (1961)	81
Ilustração 12	-Fotografia: Ozildo Albano na Colação de Grau (1961)	82
Ilustração 13	-Fotografia: Turma de formandos em Direito da UFC (1961)	82
Ilustração 14	-Imagem: Ato do Governo do Estado do Piauí que fixou a aposentadoria de Ozildo Albano (1970)	89
Ilustração 15	-Fotografia: Arte em cerâmica sendo vendida na feira livre em Picos (s/d)	92
Ilustração 16	-Fotografia: Praça Félix Pacheco (década de 1960)	106
Ilustração 17	-Fotografia: Vazantes do Rio Guaribas (1970)	109
Ilustração 18	-Fotografia: Enchente do Rio Guaribas (1960)	110
Ilustração 19	-Fotografia: Casa de Ozildo Albano destruída pela enchente do Rio Guaribas (1960)	110
Ilustração 20	-Fotografia: Feira livre de Picos – visão panorâmica (s/d)	111
Ilustração 21	-Imagem: Ofício da Câmara dos Vereadores de Picos com votos de pesar (1989)	113
Ilustração 22	-Imagem: Telegrama do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí (1989)	114
Ilustração 23	-Imagem: Telegrama de Abel de Barros Araújo – Ex-prefeito de Picos (1989)	114
Ilustração 24	-Imagem: Telegrama da família Duarte (1989)	115
Ilustração 25	-Imagem: Recibo de pagamento ao Collegio Felisberto de Carvalho (1928)	127
Ilustração 26	- Imagem: Mapa do Piauí	136
Ilustração 27	-Fotografia: Quadrilha organizada por Ozildo Albano (1964)	145
Ilustração 28	-Fotografia: Quadrilha organizada por Ozildo	145

	Albano (1964)	
Ilustração 29	-Fotografia: Alunos do Instituto Padre José de Anchieta no desfile do Sete de Setembro (1962)	150
Ilustração 30	-Fotografia: Alunos do Instituto Padre José de Anchieta, em celebração pascal (1963)	152
Ilustração 31	-Fotografia: Alunos do Instituto Padre José de Anchieta, em celebração pascal (1963)	153
Ilustração 32	-Fotografia: Ex-aluna Maria Madalena Albano recitando poema, no plantio de árvore (1962)	155
Ilustração 33	-Fotografia: Ozildo Albano na cerimônia de plantio de árvore com os alunos do Instituto Padre José de Anchieta (1962)	156
Ilustração 34	-Fotografia: Alunos do Instituto Padre José de Anchieta plantando árvore (1962)	156
Ilustração 35	-Fotografia: Desfile de 07 de Setembro – Colégio Comercial de Picos (s/d)	165
Ilustração 36	-Fotografia: Desfile de 07 de Setembro – Colégio Comercial de Picos (s/d)	166
Ilustração 37	-Fotografia: Desfile de 07 de Setembro – Colégio Comercial de Picos (s/d)	166
Ilustração 38	-Fotografia: Alunos do Colégio Comercial de Picos com o diretor e professor Ozildo Albano, no coreto da Praça Félix Pacheco - I (s/d)	167
Ilustração 39	-Fotografia: Alunos do Colégio Comercial de Picos com o diretor e professor Ozildo Albano, no coreto da Praça Félix Pacheco - II (s/d)	167
Ilustração 40	-Imagem: Convite dos concludentes do Ginásio do Colégio Comercial de Picos – capa (1965)	169
Ilustração 41	-Imagem: Convite dos concludentes do Ginásio do Colégio Comercial de Picos – Homenageados (1965)	170
Ilustração 42	-Fotografia: Turma do Ginásio do Colégio Francisco Suassuna de Melo com Ozildo Albano (s/d)	172
Ilustração 43	-Fotografia: Alunos no cenário da peça “A bruxinha que era boa”, na cidade de Pio IX-PI - I (1964)	173
Ilustração 44	-Fotografia: Alunos no cenário da peça “A bruxinha que era boa” na cidade de Pio IX-PI - II (1964)	174
Ilustração 45	-Fotografia: Ozildo Albano com os alunos e professores no colégio Francisco Suassuna de Melo	174
Ilustração 46	-Fotografia: Turma do Ginásio Padre Marcos em que Ozildo Albano lecionou (s/d)	181
Ilustração 47	-Imagem: Notícia da inauguração da Gráfica Ginasial	201
Ilustração 48	-Fotografia: Máquina tipográfica (À direita, professor Acelino Leite, superintendente do Jornal Flâmula	202
Ilustração 49	-Imagem: Capa do Jornal Flâmula – Ano III – Nº 47 (1954)	228

Ilustração 50	-Fotografia: Maria Idelzuite Leal (1952)	230
Ilustração 51	-Imagem: Matéria de capa do Jornal Flâmula (21.09.1952)	232
Ilustração 52	-Imagem: Matéria de capa do Jornal Flâmula (19.10.1952)	234
Ilustração 53	-Fotografia: Ofélia Neiva Eulálio (1953)	236
Ilustração 54	-Fotografia: Candeia de Azeite encontrada em Roma, na Itália.	258
Ilustração 55	-Fotografia: Ozildo Albano em frente ao primeiro espaço do Museu (s/d)	261
Ilustração 56	-Fotografia: Baú pertencente ao Capitão-Mor João Gomes Caminha	262
Ilustração 57	-Fotografia: Garrucha de munição de pedra	262
Ilustração 58	-Fotografia: Espada de metal usada na Guerra do Paraguai	263
Ilustração 59	-Fotografia: Fechadura e duas chaves da antiga cadeia de Picos	263
Ilustração 60	-Fotografia: Aparelho de Código Morse (telégrafo)	264
Ilustração 61	-Fotografia: Moedas de épocas diversas (1699/1811/1888)	264
Ilustração 62	-Fotografia: Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha – 2ª espacialidade	265
Ilustração 63	-Fotografia: Museu Ozildo Albano – 3ª espacialidade (fachada da frente)	267
Ilustração 64	-Fotografia: Museu Ozildo Albano – 3ª espacialidade (lateral direita)	267
Ilustração 65	-Fotografia: Museu Ozildo Albano – 3ª espacialidade (lateral esquerda)	268
Ilustração 66	-Fotografia: Sala da Diretoria do Museu Ozildo Albano	277
Ilustração 67	-Fotografia: Hall de entrada do Museu Ozildo Albano	278
Ilustração 68	-Fotografia: Entrada das salas do Memorial a Ozildo Albano e da Arte Sacra	278
Ilustração 69	-Fotografia: Entrada das salas de reserva técnica e de restauração	279
Ilustração 70	-Fotografia: Expositores com obras sacras	279
Ilustração 71	-Fotografia: Expositores com peças sacras cristãs	280
Ilustração 72	-Fotografia: Esculturas sacras cristãs	280
Ilustração 73	-Fotografia: Expositores com objetos e fotografias de Ozildo Albano	281
Ilustração 74	-Fotografia: Biblioteca de Ozildo Albano	281
Ilustração 75	-Fotografia: Entrada da sala de acervo fóssil	282
Ilustração 76	-Fotografia: Expositores com fósseis de peixes	282
Ilustração 77	-Imagem: Planta baixa do Museu Ozildo Albano	284
Ilustração 78	-Fotografia: Inauguração do Museu Ozildo Albano	286
Ilustração 79	-Fotografia: Ex-Governador do Piauí Francisco de Assis Moraes Sousa	286
Ilustração 80	-Fotografia: Maria da Conceição Silva Albano discursando na inauguração do novo prédio do	287

	Museu Ozildo Albano (1999)	
Ilustração 81	-Fotografia: Quadro “Bar do Pipoca”	292
Ilustração 82	-Fotografia: Tela de Tácito Ibiapina retratando a cultura das vazantes no Rio Guaribas	295
Ilustração 83	-Fotografia: Tela do pintor Albano Silva retratando a casa do Jurista Coelho Rodrigues	296
Ilustração 84	-Fotografia: Tela da pintora Mundica Fontes retratando o feminino	297
Ilustração 85	-Fotografia: Discos do acervo musical de Ozildo Albano	305
Ilustração 86	-Fotografia: Inauguração da Casa de Mercado Público (1895)	307
Ilustração 87	-Fotografia: O italiano Francisco Antônio Prota e família (1924)	308
Ilustração 88	-Fotografia: Centenário da Vila de Picos (1955)	310
Ilustração 89	-Fotografia: Escada do Morro da Mariana (s/d)	311
Ilustração 90	-Fotografia: Praça Félix Pacheco (década de 1970)	312
Ilustração 91	-Fotografia: Cine Spark (década de 1960)	312
Ilustração 92	-Fotografia: Biblioteca do Museu Ozildo Albano	316
Ilustração 93	-Imagem: Livros do acervo da biblioteca	319
Ilustração 94	-Fotografia: parte do Altar de São Vicente de Paula (1932)	321
Ilustração 95	-Fotografia: imagem sacra de Santa Ana	322
Ilustração 96	-Fotografia: Imagem sacra de Nossa Senhora da Conceição	323
Ilustração 97	-Fotografia: Imagem sacra de São Gonçalo	326
Ilustração 98	-Fotografia: Imagem sacra de São Francisco das Chagas	328

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
1.1	As motivações do enredo biográfico	24
1.2	A rede de atuação do educador Ozildo Albano	28
1.3	Os tripulantes do enredo e suas memórias	29
1.4	O mediador cultural como objeto de pesquisa	30
1.5	A escolha das fontes	31
1.6	A história oral como método de pesquisa e lugar de memória	34
1.7	A Nova História Cultural e as possibilidades da historiografia	42
1.8	Do capital cultural ao campo de produção simbólica	44
1.9	O percurso metodológico do enredo de uma vida	48
2	OZILDO ALBANO E A TRAJETÓRIA DE UMA VIDA EDUCATIVA	50
2.1	O homem e o nome no contexto cultural	53
2.2	Da memória à construção biográfica	58
2.3	A escolarização primária do educador Ozildo Albano: Da Escola Municipal Landri Sales ao Grupo Escolar Coelho Rodrigues	62
2.4	A formação cristã do seminarista Ozildo Albano: Ampliando o mapa formativo	66
2.5	A formação militar no Tiro de Guerra 201: A escola de civismo e cidadania	69
2.6	A formação do ginasiano Ozildo Albano: A importância do Ginásio Estadual Picoense	73
2.7	A formação escolar no Liceu Cearense e na Universidade Federal do Ceará: A busca por conhecimento fora do Piauí	79
2.8	Percursos jurídicos do educador Ozildo Albano: Entre a advocacia e a magistratura	83
2.9	A educação pela cultura: Ozildo Albano e a mediação de práticas culturais	90
2.10	Atravessando a vida política: Ozildo Albano no contexto do Departamento Municipal de Cultura	93
2.11	O Trio Acadêmico e a prática educativa pela música	98
2.12	Fecham-se os livros, suspende-se a pena: Parte o garimpeiro de memórias	112
3	OZILDO ALBANO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR PIAUIENSE	117
3.1	Um olhar de sobrevôo sobre a educação local	118
3.2	A cultura escolar e os saberes docentes no contexto das escolas	132
3.3	Instituto Padre José de Anchieta: O primeiro espaço de docência de Ozildo Albano	136
3.4	Colégio Comercial de Picos: O segundo espaço de docência de Ozildo Albano	160
3.5	Ginásio Francisco Suassuna de Melo: O terceiro espaço de docência de Ozildo Albano	171
3.6	Ginásio Padre Marcos: O quarto espaço de docência de Ozildo Albano	176
3.7	Complexo Escolar de Picos: O quinto espaço de docência de Ozildo Albano	183
4	PRÁTICAS EDUCATIVAS DE OZILDO ALBANO NO JORNAL	189

	FLÂMULA	
4.1	O jornal como espaço de memória e escrita educativa	190
4.2	A fundação do Jornal Flâmula: Periódico literário e noticioso estudantil	196
4.3	A Gráfica Ginásial como espaço de produção de conhecimentos	203
4.4	A coluna editorial “Grandes Datas”: Escritos educativos ozildianos	211
4.5	O corpo editorial estudantil da Flâmula intelectualizada	223
	Campanhas publicitárias para manutenção de Flâmula: Da escolha das rainhas estudantis à peça O Avarento	229
5	PRÁTICAS EDUCATIVAS DE OZILDO ALBANO NO MUSEU	245
5.1	Do Museu Capitão-Mor João Caminha ao Museu Ozildo Albano: Enredos de formação, no garimpo de memórias	248
5.1.1	A ampliação do acervo museal: Da documentação do <i>Campus</i> Avançado de Picos ao Projeto Petrônio Portella	255
5.1.2	As três espacialidades do Museu Ozildo Albano e o sistema de catalogação das peças	257
5.1.3	Do reconhecimento de utilidade pública ao Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha	270
5.1.4	A atuação do Grupo Mutirão Arte e Cultura	271
5.2	A catalogação do acervo do museu e o papel da Fundação Cultural do Piauí (FUNDEC)	274
5.2.1	O Museu Ozildo Albano e a distribuição temática do acervo por salas	275
5.3	A administração do Museu Ozildo Albano após sua morte	285
5.4	A organização estrutural do Museu Ozildo Albano: Revelando o conteúdo do acervo	290
5.4.1	A pinacoteca como espaço de educação para o belo	291
5.4.2	A educação através do acervo epistolar	298
5.4.3	O Código de Posturas como amplo projeto educativo	302
5.4.4	O museu como espaço de educação musical	304
5.4.5	A fotografia como enredo educativo da vida picoense	305
5.4.6	A biblioteca como espaço de educação literária	313
5.4.7	A arte sacra nas trilhas do projeto educativo ozildiano	320
5.5	O Museu Ozildo Albano como lugar de memória e de aprendizagem	328
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS POSSÍVEIS DESCOBERTAS	331
	REFERÊNCIAS	339
	I Bibliografia consultada	339
	II Fontes orais	346
	III Fontes documentais	347
	IV Fontes audiovisuais	351
	APÊNDICES	352
	Apêndice A Roteiro de entrevistas	353
	Apêndice B Entrevista com Albano Silva	367
	Apêndice C Entrevista com Dimas Leopoldo Lélis	373
	Apêndice D Entrevista com Elízio Serafim de Sousa	377
	Apêndice E Entrevista com Francisco de Assis Macedo Santos	383
	Apêndice F Entrevista com Francisco das Chagas Cruz	390
	Apêndice G Entrevista com Francisco de Moura Fontes	397
	Apêndice H Entrevista com José Rafael Filho	406
	Apêndice I Entrevista (I) com Maria da Conceição Silva Albano	414

Apêndice J Entrevista (II) com Maria da Conceição Silva Albano	417
Apêndice K Entrevista com Maria das Graças Formiga Moura Silval	427
Apêndice L Entrevista com Maria Eunice Soares Teixeira	436
Apêndice M Entrevista com Maria Vanilda de Moura Albano	444
Apêndice N Entrevista com Olívia da Silva Rufino Borges	452
Apêndice O Entrevista com Raimunda Fontes de Moura	466
Apêndice P Termo de autorização de uso de entrevista de Albano Silva	481
Apêndice Q Termo de autorização de uso de entrevista de Dimas Leopoldo Lélis	482
Apêndice R Termo de autorização de uso de entrevista de Francisco de Assis Macedo Santos	483
Apêndice S Termo de autorização de uso de entrevista de Francisco das Chagas Cruz	484
Apêndice T Termo de autorização de uso de entrevista de Francisco de Moura Fontes	485
Apêndice U Termo de autorização de uso de entrevista de José Rafael Filho	486
Apêndice V Termo de autorização de uso de entrevista de Maria da Conceição Silva Albano	487
Apêndice W Termo de autorização de uso de entrevista de Maria das Graças Formiga Moura Silval	488
Apêndice X Termo de autorização de uso de entrevista de Maria Eunice Soares Teixeira	489
Apêndice Y Termo de autorização de uso de entrevista de Maria Vanilda de Moura Albano	490
Apêndice Z Termo de autorização de uso de entrevista de Olívia da Silva Rufino Borges	491
Apêndice Aa Termo de autorização de uso de entrevista de Raimunda Fontes de Moura	492

I INTRODUÇÃO

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.
José Saramago

Escrever a história de vida de alguém, a partir das suas pegadas deixadas no tempo, é viagem marcada por inúmeras descobertas. E, como não se tem mais o mesmo enredo e as mesmas configurações sociais, a escrita se torna desafiadora e envolvente.

Desafiadora, por convidar o historiador a buscar, em documentos variados, vestígios do que foi da vida em escritura; envolvente, por oportunizar contato com o que a cortina do tempo oculta e revela através desses documentos e das pessoas que, como notas musicais em silêncio, são convidadas a entoarem seus enredos e verdades.

O fragmento extraído do livro “**Viagem a Portugal**”, do escritor português José Saramago, pontua um pouco de tudo isso: dos viajantes no tempo, daqueles que deixaram as suas marcas por onde passaram, que prolongaram-se no tempo através das memórias dos que vivenciaram os mesmos acontecimentos e de tudo que um dia foi capaz de ter estabelecido novas redes de sociabilidade.

Não se fará uma “viagem a Portugal”, mas uma viagem a outra paragem, com homens e enredos particulares que contam a vida do educador picoense **José Albano de Macedo**, popularmente conhecido e imortalizado por **Ozildo Albano**.

A partir dos testemunhos daqueles que viveram o passado da história picoense, entre os anos de 1952 a 1989, foi possível conectar-se ao passado e descobrir, em cada um dos antigos enredos narrados, a dimensão da personagem histórica Ozildo Albano, oportunizando o esclarecimento dos fatos até então desconhecidos sobre sua vida educativa, aos olhos do homem do tempo presente.

Como se trata de pesquisa histórica, necessária a explicação da delimitação do tempo de alcance da investigação. Elegeu-se o marco inicial da pesquisa em 1952, por ter sido esse o ano em que o educador Ozildo Albano, ainda estudante, deu início às suas práticas educativas na imprensa estudantil, ao fundar, com outros amigos e professores, o jornal “Flâmula”.

Como marco final, o ano de 1989, por ter sido esse o ano do falecimento do educador e, conseqüentemente, nessa data apenas, as práticas educativas por ele realizadas terem cessado. Embora deva-se informar que houve necessidade de se ampliar o curso temporal das informações, após 1989, para explicar o processo de mudança de endereço do Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha e a mudança do seu nome para Museu Ozildo Albano.

A viagem ao passado de Ozildo Albano não deixou de ser uma aventura narrativa e histórica. Adentrou-se em espaços sociais diversos, na tentativa de retratar uma vida, mas também o que ela foi capaz de fazer no sentido de modificar uma realidade existente em municípios tangidos pelo atraso cultural e educacional.

Mesmo que se saiba que abraçar a totalidade da vida de um homem foge a qualquer um que se proponha a fazê-lo, uma vez que ficará sempre uma curvatura que o pincel não conseguirá contornar - por mais que se tenha obtido número expressivo de fontes documentais, orais e iconográficas - outras histórias surgirão, cada uma a seu jeito, como pistas que vão se abrindo no grande **bosque da vida**. Segundo Dosse (2009, p. 21), “[...] o anseio de totalidade e a vontade de não perder nada ou perder muito pouco”, foi o realizado ao enredar sobre o educador Ozildo Albano. Para tanto, a escritura seguiu em direção aos atores sociais que foram trazendo as primeiras notícias e, assim, recriando os episódios que pontuaram os atravessamentos de sua vida.

A narrativa assumiu forma, juntando os fragmentos históricos concentrados em documentos e depoimentos orais e evitando “[...] os arroubos passionais [...]” e mantendo-se “[...] as tomadas de distância objetivantes [...]”, que, para Dosse (2009, p.15), “[...] são tão necessários à sua pesquisa quanto o cuidado de preservar-se tal qual é”.

Nessa escrita da vida educativa de Ozildo Albano, buscou-se nos arquivos do seu museu particular os registros que se tinha sobre ele. Tudo estava ali, toda a documentação se encontrava intacta, catalogada, seguindo uma ordem estabelecida, à espera do historiador que se debruçasse e puxasse todos os fios

que se encontravam soltos para, em seguida, compreendê-los e cruzá-los com os relatos orais coletados.

1.1 As motivações do enredo biográfico

Mas, por que escrever **a história de vida** de José Albano de Macedo, o Ozildo Albano? Há uma pluralidade de razões para colocá-lo em evidência histórica. **Primeiro**, por ter assumido a missão de protetor da memória, cultura e educação picoenses. **Segundo**, porque em matéria educacional, registrar sua trajetória e, conseqüentemente, as suas práticas educativas é trazer à tona o modelo educacional de Picos dos anos em que ele foi professor e diretor escolar, além de informar o modelo educacional evidenciado nos demais municípios em que lecionou, a saber, Pio IX e Jaicós, no Piauí.

Terceiro, porque ao desenvolver suas mais variadas pesquisas sobre Picos, deixou o marco histórico inicial dos primeiros escritos sobre o município, quando historiou sobre as origens e povoamento, os primeiros desbravadores e povoadores da região, a religiosidade do povo, a chegada da imagem da padroeira Nossa Senhora dos Remédios, a chegada das famílias italianas em 1880, o folclore local, a galeria de administradores e legisladores de Picos, manuscritos e transcrições datilografadas de documentos históricos da Colônia, Império e República, a memória fotográfica de Picos e de localidades próximas, narrativas sobre os fatos pitorescos de locais, além da biografia de diversas personalidades do município, dentre eles, o jurista picoense Antônio Coelho Rodrigues.

Quarto, por ser o responsável por introduzir no município picoense o Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, espaço de concentração de artefatos culturais tanto locais quanto internacional.

As memórias dos que com ele conviveram e aprenderam foram as responsáveis por desenharem a *performance* de **um educador e intelectual multifacetado** que se incursionou por diferentes áreas do conhecimento humano, conferindo a ele um papel de destaque por onde exerceu as suas atribuições profissionais.

Afora isso, devem-se considerar as razões de ordem pessoais que levaram o pesquisador a se debruçar no conhecimento e registro do passado de uma vida educativa. O interesse de pesquisar sobre o professor José Albano de Macedo,

através de suas práticas educativas, não se deu pelo impulso dos enredos que contavam sobre ele, mas, sobretudo, pelo homem de cultura que não passava despercebido em nenhum lugar por onde circulou.

Via-se muitas vezes em rodas de conversa na Praça Felix Pacheco. Naquele espaço, dialogava com pessoas simples, mas que fazia parte do seu convívio social. A polidez no trato com todos conferiam-lhe a ponte de acesso a todos, indistintamente.

O encontro do pesquisador com o educador se deu muito cedo, logo na infância, quando se dirigia à casa de tios que moravam na Rua Coronel Luiz Santos, próximo à antiga Prefeitura Municipal. Da calçada dos tios, avistava-o frequentemente atravessando a rua e seu inevitável contato simpático com transeuntes.

Observar a rotina das idas e vindas do educador era algo natural, pois sua presença se inscrevia nas ruas e espacialidades culturais diversas. Encontrá-lo no antigo *Cine Spark*, em suas sessões matinais, prestigiando os filmes ou conversando com os espectadores e funcionários, era comum.

Quando o pesquisador estudou o curso ginásial, na Unidade Escolar Marcos Parente e na Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas, em Picos, entre os anos de 1980 a 1983, o contato direto com o professor Ozildo Albano aconteceu, uma vez que as professoras das disciplinas de Estudos Sociais e de Comunicação e Expressão costumavam levar os alunos para visitarem o Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha.

Ali, com os colegas de sala de aula e com as professoras, aprendia-se conteúdos fora da grade curricular, saía-se do lugar-comum. Tudo era novidade e ampliava o conhecimento dos aprendizes.

A primeira visita ao museu, guiada pelo mediador cultural Ozildo Albano, provocou um questionamento no adolescente curioso, mas que não chegou a ser feito, naquele dia, ao colecionador picoense e só agora pode-se fazê-la: O que levaria uma pessoa colecionar tantas coisas antigas em um só lugar?

Até aquela ocasião, o pesquisador só tinha contato com museus através de fotografias em livros e revistas. Talvez aquele questionamento não fosse tão estranho assim. O olhar adolescente percorria as estantes, vitrines, oratórios e uma infinidade de coisas espalhadas pelas paredes. Era uma viagem a um mundo que

não pertencia ao cotidiano de vivências contemporâneas ao aprendiz, mas que estavam ali e que fazia parte do passado de tantas pessoas.

Todos os objetos estavam cercados por narrativas distantes dos olhos e da vida dos aprendizes. Não faltavam histórias para tudo que se encontrava no museu. A curiosidade do adolescente-aprendiz era grande e, em alguns momentos, dava vontade de tocar naqueles objetos e fazê-los funcionar, recuperar aqueles vestígios que um dia fizeram parte do cotidiano dos picoenses.

Conter-se diante daquele inventário do passado, disposto nas prateleiras, não foi tarefa fácil, mas era preciso conter a ansiedade. Ao sair daquele espaço que compactava o tempo, levou-se a sensação de se ter estado em um lugar distante, estranho ao convívio.

Chegar em casa e contar o que fora visto e sentido aos pais, era a continuação da aventura da aprendizagem, pois como eles não conheciam o museu do professor Ozildo Albano, tiveram a oportunidade de ouvir, através do adolescente-mediador um pouco da reprodução da narrativa ouvida sobre o acervo, o tempo e o homem que destinava parte de sua vida a colecionar pedaços do tempo.

Aquele primeiro encontro motivou outros tantos. As pesquisas escolares tornavam-se mais atraentes quando o lugar da coleta dos dados era o Museu. Embora a Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas tivesse uma biblioteca com acervo numeroso, a biblioteca do professor Ozildo Albano, por ser particular, causava um impacto maior. Seus livros eram colocados à disposição dos visitantes, ajudava na localização do tema pesquisado, localizava com precisão o tema, nas páginas muita vezes lidas.

O adolescente curioso prosseguiu seus estudos até obter formação no ensino superior, formando-se em Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês, na Faculdade de Formação de Professores de Araripina, no Pernambuco (1990-1997). Posteriormente, cursou a especialização em Literatura Brasileira, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, nos anos de 1997 a 1999 e o Mestrado em Educação, na Universidade Federal do Piauí, na área de História da Educação, nos anos de 2005-2007.

A formação em Letras oportunizou a aprovação, inicialmente, como professor substituto na área de Língua Portuguesa, no ano de 2002, na Universidade Federal do Piauí, no antigo *Campus* de Picos, atualmente *Campus*

Senador Helvídio Nunes de Barros. No ano de 2004, efetivou-se, sendo aprovado no concurso público para o mesmo curso, na área de Literatura Brasileira.

No ano de 2009, empreendeu-se o cadastramento do projeto de pesquisa “Escolas picoenses: rastreando a memória e a cultura escolar (1928-1967)”, desenvolvido entre os anos de 2009 e 2011. Naquela pesquisa, teve-se o encontro com os dados da extinta escola fundada pelo professor Ozildo Albano e sua irmã Maria da Conceição Silva Albano, o Instituto Padre José de Anchieta, que funcionou em Picos, de 1962 a 1974.

Através da entrevista com dona Conceição Albano, a curiosidade pretérita do adolescente veio à tona e o nome de Ozildo Albano tornou-se foco de sua futura busca científica. O contato com as memórias da irmã do professor Ozildo serviram, naquele momento, para desenhar um mapa mental da trajetória daquele que foi o mais importante mediador cultural de Picos.

A busca necessária ao acervo do Museu Ozildo Albano tornou-se imperativa. Isso fez com que o contato com fotografias, discos, objetos pessoais, cadernos de músicas, peças coletadas, recortes de jornais apresentassem o homem que foi Ozildo Albano e sua cultura.

Todas aquelas fotografias informavam algo muito além do seu enredo. Elas representavam um importante “[...] papel na construção cultural da sociedade [...]”, como afirma Burke (2007, p.278). E continua o historiador inglês, “[...] as imagens são testemunhas dos arranjos sociais passados e acima de tudo das maneiras de ver e pensar do passado”.

Em 2011, a família de Ozildo Albano publicou o livro *Picos nas anotações de Ozildo Albano*. Nesse livro, os organizadores disponibilizaram manuscritos deixados por Ozildo, fotografias, documentos, recortes de jornais escritos por ele, dados cronológicos da história do município de Picos, relatos de amigos, enfim, um material que diz muito sobre o trabalho que Ozildo Albano desenvolveu em Picos.

Com o livro, veio o aprofundamento da curiosidade em torno do professor Ozildo Albano, buscou-se, então, saber mais sobre a sua história de vida. Era hora de montar o quebra-cabeça e trazer à academia o nome do professor que foi mediador cultural e intelectual local, sua formação e práticas educativas, no Estado do Piauí.

1.2 A rede de atuação do educador Ozildo Albano

Ozildo Albano foi um **mediador cultural** comprometido com a realidade social nos municípios onde foi professor. Fez parte da **intelligentsia picoense** e tornou-se uma das mais importantes autoridades nos assuntos educacionais e culturais locais.

Como **estudante**, em 15 de março de 1952, fundou com os amigos o **Jornal “Flâmula”**, órgão do Grêmio Literário Da Costa e Silva, do Ginásio Estadual Picoense, onde foi gerente e demonstrou, com isso, seu perfil aguçado para as letras e a crítica. Foi o responsável por comprar uma tipografia no Recife-PE para a publicação desse periódico. Além disso, atuou em todos os setores do jornal, desde a parte editorial à revisão final das matérias a serem publicadas.

Como **educador**, ministrou suas disciplinas de forma crítica e contextualizada, além de transformar a sala de aula em um espaço democrático. Como **Diretor escolar**, contribuiu na consolidação da implantação de uma cultura escolar voltada para práticas educativas culturais, incentivando eventos diversos.

Como **memorialista**, garimpou do povo simples as histórias que se encontravam guardadas na memória daqueles com quem conversava. Como **historiador**, preocupou-se em localizar e preservar os documentos históricos relevantes para a história do homem local. Buscou ainda juntar objetos de valor significativo da história de Picos.

Como **folclorista**, resgatou o reisado, dança de São Gonçalo, cantorias, o bailado, o pastoril, dentre outros. Como **artista musical**, formou um grupo de seresta em Picos, no ano de 1971, com os amigos Elísio Serafim e Olívia Rufino, com o nome Trio Acadêmico. Animaram eventos escolares, aniversários, festas familiares e cantavam no programa “Saudade não tem idade”, na Rádio Difusora de Picos.

Como **Juiz de Direito**, buscou promover a prestação jurisdicional de forma séria e ética.

Fundou uma escola particular, em parceria com sua irmã, professora Maria da Conceição Silva Albano, o **Instituto Padre José de Anchieta**, no ano de 1962. Em 1966, fundou o **Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha**, com acervo que contempla objetos da época do Brasil Colonial, Impérial e Republicano.

1.3 Os tripulantes do enredo e suas memórias

Para a organização do processo historiográfico/biográfico, agiu-se como o narrador saramaguiano em epigrafe. Buscou-se “ver na primavera o que se vira no verão”, uma vez que estar em um tempo diferente daquele onde os fatos aconteceram, requer do historiador postura de leitor crítico e capaz de entender que, mesmo sem ser possível retornar completamente aquele verão buscado, pode-se trazê-lo à tona a partir de artefatos diversos.

Assim, ao se eleger como objeto de pesquisa a trajetória educativa do educador e intelectual Ozildo Albano, entre os anos de 1952 a 1989, soube-se que o registro historiográfico de uma vida seria possível em razão das fontes documentais e orais de que se dispunha.

Nessa incursão, buscou-se “ver de dia o que se viu de noite”, lançou-se luz interpretativa sobre as fontes e deu-lhes a possibilidade de serem analisados sob os aspectos educacional e cultural. Essa escolha de análise abriu a cortina do tempo que ocultava dados importantes sobre a temática específica da vida educativa de Ozildo Albano.

Isso promoveu a necessidade de se “voltar aos passos que foram dados” pelo sujeito pesquisado e seus companheiros de viagem, andanças educativas diversas, repetindo-os através da memória, da leitura de fotografias e do jornal “Flâmula”, das peças do museu que leva o seu nome.

Com os companheiros de viagem, obtiveram-se informações sobre a dinâmica de vida, formação escolar e acadêmica, atividades profissionais em Picos, Jaicós e Pio IX.

Percebeu-se, a cada entrevista, que era “preciso recomeçar a viagem” e isso implicou em centrar a atenção também na sociedade picoense, na realidade da educação escolar do período da pesquisa, nos modos de aquisição das peças que formaram o acervo do museu Ozildo Albano, em como o educador se tornou um mediador cultural.

O recomeçar a viagem oportunizou não apenas “ver outra vez o que se viu já”, mas também dar voz aos viajantes e importância às suas memórias. Através disso, os viajantes do tempo, pelos fios da memória narrativa, desenharam e significaram Ozildo Albano. São testemunhas vivas da história que comungaram com o tripulante principal. Sem esses viajantes, a construção da biografia seria

falha, pois como defende Prost (2012, p.146), “o historiador tem necessidade de guias que o introduzem na compreensão dos universos que ele ignora”.

Trata-se, pois, de um homem de cultura que legou ao município um museu com acervo variado envolvendo um patrimônio material formado por fotografias, cartas, armas, moedas, pinturas, biblioteca, arte sacra, fósseis, discoteca e outros, além de entusiasta do folclore piauiense, da música popular, do resgate da história de homens que impulsionaram a formação cultural e política local.

1.4 O mediador cultural como objeto de pesquisa

Como **homem de cultura** também assumiu o compromisso de transmitir conhecimentos nas redes escolares por onde atuou como docente. Entendendo-se homem de cultura como aquele dotado de criá-la ou de mediá-la, conforme as lições de Sirinelli (1998).

É como **mediador cultural**, porém, que Ozildo Albano melhor se encaixa, por ter sido o divulgador dos muitos saberes ancorados nos diversos atos criadores que socializou com o homem picoense. Segundo Sirinelli (1998, p. 261), “quanto à mediação, ela remete ao problema do poder de influência”, poder capaz de modificar a realidade social em que se encontra o mediador e seus interlocutores.

A sua atuação como mediador cultural fez com que desenvolvesse uma prática educativa própria, mas que serve para definir todo homem de cultura que atua nos muitos lugares do país, sobretudo, em municípios menores, levando a alta cultura e a cultura popular aos seus conterrâneos.

Em virtude disso, entende-se, para efeitos da pesquisa, **prática educativa** como sendo um conjunto de procedimentos que se materializam dentro de um campo de produção simbólica, para formação humana; e efetivados através da ação de um mediador cultural.

Com base nesse escopo, defende-se a **tese** de que a prática educativa do mediador cultural promove o acesso a saberes educativo-culturais aos povos, em contextos sociais diversos.

Para tanto, buscou-se responder à seguinte **questão/problema**: Como Ozildo Albano, na condição de mediador cultural, desenvolveu sua prática educativa no Piauí, na promoção da mudança da realidade cultural?

Dessa forma, elegeu-se como **objetivo geral** da pesquisa investigar as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí, entre os anos de 1952 a 1989. Adotando-se, como **objetivos específicos** os seguintes:

- a) analisar o processo de formação escolar e acadêmica de Ozildo Albano;
- b) mapear e apresentar as práticas educativas de Ozildo Albano nos espaços escolares;
- c) analisar as práticas educativas de Ozildo Albano na imprensa escrita;
- d) analisar as práticas educativas de Ozildo Albano no campo museal.

Atender aos objetivos propostos e, assim, poder responder à questão/problema de pesquisa, optou-se por perseguir também respostas às **questões norteadoras** abaixo:

- a) como se estabeleceu o processo de formação escolar e acadêmico de Ozildo Albano, durante sua trajetória de vida?
- b) na condição de professor, quais as práticas educativas desempenhadas por Ozildo Albano que promoveram a implantação de um modelo de cultura escolar, nas escolas em que atuou?
- c) enquanto estudante, quais práticas educativas Ozildo Albano desempenhou no jornal “Flâmula”?
- c) como curador de museu, quais as práticas educativas desempenhadas por Ozildo Albano que o constituíram como mediador cultural?

1.5 A escolha das fontes

Para a escrita da história de vida de Ozildo Albano, necessário foi recorrer à documentação que contivesse dados de sua vida e, assim, o traço biográfico pudesse se estabelecer.

Analisou-se cada documento como vestígio de um tempo, como pequenos pedaços de uma vida que se queria ser escrita. Para Prost (2012, p. 66), “enquanto modo de conhecer, a história é um conhecimento por vestígios [...]”. Em virtude disso, cada documento, ao ser analisado, foi olhado como uma marca de um tempo dotada de digital e interpretada através da leitura cruzada com outros documentos.

Como suporte documental, usou-se um rol de fontes capazes de lançarem luz sobre o objeto pesquisado. Buscou-se no museu Ozildo Albano documentos diversos, a saber, fotografias, Código de Posturas do município de Picos de 1901,

livro de termo de compromisso da Prefeitura Municipal de Picos de 1936, cartas e telegramas, projetos de lei municipal, jornal “Flâmula”, jornal Macambira, caderno de músicas, manuscritos e registros datilografados do educador Ozildo Albano.

Além dessas fontes, foram usados os Recenseamentos de 1940 a 1960, para buscar nesses documentos dados oficiais da realidade escolar no Piauí e em Picos, especificamente.

Outro grupo de fontes usado foram os documentos orais, obtidos através da memória dos parentes, amigos e ex-alunos de Ozildo Albano que sobre ele relembrou e, assim, foi possível construir o enredo em torno de sua trajetória educativa.

Foram selecionadas treze pessoas que, de forma volitiva, concederam entrevista sobre Ozildo Albano, a saber:

1) Familiares:

a) Maria da Conceição Silva Albano

Nasceu em Picos, em 08 de dezembro de 1937, sendo uma dentre os irmãos de Ozildo Albano. Formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará, atualmente é professora aposentada da Universidade Federal do Piauí. Com Ozildo, fundou o Instituto Padre José de Anchieta.

b) Albano Silva

Natural de Picos e nascido a 27 de fevereiro de 1944. Também irmão de Ozildo Albano. cursou o antigo 2º grau. Atualmente é diretor do museu Ozildo Albano.

2) Amigos

a) Dimas Leopoldo Lélis

Natural de Picos. Nasceu em 30 de setembro de 1929. cursou o curso primário com Ozildo Albano, na Escola Municipal Landri Sales e serviu no Tiro de Guerra com o educador, em 1949.

b) Elízio Serafim de Souza

Natural do antigo povoado Rodeador, pertencente a Picos, hoje município de Santo Antônio de Lisboa/PI. Nasceu em 27 de março de 1930. Formado em Letras, atualmente é professor aposentado da rede estadual de ensino. Estudou com Ozildo Albano no primário e com ele organizou o Trio Acadêmico, grupo musical, em 1971.

c) Olívia da Silva Rufino Borges

Natural de Picos. Nasceu em 19 de abril de 1934. Formada pela Escola Normal Oficial de Picos. Estudou com Ozildo Albano no curso ginasial, em turmas diferentes, no Ginásio Estadual Picoense e, com ele, fundou o Trio Acadêmico.

d) Raimunda Fontes de Moura

Nascida em Picos, em 25 de novembro de 1947. Fez o curso normal, na Escola Normal Oficial de Picos, em 1969. Foi amiga de Ozildo Albano e, juntamente com ele, participou do Grupo Mutirão Arte e Cultura.

e) José Rafael Filho

Natural de Itainópolis. Nasceu em 28 de março de 1935. Formado em Teologia; antes, realizou o curso ginasial no Ginásio Estadual Picoense. Foi redator do jornal “Flâmula”, mesmo periódico estudantil em que Ozildo Albano foi gerente e redator.

f) Francisco de Assis Macedo Santos

Natural de Picos. Nasceu em 15 de novembro de 1957. Formado em Direito, atualmente é advogado em Picos. Foi amigo de Ozildo Albano.

3) Ex-alunos

a) Francisco das Chagas Cruz

Natural de Jaicós/PI. Nasceu em 04 de julho de 1953. Biólogo, formado pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente é professor aposentado. Foi aluno de Ozildo Albano, no Ginásio Padre Marcos, em Jaicós/PI.

b) Maria Eunice Soares Teixeira

Natural de Picos. Nasceu em 1948. Graduada em História e Especialista em Ensino. Atualmente é professora aposentada da Universidade Federal do Piauí. Foi aluna de Ozildo Albano, na Unidade Escolar Marcos Parente.

c) Francisco de Moura Fontes

Natural de Picos. Nasceu em 20 de dezembro de 1947. Formou-se em Direito, em 1979 e em Filosofia, em 1983. Foi aluno de Ozildo Albano, na Unidade Escolar Marcos Parente.

d) Maria das Graças Moura Formiga Sinval

Natural de Salvador/BA. Nasceu em 16 de agosto de 1949. Graduou-se em Biologia, Pedagogia e Administração de Empresas, especialista em Biologia. Atualmente é professora aposentada. Foi aluna de Ozildo Albano, no Colégio Comercial de Picos.

e) Maria Vanilda de Moura Albano

Natural de Picos. Nasceu em 19 de dezembro de 1944. Graduou-se em Ciências Físicas e Biológicas. Atualmente é professora aposentada da rede estadual de educação. Foi aluna de Ozildo Albano, no Colégio Comercial de Picos em 1965.

1.6 A história oral como método de pesquisa e lugar de memória

Para atingir os objetivos aqui propostos, optou-se pelo **método da história oral** e, assim, foi possível estabelecer maior flexibilidade na organização das entrevistas, escolha dos entrevistados e abordagem do tema. Conforme Thompson (1992, p.25),

[...], os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito de que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados. [...].

A possibilidade de livre escolha dos entrevistados oportunizou o contato com pessoas que ocuparam posição diferente na vida de Ozildo Albano. Disso veio a necessidade de organizar os entrevistados em três categorias, conforme anteriormente elencados: familiares, amigos e ex-alunos.

Essa escolha de perfis não foi aleatória, mas objetivamente pensada para dar cientificidade aos dados, uma vez que partindo de olhares diferentes, as informações ganhariam mais força. Conforme Thompson (1992, p.25-26), “[...] a realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista. [...]”.

Os vários pontos de vista favoreceram a apresentação de enredos múltiplos sobre Ozildo Albano, facilitando, assim, a montagem de sua biografia. Além disso, através da história oral, tornou-se possível fazer a escolha do que perguntar aos entrevistados. Usou-se a **entrevista semiestruturada**, levando à coleta dos dados um roteiro prévio com questões sobre o objeto de pesquisa, mas permitiu-se, durante as entrevistas, que várias perguntas fossem feitas, em decorrência do fluxo natural da memória dos entrevistados. Conforme Bloch (2001, p.79),

Naturalmente, é necessário que essa escolha ponderada de perguntas seja extremamente flexível, suscetível de agregar, no caminho, uma multiplicidade de novos tópicos, e aberta a todas as

surpresas. De tal modo, no entanto, que possa desde o início servir de ímã às limalhas do documento. O explorador sabe muito bem, previamente, que o itinerário que ele estabelece, no começo, não será seguido ponto a ponto. Não ter um, no entanto, implicaria o risco de errar eternamente ao acaso.

Essa dinâmica agregou às entrevistas suavidade nos relatos orais, causada pelo à vontade com que a conversa se estabeleceu. Dessa forma, os entrevistados puderam voltar-se ao passado e, como guias do tempo, abriram portas variadas das experiências vividas com Ozildo Albano.

A História trata de objetos singulares, de fatos que aconteceram uma vez e que nunca se repetirão. Em virtude disso, tais fatos precisam ser registrados, para que seus agentes não caiam no esquecimento do grupo do qual um dia fizeram parte. Segundo Le Goff (2003, p. 26):

A contradição mais flagrante da história é sem dúvida o fato do seu objeto ser singular, um acontecimento, uma série de acontecimentos, de personagens que só existem uma vez, enquanto que o seu objetivo, como o de todas as ciências, é atingir o universal, o geral, o regular.

Entre a contradição e o objetivo da História encontra-se o acontecimento, evidenciado e vivido por um dado grupo. Tal acontecimento marca a vida daqueles que lhe foram testemunhas. A trajetória educativa do intelectual Ozildo Albano marcou a vida de todos aqueles que com ele conviveram.

Assim, tais pessoas foram tomadas como testemunhas da história de vida desse educador. Através do método da **história oral**, foram ouvidas as memórias daqueles que trouxeram à tona os relatos necessários para a reconstrução dessa trajetória.

A história oral possibilitou recuperar as reminiscências guardadas na memória individual, além de ter dado voz àqueles que silenciosamente ficaram esquecidos e que, agora, entraram para a história através de relatos triviais do cotidiano e de imagens sociais que impregnaram a memória daqueles que viveram com o professor Ozildo Albano. Para Alberti (2005, p.155),

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

A definição de história oral proposta por Alberti (2005) remonta ao século XX, quando se abriu o novo leque de opção do fazer histórico. A partir daí, a história passou por um amplo processo de renovação com a quebra dos paradigmas tradicionais.

Com o olhar voltado para a ampliação do campo documental, os historiadores passaram a aderir a diferentes maneiras de se escrever a história. Vê-se, pois, que o método da história oral se vincula aos procedimentos de entrevistas com indivíduos que viveram os acontecimentos.

Para se obter informações sobre o educador Ozildo Albano, foram realizadas entrevistas que deram voz àqueles que com ele conviveram, são vozes do passado que se encontravam no anonimato, puderam ser transformadas em documentos escritos e deram visibilidade a uma parte da história de vida do educador.

Ao terem sido ouvidos, os entrevistados reconheceram também o seu lugar na história e seu pertencimento ao grupo. Para Thompson (1992, p.44):

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos.

A importância da história oral reside na possibilidade do alargamento das informações a serem levadas para dentro da própria história, uma vez que as pessoas que viveram os fatos terão voz para narrarem a partir de seu ponto de vista.

Pessoas simples do povo são ouvidas e toma-se seu discurso como espaço de informações sobre o objeto pesquisado. Isso possibilita que diferentes agentes históricos possam falar e serem ouvidos.

Através da memória, o passado pode ser recriado. À luz disso, Bosi (1994, p.90) assim se posiciona:

A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra. A história deve

reproduzir-se de geração para geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzam, prolongando o original, puxados por outros dedos.

E foram os entrevistados, pessoas que viveram com o educador Ozildo Albano, os responsáveis por terem puxado os fios da memória coletiva e que possibilitou o registro histórico da sua trajetória de vida.

Reconstituiu-se o que os enredos da memória coletiva permitiram fazer. A par deles, foram retomadas as passagens vivenciadas por Ozildo Albano em diferentes sociedades por onde exerceu o magistério. Nas precisas lições de Le Goff (1984, p.44),

A história dita 'nova', que se esforça por criar uma história científica a partir da memória colectiva, pode ser interpretada como 'uma revolução da memória' fazendo-a cumprir uma 'rotação' em torno de alguns eixos fundamentais: 'Uma problemática abertamente contemporânea... e uma iniciativa decididamente retrospectiva', 'a renúncia a uma temporalidade linear' em proveito dos tempos vividos múltiplos 'nos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo' [...]"

Por fazer parte do campo da **História Nova** e receber o *status* de documento de primeira ordem, no fazer histórico, a memória coletiva foi utilizada, dentre outros, para retomar o cotidiano da prática docente, das relações entre o professor Ozildo Albano e seus alunos, os métodos de ensino por ele usados, o sistema de avaliação, a cultura escolar estabelecida nos seu tempo de docente, o dia-a-dia do homem que abraçou duas profissões e com elas se identificava. Pois, tudo nele era história, tudo nele era acontecimento. Conforme Heller (1984, p.20), “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência da substância social’”.

A memória coletiva cumpre um movimento rotatório em torno de ‘algum eixo fundamental’, cabe aqui, incluir o sujeito histórico Ozildo Albano, uma vez que a memória dos entrevistados trouxe não só relatos biográficos dele, nos diferentes tempos vividos pelo intelectual picoense, mas também, outras informações das sociedades por onde ele exerceu as suas práticas sociais. Consoante às lições de Alberti (2004, p.23),

[...] as biografias de indivíduos comuns concentram todas as características do grupo. Elas mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo e ilustram formas típicas de

comportamento. Mesmo uma biografia excepcional é capaz de lançar luz sobre contextos e possibilidades latentes da cultura [...].

Tanto as biografias comuns como biografias excepcionais trazem as características do grupo ao qual o sujeito biografado se encontrou vinculado. Elas mostram muito mais do que o conjunto de atributos particulares que cercam o nome próprio e vai além da sua individualidade. Penetra no mosaico social e mostra a multiplicidade de enredos culturalmente herdados das gerações passadas.

Para ter obtido uma escrita mais precisa da biografia de Ozildo Albano recorreu-se ao método da história oral. Para tanto, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas, com o propósito de se ter um norte das questões principais que foram sendo levantadas, mas também, por não terem sido rígidas, possibilitou aos entrevistados a apresentação de informações que se acharam necessárias.

Foram realizadas entrevistas com familiares, amigos, colegas de trabalho, ex-alunos, ex-integrantes do Trio Acadêmico, redator do Jornal **Flâmula**, periódico em que era gerente e assinava uma coluna e outras pessoas que conviveram com ele.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Após isso, foram cruzadas as informações com os documentos escritos sobre a vida e obra de Ozildo Albano, encontradas nos arquivos particulares do seu museu, na cidade de Picos.

A opção pelo método da história oral nasceu da necessidade de se suprir as lacunas presentes em documentos oficiais, uma vez que a natureza de tais fontes, por si só, não seriam capazes de abraçarem a biografia de Ozildo Albano, levando-se em conta a dimensão multifacetada da sua escrita histórica. Conforme esclarece Alberti (2005, p.22), “a entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares etc”.

Através das entrevistas feitas com os sujeitos históricos, foi possível recuperar fragmentos sociais vivenciados por Ozildo Albano em diferentes situações como nas suas atuações no Jornal **Flâmula**, nas escolas em que lecionou (Instituto Padre Anchieta, Colégio Comercial de Picos, Ginásio Francisco Suassuna de Melo, Ginásio Padre Marcos, Complexo Escolar de Picos), enfim, nas inúmeras espacialidades dos municípios em que exerceu as suas práticas educativas.

As narrativas dos sujeitos históricos esclareceram o que não pôde ser lido nos documentos escritos encontrados sobre Ozildo Albano. Isso prova que o método da história oral foi eficaz nessa construção histórica e, mais ainda, favoreceu o ingresso no texto das vozes sociais que viram o intelectual picoense em ação. Segundo pontua Alberti (2005, p.184),

[...] podemos dizer que a entrevista é produzida para ser monumento. Seu caráter intencional de perpetuação de uma memória sobre o passado fica patente já na escolha do entrevistado como testemunha importante a ser ouvida. Esse caráter 'monumental' é dado pelo próprio pesquisador e em geral recebe a aprovação do entrevistado, que se sente honrado e satisfeito por estar sendo chamado a dar seu depoimento.

Um “documento-monumento”, conforme Le Goff (2003, p.526), a entrevista em história oral devolve para a comunidade o direito de escrever a sua própria história e nela, incluem-se os atravessamentos biográficos de Ozildo Albano.

A escolha dos sujeitos históricos que enredaram sobre as práticas educativas e outras ações sociais desenvolvidas por Ozildo Albano foi feita em conformidade com o contato que tinham com ele, em diferentes espacialidades em que atuava. Assim, em conformidade com a literatura de Alberti (2005, p.31),

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos.

Lê-se, no entanto, que a escolha dos entrevistados segue um critério qualitativo. Isso significa dizer que se deve considerar a posição do entrevistado em relação ao sujeito histórico que está sendo pesquisado.

Utilizou-se na entrevista de história oral sobre Ozildo Albano, narradores que mantinham vínculo de proximidade e intimidade com ele. Todos forneceram informações necessárias para a construção da escrita da sua história de vida.

Com auxílio da história oral, tornou-se possível trazer para a escrita biográfica de Ozildo Albano vozes sociais que cotidianamente presenciaram o intelectual picoense na sua labuta diária, nas cidades por onde assumiu tanto as suas atribuições judicantes quanto as práticas educativas evidenciadas nas escolas,

na imprensa e no museu Capitão-Mor João Gomes Caminha. Como assinala Thompson (1992, p.22),

[...] a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

De cunho fortemente democrático, a história oral viabiliza o acesso de pessoas ditas comuns no fazer histórico. Proporciona novas versões para os documentos canonicamente respaldados pelos discursos oficiais. Além disso, o contato direto com os entrevistados pode romper as barreiras entre os diferentes estratos sociais, uma vez que se passa a produzir uma história coletiva.

A escrita biográfica de Ozildo Albano foi pontuada através de uma narrativa coletiva. Todos os entrevistados contemplados foram responsáveis em enredar uma parte da sua história de vida que cruzou com os caminhos do intelectual picoense. Assim, acolhendo as lições de Alberti (2004, p.46),

Não há dúvida de que a história oral permite o registro de uma quantidade diversificada de narrativas de experiências de vida, viabilizando o acesso a visões de mundo e a histórias de vida provenientes de diferentes grupos sociais. Na medida em que se entende esse pluralismo como democracia, pode-se seguramente afirmar que a instituição do campo da história oral foi um passo importante no sentido da democratização do registro e do acesso a narrativa de experiência pessoal.

Eis a importância da história oral, a possibilidade de entrar em cena vários sujeitos históricos na feitura do documento, produto das entrevistas realizadas e que assumem o status de documento-monumento de uma época passada.

Para Alberti (2004, p.25), “a história oral pode auxiliar na reconstituição de trajetórias de vida de pessoas cuja biografia se deseja estudar”. Mas, não restam dúvidas de que abraçar a vida humana na sua totalidade torna-se algo dificultoso, devido ao fato da multiplicidade das ações desenvolvidas cotidianamente por sujeitos históricos.

Reconstroem-se trajetórias humanas na margem do possível, tirando o melhor que se pode de todos os tipos de documentos, orais e escritos, que cercam o sujeito biografado. E, nesse processo, o método da história oral ajuda,

sobremaneira. Permite o restabelecimento do descontínuo, daquilo que ficou no mais longínquo passado das comunidades. Como assinala Alberti (2004, p.13-14),

[...] se quiséssemos fazer um filme reproduzindo passo a passo nossa vida, tal qual ela foi, sem deixar de lado os detalhes, gastaríamos ainda uma vida inteira para assisti-lo: repetir-se-iam, na tela, os anos, os dias, as horas de nossa vida. Ou seja, é impossível assistir ao que se passou, seguindo a continuidade do vivido, dos eventos e das emoções. E o que vale para nossas vidas vale evidentemente para o passado de uma forma geral: é impossível reproduzi-lo em todos os seus meandros e acontecimentos os mais banais, tal qual realmente aconteceu. A história, como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidade: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou.

Reconstituir uma vida em completo é impossível, por isso se optou em olhar para a trajetória de vida de Ozildo Albano pelo viés educativo e, assim lançar os holofotes narrativos sobre um tema específico do seu labor diário. Com isso foi possível abrir um pouco as cortinas de uma parte importante de sua vida e considerada aquela que o definiu e o informou, a educação.

Com a ilustração proposta por Alberti (2004), de se fazer um filme contando a vida de cada um, seguindo passo a passo uma ordem cronológica dos acontecimentos vividos, nada mais é do que “[...] alimentar uma ilusão de unidade” em torno do sujeito biografado, “[...] quando, na verdade, o eu é fracionado e múltiplo”, como assinala Alberti (2004, p.165).

Na mesma direção, Bourdieu (2006, p.185) chama de **ilusão biográfica**, quando se tenta:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixou de reforçar. Eis por que é lógico pedir auxílio àqueles que tiveram que romper com essa tradição no próprio terreno de sua realização exemplar.

Desse modo, percebe-se que a ilusão biográfica impede a reconstrução da trajetória de uma vida em conformidade com “[...] o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira [...]”, conforme assinala Bourdieu (2006, p.183), mas a partir de um dado pode-se tratar parte de um enredo significativo. Ao contrário, deve-se adotar a

mesma fragmentação do “eu” ratificada pelo surgimento do romance moderno, rompendo, assim, com a tradição literária. E, ao ter feito isso, desprezou-se a narrativa linear e se apegou aos parâmetros de uma narrativa descontínua. E mais, continua Bourdieu (2006, p.185), “A invenção de um novo modo de expressão literária faz surgir a contrário o arbitrário da representação tradicional do discurso romanesco como história coerente e totalizante [...]”.

Ao se tomar a construção biográfica como uma narrativa fragmentada, tem-se a certeza de que é impossível ao biógrafo abraçar a totalidade de uma vida. Tudo isso vale para todo e qualquer tipo de empreendimento biográfico. Não se tem a chave do tempo e, em vista disso, é impossível reproduzir o movimento de uma vida em sua inteireza, com todos os traços e detalhes tal qual transcorreu no passado.

1.7 A Nova História Cultural e as possibilidades da historiografia

A lente teórica utilizada ao longo da tese se filiou aos postulados da **Nova História Cultural** que, para Burke (1992, p.11), “[...] começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana” e isso inclui a vida cotidiana, o labor docente, o pitoresco, enfim, o cultural em todas as suas especificidades.

Pelo ângulo da Nova História Cultural, tornou-se possível fazer uma abordagem **micro-histórica** do objeto de pesquisa investigado que, para Ginzburg (1989, p.177-178),

A análise micro-histórica é, portanto, bifronte. Por um lado, movendo-se numa escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável em outros tipos de historiografia. Por outro lado, propõe-se indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula.

A biografia realizada pela abordagem micro-histórica moveu-se em direção ao educador picoense Ozildo Albano. Através desta escala reduzida de observação, reconstituíram-se os trajetos significativos de sua vida e as suas práticas educativas, lançando luz sobre a cultura e a educação locais, além de ter sido possível trazer à tona aspectos relevantes das estruturas sociais que se incorporaram aos sujeitos em diferentes etapas da história de Picos.

A partir da abordagem da micro-história, delimitou-se o campo de atuação do educador Ozildo Albano, uma vez que exerceu o magistério em três municípios

piauienses. Em diálogo com a proposta de Ginzburg (1989), o historiador Revel (1998, p.21) assim discorreu:

[...] num texto um tanto provocador de C. Ginzburg e C.Poni que propõe fazer do ‘nome’ – do nome próprio, ou seja, da marca mais individual, menos sujeita à repetição que existe – a baliza que permitiria construir uma modalidade nova de uma história social atenta aos indivíduos percebidos em suas relações com outros indivíduos. Pois a escolha do indivíduo não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve.

A opção pela escala historiográfica “micro” não representou um distanciamento do sujeito histórico Ozildo Albano do seu contexto social. Ao contrário, possibilitou, através dele, trazer a sociedade, a educação e cultura picoenses para o centro do debate.

Por ocupar uma posição de destaque na chamada Nova História Cultural, a micro-história abriu caminhos para um novo fazer historiográfico. Nesse sentido, Levi (1992, p.154) destacou que:

A abordagem micro-histórica dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado, através de vários indícios, sinais e sintomas. Esse é um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida (um particular que com frequência é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como um caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico.

Tomou-se aqui a escrita da vida de Ozildo Albano, com todas as suas particularidades. Com essa escala de observação, os inúmeros enredos do passado vivenciados por ele e por outros sujeitos foram rememorados, contados, analisados e colocados novamente em evidência histórica.

Também foi possível colocar em evidência a **história da vida cotidiana**. A história da vida do educador Ozildo Albano, contada por seus ex-alunos, ex-colegas professores, familiares, amigos, enfim, por aqueles que, com ele, participaram ativamente da história da educação piauiense. Segundo Vainfas (1993, p.274):

A história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas ‘de lado’.

Mas nesse inventário de aparentes miudezas, reside a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma.

Vê-se que é muito difícil escapar à cotidianidade. É nela onde o homem participa dos inúmeros fatos sociais, mas é nela também onde o homem assimila as primeiras lições da vida.

Assim fez Ozildo Albano, assimilou as mais simples expressões culturais ao ter se lançado na cotidianidade de seu tempo. Adquiriu conhecimentos dos seus antepassados e desenvolveu suas mais variadas pesquisas sobre Picos, deixando, assim, o marco histórico inicial dos primeiros escritos sobre o município.

Historiou sobre as origens e povoamento de Picos, os primeiros desbravadores, a religiosidade do povo, a chegada da padroeira, a vinda das famílias italianas em 1880, o folclore local, os principais dados cronológicos do município de 1700 a 1975, a galeria de administradores e legisladores de Picos, além da biografia de diversas personalidades locais, dentre eles, o jurista picoense Antônio Coelho Rodrigues, transcreveu e datilografou diversos documentos históricos do século XIX.

Em vida, Ozildo Albano conseguiu resgatar inúmeros **causos pitorescos** da sua cidade, provando, assim, que era um homem preocupado com a preservação da memória e da cultura locais. Nas lições de Heller (1989, p.17),

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Voltado para as coisas mais simples de sua terra, manteve-se apegado ao ritmo da vida interiorana e isso fez com que adquirisse informações, em conversas informais com os mais idosos, sobre a geografia e a história de Picos.

1.8 Do capital cultural ao campo de produção simbólica

Recorreu-se como matrizes conceituais aos estudos de Bourdieu (1983, 1996, 2003, 2004a, 2004b, 2004c, 2006, 2007) em torno do campo de produção simbólica, do *habitus* e do capital cultural para se entender o conceito de mediador cultural debatido por Sirinelli (1998, 2003) e sua aplicação na construção biográfica

de Ozildo Albano e como esse, na condição de educador, conseguiu desempenhar sua prática educativa.

Com Ozildo Albano, o que se pode anotar é que o seu conhecimento adveio não só do **capital cultural institucionalizado**, mas também de **auto-constituição** em uma escala cultural crescente, oriunda do consumo de bens culturais enciclopedicamente diversificados que propiciou a ele a entrada no grupo seletivo da intelligentsia piauiense.

Ao ter construído um capital cultural, passou a ser uma referência no campo da intelectualidade picoense e foi desse campo que ele fez a mediação cultural e, conseqüentemente, realizou as suas práticas educativas intervindo na vida de diversas pessoas que conviveram com ele e que foram por ele impactados. É oportuno destacar a noção de **campo** proposto por Bourdieu (2004b, p.20-21) como sendo:

[...] espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada.

Ter adentrado o campo da intelectualidade só foi possível por que Ozildo Albano detinha um volume acentuado de capital cultural e gozava de notoriedade na sociedade. Esse microcosmo social, que produz regramentos próprios, sofre influências e se apoia irremediavelmente ao macrocosmo social.

Mesmo com autonomia parcial, cada campo específico de produção simbólica propicia, a quem o detém, prestígio e poder. Conforme Nogueira (2004, p.40), “os indivíduos que, de alguma forma, se envolvem com bens culturais considerados superiores, ganham prestígio e poder, seja no interior de um campo específico, seja na escala da sociedade como um todo”.

A reconhecida bagagem intelectual de Ozildo Albano, por parte das sociedades por onde exerceu o magistério, deu a ele o capital simbólico indispensável para levar à frente o seu projeto de mediação cultural. Segundo Nogueira (2004, p.51),

O capital simbólico diz respeito ao prestígio ou à boa reputação que um indivíduo possui num campo específico ou na sociedade em geral. Esse conceito se refere, em outras palavras, ao modo como um indivíduo é percebido pelos outros.

De posse desse **capital simbólico**, Ozildo Albano tornou-se o porta-voz do homem picoense e da sua cultura e passou a ser reconhecido como o guardião da memória para agir em nome do grupo social a que pertencia.

Ozildo Albano detinha um **poder simbólico** que propiciou a ele intervir na sociedade através do incremento de práticas educativas e culturais. Nas lições de Bourdieu (2004c, p.188),

O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. *Credere*, diz Benveniste, 'é literalmente colocar o *kred*, quer dizer, a potência mágica, num ser de que se espera protecção, por conseguinte, crer nele'. O *kred*, o crédito, o carisma, esse não-sei-quê pelo qual se tem aqueles de quem isso se tem, é o produto do *credo*, da crença da obediência, que parece produzir o *credo*, a crença, a obediência.

O poder simbólico se materializa pela cumplicidade daqueles que depositam uma confiança ou, mais precisamente uma fé, em alguém que ostenta uma autoridade no interior de um determinado campo de produção simbólico específico.

Um poder literalmente mágico que faz com que aquele que o detém passe a ter o equivalente ao que se “[...] obtém através da força física ou econômica”, conforme Bourdieu (2004c, p.14). É com esse poder que o produtor de bens culturais adquire o capital de autoridade no campo e que passa a ter o crédito, o devido carisma.

Ozildo Albano obteve a legitimação social para atuar no seu **campo de produção simbólica** e assim o fez. Produziu bens culturais e fez chegar aos inúmeros sujeitos históricos, que com ele mantinham contato, ou que o presenciaram no exercício de suas atividades.

Efetivamente, as práticas sociais realizadas por Ozildo Albano foram resultado do conjunto de vivências e de conhecimentos incorporados das estruturas do mundo social, ao longo do tempo. Desse processo, entre as estruturas sociais e as suas práticas individuais, foram mediadas pelo que Bourdieu (1983, p.65) chama de *habitus* – entendido como um:

[...] sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...].

Como se vê, o *habitus* é a matriz das estruturas sociais que se prolongam no tempo e que, em cada nova experiência vivenciada pelo sujeito histórico, soma-se a ele novas estruturas objetivas que tendem a ser reproduzidas.

E quando reproduzidas, trazem consigo as marcas da posição social de quem a produziu, uma vez que “[...] essas marcas tornaram-se parte constitutiva de sua subjetividade”, segundo Nogueira (2004, p.30).

Para Bourdieu (2003, p.79), “[...] o *habitus* [...] é o produto de toda a experiência biográfica (o que faz que, como não há duas histórias individuais idênticas, não haja dois *habitus* idênticos [...]”. Respalado nisto, intui-se que todo o conjunto da escrita de vida de Ozildo Albano trouxe consigo o *habitus* que o tornou único.

Sua trajetória biográfica foi construída seguindo uma rede de relações sociais em que estava inserido. Somente com essa compreensão, tornou-se possível juntar os fragmentos do tempo em diferentes matrizes sociais em que ocupou um capital específico de consagração. Isso reforça a tese de Bourdieu (1996, p.292), para quem:

Tentar compreender uma carreira ou uma vida como uma série única e em si suficiente de acontecimentos sucessivos sem outro elo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância não pode ser mais que a de um nome próprio socialmente reconhecido é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.
Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus* [...].

A **metáfora do metrô** empreendida por Bourdieu (1996) leva a uma reflexão sobre a escrita de uma vida, uma vez que não se pode compreender o trajeto social de um sujeito histórico vista apenas por uma unidade particular. Ao contrário, deve-se abrir um leque de acontecimentos e de escritas sociais por onde se moveu o biografado.

Buscou-se isso fazer quando se colocou o sujeito biografado Ozildo Albano em movimento, em diferentes passagens das estruturas objetivas da sociedade por onde ocupou uma posição de destaque, no campo educacional.

A incorporação das estruturas sociais objetivas propiciou a Ozildo Albano “[...] um conjunto de vivências típicas que tenderiam a se consolidar na forma de um *habitus* adequado à sua posição social”, conforme pontua Nascimento (2004, p.29).

Assim, essa matriz ou *habitus* passou a estruturar as ações e representações sociais em torno de Ozildo Albano. Posteriormente, através de suas práticas sociais, passou a “[...] reproduzir as propriedades do seu grupo social de origem e a própria estrutura das posições na qual ele foi formado”, como assinala Nascimento (2004, p.29).

1.9 O percurso metodológico do enredo de uma vida

A escrita da tese seguiu um **percurso metodológico** específico que contribuiu com o resultado final. Assim, em primeiro momento, fez-se a revisão bibliográfica do arcabouço teórico eleito. Em seguida, buscou-se conhecer o museu Ozildo Albano, seu espaço, seu acervo, sua estrutura lógica, seu funcionamento e, após isso, deu-se início à abertura do acervo para se identificar os documentos capazes de informar sobre Ozildo Albano e suas práticas educativas.

Após a seleção e categorização dos documentos museais, partiu-se para a coleta dos dados orais, através da realização de entrevistas com familiares, amigos e ex-alunos do educador.

Inicialmente, escolheu-se os familiares que seriam entrevistados. Através deles, obteve-se informações de nomes de ex-alunos e amigos de Ozildo Albano. As entrevistas foram previamente agendadas, em data combinada com os entrevistados e ocorreram na residência deles.

De posse dos arquivos sonoros coletados, procedeu-se à transcrição e, posteriormente, à análise das entrevistas. Após a coleta de todos os dados, deu-se início ao cruzamento das fontes documentais e orais, em busca dos pontos convergentes e divergentes, assim como a confirmação da autenticidade do que foi localizado.

Passou-se então, à elaboração do **Relatório Final** da pesquisa que foi estruturado da seguinte forma:

- a) **Seção 01** - Introdução – com os aspectos gerais da tese;
- b) **Seção 02** - Ozildo Albano e a trajetória de uma vida educativa – em que se apresentou os principais aspectos biográficos de Ozildo Albano;

- c) **Seção 03** – Ozildo Albano no contexto da educação escolar piauiense – em que se analisou a atuação do educador nas escolas onde foi professor em Picos, Pio IX e Jaicós, assim como a situação da educação escolar e do analfabetismo no Estado do Piauí;
- d) **Seção 04** – Práticas educativas de Ozildo Albano no jornal “Flâmula” – em que se analisou a atuação de Ozildo Albano, ainda estudante ginasial, no periódico estudantil como gerente e redator;
- e) **Seção 05** – Práticas educativas de Ozildo Albano no museu – em que se apresentou o processo de coleta de objetos, organização do acervo e fundação do museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, realizado por Ozildo Albano, nas duas primeiras especialidades, até sua terceira especialidade, após a morte do educador e intelectual;
- f) **Seção 06** – Considerações finais – em que se traçou a síntese dos resultados obtidos na comprovação da tese.

Com isso, passar-se-á à apresentação da trajetória de vida educativa de Ozildo Albano, a mesma foi construída a partir dos aspectos biográficos de caráter formativo que constituirão a próxima seção da tese.

2 OZILDO ALBANO E A TRAJETÓRIA DE UMA VIDA EDUCATIVA

Garimpeiro de memórias

Ozildo não tocava a terra;
 Ele era a terra.
 Ozildo não olha a lua;
 Ele era a lua.
 Ozildo não admirava o sol;
 Ele era o sol.

Ozildo era estrela galopante,
 Colhendo a essência da vida
 E derramando sobre a cabeça dos incautos.

Nós outros, caminhando de encontro ao futuro;
 Ele trilhava em busca do passado
 E projetava um futuro mais claro,
 Mais sólido.
 [...]

Ozildo Albano
 Nome gravado na pedra
 À unha e dentes.
 Em meio aos temporais de línguas efêmeras,
 Dos bois encaretados,
 Que não enxergavam além do nariz.
 [...]

Garimpeiro de Memórias.
 Semeador do futuro
 Estrela galopante abrindo caminhos.
 (Vilebaldo Nogueira Rocha)

É com os versos do poeta picoense Vilebaldo Nogueira Rocha que se apresenta nesta tese o professor, diretor escolar, advogado, juiz de Direito, historiador, biógrafo, memorialista, pesquisador, artista musical, redator de jornal e intelectual **José Albano de Macedo**(1930-1989), popularmente conhecido e imortalizado como **Ozildo Albano**.

A motivação poética que impulsionou o artista a imortalizar o educador Ozildo Albano, em seu poema, está diretamente relacionada ao significado que tal personagem ganhou no contexto local. Através do seu galope, conseguiu atravessar lugares diversos, dos rincões interioranos às cidades, conhecendo pessoas de perfis culturais variados e aprendendo com elas gostos e valores. Essa colheita o ajudou a

espalhar por onde passou o que aprendeu nos livros e na vida, aos que dele se aproximaram, incluindo seus alunos, nas escolas em que atuou.

Como afirma o poeta, enquanto “nós outros, caminhando de encontro ao futuro”, Ozildo optou por posicionar seu olhar no passado, pesquisando enredos culturais locais, lendo livros diversos e, assim, construiu-se como pesquisador, memorialista, historiador e folclorista, ofícios que o ajudaram a se tornar mediador cultural e transmitir o aprendido aos que por seu caminho atravessaram.

A estrela que abria caminhos, porém, experimentou momentos difíceis em sua vida, sem conhecer as causas dos “temporais de línguas efêmeras”, nem o que elas pronunciavam, mas sentiu na alma a dor do peso das línguas que, mesmo sem rostos, embora com faces de “bois encaretados”, foram capazes de mutilá-lo.

O homem que optou ser apenas um educador capaz de mediar cultura precisou, como fênix, reerguer-se das próprias cinzas e refazer-se, na sua trajetória que, apesar de tolhido pelo sistema político em que estava inserido, foi capaz de prosseguir, ora marchando, ora galopando, na abertura de novos caminhos educativos para os que estavam ao seu lado.

Ozildo Albano, filho de terras picoenses, nascido a 20 de novembro de 1930, em uma pequena cidade do interior do Estado do Piauí, recebeu as primeiras lições educativas e culturais de seus pais, Manoel Albano da Silva e Neomísia Macedo Albano.

Desde cedo, demonstrou ser uma criança polida e com fortes habilidades intelectuais, reconhecido por todos que estavam a sua volta. Sempre muito curioso e com o olhar atento a tudo que dizia respeito aos valores e tradições locais.

Por ser de família tradicionalmente católica, Ozildo Albano aprendeu os dogmas e fundamentos da igreja. Frequentava as missas e eventos que aconteciam na igreja matriz da cidade e na localidade pertencente aos seus familiares. Em entrevista realizada com a irmã de Ozildo Albano, a professora Silva Albano (2017, p.419), assim relatou:

Meus pais eram religiosos e a religião católica predominava em todos os lares. Naquele tempo, tinha as novenas, as missas, tinha a primeira comunhão e eram muito fortes as festas religiosas. [...] As crianças acompanhavam os pais nas novenas do interior. [...] Quase não tinha tanta diversão. [...] Eles encaminhavam a gente, mas não éramos obrigados a ter que ir. [...] Não tinha isso do vai ter que ir. Nossos pais deixavam a gente à vontade, com liberdade para escolher. Agora, terminava ali porque os outros primos também

estavam ali, os amigos da escola também estavam ali, num evento e assim como na missa. Era o contexto da realidade de Picos daquela época.

Constata-se que a família Albano era possuidora de fortes valores católicos, uma vez que buscava cumprir os preceitos cristãos estabelecidos pela Igreja e tudo isso ficou como herança para os seus filhos, pois eles acompanharam os pais no que dizia respeito aos ensinamentos religiosos.

O contexto social de Picos, dos primeiros anos republicanos, não tinha muita diversão para as crianças e a Igreja Católica era o espaço que todos frequentavam. Ali, os primos e os colegas da escola se encontravam para fazerem as suas orações e terminavam aprendendo com os mais idosos o caminho que deveriam seguir.

Ilustração 01-Fotografia: Ozildo Albano na Primeira Eucaristia (1938)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A educação religiosa recebida por Ozildo Albano e os seus irmãos foi um dos principais pilares na construção humana e profissional legada pelos seus pais. Por ser de costume, a família Albano direcionava também as práticas religiosas em casa, utilizando-se das imagens sacras que possuía em seu oratório, tudo para que

os filhos aprendessem a conduzir a vida dentro dos padrões éticos e morais do Cristianismo.

Mesmo com pouca instrução escolar, os pais de Ozildo Albano conduziram os filhos na busca pelo conhecimento. Foram longe no propósito de darem a eles o melhor que podiam, oportunizando, assim, o ingresso de todos no universo escolar.

2.1 O homem e o nome no contexto cultural

Apresentar Ozildo Albano a partir de sua trajetória de vida educativa implica em saber que se está diante de alguém detentor de um nome inserido em um contexto social. Segundo Bourdieu (2006, p. 186):

[...] o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis.

O nome próprio, por instituir uma identidade constante e durável, oportuniza o conhecimento do indivíduo biografado a partir dos vários campos em que se move e atua. Ozildo Albano atuou em diversos campos educativos, sejam eles nas escolas em que lecionou, no jornal **Flâmula** em que atuou como redator, no museu que organizou, no grupo musical que participou, na sua atividade judicante, como secretário de cultura, enfim, por onde passou inscreveu-se como agente educativo capaz de promover mudanças importantes, sendo identificado por seu nome.

Nome durável que, mesmo depois de sua morte, continuou sendo marcador de espaços e de significados, não apenas na memória daqueles que com ele conviveram, mas na cidade como um todo por recepcionar e preservar o museu que leva o seu nome.

A história de vida de Ozildo Albano se entrecruzou com a história de sua cidade e, com isso, o seu nome passou a ser uma referência cultural a partir da qual se poderá entender o enredo de sua cidade. Conforme sustenta Ginzburg (1989, p.175), “as linhas que convergem para o nome e que dele partem, compondo uma espécie de teia de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido”.

Foi com os delineamentos da sua escrita de vida que uma parte substancial do tecido social picoense pôde vir à tona e, conseqüentemente, oportunizou a

reconstituição histórica de uma época, estribando-se aqui nas narrativas históricas locais, nas imagens iconográficas e nos testemunhos vivos que presenciaram, cotidianamente, Ozildo Albano, nas suas inúmeras práticas educativas.

Focalizando os **contextos sociais** em que agiu Ozildo Albano, tornou-se possível conhecer a realidade em que estava inserido o educador. Segundo Le Goff (2002, p.26),

O indivíduo não existe a não ser numa rede de relações sociais diversificadas, e essa diversidade lhe permite também desenvolver seu jogo. O conhecimento da sociedade é necessário para ver nela se constituir e nela viver o personagem individual.

A rede de sociabilidade na qual Ozildo Albano estava inserido abrangia todas as camadas da sociedade picoense. Mantinha com todos os seus conterrâneos e amigos por onde passou o devido respeito e admiração pela terra e pela cultura local.

Foi o intelectual que buscou conhecer o meio social, o homem local e o enredo histórico que o cercavam. Franqueou aos picoenses uma sólida narrativa acerca daqueles que se constituíram como sujeitos de um tempo, às margens do Rio Guaribas. Sobre isso, não se pode deixar de fora a fala da professora Olívia da Silva Rufino Borges, disponível em Albano; Silva (2011, p.14-15), para quem:

A palavra de Ozildo Albano, que nós guardamos na memória ou podemos ler agora gravada no papel, vale ouro de lei. Eis que ele fotografa as origens da nossa arquitetura, ilumina como o sol o nascimento da pequena freguesia à sombra da cruz e sob o manto da Virgem dos Remédios, cuja história em Picos, ele conta com detalhes, evidenciando o elevo de montes e vales, o calor do sol ardente, a harmonia da antiga banda de música e das serenatas, a rima da poesia mais pura representada pelo cordel. A palavra – espelho, letra, luz e voz de Ozildo – foi buscar no trote do alazão e no choro do carro de boi os desbravadores pioneiros que suaram no cabo do facão, da foice e do machado e deixaram pedaços de suas próprias peles nas moitas de jurema e unhas-de-gato. A sua palavra também chora com o homem saudoso de além-mar, com o preto que apanhou amarrado, e por que não, com o galé português, aventureiro e espertalhão. A palavra de Ozildo Albano é a mais bela cantiga de ninar que alguém pode oferecer à sua terra, pois representa lutas, fracassos e vitórias da nossa terra e da nossa gente, além de frisar a cultura e refletir a nossa civilização.

Todo o conteúdo histórico que Ozildo Albano registrou sobre a sua terra, em diferentes passagens históricas, traz em si a ideia de como se deu a construção do

seu nome em Picos e demais cidades por onde exerceu as suas atribuições profissionais.

Para Ginzburg (1989, p.173) “Os registros civis apresentam-nos os indivíduos enquanto nascidos e mortos [...]”. No caso de Ozildo Albano, não pôde ser encontrado nos assentos cartorários a escrita do nome que o tornou conhecido em diversas paragens por onde andou, apenas se tem o registro de seu nome civil, José Albano de Macedo. Na época, não aceitaram lavrar o nome de Ozildo no livro de batistério e, conseqüentemente, no livro de Registro de Nascimento. Mas, mesmo assim, queria e tornou-se conhecido a vida inteira por Ozildo Albano.

O ingresso de Ozildo Albano no rol da *intelligentsia* piauiense fez-se inicialmente a partir de uma herança cultural. Com o tempo, agregaram-se novos padrões de pensamento, passando, assim, a se apropriar de um conjunto de conhecimentos adquiridos na sua vida escolar.

Dentro do campo da intelectualidade, Ozildo Albano passou a gozar de autonomia e respaldo junto aos membros da sociedade onde se encontrava inserido. Com isso, assumiu a condição de protetor, produtor e propagador de bens culturais indispensáveis à formação cultural do homem local.

A riqueza intelectual de Ozildo Albano fez com que não se conformasse com o *status quo* evidenciado nos municípios por onde ocupou as suas atribuições profissionais. Foi nessas espacialidades que ele levou à frente o seu projeto cultural e educacional de dotá-las de uma interpretação de mundo que fosse capaz de mudar a realidade social vigente.

A educação intelectual empreendida por Ozildo Albano fez com que ocorresse uma mudança expressiva nas escolas em que lecionava e chegou a ser diretor. O seu ponto de partida para mexer nas estruturas sociais começou em sala de aula e, posteriormente, com as apresentações culturais que se evidenciaram através das suas práticas educativas pelas ruas e nos auditórios das escolas.

Daí, em diante, passou a ocupar o campo privilegiado da intelectualidade, pois gozava, dentre outros, de **capital pessoal** e de **capital cultural** solidamente adquiridos ao longo de toda uma vida. Como bem acentua Bourdieu (2004c, p.190-191),

O capital pessoal de notoriedade e de popularidade – firmado no facto de ser conhecido e reconhecido na sua pessoa (de ter um nome, uma reputação, etc) e também no facto de possuir um certo

número de qualificações específicas que são a condição da aquisição e da conservação de uma boa reputação – é frequentemente produto da reconversão de um capital de notoriedade acumulada em outros domínios e, em particular, em profissões que, como as profissões liberais, permitem tempo livre e supõem um certo capital cultural ou, como no caso dos advogados, um domínio profissional da eloquência.

O capital pessoal está umbilicalmente relacionado com o nome civil e as qualificações específicas adquiridas. Com Ozildo Albano, não foi diferente, construiu o seu nome e somou-se a ele um conjunto de conhecimentos e de saberes que foram devidamente incorporados, em forma de capital cultural.

E foi com esse capital cultural que Ozildo Albano tornou-se a representação viva de um povo e ocupou uma posição de destaque em diferentes espaços sociais por onde exerceu o magistério, a advocacia e a magistratura. Segundo Bourdieu (2004c, p.134-135),

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que actuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital económico – nas suas diferentes espécies –, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc.

Reconhecido dentro do campo da intelectualidade picoense, Ozildo Albano se manteve fiel as suas origens. Em vida, assumiu a missão de protetor da memória e da cultura locais e se tornou, ele mesmo, essa memória.

Em cada paragem interiorana, por onde fazia as suas pesquisas, garimpava os valores, as tradições e os enredos culturais que fizeram parte de diversas gerações de homens que se formaram em um meio social distante dos grandes centros urbanos.

Inicialmente, moveu-se em um extrato cultural ligado as suas raízes familiares, onde foi aprendendo com o ritmo da vida cotidiana a importância de cada elemento presente na cultura popular de Picos. Daí em diante, Ozildo Albano foi acumulando conhecimentos através das inúmeras leituras que pontuaram a sua trajetória de vida, em diferentes espacialidades formativas por onde percorreu.

Com isso, tornou-se um homem de cultura, um dos mais notáveis **mediadores culturais** da intelligentsia piauiense. Consoante às lições de Sirinelli (1998, p.261),

[...] É sempre possível propor uma definição empírica de um homem de cultura. Sob esta classificação podem estar reunidos tanto os criadores como os mediadores culturais; à primeira categoria pertencem os que participam na criação artística e literária ou no progresso do saber, na segunda juntam-se os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber.

Na esteira dos mediadores culturais proposta por Sirinelli (1998), Ozildo Albano influenciou uma geração de homens através de práticas educativas emancipatórias e capazes de modificar o meio social em que estavam inseridos.

Nas escolas em que lecionou, na imprensa jornalística em que gerenciou e publicou artigos e no Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, foram espaços educativos em que Ozildo Albano direcionou os seus conhecimentos críticos e conscientes na formação humana de sujeitos históricos.

Com o passar do tempo, ocupou posições mais elevadas de respeito pelos seus conterrâneos. Em Picos, o nome de Ozildo Albano se associa a um dos mais importantes da história e da cultura locais. Recebeu da sua gente o título de intelectual pelos seus atributos humanos e pela capacidade ímpar de preservação da memória coletiva dos picoenses. Segundo Sirinelli (2003, p. 254-255),

[...] um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo: quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentativa de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é, portanto, elemento de referência explícita ou implícito.

Na **formação intelectual** de Ozildo Albano, destaca-se a transmissão cultural herdada de seus antepassados. Aprendeu, no convívio familiar, a importância das expressões culturais mantidas pelos grupos de folclore, de São Gonçalo, de reisado, de cantorias, de serestas, dos bailados e dos pastoris, que se evidenciaram em Picos e nas localidades próximas, Tanque, Curralinho e Sítio Palmeira.

Ainda como base de referência na construção intelectual de Ozildo Albano, tem-se como fator preponderante a tradição religiosa que fazia parte da história da família e que o acompanhou durante toda a sua vida. Nas palavras de Bourdieu (2004a, p. 43),

Os intelectuais são preparados pela lógica de sua formação para tratar as obras herdadas do passado como uma cultura, isto é, como um tesouro que se contempla, que se venera, que se celebra – e que por isso mesmo os valoriza –, em suma, como um capital destinado a ser exibido e a produzir dividendos simbólicos, ou simples

gratificações narcisistas, e não como um capital produtivo que se investe na pesquisa, para produzir resultados.

Dentro da lógica de formação intelectual que Ozildo Albano se construiu, soube guardar, preservar e valorizar os tesouros culturais que se evidenciaram em diferentes passagens da história de Picos.

As fontes eleitas para a pesquisa dão conta de que Ozildo Albano foi um agente histórico que, utilizando como *habitus* apenas as **estratégias educacionais**, interagiu e atuou em campos variados a partir da posse de um capital cultural amplo. Segundo Ginzburg (1989, p. 173-174):

[...]. Mas se o âmbito da investigação for suficientemente circunscrito, as séries documentais podem sobrepor-se no tempo e no espaço de modo a permitir-nos encontrar o mesmo indivíduo ou grupo de indivíduos em contextos sociais diversos. O fio de Ariana que guia o investigador no labirinto documental é aquilo que distingue um indivíduo de um outro em todas as sociedades conhecidas: o nome.

O âmbito de investigação delimitado foi a trajetória de vida de Ozildo Albano para que a partir dela se registrasse as suas práticas educativas, principalmente em Picos. A delimitação permitiu localizá-lo atuando em campos específicos, tendo apenas o seu nome como referência de busca.

2.2 Da memória à construção biográfica

Para registrar a trajetória profissional, no campo educacional, de Ozildo Albano, foi necessário ouvir pessoas que com ele conviveram e experienciaram a docência e outras atividades educativas. Para tanto, **a memória coletiva** ajudou a trazer elementos que se encontravam na memória de cada indivíduo, até mesmo esquecidos e os colocou sobre uma nova matriz, o tempo presente, que teve a missão de explicar e reescrever o passado ou, como diz Halbwachs (1990, p.81) “lançar uma ponte entre o passado e o presente e restabelecer essa continuidade interrompida”.

E isso foi feito com o auxílio da memória dos personagens sociais das cidades de Picos, Pio IX e Jaicós, que estiveram com Ozildo Albano. Assim, foi possível restabelecer um tempo que ficou marcado na história de vida de cada um deles. Como afirma Le Goff (2003, p.471) “a memória na qual cresce a história, que

por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.

Salvar o passado com a escrita em torno do educador Ozildo Albano, sua atuação jurídica, cultural, educacional, artística, jornalística e biográfica, nos mais variados círculos em que transitava.

Contar a história de vida de Ozildo Albano, em matéria educacional, foi historiografar a história de uma época e de um povo e ainda trazer à tona o modelo educacional existente nas espacialidades onde exerceu as suas práticas educativas.

Fez-se uma narrativa biográfica do educador Ozildo Albano utilizando-se de seção de **tonalidade diacrônica** associada a seções de **tonalidade temática**. Nas lições de Dosse (2009, p.67),

[...] o tratamento da temporalidade permite incontáveis variações entre o respeito absoluto ao quadro cronológico, caracterizado por um desfilar contínuo do nascimento à morte da personagem biografada, e as liberdades do autor com o uso do tempo. O empenho em dar mais eficácia ao relato pode conduzir ao rompimento da linearidade cronológica e à adoção das múltiplas vozes narrativas que participam dos vários registros de temporalidade. O mais das vezes, o biógrafo procura alternar capítulos de tonalidade diacrônica com capítulos de tonalidade temática. Resulta daí um relato misto que procura reencontrar duas coerências de temporalidades diferentes, a da lógica própria à sucessão dos eventos e a que emana da unidade da pessoa resgatada pelo biógrafo. A narração biográfica não é, pois, como salienta Madelénat, homogênea. É, bem ao contrário, uma estrutura inelutavelmente compósita, uma convergência de relatos diversos enredados uns nos outros. Nisso, lembra a escrita da história e do romance.

O tratamento da temporalidade utilizado na escrita da história de vida de Ozildo Albano foi construído seguindo uma sucessão de acontecimentos que se desenrolaram durante a sua trajetória humana em diferentes campos de produção cultural.

Longe de querer abraçar a totalidade da existência humana, seguindo rigorosamente o rito cronológico e linear que cercaram Ozildo Albano, fez-se um relato de sua vida e tentou-se unir a distância que separa o presente da narração ao passado vivido.

Abraçar o **conjunto biográfico** de uma vida é um desafio que muitos têm se aventurado a fazer, mesmo sabendo que o horizonte humano comporta uma

multiplicidade de ações cotidianas que se revelam em diferentes contextos da sociedade.

Mas, mesmo assim, escreve-se a vida do outro acentuando os aspectos mais particulares de sua intimidade, aqueles traços da personalidade que ficaram marcados e o caráter excepcional dos seus feitos que a memória guardou ao longo do tempo.

Na construção biográfica, o sujeito histórico não se reduz ao seu “eu”. Ao contrário, liga-se a uma rede de sociabilidade. E é nela que a história coletiva se mostra através de uma biografia, trazendo uma diversidade de acontecimentos entrelaçados entre si e o seu contexto social. Segundo Levi (2006, p.176), deve-se:

[...] interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo, normais. [...] uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica. Essa perspectiva deu ótimos resultados, tendo-se em geral conseguido manter o equilíbrio entre a especificidade da trajetória individual e o sistema social como um todo.

A compreensão de uma vida biografada não se dá de forma isolada, uma vez que o biografado encontra-se inserido em um contexto sócio-cultural. Uma vida não se inscreve em uma nota só, ela está inserida em uma partitura composta por diversas outras notas biográficas.

O conhecimento do contexto social faz com que se compreenda a trajetória do sujeito biografado, uma vez que é nele onde os acontecimentos cotidianos perpassam a sua vida.

Mantiveram-se aqui os contextos sociais por onde Ozildo Albano assumiu as suas práticas educativas. Reuniram-se em torno dele as vozes sociais de seu tempo e os documentos escritos e visuais, tudo com o propósito de manter vivos os registros coletivos de um povo.

De natureza eminentemente híbrida, a biografia se enquadra em um gênero que procura envolver, numa mesma escrita, passagens do real vivido e os traçados imaginativos refeitos pelo processo criativo de um biógrafo. Segundo Dosse (2009, p.55),

Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da mimesis, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador.

Em virtude da dinâmica que é uma vida e seu atravessamento no tempo e em diversos espaços, em situações várias e com incalculáveis pessoas, elaborar uma biografia passa pelo esforço de apresentar enredos reais de um passado agora cristalizado na memória daqueles que presenciaram as vivências e experiências e isso, por si só, impossibilita o registro em sua totalidade.

O **gênero biográfico** é tipo textual que se constrói a partir de uma base real e imaginativa em torno do sujeito biografado. A tensão entre o vivido e o imaginado promove o surgimento de um texto que se realiza como histórico e ficcional, sem se negar sua autenticidade, através da força imposta pela documentação e das vozes que elaboram o sujeito narrado.

Entre a realidade e a imaginação, a escrita biográfica se materializa. Mobilizam-se os instrumentais necessários para reviver as inúmeras cenas do passado do sujeito biografado.

Nessa reconstituição, o biógrafo procura exumar o máximo possível de fontes históricas para refazer momentos inesquecíveis que pontuaram o universo humano, em diferentes espacialidades sociais. Mas, como assinala Dosse (2009, p.15), "[...] o biógrafo deve saber manter o justo meio-termo".

A atuação do biógrafo é, pois, a do filtro que identificará o que é real e o que é imaginário, na luta pela apresentação do enredo que mais se aproxima da vida efetiva do biografado. É a busca de uma escrita a meio-termo.

Uma escrita a meio-termo, eis o que o biógrafo se propõe a fazer. Tudo com o propósito de produzir um relato que seja o mais fiel possível. Conforme assinala Dosse (2009, p.21):

[...] o anseio de totalização e a vontade de não perder nada ou perder muito pouco que justificam semelhante dispositivo. Esse duplo olhar não deixa de haver-se com as lacunas de documentação, as falhas de arquivo. [...] Sua ambição é recriar, graças ao relato, o movimento de uma vida.

É nessa busca que se encontra o biógrafo ao recriar o movimento de uma vida. Pauta-se com o que dispõe em suas mãos e compensa o universo perdido com uma escrita que procura suprir os vazios que a memória e os documentos não conseguiram preenchê-las.

Tudo isso acontece porque o sujeito experimenta inúmeras temporalidades no espaço social. Vive-se o momento da casa, o momento do trabalho, o momento

do lazer. Enfim, torna-se impossível o registro por inteiro de tudo que envolve o enredo de uma vida. Ou, como assinala Dosse (2009, p.56), “o biógrafo é comparável ao retratista, que faz sua escolha sem empobrecer o que há de essencial para a tela”.

Fez-se o mesmo com o texto biográfico de Ozildo Albano. Procurou-se seguir uma narrativa em que melhor se apoiasse todo o conjunto documental que se tinha disponível. Não se descuidou de detalhes significativos e reveladores da sua personalidade. Para tanto, fez-se as escolhas mais apropriadas e procurou-se, no dizer de Dosse (2009, p.67), “[...] valer-se da intuição para ligar traços descontínuos”, respaldados pelos recursos estilísticos que a imaginação criadora empresta para o gênero biográfico.

Por ser a biografia “[...] tributária de um exercício de apresentação de provas”, no dizer de Dosse (2009, p.62), o texto biográfico de Ozildo Albano não se afasta dessa proposta, têm-se ao longo da narrativa um conjunto probatório que informa sobre ele e sobre os contextos em que atuou.

No mais, o texto biográfico possibilita “[...] reencontrar e reviver o clima da época”, no dizer de Dosse (2009, p.20). E isso mostra que a biografia traz em si não apenas a individualidade do biografado, mas também, os enredos que atravessaram o grupo social.

Biografou-se Ozildo Albano alternando escritas da vida com o conjunto temático das realizações empreendidas por ele. Isso trouxe para a tese não só a densidade humana e profissional de um intelectual e educador, mas também, fragmentos históricos do contexto em que estava inserido.

2.3 A escolarização primária do educador Ozildo Albano: Da Escola Municipal Landri Sales ao Grupo Escolar Coelho Rodrigues

Em 1938, os pais de Ozildo Albano matricularam-no numa pequena escola para cursar o ensino primário em Picos. Foi na **Escola Municipal Landri Sales** que ele deu os primeiros passos nos estudos e tendo como primeira professora **Hilda Policarpo de Melo**. Segundo Silva Albano (2017, p.419):

Ozildo entrou cedo na escola. Tinha a Escola Municipal Landri Sales e ele morava na cidade. [...] Ozildo nasceu em 1930. [...] Em 1938 Ozildo estava no 1º ano. Na época, tinha a história de ir para a

escola depois dos 7 anos. Não tinha pré-escolar, a alfabetização, a criança já entrava no 1º ano. [...]O nome da primeira escola que Ozildo estudou foi a Escola Municipal Landri Sales. [...] Ela funcionou onde é a Secretaria da Fazenda. Ozildo falava que a primeira professora dele foi Hilda Policarpo. [...] Naquela época, não tinha concurso para professor, era por nomeação do prefeito e ele era quem indicava.

Foi com a professora Hilda Policarpo de Melo que Ozildo Albano começou a aprender a ler, escrever e contar. Em pouco tempo, ele cativou a confiança e o respeito por todos os colegas de sala de aula. Aprendia tudo com muita facilidade e sempre estava disposto a ajudar os demais.

Quando era requisitado para fazer as leituras em sala de aula, mostrava desenvoltura e habilidade frente aos colegas de sala. Em entrevista feita com um colega de sala de aula, Souza (2016, p.380), assim narrou:

[...] os tipos de leituras que a professora Hilda Policarpo colocava para nós, eu tenho o livro *Coração de Criança*. Eu tenho este livro lá em João Pessoa. Eu fui pra localidade Vaca Morta com meu filho e lá na família de Mundica Fontes tinha um lugar onde estava guardado um entulho. Daí, eu comecei a mexer e achei o livro *Coração de Criança* e Mundica Fontes disse: - Pode levar seu Elízio. Aí, eu trouxe aquele livro *Coração de Criança*. [...] Esse livro *Coração de Criança* era o livro de leitura. A gente chegava ao colégio e todo mundo tinha de ler uma página do livro, todos nós íamos. Ozildo Albano fazia com muita eficiência, viu. Eu tinha dificuldades, eu e outros. [...] Nós éramos companheiros, mas tinha uma certa divisão. Os mais adiantados ficavam ali. Mas, todos nós cantávamos e lia. Tinha a sabatina, tinha a palmada de régua, na hora da matemática. De qualquer forma, o Ozildo se destacava como nenhum outro. Chegou ao ponto que ele chegou, viu. Ozildo era um pequeno grande homem.

Pela narrativa do colega de sala de aula, Souza (2016), foi possível conhecer Ozildo Albano como aluno. Ele era dedicado e eficiente nas atividades escolares. A prática educativa da professora Hilda Policarpo em torno das atividades de leitura oportunizou aos alunos maior contato com textos de diversos gêneros e, assim, contribuiu na formação de leitores.

A Escola Municipal Landri Sales foi um dos espaços importantes na trajetória escolar de Ozildo Albano, uma vez que foi lá onde ele teve o primeiro contato com as formalidades de uma sala de aula. Consoante o colega de turma de Ozildo Albano, Lélis (2016, p.374), assim relatou:

Eu e o Ozildo estudamos juntos na Escola Landri Sales. [...] Foi lá onde Hilda Policarpo foi a nossa professora, por volta da década de 1938. Era uma casa residencial, tinha mesas e carteiras em pouca quantidade. [...] Hilda Policarpo [...] não era dessas professoras carrasco, não. Hilda Policarpo era muito acessível e moderada. [...]. Tinha a leitura, era um negócio. [...] Hilda Policarpo tinha o desejo de ensinar muitas coisas pra gente. A gente pegava o livro para ler, ficava lendo aqui e os outros, lá perto, prestando a atenção. Eu ia lendo, isso aqui, assim. Daí, a professora Hilda Policarpo dizia: - Fulano? Ele tinha que está acompanhando a leitura. Senão, diminuía a nota. Era interessante. [...] Para ir ao banheiro, tinha uma pedra em cima da mesa da professora, na época do primário. Quem fosse ao banheiro, dizia: - Professora, eu vou ao banheiro. Pegava a pedra e, se tivesse alguma coisa de mal feito lá, o próximo que fosse ao banheiro, se não dissesse nada, ele assumiria.

Lélis (2016) destacou alguns pontos importantes, dentre eles, em primeiro plano, as descrições feitas em torno da Escola Municipal Landri Sales e a cultura escolar nela evidenciada. E mais, a presença da professora Hilda Policarpo de Melo, categoricamente descrita como sendo muito acessível, moderada e, acima de tudo, uma professora preparada e que repassava muitos conhecimentos para os seus alunos.

O discurso de Lélis (2016) trouxe à tona parte da cultura escolar experimentada no contexto da formação primária de Ozildo Albano. O destaque à disciplina é uma marca percebida quando os alunos precisavam ir ao banheiro e deveriam pegar a pedra da licença.

O perfil educativo da professora serviu como um **proto-modelo** de professor para Ozildo Albano, através de sua prática em sala de aula, não apenas instruíu, mas favorecia o olhar para um tipo específico de docente, especificamente aquele que posteriormente Ozildo tornou-se: o incentivador.

Mas, um fato merece o devido registro no tocante à professora Hilda Policarpo de Melo e que ficou marcado na memória de todos os seus alunos. Em 1939, afastou-se do cargo de professora municipal de Picos para apresentar-se voluntariamente como combatente na II Grande Guerra Mundial. Nos campos de batalha em Monte Castelo, na Itália, a professora serviu como enfermeira para ajudar os soldados que se feriam nas trincheiras de guerra.

Depois que a professora Hilda Policarpo de Melo deixou de exercer o cargo de professora leiga no município de Picos, assumiu no seu lugar a professora leiga **Maria de Jesus Santos**. Durante pouco tempo, ela conseguiu ganhar a confiança e o respeito por todos os alunos da turma.

Ozildo Albano e os seus colegas de sala de aula dirigiam-se a ela chamando-a carinhosamente de **Maria do Coração de Jesus**. Em uma passagem do livro “Relatos e reminiscências do meu Piauí”, do escritor e amigo de sala de aula de Ozildo Albano, encontra-se o seguinte relato sobre a professora Maria de Jesus Santos, conforme Souza (2005, p.46),

Após a partida da professora Hilda, a escola mudou-se para uma casa mais à frente. Vale ressaltar que nesta casa mais tarde funcionou a agência de transporte do Sr. Júlio Rodrigues. A nova professora era a jovem Maria de Jesus Santos, irmã de Chico da Farmácia. Nós, os alunos, a chamávamos de Maria do Coração de Jesus, era um tratamento carinhoso.

Muito dos ensinamentos recebidos através da professora Maria de Jesus Santos ficaram registrados na memória de Ozildo Albano. Nas oportunidades em que ele tinha de se referir a ela, elogiava-a, destacando os momentos em que esteve recebendo os primeiros alicerces escolares.

Depois dos dois primeiros anos de estudo na Escola Municipal Landri Sales, Ozildo Albano concluiu o curso primário no tradicional **Grupo Escolar Coelho Rodrigues**. Segundo Conceição Albano, Ozildo foi aluno de Benvinda Nunes Santos, conhecida como Dona Lilá e da senhora Ricardina Neiva, diretora da escola.

Ilustração 02 – Fotografia: Grupo Escolar Coelho Rodrigues (s/d)



Fonte: Arquivo Particular de Fábio Neiva

Na ilustração 02, tem-se o prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, em sua arquitetura original, preservando o pequeno muro que o cercava. Trata-se de espaço escolar pensado para o ensino primário, localizado no centro da cidade. Nesse prédio, atualmente, funciona o Museu Ozildo Albano.

O Grupo Escolar Coelho Rodrigues, segundo Ozildo Albano, nos seus “Dados cronológicos da história do município de Picos, de 1700 a 1975”, disponível em Albano; Silva (2011), foi fundado em 15 de fevereiro de 1929 e funcionou, inicialmente, em prédio localizado na Praça Félix Pacheco. Posteriormente, teve a sua construção e inauguração de prédio próprio em 1932.

2.4 A formação cristã do seminarista Ozildo Albano: Ampliando o mapa formativo

Após concluir os estudos no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, Ozildo Albano ingressou no **Seminário Sagrado Coração de Jesus**, na cidade de Teresina-PI. Na ocasião, não havia como sequenciar os estudos em Picos, uma vez que não havia o curso ginasial na cidade. Silva Albano (2017, p.419-420) narrou que:

Teve uma realidade em Picos que muitos jovens daqui estudaram no seminário em Teresina. Como exemplo, o Doutor José Nunes, Geraldo Eulálio. Era uma realidade da época, do catolicismo. Era marcante, era muito direcionado para isso e muita gente estudou no seminário. E até por ser um local de estudo. Você vai lá para estudar. Era centrado naquilo. Os pais ficavam satisfeitos de vê os filhos lá. [...] Nos retratos que Ozildo tirou da turma, tinha muita gente de Picos. O desejo de ir para o seminário manifestou do próprio Ozildo. Agora, tinha os colegas que iam e Ozildo era muito estudioso. [...] Eu me lembro de que Ozildo mandou do seminário um santinho para mim, [...] ele mandou um caderno, um com pauta e um sem pauta para desenho e outro sem pauta com um material mais fraco, um também de caligrafia com aquelas duas listras para fazer. Ozildo mandou de lá esse material para mim. [...] Ozildo tinha o interesse de eu aprender, de estudar.

Pela história narrada por Silva Albano (2017), constatou-se que a ida de Ozildo Albano para o Seminário Sagrado Coração de Jesus foi um desejo dele, em nenhum momento os pais impuseram a sua ida para Teresina. Mas, fica claro também que, por serem de uma família tradicionalmente católica, a escolha feita por Ozildo Albano foi reflexo da educação recebida em casa.

Na época, a opção pelo ingresso dos filhos no Seminário Sagrado Coração de Jesus era uma realidade que fazia parte de algumas famílias picoenses. Estudar no Seminário implicava em ter acesso a uma formação escolar mais sólida e humanista. Naquele espaço formador, os internos, além de receberem os conteúdos ditos escolares, também recebiam uma formação voltada para uma cosmovisão

cristã, mesmo que não prosseguissem os estudos e tornassem padres, como foi o caso de Ozildo Albano, que optou pelo Direito.

As ilustrações 03 e 04 trazem Ozildo Albano em dois momentos: na 03, sozinho, usando batina, em pose de meio-corpo; na 04, posicionado com os colegas de turma, todos em pé, tendo ao centro, sentado, um adulto, que não se pode afirmar ser professor ou uma autoridade local.

Ilustração 03 –Fotografia: Ozildo Albano usando batina (s/d)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Ilustração 04 –Fotografia: Ozildo Albano no Seminário Sagrado Coração de Jesus em Teresina (s/d)



Fonte: Museu Ozildo Albano

O Seminário Sagrado Coração de Jesus representou um marco na trajetória de vida de Ozildo Albano. Foi lá onde ele entrou em contato com a língua latina, a história, os filósofos gregos e aprendeu, dentre outros, a falar o francês. Mas, todo o processo de aprendizagem, no seminário, ajudou-o tanto na sua formação humanística quanto na labuta diária que ele passou a ter com o exercício

profissional. Em entrevista realizada com Borges (2016, p.464), que era amiga de Ozildo Albano, informou que:

A formação humanística de Ozildo foi uma construção. Eu acredito que aquilo era coisa dele mesmo. Ele era católico, amava a Virgem Maria e era muito chegado com as coisas de Deus, não tanto com a Igreja depois que ele saiu do seminário. Ozildo Albano ia à missa, não faltava. Mas, a gente notava que a fé dele era dele, lá de dentro, não é porque a família praticou, não. Nós sabemos que Picos teve uma época que era 100% católica. [...] Ozildo era de uma família religiosa, amava a Deus e especialmente à Virgem Maria. Era uma paixão pela Virgem Maria e ele era praticante, de muita atenção para com os irmãos. Ele era um verdadeiro católico que eu posso chamar, mas não tanto pela influência da própria Igreja. O período do seminário foi um marco na vida dele, porque ali ele aprendeu o latim no seminário em Teresina. Ozildo Albano chegava a Picos vestido de batina.

O Seminário Sagrado Coração de Jesus fez parte da formação humanística de Ozildo Albano. Preparou-o tanto no campo secular quanto espiritual, no sentido de fornecer-lhe saberes variados de ambos os lados. Porém, deve-se destacar, na fala de Borges (2016), o ponto específico da fé desvinculada de uma instituição religiosa.

Embora católico, a crença em Deus não foi uma consequência da formação de seminarista, mas algo que lhe parecia inato, uma característica que antecipou os estudos na instituição.

Ozildo Albano permaneceu no Seminário Sagrado Coração de Jesus até o ano de 1948. Dois fatores fizeram com que ele desistisse de seguir os seus desejos de ser padre: o primeiro, por ter adoecido e isso pesou muito na sua decisão, pois já não conseguia ter o mesmo desempenho de quando entrou no seminário. Segundo, porque percebeu que, no internato, não tinha a abertura para determinadas atividades do convívio social. E, como era uma pessoa aberta para as questões do cotidiano e da própria doutrina cristã, inviabilizava-o de seguir em frente no seu projeto inicial. Silva Albano (2017, p.420) assim apresentou detalhes do motivo que levou Ozildo Albano sair do Seminário Sagrado Coração de Jesus:

[...] No seminário, Ozildo teve uma pneumonia e teve que sair de lá. Meu pai levou Ozildo, na época, para se consultar com o doutor Isaías Coelho, em Simplicio Mendes. [...] Papai foi com ele e o doutor Isaías disse: ‘- Isso daqui sabe o que é, é essas comidas fracas do seminário’. Aí, Ozildo veio como para passar uns tempos e depois voltar, mas não voltou mais. Depois, em Fortaleza, em 1956, Ozildo

teve uma pneumonia forte, muito forte, mas ele se tratou e se curou. [...]Ozildo desistiu do seminário devido à realidade, o mundo fechado lá dentro e não era aquilo. Ele era uma pessoa muito aberta. E ele viu que não era aquilo.

O Seminário deu-lhe as bases de um conhecimento mais escolarizado e científico, marca que atravessou toda a sua vida, alicerçada nas leituras religiosas, filosóficas e literárias.

O mundo cresceu aos seus olhos durante os anos em que esteve no Seminário Coração de Jesus, em Teresina. Participou de inúmeras palestras direcionadas aos estudos religiosos e outras tantas que fizeram parte da sua formação. Aprendeu o disciplinamento que se evidenciava no seminário, para lidar com diferentes situações no social.

Enfim, teve a oportunidade de estar em uma cidade grande e desenvolvida, onde pôde sentir de perto os problemas que pontuaram a vida cotidiana das pessoas pobres, nos diferentes bairros de Teresina e, nisso, foi amadurecendo, para enfrentar a vida fora dos muros do internato.

2.5 A formação militar no Tiro de Guerra 201: A escola de civismo e cidadania

Em 1949, aos dezenove anos de idade, serviu no **Tiro de Guerra 201**, nome que se dava ao Batalhão de Identificação do Exército Brasileiro em Picos. Foi uma experiência a mais na vida de Ozildo Albano, uma vez que a cidade não dava ainda condições para que os jovens picoenses pudessem sequenciar os estudos. Consoante às observações de Silva Albano (2017, p.420-421):

Ozildo gostou quando fez o tiro de guerra. Logo, foi o período que ele saiu do seminário. [...] O tiro de guerra, na época, representou muita coisa para Ozildo. [...] Devido à formação dele, foi logo escolhido para redigir no tiro de guerra. Ozildo era o homem de confiança para escrever. O arquivo de lá, [...] ele contribuiu, fazia as anotações. Ozildo tinha o português muito correto, a caligrafia dele era muito bonita e ele tinha muito conhecimento. Os amigos do tiro de guerra ele sabia o nome de todos os atiradores e o número deles. [...] Foi um período muito rico para Ozildo, daquele convívio com aquelas pessoas, desde aquelas pessoas mais simples e tudo. Foi muito bom para ele.

O Tiro de Guerra 201 surgiu em um momento importante para Ozildo Albano, justamente porque a cidade não oferecia oportunidades de trabalho para os jovens e

o provincianismo ainda era a regra que fazia parte da cotidianidade do picoense. Então, esse período em que ele esteve a serviço do Tiro de Guerra foi produtivo.

Os conhecimentos e a disciplina que havia obtido, no Seminário Sagrado Coração de Jesus, davam a ele as condições para estar à frente das atribuições que eram postas para fazer.

Ilustração 05 –Fotografia: Ozildo Albano com uniforme militar (1949)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Contribuiu com a organização do arquivo, fazia todas as anotações da corporação e era requisitado pelos superiores hierárquicos para tirar dúvidas referentes a alguma documentação ou os serviços destacados para algum aluno do Tiro de Guerra.

Sabia o nome e o número de todos que estavam servindo o Tiro de Guerra 201. Devido a isso, Ozildo Albano passou a ser uma referência dentro da guarnição. Era respeitado e, em pouco tempo, adquiriu a confiança de todos os colegas que estavam matriculados ali. Segundo Silva (2016, p.369):

Ozildo gostava do Exército, porque quando ia completar 40 anos da turma do Tiro de Guerra ele, Dimas Lélis, Santinho Xavier e outras pessoas, justamente no ano que ele morreu, em 1989, estavam preparando uma festa. Era a celebração dos 40 anos. Por sinal, Ozildo [...] sabia o nome de cada atirador, o nome completo e o número. [...] Na época, não era lá no 3º BEC. O Tiro de Guerra funcionava ali na Avenida Getúlio Vargas, pegado na casa de Raimundo Leandro, próximo ao paredão, de quem vem da Igrejinha, do lado direito, naquela casa do senhor Júlio Rodrigues. Ali, funcionava o Tiro de Guerra. Na época deles, do Ozildo e do Dimas. Depois, funcionou na esquina, de frente à atual Caixa Econômica Federal. Por último, funcionou lá onde é a Alerp.

Quando possível, Ozildo Albano mantinha contato com os colegas que com ele serviram no Tiro de Guerra 201. Uma das suas metas era organizar o encontro dos 40 anos dos que serviram juntos na corporação, mas faleceu antes de realizar esse desejo.

Ilustração 06 –Fotografia:Ozildo Albano em treinamento no Tiro de Guerra 201 (1949)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Foi no Tiro de Guerra que aquela geração de homens cumpriu suas obrigações junto ao Estado brasileiro, frente ao Exército. Essa instituição visava formar atiradores, mas também cidadãos que tenham conhecimento de seus direitos e deveres em relação ao lugar em que estavam inseridos. Servia ainda para preparar lideranças locais em várias áreas, dentre elas, a educação.

A ilustração 06 contempla um instante fotográfico em que Ozildo Albano, com colegas reservistas, estavam em treinamento no Tiro de Guerra 201. Todos uniformizados com as vestes militares e Ozildo, deitado no chão, próximo a uma metralhadora.

Ilustração 07 – Imagem: Certificado de Alistamento Militar de Ozildo Albano - Capa (1948)

Modelo T

CERTIFICADO
DE
ALISTAMENTO MILITAR

Nº 890285

Válido até 22 de FEVREIRO de 1949

1ª. R. M. **Reg. Civil :**
2ª. C. R. **Cartório :**
Estado : Piauí **Termo n. :**
Município : Teresina **Livro n. :**
Fôlha n. :

Fonte: Museu Ozildo Albano

Ilustração 08 – Imagem: Certificado de Alistamento Militar – Verso (1948)

Da classe 1-2-C

OSILDO ALBANO DE MOURA
(Nome por extenso)

Filho de OSILDO ALBANO DE MOURA
e OSILDA ALBANO DE MOURA

Nascido em 05 de ABRIL de 1928

Natural do Estado de Piauí

Município de Teresina

Residente em Rua São João, n. 504 (S. Maria)

Estado civil Solteiro

Profissão civil Estadante

Especialidade Comum

Dirige auto? Sim É mecânico? Sim

Sabe ler e escrever? Sim Tem curso ginasial? Sim

Cor Branco Estatura 1,70

Olhos Verdes Cabelos Castanhos

Sinal particular nenhum

Observações : Atestado por

Atestador de 19

Fonte: Museu Ozildo Albano

As ilustrações 07 e 08 mostram a documentação de Alistamento Militar de Ozildo Albano. A ilustração da capa traz informações sobre o número do alistamento, a saber, 890285 e a validade que se estenderia até fevereiro de 1949, ano em que prestou o Tiro de Guerra. Além disso, à direita, os dados do Registro

Civil de Nascimento, constantes no Cartório de Picos, termo 77, livro nº 6, mas não informa as folhas. À esquerda, os dados do órgão militar em que fez o alistamento, a saber, 10ª Região Militar, 26ª Companhia Regional, no Estado do Piauí, em Teresina.

Na ilustração 08, há os seguintes dados: o nome completo, filiação, data de nascimento, naturalidade, endereço, estado civil, profissão (estudante), especialidade (nenhuma), questão sobre ser motorista e mecânico, se sabia ler ou escrever, se tinha curso ginasial, cor da pele, estatura, cor dos olhos e cabelos, sinal particular e observações de que pagou multa, por fim, o documento encontra-se datado de 20 de agosto de 1948 pelo militar alistador. Afora esses dados, uma fotografia $\frac{3}{4}$ do alistando, na parte inferior à direita do documento.

Lélis (2016, p.376), lembrando o período em que serviu com Ozildo Albano, o Exército, discorreu sobre a organização de Ozildo Albano, quando prestou o Tiro de Guerra:

Quando a gente fazia o tiro de guerra, tinha alguma molecagem. Um dia, esconderam o ferrolho do meu fuzil. Aí, eu tirei o ferrolho do fuzil de Ozildo Albano. Eu pensei, certamente Ozildo vai se queixar sobre isto e o meu vai aparecer. Só sei que Ozildo olhou para mim e disse: - O meu ferrolho estava aqui e você não viu, não?.

Através do relato feito por Lélis (2016), percebe-se o quanto Ozildo Albano era atento ao que acontecia na guarnição.

2.6 A formação do ginasiano Ozildo Albano: A importância do Ginásio Estadual Picoense

Ainda no ano de 1949, foi criado em Picos o **Ginásio Estadual Picoense**. Este foi um dos grandes acontecimentos da cidade, pois a partir de então se teria um lugar adequado para os jovens estudantes darem sequência aos estudos.

De início, não se tinha um prédio próprio para recepcionar os alunos que haviam passado no **exame de admissão**. A solução que encontraram foi colocá-los no antigo Grupo Escolar Coelho Rodrigues até que se construíssem as instalações do Ginásio Estadual Picoense. Conforme Sousa (2005, p.94),

Inicialmente, a sede do Ginásio foi no Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que, embora já desse naquele período claros indícios de decadência com um prédio necessitando de reformas, não

prejudicou a aura de glória que cobria a fundação do Ginásio, uma vez que, para a população, não importava onde funcionasse a instituição, pois o seu caráter de relevância não se perdia em função da falta de uma sede ou do estado do local de seu funcionamento. Picos agora tinha o Ginásio, e isso representava uma conquista importante no conjunto das cidades piauienses.

No ano seguinte, em março de 1950, iniciaram-se as atividades escolares do Ginásio Estadual Picoense. Os jovens matriculados tinham a certeza do encontro com o que havia de melhor em termos de cultura e educação. Conforme lembrou Silva Albano (2017, p.421),

O ginásio foi um período muito rico para Ozildo. Eu entrei na 2ª turma do ginásio. Eu era meio ameninada. Mas Ozildo tinha uma cabeça, ele era mais experiente. [...] Naquela época, morar na cidade de Picos, onde não tinha estradas e nem comunicações. [...] Ozildo, pelo menos saiu para o seminário, teve a experiência de sair de Picos. [...] Esse ginásio quando veio foi mais importante do que a chegada da Universidade para a época. [...] Os jovens ficaram entusiasmados com aquilo ali. E teve uma coisa muito importante nisso tudo, a figura do educador Vidal de Freitas. Ele incentivou esses jovens. Ele foi o diretor do ginásio. Ele contribuiu demais. Era um Juiz de Direito educador. Onde Doutor Vidal passava, ele contribuiu, em todas as cidades por onde passava. Doutor Vidal era uma figura além do seu tempo. Ele tinha experiência. Eu admirava o contato dele com os jovens. Era como se fosse tudo a mesma coisa. A conversa dele, o contato dele.

Silva Albano (2017) destacou que a etapa de estudos no ginásio foi um período muito rico para a trajetória de vida de Ozildo. Com isso, há de se fazer algumas anotações referentes a essa passagem de Ozildo Albano por essa escola. Primeiro, trazia consigo uma bagagem cultural acumulada pelos conhecimentos adquiridos no Seminário Sagrado Coração de Jesus e isso o ajudou nesta nova caminhada no Ginásio Estadual Picoense. Segundo, encontrou um espaço educacional onde pôde se deparar com professores preparados para exercerem o magistério, dentre eles, o professor e diretor José Vidal de Freitas que, na época, também era o juiz da Comarca de Picos.

Durante o período em que esteve à frente do Ginásio Estadual Picoense, sugeriu aos estudantes que criassem um **Grêmio Literário**, pois sabia da importância de uma agremiação para os estudantes. Foi aí que Ozildo Albano passou a liderar os movimentos estudantis dentro daquela instituição escolar. De acordo com Rafael Filho (2016, p.409):

O Doutor Vidal de Freitas, que era muito preparado, deu a ideia de criação do Grêmio Literário da Costa e Silva e o Ozildo Albano foi dos primeiros a abraçar essa ideia. Depois, nós nos reunimos para discutir. A aprovação foi unânime. Ozildo Albano presidiu o Grêmio Literário Da Costa e Silva com toda dignidade, com toda sabedoria, com toda ordem. No Grêmio Literário da Costa e Silva não tinha bagunça, não. A gente levava muito a sério, seguia o exemplo do presidente.

Ozildo Albano se mantinha como um líder dos estudantes do Ginásio Estadual Picoense. Abraçou a ideia do professor José Vidal de Freitas e todos foram unânimes em aceitá-lo como primeiro presidente do Grêmio Literário.

O nome do **Grêmio Literário Da Costa e Silva** foi também uma sugestão do professor José Vidal de Freitas, uma homenagem ao poeta da cidade de Amarante, no Piauí. Rafael Filho (2016, p.409) explicou as razões do nome dado ao grêmio:

O Grêmio Literário da Costa e Silva recebeu este nome porque o Doutor Vidal de Freitas falava muito no Da Costa e Silva, aquele de Amarante/PI, o famoso poeta “ringe e range”. Era difícil ter um aluno do Ginásio, naquela época, que não soubesse a história da “moenda”. Então, ele era muito festejado lá no Ginásio Picoense, o Da Costa e Silva. Ele era o principal vate para nós.

O Grêmio Literário da Costa e Silva era onde Ozildo Albano fazia as reuniões com os colegas do ginásio e também onde se articulavam no sentido de darem mais dinamicidade ao ambiente estudantil. Além disso, essa agremiação servia para divulgar a literatura nacional e estrangeira.

Durante o período em que esteve como presidente do Grêmio Literário Da Costa e Silva, levou para a comunidade estudantil inúmeros eventos culturais, dentre eles, as peças teatrais que eram encenadas dentro e fora da escola. E, nisso, procurou envolver todos os alunos.

Transcrevia no papel todos os personagens que iriam entrar em cena e, depois, separava para cada um dos colegas do ginásio para decorar as falas e apresentar em público. Rafael Filho (2016, p.408), rememora as peças de teatro que apresentaram em Picos:

Nós apresentamos uma peça teatral no salão do Instituto Monsenhor Hipólito em 1952. Eu não me lembro do nome da peça, mas era sobre a Revolução Francesa. Inclusive, o Ozildo Albano foi quem apareceu com essa peça. Falava-se muito em Paris, em guerra. Eu era uma espécie de bandido na peça. Eu era contra os revolucionários. [...] Era uma obra clássica, era muito boa a peça. Ela já era mesma uma peça adaptada, mas Ozildo Albano era quem

dirigia naturalmente. Ozildo Albano era quem contratava com as irmãs lá, ele se entendia, na qualidade dele de seminarista, de bom comportamento. Esse entendimento era com ele, o Ozildo, [...].

Pode-se fazer algumas leituras sobre as práticas educativas desenvolvidas por Ozildo Albano, quando esteve como presidente do Grêmio Literário Da Costa e Silva. A princípio, tudo era feito no âmbito da escola, mas algumas atividades foram realizadas em outros espaços, como no Instituto Monsenhor Hipólito.

O Diretor do Ginásio Picoense incumbiu Ozildo Albano de fazer os eventos no Instituto Monsenhor Hipólito tanto pelo acesso que ele tinha naquela escola quanto por ser um espaço central, em que a sociedade picoense poderia experimentar o clima cultural que estava acontecendo, no Ginásio Estadual Picoense.

A ilustração 09 traz a fotografia do professor José Vidal de Freitas, que contribuiu na formação de muito jovens picoenses, dentre eles, Ozildo Albano. Assim como houve a apropriação dos ensinamentos da professora Hilda Policarpo, Ozildo levou para si traços do perfil do educador que marcou sua trajetória ginásial, a ponto de seguir a carreira jurídica, tornando-se, posteriormente, juiz de Direito.

Ilustração 09 –Fotografia: Professor José Vidal de Freitas



Fonte: Museu Ozildo Albano

Foi no teatro que ele, juntamente com os seus colegas do Ginásio Estadual Picoense, puderam levar para a sociedade um pouco dos eventos históricos e

produção literária que se evidenciaram em contextos culturais diversos. Alguns textos, ele mesmo adaptava e, quando fazia isso, separava as partes, pensando naquele que iria interpretar no palco. Conforme Lélis (2016, p.375), ao lembrar sobre as peças teatrais organizadas por Ozildo Albano informou que:

Ozildo Albano fazia essas peças, arranjava aquele tempo para isso. Pegava esses livros, tirava e escolhia as personagens para a turma. Então, Ozildo levava aquela peça e ensaiava. Não foi só a peça “O Avaro” que ele dirigiu, não. Até a gente brincava com ele, os meninos todos, e diziam: - Nós não vamos ser artistas de segunda classe, não, nós vamos ser de primeira grandeza. [...] Ozildo Albano se enveredou pelo teatro foi por causa dessas leituras dele. Ele se encantou com aquilo e ele gostava. Eu não sei como era que guardava tanta coisa. Ozildo fazia a peça, a parte de cada um e depois convidava e distribuía aquelas partes que ele tirava um para cada um, um era Albertino, Alfredo Albano, José Bezerra Rodrigues. Ozildo dirigia as peças e apresentava o drama, como a gente chamava. Ele fazia isto tudo e ensaiava. Ele tinha todo cuidado, ele se dedicava nas coisas que fazia e bem feito.

O capital cultural de Ozildo Albano, ainda jovem, contribuiu na educação literária e teatral de seus colegas e daqueles que participaram dos eventos culturais por ele organizados. O educador emergia, sem ser percebido e sem perceber.

Além das apresentações teatrais com textos por ele adaptados, Ozildo dirigia e participava com os demais colegas, no salão nobre do Instituto Monsenhor Hipólito de Picos, no início da década de 1950, da organização dos eventos para escolha da **rainha dos estudantes picoenses**.

Os estudantes se mobilizaram para arrecadarem fundos para a criação de um jornal estudantil em Picos. Mais uma vez, o Diretor e professor José Vidal de Freitas foi um dos incentivadores da aquisição da máquina tipográfica e a circulação de um periódico no município.

No começo do ano letivo de 1953, a primeira turma do Ginásio Estadual Picoense já se preparava para a grande festa de formatura que iria ser realizada no final do mesmo ano. Segundo Lélis (2016, p.375),

Ozildo era um cara que tudo ele sabia fazer, ele dava um jeito. [...] Quando nós começamos o 4º ano, lá no Ginásio Picoense mesmo, nós combinamos que não ia ter patrocinador. Nós íamos arrumar um jeito de arrecadar o dinheiro pra fazer a festa de colação. Aí, fizemos, fizemos um pacto primeiro na turma. Tudo que a turma designasse para um fazer, todos tinham que fazer. O que o presidente dissesse, todos tinham que fazer. Como a presidência ficava com [...] o Ozildo mesmo, aí, eu era o tesoureiro. [...] Aí, nós fomos fazer a festa, a

feira de São João. E nós comemoramos no local onde se localiza os Correios de Picos.

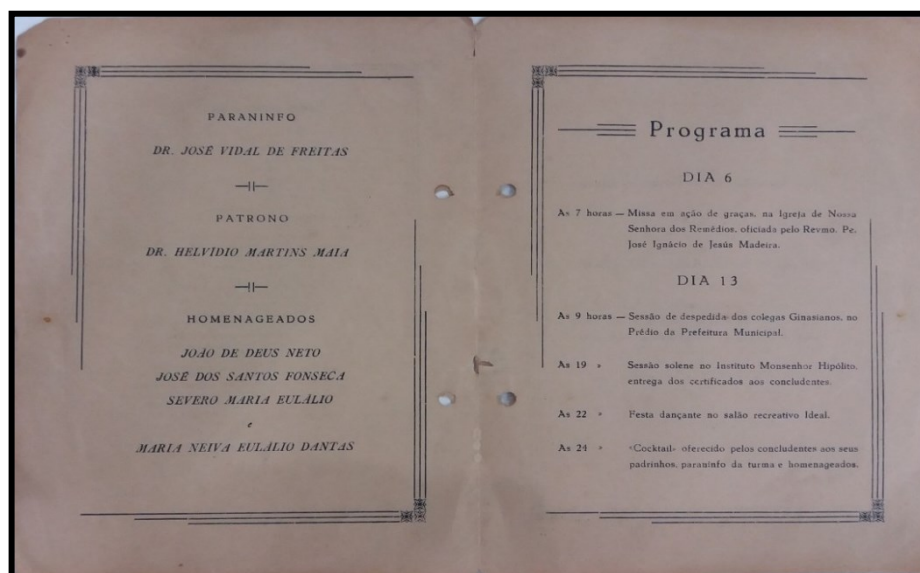
Os concludentes do curso ginasial optaram em realizar as atividades da formatura sem o auxílio do patrocínio dos políticos locais. Isso implicou em esforço do grupo em adquirir fundos suficientes para as despesas. Sob as orientações de Ozildo Albano, organizaram festas para obterem o dinheiro necessário para terem o baile, no final do ano de 1953.

Ozildo Albano foi o orador da primeira turma de ginasianos de Picos. A formatura se deu entre os dias 06 a 13 de dezembro de 1953. A programação do dia 06 de dezembro de 1953 foi a Missa de Ação de Graças realizada na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, pelo padre José Ignácio de Jesus Madeira.

No dia 13 de dezembro de 1953, às 9 horas, ocorreu a sessão de despedida dos colegas ginasianos, no prédio da Prefeitura Municipal de Picos. Às 19 horas, foi a sessão solene realizada no Instituto Monsenhor Hipólito, com a entrega dos certificados aos concludentes da primeira turma de ginasianos da cidade.

Ao término da cerimônia de formatura, às 22 horas do dia 13 de dezembro de 1953, realizou-se o baile de formatura, no salão recreativo Ideal. E, por fim, às 24 horas, foi servido um coquetel oferecido pelos concludentes aos seus padrinhos, ao paraninfo da turma, o professor José Vidal de Freitas, e demais homenageados.

Ilustração 10 – Imagem: Convite de formatura do Ginásio Picoense (programação)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 10 contempla parte do convite de formatura da Turma Vidal de Freitas, concludentes do ano de 1953, com a programação completa dos eventos que seriam realizados. Tratava-se de convite simples, contendo o nome do paraninfo, patrono e homenageados, assim como a programação dos dias 06 e 13 de dezembro de 1953.

2.7 A formação escolar no Liceu Cearense e na Universidade Federal do Ceará: A busca por conhecimento fora do Piauí

Depois que Ozildo Albano concluiu o curso no Ginásio Estadual Picoense, no ano de 1953, deu sequência aos seus estudos em Fortaleza-CE. Por lá, uma nova experiência de vida o aguardava. A princípio, teve que ficar morando na **Casa do Estudante**, local que era reservado para os estudantes que vinham de outros Estados. Segundo Silva Albano (2017, p.422),

Ozildo terminou o ginásio em 1953 e fez o teste seletivo para o Liceu cearense em 1954. [...] O Liceu representou um avanço para Ozildo e foi a busca das ideias dele de estudo, de ampliar os conhecimentos. Lá, eu me lembro de que Ozildo frequentava os eventos, conversava com os professores. Ele me levava. [...] Ozildo se dava com as famílias dos colegas, ele se aproximava, tinha essa facilidade.

Como se pode perceber, antes do ingresso de Ozildo Albano no Colégio Estadual do Ceará, o Liceu Cearense, para cursar o científico, ele fez o exame de admissão. Na ocasião, não chegou a fazer nenhum cursinho preparatório para fazer o teste seletivo. Foi com os conhecimentos que tinha adquirido em Picos, durante os quatro anos que cursou no ginásio, que conseguiu obter êxito na prova.

Foi aprovado e matriculou-se no Liceu Cearense, no ano de 1954. Era algo que queria cursar, mas sabia das dificuldades financeiras que enfrentaria. No entanto, sabia que a estada em Fortaleza iria proporcionar mais conhecimentos, pois havia um mundo desconhecido que precisava desbravar.

Aos poucos, Ozildo Albano ampliou o seu ciclo de amizade em Fortaleza. O Liceu Cearense deu-lhe a base necessária para atingir novas metas, não perdia nenhum evento que era realizado no colégio. Aproveitou todos os momentos em que esteve por lá, frequentou os diferentes espaços culturais da cidade e apreciou a literatura feita pelos escritores do Estado do Ceará.

Durante os anos em que estudou no Colégio Estadual Liceu do Ceará, Ozildo Albano se manteve com a ajuda que os seus pais lhe enviavam. Posteriormente, conseguiu aumentar a sua renda mensal com as aulas particulares que dava, durante os momentos em que não estava assistindo as aulas.

Quando concluiu os estudos no Liceu, submeteu ao vestibular para o Curso de Direito, na Universidade Federal do Ceará. Aprovado, matriculou-se no ano de 1957 numa das Universidades mais concorridas do Nordeste, na área de Direito.

A escolha pelo Curso de Direito veio, além das influências de leituras que conduziram o seu pensamento crítico, também pela admiração que tinha pelo seu professor, José Vidal de Freitas, que era juiz de Direito, em Picos, por ser um homem culto, que lia muito e tinha comportamento ético reconhecido na sociedade picoense. Silva Albano (2017, p.422), ao narrar sobre a escolha de Ozildo Albano pelo curso de Direito, explicou que:

Naquela época, fazia muito o Curso de Direito. Era o curso primeiro do que Medicina. [...] Nas famílias tinha mais gente no Curso de Direito. Eu não sei se porque Medicina era mais caro. Não restam dúvidas de que Doutor Vidal de Freitas influenciou o Ozildo na escolha. O comportamento ético de Doutor Vidal e as próprias disciplinas que ele lecionava.

Em Fortaleza, começou uma das etapas mais significativas na sua trajetória de vida: tornou-se bacharel em Direito e participou ativamente do movimento estudantil que tinha ligação com a religião católica, o Juventude Universitária Católica. Silva Albano (2017, p.422) trouxe dados importantes sobre esse período:

[...] Outra coisa também que foi muito importante para Ozildo, o movimento estudantil. Foi um movimento ligado à religião, o JUC (Juventude Universitária Católica). Ozildo participou ativamente desse movimento. [...] Eu participei de vários encontros nas tardes de sábado, em Fortaleza. Tinham as leituras da Bíblia e as aplicações daquelas leituras na prática, principalmente levando para a questão da solidariedade, da vivência e dos valores que Jesus Cristo pregava. Então, naquele tempo, eles discutiam sobre a reforma agrária, a conjuntura política e social do Brasil do tipo: por que Fortaleza tem tanta favela? Essas questões sociais. Nesses encontros tinham alunos de Medicina, Direito, Letras, Pedagogia, Agronomia. Todos participavam. Era gente preparada e lá se debatia. Foi muito bom para a formação deles.

A atuação de Ozildo no movimento estudantil cearense Juventude Universitária Católica, oportunizou-lhe não apenas o alargamento do acesso às

discussões religiosas e culturais, mas, sobretudo, o aprimoramento de sua formação como cidadão, engendrando uma consciência cidadã.

A pluralidade de temas que gravitava nas reuniões, que iam do conhecimento das mazelas sociais locais, como as favelas cearenses, até os temas de âmbito maior, como a reforma agrária, deram-lhe a possibilidade de perceber melhor o seu entorno social e político.

O movimento agregava jovens universitários católicos que buscavam difundir os valores e princípios da fé católica, nas universidades, mas que se interrelacionavam com as causas sociais dos marginalizados.

Em 1961, Ozildo Albano bacharelou-se em Direito pela Universidade Federal do Ceará. Os eventos da formatura aconteceram nos seguintes dias do mês de dezembro: no dia 08, às 10 horas, houve a bênção dos anéis e Missa em Ação de Graças, celebrada por Dom Antônio de Almeida Lustosa, arcebispo de Fortaleza, na época.

A ilustração 11 apresenta o momento da bênção dos anéis, em que Ozildo Albano recebeu de sua madrinha de formatura, Conceição Albano, o anel de bacharel em Direito.

Ilustração 11 – Fotografia: Bênção dos Anéis, na Missa em Ação de Graças (1961)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Sobre o anel de formatura que Ozildo Albano foi presenteado, Silva Albano (2017, p.422) relembrou de um episódio que marcou o jovem bacharel:

[...] Ozildo, quando terminou o Curso de Direito, ganhou dois anéis. Um anel do meu avô, Justiniano Caminha de Macedo, que era o pai de minha mãe; o outro, ele ganhou do pai de um colega dele lá do Ceará. [...] Ozildo se dava demais com aquela turma. No fim de semana, Ozildo ia para a casa dos colegas.

O presente recebido do avô Justiniano Caminha de Macedo representou o carinho familiar pelo neto que, naquele contexto, conseguiu se formar e levar o nome da família junto. Quanto ao anel recebido de presente do pai de um de seus amigos de curso representou o carinho de pessoa fora da família, de outro Estado que abraçava e reconhecia a ética e a competência daquele jovem jurista.

No dia 16 de dezembro, às 20 horas, ocorreu a Colação de Grau que foi realizada na Concha Acústica e Auditório Martins Filho. Em 17 de dezembro, às 16 e 22 horas, respectivamente, realizaram-se a solenidade de encerramento, no auditório da Faculdade de Direito e o Baile de Confraternização Universitária.

Ilustração 12 – Fotografia: Ozildo Albano na Colação de Grau (1961)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Ilustração 13 – Fotografia: Turma de formandos em Direito da UFC (1961)



Fonte: Museu Ozildo Albano

As ilustrações 12 e 13 mostram o encerramento do processo formativo acadêmico de Ozildo Albano, em Fortaleza. Naquela faculdade, nasceu o jurista que escreveria sua história no Direito, tanto na advocacia quanto na magistratura, mas o educador estava ali, sabendo que não seria sufocado em nenhuma atividade profissional escolhida pelo picoense.

2.8 Percursos jurídicos do educador Ozildo Albano: Entre a advocacia e a magistratura

Depois de concluído o Curso de Direito, na Universidade Federal do Ceará, retornou para a cidade de Picos, onde desempenhou algumas atividades, dentre elas, a fundação do Instituto Padre José de Anchieta, em 1962; assumiu a direção e foi professor do Colégio Comercial de Picos, também em 1962 e, em 1966, iniciou a organização do Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha que, posteriormente, em 1990, recebeu o nome de **Museu Ozildo Albano**.

Em 1962, montou seu escritório de advocacia, em sua terra natal. Conforme Santos (2017, p.388), advogado picoense:

Ozildo tinha muito conhecimento no campo jurídico. Eu consultava muito o Ozildo. Eu era recém-formado e percebia isso. Ozildo me orientava muito. Ele dizia: - Faça assim, não faça do jeito que você está pensando, não dê a resposta agora, sem contudo, não perder prazos, ainda não está na hora, a melhor defesa é o ataque. Ozildo era muito preparado em todos os sentidos.

Na sua rápida passagem pela advocacia, após a formatura, atuou na Comarca de Picos e deu sua contribuição ao Direito. Mas, deve-se destacar, conforme o afirmado por Santos (2017), que Ozildo dava orientações jurídicas aos advogados a ele contemporâneos. Essas orientações eram práticas educativas específicas da área de atuação.

Nas orientações jurídicas dadas aqueles que o procuravam, aflorava o educador. Apontava não apenas as recomendações doutrinárias, jurisprudenciais e legais, mas ensinava como o jurista deveria proceder frente a cada situação concreta.

Exerceu durante pouco tempo a advocacia na cidade de Picos, após sua formatura, porque fez concurso para Juiz de Direito e conseguiu ser aprovado.

Assumiu uma comarca de primeira entrância, na cidade de Pio IX, no Estado do Piauí, conforme ato do governador do dia 04 de fevereiro de 1964.

Na sua atuação na magistratura, Ozildo Albano ficou conhecido pelo seu capital jurídico, por ser um estudioso do Direito e exímio aplicador da lei. Era conhecedor das leis, da doutrina e dos vários campos do direito brasileiro. Segundo informou Fontes (2017, p. 404),

[...] Ozildo Albano tinha um grande cabedal jurídico. A prova é que ele fez o concurso para juiz e foi aprovado, bem aprovado. Não vi falar de decisões de Ozildo sendo reformadas. Ozildo deixou de ser juiz por outros motivos e não por falta de conhecimentos, não foi por isso. Ozildo Albano foi um jurista importante, observando tanto a sua atuação como advogado, quanto como juiz. Eu nunca vi falar de decisões de Ozildo sendo contestadas e reformadas, não. Ozildo era um jurista conhecedor das leis e da filosofia das leis, que é o mais importante. E quando eu digo que Ozildo era um jurista conhecedor da filosofia das leis é que conhecia as leis em número e sua interpretação no campo jurídico, sociológico, filosófico e até mesmo antropológico. Ozildo tinha conhecimentos. Ele seguia todos os preceitos do nosso ordenamento jurídico. E ele tinha muito conhecimento constitucional. Ozildo tinha um conhecimento geral muito vasto. Com certeza, fez dele um intelectual. Ele se completou no campo jurídico. Ele tinha conhecimentos não era só da parte jurídica, constitucional. [...] Ozildo tinha uma admiração, a gente via, pelo jurista Coelho Rodrigues. Ozildo fez a biografia dele. Ele foi quem fez o primeiro projeto do Código Civil Brasileiro, por motivo que nunca foram bem explicados, depois o projeto passou a ser do Clóvis Beviláqua. Mas, o primeiro projeto foi de Coelho Rodrigues, nascido bem aqui no Boqueirão.

O preparo para estar à frente da magistratura não veio apenas de sua formação acadêmica, mas também de sua trajetória de vida até aquela etapa. O homem culto que teve uma vida envolvida na leitura, pesquisa, escrita, arte, com pessoas de grupos sociais e origens diversas, estava preparado para julgar de forma ética, com conhecimento da realidade de seu povo.

Não se deve esquecer de sua formação cristã recebida tanto no seio familiar quanto no Seminário. As bases da mentalidade religiosa que o modelaram, conferiram-lhe uma perspectiva solidária que, inevitavelmente, atravessou sua prática judicante. Segundo Santos (2017, p.386-388), advogado picoense:

O período que Ozildo passou no seminário ajudou a ele posteriormente no campo jurídico [...]. Ozildo era um homem ético, não fugia dos padrões éticos e morais. Ele era muito desapegado aos bens, isso era dele mesmo. [...] Esse comprometimento era da sua própria formação berçária, da formação religiosa, sem sombra de

dúvida. [...] Como jurista Ozildo Albano foi muito eficiente. Sempre demonstrando, mesmo muito modesto como era, conhecimento e talento. Foi uma pessoa que realmente dominava o direito, mas também, a filosofia do direito. Ozildo se saiu muito bem como jurista.

O estudioso das Ciências Jurídicas conseguiu fazer a ponte entre o aprendido na universidade, através do currículo oficial e seus direcionamentos e o aprendido nas leituras diversas. Isso fez com que o peso da toga não recaísse em sentenças pesadas, mas conforme a lei e a uma perspectiva mais sociológica do Direito.

No dia 27 de junho de 1966, conforme ato do governador do Estado do Piauí, respaldado no processo nº 3213/1966, do Departamento de Administração Geral, foi promovido por antiguidade o juiz José Albano de Macedo para a comarca de Jaicós-PI, de segunda entrância, que se encontrava vaga.

Em Jaicós, Ozildo Albano continuou exercendo a magistratura da mesma forma que desenvolveu na cidade de Pio IX.

Foi aposentado, por Ato datado de 26 de agosto de 1969, da lavra do Presidente da República, o Marechal Artur da Costa e Silva e publicado no Diário Oficial da União, de 27 de agosto de 1969, com vencimentos proporcionais ao tempo de serviço prestado ao Judiciário do Estado do Piauí.

O governador do Estado do Piauí, Helvídio Nunes de Barros, deu cumprimento à decisão da Presidência da República, oriunda do processo nº 01-0676/70, da Secretaria de Governo, datada de 08 de maio de 1970, confirmando a fixação dos proventos da inatividade do juiz de Direito José Albano de Macedo, em NCr\$ 80,64 (oitenta cruzeiros novos e sessenta e quatro centavos) mensais.

A fundamentação da aposentadoria precoce de Ozildo Albano encontrou respaldo no artigo 6º, §§ 1º e 2º do Ato Institucional nº 05, de 13 de dezembro de 1968, a saber:

Art. 6º - Ficam suspensas as garantias constitucionais ou legais de: vitaliciedade, inamovibilidade e estabilidade, bem como a de exercício em funções por prazo certo.

§ 1º - O Presidente da República poderá mediante decreto, demitir, remover, aposentar ou pôr em disponibilidade quaisquer titulares das garantias referidas neste artigo, assim como empregado de autarquias, empresas públicas ou sociedades de economia mista, e demitir, transferir para a reserva ou reformar militares ou membros das polícias militares, assegurados, quando for o caso, os vencimentos e vantagens proporcionais ao tempo de serviço.

§ 2º - O disposto neste artigo e seu § 1º aplica-se, também, nos Estados, Municípios, Distrito Federal e Territórios.

As garantias constitucionais asseguradas na Constituição Federal de 1967, aos juízes de Direito, foram deixadas de lado e Ozildo Albano, sem o devido processo legal e sem saber as razões fáticas e de direito, foi compulsoriamente aposentado.

Tais garantias encontravam-se dispostas no artigo 108 da Constituição de 1967, a saber:

Art. 108. Salvo as restrições expressas nesta Constituição, gozarão os juízes das garantias seguintes:

- I. vitaliciedade, não podendo perder o cargo senão por sentença judiciária;
- II. inamovibilidade, exceto por motivo de interesse público, na forma do § 2º;
- III. irredutibilidade de vencimentos, sujeitos, entretanto, aos impostos gerais.

A força do AI-5, porém, oportunizou ao Estado brasileiro seqüestrar as garantias constitucionais e, de forma kafkaniana, compulsoriamente aposentar Ozildo Albano, sem o processo judicial.

Não se pode precisar a dimensão do dano de ordem material e moral que tal decisão política de exceção causou em Ozildo, uma vez que, se algum escrito deixou relatando sobre o tema, não foi ainda encontrado. O que se teve acesso, como fonte documental, foi a petição por ele escrita e dirigida ao Tribunal de Justiça do Estado do Piauí, datada de 06 de junho de 1984, requerendo a aposentadoria integral.

Para fins de conhecimento e análise, necessária a transcrição, na íntegra, do requerimento:

Exmo. Sr. Des. Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Piauí.
JOSÉ ALBANO DE MACEDO, brasileiro, maior, solteiro, magistrado, aposentado, residente na cidade de Picos-Piauí, vem, respeitosamente, perante Vossa Excelência, com apoio no art. 4º, da Lei nº 3928, de 04.06 do ano em curso, publicada no Diário da Justiça de nº 681-A, alegar para, no final, requerer o seguinte:

1. Que tendo prestado concurso público de provas e títulos, obtendo aprovação, foi nomeado, em caráter efetivo, para o cargo de Juiz de Direito Adjunto da 4ª zona, com sede em Picos, conforme documento de nº 01;
2. Que, em 20.07.64, prestou o respectivo compromisso legal, entrando no exercício pleno do cargo e, por força da Portaria de nº 72/64, da douta Presidência do Egrégio Tribunal, datada de 11.07.64, foi designado para servir, permanentemente, na comarca de Pio IX, até ulterior deliberação – doc. nº 02;
3. Que servia naquela comarca até quando, no dia 01.12.64, foi promovido, por antiguidade, para a mesma comarca de Pio IX, de 1ª entrância, em caráter vitalício – doc. nº 03;

4. Que na mencionada comarca de Pio IX, permaneceu, ininterruptamente, até o dia 27.06.66, quando foi promovido, por antiguidade, para a comarca de Jaicós, de 2ª entrância – doc. nº 04;

5. Que durante sua serventia como Juiz Adjunto da 4ª zona, Juiz de Direito em exercício na comarca de Pio IX, como Juiz de Direito-titular – da comarca de Pio IX, de 1ª entrância e como Juiz de Direito-titular, da comarca de Jaicós, de 2ª entrância, não respondeu a qualquer processo e nem sofreu nenhuma penalidade.

6. Que, mesmo assim, para surpresa sua foi, abruptamente, por ato discricionário da Revolução, aposentado, por motivo até aqui inteiramente desconhecidos do postulante, percebendo, a título de remuneração, ínfimos proventos, juntando, para comprovar, o contracheque que, humildemente, recebe todos os meses, como aposentado – doc. nº 05;

7. Que nunca viu o processo de sua aposentadoria compulsória e que, por razões de ordem moral e de foro íntimo, revoltado com tamanha e brutal injustiça, não interessou-se em corrigir a sua vida funcional, toda ela pautada dentro dos parâmetros estabelecidos para o desempenho da função judicante que, no albor dos anos abraçá-la, depois de ingentes esforços nos estudos e muita luta pela vida, para conquistar um lugar ao sol;

8. Que o ato da sua aposentadoria, tão inesperado e injusto, deixou o requerente verdadeiramente transtornado e revoltado com a própria vida, o que lhe tornou indiferente a tudo e a todos, ao ponto de não ter condições psicológicas para requerer, na época oportuna, os benefícios da lei de anistia, o que, na verdade, não fez, por questões de amor próprio.

Com os presentes argumentos e a documentação anexa, vem, respeitosamente, perante Vossa Excelência, com base no disposto no art. 4º, da Lei nº 3.928, de 04 do fluente, requerer a expedição da respectiva apostila, onde seus proventos sejam fixados, no momento, em Cr\$ 606.900,00 a título de vencimento padrão a Cr\$ 606.900,00, a título de representação, no total de Cr\$ 1.213.800,00 (um milhão, duzentos e treze mil e oitocentos cruzeiros), valores atribuídos, a partir de 1º de junho do corrente ano, ao Juiz em atividade, da mesma entrância (2ª) em que o requerente foi despojado, sem qualquer defesa.

N. termos,

P. deferimento.

Teresina, 06 de junho de 1984.

José Albano de Macedo

O próprio Ozildo Albano informou, no requerimento em destaque, que sua aposentadoria se deu sem ter sido precedida por um processo judicial, em que a ele fossem abertos o contraditório e a ampla defesa, além de, em sua trajetória, na magistratura, não ter sofrido nenhuma penalidade.

Discricionariamente, por ato da revolução, por motivos desconhecidos por Ozildo, foi sumariamente aposentado. Ao afirmar que “nunca viu o processo de sua aposentadoria compulsória”, Ozildo mostra a dimensão que foi a violência simbólica

e concreta a ele imposta, não lhe foi tirada a vida com um tiro de fuzil, mas lhe foi seqüestrado o gosto pela vida, por ato “inesperado e injusto”.

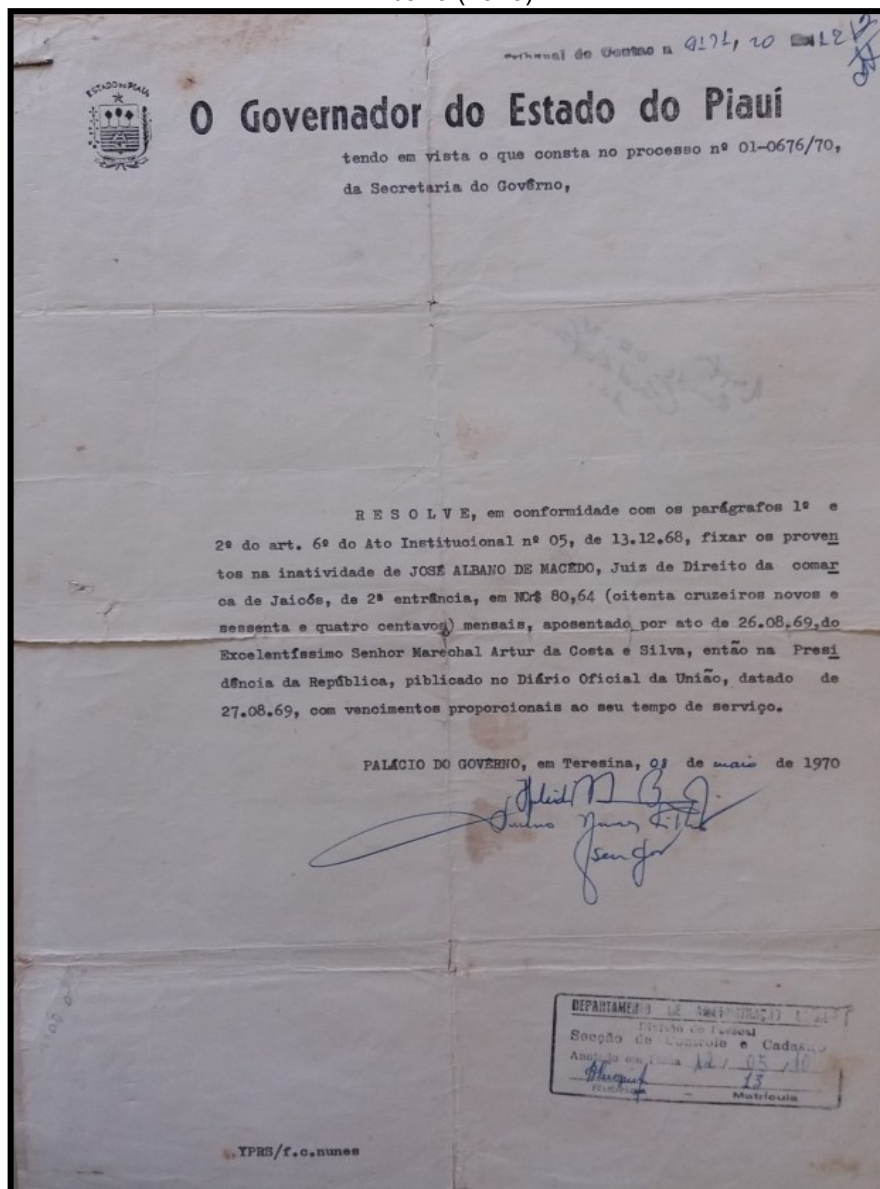
Ter se tornado, como afirmou, “indiferente a tudo e a todos, a ponto de não ter condições psicológicas para requerer, na época oportuna, os benefícios da lei da anistia, o que, na verdade, não fez, por questões de amor próprio”, mostra, em síntese, o que significou a violência da aposentadoria compulsória a alguém que construiu uma história de vida a partir de esforço próprio e alicerçado em valores morais e princípios éticos, que estavam acima das circunstâncias políticas em que estava inserido.

Aquele que era a cultura viva de Picos, de próprio punho registrou a sua dor de existir, mostrou não apenas ao Tribunal de Justiça as chagas abertas de um inocente, legou aos leitores futuros a imagem de um homem vítima de um sistema incomunicável com os seus cidadãos.

Ao afirmar que “por razões de ordem moral e de foro íntimo, revoltado com tamanha e brutal injustiça, não interessou-se em corrigir a sua vida funcional [...]”, Ozildo revelou que, após a aposentadoria, não quis questionar o que levou o governo brasileiro a contra ele apontar o fuzil simbólico travestido de aposentadoria, deixando a decisão discricionária sem o devido questionamento.

Não enfrentar o Estado e sua sumária decisão não pode ser lido e entendido como ato de covardia, mas a prova de que se estava diante de homem vanguardista para o seu tempo. Embora sua escolha tenha lhe encaminhado para a perda do gosto de viver, numa flagrante depressão, deixando-o “transtornado e revoltado com a própria vida”, fato que foi depurado através do retorno á religião, ao magistério e no mergulho na boemia através do Trio Acadêmico.

Ilustração 14 – Imagem: Ato do Governo do Estado do Piauí que fixou a aposentadoria de Ozildo Albano (1970)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Mesmo depois que Ozildo Albano deixou o cargo de Juiz de Direito, continuou visitando as famílias que o acolheram em Jaicós e Pio IX. Conforme sua amiga Moura (2016, p.478):

Da trajetória de jurista que Ozildo Albano exerceu, ele [...] me falava das amizades conquistadas no período da magistratura. Das famílias, Ozildo tinha como extensão da família daqui, é tanto que ele continuava frequentando essas famílias, continuava indo aos festejos lá. Aquelas famílias que acolheram ele muito bem. Agora, Ozildo tinha mais ligação realmente com as famílias de Pio IX. [...] Ozildo era uma pessoa que procurava fazer seu trabalho com justiça, sendo justo e, isso, causava impacto nas pessoas.

Encerrou a carreira na magistratura com dignidade e retomou à advocacia e às atividades na educação escolar, em Picos.

2.9 A educação pela cultura: Ozildo Albano e a mediação de práticas culturais

Como pesquisador, Ozildo Albano abriu caminhos que possibilitaram o conhecimento do passado da história de Picos. Como **homem de ação**, soube tratar com sabedoria e diplomacia a gente simples dos interiores por onde garimpou os seus conhecimentos. Segundo a ex-aluna Sinval (2016, p.430-431):

A marca de Ozildo era a simplicidade. Ele era intelectual e simples demais. Um homem que sabia conversar com o doutor e com o matuto. Ele era culto. Quando eu viajava com ele, no projeto de alfabetização, ele viajou comigo umas duas vezes. Ele não tinha negócio, não. Eu dizia: - Ozildo, vamos viajar, vamos para tal lugar?. Nesses interiores, ele ali, sentado comigo, enquanto as professoras davam as aulas. Aí, o matuto estava lá na rede, o dono da fazenda. Ele sentava ali e conversava e, no fim, saia um grande almoço. Ele conversava tantas coisas, naquele método vulgar, como se diz, empírico. Empiricamente ele conversava, coisas que aprendi com ele na época. Eu nunca me esqueci de um caso, quando eu estava sentada e ele de frente ao matuto, fumando aquele cigarrão e Ozildo puxando conversa. Aí, o homem disse: - fulano de tal, vai deixar o gado em tal roça. E o outro disse: - não, o boi que vai ser abatido essa semana, bota de trás da roça, o que vai ser abatido na outra semana, daqui a tantos quilômetros. Eu não prestei muito atenção. Aí, eu disse: - Ozildo, tu aguentou aquela história daquele matuto?. Ele disse: - Tu não prestaste atenção? Oh! servir pra ti, o matuto disse que as vacas que vão ser abatidas agora vão pra perto, pra carne não endurecer. As vacas que vão ser abatidas, não sei quando, vão pra longe pra engordar, as carnes vão ficar dura porque elas vão caminhar. Então, tu não prestas atenção às coisas. E agradei aquilo.

Atento aos valores e aos costumes de sua época, Ozildo Albano foi coletando as histórias que faziam parte do **saber empírico** da vivência interiorana do homem do campo. Assim foi registrando e catalogando as coisas do sertão, da natureza e os inúmeros fatos pitorescos que faziam parte do cotidiano da cidade e das localidades próximas.

A preocupação com a preservação das manifestações de cunho folclórico fazia parte do discurso de Ozildo Albano. Em vista disso, tomou para si a responsabilidade de resgatar, dentre outros, o reisado, o bumba-meu-boi, rodas de

São Gonçalo, danças caipiras, o pastoril, os batuques, os desafios e o cavalo piancó. Conforme Moura (2016, p.474),

Ozildo Albano foi fundo nas nossas raízes folclóricas. Ele, mesmo jovem, tinha uma maturidade de conviver com pessoas idosas que passavam para ele toda essa história do pastoril, do São Gonçalo, do reisado, do folclore. Ozildo se identificava muito com isto. Ele era uma pessoa muito popular. [...] Ozildo viu que a cultura popular estava, aos poucos, sendo esquecida e tinha receio de que um dia isso seria extinta.

Pela história narrada acima, percebe-se que Ozildo Albano se identificava com as suas raízes culturais e via que tudo poderia um dia cair no esquecimento. Lutou o quanto pode para divulgar os conhecimentos sobre a cultura popular nos jornais locais e nas feiras culturais que realizou em Picos e outras cidades do Piauí.

O homem culto que era não se permitia ser identificado por isso. Aproximava-se das pessoas de forma a deixá-las à vontade, sem se intimidarem com seu capital cultural. Gostava de aprender e, para isso, sabia que a melhor forma era se fazer acessível a todos.

Em diversos textos publicados nos jornais de Picos, mostrou a importância de colocar em evidência aspectos particulares que diziam respeito à construção da identidade das gentes de sua terra. Aproveitava para discorrer sobre os saraus, em casas particulares, onde se realizavam cantos e modinhas, seguidas por instrumentos musicais, as rodas de calçadas onde se cantava, brincava de prendas e colocava os assuntos em dia.

A preocupação em tudo registrar, estava associada à idéia de preservação da história e da cultura. Com o crescimento da cidade e a sua inevitável modernização, muitas famílias se deslocaram da zona rural em busca de melhores condições de vida, na zona urbana. Por isso, preservar as práticas folclóricas na cidade se tornava mais difícil. Então, conhecer para preservar, nem que fosse através de escritos, foi a saída encontrada por Ozildo Albano para não deixar desaparecer a **cultura imaterial** local.

Ozildo Albano buscou informações sobre a cultura popular em conversas informais com pessoas idosas que traziam na memória as raízes culturais herdadas de seus antepassados. No relato da sua amiga Moura (2016, p.470-471):

Podemos afirmar que Ozildo Albano foi um dos nossos maiores arautos da cultura picoense, porque toda a história de Picos, todas

as nossas raízes culturais, nós só tomamos conhecimento de sua existência através das pesquisas de Ozildo Albano. Ozildo garimpou as raízes culturais nossa, em termos de danças, folguedos, toda essa questão cultural das ceramistas, das que faziam as bonequinhas de artesanato de feira, as que trabalhavam com artesanato de palha, de couro, tudo isto ele pesquisou e incentivava. Inclusive, Ozildo foi o idealizador do Grupo Mutirão Arte e Cultura. Ele era o nosso líder [...]. Ozildo queria resgatar toda essa história, trazer à tona, porque estava esquecido, era o pastoril, o São Gonçalo, essas danças mais antigas, ele queria resgatar, trazer. Então, através do Grupo Mutirão Arte e Cultura nós conseguimos levar esses grupos para apresentações na Praça, faziam exposições artesanais de couro, de palha, de madeira, de cerâmica e as pessoas vendiam seus produtos. Era uma feira linda que a gente fazia. Aí, participava Albano, eu, Dona Olívia, José Osvaldo, Erivan Lima, Ozildo Batista de Barros, Belinha, a irmã de Ozildo Batista de Barros, Vilebaldo. Eram muitas pessoas que integravam. Então, a gente mantinha um recital, na praça. Heraldo Santos lançou um livro e outros que lançaram livros também, naquela época. Vilebaldo declamava os poemas, José Osvaldo também, dona Olívia e todos nós fazíamos essas apresentações, nessas feiras culturais.

A preocupação em registrar os dados da cultura local também fez de Ozildo Albano um historiador local com preocupação voltada para anotações de dados culturais da comunidade picoense. As pesquisas sobre danças e folguedos, os ceramistas locais que produziam suas peças e vendiam na feira livre semanal, no centro de Picos e que embelezavam o espaço da feira com peças diversificadas, das panelas aos potes de uso doméstico, assim como as artesãs de bonecas de palha e da arte em couro com seus produtos diversos a serem usados pelo trabalhador rural.

Ilustração 15 – Fotografia: Arte em cerâmica sendo vendida na feira livre, em Picos (s/d)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na ilustração 15, vê-se um garoto, possível filho de ceramista, ao lado de potes de cerâmica, vendidos na feira livre. Este era e é um dos retratos da cultura e da economia local picoense, em que os artesãos produzem sua arte e a vendem na feira local, especialmente nos sábados.

Uma das iniciativas culturais empreendidas por Ozildo Albano foi a organização do movimento educativo **Mutirão Arte e Cultura**, em 1985, que contou com a participação de diversas pessoas da sociedade que se preocupavam com a preservação das raízes culturais picoenses e com a promoção da cultura em suas várias faces, sobretudo na luta pelo tombamento do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, para a transformação deste em uma Casa de Cultura.

Das muitas atividades culturais realizadas pelo Mutirão Arte e Cultura, destacaram-se a realização de exposições de peças artesanais em couro, tecido, palha, cerâmica dos artesãos locais, assim como recitais de poesias por poetas picoenses, danças, músicas e outros.

O movimento Mutirão Arte e Cultura, sob a liderança de Ozildo Albano, promoveu a realização de práticas educativas diversas em Picos, abrindo espaço para pessoas simples apresentarem seu trabalho cultural e, assim, repassarem às gerações presente e futuras marcas da identidade local.

2.10 Atravessando a vida política: Ozildo Albano no contexto do Departamento Municipal de Cultura

Em abril de 1983, devido à notoriedade que exercia no campo da cultura, foi escolhido em sessão da Câmara Municipal de Picos para ocupar o cargo de **Chefe de Departamento Municipal de Cultura**. Nesse período, angariou esforços no sentido de pesquisar, através de documentos guardados em arquivos públicos e de relatos orais de pessoas idosas, dados necessários para montar uma galeria histórica dos Prefeitos do Município de Picos, de 1890 a 1988.

A galeria contemplou desde o primeiro Intendente Municipal de Picos, Clementino de Sousa Martins até o então Prefeito Municipal, Abel de Barros Araújo. Conforme relatou Silva Albano (2017, p.425),

Ozildo foi Secretário de Cultura no pleito de Abel de Barros Araújo. Ele foi escolhido por unanimidade pelos vereadores, pela notoriedade dele. Não foi por questão de política, não. Aí, ele fez

aquele trabalho, aquela galeria dos prefeitos porque com o passar dos tempos, a gente não sabia mais nada. [...] Não tinha nada escrito. [...] Durante o período que Ozildo esteve por lá, ele citou os prédios públicos que deveriam ser tombados. Ozildo tinha essa preocupação porque era a história e via que estava se acabando e não ia ficar a marca de Picos em lugar nenhum. Em todo lugar a gente vê que tem o chamado desenvolvimento, mas deve se deixar as ruas, uma coisa ali, a marca. [...] Eu sei que é difícil, porque fica para herdeiros e tudo mais. No entanto, tem que ter a preocupação em preservar.

A escolha para ocupar uma função pública de livre nomeação, frequentemente recai sobre correligionários partidários, pessoas que nem sempre estão preparadas para desempenharem com eficiências as atividades próprias do órgão. Ozildo Albano foi uma espécie de exceção, nesse tipo de contexto de nomeações políticas, pois seu nome foi apontado pelo respaldo que possuía. Tornou-se Chefe do Departamento Municipal de Cultura por competência e não por conveniência.

Isso fez com que realizasse práticas educativas variadas, durante o período em que foi Secretário. A organização da **Galeria dos Prefeitos** foi, antes de qualquer coisa, um esforço de pesquisa, pois não havia dados compilados em torno do tema e Ozildo Albano fez toda a coleta de dados capaz de mapear nomes, datas dos pleitos e fotografias dos primeiros prefeitos do município. Assim fazendo, conseguiu historiar sobre a política local, embora não tenha feito análise dos mandatos.

Após a catalogação dos dados, organizou a Galeria dos Prefeitos de Picos que atualmente encontra-se na Prefeitura Municipal de Picos e no Museu Ozildo Albano.

No Departamento Municipal de Cultura, teve a preocupação com a preservação dos prédios antigos de Picos, uma vez que faziam parte da história arquitetônica dos primeiros habitantes. Com esse olhar, Ozildo Albano objetivava que fossem tombados como patrimônio histórico-cultural o prédio da antiga Prefeitura Municipal de Picos, o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, a casa do notável jurista picoense Antônio Coelho Rodrigues, localizada na Fazenda Boqueirão e distante de Picos 15 quilômetros, o cruzeiro localizado na Rua Coelho Rodrigues, a serra da Atalaia, os prédios dos italianos, dentre outros que compunham a escrita antiga da cidade e que podiam, a qualquer momento serem destruídos e, conseqüentemente, desaparecer uma parte da história.

Dos eventos realizados por Ozildo Albano, quando esteve no Departamento Municipal de Cultura, destaca-se a **II Semana Cultural de Picos**, nos dias 18 a 24 de julho de 1983, que promoveu várias atividades culturais na cidade. Pelo cronograma de execução da Semana Cultural, constatou-se a presença de elementos tipicamente representativos das tradições locais.

O evento realizou-se com a participação de sanfoneiros, violeiros, repentistas, seresteiros, bandas de músicas, exposições de quadros de pintores da terra, exposições do artesanato local, exposições de fotografias antigas de Picos, apresentação da peça teatral “O propagandista” e de um grupo de teatro da Escola Técnica Federal, grupo folclórico de São Gonçalo, corrida rústica, passeio com a banda de música pelas principais ruas da cidade, palestras sobre literatura piauiense, gincanas por equipes, corrida de jegues e concurso de fantasias de jegues.

Pelas atrações que foram realizadas na II Semana Cultural de Picos, pode-se perceber que Ozildo Albano era um entusiasta das raízes culturais locais. A escolha do repertório cultural mostrou um pouco do trabalho que estava sendo desenvolvido junto à Prefeitura Municipal de Picos.

Resta informar que Ozildo Albano requereu ao Coordenador Estadual do Mobral, em data de 06 de julho de 1983, a Mini Mobralteca com filmes e AVS que retratassem a realidade cultural do Estado do Piauí. Conforme consta na programação da II Semana Cultural de Picos, no dia 19 de julho de 1983, às 20h, no Rotary Clube de Picos/Casa da Amizade, houve a abertura das exposições, sob a organização do MOBREAL, e a apresentação da Mini Mobralteca diariamente.

A solicitação da Mobralteca com filmes temáticos sobre o Piauí teve um objetivo: apresentar aos picoenses a realidade cultural do Estado. Logo, pretendia com isso educar em torno do tema. A visão educativa de suas práticas no Departamento de Cultura mostra a inquietude do educador em canalizar a programação de eventos para a formação do homem local.

A Mobralteca deve ser entendida dentro de seu contexto de execução como um projeto cultural que tinha como finalidade a promoção da cultura local e a descoberta de valores culturais nas cidades por onde passava o caminhão-cultural que levava filmes, livros, pinacoteca, ferramentas para o desenvolvimento de artesanato com materiais diversos como barro, couro, madeira, assim como artes plásticas.

A Mobralteca era a unidade móvel do Centro Cultural do Mobral em que eram desenvolvidas atividades na área de literatura, patrimônio histórico, artístico, cultural, cinema, artes plásticas, arte popular e folclore, além do baú de criatividade.

Entre outros eventos realizados por Ozildo Albano, junto ao Departamento Municipal de Cultura de Picos, um merece registro e destaque. Em alusão ao **93º aniversário do município**, organizou-se uma semana cultural que contou não só com a participação da sociedade picoense, mas também, com a presença de prestigiadores culturais de outras cidades que compunham a microrregião de Picos.

O cronograma de execução das atividades que fizeram parte do aniversário da cidade aconteceu entre os dias 08 e 12 do mês de dezembro. O evento contou com as seguintes atrações culturais: a chegada da tocha simbólica conduzida por atletas da cidade de Bocaina até Picos, uma vez que foi na cidade de Bocaina onde se iniciou o povoamento da região.

E, mais ainda, o ativamento do fogo à pira que se realizou durante a semana, em frente à Prefeitura Municipal de Picos. Na abertura dos festejos, o discurso do prefeito Abel de Barros Araújo, dando início à semana comemorativa ao aniversário da cidade. Em seguida, ocorreu, na Praça Félix Pacheco, festa popular animada pelas escolas de samba e por conjuntos musicais.

A semana comemorativa foi marcada por exposição de telas de pintores da região, exposição de documentos antigos e de fotografias preservados no museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, retretas nas Praças João de Deus Filhos, Josino Ferreira e Félix Pacheco, apresentações de danças folclóricas na quadra do Picoense Clube, apresentação da peça “Boneca de Pano” pelo Grupo Mutirão, no Instituto Monsenhor Hipólito.

Acrescenta-se ainda ao evento, a alvorada festiva com músicas, fogos e sinos, missa na Catedral Nossa Senhora dos Remédios, entrega de certificado de reservista, uma partida de futebol entre Sociedade Esportiva de Picos e o time de futebol da cidade de Oeiras/PI, realizado no Estádio Municipal Helvídio Nunes de Barros e, por derradeiro, uma festa dançante.

O Secretário de Cultura do Piauí, deputado estadual Jesualdo Cavalcanti Barros, encaminhou ao prefeito de Picos, Abel de Barros Araújo, através da circular nº 01/83, solicitação de informações sobre a existência no município de pontos turísticos. Ato contínuo, em 21 de maio de 1983, Ozildo Albano catalogou os pontos turísticos com as seguintes especificações: 1) Prédios históricos – casa onde nasceu

o jurista picoense Antônio Coelho Rodrigues, localizada na Fazenda Boqueirão, a Capela do Sagrado Coração de Jesus construída por volta de 1830 pela família Borges Leal e a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios; 2) Festas religiosas; 3) Festas folclóricas e tradicionais; 4) Museu João Gomes Caminha; 5) Feiras e, em destaque, a existência de furnas com inscrições rupestres iguais às inscrições existentes em Sete Cidades, no Piauí, localizadas a cerca de 6 quilômetros da cidade de Picos.

Em 08 de julho de 1985, Ozildo Albano pediu exoneração da pasta que ocupava na chefia de Departamento Municipal de Cultura do Município de Picos. Segundo Borges (2016, p.459-460):

Ozildo Albano foi Secretário de Cultura nomeado por Abel de Barros Araújo, em 1983. Abel entendeu que Ozildo era a pessoa mais capacitada para ocupar esse cargo. Então, Ozildo foi para lá e ficou ali na Prefeitura velha. Deram uma sala para ele. Eu ia quase toda tarde. Eu levava pasta lá da Câmara Municipal, porque eu era vereadora. Eu arrumava umas pastinhas, papel, alguma coisa para ele, porque lá não tinha nada. Tinha uma máquina de escrever, duas cadeiras, um armariozinho ali para botar as coisas e Chiquinho da Ipueiras era o secretário. Assim mesmo, Ozildo fez o levantamento do aspecto representativo de Picos, na parte de cultura e arte. Por exemplo, na construção dos italianos, a casa de Doutor Fonseca. Ali, ele já fez, já achava que devia ser patrimônio, que não devia mexer muito, o cruzeiro ele fez o tombamento, a casa de Coelho Rodrigues, lá no Boqueirão, a Serra da Atalaia, tombamento dos pontos históricos de Picos. Ozildo sempre falava de tudo, os planos dele, eu tinha. Quando eu andava lá, a gente conversava muito. Ele também fez a foto de cada prefeito, a galeria dos prefeitos. Até quando ele esteve lá, ele fez, com data, com mais ou menos os dados de cada um que ele tinha. Aí, um dia, ele me disse que quando eu viesse eu trouxesse os dados do orçamento do ano para ele vê, para saber o que ele podia fazer. A galeria de prefeitos ele fez por conta dele, com o dinheirinho dele. Ele disse que estava tentando. Ozildo queria envolver a cidade, a educação de Picos, a escola num movimento mais sólido, com teatro, ele disse lá o que queria fazer. E isso, ele precisava de um pouco de sustentação financeira. [...] Foi um desafio para ele. Aí, eu levei para ele, ele pediu. Aí, quando foi a outra vez que fui, ele disse:- Isto aqui é pra você, a pasta com todos os planos dentro da Secretaria de Cultura. O que já fiz e os ofícios. [...] Ele disse que ia voltar lá para a escola que precisavam dele. Aí, ele voltou para o Ginásio.

As condições estruturais de funcionamento do Departamento Municipal de Cultura, conforme o relatos de Borges (2016), eram precárias, a ponto de a ex-vereadora levar material de expediente da Câmara dos Vereadores para ajudar no funcionamento daquele órgão. Havia basicamente, na sala do Departamento, duas

cadeiras, um armário e uma máquina de datilografia para atenderem às demandas culturais do município.

O empenho em realizar um bom trabalho fez com que Ozildo Albano assumisse o ônus financeiro da execução de um de seus projetos, a Galeria dos Prefeitos Municipais. Isso demonstra o nível de preocupação do educador com a sociedade. Queria levar conhecimento, educar a partir do que estivesse ao seu alcance.

O espelho das práticas educativas realizadas junto ao Departamento Municipal de Cultura encontra-se em uma pasta, no Museu Ozildo Albano. São ofícios, requerimentos, pauta fixa de eventos especiais, pequenos registros historiográficos, folclóricos, religiosos, geográficos, culturais, turísticos e artísticos, além de programação de eventos.

Mas, as condições de trabalho inviabilizavam a execução de muitos projetos e, talvez, esse tenha sido um dos fatores para seu afastamento do Departamento de Cultura e retorno definitivo para a sala de aula.

Encerram-se, assim, as práticas educativas de Ozildo Albano no Departamento Municipal de Cultura de Picos. No pouco período em que atuou no órgão, escreveu uma história voltada para o resgate, divulgação e promoção da cultura picoense, abrindo espaço para a educação em torno da cultura imaterial e material tanto local, quanto estadual e nacional.

2.11 O Trio Acadêmico e a prática educativa pela música

No poema **Recado a Ozildo Albano**, da poetisa Olívia Rufino Borges e disponível em Albano; Silva (2011, p. 127-129), encontra-se uma homenagem a Ozildo Albano. Trata-se de um poema da saudade, em tom de conversa a alguém que partiu para a eternidade e a quem o eu poético se dirige, pedindo que procure o seu amigo Ozildo e lhe dê um recado.

Você, que no infinito foi morar
Procure, mas procure com atenção,
O meu bom amigo Ozildo Albano
Que partiu, e ano após ano,
Eu não sei como vai, se é feliz,
Que amigos encontrou ele não diz,
E nem se pode guiar a nossa mão.

Ele que esbanjava sentimento,
E afinava o tom do pensamento
À história e ao convívio da leitura,
Até o seu dia é também o da cultura,
E a santa virgem, a sua devoção.

- e conte que sentimos muita falta,
[...]
- e conte a ele. Logo que o encontrar:

Que o Elízio ainda gosta de cantar,
Mas o trio acadêmico está calado
Como a retreta, a banda e o reisado.
[...]

Dizer a Ozildo que o Trio Acadêmico, assim como a retreta, a banda e o reisado estão calados, era dizer-lhe que sem ele, impossível a música, pois ele era a vida do trio, quem os guiava.

Quando a escrita poética aludiu ao **Trio Acadêmico**, tem-se um dos registros que ficou marcado na memória coletiva do picoense, uma vez que Ozildo Albano foi um dos integrantes desse trio, juntamente com os então professores Elízio Serafim de Souza e Olívia Rufino Borges.

O Trio Acadêmico surgiu na década de 1970 e não tinha como propósito fins lucrativos, mas apenas cultural. Teve por objetivo inicial alegrar as festinhas da escola, as cívicas e os aniversários dos professores.

Devido à aceitação e o repertório musical, passaram posteriormente a cantar em bodas de pratas e de ouro dos familiares picoenses, na Igreja e demais eventos da cidade. Borges (2016, p.457) sintetizou a história da formação do Trio e seu repertório:

Ozildo Albano, eu e o Elízio Serafim formamos o primeiro trio de seresta da cidade de Picos. O nome Trio Acadêmico não fomos nós que colocamos, foram os professores. Nós éramos três professores. Então, botaram o nome trio acadêmico. Enquanto Ozildo não estava lá ainda, eu já estava no ginásio. Eu cantava para alegrar as festinhas do ginásio com o Fogoió. Aí, depois que Ozildo Albano chegou ao ginásio, naturalmente que nós íamos cantar, nós dois. Aí, nós chamamos o Elízio Serafim, que cantava muito bem e trabalhava lá também. Elizio chegou depois de nós. Em 1971, o trio já estava formado. Foi o primeiro trio de seresta da cidade de Picos. Nós começamos no ginásio para alegrar as festinhas. Depois, nós já íamos para a missa, aniversários, bodas de prata, de ouro, a agenda era cheia. Eu não posso te garantir se a ideia de montar o trio acadêmico foi minha ou de Ozildo. O objetivo deste trio acadêmico era alegrar as festinhas da escola, lá do ginásio. Eram as festinhas cívicas que a gente fazia, hasteava a bandeira, eu cantava o Hino

Nacional. Ali, nós íamos cantar “terra virgem”, uma música que fala do Brasil, “Oh, meu Brasil, para aumentar a tua glória”, nós três cantávamos. Cantávamos “Aquarela do Brasil”, essas músicas mais metidas a cívicas. A música que Ozildo mais gostava era “Ontem ao luar”: “Ontem, ao luar/ Nós dois em plena solidão/ Tu me perguntaste o que era a dor de uma paixão”. Era a música de abertura do nosso grupo. Quando a gente ia cantar nas festas por aí, abria sempre com esta música.

Ressalta-se que o Trio Acadêmico era composto somente por professores e eles não tinham a preocupação de angariar dinheiro com as apresentações. Eram muito requisitados no ginásio e nos eventos locais.

O repertório do Trio Acadêmico era constituído por músicas cívicas e da MPB, trazendo títulos conhecidos pelos ouvintes de suas apresentações. A agenda do Trio Acadêmico começou a ficar cheia a partir do momento que deixaram de fazer os eventos somente entre os muros do ginásio.

A música que Ozildo Albano mais gostava era “Ontem ao luar”, dos compositores Catulo da Paixão Cearense e Pedro de Alcântara, e interpretada por Vicente Celestino. Em todos os lugares que o Trio Acadêmico fazia apresentações, essa música era a de abertura.

A **Rádio Difusora de Picos** marcou uma etapa importante na difusão do Trio Acadêmico. Foi neste espaço da *mass media* picoense em que muitos ouvintes entraram em contato com as vozes musicais de Ozildo, Olívia e Elízio. Foi Elízio Serafim, por sua vez, quem abriu as portas dessa emissora de rádio para as apresentações, por possuir um programa semanal que durou cerca de vinte anos, de 1979 a 1999, que se chamava “Saudade não tem idade”.

Por ser pesquisador da cultura musical brasileira, Ozildo Albano conhecia os cantores que plantaram as primeiras raízes musicais no país. Prova disso é que no seu museu é possível encontrar uma discoteca com discos de vinil de coleções de cantores da história da música no Brasil.

Quando o Trio Acadêmico se apresentava na Rádio Difusora de Picos, Ozildo Albano aproveitava o momento para apresentar o nome do compositor, do intérprete, quando foi escrita a letra. Essa sua atitude era o momento exato do desempenho da sua prática educativa, no campo cultural.

Sabia da necessidade de educar os ouvintes tanto em relação ao repertório de qualidade escolhido, quanto da história da própria música cantada. Educação para o bom gosto musical, em uma rádio AM, implicava em atingir um universo

expressivo de pessoas, pois a Rádio Difusora de Picos tinha cobertura não apenas em Picos, mas em outros municípios. Segundo Souza (2016, p.381),

Muitas vezes nós nos apresentamos na Rádio Difusora de Picos com o Trio Acadêmico. Muitas fitas gravadas nós três cantando. Ozildo participando. A música que ele mais gostava era 'Ontem ao luar'. Nós temos gravado uma fita, ele dizendo: - Esta música, que acabamos de ouvir, dita de 1913, era muito cantada por Rui Barbosa. Ozildo fazia a apresentação da música. Rui Barbosa era quem gostava dessa música que ele também gostava. [...] Eu tenho três ou quatro fitas nós três cantando, eu tenho até no CD: Ontem, ao luar/ Nós dois em plena solidão/ Tu me perguntaste o que era a dor/ De uma paixão/ Nada respondi!/ Calmo assim fiquei!/ Mas, fitando o azul do azul do céu/ A lua azul eu te mostrei/ Mostrando-a a ti/. Era de Catulo da Paixão Cearense. Essa música era muito cantada. De vez em quando saía na Rádio Difusora de Picos.

O trecho acima, narrado por Souza (2016), mostra o trio em ação. O registro deles na Rádio Difusora de Picos e o arquivo sonoro que foi deixado por eles quando se apresentaram nessa emissora. E, um ponto de destaque, foi quando Ozildo Albano fez alusão ao intelectual Rui Barbosa antes do Trio se apresentar, mostrando assim, o gosto musical de personalidades brasileiras.

Ainda sobre a composição do Trio Acadêmico, deve-se informar que o nome acadêmico está relacionado ao fato de dois dos componentes, Olívia e Elízio, na época, serem estudantes universitários; ele, acadêmico de Letras, ela, pós-graduanda em Educação. Ozildo Albano formou-se em Direito, em 1961, como dito anteriormente. Falando sobre o Trio Acadêmico, Souza (2016, p.380) informou que:

O objetivo do trio acadêmico era que, primeiro era sem fins lucrativos, a gente cantava, tocava nos aniversários. Nas festinhas cívicas, em aniversário de professor, a gente ia fazer seresta lá, na porta dele, à meia-noite. [...] Nós tínhamos até uma música que Ozildo dizia: - Elízio, tá demorando. Vamos cantar a música? A música era "Filosofia barata": Ninguém faz graça/ Com a barriga vazia,/ E passar fome/ Nunca foi filosofia/ Vai trabalhar!/ Vai trabalhar/ Primeiro comer,/ Depois filosofar!/ Nove dias tem a vida,/ Sendo três dias de amor,/ Três dias de dor./ E, na lousa do destino,/ Depois da conta somada/ Vem a morte tirar a prova./ Nove fora, nada!". Aí, não, já havia comida. Traziam bolo, refrigerante. Ele era muito comilão. O Dr. Ozildo [...] era brincalhão, no bom sentido. Como intelectual, uma personagem altíssima. Ali, dentro da farra, ele era um meninão. Ozildo se divertia. [...] Ele dispensa adjetivos, a gente não têm palavras para enaltecê-lo.

Destaca-se, na fala de Souza (2016), o estilo brincalhão de Ozildo Albano que se divertia com o Trio Acadêmico e, quando demoravam em servi-los um

lanche, nas suas apresentações, pedia logo para cantar a música “Filosofia barata”, dos compositores Ari Monteiro e Peter Pan.

Em momentos de diversão, como as apresentações musicais, o homem comum se revelava. O lado brincalhão e piadista de Ozildo emergia e sua condição de homem simples podia ser observada por todos, entre uma piada, um pedaço de bolo e um copo de refrigerante. O mediador cultural comunicava saberes por onde passava, mas não apenas através dessa lente era visto.

No Museu Ozildo Albano, o visitante tem acesso a vários cadernos contendo letras de músicas, de compositores diversos, que Ozildo Albano escrevia de próprio punho, sem usar a máquina de datilografia. Segundo informou Santos (2017, p.389), advogado e amigo do educador picoense:

Ozildo preferia aquelas músicas mais velhas, como as de Vicente Celestino, Chico Alves, Ataíde Alves, Anísio Silva. Eu presenciei, várias vezes ele ouvindo essas músicas. Aquelas músicas com a composição de Catulo da Paixão Cearense, ele gostava muito. O Grupo Acadêmico fundado por Ozildo, Olívia e Elízio Serafim cantava preferentemente esse tipo de música. Eu cheguei a assistir eles cantando. Eles chegaram a fazer participações na rádio. [...] A música de Catulo da Paixão Cearense, “Ontem ao luar”, linda simplesmente. Ozildo tinha um gosto muito afinado para a música.

Diante dessa narrativa, foi possível conhecer o gosto musical de Ozildo Albano. Por onde o Trio Acadêmico fazia as suas apresentações, ele levava os cadernos com as letras das músicas que iriam ser cantadas por eles.

Na época, talvez poucas pessoas tenham percebido a proposta do Trio Acadêmico. Ozildo, Olívia e Elízio estabeleciam uma educação musical por onde eram convidados a cantar. Levavam ao público o que era consagrado pelas instâncias de difusão cultural brasileira.

Um dos eventos realizados pelo Trio Acadêmico aconteceu na comemoração das bodas de prata do casal Benjamim e Olívia. Na ocasião, Ozildo Albano fez uma surpresa que chamou a atenção de todos que estavam presentes na Associação Atlética Banco do Brasil, em Picos. Havia produzido um texto que intitulou “Duas vidas, muitas lutas, um só destino” para homenagear os seus amigos. Nele, fez uma retrospectiva da vida do casal, desde quando se conheceram até aquele momento de plena conquista.

Por ter presenciado vários momentos da trajetória do casal, Ozildo Albano trouxe de tudo um pouco para a sua narrativa: um pouco dos usos e costumes

locais, um pouco do que a Rádio Amplificadora de Picos levava aos ouvintes da cidade, um pouco também de humor e o registro de monumentos históricos que já não existem mais, como o Cine Ideal, o jipe de Vicente Rodrigues e a fubica de Divino. Enfim, um texto feito com muita criatividade e que foi lido entrelaçado com músicas que encaixava com o contexto da sua produção. E foi assim a narrativa feita por Ozildo ao casal Benjamim e Olívia Rufino Borges:

Ele nasceu em Palmeiras. Ela em Picos, no Povoado Coroatá, precisamente. Nasceram com encontro marcado. Esse encontro aconteceu anos depois, em uma manhã de maio calma e serena, de 1952. Olívia tinha ido ao Bairro Bomba, levar a irmã Iva que viajava para Teresina. Estava parada na esquina de Manuel Janjão, quando viu Benjamim pela primeira vez. Saía ele de uma casa suspeita. Trajava calças de linho azul clara, camisa listrada, sapatos, cabelos encaracolados. Passou por ela sem vê-la por que trazia o lenço nos olhos, morto de ressaca. À esquina parou, voltou-se, olhou-a de relance e seguiu seu caminho. Vinha de um boteco, um som de violão e voz cansada de alguém que cantava: (Qui nem Jiló)

Ao chegar a casa, Olívia declarou para Idelzuite, sua colega e confidente: - Vi, hoje, o homem com quem vou me casar. Não sei quem é... Só não me caso com ele se for casado. Mas mesmo que seja ladrão ou criminoso, tenho certeza de que caso com ele. – E se for da polícia? – mesmo sendo da polícia, caso-me com ele.

Mas depois, viu-o entrando na delegacia. Será mesmo preso?

Mas Líria que estava a par de tudo mandou que Olívia ouvisse a Rádio Amplificadora de Picos, na voz de Djalma Padinha que anunciava: - “Alô!, Alô!, Cabo Benjamin!, ouça esta gravação que a morena do sinal lhe oferece com muito amor e paixão”. Olívia ficou duplamente surpresa. A identificação do Príncipe Encantado e a certeza chocante de que havia alguém entre os dois. Esse alguém, soube mais tarde, era uma “ave de arribação” da Rua Coronel Raimundo Macedo.

A paixão crescente e os conselhos chovendo: - Não te serve, além de ser da polícia, é arruaceiro. Alguém chegou a detalhes: - Vive com a tal do sinal há cinco anos. Mas, Olívia, firme e altaneira, enfrentando o contra dos parentes e amigos, persistia: - Caso-me com ele.

Um certo dia, Raquel Lacerda deu uma mãozinha no namoro. Estrumou os cachorros, como se diz. Sem os dois saberem, disse para Olívia que o Benjamim mandara convidá-la para irem ao cinema e vice-versa. Encontraram-se na Praça, lembram-se? A Rádio Amplificadora de Picos tocava: (Dez Anos).

Foram ao cinema. Não sabem o que se passou na tela. Só sabem que aquele encontro foi o marco inicial de mais uma história de amor. A oposição declarou guerra sem quartel. O Curriculum Vitae do Cabo Benjamin estava em evidência. Na ocasião, ganhara as fitas de cabo aos 18 anos. De lá para cá, sua vida era o trivial: arruaças, problemas, transferências. O Cabo Benjamin, em pouco tempo, já conhecia quase todos os recantos do Piauí. A polícia não sabia o que fazer. Expulsar, não podia, por que no quartel e a serviço, era um militar correto e exemplar. Fora da farda, um farrista, arruaceiro,

mulherengo. Com a inauguração da BR 316, Picos tornou-se uma cidade aberta, de população flutuante. Surgiram os primeiros pistoleiros e a polícia, mandando o Cabo Benjamin para cá, lavou as mãos, na esperança de que em uma de suas badernas, ele encontraria o fim de sua carreira artística. Tudo isso diziam, mas Olívia não se abalava, ou ele ou ninguém.

Da família, embora a contragosto, Olívia contava com o pai, sua irmã Iva e sua tia Raimunda (Mãeinha). O resto da tribo do Coroatá ficou todos contra, inclusive sua mãe. As amigas se dividiam: umas contra; outras, a favor. Cerrando fileiras ao seu lado, estavam Idelzuite, Raquel, Líria, Iraci e outras. A voz de Cascatinha e Inhana tornou-se porta voz obrigatório dos apaixonados da época: (Primeiro Amor)

A Rua Santo Antônio virou cenário natural desse romance de amor. Olívia morava na casa da tia Raimunda. Benjamin no Hotel de Dona Maria de Cícera. A delegacia também era na Rua Santo Antônio e o delegado, o pai de Olívia. Namoro em casa (avançado para a época), passeio pela praça, sessões no Cine Ideal.

Uma música que marcou aqueles bons tempos: (Beija-me muito)

E o tempo foi-se passando...

Apesar de apaixonado, Benjamin quase não mudou. Certa feita, alta madrugada, em um boteco da zona norte da cidade, pelo simples motivo de madame Adélia não querer passar o disco, já dezenas de vezes repetidas, enfureceu-se. Sacou do revólver atirou na vitrola, na geladeira, no candeeiro, nas garrafas. Tudo por causa de uma música. A música era... (Pensando em ti)

Finalmente resolveu mudar de conduta e para mudar só havia uma solução: CASAR! Arranjou um cavalo e tocou-se para o Coroatá, com o fim de enfrentar o Sargento Bitá com o pedido de casamento. (Pé de Manacá)

Perante o Sargento Bitá, cadê a coragem do homem para fazer o pedido? Onde estava a arrogância, a empáfia do valentão? Passou três dias no fundo de uma rede, comendo do bom e do melhor. Finalmente, já sua hora de saída, recalcou o medo e fez o pedido. O pai de Olívia, embora receoso pelo futuro da filha nas mãos de um Valdivino. A mãe foi mais categórica: o seu maior medo era ele viver surrando Olívia. Voltou satisfeito da vida. Enfim, noivos, suspirava Olívia.

Mas, um dia, nem tudo são flores, Olívia visitava a cadeia, e alguém, sem perceber a sua presença, dirigiu-se a Benjamin, com certos afagos. Era a tal, a fulana chamada Jesuína. Ao ver Olívia, retirou-se. Tirando a aliança do dedo, Olívia ia terminar o noivado, mas Benjamin pediu que ela só terminasse se, no futuro, ainda a encontrasse. Nunca mais a cena se repetiu. Jesuína desapareceu do mapa.

E a vida continuava. Às vezes, brisa, céu azul, flores, risos, às vezes, céu escuro, espinhos, soluços, ciúmes, dessa vez foi ele. Chegara um rapaz de São Paulo que tinha um retrato de Olívia e que chegou mesmo a querer que Olívia terminasse o noivado. Benjamin enfureceu-se, mesmo sabendo que Olívia não tinha culpa, deu uma carreira no indivíduo que tomou um chá de sumiço. Mesmo assim, passou a agir com mais frieza o noivado. E quem passasse naqueles dias pela Rua Santo Antônio, ouviria uma voz apaixonada que cantava: (Dois Estranhos)

Na colação de grau de ginásio Benjamim foi o padrinho de Olívia, mas na festa do Clube Ideal fez a maior confusão porque ela dançou com um primo.

Finalmente, o dia tão esperado chegou: 20 de abril de 1955. E a tarde, receberam-se como esposo, na Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, Benjamim e Olívia, não antes de mais uma briguinha por que os carros da praça só existiam dois: o jipe de Vicente Rodrigues e a fubica de Divino. Tiveram que ir á pé. (Somos dois)

E a vida começou. Uma vida nova, mais cheia de altos e baixos, de responsabilidades, lutas, dificuldades. Cinco meses após o casamento Benjamim passa 8 meses detido no quartel em Teresina. Depois vai fazer curso em Fortaleza. Enquanto esperava, em Teresina, Olívia, já com filho, fazia o curso de enfermagem e foi com alegria que ao receber a touca de enfermeira, ouviu: (Ave Maria)

Passaram 6 anos em Teresina. Depois, com 3 filhos já, vão para Jaicós. Benjamin, promovido a Sargento, como delegado. Olívia como enfermeira. Lá passaram 4 anos. Voltaram para Coroaá para uma longa estada de 4 anos. Benjamim como Delegado do povoado, não queria outra vida: boas caçadas, poucos problemas e uma rede debaixo de uma quixabeira. (QUIXABEIRA)

Finalmente, em boa hora, Benjamim e Olívia são arrancados daquela apatia, daquele comodismo em que viviam no Coroaá e voltam à sua cidade querida para o nosso meio amigo, para servir e darem conta de novas missões que a vida e a comunidade exigem.

Dentro dos planos insondáveis da divina providência, Olívia e Benjamim, souberam responder sim à vocação para que foram chamados.

O texto traz o enredo da história do casal Olívia e Benjamim, mas também desenhou, aos olhos do leitor, várias espacialidades picoenses da década de 1950 e apresentou o repertório cantado pelo Trio Acadêmico, entre parênteses. Cada pausa anunciada por um nome de música era o momento em que cantava em homenagem ao casal e educava aos convidados tanto no campo musical quanto sobre a história local.

Relacionou dez músicas para serem cantadas por ele, a saber: “Qui nem jiló”, de Luiz Gonzaga, “Dez anos”, de Emilinha Borba, “Meu primeiro amor”, de Cascatinha & Inhana, “Beija-me muito”, de Teixeira, “Pensando em ti”, de Nelson Gonçalves, “Pé de manacá”, de Isaurinha Garcia, “Dois estranhos”, de Nalva Aguiar, “Somos dois”, de Dick Farney e Claudete Soares, “Ave Maria”, de Franz Schubert e, por derradeiro, a música “Quixabeira”, de Caxangá.

Dentre os destaques em torno de Picos, que podem ser encontrados no texto e que mostram um pouco sobre a vida da cidade, encontra-se a referência à **Rádio Difusora de Picos**, monumento de um tempo social que ficou guardado na

memória coletiva daqueles que ouviam cotidianamente as notícias através deste veículo de comunicação. Segundo Duarte (1995, p. 62):

A Rádio Difusora de Picos, inaugurada em 1942, e que em linguagem popular era chamada de **amplificadora**, representava um importante papel na vida da cidade. Tendo seus alto-falantes espalhados por todo o perímetro urbano, a rádio era o único meio de comunicação de massa acessível a todos os picoenses. Além de tocar as músicas de maior apelo popular, a rádio era usada para a veiculação de propaganda comercial, de transmissão de mensagem de todo tipo e de anúncios fúnebres.

Quando trouxe para o seu texto este monumento, que fez parte da história local, oportunizou aos presentes naquela festa a lembrança da contribuição que a Rádio Difusora dava aos picoenses através de sua programação diária.

Pela narrativa de Ozildo Albano foi possível também encontrar outros monumentos históricos que povoaram o imaginário de todos, na sociedade de Picos, no período destacado por ele. Quando contemplou no seu texto a **Praça Félix Pacheco** e o **Cine Ideal**, retomou duas espacialidades que faziam parte do cotidiano e serviam para entretenimento dos jovens.

Ilustração 16 – Fotografia: Praça Félix Pacheco (década de 1960)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A Praça Félix Pacheco foi inaugurada em 10 de janeiro de 1942 pelo interventor do Estado do Piauí, Leônidas Melo. Sobre o tema, o historiador Duarte (1995, p.35) informou que:

A praça Félix Pacheco, além de ser, então, o único jardim público da cidade, combinava as funções de área comercial e residencial com a de local de socialização dos picoenses. O jardim propriamente dito respeitava, no começo dos anos 50, as características do projeto original, executado durante a gestão do prefeito Adalberto (Bertinho) Santos (1938-1945). O passeio público e o paredão formavam um conjunto arquitetônico homogêneo e bonito. O jardim – que tinha área maior do que a atual – continha todos os elementos próprios de uma praça como área de lazer e como espaço de socialização: coreto, poço artesiano, tanques, arborização de portes diversos, canteiros, gramados, bancos. Os bancos, apesar de desconfortáveis, pois não tinham encostos, eram originais: constavam de uma pedra apoiada em dois suportes com o formato de rostos de leões. Os postes de iluminação eram feitos de ferro trabalhado e eram encimados por globos de vidro de cor leitosa. A iluminação do paredão era semelhante – o que contribuía para a harmonia visual do conjunto –, porém os postes eram de tamanho menor que os da praça. Só havia dois tipos de vegetação no jardim: pés de figuinho (**Ficus benjamim**) e grama. [...].

Espaço de encontro, principalmente aos sábados e domingos, nas noites após a Missa na Catedral, homens e mulheres circulavam pela Praça Félix Pacheco fazendo amizades, conversando, namorando. A posição da praça estar centrada próxima às principais ruas, avenida e casarios fazia com que a movimentação fosse intensa. Conforme Duarte (1995, p.36-38):

A formação triangular do passeio público e as formas de ocupação do casario em torno favoreceram a criação de uma interessante divisão de usos e funções da área, à noite. [...]. O passeio externo da praça paralelo ao trecho onde funcionavam os bares e os cinemas era utilizado pelas moças ditas ‘da sociedade’, como uma espécie de passarela para desfile, que geralmente era feito em pequenos grupos de jovens, que iam e vinham de braços dados ou, como se dizia na época, ‘de asa’. [...]. O desfile das moças era feito entre às 19 horas – geralmente depois do ofício religioso na igreja, que podia ser a novena, a bênção ou a reza do terço – e as 21 horas quando, rigorosa e pontualmente, elas tinham que retornar às suas casas, pois não ficava bem uma moça ‘de família’ permanecer até tarde na rua. O desfile – que era chamado de passeio – das jovens na praça só tinha significado porque havia uma platéia de rapazes que se postavam nos dois lados da passarela, geralmente em pé, formando uma espécie de corredor. Como só haviam cinco bancos naquele lado da praça, eles eram disputados avidamente pelos espectadores do desfile, sendo costume, entre os amigos, fazer-se o rodízio. Era durante aqueles passeios que os jovens, do que se poderia chamar de classe média picoense, se conheciam, ‘flertavam’ – como se dizia naquela época – e começavam os namoros. [...].

A movimentação na Praça Félix Pacheco, especialmente pelos jovens, justifica-se por ser esse o espaço público acessível a eles, em um contexto de

poucos lugares de diversão. A circulação das jovens até às 21h se relaciona não apenas ao dado moral citado, mas também a outro dado: o precário fornecimento de energia elétrica. Sobre o tema, Duarte (1995, p. 53-54) informou que:

A luz elétrica foi uma facilidade que demorou muito a atingir um nível satisfatório em Picos. Até o ano de 1951, a energia elétrica era gerada por uma velha e barulhenta caldeira a vapor de 36 HP, sugestivamente apelidada de **panela velha**, que consumia muitos metros cúbicos de lenha, e um gerador de 30 kVA, que produziam uma energia fraca, limitada ao período das 18 às 21 horas. Essa usina funcionava desde 1929, inaugurada pelo então intendente Francisco (Chico) Santos, [...]. Com a inauguração, em 1951, de uma usina a óleo **diesel**, a qualidade da iluminação foi bastante melhorada e a duração do fornecimento de energia foi estendida até às 23 horas.

Além do uso da lenha como fonte para gerar energia, também era usada nas residências nos fogões a lenha e fogareiros, para cozinhar os alimentos. A aquisição da lenha era feita através de compra direta aos vendedores de lenha que a entregava diretamente nas residências.

Assim como a lenha era comprada a fornecedores, a água também. Diariamente circulavam pelas ruas de Picos os vendedores de água, com seus jumentos transportando ancoretas cheias de água adquiridas nas veias do Rio Guaribas e em olhos-d'água. Conforme Duarte (1995, p. 54-55):

[...]. Ao chegarem à frente da casa do cliente, os vendedores despejavam a água em latas de querosene adaptadas para o transporte do líquido até o interior do domicílio, onde era transferido para potes de barro. O preço da água era cobrado pela carga d'água – também chamada de caminho d'água – ou seja, pelo conteúdo de duas ancoretas cheias. [...]. Os botadores de água que não possuíam jumento transportavam, eles mesmos, a água em duas latas penduradas nas extremidades de um pau que eles levavam sobre os ombros. [...]. As famílias de maiores posses compravam dois tipos de água: a água retirada do rio Guaribas, menos indicada para o consumo humano e que era utilizada nas tarefas domésticas de higiene e limpeza; a água proveniente de fontes chamadas de **olhos-d'água**, mais pura e de melhor sabor, que servia para beber e para cozinhar. [...].

O **rio Guaribas** atravessa a cidade de Picos. A história do município é por ele contada. Suas águas e margens alimentaram e saciaram a sede do picoense por muitas décadas, até ser alvo do progresso mal pensado que o poluiu e inviabilizou a lavoura e o consumo de água.

Inegável a contribuição econômica do rio Guaribas para Picos. Em seu leito, quando as águas baixavam, havia o plantio de cebola, alface, coentro e, sobretudo, o alho. Em suas águas, também as mulheres lavavam roupas e as crianças e adultos banhavam.

Ilustração 17 – Fotografia: Vazantes do Rio Guaribas (1970)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 17 traz o registro de uma vazante, no rio Guaribas. Percebe-se como se dava o plantio e como era aproveitado o leito fértil para a geração de produtos alimentícios.

O Guaribas que alimentou o picoense, também causou momentos de dor e tristeza. Nas cheias, nos períodos chuvosos de inverno intenso, a água do Guaribas invadia Picos e causava inundação com prejuízo para muitas famílias.

Em esforço de caráter histórico, Ozildo Albano fez uma pesquisa em que apresentou os **Dados cronológicos da história do município de Picos de 1700 a 1975**, disponível em Albano e Silva (2011), onde destacou as principais enchentes do Rio Guaribas, a saber, em março de 1861, considerada a primeira grande enchente registrada, seguida pelas dos anos de 1924, 1948 e a de 29 de março de 1960 que foi considerada a maior enchente noticiada, uma vez que destruiu quase todo o município.

Na ilustração 18, tem-se o registro da enchente causada pelo rio Guaribas, em 1960. Pela fotografia, vê-se a situação em que ficou a cidade, inundada pelas águas do rio, revelando um município sem estrutura para recepcionar períodos chuvosos.

Ilustração 18 – Fotografia: Enchente do Rio Guaribas (1960)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A enchente de 1960 invadiu ruas e destruiu casas, dentre elas, a casa da família de Ozildo Albano que era localizada na Avenida Getúlio Vargas, nº 385.

A ilustração 19 contempla os escombros da casa de Ozildo, completamente destruída pela enchente do rio Guaribas. Vê-se Ozildo sentado, contemplando o que sobrou do lugar em que morava. Não se pode presumir o que sentiu, mas pelo nível da destruição, certamente muitos questionamentos devem ter passado por sua cabeça.

Ilustração 19 – Fotografia: Casa de Ozildo Albano destruída pela enchente do Rio Guaribas (1960)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Outro dado importante da História de Picos é o comércio na feira livre realizada em torno do mercado público, no centro da cidade, especialmente nos sábados.

Produtos diversos eram e ainda são negociados, variando dos gêneros alimentícios a produtos de artesanato em madeira, couro, argila, além de roupas, calçados, fumo, produtos de higiene e limpeza doméstica.

Ilustração 20 – Fotografia: Feira Livre de Picos (s/d)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na ilustração 20, tem-se a captura do instante da feira livre, especificamente a que se desdobra na parte traseira do Mercado Público, na Praça Benedito Reinaldo. Vê-se os vendedores e os consumidores negociando gêneros alimentícios.

O mercado público foi construído em 1923, na gestão do prefeito municipal Francisco de Sousa Santos que foi, segundo Ozildo Albano, em artigo publicado no Jornal de Picos, na coluna “Nossa terra, nossa gente”, datada de 14 a 21 de janeiro de 1985: “[...] obra de grande alçada para a época e que, ainda atende, sessenta anos depois, às necessidades de uma cidade desenvolvida que é Picos. O mercado foi inaugurado a 1º de janeiro de 1924”.

Depois desse desenho social, faz-se oportuno destacar que Ozildo Albano não casou e não teve filhos.

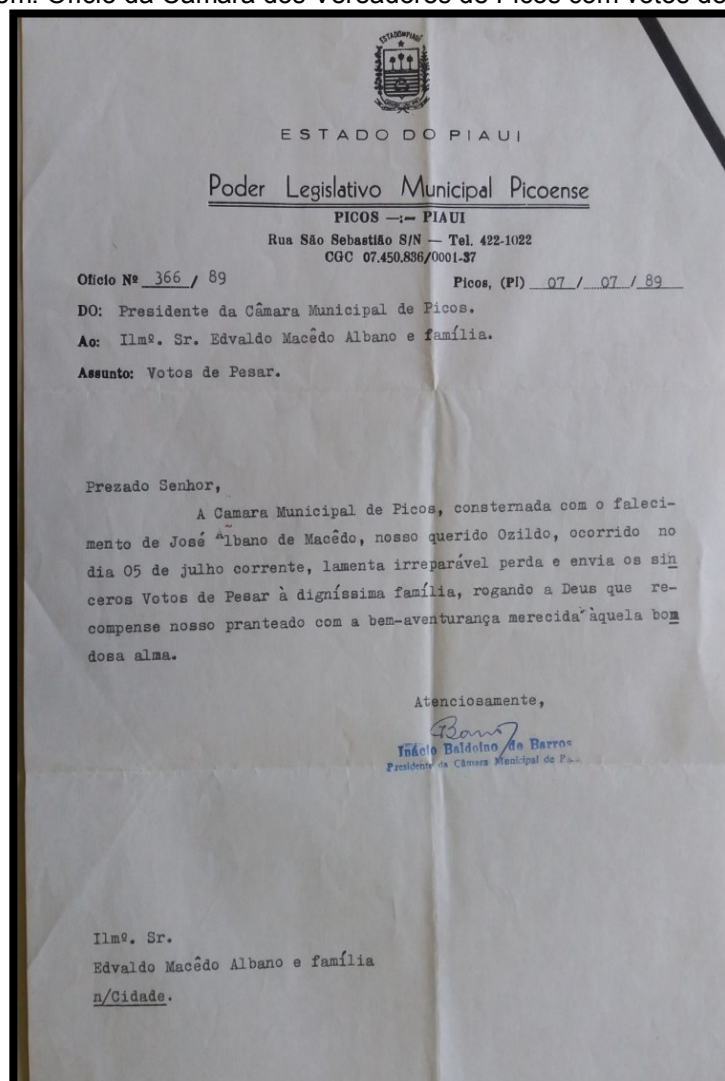
2.12 Fecham-se os livros, suspende-se a pena: Parte o garimpeiro de memórias

Aos cinco dias do mês de julho de 1989, na cidade de Picos, faleceu José Albano de Macedo, o educador Ozildo Albano, de infarto, no Hospital Regional Justino Luz, em uma tarde de quarta-feira.

Aquele que foi mediador cultural desde tenra idade e que contribuiu em tantas áreas do conhecimento humano, na tentativa de deixar um legado simbólico à sua cidade, mas que também fora duramente injustiçado, sem saber das razões de sua punição, que o levou por anos, a não gostar do sabor que a vida causava, até conseguir sublimar a dor e prosseguir, morreu de forma sutil, como sutil foi a vida cultural e educativa que engenhosamente construiu.

Muitas homenagens foram feitas ao incansável educador em seu velório e sepultamento. Telegramas chegaram de vários Estados do país, oriundos de amigos, políticos, autoridades diversas e admiradores. A Câmara dos Vereadores de Picos, através do Ofício nº 366/1989, enviou os votos de pesar do legislativo municipal aos familiares.

Ilustração 21 – Imagem: Ofício da Câmara dos Vereadores de Picos com votos de pesar (1989)

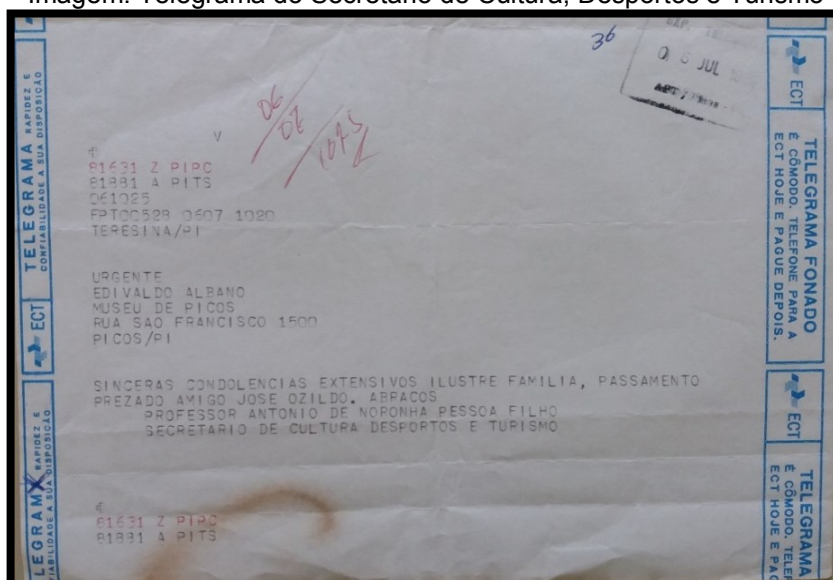


Fonte: Museu Ozildo Albano

Os telegramas não conseguiram contemplar o susto pela morte e o relato sobre a vida do educador que partia e deixava um legado cultural e educativo sem precedente, na História de Picos. Abaixo, nas ilustrações 22, 23 e 24, têm-se alguns telegramas recebidos pela família Albano, em virtude do falecimento de Ozildo Albano que serão transcritos, para uma melhor compreensão.

A ilustração 22 contempla o telegrama do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí com a seguinte mensagem: “Sinceras condolências extensivos ilustre família, passamento prezado amigo José Ozildo. Abraços. Professor Antônio de Noronha Pessoa Filho. Secretário de Cultura, Desportos e Turismo”.

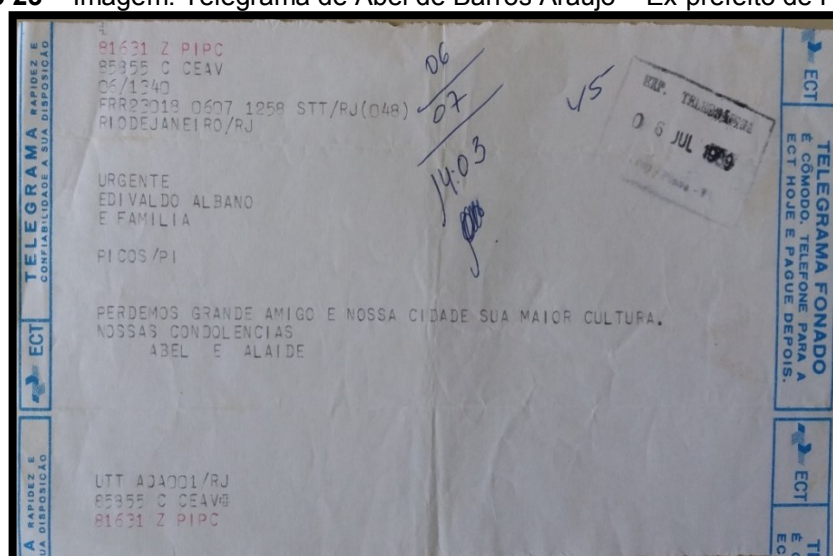
Ilustração 22 – Imagem: Telegrama do Secretário de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí (1989)



Fonte: Museu Ozildo Albano

O Prefeito Municipal de Picos, através de telegrama, ilustração 23, também se solidarizou com a família Albano, com a seguinte mensagem: “Perdemos grande amigo e nossa cidade sua maior cultura. Nossas condolências. Abel e Alaíde”.

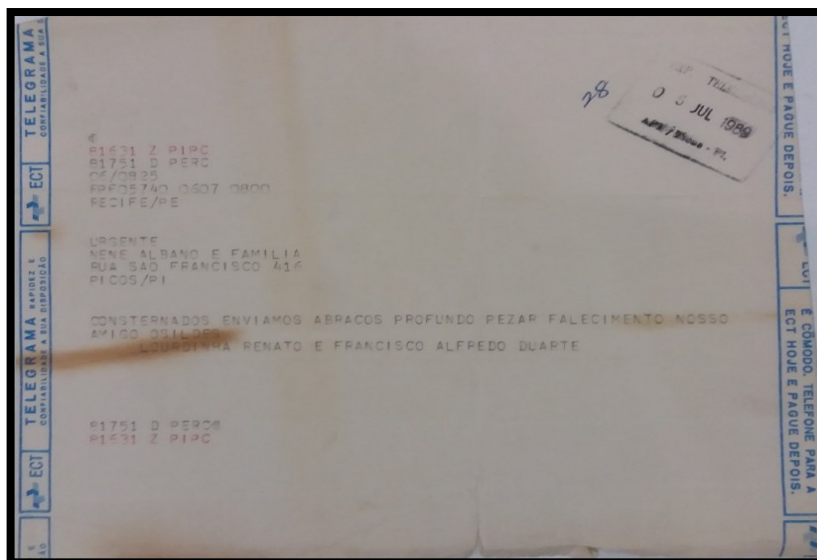
Ilustração 23 – Imagem: Telegrama de Abel de Barros Araújo – Ex-prefeito de Picos (1989)



Fonte: Museu Ozildo Albano

O historiador picoense Renato Duarte também prestou sua solidariedade à família Albano através de mensagem telegrafada, conforme ilustração 24: “Consternados enviamos abraços profundo pesar falecimento nosso amigo Ozildo. Lourdinha, Renato e Francisco Alfredo Duarte”.

Ilustração 24 – Imagem: Telegrama da família Duarte (1989)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Os relatos dos amigos mais próximos, sobre a morte de Ozildo Albano, informam tanto o impacto da perda quanto a significação de quem foi o educador que ajudou, com a sua própria vida, a escrever a História de Picos. Segundo Souza (2016, p.381-382),

Quando eu recebi o telefonema de Dona Olívia dizendo: - Pode anunciar que nosso amigo morreu. Eu chorei, chorei foi muito. Eu senti muito pela amizade, pela nossa vivência. Ozildo ia lá para casa, ele saía lá da sua. Eu tenho três ou quatro retratos dele tomando refrigerante e comendo um pedaço de bolo, lá em casa. Ozildo saía para ir a minha casa comer pedaço de bolo. Então, eu senti, não só eu, mas a cidade de Picos inteira e a circunvizinhança sentiu a falta e chorou a morte de Dr. Ozildo. E eu toquei no funeral dele e eu fiz o pedido dele. Toquei “Carinhoso”, eu em cima de um túmulo. Um pedido que ele tinha feito, assim: “- A música que eu quero que toque quando eu morrer é Carinhoso”. Ele não me pediu direto, mas nas conversas dele, ele pedia. Aí, eu toquei Carinhoso. A voz desse saxofone parece que vinha de outro mundo. Marcou demais. Eu fiz isso pra ele.

Souza (2016) era uma das vozes do Trio Acadêmico. Prestar a última homenagem ao amigo de vivências musicais e encontros familiares foi uma das tarefas mais difíceis. A música **Carinhoso**, em solo de saxofone, foi o adeus ao Trio, ao amigo, ao intérprete, ao historiador, ao educador, ao entusiasta do saber e da cultura, ao mediador cultural.

O cerimonial fúnebre do educador Ozildo Albano foi marcado por emoção. Segundo Teixeira (2016, p.443):

Eu lembro-me do dia que perdemos Ozildo Albano, de todos os detalhes, eu não me esqueço do velório, da música e do que foi cantado, da música predileta dele. Inclusive, o hino da padroeira que era uma das músicas que ele gostava demais, de Nossa Senhora dos Remédios. Eu chorei demais, a missa todinha. [...] Nós não estávamos perdendo uma pessoa só. Nós estávamos perdendo uma instituição, uma entidade. Nós estávamos perdendo algo valioso e não sei se Picos vai ter um dia alguém que vai, pelo menos, parecer com Ozildo Albano, no sentido de querer registrar a cultura, valorizar essas coisas.

Constata-se, neste depoimento, que Ozildo Albano foi para Picos uma instituição viva, aquele que, ao se voltar para a cultura, educou uma cidade com suas práticas educativas.

Após sua morte, através da **Lei municipal 1795**, datada de 29 de novembro de 1994, foi instituído, no seu artigo 1º, o **Dia da Cultura Picoense**, em homenagem a Ozildo Albano e, no parágrafo único, consta que compete ao Departamento Municipal de Cultura viabilizar atividades culturais integrando todos os seguimentos da sociedade picoense.

Trata-se, assim, de personagem ímpar caracterizada e identificada pelo nome. Nome que se apresentou a partir de seus enredos educativos e de suas relações sociais variadas.

Colocou-se o nome Ozildo Albano em foco para não apenas historiar a sua vida formativa e profissional, mas também para, a partir dela, dar visibilidade aos acontecimentos que atravessaram a história local. Fez-se uma biografia a partir de fontes escritas e orais de homens e mulheres que com ele conviveram e foram testemunhas de suas práticas educativas e do que seu legado educativo foi capaz de promover após a sua morte, com a manutenção do museu por ele criado.

Não se pretendeu atingir a totalidade de vida de Ozildo Albano, uma vez que o anseio da totalização inevitavelmente esbarra-se na realidade da fragmentação dos discursos, mas destacar, pelo que foi possível resgatar, a importância de suas práticas no contexto social e cultural picoense, descrevendo “o que é significativo em uma vida”, conforme pontuou Levi (2006, p. 172).

A partir do retrato biográfico traçado, pelo **mapa formativo** de Ozildo Albano, deve-se questionar sobre como ocorreram suas práticas educativas no magistério privado e público, em municípios diversos do Estado do Piauí, proposta a ser desenvolvida na seção seguinte.

3 OZILDO ALBANO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR PIAUIENSE

Que lembrança darei ao país que me deu
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?
(Carlos Drummond de Andrade)

O eu poético drummondiano questiona, no poema Legado, em sua obra Claro Enigma, sobre que tipo de escrita de si deixará ao seu país, consequentemente, ao seu povo.

Indaga-se sobre seu **papel de legatário** a um país que lhe deu tudo o que lembra, tudo o que sabe, tudo o que sente, ou seja, reconhece-se como devedor que precisa deixar algo que seja compatível com as conquistas pessoais alcançadas.

Ser lembrado por um povo a partir de práticas educativas e culturais foi certamente o projeto de vida de Ozildo Albano. Sua atuação em campos diversos oportunizou-lhe educar vidas, mudar realidades, espalhar saberes. Sabia que tinha recebido desse mesmo povo contribuições necessárias para se tornar o homem culto que foi, logo, necessário retribuir-lhe.

Assim fez quando assumiu a docência e levou para as salas de aula em que atuou conhecimentos através de uma metodologia de ensino que colocava o aluno no centro dos debates.

Para ter acesso às informações pretéritas das práticas educativas em espaços escolares piauienses, por onde transitou Ozildo Albano, recorreu-se à memória individual de ex-alunos e amigos do professor que se tornou referência no município de Picos. As memórias individuais diversas conseguem revelar a memória coletiva de um povo. Segundo Halbwachs (1990, p. 51),

[...], a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membro do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada uma delas. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. [...].

O conjunto de homens e mulheres que vivenciaram as práticas educativas nos espaços escolares por onde Ozildo Albano passou trouxe ao presente, através

de suas memórias, enredos diversos sobre o cotidiano escolar, conteúdos de ensino, metodologias, relacionamento entre o professor e seus alunos, o seu capital cultural e sua vontade constante de ensinar, em todas as situações em que se via, a cada toque de campainha do horário escolar.

Esses enredos memorialísticos entraram em cena como vestígios de um tempo escolar e de um docente que se escreveu na vida de seus alunos, com tinta pedagógica indelével, contribuindo em sua formação escolar.

Como membros de grupos específicos, lembraram como parte desses grupos e de acordo com a posição que ocupavam no grupo. Com isso, foi possível perceber que cada memória individual foi capaz de revelar a massa uniforme e, ao mesmo tempo multiforme, da memória coletiva.

Antes, porém, necessária uma visita à trajetória da educação escolar no Piauí, com incidência em Picos, para se entender a prática educativa de Ozildo Albano e sua importância em um contexto educacional de demandas escolares expressivas.

3.1 Um olhar de sobrevôo sobre a educação local

O processo educacional em terras piauienses foi marcado por inúmeras incertezas e descompromissos ao longo de sua história. O que a literatura diz é que a educação formal não fazia parte do cotidiano no **período colonial**. Segundo as lições de Rodrigues (2012, p.231),

No período colonial, praticamente não havia escolas no Piauí. Isso ocorreu por causa do descaso do governo e da população e também pelo fato de que o número de habitantes era pequeno e as pessoas ficavam dispersas nas fazendas. Sem uma concentração populacional maior, era inviável a instalação de escolas.

A realidade esboçada mostra um quadro descompassado de descaso para com o início da educação no Estado do Piauí.

Geograficamente distante de outros centros de povoamento, o Piauí colonial não se desenvolvia. O meio rural era tangido pelo analfabetismo e pelo atraso proporcionado pelas suas próprias condições ambientais. Os núcleos populacionais se aglomeravam em torno das fazendas. Não havia uma estrutura sócio-político-

econômica capaz de oferecer melhores condições de subsistência para a população local que se encontrava inserida nesse meio.

A única oportunidade de trabalho ficava por conta dos fazendeiros que exerciam uma espécie de poder nas localidades onde possuíam as suas terras. Aqueles que ficavam às suas voltas, não tinham outra opção a não ser entregar a sua mão de obra na lavoura e na pecuária.

A família inteira dos colonos se dedicava aos trabalhos das fazendas. Não havia, assim, nenhum interesse dos fazendeiros em ter uma escola pelas pequenas paragens piauienses.

Em trabalho pioneiro desenvolvido sobre a educação no município de **Oeiras**, antiga capital da Província do Piauí, Reis (2009, p.89) afirma que:

A implantação de escolas em Oeiras, e por extensão em todo o Piauí, se deu por meio de um processo lento experimentando avanços e retrocessos. O Piauí passou por muitos anos pela circunstância de ser subordinado ora à Capitania de Pernambuco, ora à Capitania do Maranhão. A condição de Capitania subalterna, aliada a outros fatores como a baixa densidade populacional, um ensino desvinculado da realidade, o desinteresse da população, na sua maioria constituída por pessoas simples, como vaqueiros e homens do campo. [...] Além disso, havia ainda a dificuldade de se encontrarem pessoas com conhecimentos mínimos para o exercício da profissão de professor e a falta de estímulo salarial.

Foi com esse quadro de atraso e subordinação em relação a outras capitanias que o Piauí foi experimentando, em algumas localidades, o incremento dos primeiros rudimentos escolares.

Sob a condição de Capitania subalterna, o Piauí serviu-se dos mestres-escolas os mais variados possíveis, daqueles que além de oportunizar às crianças o acesso ao mundo das letras e dos números, havia aqueles que ensinavam algum ofício manual.

A educação foi conduzida pelas mãos desses homens-escolas que se incursionavam pelo vasto sertão piauiense. Possuidores dos conhecimentos mais elementares, mas que conseguiram “implantar um modelo de educação dentro dos padrões moldados pelo meio” em que se encontravam inseridos, como bem assinala Pinheiro (2007, p.90).

Por volta do ano de 1757, registra-se a criação de escolas de instrução primária no Piauí, mais especificamente na Vila da Mocha, atual município de Oeiras. Conforme Reis (2009, p.89-91),

As primeiras escolas de instrução primária do Piauí, de que se tem notícias, foram criadas na Vila da Mocha em 3 de maio de 1757. Eram duas escolas destinadas a atender crianças agrupadas conforme o gênero, dirigindo a cada grupo uma educação diferenciada. [...] Essas escolas, porém, não obtiveram êxito. Mas com o desenvolvimento da cidade, em outros setores, os governantes e representantes da terra sentiram de perto a necessidade de desenvolver também a educação. Muitas solicitações foram feitas para a instalação de escolas, além de denúncias sobre o estado de abandono em que se achava a educação no Piauí, mas a Coroa portuguesa permanecia indiferente aos apelos da distante e nascente Capitania. [...] A precária situação educacional do Piauí persistia [...] em 1795. [...] E assim, o Piauí chegou ao século XIX sem escolas públicas para atender à necessidade de educação de seu povo, até mesmo em Oeiras, sua capital. Ter acesso à educação naquela época era privilégio de uma minoria, somente das famílias abastadas que tinham condições de contratar pessoas para introduzirem seus filhos no mundo das letras e dos números. As aulas eram ministradas na casa do próprio professor ou na residência de quem o contratava. Poucos eram aqueles que enviavam seus filhos homens para estudarem em regiões mais adiantadas do Brasil, principalmente na Bahia, Maranhão e Pernambuco, e mais raramente ainda eram os que completavam os estudos na Europa.

Pelo que se percebe, a educação piauiense exercia um efeito sanfona, composta por pequenos avanços e recuos. Isso mostra o total abandono em que se encontrava a Vila da Mocha e, conseqüentemente, o restante dos agrupamentos humanos do Piauí.

A leitura que se pode fazer é que a Coroa portuguesa estava indiferente ao que acontecia na Capitania piauiense, uma vez que cronologicamente pouco ou quase nada havia sido feito pela educação no Piauí.

Restavam às famílias abastadas contratarem professores para ensinarem os seus filhos nas suas residências ou nas residências de quem o contratava. No mais, foram poucos os que se aventuraram na busca pelo conhecimento em outras regiões brasileiras ou, quiçá, fora do seu território. Para Ferro (1996, p.56), “é no Período Imperial que as primeiras iniciativas de educação acontecem” no Piauí e “logo após a proclamação da Independência, não se registram modificações profundas na sociedade piauiense, e no Período Imperial a província vai crescendo de forma muito lenta”.

Percebe-se que a educação no **Piauí Império** continuou sendo motivo de descaso por parte das autoridades que o governavam. Nesse período, as iniciativas escolares não chegaram a ter uma repercussão positiva. Ao contrário, algumas

escolas não tiveram a duração necessária para que houvesse um desenvolvimento adequado no processo educacional piauiense. Conforme as anotações de Rodrigues (2012, p.231), sobre a história da educação piauiense:

As primeiras escolas criadas na Capital da Província datam de 1757, sendo uma para meninos – cujo currículo oferecia a oportunidade de aprender a ler, escrever e contar, além da doutrina cristã – e outra para meninas, onde elas deveriam aprender a coser, fiar e fazer rendas. A duração dessas escolas foi bem curta.

Outras iniciativas escolares foram desenvolvidas durante o período imperial no Piauí. Mas, muito do que foi colocado em prática, nas escolas, fugia da realidade social da população local. Como bem esclarece Ferro (1996, p.58),

[...] o ensino, com os conteúdos de leitura e escrita, e até de latim, pouco interessava a uma população de vaqueiros e homens da terra. O ensino, dissociado da realidade, não oferecia atrativos ao povo, que não sentia a necessidade de tais conhecimentos.

Não havia, pois, uma organização educacional. O homem piauiense não tinha uma educação voltada para o seu meio cultural e social. A população não diferiu muito do que se tinha na colônia, eram vaqueiros e os homens da terra que se pode chamar de fazendeiros.

No período imperial, uma das tentativas mais bem sucedidas na criação de uma escola adveio da iniciativa do **Padre Marcos de Araújo Costa**. E isso foi algo que chamou a atenção não só do Piauí como um todo, mas também, de homens cultos como o botânico inglês George Gardner que, segundo Ferro (1996,p.63), foi “testemunho do alto nível de ensino ali ministrado” quando “[...] visitou o Colégio de Boa Esperança, em fevereiro de 1839, conheceu o seu proprietário, o tipo de ensino ali oferecido e a biblioteca então existente”. Ainda segundo Ferro (1996, p.62-63),

Fato notório, entretanto, é a existência da Escola Boa Esperança, estabelecida pelo Padre Marcos de Araújo Costa em sua fazenda de mesmo nome, no município de Jaicós. Fundada em 1820, [...] a escola teve características singulares. Criada por sua iniciativa particular, oferecia, entretanto, ensino gratuito aos seus alunos. Funcionava em regime de internato, com a orientação constante do dedicado sacerdote. [...] Este colégio teve funcionamento efetivo e ininterrupto por trinta anos, pois só fechou com a morte do seu idealizador e proprietário em 1850. Pode, portanto, ser considerado por muitos dos seus coestaduanos como o primeiro mestre-escola do Piauí.

O Padre Marcos de Araújo Costa trouxe para si a responsabilidade de educar em terras piauienses e assumiu o encargo que o governo imperial não conseguiu fazer. Na sua fazenda, instruiu e ensinou aos seus alunos a obterem os conhecimentos necessários a serem utilizados no cotidiano e, também, fez com que muitos alunos fossem em busca de uma profissão quando saíssem da Escola de Boa Esperança.

A Escola de Boa Esperança se destacou por ter sido conduzida por um homem de cultura como o Padre Marcos de Araújo Costa e por ter sido o único a possuir uma vasta biblioteca contendo, dentre outros, livros clássicos de filósofos que não se via em outras paragens do Piauí. Conforme Sousa (2010, p.54),

A próspera Vila, que abrigava a primeira escola regular do Piauí, recebia vários jovens pobres ou ricos advindos de outras localidades. O padre Marcos dedicou-se a educá-los sem a cobrança de nenhum provento, gastando inclusive seus bens patrimoniais. Muitos desses jovens que estudaram na fazenda Boa Esperança seguiram carreira de desembargador, advogado, servidor público, entre outras. A escola Boa Esperança era motivo de orgulho para o Piauí no período em que era bastante valorizada pela população da época – por não ser apenas uma escola de primeiras letras, mas também de ensino de latim, aritmética, francês, retórica, filosofia e teologia; o que possibilitava a alguns jovens mais abastados o sonho de ingressar numa faculdade ou então ocupar cargos da administração imperial.

O que destacou a Escola Boa Esperança das outras iniciativas escolares que o Piauí recepcionou foi justamente o empreendimento educacional e cultural feito pelo Padre Marcos de Araújo Costa. Ele não esperou de ninguém, assumiu a responsabilidade de difundir os conhecimentos que tinha e, com isso, adquiriu credibilidade e respeito por todos os piauienses e pessoas de outros Estados que o viram e ouviram falar nele.

Em 1889, com a implantação da República, urgia que se fizessem reformas significativas na educação brasileira. No entanto, o que se pôde constatar na estrutura organizacional do Estado federativo, foi o fortalecimento das oligarquias e do coronelismo.

Foi com esse cenário que a educação brasileira tentou ganhar fôlego. Um e outro modelo de política educacional foram sendo gestados nos gabinetes oficiais, durante a chamada República Velha. Mas, isso não passava de tentativas desconexas de mudança educacional.

Na **República piauiense**, a educação não foi suficientemente oxigenada para receber o otimismo que pairava na crença de um novo modelo educacional. Nas anotações de Ferro (1996, p.37),

A primeira Constituição Republicana, de 24 de fevereiro de 1891, seguindo a tradição imperial que vinha desde o Ato Adicional de 1834, continuou atribuindo aos Estados a responsabilidade da organização do ensino em geral, e, ao Governo Central, destinava, não privativamente, a atribuição de criar escolas de ensino secundário e superior nos Estados e de prover o ensino no município neutro que era o Distrito Federal. Obviamente, isto acentuou as disparidades educacionais, que ficariam a depender da situação econômica das várias unidades da federação, contribuindo para o agravamento das desigualdades entre Estados e regiões.

E nesse contexto, o Piauí não conseguia fazer mudanças significativas na sua plataforma educacional. Para Ferro (1996, p.87), “se a Primeira República a nível nacional teve a educação caracterizada por reformas, no Piauí também elas se apresentam, e de forma consecutiva e desconexa”.

Em meio a todas as dificuldades existentes, a República piauiense foi de passo a passo tentando dar uma sobrevida ao seu processo educacional e, com isso, a educação foi tomando novos rumos na concretização do projeto republicano, de consolidação do seu ensino. Segundo Ferro (1996, p.94),

Além da escolarização regular, das aulas particulares e ensino no próprio âmbito da família, surgem alternativas de estudos que atenderiam à realidade da época. O formal e o informal coexistem, se mesclam e se complementam. Paralelo às iniciativas oficiais, as famílias tratavam de sanar as necessidades ou falhas, na tentativa de oferecer condições para que seus filhos se iniciassem no mundo letrado.

Nos municípios era comum os alunos estudarem com os vigários paroquiais que, por terem um bom nível de estudo, podiam contribuir eficazmente para a orientação dos alunos. [...] Os que moravam em cidades e vilas do interior, às vezes, após os rudimentos iniciais de leitura, escrita e cálculo, seguiam para Teresina para continuar os estudos, e rumavam para outras capitais.

Nesse quadro educacional, a educação piauiense não atingiu, nos primeiros anos republicanos, o propósito de erradicação do analfabetismo e nem a expansão do ensino formal para todos os municípios do Estado.

Devido ao fato do ensino formal não adentrar nas mais longínquas paragens do Piauí, continuou a atuação dos **mestres-escolas**. Esses foram os responsáveis

em ensinar as crianças os rudimentos iniciais da escrita, leitura e cálculos matemáticos.

Contratados pelas famílias piauienses por um período determinado, os mestres-escolas participaram ativamente da construção de uma realidade educacional por onde exerceram o seu ofício. Discorrendo sobre esses “homens-escola”, assim se manifestou Pinheiro (2007, p.72),

Muitos povoados e cidades do interior do Estado do Piauí também absorveram a presença do mestre-escola. Em cada aglomerado humano do Piauí ficou o registro desses homens-escola. Com a utilização de métodos rudimentares de educação, modelaram o perfil cultural de crianças e adultos que se estabeleceram no sertão piauiense. Sob o amparo de comerciantes e fazendeiros, os mestres-escolas selaram contratos de prestação de serviços com o objetivo de ministrarem aulas para seus filhos. A estada de um mestre-escola em uma determinada comunidade despertava o interesse de outras famílias para também colocarem os seus filhos no mundo da cultura escrita.

A ausência do Estado no processo educacional piauiense fez com que surgisse a figura social dos mestres itinerantes. Em vários municípios, a presença desses autodidatas do sertão representava verdadeiras autoridades durante o período da escolarização das crianças.

Na literatura piauiense, têm-se uma das descrições feitas pelo escritor picoense Fontes Ibiapina (s/d, p.8-14), no seu livro **O Casório da Pafunça**, sobre a presença de mestres itinerantes no Piauí:

2ª cena

Uma escola na roça

CENÁRIO: Uma mesa, cadeiras e bancos. Sobre a mesa, uma palmatória, uma pedra e livros.

PERSONAGENS: Professor (Cambute) e diversos meninos sentados em bancos e cadeiras, lendo em cartilhas (em voz alta e cantada).

(Ao mesmo tempo, cada aluno lendo lição diferente. Suponhamos que sejam cinco alunos).

1º aluno

- Um b com a, bê a bá; um bê com é, bê é be; um bê com i, bê i bi; um bê com ó, bê ó bó; um bê com u, bê u bu. Ba. Bé. Bi. Bó. Bu.

2º aluno

- Um c com a, cê a cá; um c com ó, cê ó có; um c com u, cê u cu. Cá. Có. Cu.

3º aluno

- Um a com i, a i ai; um é com i, é i ei; um ó com i, o i ôi; um u com i, u i ui. Ai. Ei. Ôi. Ui.

4º aluno

- Um c com cedilha e um a, cê a çá; um c com é, cê é cé; um c com i, cê i ci; um c com cedilha e um ó, cê o çó; um c com cedilha e um u, cê u çu. Çá. Çé. Ci. Çó. Çu.

5º aluno

- M a má, d r idri, p e pé, r o ró, l a lá – madreperola. C a cá, sa sa, casa. M é mé, t a tá, f ó fo, r a ra, metáfora.

Professor

- Está errado!

Aluno

- Mas está escrito é assim, professor Cambute!

P r o f e s s o r

- Pois deixe eu ver!

A l u n o (entregando a cartilha ao mestre)

- Está aqui, fessor!

Professor

- É... Sabido também erra. Só se pode meter dentro.

(E corrige o nome, entregando a cartilha ao aluno, diz: - agora lê:)

Aluno

- MÉMé, t á tá, d e n den, t r o tró, metadentro.

Professor

- Certo!

Levanta-se um aluno, pega a pedra que está sobre a mesa e, mostrando-a ao professor:

Fessor, vou sair pra fazer uma precisão no mato. Está aqui a licença.

Professor

- Venha logo! (E mostrando a palmatória ao aluno) – olhe aqui a Dona-da-Cabeça-Amarrada!

Outro aluno

- Fessor, eu também quero ir ao mato.

Professor

- Só quando o outro voltar. Você bem sabe que só pode sair com a pedra da licença!!!

(O aluno que saiu há pouco volta, põe a licença sobre a mesa. O outro pega-a, mostra-a ao professor e sai.)

Outro aluno

- Fessor, eu também quero ir ao mato.

Professor

- Deixe o outro voltar! Você sabe que só pode sair com a pedra da licença!!!

(O aluno que saiu há pouco volta. Põe a pedra da licença sobre a mesa. O outro pega-a, e sai.)

[...]

Em **Picos**, a sua história segue praticamente o mesmo enredo de outras paragens piauienses. Evidentemente, com algumas particularidades locais, fruto talvez da sua própria localização geográfica, uma vez que fica próxima de Estados como o Ceará e o Pernambuco. Mas, no que diz respeito à educação, seguiu-se a mesma regra que se evidenciou no Piauí como um todo. Em diálogo com os acontecimentos históricos, assim se posicionou Sousa (2005, p.20),

O início do povoamento deu-se com a vinda de compradores de cavalos, originados de Pernambuco e Bahia. O primeiro lugar a ser devassado foi o atual município de Bocaina, em que Antônio Borges Marinho edificou, em 1754, uma capela, a qual ainda existe. Em 1851, erigiu-se a freguesia no Povoado sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios. Em 20 de dezembro de 1855, foi elevada à categoria de vila pela Resolução provincial nº 397, sendo desmembrada de Oeiras e ficando na ordem judiciária de Jaicós. Em 1859, a cidade de Picos foi edificada no local onde ficava localizada a fazenda de gado da família de Félix Borges Leal, português vindo da Bahia que instalou a fazenda Curralinho às margens do rio Guaribas. Como a maioria das cidades do Piauí, Picos surgiu da combinação fazenda, curral e capela. Em 12 de dezembro de 1890, foi elevada à categoria de cidade.

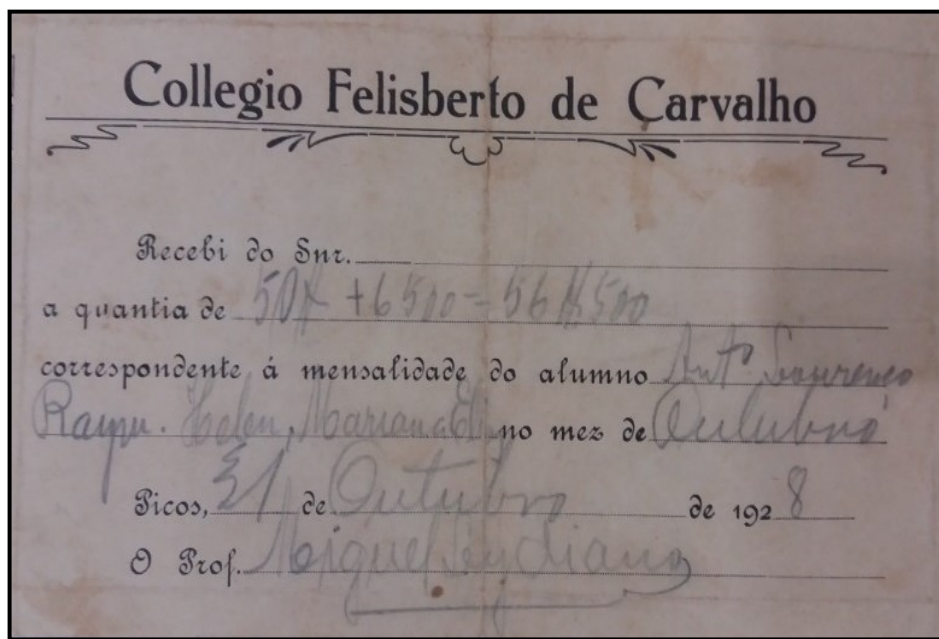
Partindo dessas escritas cronológicas, a educação picoense, nos primeiros anos republicanos, foi alicerçada pela iniciativa privada e se perdurou até a criação do **Grupo Escolar Coelho Rodrigues**. Mas, isso não significa dizer que os mestres-escolas tenham saído de cena. Ao contrário, em Picos, eles também tiveram um papel muito importante na consolidação do seu processo educativo. Nas palavras de Sousa (2005, p.23-24),

Na cidade de Picos, como consequência da desatenção da ação pública, ocorria à ampliação do número de escolas particulares, que ensinavam as primeiras letras, amenizando a condição de inúmeros analfabetos, situação consequente de uma sociedade de vaqueiros, despreocupada com a instrução escolar. Dessa forma, existiram diversas escolas particulares, anteriores à fundação do Grupo Escolar, como a organizada por Francisco Prota, em 1913. [...] Outras escolas particulares do período foram o Instituto Coelho Rodrigues de propriedade de Mário Martins (aluno de Francisco Prota), fundado em 1921, que funcionou sob regime de internato para jovens do sexo masculino, e o Colégio Felisberto de Carvalho, do professor Miguel Lidiano, que era uma escola mista. Havia ainda a escola de Quirino Pereira Nunes, a de Zezé Eulálio e a de Ulisses Rocha, que ensinavam a ler, escrever e contar. Essa situação perdurou até a fundação do Grupo Escolar, que acreditamos ter contribuído para ocasionar o desaparecimento gradativo daquelas escolas.

Essas escolas particulares, que foram criadas em Picos, mostram a desassistência do setor público, no início do século XX, uma vez que não era toda família que tinha condição econômica para colocar os filhos em estabelecimentos dessa natureza.

Ratificando os dados fornecidos por Sousa (2005), faz-se oportuno trazer ao contexto narrativo um recibo de comprovante de pagamento do **Collegio Felisberto de Carvalho**, citado anteriormente.

Ilustração 25 – Imagem: Recibo de pagamento ao Collegio Felisberto de Carvalho (1928)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 25 mostra a assinatura do **professor Miguel Lidianio**, datada do dia 31 de outubro de 1928, em recibo de pagamento de mensalidade. Percebe-se que o Collégio Felisberto de Carvalho era uma escola mista.

Quando Ozildo Albano elaborou a biografia de Monsenhor Hipólito de Sousa Ferreira, informou que o sacerdote incentivou o professor Miguel Lidianio a criar um colégio em Picos. A biografia foi publicada no Jornal “O Macambira”, ano IV, nº 92, em 30.09.1982, nos seguintes termos:

A Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios teve em Monsenhor Hipólito, um dos seus mais eficientes vigários. [...] evangelizando com palavras e atitudes. [...] quando em 1926, a cidade e o município foram invadidos, três vezes, pela ‘Coluna Prestes’ e pelas ‘Forças Legalistas’, o Monsenhor Hipólito foi a sentinela avançada e o mediador eficiente junto aos chefes das colunas invasoras exortando-os ao respeito à família e à vida dos pacatos habitantes de Picos. [...] Monsenhor Hipólito [...] incentivou o professor Miguel Lidianio na fundação do Colégio Felisberto de Carvalho, colégio esse responsável pela educação de uma geração de picoenses.

O incentivo que Monsenhor Hipólito de Sousa Ferreira deu para o professor Miguel Lidiano criar uma escola em Picos, mostra o quanto a cidade necessitava de estabelecimentos escolares. Essa atitude requer algumas considerações: primeiramente, ele foi um sacerdote de ilibada reputação em todo o Estado do Piauí e que uma sugestão dada por ele merecia ser acatada; segundo, a visão de mundo que o Monsenhor tinha, fazia com que todos o ouvissem.

Com o respaldo dado pela autoridade religiosa, o professor Miguel Lidiano implantou sua escola, que cumpriu o papel educacional durante o tempo em que esteve educando gerações de jovens picoenses.

Circunstancialmente, no ano de 1943, próximo do seu falecimento, Monsenhor Hipólito de Sousa Ferreira já havia manifestado o desejo de fundar um Colégio de Religiosas, em Picos. Nos escritos biográficos feitos por Ozildo Albano sobre o Monsenhor, no jornal Macambira, ano IV, nº 92, de 30.09.1982, assim narrou:

Seu testamento, feito em Valença dez dias antes de sua morte, foi fielmente cumprido. O patrimônio que ele deixou para um “Colégio de Irmãs” foi à semente que caiu em terreno fértil. No mesmo ano de 1943, as religiosas Filhas do Coração Imaculado de Maria fundaram o INSTITUTO MONSENHOR HIPÓLITO que [...] vem prestando valiosíssimos serviços à comunidade, instruindo, educando e, principalmente, preparando os jovens para a vida.

Em vida, Monsenhor Hipólito de Sousa Ferreira não viu o seu sonho realizado, mas ao ter destinado um prédio antigo, localizado na Avenida Getúlio Vargas, de seu patrimônio para as religiosas de Maria, contribuiu para o processo educacional local.

Se, por um lado, o governo cerceava o direito à educação por parte dos filhos das terras piauienses, por outro, a criação dessas escolas particulares notadamente minimizariam o número de analfabetos, que não deixou de crescer no Estado do Piauí, uma herança que vem se arrastando desde o período colonial.

A história de Picos foi pontuada pela presença de coronéis que exerciam uma verdadeira autoridade local. Em torno do nome deles, uma tradição familiar que foi passando para outras gerações, que os sucederam, e herdaram os seus sobrenomes.

Percorrendo as ruas e travessas de Picos, o transeunte se depara com as placas escritas com os nomes dos coronéis Antônio Rodrigues, Francisco Santos, Raimundo Macedo, Joaquim Balduino, Luís Nunes, Joaquim Santos, Luís Santos.

Mas, a **figura do coronel** em Picos também deve ser relacionada ao seu processo educacional. Um deles, o Coronel Francisco de Sousa Santos, foi o responsável em trazer professoras normalistas de Teresina para lecionarem no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Segundo Sousa (2005, p.29-30),

Assim, como resultado da procura por professoras normalistas, no dia 29 de janeiro de 1929, o coronel Francisco de Sousa Santos saiu de Teresina (PI) acompanhado de três jovens normalistas (Maria das Neves Cardoso, Alda da Mata Rodrigues e Ricardina de Castro Neiva) num ford modelo 1929. Depois de uma viagem cansativa de seis dias entre ladeiras, correntezas, noites em tapetas e debaixo de muita chuva, as três jovens normalistas chegam a Picos para a instalação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues. [...]A inauguração do Grupo Escolar ocorreu no dia 15 de fevereiro de 1929. A solenidade de implantação foi pela manhã e estiveram presentes as autoridades do lugar, além de muitos convidados. A sessão de instalação foi aberta pelo Coronel Francisco Santos, que falou sobre aquele momento histórico. Em seguida discursou o juiz de direito da cidade, Dr Urbano Maria Eulálio e, logo depois, o prefeito da cidade na época, Dr. Antenor Martins Neiva. Por último agradeceu a professora normalista Alborina Silveira, nomeada diretora do Grupo Escolar [...].

O Grupo Escolar Coelho Rodrigues era mantido pelo Estado e firmou-se como um espaço educativo que ficou registrado na memória de muitos picoenses que nele estudaram. Foi com esse Grupo que ocorreu a consolidação do ensino público local.

Por outro lado, a educação municipal não atendia adequadamente os alunos. As escolas funcionavam precariamente e não davam condições de trabalho para os professores. Segundo Sousa (2005, p.73),

Em 1932, precisamente no dia 02 de janeiro, foi fechada a escola mista de Picos, sob alegação de essa instituição não atender aos interesses do ensino. Provavelmente esse ato ocorreu em virtude do funcionamento do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que atendia à demanda dos alunos da sede municipal. Até então a ação do município em educação era muito incipiente. Somente em 1935 foi fundada a primeira escola municipal, funcionando num mesmo espaço físico, denominada de Escola Municipal Landri Sales, localizada em casas alugadas na Rua Grande, atualmente Avenida Getúlio Vargas.

Em plena década de 1930, a educação picoense passava pelos mesmos problemas, sempre em descompasso. Não se implantava um projeto educativo que pudesse surtir efeito e, conseqüentemente, atender à população local e demais localidades próximas.

Antes de se fechar esse quadro informativo sobre a educação picoense, faz-se necessário adentrar uma etapa significativa do processo de criação do **Ginásio Estadual Picoense** que, segundo Sousa (2005, p.86),

Até o ano de 1949, a cidade de Picos não possuía Ginásio. O Grupo Escolar Coelho Rodrigues, a Escola Municipal Landri Sales, o Instituto Monsenhor Hipólito e os professores municipais espalhados em casas e escolas improvisadas, ensinando a ler, a escrever e a contar, constituía o panorama educacional da região.

Esse registro mostra como se encontrava a educação picoense no ano de 1949. Ainda havia uma carência de estabelecimentos educativos, os professores municipais se deslocavam para espaços improvisados a fim de ensinarem as crianças a ler, escrever e contar. Nos povoados mais distantes, a educação ficava entregue nas mãos de mestres itinerantes, homens de confiança dos prefeitos de Picos. Segundo Pinheiro (2017, p.79),

[...] vivendo em uma comunidade rural, [...] Miguel Borges de Moura tornou-se mestre das primeiras letras e lecionou em casas, fazendas e escolas do interior de Picos, tendo sido contratado, em 1941, pela Prefeitura Municipal de Picos, para trabalhar no povoado Aroeiras, mas mesmo assim, não abandonou o ofício de mestre-escola. [...] A Picos [...] era rural, onde o poder público precariamente mantinha escassas escolas funcionando e que obrigava, em virtude disso, os pais das crianças buscarem nos mestres-escolas a saída para a alfabetização dos seus filhos. É nesse circuito da ausência de uma política educacional voltada para todos que a figura dos mestres-escolas foi recepcionada. Tratavam-se de homens que, mesmo sem terem formação específica para o exercício da docência, tornaram-se os responsáveis em muitos locais, dentre eles Picos-PI, pelo ensino das primeiras letras, não apenas às crianças, mas também aos adultos.

Povoados como o de Aroeiras atendido pelo mestre-escola Miguel Borges de Moura e outros Riachão, Baixio, São Luís, Genipapo, Sussuapara, Coroatá, Paquetá, Abóboras, Saco do Engano que estão registrados no Livro de Compromissos da Prefeitura Municipal de Picos, datados de 1936 a 1948, não tiveram a devida assistência do poder público.

Muitos outros mestres-escolas recebiam da Prefeitura Municipal de Picos sem estarem escritos no Livro de Compromissos, que ainda existe e encontra-se nos arquivos do museu Ozildo Albano.

Não é demais lembrar que esses mestres-escolas, além de seus conhecimentos colocados à disposição de populações carentes, tinham em muitas

localidades outras atribuições. No caso do mestre-escola Miguel Borges de Moura, descrito por Pinheiro (2017, p. 96), exercia outras funções sociais, uma vez que:

Em virtude do índice elevado de analfabetismo na região, Miguel Borges de Moura assumia também o papel de socorrista epistolar. Aqueles que não sabiam ler e escrever, procuravam-no para a escritura de suas cartas, meio próprio de comunicação da época. O fato de ser procurado para escrever as cartas dos moradores locais, também representava a força da confiança que a população nele nutria, uma vez que teria acesso ao conteúdo das informações contidas nas correspondências.

Outros papéis sociais foram desempenhados pelo velho mestre. Atuou também no serviço eleitoral, ajudando o ex-prefeito de Picos, Coronel Francisco de Sousa Santos. [...]

Era convidado para inventariar apurados de venda de carne e listar nomes de devedores dos proprietários do abate.

As declarações de Pinheiro (2017) tocam em um ponto bastante crítico da educação, em Picos, que foi o elevado índice de analfabetos. O município não conseguia atender à demanda de alunos que se encontravam nos povoados, a saída era recorrer aos mestres-escolas.

A presença de “homens mais letrados”, como os mestres também eram conhecidos, dava a eles a confiança para penetrarem no universo particular das famílias por onde passavam. Muitos deles tinham acesso a informações privilegiadas, que só diziam respeito ao foro do sujeito, mas devido ser portador de conhecimentos que fugiam ao contexto onde ensinava, tornava-o uma figura ilustre perante os demais. Foram, pois, homens de ação que deixaram as suas contribuições para a história da educação no Estado do Piauí.

Neste contexto, o mestre-escola assumiu um papel de relevância no Piauí como um todo, atuando desde o período colonial, passando pelo período monárquico e atravessando a república brasileira, como uma constante em inúmeras localidades.

Em Picos, não se pode precisar quando teve fim a atuação do mestre-escola, levando-se em conta que em cada município piauiense havia os povoados e, em muitos deles, a presença dos mestres era necessária, porque as prefeituras não construíam escolas e o número de professoras normalistas não dava para atender a todos.

Necessário também informar que a realidade educacional executada por esses homens-escola ainda se mostrava em estado primitivo, por mais que

fizessem, o que mais preponderava era a incerteza de se ter algo melhor, algo que pudesse mudar de fato a educação picoense.

Um fato importante e que merece a devida compreensão é que a saída de cena dos mestres-escolas se deve ao processo de modernização que estava passando o município de Picos, especificamente na década de 1950, e o fato da chegada de professoras normalistas oriundas da capital Teresina e de outros Estados da federação.

Outro dado que marcou o processo educacional em Picos foi à presença do Ginásio Estadual Picoense, no ano de 1950. Com sua implantação, os filhos da terra não precisavam mais sair para estudar em outros municípios e Estados, iniciava-se uma nova etapa na educação. Muitos jovens se destacaram durante os anos de ginásio, dentre eles, o ginasiano Ozildo Albano, primeiro presidente do Grêmio Literário Da Costa e Silva e também gerente e redator do Jornal estudantil “Flâmula”.

3.2 A cultura escolar e os saberes docentes no contexto das escolas

É de se observar que o historiador Dominique Julia (2001) esforçou-se no sentido de discorrer sobre a **cultura escolar** como objeto historiográfico. Para tanto, deixou claro que o seu estudo requer uma análise pormenorizada com o conjunto das outras culturas que fazem parte da sociedade. Visto assim, a cultura escolar não afugenta a escola do conjunto de outras culturas que historicamente se mantém imbricadas entre si.

Entende-se por cultura escolar, conforme Julia (2001, p. 10), como:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Pode-se afirmar que existe uma intencionalidade nas normas a partir do momento em que são elas que elegem os conhecimentos que os aprendizes devem ter acesso e o tipo de condutas, comportamentos a serem apropriados.

Afora isso, por meio das práticas docentes, no cotidiano da sala de aula, ocorre a entrada em cena de uma didática capaz de transmitir os conhecimentos

previamente estabelecidos e modos educativos de incorporação dos conhecimentos e dos comportamentos.

Ozildo Albano, além de lecionar os conhecimentos previstos na grade escolar, impulsionava a formação dos alunos, levando para o cotidiano de suas aulas temas diversos que auxiliavam na assimilação do conteúdo e na formação do pensamento crítico.

Sua prática educativa, considerada de tendência vanguardista na época, pois envolvia os aprendizes em debates, facilitava a construção de uma cultura escolar dinâmica e eficiente.

As demais culturas da vida cotidiana adentram a escola e, com a cultura escolar que lhe é particular, estabelecem inúmeras relações conflituosas e pacíficas no percurso de cada período histórico. Segundo Forquin (1993, p.169),

[...] é certamente necessário reconhecer também o caráter, em grande parte inevitável, da tensão frequentemente observada entre a cultura escolar e a cultura da vida cotidiana. Sim, num certo sentido, pode-se, certamente, dizer que toda escola contém ao mesmo tempo o mosteiro e a cidadela.

Sendo a escola o lugar de tensões provocadas entre a cultura escolar e as culturas da vida cotidiana, assume o professor um papel social importantíssimo “[...] em seu projeto de fazer os alunos adquirirem tal ou qual tipo de conhecimentos, capacidades ou atitudes”, conforme destaca Forquin (1993, p.167).

O professor é visto como mediador capaz de fazer funcionar e manter a cultura escolar, pois é ele quem atua no sentido de promover as normas e de realizar as práticas que as consolidarão. Esse pensamento é ratificado por Julia (2001, p.10-11) quando afirma que as:

normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores.

Feitas essas considerações, convém assinalar o conceito de cultura escolar proposto por Forquin (1993, p.167), como sendo:

[...] o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que selecionados, organizados, ‘normatizados’, ‘rotinizados’, sob o efeito

dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas.

A cultura escolar se materializa através de procedimentos sistematizados e que requer ações humanas direcionadas para a formação crítica de sujeitos que buscam conhecimentos em contextos escolares. Impende notar que o conceito de cultura escolar se volta para o contexto da escola. E, como tal, exige um rigor na transmissão do conjunto de conteúdos que fazem parte do currículo da escola.

Quer-se com isso dizer que para haver uma cultura escolar faz-se necessário que os conteúdos escolares sejam “selecionados”, “organizados”, “normatizados” e “rotinizados”. Somados a isso, requer que tais enquadramentos sejam viabilizados através do auxílio da prática educativa de cada professor.

Salienta Dominique Julia (2001, p.32) que “a cultura escolar é efetivamente uma cultura conforme, e seria necessário definir, a cada período, os limites que traçam a fronteira do possível e do impossível”. Com essa compreensão, percebe-se que a cultura escolar se desenvolve em conformidade com as condições estabelecidas e seguindo os critérios que determinam a produção cultural em diferentes períodos históricos.

A cultura escolar tem sido uma das temáticas de relevância nos estudos em história da educação. O que se passa no interior da escola, muito das vezes, não se encontram registrados em nenhum tipo de documento oficial onde se possa fazer um estudo mais pormenorizado de suas práticas cotidianas.

Para tentar compreender a cultura escolar desenvolvida nas escolas por onde Ozildo Albano lecionou, buscou-se auxílio na **metáfora aeronáutica** da ‘caixa preta’ proposta por Julia (2001). E foi através dela que se tornou possível uma viagem ao passado, nas espacialidades das salas de aula, nos corredores, nos pátios, nos auditórios escolares, enfim, por onde inúmeras práticas educativas foram realizadas.

É preciso destacar que no contexto da cultura escolar, os **saberes docentes** são entendidos, no dizer de Tardif (2002, p. 36) como “[...] um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”.

Nesse sentido, o amálgama dos saberes que informam a docência é atravessado por conhecimentos advindos da formação, das disciplinas transmitidas nos cursos de formação, dos currículos escolares e da própria experiência docente,

construída nos anos de sua prática educativa. Essa colcha de retalhos acompanha o percurso dos professores em seu cotidiano em sala de aula e define práticas e resultados na dinâmica da relação ensino-aprendizagem.

Para fins da pesquisa, destacam-se os **saberes disciplinares** e os **saberes experienciais**. Conforme Tardif (2002, p. 38), os saberes disciplinares são aqueles:

[...] que correspondem aos diversos campos do conhecimento, aos saberes de que dispõem a nossa sociedade, tais como se encontram hoje integrados nas universidades, sob a forma de disciplinas, no interior de faculdades e de cursos distintos. [...].

São, pois, saberes adquiridos na formação acadêmica do docente e que se relacionam diretamente com o seu campo de atuação profissional.

Ozildo Albano era formado em Direito, não fez uma licenciatura que o preparasse para o exercício da docência, mas no contexto em que estava inserido era comum os bacharéis serem contratados para suprirem a carência de professores. Porém, em virtude de sua formação humanista, foi capaz de se inserir no campo educacional e ministrar aulas.

Desenvolveu, no cotidiano da profissão, os saberes experienciais que, segundo Tardif (2002, p. 38-39), são aqueles que:

[...] os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser. Podemos chamá-los de saberes experienciais ou práticos. [...].

Os saberes experienciais são fruto da construção profissional, da vivência em sala de aula, da prática da profissão, da interação com outros docentes.

Ozildo Albano demonstrou ter desenvolvido os saberes experienciais, na sua trajetória docente, a partir da colaboração de outros docentes mais experientes e do próprio labor diário.

Para se entender a trajetória educativa de Ozildo Albano, no contexto escolar piauiense, optou-se por apresentá-la a partir das escolas em que lecionou, ao que se conceitua chamar de **categorias de análise**, dimensionando, assim, de forma diacrônica a sua atuação docente e, conseqüentemente, possibilitando o registro e análise de sua prática educativa, em espacialidades diversas.

A ilustração 26 contempla o mapa do Piauí. Através dele é possível visualizar os municípios de Picos, Pio IX e Jaicós que se constituíram nas três espacialidades em que Ozildo Albano exerceu a docência.

Ilustração 26. Imagem – Mapa do Piauí



Fonte: <http://www.jornaldaparnaiba.com/2013/04/ha-algo-de-errado-por-aqui.html>

3.3 Instituto Padre José de Anchieta: O primeiro espaço de docência de Ozildo Albano

Tudo começou em Picos, no ano de 1962, quando decidiu fundar uma escola particular, em parceria com a sua irmã, a professora Maria da Conceição Silva Albano, o **Instituto Padre José de Anchieta**. Segundo informações de Silva Albano (2017, p.423):

O Instituto Padre Anchieta funcionava na Rua Santo Antônio, na parte da manhã e à noite funcionava o Colégio Comercial. Depois, nós saímos e desmembramos. O Padre Anchieta foi lá para onde era a casa de doutor Alberto Monteiro. Em seguida, a gente

comprou um terreno aqui na Rua São Francisco. As séries que tinham era a alfabetização, 1º, 2º, 3º e 4º anos. O 4º ano já era em ritmo de admissão ao ginásio. As aulas de admissão ao ginásio foram dadas por mim e por Ozildo. [...] Ozildo foi a alma desta escola. Sem contar a parte financeira. Ele organizava o pastoril de natal, ainda temos a letra dessa música. Quando o Instituto Padre Anchieta funcionava na Rua São José, a gente mandou fazer uma quadra de cimento. Tinha a encenação de natal, tinha as quadrilhas. Ozildo organizava tudo. Ele gritava as quadrilhas e a parte de dramatizações. Era uma escola muito animada. O 7 de setembro tinha, mas já era aquele negócio que a gente tinha na cabeça, de militar. A gente ia, a representação do colégio ia, como os demais colégios. No entanto, eu achava tão cansativo botar aquelas crianças no sol quente. Setembro era o mês mais quente. [...] O Instituto Padre Anchieta funcionou até 1974. Eu fui terminando aos poucos. Ozildo saiu para a magistratura e também tinha o Rio Guaribas aqui perto.

O Instituto Padre José de Anchieta funcionou em três espacialidades, A saber: na Rua Santo Antônio, Rua São José e Rua São Francisco, onde passou a funcionar em estabelecimento próprio.

Foi um colégio de excelência e tinha a alfabetização, o ensino primário e, na quarta série, o ensino se voltava para a preparação dos alunos ao exame de admissão ao ensino ginásial. As aulas de admissão ao ginásio eram ministradas por Ozildo Albano e Conceição Albano. Ele também era responsável pela organização de todas as atividades culturais realizadas durante o ano letivo na escola.

Dentre os eventos que Ozildo Albano dirigiu, no Instituto Padre José de Anchieta, destacou-se o **pastoril de natal** que, segundo Oliveira (1995, p. 36),

[...] é composto de duas filas de pastorinhas com vestidos longos (saia e blusa), torço na cabeça e muitos colares, e algumas personagens como as Ciganas, a Florista ou a Borboleta. O cortejo sai pelas ruas e dança nas casas de família, no período de 23 a 6 de janeiro. Chegado à casa, a porta deve estar fechada e só abrirá depois do canto de chegada. As ciganas lêem as mãos das pessoas, a florista vende suas flores e as princesas vendem as fitas da cor de seu respectivo cordão. No fim, a dona da casa serve bolinhos e licores caseiros. Depois das 'partes', isto é, dos diversos bailados, canta-se a despedida, e o cortejo parte para outra casa.

Ozildo Albano guardava com cuidado os escritos pastoris, para todos os anos levar ao público uma das mais importantes celebrações de canto, dança e louvações que faziam parte do ciclo das festas natalinas da região. Sobre isso, em forma de versos, O **Terno de São**, que organizou com os alunos na escola.

Terno de Sião

(Pastorinhas)

1.

O terno
Da gente de Sião
Que anuncia
Com suma alegria
O nascimento em Belém
Do Redentor
Do Deus-Menino
Jesus, filho de Maria
Vinde ouvir,
Cristãos, correi
E vinde ouvir
A anunciação do Salvador
Do grande Rei

Nascido
Para redimir a dor
E que da Cruz (bis)
Para dar o amor
À humanidade e sua lei.

2.

Oh! de casa, nobre gente,
Escutai e ouvireis:
Lá das bandas do Oriente
São chegados os Três Reis

Acordai e vinde ouvir
Somos de longe e queremos ir (bis)

Já não se dorme em Belém
Senhores, é tempo já
Eis na lapa para o bem
Jesus, filho de Judá.

Acordai e vinde ouvir
Somos de longe e queremos ir (bis)

3.

Somos filhas de Sião
Do Oriente em jornada
Procuramos um abrigo
Abre, pois, a tua porta.
Desperta do teu regaço
Vem das Filhas de Sião
Receber um terno abraço.

4.

Povos e Reis, adorai
É nascido o Redentor

Veio viver e sofrer na terra
 Veio morrer por nosso amor (bis)

5.
 Escutai em voz canora
 A palavra do eterno
 Eis que vem livrar o homem
 Do cativeiro do inferno.

6.
 Cantemos hinos
 Humildemente (bis)
 Mil graças demos
 A Deus clemente

7.
 Sou uma pobre pastora
 Filha dos montes de além
 Vos convido, companheiras,
 Para o berço de Belém.

Convido a Pastora a flor
 Para esta festa de amor (bis)

Deixei os campos risonhos
 As belas serras azuis
 Para vir dançar na Lapa
 Do terno e meigo Jesus

Convida a Pastora a flor
 Para esta festa de amor (bis)

As aves todas em festa
 Cheias de santa alegria
 Cantaram que já nasceu
 Jesus, filho de Maria.

Convida a Pastora a flor
 Para esta festa de amor (bis)

8.
 Trago nos olhos bailando
 As dores vagas da várzea
 Vive em minha alma cantando
 O valor das filhas da Ásia

9.
 Cantigas, minhas cantigas.
 Filhas de minha saudade
 Sois sempre ternas amigas
 De minha felicidade

10.
 Vamos, queridas pastoras.

Tornemos as vossas plagas
 Bem sei que tristes voltamos
 Por deixar o Redentor
 Olhem, porém, os labores.
 De volta, difíceis estradas.

O tempo que já passamos
 Que nos traz forte calor (bis)

Como é belo esse tempo
 Como sopra a viração
 É, pois, hora de partir.
 Companheiras, vamos, pois,

Entoando nossos cantos
 Cantando nos despedir (bis)

11.
 Alegres são nossos cantos
 Quando vem rompendo o dia
 E o gorjeio saudoso
 Do pequeno, do pequeno rouxinol.
 Cantemos, todas, cantemos,
 Com prazer e alegria

Por nascer o Deus menino
 Jesus, filho de Maria. (bis)

Uma esmola, meu senhor,
 Para o filho de Maria.
 Nasceu em berço de palha,
 Onde surgiu a alegria.

Abençoado será
 Quem boa esmola fizer
 Por Maria, Mãe Divina,
 Por Jesus e por José.

Ao longo dos versos, tem-se uma mensagem religiosa para todos. Ali estava o educador, mas também o homem que fora talhado pelas penas do catolicismo e que, inevitavelmente, levou para suas práticas educativas, um pouco do que aprendeu e viveu, tanto no Seminário quanto na formação familiar. Sobre o pastoril natalino, Moura (2016, p.477-478) relembrou que:

Ozildo Albano chegou a fazer um pastoril em Picos com Conceição Albano, sua irmã. Ela foi das pastorinhas. Naquele tempo, existia assim, como a gente não tinha teatro, não tinha cinema, tinha os bailados, fazia os bailados nas casas, por época, daí, tinha as pastorinhas no natal. Ozildo com a Conceição Albano se dedicavam, tinha a letra com a partitura. [...] Eles organizavam pra

época de natal. Inclusive, Ozildo organizava o presépio, era a coisa mais bonita. Ele organizava para dinamizar o natal. Isso causava emoção nas pessoas, muito emotivo para as pessoas que eram religiosas.

Os eventos educacionais realizados pelos irmãos Albano mobilizavam a comunidade escolar e pessoas da sociedade local que se interessavam pelos temas apresentados. E, embora não dispusessem de suportes artísticos requintados, pois a própria época e o município não dispunham, conseguiam, com um cenário simples e figurino modesto, atingir os objetivos pretendidos.

Os alunos ensaiavam na quadra próxima ao Instituto e, no dia da apresentação, deslocavam-se da escola com destino às suas casas e às das famílias que os convidavam.

A dinâmica da apresentação ficava a cargo dos brincantes e do dirigente que conduzia a pastorinha de forma a preservar o enredo cultural que tal dramatização possuía. Ozildo Albano agia, assim, como um intelectual que se enquadrava no conceito de **mediador cultural** que, segundo Sirinelli (2003, p. 242), localiza-se na acepção ampla e sociocultural de intelectual, como se posiciona abaixo:

[...] é preciso, a nosso ver, defender uma definição de geometria variável, mas baseada em invariantes. Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os 'mediadores' culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista quanto o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto, postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou 'mediadores' em potencial, e ainda outras categorias de 'receptores' da cultura. É evidente que todo estudo exaustivo do meio intelectual deveria basear-se numa definição como esta.

Como mediador cultural, Ozildo Albano levou, não apenas aos alunos conhecimentos educativos e culturais, mas também à sociedade em que estava inserido. Foi homem-ponte que entendeu a necessidade de dar melhores condições educacionais aos picoenses, enfrentando a aridez dos dados oficiais de analfabetismo de sua época, do atraso da chegada das informações e de acesso à cultura e olhou para os diversos campos em que se encontrava e fez desses campos possibilidades de exploração e de divulgação da cultura.

Em relação às condições educacionais no campo da instrução pública, deve-se considerar os dados censitários das décadas de 1940, 1950 e 1960, abaixo expostos:

Quadro 01 - População de fato de Picos e dados da instrução (1940)

POPULAÇÃO	SABIAM LER E ESCREVER	NÃO SABIAM LER E ESCREVER	INSTRUÇÃO NÃO DECLARADA
40.414	6.671	25.998	48

Fonte: IBGE – Recenseamento Geral de 1940 - Piauí

Conforme consta no quadro 01, quando se observa a população de fato, entre 05 anos e mais, em Picos, segundo o censo de 1940, no aspecto individual instrução, tinha-se uma população de 40.414 pessoas que declararam saber ler e escrever, não sabiam ler e escrever e não declararam sua instrução.

Ao todo, 6.671 pessoas declararam-se como sabendo ler e escrever, porém havia um total de 25.998 pessoas que não sabiam ler e escrever. O censo de 1940 não trouxe o mapeamento especificando a localização da população na zona urbana ou rural, assim, tem-se os dados gerais, apenas.

O quadro 02 apresenta a situação da população picoense, no aspecto instrução, de 05 anos e mais, conforme o censo de 1950.

Quadro 02 - Pessoas presentes, de 05 anos e mais, por instrução - Picos (1950)

LOCAL	POPULAÇÃO	SABIAM LER E ESCREVER	NÃO SABIAM LER E ESCREVER
Piauí	860.074	185.335	673.666
Picos	44.233	9.559	34.660

Fonte: IBGE – Recenseamento Geral de 1950 – Piauí

No censo de 1950, entendia-se como sabendo ler e escrever a pessoa que fosse capaz de ler e escrever um bilhete simples, em qualquer idioma, não sendo mais considerado quem soubesse apenas assinar o nome.

Deve-se informar que o Piauí possuía uma população de fato de 1.045.696 pessoas e Picos 54.713. O quadro 02 traz apenas dados considerando a população de 05 anos e mais, a partir da categoria instrução. Assim, Picos possuía uma população de 44.233, sendo que 9.559 pessoas sabiam ler e escrever e 34.660 não sabiam ler e escrever.

No quadro 03, faz-se a apresentação da situação da instrução, na população de 05 anos e mais, considerando sua localização na cidade e na zona rural.

Quadro 03 - População presente com indicação da instrução por pessoas de 05 anos e mais em Picos (1950)

POPULAÇÃO TOTAL (PICOS)	POPULAÇÃO COM 05 ANOS E MAIS (PICOS)	CIDADE	QUADRO RURAL	SABIAM LER E ESCREVER		NÃO SABIAM LER E ESCREVER	
				Cidade	Rural	Cidade	Rural
54.713	44.233	4.568	50.145	1.824	7.735	2.050	32.624

Fonte: IBGE – Recenseamento Geral de 1950 - Piauí

Considerando apenas a população de cinco anos e mais, 44.233, havia 3.874 pessoas morando na cidade e 40.359 na zona rural. A partir dessa informação pode-se entender a distribuição censitária do quadro 03.

Na categoria sabia ler e escrever, na cidade, existiam 1.824 e na zona rural, 7.735. Na categoria não sabiam ler e escrever, havia 2.050 pessoas na cidade e 32.624 pessoas na zona rural.

Resta explicar que a população de fato de Picos era de 54.713 habitantes, sendo que 4.568 residiam na cidade e 50.145 na zona rural.

Considera-se importante apresentar os dados censitários de 1960, para melhor acompanhamento da situação da realidade de acesso à escolarização e do nível de analfabetismo do município e do Estado.

Quadro 04 - Pessoas de 05 anos e mais, alfabetizadas e que estudam – Picos (1960)

LOCAL	POP. TOTAL	POP. De 05 ANOS E MAIS	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	SABIAM LER/ESCREVER	ESTUDANTES
PIAUI	1.249.200	1.029.828	292.422	956.778	284.494	105.210
PICOS	49.801	41.061	8.080	41.721	10.796	2.556

Fonte: IBGE – Recenseamento Geral de 1960 - Piauí

Em um universo populacional abrangendo pessoas de cinco anos e mais, no censo de 1960 tem-se a informação de que Picos possuía uma população de 41.061 pessoas, dessas, 8.080 residiam na zona urbana e 41.721 na zona rural.

Observando o desenho da instrução, observa-se que 10.796 pessoas foram catalogadas como sabendo ler e escrever e apenas 2.556 eram estudantes em algum nível escolar.

Os dados acima tornaram-se necessários para melhor esclarecimento acerca do papel de Ozildo Albano como mediador cultural em Picos. Suas práticas educativas favoreciam acesso a **enredos culturais** em um contexto de alto índice de analfabetismo.

A ilustração da realização do pastoril de natal exemplifica uma de suas práticas educativas, no campo cultural. Realizou o pastoril não apenas em Picos, mas em Pio IX, município em que também lecionou. Em relato feito pela ex-aluna, a senhora Custódia Matutina de Alencar, disponível em Albano; Silva (2011, p.125),

[...] Por ocasião de um Natal, naquela época, organizou um Pastoril, composto de um grupo de pastorinhas que chamou a atenção de toda a população da cidade. Elas cantavam e dançavam em visita às residências, fato que nunca mais se repetiu.

Pela narrativa da ex-aluna, percebe-se a contribuição cultural deixada por Ozildo Albano, nos lugares por onde passou. Em Pio IX, além de ter se dedicado à magistratura, assumiu a direção e foi professor de língua portuguesa do Ginásio Francisco Suassuna de Melo.

Para promoverem mais eventos culturais no Instituto Padre José de Anchieta, Ozildo Albano e a sua irmã, Maria da Conceição Silva Albano, resolveram fazer uma quadra de cimento para colocarem em prática todas as atividades que iriam ser realizadas na escola.

A partir daí, realizaram-se outros eventos. Durante as festas juninas, Ozildo Albano procurou envolver os alunos e tudo saía organizado e pensado em conformidade com a festividade, os alunos se vestiam conforme o evento.

O espaço da quadra do Instituto Padre José de Anchieta, onde aconteciam as festividades juninas, recebia a ornamentação necessária para fazer os ensaios e a apresentação da quadrilha. Ozildo Albano animava as quadrilhas e ensinava a cada aluno os detalhes que fazia parte da dança, para que tudo fosse apresentado da melhor maneira possível.

Ilustração 27 – Fotografia: Quadrilha organizada por Ozildo Albano (1964)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 27 apresenta o momento em que os alunos do Instituto Padre José de Anchieta estavam com o professor Ozildo Albano, na quadra da escola, para a apresentação da quadrilha junina. Destaca-se o figurino usado pelos alunos, todos com roupas de caipira e chapéu na cabeça, além da presença dos instrumentos musicais próprios da festividade, a saber, sanfona, zabumba e triângulo, usados por três alunos.

Ilustração 28 – Fotografia: Quadrilha organizada por Ozildo Albano (1964)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na ilustração 28, tem-se a presença de Ozildo Albano, Conceição Albano e outros professores do Instituto Padre José de Anchieta com a turma de alunos a postos para a quadrilha junina. Todos caracterizados para a festa e acompanhados por instrumentistas.

Ao ter ancorado o objeto de pesquisa no **campo epistemológico da Nova História Cultural**, tornou-se possível a entrada em cena de lugares da memória como fotografias, jornais e o museu Capitão-Mor João Gomes Caminha que atravessaram a história de vida de Ozildo Albano.

No dizer de Le Goff (1995, p.13), “[...] a história se afirma como nova ao anexar novos objetos que até agora lhe escapavam e se situavam fora de seu território”. Assim, ao se lançarem fora da história positivista do século XIX, os novos objetos historiográficos passaram a fazer parte do campo de ação do historiador.

Naturalmente, a trajetória do homem é de interesse da própria história. Onde ele se encontra e tenha deixado as suas marcas mais singulares, aí está a escrita da história coletiva de um povo. Conforme Bloch (2001, p.79), “[...] Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”.

Diante disso, todas as fotografias ao longo do texto informam sobre Ozildo Albano, tocam na matéria social e projetam os reflexos de uma fração de tempo vivido em diferentes contextos. Fornecendo, assim, as provas cabais de que ele esteve ali e que deixou as suas marcas.

Quando visualizadas, os leitores de imagens têm em mãos um documento de uma época e a força significativa que paira sobre as imagens captadas pelas lentes mecânicas da câmera fotográfica.

Cada fotografia aciona inúmeras lembranças, guardam a memória coletiva na sua moldura e é nesse espaço em que o leitor de imagens, munido de um saber culturalmente vivenciado em grupo ou da sua própria bagagem enciclopédica, faz com que ocorra um reexperimentar de acontecimentos passados.

De acordo com Nora (1993, p.07), os “[...] lugares onde a memória se cristaliza e se refugia [...]” dão a certeza de que o passado não se apagou, ficaram vestígios da escrita do homem.

Buscou-se ilustrar a trajetória de Ozildo Albano a partir de fotografias que informam um pouco de seu cotidiano e práticas. A História Nova deu margens de possibilidades para a escrita historiográfica e o uso de fotografias não ficou de fora. Como bem afirmou Le Goff (1988, p.29), “a história vive hoje uma ‘revolução

documental”. E, sendo assim, a fotografia passou à condição de “[...] documento de primeira ordem”. Documento que capta um instante único e singular da realidade social.

Cada fotografia apresentada no decorrer do texto representou um fragmento do passado em que esteve Ozildo Albano. Com elas, tornou-se possível apresentar as narrativas que aconteceram durante o movimento de uma vida. Conforme assinala Sontag (1981, p.71), “uma fotografia é apenas um fragmento, e com o passar do tempo suas amarras se desprendem. À deriva, vai-se transformando em passado difuso e abstrato, aberto a qualquer tipo de leitura (ou combinação com outras fotografias)”.

Nas poses fotográficas e nas imagens urbanas, a presença de um tempo vivido por Ozildo Albano, de uma realidade que também foi partilhada por outros sujeitos históricos. Seguindo as lições de Burke (2017, p. 24), “[...] imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida”. Ao se usar as fotografias do acervo particular de Ozildo Albano, oportuniza-se ao leitor por-se diante de imagens que enredam sobre dados pessoais e familiares do biografado, assim como acontecimentos locais. E, nisso, residem algumas das complicações na hora de se interpretar uma fotografia, como assinala Burke (2017, p. 214), “leitores de imagens que vivem em uma cultura ou período diferentes daqueles no qual as imagens foram produzidas se deparam com problemas mais sérios do que leitores contemporâneos à época da produção”.

Mesmo não se tendo um vocabulário visual comum para todos os leitores, as fotografias contempladas foram criteriosamente selecionadas e analisadas para que não se perdessem as informações contidas dentro da **moldura simbólica** que envolve as imagens captadas. Mesmo assim, cabe a cada leitor utilizar do seu campo interpretativo para mergulhar livremente nas imagens presentes no texto.

Assim como as “imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras”, como salienta Burke (2017, p.51), o leitor de imagens também tem a liberdade de buscar significado para aquele momento que ficou suspenso no tempo e que jamais voltará a acontecer.

Sendo a fotografia o *memento mori* da existência humana, tudo nela representa a cristalização de um instante, do seu referente que estava ali e que foi tocado pelas lentes de uma câmera fotográfica.

Desse processo mecânico, surgiu a cópia da imagem de uma realidade que se esvaiu no exato momento em que a mesma foi tirada para, posteriormente, ser reexperimentada por todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estiveram lá. Segundo Sontag (1981, p.22),

A câmera atomiza a realidade, torna-a dócil e opaca. É uma visão do mundo que renega a interconexão, a continuidade, mas que confere a cada momento um caráter de mistério. Toda fotografia contém múltiplas significações; com efeito, ver algo em forma de fotografia é deparar-se com um objeto potencialmente fascinante. A grande lição da imagem fotográfica está em poder afirmar: “Ali está a superfície. Agora pense – ou melhor, sinta, intua – no que possa estar do outro lado dela, e como seria a realidade se fosse assim”. A fotografia, na verdade, incapaz de explicar o que quer que seja, é um convite inexaurível à dedução, à especulação e à fantasia.

O convite proposto por Sontag (1981) ao leitor é que faça a leitura de uma fotografia utilizando-se da imaginação, mas que também se proponha a sentir e intuir no que poderia haver além da imagem captada na superfície social. Por ser “[...] uma porção pequena do espaço, bem como do tempo”, como lembra Sontag (1981, p.22), a fotografia traz em si o caráter de mistério. O seu conteúdo permite ao leitor fazer inúmeras interpretações, desde que não viole os seus **códigos culturais** umbilicalmente presentes em imagens.

Ao ter ilustrado a narrativa biográfica sobre Ozildo Albano de fotografias, procurou-se mostrar ao leitor que “[...] as imagens fotográficas são parte do testemunho numa biografia ou história que fluem”, conforme assinala Sontag (1981, p.159-160).

Com base nisso, vê-se que as imagens fotográficas que trazem o educador Ozildo Albano evidenciam o testemunho de que ele esteve ali, que aquele momento existiu e representou; certifica que o seu contato com alunos, familiares, colegas de trabalho fez parte do conjunto de imagens que contam a sua história.

Toda imagem fotográfica carece de uma força narrativa, embora faça parte de um pequeno espaço que a faz existir. Ou, segundo Manguel (2001, p.25),

Com o passar do tempo, podemos ver mais ou menos coisas em uma imagem, sondar mais fundo e descobrir mais detalhes, associar e combinar outras imagens, emprestar-lhe palavras para contar o que vemos mas, em si mesma, uma imagem existe no espaço que ocupa, independente do tempo que reservamos para contemplá-la.

A fotografia é um texto aberto que nos permite romper as fronteiras de sua moldura. O leitor pode utilizar de seu repertório cultural para emprestar-lhe significados para as imagens e, em cada novo detalhe que se acrescenta ou que se subtrai da leitura que foi feita, outras tantas camadas de leituras vão surgindo.

É de se reconhecer que no processo de leitura de uma imagem nada pode ser definitivo ou exclusivo. Ao contrário, têm-se a liberdade de se utilizar da imaginação para fazer as interpretações fluírem naturalmente frente ao campo de visão do leitor. Para Manguel (2001, p.28), “nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva ou exclusiva, e as medidas para aferir a sua justeza variam segundo as mesmas circunstâncias que dão origem à própria narrativa”.

Não existe uma **gramática da imagem** para o leitor fazer leituras de fotografias. O que deve servir de parâmetro para o olhar hermenêutico de cada leitor nada mais é do que os conhecimentos anteriores de mundo que o cerca. Conforme Manguel (2001, p.28),

Não sei se é possível algo como um sistema coerente para ler as imagens, similar àquele que criamos para ler a escrita (um sistema implícito no próprio código que estamos decifrando). Talvez, em contraste com um texto escrito no qual o significado dos signos deve ser estabelecido antes que eles possam ser gravados na argila, ou no papel, ou atrás de uma tela eletrônica, o código que nos habilita a ler uma imagem, conquanto impregnado por nossos conhecimentos anteriores, é criado após a imagem se constituir – de um modo muito semelhante àquele com que criamos ou imaginamos significados para o mundo à nossa volta, construindo com audácia, a partir desses significados, um senso moral e ético, para vivermos.

Como se vê, buscar coerência para a leitura de imagens tal qual se faz quando se lê a escrita pode ser algo arriscado e que foge das lições propostas por Manguel (2001). O código que dá acesso às narrativas das fotografias, tiradas anteriormente, encontra-se, inexoravelmente após a imagem se constituir enquanto objeto de leitura e apreciação.

Ler as imagens, através dos enredos que lhes são próprios, permite ao leitor a apropriação de momentos que fizeram parte de diferentes passagens da história de Ozildo Albano.

As fotografias mostram-no em diferentes ângulos de enquadramento. Em cada um deles, informações de uma época que passou e que significou, como se pode constatar através de algumas escolas em que Ozildo Albano lecionou como o

Instituto Padre Anchieta, o Colégio Comercial de Picos, o Ginásio Francisco Suassuna de Melo e no Ginásio Padre Marcos.

Por essas especialidades escolares e outras como o Complexo Escolar de Picos, o educador Ozildo Albano empreendeu inúmeras práticas educativas que também podem ser visualizadas nos contextos das fotografias que enredam sobre os eventos de Sete de Setembro, das festas juninas, das apresentações teatrais, dentre outras que fizeram parte da cultura escolar evidenciada nessas escolas.

Através das fotografias foi possível, também, ter acesso a registros de outra atividade que os alunos do Instituto Padre José de Anchieta participaram, como os desfiles do dia Sete de Setembro. Os ensaios eram realizados sob as orientações de Ozildo Albano, desde a simples organização dos alunos em fila até à confecção dos carros alegóricos que saíam pelas ruas de Picos.

Ilustração 29 – Fotografia: Alunos do Instituto Padre Anchieta, no desfile do Sete de Setembro (1962)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na ilustração 29, tem-se a presença dos alunos do Instituto Padre José de Anchieta desfilando pelas ruas estreitas da cidade. Marcava-se ali o momento oficial em que a sociedade assistia à apresentação da escola e também o caráter do atravessamento da **cultura cívica** na cultura escolar.

Vê-se os populares prestigiando o desfile, da calçada da casa. O destaque que se percebe, à direita, é o das crianças prestigiando o desfile. Não se pode afirmar se eram escolares, mas pode-se afirmar que estavam presenciando a passagem de estudantes, em momento cívico e isso possuía caráter educativo.

Mesmo a escola sendo pequena, os pelotões eram organizados de forma que o público pudesse apreciar todos os blocos temáticos e, juntamente com os alunos uniformizados, darem uma dimensão maior ao dia festivo.

Todos ali procuraram dar o melhor de si e era o momento em que estavam fora da escola. As professoras Teresinha Santos Feitosa, Francisca Diomar Leite, Hildegardes Silva, Evangelina Barros, Maria das Graças Albano, Francisca Leite, Maria do Carmo Leopoldo Lélis e outras, faziam tudo com dedicação. Acompanhavam os alunos e mostravam a importância do momento cívico que era o dia Sete de Setembro.

As comemorações cívicas e culturais que aconteciam no Instituto Padre José de Anchieta enquadravam-se na cultura escolar que naquele espaço se evidenciava. Segundo Julia (2001, p. 10),

[...] cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular.

A relação pacífica que a cultura escolar praticada no Instituto Padre José de Anchieta mantinha com o todo cultural da época, especificamente em relação à cultura religiosa, popular e cívica era evidente. As comemorações da Páscoa e Natal, os desfiles do Sete de Setembro, as festas juninas e outras marcaram o calendário escolar do Instituto.

Um detalhe que não podia passar despercebido era o fardamento do Instituto Padre José de Anchieta. Tratava-se de um fardamento escolar que se assemelhava com o do tradicional Colégio Liceu do Estado do Ceará. Conforme Silva Albano (2011, p.415),

Essa farda era o seguinte. Era uma blusa, a gente tinha que ter uma. Eu me lembro da farda do Liceu do Ceará. A farda era uma blusa begezinha clara, com manga curta tricolina, por causa do clima daqui. As meninas eram uma saia azul marinho, aquela famosa cor. Agora, a saia tinha duas listas, cada uma de um dedo, desse tecido da blusa e as preguinhas. Eram muito bonitinhas e os meninos as mesmas blusinhas, com a calça cáqui e duas listas do lado.

O fardamento foi pensado para se ajustar ao clima da cidade, por se tratar de município com altas temperaturas. Adotou-se, para as meninas, a blusa bege clara com manga, em tecido de tricolina e uma saia azul-marinho com duas listras da

largura de um dedo com o mesmo tecido da blusa. Os meninos usavam uma camisa bege e calça azul também com as duas listras do lado.

Ozildo Albano com a sua irmã também realizaram outras atividades na escola. Dentre elas, destacaram-se o dia das mães, a páscoa e a confraternização no final de cada ano letivo. Segundo Silva Albano (2011, p.416),

[...] Tinha as festividades. Comemorava o dia das mães, a páscoa. Naquela época, o professor de religião era o mesmo professor de todas as disciplinas. A gente ia ensinar o pai nosso, a ave Maria. [...] A própria formação religiosa era muito, muito leve ali. Ficava embutido no todo da escola. [...] Era muito interessante na época da páscoa. Cada menino trazia de casa um bolo. [...] Tinha que ir pra igreja. Quando chegava, tinha o café. Tinha aquele símbolo da páscoa. Ali naquela mesa, a gente explicava o que significava aquilo. Ali ficavam os pais, eles vibravam com aquelas coisas, achavam muito bom. Existia a confraternização entre eles, dos professores, dos pais e alunos. [...] Era muito movimentado. Eles se apresentavam nessas festas do dia das mães e tudo mais. [...] As crianças cantavam e declamavam. Foi muito importante ter incentivado esse lado.

Pela narrativa de Silva Albano (2011), percebe-se a preocupação na formação religiosa e preservação dos laços familiares dos alunos. Ensinava-se, além dos conteúdos curriculares, os princípios cristãos e a valorização da família. E mais, não se descuidavam em fazer com que aprendessem a rezar o Pai Nosso e a Ave Maria.

Nas comemorações realizadas no Instituto, a presença dos pais era um dado considerável, uma vez que participavam para prestigiar o trabalho dos filhos e o sistema de aprendizagem que ali se estabelecia.

Ilustração 30 – Fotografia: Alunos do Instituto Padre José de Anchieta, em celebração pascal (1963)



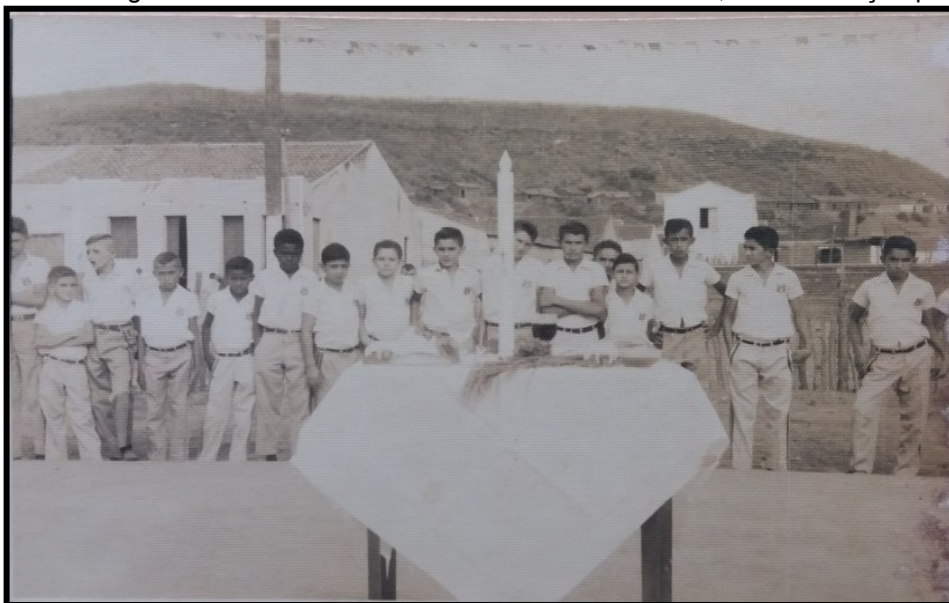
Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 30 apresenta os alunos do Instituto Padre José de Anchieta posicionados para a celebração da Páscoa. As alunas dispostas de um lado da quadra de eventos e os alunos do outro. No centro, uma mesa com **os símbolos pascais**. Percebe-se, pela imagem, a disciplina e organização de um tempo, cristalizados em um clique. Segundo Manguel (2001, p. 27),

Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas –, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. [...].

Ao discutir o conteúdo das ilustrações fotográficas, buscou-se analisar o seu caráter temporal e a narrativa nelas contidas para, assim, com olhos do presente, explicar o que os olhos do passado foram capazes de captar. Assim, a vida e os contextos que se enredou tornaram-se, inevitavelmente, infinitos e matérias inesgotáveis de explicações.

Ilustração 31 – Fotografia: Alunos do Instituto Padre José de Anchieta, em celebração pascal (1963)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na ilustração 31 tem-se, no centro, uma mesa com um dos principais símbolos da Páscoa, para o fiel católico, a saber, a vela ou o círrio pascal, simbolizando a ressurreição de Jesus. Além disso, ramos de trigo e pães.

Na época da Páscoa, os alunos recebiam as instruções relacionadas aos símbolos religiosos. Ficavam em frente a uma mesa e, dessa, os professores ensinavam o significado daquele momento.

No dia 21 de setembro de 1962, um acontecimento marcante entrou para a história do Instituto Padre José de Anchieta. Por ocasião do dia da árvore, Ozildo Albano e sua irmã resolveram levar os alunos para plantarem uma árvore na Praça Félix Pacheco.

Na ocasião, as alunas Maria Madalena Albano, Cecilândia, Maria dos Remédios Deusdará e outras recitaram poemas em alusão ao dia da árvore, dentre eles, o poema **Velhas árvores**, de Olavo Bilac.

Velhas Árvores
Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores novas, mais amigas:
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem:

Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Fizeram uso da palavra o diretor e professor Ozildo Albano, destacando, dentre outros, a importância daquele dia para todos que ali estavam presentes. Relembrando esse momento, a irmã de Ozildo, Silva Albano (2011, p.414-415) assim relatou:

Eu tenho umas fotos ainda. [...] Tem um dos alunos plantando a árvore ali na Praça Félix Pacheco, aquela oitocista, que tem naquela banca de revista. Foi tombada pelo município de Picos, ela é um patrimônio. [...] Foi plantada pelos meus alunos. A escola era minha e de Ozildo Albano. Era nossa, viu. Inclusive, ele era um dos professores, da admissão ao ginásio. Ele dava aula de português.

Diante disso, percebe-se a importância que teve a atividade escolar realizada pelos alunos fora do Instituto Padre José de Anchieta. Naquele momento,

a sociedade picoense assistia atentamente os alunos plantando uma pequena árvore na praça central da cidade de Picos.

Ilustração 32 – Fotografia: Ex-Aluna Maria Madalena Albano recitando poema, no plantio de árvore (1962)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 32 traz, como destaque, a aluna Maria Madalena Albano, uniformizada com a farda do Instituto, sobre um banco da Praça Félix Pacheco, em momento de recital de poesia em alusão à árvore. Em segundo plano, crianças e adultos prestigiando o momento.

Presenciou-se ali uma contribuição da escola na defesa do meio ambiente. Foi com atitudes dessa natureza que Ozildo Albano procurou chamar a atenção da sociedade para o problema do desmatamento que atingia a região de Picos.

Ilustração 33 – Fotografia: Ozildo Albano na cerimônia de plantio de árvore com os alunos do Instituto Padre José de Anchieta (1962)



Fonte: Museu Ozildo Albano

O plantio da árvore oiticica, na Praça Félix Pacheco, foi prestigiado por alunos, professores e pessoas da cidade. A árvore foi plantada em posição estratégica da cidade: na praça mais movimentada, por onde transitavam os populares locais e da macrorregião. A ilustração 33 captou a presença de Ozildo Albano, entre a platéia, vestido de terno e usando óculos escuros.

Ilustração 34 – Fotografia: Alunos do Instituto Padre José de Anchieta plantando árvore (1962)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 34 traz a fotografia que captou o instante exato em que cinco crianças plantaram a muda da árvore e uma delas, com regador nas mãos, jogou água na planta que viraria um dos patrimônios do município, o único tombado até a presente data.

Vinte e cinco anos depois, em 08 de setembro de 1987, o vereador Ozildo Batista de Barros encaminhou um Projeto de Lei à Câmara de Vereadores de Picos, requerendo a transformação da árvore oiticica “Licânia rígida” em monumento ecológico. O texto do Projeto de Lei trouxe as seguintes razões justificadoras para tal pleito:

Justifica-se a transformação do presente Projeto de Lei pelo alcance social da defesa à ecologia.

A oiticica (‘Licânia rígida’) é uma árvore típica desta região, que vem sofrendo acelerado processo de extinção.

No caso específico da árvore ora protegida, reveste-se de significação especial o fato de a mesma ter sido plantada, há vinte e cinco anos, por um grupo de estudantes do primário, revelando, já aquela época, preocupações com a defesa da ecologia, sendo o exemplo digno de ser seguido pelas demais escolas do município e segmentos outros da comunidade.

A natureza nos legou verdadeiros monumentos vivos, que o homem, mormente os agentes do poder público, utiliza muitas vezes vultosas somas do erário na sua destruição, erguendo em lugar de tais monumentos ridículas obras de faixadas.

Firmamos a certeza de o presente projeto receberá o voto favorável de todos os membros desta Casa, estabelecendo-se doravante a tendência do legislador picoense em assumir firme posição de defesa do patrimônio ecológico do município.

Sala das sessões da Câmara Municipal de Picos, em 08 de setembro de 1987.

Vereador Ozildo Batista de Barros

Como se vê, as razões presentes no texto do Projeto de Lei, para transformar a árvore oiticica em patrimônio ecológico do município de Picos, pautaram-se pelo alcance social da defesa da ecologia. E mais, o vereador deixou claro que a árvore oiticica era nativa da região e estava sofrendo um acelerado processo de extinção.

Deve-se destacar que o texto do Projeto de Lei fez alusão à iniciativa dos alunos do Instituto Padre José de Anchieta, responsáveis por terem dado um exemplo digno de uma verdadeira consciência ecológica a ser seguida por toda a sociedade picoense.

Levado ao plenário da Câmara de Vereadores de Picos, o texto do Projeto de Lei foi aprovado por unanimidade pelos vereadores, estabelecendo, assim, a manutenção e proteção da árvore oiticica “licânia rígida” por todos os administrados.

Em 21 de setembro de 1987, o então prefeito municipal de Picos, Abel de Barros Araújo, sancionou e promulgou a lei municipal que transformou a árvore em monumento ecológico, nos seguintes termos abaixo descritos:

Transforma árvore em monumento ecológico e dá outras providências.

O prefeito municipal de Picos-PI:

Faço saber a todos que a Câmara Municipal de Picos decreta e eu sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1º: A árvore oiticica (“Licânia Rígida”, plantada pelos alunos do Instituto Padre José de Anchieta, em 21 de setembro de 1962, na Praça Félix Pacheco, no encontro da Rua Cel. Luís Santos com a Travessa Urbano Eulálio é monumento ecológico deste município, impondo-se a todos a sua manutenção e proteção;

Art. 2º: Esta lei entrará em vigor no dia 21 de setembro de 1987, data comemorativa do 25º aniversário de plantio da árvore ora protegida.

Sala das sessões da Câmara Municipal de Picos, em 08 de setembro de 1987.

Depois que o município de Picos fez o tombamento da árvore “licânia rígida”, Ozildo Albano e a sua irmã, professora Maria da Conceição Silva Albano, organizaram um encontro com os ex-alunos do Instituto Padre José de Anchieta para comemorarem o 25º aniversário da oiticica que havia sido plantada no dia 21 de setembro de 1962.

O local para o evento foi embaixo das sombras da árvore oiticica, na Praça Félix Pacheco. Na ocasião, marcaram presença alguns dos ex-alunos que plantaram a árvore que se transformou em símbolo de preservação do meio ambiente de Picos.

Foi uma manhã festiva, muitos picoenses tiveram a oportunidade de assistirem os fundadores do Instituto Padre José de Anchieta se pronunciando sobre o significado daquele reencontro. A professora Maria da Conceição Silva Albano destacou, dentre outros, a grandeza do gesto dos ex-alunos que, na época, eram crianças, mas se expressaram com tamanha maturidade ao plantarem a árvore.

Em matéria publicada no Jornal de Picos, em 25 de setembro de 1987, intitulada “Árvore plantada há 25 anos é monumento ecológico”, assim discorre sobre o aniversário da oiticica:

[...] Foi, sem dúvida, um encontro de emoção, pois os alunos do Instituto Padre Anchieta, hoje são bacharéis ou comerciantes. A solenidade alusiva ao 25º aniversário da oiticica ocorreu na Praça Félix Pacheco, sob a sombra da licânia rígida, onde seus plantadores se reuniram às 9:30hs, da manhã.

Na ocasião, a ex-diretora do Instituto Padre Anchieta, a professora Maria da Conceição Albano, falou do significado daquele reencontro, enaltecendo a grandeza do gesto dos ex-alunos que, àquela época, já se preocupavam com o futuro negro da ecologia. A ex-diretora lembrou o momento em que todos eram crianças, (sendo hoje alguns já falecidos), mas expressaram um gesto de maturidade ao plantarem com carinho e amor a oiticica, que mais tarde seria motivo de um reencontro de emoções. Com muitas coisas diferentes, pois a árvore está no mesmo lugar, mas o mundo que a cerca está modificado.

A ex-aluna Francinete Formiga, (hoje professora do Complexo I), fez a leitura do projeto que transformou a árvore em monumento ecológico, com nome científico.

Já o professor Ozildo Albano, diretor do Museu João Gomes Caminha, que guarda algumas fotos do momento em que a oiticica foi plantada e que, na época, era recém-formado, sendo professor do Colégio Comercial do 1º e 2º graus, fundado por ele mesmo, encerrou a solenidade proferindo algumas palavras sobre a “licânia rígida”, quando todos os ex-alunos unificaram suas vozes para cantar o “hino à árvore”.

Todos ficaram felizes e planejaram outros reencontros e foram até fotografados.

Durante a solenidade, a professora Maria da Conceição Silva Albano lembrou que, mesmo a oiticica tendo resistido a um longo tempo, no centro da cidade de Picos, via que no seu entorno havia uma realidade totalmente diferente de quando a plantaram.

Com essas declarações da professora, percebe-se que a filosofia educacional implantada no Instituto Padre José de Anchieta tinha como uma das suas principais metas a implantação de um modelo educacional inovador e voltado para as questões mais inquietantes, dentre elas, a preservação da natureza.

Chamou a atenção para o que estava acontecendo com a cidade de Picos e via com preocupação as mudanças no cenário urbano. Naquele momento, a professora Maria da Conceição Silva Albano ratificou a proposta que havia sido levada por ela e Ozildo Albano, no ano de 1962, de que a responsabilidade pela

preservação da natureza era coletiva e deveria fazer parte da agenda dos picoenses.

Depois do discurso emocionado da professora, fez uso da palavra uma das ex-alunas do Instituto Padre Anchieta, a professora Francinete Formiga que, seguindo o protocolo da solenidade, fez a leitura do Projeto de Lei que transformou a árvore oiticica em patrimônio ecológico da cidade.

Em seguida, o professor Ozildo Albano fez lembrar a todos que a oiticica fazia parte da história de Picos e que, quando foi plantada pelos ex-alunos da sua escola, trazia em si a ideia de preservação. Didaticamente, proferiu algumas palavras sobre a importância da árvore ter sido elevada à condição de monumento picoense pelo legislativo municipal.

Por derradeiro, todos os que estavam assistindo à solenidade de aniversário da oiticica, entoaram as suas vozes em um só coro, cantando o Hino à Árvore, tal qual havia sido feito há vinte e cinco anos.

A atuação de Ozildo Albano, no Instituto Padre José de Anchieta, como diretor e professor, deu-se por um período curto, mas de muita produção. Atuou entre os anos de 1962 e 1963, pois em fevereiro de 1964, assumiu a magistratura, no município de Pio IX.

Após isso, o Instituto prosseguiu sob a direção da sua irmã, professora Maria da Conceição Silva Albano, que assegurou o funcionamento da escola até o ano de 1974, quando encerrou suas atividades.

3.4 Colégio Comercial de Picos: O segundo espaço de docência de Ozildo Albano

Em 1962, Ozildo Albano foi convidado para ser professor do antigo Colégio Comercial de Picos¹, chegando a dirigi-lo. Ensinava as disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura, Redação, OSPB e Estudos Sociais. Segundo a ex-aluna Sinval (2016, p.428-431),

¹ Segundo anotações de documento do Colégio Comercial de Picos, encontradas nos arquivos do Museu Ozildo Albano Dr. José Carlos Filho, Dr. Severo Maria Eulálio, Sr. João de Deus Neto e a contabilista Maria Neiva Eulálio Dantas, organizaram a firma Sociedade Educadora Picoense, com o objetivo único de fundar a Escola Técnica de Comércio de Picos. O Dr. Victor Mussumeci, um dos diretores da Editora do Brasil muito contribuiu e influenciou junto ao Ministério da Educação e Cultura para

Tinha o Curso de Contabilidade de Dona Dorinha Xavier. Eu fui estudar lá. Quando cheguei, Ozildo era meu professor de OSPB. [...] Um homem de muita cultura, de muita sabedoria popular, de muita sabedoria intelectual. Ozildo foi um grande homem. [...] A sabedoria de Ozildo, o conteúdo que ele tinha não era só daquilo que ele lecionava, não. Ele abrangia tudo, ele era uma pessoa que abrangia. [...] Ele falava de tudo porque ele tinha uma visão de mundo bem ampla. Então, Ozildo ensinava mais de uma matéria, ensinava Estudos Sociais, OSPB. Ozildo era um polivalente.

No Colégio Comercial de Picos, manteve seu perfil profissional de professor amigo, voltado a uma prática educativa humanizada, em que havia o ensinar os conteúdos escolares, mas fazia isso de forma a conduzir o aluno a uma vivência dinâmica do conhecimento repassado.

conseguir a Portaria 451, de 02 de julho de 1956, autorizando o funcionamento da Escola Técnica de Comércio de Picos. Em 1957, no prédio provisório do Ginásio Estadual Picoense, na Rua Monsenhor Hipólito, cedida gratuitamente, a Escola Técnica do Comércio de Picos, funcionou sob a direção do dinâmico Dr. José Carlos Filho com o 1º ano Técnico de Contabilidade e o 1º ano básico, este mantido pela SENAC. Em 1959, o SENAC deixou de custear o Curso Básico. Então, alguns alunos foram transferidos para o Ginásio Estadual Picoense. Em 1960, o Ginásio Estadual Picoense transferiu-se para sua sede definitiva e como se tornaria impossível a luz elétrica, dada a distância, porque as máquinas não produziam energia suficiente, a Escola Técnica de Comércio passou a funcionar no prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, Praça Josino Ferreira, tendo como diretor o Sr. João de Deus Neto, formado em contabilidade na própria escola. Até 1961, a Escola funcionou sob favores de pessoas generosas. Em 1962, a Sociedade Educadora Picoense resolveu doar a Escola à Associação Comercial de Picos. Esta passou a direção da Escola ao Dr. José Albano de Macedo, recém-formado. Motivo superior impediu que a Escola continuasse no prédio do Grupo. Então, alugou-se um prédio na Rua Santo Antônio passando a funcionar o Curso Técnico em Contabilidade e o Ginásio Comercial, denominando-se Colégio Comercial de Picos, mantido não pela Associação, mas sim, por alguns particulares (destacando-se o Sr. Florêncio Bento Bezerra) e uma pequena contribuição dos alunos. Em 1963, o Colégio mudou-se para outro prédio na Rua São Francisco. [...] Em 1964, o Dr. José Albano foi nomeado Juiz de Direito da vizinha cidade de Pio IX-PI, passando a direção dos trabalhos do Colégio à professora Maria das Dores Xavier de Oliveira, diretora e proprietária do Instituto Rui Barbosa (escola primária). O colégio passou a ser mantido apenas pela insignificante contribuição dos alunos e donativos angariados através de festas, bingos e etc. Em 1965, a diretora sentindo que o colégio estava completamente desassistido pela Associação Comercial de Picos, deliberou transferi-lo do prédio onde funcionava para o prédio do Instituto Rui Barbosa, cedido por ela gratuitamente. O Instituto o auxiliou no material didático. [...] Como o número de alunos estava aumentando e a diretora lutando sozinha, sem auxílio da Associação, em novembro ela comunicou ao Sr. Reginaldo Nunes Granja, presidente da Associação Comercial de Picos, que não continuaria na direção do colégio, salvo se o colégio passasse a ser propriedade do Instituto Rui Barbosa. Então, a Associação convocou seus sócios e transferiu todos os direitos de propriedade, direção e administração para a diretora e proprietária do Instituto Rui Barbosa, cedendo-lhe o direito ao recebimento e aplicação de todo e qualquer recurso financeiro, inclusive subvenções públicas, ainda que creditados em favor da outorgante, prestando contas apenas às entidades concedentes de tais recursos. [...] Dada às acomodações do prédio, era humanamente impossível continuar com as sete turmas. Felizmente, o Governo Estadual resolveu criar, no turno da noite, ficando assim, solucionado o problema do Comercial.

A sua formação jurídica e o vasto conhecimento na Filosofia, na Literatura e na História, deram-lhe suporte necessário para ministrar aulas em disciplinas diversas. O encontro dos saberes experienciais e dos saberes das disciplinas podia ser visto no cotidiano de suas aulas. Lembrando que os saberes de um professor, nas lições de Tardif (2003, p. 16), “[...] são uma realidade social materializada através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, etc., e são também, ao mesmo tempo, os *saberes dele*. [...]”.

Ozildo Albano não teve uma formação acadêmica para a docência, sua graduação foi em Direito, mas naquele contexto, em virtude da carência de professores formados, tanto nas escolas normais quanto em universidades, era uma realidade em Picos a contratação de profissionais liberais – tanto pelas escolas públicas e privadas locais –, com graduação em áreas diversas, para a atuação em sala de aula.

Em virtude de ser um dos picoenses mais cultos daquele período, o convite para ministrar aulas no Colégio Comercial foi inevitável, possuía, por dizer, reconhecimento social de sua condição de educador cultural. Ozildo tornou-se professor em serviço, levou consigo os saberes das disciplinas que daria aulas e aplicou-os ao programa escolar então exigido.

Mais do que construir uma prática de ensino em que os conteúdos escolares fossem transmitidos aos seus alunos, buscou desenvolver uma prática educativa que formasse o seu aluno considerando a sua totalidade humana. Segundo Contreras (2002, p. 74),

[...] as qualidades da profissionalidade fazem referência, em todos os casos, àquelas que situam o professor ou professora em condições de dar uma direção adequada à sua preocupação em realizar um bom ensino. São, por conseguinte, dimensões do seu fazer profissional no qual se definem aspirações com respeito à forma de conceber e viver o trabalho de professor, ao mesmo tempo em que se inscreve a forma de dotar a realização do ensino de conteúdo concreto.

As disciplinas que Ozildo Albano lecionou davam-lhe oportunidade de promover tanto o ensino dos conteúdos concretos, ou seja, dos conteúdos programados quanto abria possibilidade para a inserção de debates em torno de

temas diversos, do seu contexto sócio-histórico-cultural. Segundo a ex-aluna Moura Albano (2017, p.447),

Na época, o material didático era muito difícil. O que Ozildo Albano utilizava era o giz, a esponja e o quadro. Mas, ele sempre trazia novidade. Por exemplo, objetos sacros, objetos fósseis, ele falava quantos anos tinha aquilo. Ele mostrava a história, é tanto que o acervo dele é muito grande. Ozildo mostrava os santos de cem anos, o acervo antigo dele. Ele também ia nessas localidades e arrumava um retrato de uma pessoa de mais idade e contava a história daquela pessoa pra gente saber, objetos antigos de onde vinha e os anos. Ozildo era um grande professor historiador.

Apesar das dificuldades de acesso a recursos didáticos que pudessem facilitar o processo de ensino-aprendizagem, Ozildo Albano utilizava o que estava ao seu alcance, promovendo o contato de seus alunos com temas voltados ao cotidiano picoense e à sua história, como as imagens sacras antigas que possuía de sua coleção, fotografias de pessoas da região e outros que contribuíam na divulgação da cultura local.

Embora sem saber, como se percebe, Ozildo Albano estava, mesmo de forma oral, historiografando o passado de Picos e repassando conhecimentos locais importantes aos seus alunos.

Realizar um bom ensino, assim, não era apenas ministrar conteúdos fixos, mas também ter autonomia na condução de suas aulas e de sua prática de ensino. Essa autonomia foi conquistada pela posse de um capital cultural diferenciado. Para Bourdieu (2007, p. 75):

[...] capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da 'pessoa', um habitus. Aquele que o possui 'pagou com sua própria pessoa' e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. [...].

O ter que se tornou ser são os bens culturais adquiridos ao longo da vida e que se incorporam àquele que o detém. Ozildo Albano empreendeu esforço pessoal na aquisição de bens culturais, das mais variadas áreas do conhecimento e campos culturais, da literatura à doutrina jurídica, da filosofia à arte, da teologia à cultura popular, da história à imprensa, do folclore à música, além da sua formação acadêmica.

Investiu toda a vida não apenas no consumo de bens culturais, mas também na produção, apreciação e posse desses. Levou para as salas de aula por onde

passou conhecimentos fruto de um processo de apropriação cultural e possibilitou aos seus alunos acesso a eles.

Não se pode negar que Ozildo Albano tinha notoriedade na sociedade pela sua evidente posse de bens culturais e isso facilitou o seu trânsito nos diversos campos. Entende-se **campo**, segundo Bourdieu (2003, p. 119), como:

[...] espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem de sua posição nesses espaços e que podem ser analisadas independentemente das características dos seus ocupantes (em parte determinados por elas). [...].

Como espaços de posição social, os campos possuem suas próprias normas direcionadoras tanto da produção quanto do consumo dos bens. Ozildo Albano conseguiu, mesmo sem formação acadêmica voltada para o magistério, atuar no campo próprio dos professores e desenvolver uma prática educativa capaz de inseri-lo no campo e ser nele respeitado. O mesmo aconteceu quando atuou no campo do museu e no da imprensa, isso porque adotou práticas sociais estratégicas e condutas que o habilitaram a transitar nos variados campos, a saber, o *habitus*. Segundo Bourdieu (2003, p. 125), **habitus** é um:

[...] sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem estar objectivamente em conformidade com os interesses objectivos dos seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim. [...].

Assim, o *habitus* produz práticas que foram estrategicamente pensadas para a sobrevivência do agente no campo. Em específico, no caso da atuação docente, Ozildo Albano precisou, para assumir a docência, associar os saberes das disciplinas aos saberes da profissão, estabelecendo uma prática educativa que fosse capaz de torná-lo, ao mesmo tempo, professor e pesquisador de um campo no qual atuou sem dele fazer parte *a priori*, pois era agente do campo jurídico então imerso no campo docente.

Precisou, como se vê, apropriar-se, como afirma Bourdieu (1983, p. 62) das “[...] potencialidades objetivas imediatamente inscritas no presente, coisas a fazer ou a não fazer, a dizer ou a não dizer [...]”, para obter êxito em sala de aula.

Durante os anos em que esteve no Colégio Comercial de Picos, Ozildo Albano também foi responsável por organizar os inúmeros eventos culturais que

ocorriam durante o ano letivo e isso demandou o uso de estratégias para o desempenho eficiente de sua prática educativa. Como registro de sua passagem educativa por essa escola, destacou-se o dia Sete de Setembro em duas oportunidades, no ano de 1962 e 1963.

Ilustração 35 – Fotografia: Desfile de 07 de Setembro - Colégio Comercial de Picos (s/d)



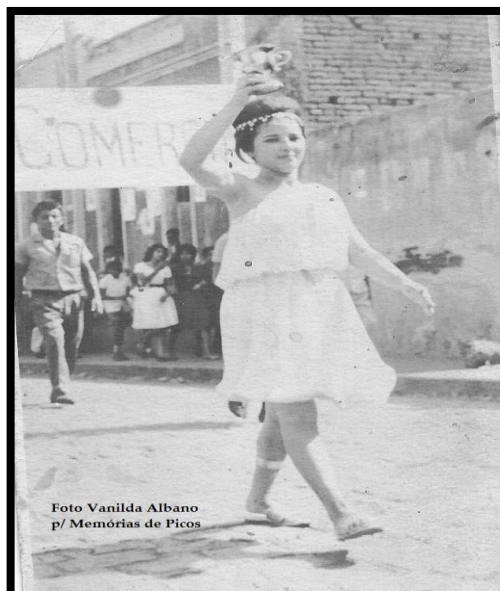
Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 35 traz a comissão de frente do Colégio Comercial, abrindo o desfile da escola, com alunas segurando uma faixa com o nome da escola e outros seguindo o bloco. À frente do bloco, a ex-aluna Maria Vanilda de Moura Albano segurando uma taça conquistada pelos alunos do Colégio Comercial, em um torneio. Segundo a ex-aluna Moura Albano (2017, p.448),

[...]. Ah! O Sete de Setembro era muito lindo. Passava um mês preparando. [...] No Colégio Comercial era destaque. Ozildo estava na frente e os professores acompanhavam. De farda, cada um queria ser mais bonito. Era uma coisa muito importante o Sete de Setembro. Lembro-me que houve um torneio envolvendo as cidades vizinhas e o comércio de Picos doou uma taça pra o time que ganhasse e o Comercial ganhou. E Ozildo queria que eu fosse à frente. Eu lembro que eu era a Deusa, a representação de onde se originou o esporte, na Grécia. A gente estava ali representando a Grécia. [...] Durante o Sete de Setembro foi tudo sobre a origem dos jogos. Aí, Ozildo contou a história nas faixas. Na frente, eu vinha com a taça, a Deusa. Ozildo era muito criativo, o sentido maior dele era ensinar pra gente como eram os outros países, a educação, os costumes, a comunicação, as línguas. Ozildo falava três idiomas muito bem.

A temática do desfile da escola foram “As Olimpíadas” e Ozildo Albano foi o organizador. Levou à cidade a história dos jogos olímpicos, contada a partir de cada bloco de alunos, caracterizados segundo o enredo.

Ilustração 36 – Fotografia: Desfile de 07 de Setembro - Colégio Comercial de Picos (s/d)



Fonte: Arquivo Particular de Vanilda Albano

Ilustração 37 – Fotografia: Desfile de 07 de Setembro - Colégio Comercial de Picos (s/d)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A fotografia 37 mostra os alunos do Colégio Comercial de Picos desfilando. Percebe-se que a organização do bloco é feita alternando mulheres e homens.

Nesse instante, a câmera fotográfica apresentou os pelotões saindo da Praça Félix Pacheco e percorrendo a Rua Coronel Luiz Santos.

Os professores e a direção do Colégio Comercial de Picos se esforçavam para que a programação fosse cumprida de forma satisfatória e os alunos se empenhavam em representar bem a escola e a pátria.

As fotografias 38 e 39 são instantes do clique que capturou os alunos do Colégio Comercial de Picos com o diretor e professor Ozildo Albano, no coreto da Praça Félix Pacheco. O momento da pose ocorreu logo após terem concluído o desfile pelas ruas da cidade de Picos.

Ilustração 38 – Fotografia: Alunos do Colégio Comercial de Picos com o diretor e professor Ozildo Albano, no coreto da Praça Félix Pacheco I (s/d)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Ilustração 39 – Fotografia: Alunas do Colégio Comercial de Picos com o diretor e professor Ozildo Albano, no coreto da Praça Félix Pacheco II (s/d)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Ozildo Albano foi um defensor do patrimônio histórico-cultural da cidade de Picos. Em muitas ocasiões, foi um dos que mais lutou para que este **coreto** permanecesse na praça. Foi, de fato, um símbolo que marcou muitas gerações de picoenses. Era nessa espacialidade em que os jovens se reuniam para conversar, debater e se divertir.

Outra imagem captada, ao fundo das ilustrações 38 e 39, merece o devido registro: a presença dos casarões antigos e do paredão que margeava a praça. Sentindo que, aos poucos, o progresso estava chegando a Picos, Ozildo Albano passou a defender o tombamento desses imóveis particulares, pois sabia que a destruição deles não iria tardar. Foi então que começou a publicar matérias em jornais, com o fito de o poder público municipal se sensibilizar em tomar uma atitude frente a um patrimônio histórico tão importante, uma vez que ali estava um modelo arquitetônico que fazia parte da história da cidade. Para Moura (2016, p.472-473),

Ozildo Albano [...] pensou muito na preservação histórica de Picos, do que restou da parte arquitetônica do tempo colonial. Ozildo defendia muito isso. Ele dava matéria em jornal, entrevista em que ele falava que como seria bom se as pessoas preservassem os sobradinhos, os bangalôs. Pois, já não existem mais. [...]. Outra coisa que Ozildo defendia muito era o bem da Igrejinha Coração de Jesus. Ele não queria que descaracterizasse a Igrejinha, pois foi um marco inicial da população picoense, a célula mater começou ali. [...] Muitas vezes entrava político querendo modificar, aí, Ozildo entrava na briga, como foi o caso de tirar o coreto da Praça Félix Pacheco. Ele não gostou, ele fez críticas, muitas críticas. [...] O paredão que ele defendia. Toda essa cultura que foi dos italianos. Defendia que jamais deveriam descaracterizar a Igreja Matriz, os vitrais, as torres em estilo gótico, o altar da Igreja Matriz, o altar-mor foi insculpido em madeira em estilo colonial, e foi talhado em madeira pela família Albano, o pessoal do senhor Zequinha Albano, pai de Conceição Albano, [...] mas terminou se descaracterizando depois.

Ozildo Albano tinha preocupação com os prédios antigos que ainda faziam parte do cenário urbano da cidade. Cada posicionamento contrário à descaracterização ou destruição de algum prédio, reforçava o olhar do homem detentor de um capital cultural que era capaz de informar o valor da história local que era contada pela arquitetura existente e que, se desaparecesse, seria como uma espécie de borracha do presente apagando o passado. As críticas que fazia contra o poder público municipal não tinham matiz partidário, mas exclusivamente cultural.

Afastou-se do Colégio Comercial de Picos quando assumiu a magistratura, em 1964, ficando a professora Maria das Dores Xavier de Oliveira responsável em dar prosseguimento a uma das instituições de ensino mais antigas da cidade.

No ano de 1965, a turma de concludentes do ginásio do Colégio Comercial de Picos fez-lhe uma homenagem especial. Fizeram parte dessa turma os seus dois irmãos Edvaldo Macedo Albano e Albano Silva.

Ozildo Albano participou de todas as solenidades que aconteceu no dia 07 de dezembro de 1965, dentre elas, a Missa em Ação de Graças, que ocorreu às 7 horas, a entrega do diploma no Instituto Monsenhor Hipólito, às 21:30 horas e, por último, a festa dançante no salão do Picoense Clube, que se realizou às 22 horas.

As ilustrações 40 e 41 trazem o convite dos Concludentes de 1965 do Curso Ginásial do Colégio Comercial de Picos. Na imagem 39, tem-se a capa do convite e, em destaque, o nome da turma, a saber, Austeclino Duarte Fonseca.

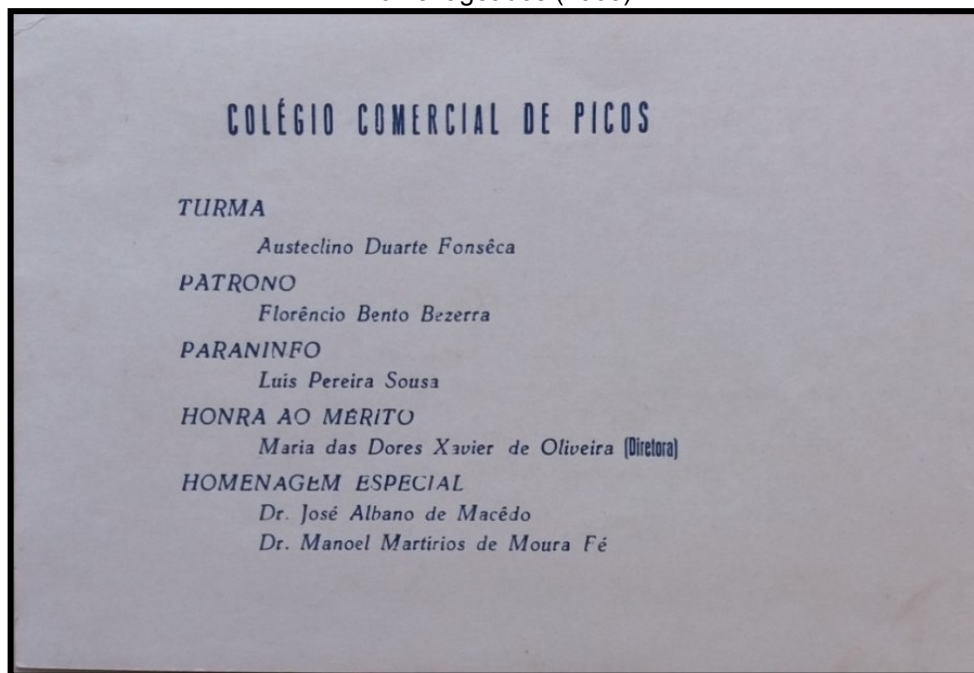
Ilustração 40 – Imagem: Convite dos concludentes do ginásio do Colégio Comercial de Picos - Capa (1965)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 41 contempla, além do nome da turma, o patrono Florêncio Bento Bezerra, o paraninfo Luís Pereira Sousa, a honra ao mérito à professora Maria das Dores Xavier de Oliveira, então diretora, e a homenagem especial a José Albano de Macêdo (Ozildo Albano) e Manoel Martírios de Moura Fé.

Ilustração 41 – Imagem: Convite dos concludentes do ginásio do Colégio Comercial de Picos – Homenageados (1965)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A turma de concludentes do curso ginásial foi composta pelos seguintes alunos: Francisco Isauberto Gomes Costa (orador), Antônio Benjamin de Carvalho, Anadir Elba Rodrigues Araújo, Anadir de Jesus Rodrigues, Anízio Leal de Sousa, Albano Silva, Apolônio Sousa Leal, Agamenon Duarte Pimentel, Barnabé Borges Leal, Edvaldo Macedo Albano, Francisca Maria de Sousa, Francisco de Moraes Rego, Francisco Solano Monteiro, João Manoel de Moura, José Antônio Sá, José Célio Gonçalves de Macedo, Luiz Felipe da Rocha, Maria Socorro Macedo Santos, Maria Iva Sousa Granja, Maria Neilde Albano, Maria Vanilda Albano, Raquel Antônia de Sousa, Teresinha de Jesus Lopes Mendes, Tarcísio José de Moura, Pedro de Sousa Santos.

No ano de 1969, Ozildo Albano recebeu homenagem dos alunos do Curso Técnico em Contabilidade (11ª turma) do Colégio Comercial de Picos. Participou dos eventos que aconteceram no dia 29 de novembro de 1969, dentre eles, a Missa de Ação de Graças e benção de anéis, às 6:30 horas, na Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, a entrega do diploma e o baile de formatura que ocorreram no salão nobre da Sociedade Civil Picoense Clube, às 22 horas.

Os diplomados do Curso de Contabilidade que homenagearam Ozildo Albano foram Francisco Antônio Xavier (orador), Francisco Assis de Deus, José Omar Fialho Rocha, Anísio Ferreira Dantas, José Miguel Madeira Martins, Maria do

Socorro da Silva Bento, Maria Eliana Oliveira Leopoldo, Joana Edwirges da Conceição, Hildegardes Maria da Silva, Renildo de Jesus Oliveira Martins, Antônio Viana Guimarães, Apolônio Acelino Teotônio da Luz, Maria Lúcia Rodrigues Leal, Iracema Gerusa Barros, José Ribamar Batista, Teresinha Lélis Viana, Josina Maria Nunes Soares de Oliveira e Tarcízio José de Moura.

3.5 Ginásio Francisco Suassuna de Melo: O terceiro espaço de docência de Ozildo Albano

Mesmo exercendo o cargo de Juiz de Direito, na comarca de Pio IX, foi nomeado por ato do então Prefeito Municipal José Ferreira de Alencar Mota (Zuca Berto), em 01 de março de 1964, para ser professor e diretor do Ginásio Francisco Suassuna de Melo.

Em Pio IX, Ozildo Albano colocou em prática algumas das atividades culturais que realizou em Picos. Nas palavras da ex-aluna Custódia Matutina de Alencar, disponível em Albano; Silva (2011, p. 125):

[...] Exerceu o elevado cargo neste município, com muita responsabilidade e honestidade. Por isso mesmo é que era respeitado como autoridade por todos os piconenses. Além de respeitado, todos tinham verdadeira amizade e consideração à pessoa dele, que era simples, sincera e demonstrava gostar de todos e não tinha aqui nenhuma inimizade. [...] desempenhou muito bem os referidos cargos. Era muito estimado por todos os alunos, professores e demais funcionários do ginásio.

Exerceu com honestidade e ética os cargos de Juiz de Direito, diretor e professor do Colégio Francisco Suassuna de Melo. Como professor, levou aos seus alunos os conhecimentos gramaticais de forma crítica e contextualizada. Era um profundo conhecedor do latim e isso fazia com que tivesse um domínio maior da língua portuguesa.

Os alunos se sentiam motivados com as aulas que ele ministrava no ginásio de Pio IX. A primeira turma que concluiu o ginásio, quando Ozildo Albano dirigiu o Colégio Francisco Suassuna de Melo, foi composta por Anízia Maria de Alencar Antão, Antônia Zuila de Sousa, Benedito Bezerra de Alencar, Custódia Matutina de Alencar, Décio Antão de Alencar, Elói de Alencar Bezerra, Francisco Alves de

Oliveira, Geraldo Bezerra de Alencar, Geraldo Florência de Sousa, Inácio Bezerra de Alencar, Maria Dalva Lopes do Nascimento e Maria Teresa Maia.

No convite de formatura da turma de ginásianos do Colégio Francisco Suassuna de Melo, do ano de 1964, localizado nos arquivos do Museu Ozildo Albano, obteve-se a informação de que Ozildo foi um dos homenageados pelos formandos. O dia marcado para a solenidade da formatura aconteceu em 06 de janeiro de 1965.

Ilustração 42 – Fotografia: Turma do ginásio do Colégio Francisco Suassuna de Melo com Ozildo Albano



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na ilustração 42, percebe-se a presença de Ozildo Albano com os alunos do Colégio Francisco Suassuna de Melo. Uniformizados e enfileirados, em uma escadaria.

Durante os anos em que esteve no ginásio, Ozildo Albano realizou alguns eventos. Dentre eles, a organização de uma quadrilha, conforme discorreu a ex-aluna Custódia Matutina de Alencar, em Albano; Silva (2011, p. 126):

[...] As quadrilhas organizadas por Dr. Ozildo eram muito bonitas, alegres, cuja marcação era feita por ele mesmo. Houve um ano em que, vieram da Várzea da Carnaubinha até a cidade todos os componentes da quadrilha, cada par montado em cavalo, o cavalheiro com a dama na garupa, com sobrinha aberta e bolsa a tiracolo, inclusive, vinham em cavalos também o padre e os pais dos noivos. Foi tudo muito interessante.

Infere-se, pela afirmação de Custódia Alencar que as comemorações das festas juninas, no colégio, eram, além de alegres, criativas, pois os alunos que participavam fizeram uma espécie de desfile da localidade Várzea da Carnaubinha até a cidade, montados a cavalo, apresentando uma prática cultural de forma original para aquela realidade.

Outro evento organizado por Ozildo Albano, no Colégio Francisco Suassuna de Melo, foi a dramatização de uma peça teatral da escritora Maria Clara Machado, **A Bruxinha que era boa**. Na ocasião, levou a peça para a sala de aula e separou as partes para cada um dos alunos que iria participar da encenação.

Foi organizado o cenário para a apresentação. Ao fundo, o painel de uma floresta e um fecho de lenha, como se observa na ilustração 43. Do lado, uma torre que serviria de prisão para a bruxinha que era boa, tudo estava ali procurando seguir o texto original da peça. Os alunos se vestiram caracterizados e incorporaram os personagens em cena.

Ilustração 43 – Fotografia: Alunos no cenário da peça “A bruxinha que era boa”, na cidade de Pio IX (1964) - I



Fonte: Museu Ozildo Albano

Ilustração 44 – Fotografia: Alunos no cenário da peça “A bruxinha que era boa”, na cidade de Pio IX (1964) - II



Fonte: Museu Ozildo Albano

Com a arrecadação da bilheteria da peça teatral, os alunos fizeram uma excursão a Recife-PE e a Paulo Afonso-BA, para comemorarem o encerramento do curso ginásial da segunda turma do Colégio Francisco Suassuna de Melo.

Faziam parte da turma os alunos Cecília Florêncio, Crineilda Bezerra, Lídia do Monte, Mercês Antão, Luisete Antão, Antônio Senhor, Manoel Bezerra, Alencar Neto, Joaquim Viana, Joicenilde Maia, Gracinha Ferreira, Trindade Alencar, Teresa Maria de Alencar.

Ilustração 45 – Fotografia: Ozildo Albano com os alunos e professores no Colégio Francisco Suassuna de Melo



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na ilustração 45, vê-se Ozildo Albano sentado, tendo ao seu lado professoras e, por trás, alunos do Colégio Francisco Suassuna de Melo. O registro apresenta os alunos uniformizados e a equipe docente feminina.

Em 16 de junho de 1966, o Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Piauí, em sessão plenária, por unanimidade, promoveu por antiguidade José Albano de Macedo, Juiz de Direito da comarca de Pio IX, de 1ª entrância, para a comarca de Jaicós, de 2ª entrância.

Após a promoção e remoção para Jaicós, Ozildo Albano entregou a direção e as disciplinas que lecionava no Colégio Francisco Suassuna de Melo, em Pio IX, cidade em que contribuiu com sua prática educativa no desenvolvimento da educação.

Como forma de retribuição pelos serviços prestados à sociedade de Pio IX, as autoridades locais fizeram-lhe uma homenagem. Registra-se aqui um dos discursos feitos por uma das professoras que trabalhava no Grupo Escolar Padre Ibiapina e também como auxiliar da justiça piononense,

Exmº Srº. Dr. José Albano de Macedo, ex-Juiz de Direito desta comarca.

Exmª Srª Drª. Dalcí, digníssima Promotora de Justiça.

Minhas colegas,

Meus senhores,

Quis a generosidade da ilustre diretora deste educandário, que fosse eu, a mais incompetente das suas colegas, a intérprete dos seus sentimentos, no momento que V. Exª, Dr. Ozildo (permita que assim lhe trate, pois soa melhor aos nossos ouvidos), por um capricho impiedoso do destino, atendendo a conveniências de ordem familiar e econômica, vai deixar esta cidade, onde durante mais de dois anos, prestou relevantes serviços à Justiça, ao Magistério e a Sociedade pionense. Por isso mesmo, Dr. Ozildo, V. Exª tornou-se realmente merecedor das homenagens, estima e consideração do povo pionense, não só dos serventuários e auxiliares da justiça, de cujo número tenho a honra de figurar, como dos corpos docente e discente do Ginásio, do Grupo Escolar “Padre Ibiapina”, que consigo militaram receberam os eflúvios de sua inteligência, de sua judiciosa orientação, de sua capacidade de trabalho e, sobretudo, da sua bondade, que é característica marcante da sua personalidade, pois, além da amenidade no trato e afável cortesia, coloca a amizade acima de todos os interesses, acima de todas as paixões, fazendo dela uma verdadeira religião, a que presta o mais devotado culto. Daí, o respeito, a estima e o acatamento que todos lhe tributam, cujos sentimentos afetivos cada dia se estreitava e se arraigam em nossos corações. Assim, me expressando, em meu nome e de minhas colegas do Grupo Escolar “Padre Ibiapina”, não estou fazendo lisonja ao ilustre homenageado, que hoje se despede de nós, para ir exercer as suas múltiplas atividades em outra comarca,

talvez mais feliz do que a nossa, pois ele é portador de tantos predicados nobres, que enaltecem e honram a sua classe e cativam os seus jurisdicionados. Mesmo porque 'não são, em verdade, as posições, nem os cargos, nem os degraus do poder que estabelecem, na planície da história, a estatura moral dos homens, como disse Humberto de Campos'. Desincumbindo-me da honrosa missão que me foi imposta, esforcei-me por traduzir algo de que vai em nossa alma e respeito do ilustre homenageado, formulando, ao mesmo tempo, os melhores votos para que, na sua nova comarca, encontre a boa acolhida, respeito e consideração que lhe proporcionou o povo pionense, e que continue a servir a Justiça, ao Magistério, a Pátria e a Sociedade, com a mesma integridade, retidão e dedicação, com que soube se conduzir entre nós, fazendo de cada um dos seus habitantes um amigo.

O discurso da professora sintetizou o perfil de Ozildo Albano enquanto agente histórico, em sua época. Revelou traços de um educador disposto a educar através de sua vida, com suas práticas educativas variadas e elegância no trato com aqueles que faziam parte de seu cotidiano profissional.

3.6 Ginásio Padre Marcos: O quarto espaço de docência de Ozildo Albano

Em Jaicós, mesmo assumindo as suas atribuições na magistratura, Ozildo Albano continuou em sala de aula. Desta vez, devido ao fato de ser amigo do padre Mariano da Silva Neto, sacerdote da paróquia e diretor do Ginásio Padre Marcos, foi convidado a assumir as turmas de 1º e 2ª séries do ginásio das disciplinas de História do Brasil e História Geral. Nas palavras do ex-aluno Cruz (2017, p.390),

O professor Ozildo, como nós tratávamos a ele e que tivemos a alegria de tê-lo como nosso professor, nos anos de 1967 e 1968, além de ser nosso professor no Ginásio Padre Marcos era Juiz de Direito na Comarca aqui, na cidade de Jaicós. [...] No Ginásio Padre Marcos, ele ministrou aulas de História do Brasil e História Geral, na época. [...] Ele ficava com a parte de História do Brasil e o sacerdote da paróquia e diretor do colégio, o Padre Mariano da Silva Neto, os dois de inteligência brilhante, ministravam História Geral. [...] Ele ministrou História do Brasil na 1ª e 2ª séries do Ginásio Padre Marcos. Eram as duas turmas que ele lecionava.

Os conhecimentos que Ozildo Albano tinha das disciplinas que lecionava em sala de aula e da contextualização dos conteúdos faziam com que os alunos sentissem segurança e motivação. Conforme narrou o ex-aluno Cruz (2017, p.391),

Ficaram boas lembranças do Dr. Ozildo. [...] Eu era um adolescente, na época. Mas, lembro-me assim, ele sempre vinha bem humorado para as aulas, despertava na gente uma motivação de assistir as suas aulas. Ele foi além do seu tempo, porque eu me lembro de que ele trazia mapas para mostrar os fatos que se relacionavam com a história, com o território, com o país. Ele traçava gráfico. O material didático, comparado com a tecnologia que temos hoje, era praticamente nada, mas ele lançava mão desses recursos e o quadro-negro de giz. Um detalhe que eu não deixo de lembrar era o amor que ele demonstrava em prestar esses serviços nessa escola comunitária. [...] E eu me lembro de outro detalhe, ele era um homem aberto ao diálogo. As aulas eram dinâmicas, ele usava a criatividade para mostrar personagens.

Ozildo Albano, de acordo com as informações de Cruz (2017), fazia com que as suas aulas incentivassem o processo de aprendizagem e procurava trazer para a sala de aula material didático que possibilitasse uma melhor assimilação dos conteúdos, mesmo sendo muito simples.

Além disso, o que mais chamava a atenção dos alunos em relação ao educador era ele ser um homem aberto ao diálogo. Ao ter pontuado esse aspecto, o ex-aluno mostrou que ele fazia a diferença na educação jaicoense. O diálogo implicava em uma aproximação maior com os alunos, em uma forma de facilitar a relação ensino-aprendizagem.

E mais, como as disciplinas lecionadas foram História do Brasil e História Geral, fazia sua abordagem histórica procurando dar dinamicidade e criatividade aos inúmeros personagens que fazia chegar aos alunos, em diferentes contextos da história nacional e mundial.

Ozildo Albano não se distanciou do propósito educacional. Mantinha uma postura de educador e se aproximava do alunado, fazia com que se sentissem aptos a perguntar e dar a sua opinião. Nas palavras do ex-aluno Cruz (2017, p.391-392),

Havia uma boa relação entre educador e educando. Não tinha conflitos, a gente se sentia motivado em perguntar com o professor Ozildo. Ele não era um professor bicho-papão, não. Ele mantinha diálogo, um sorriso sempre aberto e uma postura de educador. Nos corredores do colégio, ele nos cumprimentava. Um detalhe, eu me lembro, a gente trazia da sociedade um conceito de Juiz, que ele era, um Juiz de Comarca. Aquele personagem tinha que ter aquele temor. Mas, ele não, ele era o educador. Um homem simples. [...] Aprendi muito com o professor Ozildo até porque eu tinha uma simpatia com a história. [...] Ficaram boas lembranças dos ensinamentos dele e, sobretudo, aquilo que ele transmitia pra gente de que, pra entender a história, tinha que ver com olhar crítico e que a história seria aquela disciplina que iria estar presente em nossas vidas, pra sermos sempre e sempre cidadãos conscientes e críticos, na sociedade em

que a gente estava inserida. Eu achava isto muito interessante, a história iria despertar. Por exemplo, de ter a preocupação de conhecer os fatos, pra poder valorizar o país e amá-lo. Ele despertava essa capacidade na gente. Ele queria formar alunos críticos.

Fazer o aluno pensar criticamente fazia parte da proposta educativa de Ozildo Albano. Mas, para tanto, ele fazia com que seus alunos se sentissem motivados para assistir as suas aulas. Mostrava que os fatos históricos deveriam ser lidos e interpretados de maneira que ocorresse um despertar por parte de cada um.

Somente depois desse exercício de racionalidade crítica, todos estariam aptos a enfrentar a realidade social com olhos diferentes. Então, tudo que Ozildo Albano tentou fazer na educação jaicoense foi para melhorar as condições humanas dos seus alunos.

A preocupação com a formação crítica dos alunos, em torno dos temas históricos, era um exercício que provocava atenção desses, pois ao problematizar os enredos históricos, convidava os aprendizes a uma reflexão crítica em torno dos acontecimentos.

Para complementar os conteúdos programáticos do livro didático, o professor Ozildo Albano trazia para a sala de aula alguns recortes de jornais para serem lidos e debatidos pelos alunos. Nas palavras do ex-aluno Cruz (2017, p.392),

[...] Ozildo trouxe, algumas vezes, matérias de jornais pra gente. [...] Ele que trabalhava em repartição pública e tinha acesso aquilo. Nós não tínhamos a mídia em nosso meio, nem o rádio. Ele trazia recortes e lia. Depois que eu me tornei adulto, aquilo era algo ligado a Ditadura Militar. Ele criticava e não aceitava aqueles fatos. Era dentro das aulas dele, com certo limite, porque não era pra ser lido publicamente. Ele mostrava pra gente o que era o Brasil de 1966, que era o Brasil que já vivia a Ditadura Militar e que nós nem sabíamos o que era a Ditadura. [...] Os artigos mostravam a realidade, os fatos históricos marcantes no país. Ele mostrava. Ele se posicionava, porque ele não era a favor da Ditadura, pela maneira de falar e de ser dele. O que eu notava é que ele queria que nós fôssemos alunos além da sala de aula, de informações para a época. Ele não se limitava somente às leituras do livro-texto. [...] Hoje, analisando o Dr. Ozildo, ele foi um professor além do seu tempo. Ele tinha uma preocupação de fazer o melhor. [...] Ele dava uma aula crítica e, ao mesmo tempo, seguindo o programa da época, o livro didático. Ozildo incentivava a leitura de outros livros. Eu me lembro que, na época, a escola ganhou um acervo que o padre Davi Ângelo Leal doou de Oeiras-PI para Jaicós-PI, com a amizade que tinha com o professor Mariano. Nós tínhamos uma biblioteca 'Jovita Alves Feitosa', com um bom acervo pra época. Também tínhamos o Grêmio Littero Recreativo 'Filipe Tiago Gomes', em homenagem ao

fundador da Instituição no país. Então, essa instituição fazia apresentações cívicas, sessões solenes em datas cívicas e, às vezes, Ozildo estava presente. Não tanto, porque o tempo dele era absorvido pela Comarca de Jaicós.

Havia uma preocupação, por parte de Ozildo Albano, em esclarecer os seus alunos sobre o período histórico que estavam vivendo. Ele adquiria as informações através das revistas e jornais que recebia de amigos de outros Estados e levava para a sala de aula a partir dos recortes de jornais.

Levava recortes informativos sobre o governo militar para a sala de aula, mas sabia dos riscos que estava passando. Tudo o que queria era fazer com que os alunos tivessem conhecimento dos fatos atuais, uma vez que no interior do Piauí muitos não tinham acesso às informações.

O livro didático não trazia temas da atualidade suficientes para abraçar os episódios nacionais mais pontuais. Ozildo promoveu, com o ingresso dos recortes de jornais e revistas, em sala de aula, o acesso dos alunos às notícias que, apesar de restritas, de parte do que acontecia no país, davam-lhes uma amostra da realidade. Essa prática educativa era inovadora, criativa, porém “subversiva” para o período.

Ficava triste quando lia uma matéria divulgando as atrocidades feitas aos brasileiros. Nas palavras de Moura (2016, p.479),

Para Ozildo Albano, a ditadura militar foi um período angustiante, esse período de 1964. [...] Eu lembro-me de um dia que eu fui lá e Ozildo estava muito triste, eu não me lembro da data. Ele falando que tinha sido assassinado um jovem Gerardo Magela. Eu nunca me esqueci deste nome. Foi um estudante, na ditadura militar. [...] Eu cheguei lá, neste dia, e Ozildo estava triste, lamentando. Ozildo estava com um jornal. Ele recebia de um amigo que mandava do Rio de Janeiro. [...] Eu me lembro dele falando deste absurdo da morte deste rapaz inocente. Foi no período da ditadura militar no Brasil.

Como homem de uma época, Ozildo acompanhava os acontecimentos de forma crítica e reflexiva. O caso relatado por Moura (2016) informa a percepção dele sobre o assassinato de um jovem, no contexto do regime militar que provocou em Ozildo tristeza. Ali estava o juiz de Direito analisando o contexto nacional, mas ali também estava o educador sentindo o peso da morte de um jovem e sobre isso refletindo entristecido.

Ter apresentado de forma crítica os acontecimentos históricos em sala de aula mostrou a reocupação de Ozildo Albano com a formação cidadã de seus

alunos, assim como o conhecimento dos fatos históricos de maneira reflexiva, mesmo diante de momento tenso da História do país. Nas palavras do ex-aluno Cruz (2017, p.395-396),

Dr. Ozildo deu uma contribuição valiosíssima para a educação em Jaicós. Foi o que eu lhe falei dos recortes da Ditadura Militar. Ele mostrava que tínhamos que vê o país com informações bem críticas para aquele momento histórico que vivíamos [...]. Nós estávamos em plena Ditadura Militar, na época. Ela iniciou em 1964 e para o ano de 1967, era somente três anos. Estava no quente e ele já não temia a repressão. Na época, a gente não sabia o que era repressão, não. Mas, hoje eu vejo que Ozildo foi um homem que enfrentou a repressão. Ozildo não recuou em, por exemplo, fazer a comunicação crítica de textos da época. Ele não temeu, mostrava pra gente que momento era aquele e que era daquele jeito. Ele falava da presença dos militares e que ele não os apoiava. Eu me lembro disso, lembro-me demais.

Como professor de História do Brasil, fazia-se urgente e necessária a abordagem dos acontecimentos da atualidade, em suas aulas, de forma a abrir as páginas da história aos seus alunos, de maneira crítica e capaz de fazer com que os aprendizes, embora de uma cidade distante do centro dos principais fatos de sua época, soubessem a situação do **retrato móvel** do país.

Além das atividades escolares desenvolvidas em sala de aula, também organizou eventos culturais. Em um deles, especificamente em um Sete de Setembro, foi responsável pela produção de um carro alegórico que iria transportar um aluno caracterizado como Tiradentes. Nas palavras do ex-aluno Cruz (2017, p.393),

[...] Algumas vezes eu via Ozildo participando dos eventos da escola. A posse do grêmio, ele ali sentado junto das autoridades que formavam a equipe educativa da escola, as eleições do grêmio que ele também participava. Agora, eu me lembro de um que foi marcante: Ozildo organizou um pelotão mostrando a execução de Tiradentes, em um dia 07 de setembro, numa data cívica. [...] Na foto da turma tem o aluno que fez o papel de Tiradentes, o José Coutinho de Carvalho, já falecido. Ele tinha uma estatura alta e foi Ozildo que o caracterizou de barba. O padre Mariano e ele arrumaram uma alva, na própria paróquia e o vestiu. Deram um caráter de Tiradentes, com aquela corda e fizeram um instrumento que serviu de força para a execução do mártir Tiradentes. Isso foi nas ruas, o carro alegórico levando esse personagem. Ficou muito bem feito. Ozildo estava presente e aplaudia tudo aquilo. Essa eu me lembro demais. [...] Chamou a atenção.

Ozildo Albano foi um professor atuante nos eventos que o Ginásio Padre Marcos promovia. Só não participava mais porque respondia pelos serviços da

comarca. No evento do Sete de Setembro, o pelotão que mais chamou a atenção foi o da encenação da execução de Tiradentes.

Na ocasião, convidou o aluno José Coutinho de Carvalho para ser o personagem Tiradentes. Pensou nos detalhes, arrumou as vestimentas e caracterizou-o seguindo o perfil desenhado pelos textos históricos. Durante a apresentação, pelas ruas da cidade de Jaicós, a população acompanhou de perto a passagem do personagem Tiradentes. Era a aula de História do Brasil sendo vivenciada pelos espectadores nas ruas.

Ilustração 46 – Fotografia: Turma do Ginásio Padre Marcos em que Ozildo Albano lecionou (s/d)



Fonte: Arquivo particular de Francisco das Chagas Cruz

Na fotografia 46, da esquerda para a direita, Benedito de Carvalho França, Maria dos Remédios Silva, Francisco das Chagas Cruz, Osmarina, José Coutinho de Carvalho, Vera Lúcia Coelho, Aparecida Ferreira de Sousa, Angelina Granja de Carvalho, Maria José França, Raimunda Granja de Carvalho, Aldeni, Natanildes Dias de Carvalho, Maria das Graças Feitosa Lélis, Maria José da Silva, Luiz Ferreira de Sousa, Jaime Antônio Dantas e Antônio José Mendes.

As provas elaboradas por Ozildo Albano eram a maioria compostas por questões discursivas. Os alunos gostavam porque ele trazia as provas datilografadas de casa, não perdiam tempo em copiar do quadro-de-giz todas as questões. Era de costume, na época, fazer provas orais, mas ele preferia fazer escritas. Segundo o ex-aluno Cruz (2017, p.393),

As provas de Dr. Ozildo eram escritas. Não tínhamos prova oral e nem existia a prova objetiva. Tinha a prova escrita com preenchimento de lacunas, além das perguntas interrogativas, tinha também o preenchimento de parênteses, a coluna “a” com a coluna “b”, tínhamos isso, eu me lembro demais. A prova era feita dessa maneira, ele elaborava a partir disso. E as provas já vinham elaboradas, datilografadas. [...] A gente ficava numa alegria, a gente dizia: - A prova de Dr. Ozildo já vem pronta. [...] Em outras disciplinas do colégio, fazia prova oral, mas ele não fazia.

Um dos aspectos que os alunos presenciaram em Ozildo Albano, durante os dois anos que tiveram com ele, foi a religiosidade que o acompanhou. Era um católico praticante e frequentador assíduo da igreja Nossa Senhora Santana, em Jaicós. Nas palavras do ex-aluno Cruz (2017, p.392),

Dentre as características do Dr. Ozildo, nós o chamávamos de Dr. Ozildo ou, então, professor Ozildo. Mas, era mais Dr. Ozildo, por causa da Comarca de Jaicós. A gente o via na escola e, às vezes, no fórum. Uma característica que eu via nele era de ter uma inteligência brilhante e, outra coisa, a humildade. Inclusive, nós éramos alunos simples, mas de classes sociais diferentes. Ele tratava todos com igualdade e a gente via que ele queria que aquelas sementinhas, que éramos na época, brotássemos para dar bons frutos, frutos para gerar uma sociedade e um mundo melhor. Isto era muito marcante em Dr. Ozildo. Outro aspecto, a religiosidade ele deixava transparecer. Eu me lembro que ele citava fatos da paróquia, da vivência dele com o padre Mariano da Silva Neto. Este também um homem totalmente doado à educação jaicoense e que passou dezenove anos servindo e construindo saberes em Jaicós. Então, a gente via muito a religiosidade presente na vida de Dr. Ozildo.

Em sala de aula, Ozildo Albano tratava todos com igualdade. Não fazia distinção e, devido à própria formação que recebeu, repassava princípios que faziam com que os alunos entendessem o valor do respeito ao semelhante.

Era um professor moderno e que se preocupava com o desenvolvimento intelectual dos aprendizes. Com tendência vanguardista, as suas ações pontuaram isso. Fugiu das aulas rotineiras de quadro e giz, não olhava para o aluno como somente um escrevente. Ao contrário, tentou desenvolver um modelo de educação diferente do que estava sendo implantado na época.

Quando saiu do lugar comum, os alunos perceberam. Sentiram a diferença e passaram a dar atenção dobrada nas suas aulas. Repassava os conteúdos de forma didática e todos entendiam a proposta de trabalho que estava desenvolvendo, no Ginásio Padre Marcos. Nas palavras do ex-aluno Cruz (2017, p.395),

Pra época, eu considerava Ozildo um professor moderno, porque ele tinha a preocupação de inovar. Inovar com o quê? Com o que era melhor, por exemplo, lê fatos em jornais que o livro não tinha. Ele adiantava, inovava, usava mapas. Ozildo não era um professor só para anotar com giz no quadro, de costas, ele não era só esse homem. Eu o considerava inovador. Ele implantou algo diferente daquelas aulas rotineiras, de giz e quadro-negro. E isso prendia a atenção dos alunos. Nós estávamos sempre motivados. Ele sempre falava totalmente pra nós e não de costas. Ele andava na sala de aula.

Motivar os alunos, a partir de uma prática educativa dialogada, marcada pela interação, foi a marca docente que ficou registrada nos alunos de Ozildo Albano. Onde se tem diálogo, certamente há aprendizagem e isso foi confirmado pelo ex-aluno.

Quando foi aposentado da magistratura, em 1969, entregou as turmas da 1ª e 2ª séries do Ginásio Padre Marcos, em Jaicós, encerrando ali as suas atividades profissionais tanto na magistratura quanto no magistério local.

3.7 Complexo Escolar de Picos: O quinto espaço de docência de Ozildo Albano

De volta a Picos, Ozildo Albano foi nomeado, através da Portaria nº 235/74, da Secretaria de Educação do Estado do Piauí, a título precário, para prestar serviços especializados na Unidade Escolar Marcos Parente, no período de 01 de maio de 1974 a 30 de abril de 1975, ficando responsável pelas aulas de Estudos Sociais, em 08 (oito) turmas, perfazendo um total de 30 aulas semanais.

Mesmo tendo sido contratado para lecionar a disciplina de Estudos Sociais, na época, não se negou em lecionar outras disciplinas. Ele também gostava das disciplinas Língua Portuguesa e Educação Moral e Cívica, onde se sentia à vontade para levar conteúdos críticos para serem debatidos com os alunos, em sala de aula. Conforme a ex-aluna Teixeira (2016, p.436-437),

Eu fui aluna do Ozildo Albano nos anos de 1970. Eu fui aluna de História e de Educação Moral e Cívica com ele, no Colégio Estadual Marcos Parente, no turno noturno. Fora essas duas disciplinas, ele lecionava português também. [...] Fui aluna dele os três anos. [...] Aprendi como aluna e aprendi como amiga com o educador Ozildo Albano. Ele fora da sala de aula era uma cultura ambulante. Ficou a cultura dele, dos ensinamentos dele. [...] Então, esse espírito de pesquisar, de gostar da história, foi Ozildo Albano quem despertou em mim, sem dúvida. Ele era tão apaixonado pela cultura que

envolvia a gente e quem tinha tendência para aquele lado, foi o que aconteceu comigo. Formei-me em História e o culpado foi ele.

Ozildo Albano influenciou muitos alunos a seguirem o magistério por várias razões, dentre elas, a maneira como conduzia os conteúdos das disciplinas que lecionava. Percebe-se que não se tratava apenas de um professor que instruía segundo o currículo da época, mas favorecia a ponte de contato com outros saberes que serviriam no alicerce educacional dos alunos.

Considerado uma cultura ambulante, entendia que o conhecimento era algo que deveria ser compartilhado, procurou envolver seus alunos no processo de ensino-aprendizagem e, ao fazer isso, despertou neles o desejo de aprender e também de ensinar.

Quando assumiu o cargo de Chefe do Departamento Municipal de Cultura de Picos, em 1983, dispunha dos dados das manifestações culturais locais e da macrorregião. Nas palavras da ex-aluna Teixeira (2016, p.437),

O que mais chamava a minha atenção no educador Ozildo Albano era aquela preocupação que ele tinha de preservar a cultura e de pesquisar para poder melhor informar. Contanto que ele foi Secretário de Cultura e, neste período aí, foi um período rico, deu até origem à Casa da Cultura. Ele tinha essa preocupação de procurar fazer com que a juventude nunca esquecesse as suas raízes. Daí, ele resgatar o reisado, resgatar o São Gonçalo, a leseira, os leilões, as cantorias de violeiros, as festas religiosas, comidas típicas, festival de quadrilhas, tudo isto.

A busca pela preservação da cor local, através do mergulho nas pesquisas de campo sobre as danças populares que eram praticadas em Picos fez com que, por muitas décadas, fossem executadas em eventos culturais.

O capital cultural que Ozildo Albano era detentor foi adquirido através dos livros e das relações sociais. Por ter sido leitor iniciado, conseguiu, apesar das dificuldades da época em relação à aquisição de livros, formar uma biblioteca particular expressiva que serviu não apenas na sua auto-formação, mas, sobretudo, na dos leitores locais.

Nas escolas por onde passou, incentivou a prática da leitura, indicando a leitura dos clássicos da literatura brasileira e da literatura estrangeira. Devido a isso, deixou nos alunos o gosto pela leitura e dizia que a melhor maneira de se conhecer um povo era lendo a sua literatura. Nas palavras de Fontes (2017, p.399-400),

O que ficou de Ozildo em mim foi o gosto pela leitura, o gosto pela cultura, o gosto pelo conhecimento geral. [...] Ozildo gostava de mandar o aluno ler. Ler autores conhecidos como o José de Alencar. O primeiro livro que eu li foi “O tronco do Ipê” de José de Alencar. Inclusive, era do Ozildo Albano este livro. Tudo ele emprestava. [...] o que Ozildo mandava ler, podia ler tudo. O importante era ler. [...] Outra coisa, os alunos respeitavam muito o Ozildo Albano. E era mais pelo grau de cultura que ele tinha. O índice cultural de Ozildo chamava a atenção de todos e como ele transmitia aquilo. Viam que ele não queria aquilo para ele, uma propriedade exclusiva dele. Viam que, para ele, aquilo era importante na medida em que ele transmitia. [...] Naquele tempo, para a sociedade picoense, Ozildo Albano era um intelectual. [...] Ele tinha um respaldo muito grande.

O ensino da literatura através do contato direto com a obra literária promove a formação real do leitor. Os alunos não registraram que fragmentos de livros fossem levados para sala de aula como estratégia de provocação de leitura, mas a própria obra literária. Essa metodologia de ensino tornou-se possível, pelo visto, porque Ozildo era o detentor dos livros e os fazia circular em sala de aula.

Esse tipo de prática educativa, mostrava o quanto Ozildo Albano não queria o conhecimento só para ele. Ao contrário, percebia-se que aquilo que ele possuía só era importante na medida em que disponibilizava e transmitia os seus conhecimentos.

A multiplicidade de autores e obras fazia com que a formação dos alunos se tornasse mais ampla e dinâmica, mas isso se relacionava diretamente com a própria formação de Ozildo. Nas palavras de Borges (2016, p.457),

Dentre os livros que influenciaram Ozildo Albano na sua formação intelectual, encontra-se o Vitor Hugo, René Descartes, Cícero, o Rui Barbosa. Ozildo sabia de ponta a ponta. Ele gostava de Machado de Assis, [...] da literatura francesa, francamente eu não sabia como ele conseguia tanto livro. [...] Alexandre Dumas, “O Conde de Monte Cristo”, “Os miseráveis”, que era o livro da cabeceira dele, “Os três mosqueteiros”. Todo livro da literatura francesa, romance, filosofia, ele tinha tudo.

A promoção da educação literária dos alunos tornou-se possível em virtude da formação literária do professor Ozildo.

O garimpeiro de memórias tornou-se uma referência na cidade, em diferentes áreas do saber e isso lhe oportunizou o contato direto com um leque multifacetado de pessoas. A forma simples de se relacionar com a diversidade humana também o ajudou no cotidiano da sala de aula. Segundo Moura (2016, p.468),

Ozildo Albano tinha muito conhecimento. É tanto que ele recebia vários cognomes. Era biblioteca ambulante, baluarte da cultura, garimpeiro da memória de Picos, enciclopédia ambulante. Então, como Ozildo Albano era uma pessoa de muito conhecimento, ele não queria ficar só pra si, ele queria expandir o conhecimento. Ele tinha o pedagogo dentro dele. [...] Ozildo Albano apesar de ser uma pessoa muito simples, simples demais, distinto na maneira de falar, era o comportamento dele, todos respeitavam a sabedoria que existia nele. Ozildo Albano era uma referência, o que ele falava em termos de história, ele tinha um domínio muito grande da língua portuguesa, do latim, da literatura, Ozildo tinha este domínio. Então, ele era o mestre, passou a ser considerado como mestre. Todas as atividades sociais se voltavam para Ozildo Albano. Toda dúvida que se tinha, diziam: - Vamos procurar ao mestre Ozildo. Daí, ele passou a ser professor no Marcos Parente, ocupou as cadeiras de Educação Moral e Cívica, OSPB e, depois, passou a trabalhar com o ensino médio que, na época, era o científico, que passou a funcionar onde funcionava a Escola Normal Oficial de Picos, na Rua Santo Antônio. Ozildo Albano tirava dúvidas, dava aulas, palestras para quem procurava. Quando tinha uma representação política, quem ia receber? Quem era que fazia o discurso? Era Ozildo Albano. Ele tinha esse dom, ele era um filósofo também.

Profissional comprometido com as regras das escolas em que atuou, o professor Ozildo Albano cumpriu com regularidade a agenda horária escolar, como se infere da fala da ex-aluna Sinval (2016, p.428):

Ozildo Albano era responsável. Era daquele professor que entrava na sala de aula na hora que batia a campainha. Naquele tempo tinha a campainha. Ele levantava para dar a aula e só saía na hora que a campainha tocava. Eu trabalhei com Ozildo na mesma Unidade Escolar. Trabalhei com Ozildo quando eu fui superintendente, uma chefia que eu tinha. Ele nunca me deu trabalho, pelo contrário, quando chegava o momento cívico, eu dizia: - Ozildo, vamos? Ele estava pronto pra ajudar. Ajudou demais. Quando fui superintendente, era um dos professores que mais me ajudou na educação.

A percepção da ex-aluna em torno do educador residiu em dois aspectos: na forma como administrava o tempo escolar, da entrada à saída e na disponibilidade em ajudar, nas atividades cívicas da escola.

Em 01 de maio de 1975, o contrato de trabalho de Ozildo Albano foi renovado através de uma nova Portaria nº 02646/75, oriunda do gabinete do Secretário de Educação do Estado do Piauí, o Sr. Benjamin Soares de Carvalho, para prestar serviço como professor na Unidade Escolar Complexo Escolar de Picos, ficando responsável pelas aulas de Estudos Sociais em 05 (cinco) turmas, perfazendo um total de 20 aulas semanais.

Sua prática educativa em sala de aula - marcada pela abordagem dialógica, em que o aluno não era visto como o que deve apenas ouvir, mas também como aquele que tem algo para dizer -, tornava o ambiente escolar mais democrático e conseguia prender a atenção dos aprendizes. Quando fazia isso, não precisava utilizar de rigidez, somente com a palavra certa direcionava os seus ensinamentos e sem precisar utilizar muito recurso didático. Para a ex-aluna Sinval (2016, p.430),

O material didático que Ozildo Albano usava era o giz e a esponja. Quando ele precisava de um mapa pra fazer alguma amostragem, ele cansou de ir lá na Superintendência procurar mapas. Daí, quando se procurava não tinha, tudo rasgado. Não se tinha meios como se tem hoje. Mundica era a desenhista que fazia as coisas das escolas, porque nós não tínhamos. Mas, mesmo assim, ele dava as aulas dele. Era um tipo de aula que os alunos não reclamavam. Ele motivava só com as palavras e contextualizava. [...] Ozildo Albano não era rígido em sala de aula. Ele era um tipo de professor democrático. Ele conseguia prender a turma sem rigidez, sem reclamar, tudo ele fazia. Ele conseguia mobilizar a turma toda, todo mundo sentado, somente com palavras.

A carência de material didático revelada pela professora apresenta um problema da realidade escolar de então. Ao falar do professor Ozildo, desenhava um pouco da forma como os sistemas de ensino eram tratados pelos governos.

Como atuava na área dos Estudos Sociais, necessário o uso de mapas, globos e outros recursos facilitadores da aprendizagem mas, conforme pontuou Sinval (2016), não havia na Superintendência em que estava lotado tais recursos.

Abordando sobre o uso dos recursos didáticos, a ex-aluna Teixeira (2016, p.437-438) informou que:

Naquele tempo, recursos audiovisuais e didáticos eram muito carentes. Nas bibliotecas existiam poucos livros. Mas, mesmo assim, ele sabia usar muito bem o quadro de giz. Ele fazia trabalho de equipe, que não era um seminário, mas já dava pra gente ir começando a treinar. Ele gostava de fazer trabalho de pesquisa e a gente relatava o que era pesquisado. [...] Ozildo Albano não era muito rígido em sala de aula. Não havia necessidade. Ele era uma pessoa tão meiga que ele era respeitado pelo que ele era mesmo, como se apresentava. Agora, isto não queria dizer que ele ia dar notinha, não. [...] ele ensinava bem e exigia que aprendessem.

Poucos recursos didáticos à disposição do professorado e poucos livros nas bibliotecas eram o desenho do modelo de escolas que se tinha no Piauí. O quadro de giz e o apagador tornavam-se praticamente os únicos instrumentos de uso cotidiano dos docentes. Isso requeria, como ainda requer, um desdobramento maior

dos professores para se fazerem entender e despertarem, no aluno, o interesse pela aprendizagem.

Para dinamizar o cotidiano escolar, realizava com os alunos atividades em grupo. No leque das atividades, adotava a pesquisa de temas voltados aos conteúdos da disciplina. Essa prática educativa procurava o direcionamento crítico dos alunos ao tema estudado, além de favorecer o circuito de autores em sala de aula, uma vez que as atividades de pesquisa oportunizavam o contato dos alunos com livros diversos.

Estabeleceu um sistema de avaliação em que prevaleciam as provas dissertativas. Com esse tipo de prática avaliativa, o aluno teria que estudar mais e, conseqüentemente, iria aprender os conteúdos na mesma proporção. Nas palavras do ex-aluno Fontes (2017, p.399),

As provas do Ozildo Albano eram para responder, todas subjetivas. Ele passava questões para o aluno desenvolver. Ele fazia perguntas para dar respostas. Eu não achava as provas dele fáceis. Ozildo fazia o aluno pensar. E isso me serviu porque foi o meu gosto pela filosofia, viu. Ozildo botava o aluno para refletir e isso foi importante. Com isso, o aluno se descobria. Quando a pessoa reflete, descobre qualquer coisa. Às vezes, não é muito, é pouco. Mas, com o tempo, aquilo ia se ampliando. Ozildo botava o aluno para refletir. Eu via a cultura do Ozildo muito além daquele tempo.

O tipo de avaliação adotado pelo professor Ozildo Albano fazia com que o aprendiz se esforçasse em estudar mais para obter êxito e isso requeria mais envolvimento no processo ensino-aprendizagem. Essa prática educativa abria ao aluno espaço de se construir diariamente, a partir da reflexão.

Após apresentação das práticas educativas de Ozildo Albano nas escolas em que trabalhou, deve-se indagar sobre como atuou na imprensa picoense, dando a ela caráter educativo, fato que se evidenciou na sua atuação no **Jornal Flâmula**, periódico que circulou em Picos.

4 PRÁTICAS EDUCATIVAS DE OZILDO ALBANO NO JORNAL FLÂMULA

Que faremos destes jornais, com telegramas, notícias,
anúncios, fotografias, opiniões...?
(Cecília Meireles)

A indagação do eu poético presente no poema **Jornal, longe**, disponível no livro **Mar Absoluto**, de Cecília Meireles promove uma inquietação sobre o destino dos jornais e seu conteúdo polifônico.

Suporte de notícias diversas, o jornal foi um dos periódicos mais populares e acessíveis à grande massa, durante séculos e capaz de informar sobre assuntos diversos. O jornal, como meio de comunicação, educa e isso o torna espaço documental de aprendizagem.

A partir dessa particularidade, tomou-se o **Jornal Flâmula**, periódico estudantil picoense, como fonte documental de estudo e análise da face educativa de viés jornalístico de Ozildo Albano. Em **Flâmula**, localizaram-se as práticas educativas empreendidas pelo mediador cultural e sua equipe, durante os anos em que circulou em Picos. Segundo Lopes e Galvão (2001, p. 87),

Utilizados há mais tempo, e gozando de maior prestígio na pesquisa historiográfica, estão os jornais e as revistas. Os historiadores da educação têm se voltado, sobretudo, para os impressos que, pertencendo a esses gêneros, circulavam especificamente junto a um público escolar. Pesquisas que abordam a imprensa pedagógica (como fonte e/ou como objeto) e jornais produzidos por alunos, por exemplo, têm se tornado cada vez mais freqüentes. [...].

A pesquisa historiográfica que ora se realiza, tomou o jornal produzido por alunos como fonte para, assim, ter acesso aos seus escritos, cosmovisão, desenho cultural da cidade, assim como, a partir do periódico, pode se verificar a realidade escolar picoense, uma vez que foi essa que gerou o estudante-jornalista que ali operou.

Aqueles estudantes de 1952, do Ginásio Estadual Picoense eram a metonímia do padrão escolar que o município possuía e Ozildo Albano assumiu a liderança da equipe como gerente do jornal **Flâmula** e foi um de seus redatores. Segundo Nóvoa (2002, p. 31),

A imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifestam, de um ou de outro modo, o conjunto dos problemas desta área. É difícil imaginar um meio mais útil para compreender as relações entre a teoria e a prática, entre os projectos e as realidades, entre a tradição e a inovação,... São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o carácter fugaz e polémico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia.

Entendendo a imprensa como local-espelho do conhecimento das realidades educativas, o jornal **Flâmula** foi o suporte escrito onde as práticas educativas dos docentes do Ginásio Estadual Picoense se consolidaram e o instrumento em que se pode localizar as práticas educativas particulares a Ozildo Albano enquanto mediador cultural.

4.1 O jornal como espaço de memória e escrita educativa

Nas suas variadas práticas educativas, Ozildo Albano atuou como redator do Jornal **Flâmula**. No periódico, escreveu uma coluna educativa voltada para acontecimentos históricos mundiais relevantes.

Com base na leitura de Eco (1993), foi possível penetrar na escrita jornalística de Ozildo Albano e a que tipo de leitor os textos publicados na coluna **Grandes Datas**, do periódico literário e noticioso **Flâmula**, eram destinados.

Indiscutivelmente, todo e qualquer texto ao ser produzido encontra o seu destinatário. Eis a condição primeira para que o seu conteúdo seja estabelecido não só através de sua comunicação, mas também, das suas significações. Nas lições de Eco (1993, p.56),

[...] um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da sua própria capacidade comunicativa concreta, como também da própria potencialidade significativa. Por outras palavras, um texto é emitido para que alguém o actualize – mesmo quando não se espera (ou não se deseja) que esse alguém exista concreta e empiricamente.

Os escritos ozildianos estavam disponíveis para múltiplos atos de interpretação, mas certamente havia um perfil de leitores para quem os textos eram destinados. Esses sim, os leitores-modelo capazes de fazerem a atualização do seu conteúdo. Seguido a proposta de Eco (1993, p.57), assim discorre:

[...] o texto postula a cooperação do leitor como condição própria da sua actualização. Podemos melhorar essa formulação, dizendo que um texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do seu próprio mecanismo generativo: gerar um texto significa actuar segundo uma estratégia que inclui as previsões dos movimentos do outro – tal como acontece em toda a estratégia.

Ao gerar um texto, o autor já sabe quais movimentos interpretativos o leitor pode fazer, uma vez que dispõe de estratégias textuais para construir o seu leitor-modelo. As previsões de leitura que o autor faz ao produzir um texto ficam no plano probabilístico. E, mesmo que não se tenha leitores aptos a abrir o texto, proceder-se-á de maneira a recuperá-lo no decorrer da leitura, seguindo os **códigos do emissor**. Ou, como pontua Eco (1993, p.58), “mais tarde ou mais cedo, o leitor enciclopedicamente carente ficará atento ao texto”.

Ao pé da letra, a coluna **Grandes Datas** postulava em si o leitor-modelo para o texto de Ozildo Albano, pois era nela em que ele assumia o papel de autor, esperando leitores que se identificassem com a busca por conhecimentos sobre temas históricos.

A **cooperação do leitor** com seus textos residia no fato deles encontrarem as chaves de leitura que pudessem melhor movê-los interpretativamente tal qual ele previa no ato da sua produção.

Somente com as credenciais de leitor-modelo, dotado de um apurado conhecimento histórico, ter-se-ia o entendimento para a proposta que Ozildo Albano tinha ao contemplar nas páginas do jornal **Flâmula** temas de grande repercussão no Brasil e no mundo.

Cabe assinalar que autor e leitor-modelo fazem parte das estratégias textuais no processo de leitura. Para Eco (1994, p.30),

[...] o autor modelo e o leitor-modelo são entidades que se tornam claras uma para a outra somente no processo da leitura, de modo que uma cria a outra. Acho que isso é verdadeiro não apenas em relação aos textos narrativos como em relação a qualquer tipo de texto.

O simples fato de Ozildo Albano ter disponibilizado textos para os leitores de **Flâmula**, seguindo uma mesma linha de escrita, por si só nos permite dizer que tipo de leitor-modelo lhe permitia criar.

Sob o olhar voltado para a **imprensa educacional**, cabe destacar as reflexões propostas por Nóvoa (2002, p.30-31), nos seguintes termos:

Na verdade, é difícil encontrar um outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as decepções e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os Actores estão presentes nos jornais e nas revistas: os alunos, os professores, os pais, os políticos, as comunidades... As suas páginas revelam, quase sempre 'a quente', as questões essenciais que atravessam o campo educativo numa determinada época.

Por meio do jornal, como se vê, tem-se a possibilidade de acesso aos múltiplos olhares que formam a comunidade escolar. Os escritos na imprensa escolar dão voz aos alunos e professores para escreverem sobre temas diversos e isso faz com que se perceba a dinâmica vocal dos escolares e docentes.

Através das páginas da imprensa escrita, muitas notícias chegam às mãos do público leitor em diferentes sociedades. Dessas notícias, a educação não poderia ficar fora, ao contrário, atravessa as colunas impressas de jornais e revistas onde quer que haja a sua circulação.

Em Picos, não foi diferente. A vida cotidiana foi marcada pela presença de jornais que enredavam sobre inúmeras questões sociais. Alguns desses periódicos circularam por pouco tempo, não tiveram fôlego suficiente para permanecerem levando notícias aos picoenses.

O jornal **Flâmula** foi um dos que marcou a história da imprensa em Picos. Diferente em todos os sentidos, a começar pela proposta de ser um jornal literário e noticioso. E, mais ainda, de ter sido levado adiante por estudantes do Grêmio Literário Da Costa e Silva, do antigo Ginásio Estadual Picoense.

Todo o *corpus* documental do jornal **Flâmula** informa sobre uma época da história de Picos. Os seus escritos levam o nome de estudantes, professores, poetas e amigos que colaboravam com artigos a serem publicados nas suas colunas.

Em 15 de março de 1952, circulou o primeiro número do Jornal **Flâmula** e, com ele, a proposta inicial de Ozildo Albano de levar adiante as questões inquietantes que versavam sobre o campo educacional e outras que ilustravam as suas páginas. Assim, conforme Nóvoa (2002, p.13),

A imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo. [...] a natureza da informação fornecida pela imprensa, que lhe concede um caráter único e insubstituível. Estamos, na maior parte das vezes, perante reflexões muito próximas do acontecimento, que permitem construir uma ligação entre as orientações emanadas do Estado e as práticas efetivas na sala de aula. Apesar da diversidade da imprensa, pode

afirmar-se que os escritos jornalísticos se definem pelo seu caráter fugaz e imediato, inscrevendo-se frequentemente numa lógica de reação a acontecimentos ou a ideias, a normas legais ou a situações políticas. A imprensa é, talvez, o melhor meio para compreender as dificuldades de articulação entre a teoria e a prática: o senso comum que perpassa as páginas dos jornais e revistas ilustra uma das qualidades principais de um discurso educativo que se constrói a partir dos diversos actores em presença (professores, alunos, pais, associações, instituições, etc.).

Na busca de fontes para a pesquisa historiográfica em educação, a imprensa escrita ocupou um espaço privilegiado. Prova disso é que os historiadores da educação vêm se debruçando sobre os impressos de jornais e revistas com o fito de garimpar textos que atravessaram o campo educacional, em diferentes sociedades onde se estabeleceu um modelo educativo.

Com esses impressos, o público leitor se depara com inúmeras reflexões que fazem com que se tenha uma análise mais aprofundada de questões sociais que perpassam o cotidiano de pessoas simples que atravessam o campo e a cidade. Deparam-se também com escritas que trazem editoriais, cartas de leitores, notas sociais, enfim, outras seções feitas ao gosto de diferentes leitores.

Tomando aqui como referência o jornal “**Flâmula**”, as notícias veiculadas através desta *media* atendiam àqueles que estavam à procura de um jornal comprometido com a realidade social e cultural de Picos e que não se vinculasse a grupos políticos.

Um fator de destaque do jornal **Flâmula** é que seguia uma linha educativa. Neles, os leitores podiam encontrar textos de temáticas variadas e que tinham por objetivo formar uma opinião pública.

Foi nesse sentido que Ozildo Albano e os demais estudantes do Ginásio Estadual Picoense se envolveram, sabendo que tinham em mãos um jornal e que era através dele que iriam realizar práticas educativas, com o fito de promoverem uma tomada de consciência no meio em que estavam inseridos. Assim, conforme Vieira (2007, p.38),

[...] a função de mediação exercida pela imprensa entre diferentes públicos: especialistas e leigos, dirigentes e dirigidos, pobres e ricos, homens e mulheres, patrões e empregados. Essa dimensão mediadora é o que justifica o entendimento da imprensa, simultaneamente, como fonte e como objeto de investigação histórica. Na ágora moderna, o cidadão, o consumidor é o indivíduo que têm na imprensa uma fonte privilegiada para a formação de suas disposições de julgamento e de ação. A educação, a política, a

economia, por exemplo, dizem respeito à sociedade, seja como parte do processo de formação da posição ideológica dos sujeitos, seja como condição pragmática de existência dos indivíduos. A imprensa exerce papel central para a discussão desses temas, de um lado orientando e modelando o processo de interpretação e, de outro, possibilitando as leituras, as apropriações, os usos dos seus enunciados nos marcos de diversas linguagens.

Onde quer que haja um jornal em circulação sempre haverá maneiras particulares de educar o homem. Daí a necessidade de se ter uma imprensa livre e voltada para a formação intelectual do seu público leitor.

O **campo jornalístico** é o da mediação cultural e educacional. Era desse espaço de produção simbólica que Ozildo Albano fazia a interlocução com os leitores do jornal **Flâmula**. Consoante às lições de Bourdieu (2004c, p.12),

O campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção.

Possuía Ozildo Albano o capital cultural necessário para ocupar uma posição de destaque no campo da intelectualidade picoense. Foi desta instância de consagração que conseguiu intervir no social e, conseqüentemente, conseguiu fazer a mediação cultural.

No campo intelectual, Ozildo Albano fez-se portador de conhecimentos em diferentes áreas do saber. Oportunizando, assim, aos seus conterrâneos e outros sujeitos sociais que conviveram com ele, beneficiarem-se dos bens culturais que cultivou e preservou.

Como um bem cultural, o jornal **Flâmula** desfrutou de credibilidade não só por parte da sociedade picoense, mas também de leitores de outros municípios que fizeram a leitura de suas páginas literárias e noticiosas. Prova disso, encontra-se em uma das cartas dos leitores endereçadas ao seu corpo redacional, com a seguinte escrita histórica do Diretor do Ginásio Estadual de Oeiras-PI, o Padre Balduino Barbosa, contemplada na coluna “Como nos receberam” de 12.04.1952:

Oeiras, 29 de março de 1952.
Senhores componentes do Corpo Redacional de FLÂMULA.
Minhas cordiais saudações,
Recebi, com grande alegria, o primeiro número de FLÂMULA que me enviastes. Li-o quase de um fôlego, já é uma grande revelação, uma grande promessa. Pois, não podemos calcular a influência que exerce um jornal na cultura de um povo. Se for bem orientado, pode

construir muito. Mas, por outro lado, se lhe faltar à verdadeira orientação, será o agente terrível que leva dentro de suas páginas o gérmen da morte e da destruição, da desgraça, às vezes, de um povo inteiro. Daqui a responsabilidade, a tremenda responsabilidade daqueles que escrevem. Daqui a necessidade urgente de sabermos usar de nossa pena para ajudar as almas, trabalhando assim na construção de um mundo mais feliz, mais cheio de Jesus, uma vez que só Ele tem palavras de vida eterna e uma resposta fácil para as nossas questões mais complicadas.

Os meus votos são os de que FLÂMULA siga por este caminho, amando a verdade acima de tudo. Que a sua palavra seja uma palavra clara, segura, construtora, persuasiva, convincente, dando aos homens inquietos do nosso século XX aquilo que eles esperam e procuram com ânsia. [...].

Ao término da carta para os redatores do jornal **Flâmula**, o Padre Balduino Barbosa destacou que a leitura do periódico tinha dado inspiração para produzir um soneto que intitulou **A princesa dos montes**. Nele, o eu-poético aponta, dentre outros, os signos do progresso e do idealismo que chegavam à cidade de Picos e que permitem apontar que tais referências eram dirigidas à imprensa estudantil do Ginásio Estadual Picoense, capitaneada pelo gerente e redator Ozildo Albano e os demais estudantes que se envolveram na criação e circulação desse elemento civilizatório.

A princesa dos montes

Engastada entre montes e entre o rio
que desliza a cantar doce cantiga,
lá está PICOS com o vasto casario
e com sua gente boa e sempre amiga.

Cidade que conserva ainda o brio
das tradições cristãs, e ainda abriga
a mais robusta fé que já se viu
no coração de nossa raça antiga.

Cidade de progresso e idealismo!
Seu futuro é tão grande e tão sublime
como é grande e sublime o seu civismo.

Cidade cuja glória eterna e santa
em versos de um soneto não se exprime,
que um soneto é pequeno, a glória tanta.
(Padre Balduino Barbosa)

Eis também a proposta do jornal **Flâmula**, de ser um periódico que presenteou o seu público leitor de literatura. E isso foi feito, uma educação literária que atravessou as folhas impressas das suas colunas.

A literatura foi o meio utilizado pelos jovens estudantes do Ginásio Estadual Picoense para criar uma opinião pública. Seguindo o pensamento de Lima (2008, p.35), “literatura é, pois, a expressão pelo verbo, mas não toda e qualquer expressão verbal”. Em **Flâmula**, a literatura esteve presente nas escritas dos estudantes e nos versos dos poetas piauienses. Neles, a palavra se fazendo arte e história em um periódico que pretendeu ser diferente dos demais que circulou em Picos.

Foi com o jornal **Flâmula** que Ozildo Albano encabeçou uma maneira diferente de se fazer notícias, de se fazer educação e de se fazer cultura. Para Prost (1998, p.135),

Só existe cultura partilhada, pois a cultura é mediação entre os indivíduos que compõem o grupo. É o que estabelece entre eles comunicação e comunidade. Mas a cultura é também mediação entre o indivíduo e a sua experiência; é o que permite pensar a experiência, dizê-la a si mesmo dizendo-a aos outros.

Entender que só é possível cultura quando há partilha, é perceber que ela se constrói e se transmite em comunhão entre as pessoas que são, ao mesmo tempo, agentes e sujeitos culturais.

Como mediação entre as pessoas, estabelece mecanismos comunicacionais e senso comunitário, de pertencimento. Como mediação do homem consigo mesmo, estabelece a possibilidade de formação e de reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo em que está inserido.

4.2 A fundação do Jornal **Flâmula**: Periódico literário e noticioso estudantil

A história de vida de Ozildo Albano atravessou as páginas do jornal **Flâmula**, que circulou em Picos, no início da década de 1950. Ainda estudante do Ginásio Estadual Picoense, juntamente com alguns amigos, empreendeu um dos maiores projetos de criação de um periódico literário e noticioso, no interior do Estado do Piauí.

Levar uma nova proposta de leitura para o público leitor foi o diferencial em relação aos demais jornais que circularam na cidade, dentre eles, os jornais **A Ordem**, **Folha Circulista** e **A Gazeta**. Tinha o seu corpo editorial totalmente comprometido com o contexto social da época. As matérias publicadas em **Flâmula** representavam um despertar, uma tomada de consciência de que era

preciso mudar a realidade local que se mostrava distante de outros centros desenvolvidos do país.

A onda de mudanças partiu da efervescência cultural que circulou no Ginásio Estadual Picoense e que foi levada para a sociedade, através dos jovens estudantes que estavam ali, vivendo momentos de plena aquisição de conhecimentos. Na fala do ex-redator do jornal **Flâmula**, Rafael Filho (2016, p.407), percebe-se o papel que Ozildo Albano desempenhou frente ao grupo de estudantes, a saber:

Ozildo Albano era naturalmente um líder. Ele era muito comunicativo. Então, ele tinha muito acesso a tudo lá no Ginásio, até pelo comportamento dele mesmo. Mas, Ozildo tinha um espírito de liderança. Todo mundo gostava dele, ele era um rapaz bem comportado e muito educado. Ozildo Albano tinha sido seminarista e tinha aquela formação humanística. De certa maneira, ele foi um líder lá no Ginásio. Todo movimento que nós tínhamos no Ginásio, Ozildo estava na frente. Ele estava muito à frente do seu tempo, com toda certeza. As ideias dele eram sempre de renovação, de mudança. Ozildo era um inconformista, ele queria mudar as regras. Depois que Ozildo saiu do seminário, ele saiu com aquela vontade de fazer alguma coisa. Ozildo dava muitas sugestões, gostava de participar. Ozildo potencializava o meio em que estava inserido, assim aconteceu com a criação do Grêmio Literário Da Costa e Silva, a criação do Jornal Flâmula. Ele estava sempre na frente. Eu tinha muito acesso a ele, a minha família era toda lá de Picos. O meu pai foi tesoureiro da Prefeitura por muito tempo. A minha infância eu vivi lá. Então, eu tinha muita amizade com o Ozildo Albano. Eu também era solicitado nesses movimentos de Ozildo, com esses companheiros lá.

Pela narrativa do ex-redator de **Flâmula**, percebe-se que Ozildo Albano exercia uma liderança frente aos demais estudantes do Ginásio Estadual Picoense. Em virtude do comportamento ético, tinha acesso aos departamentos e profissionais do Ginásio Estadual Picoense e isso facilitou a circulação das ideias contidas no jornal.

Pretender mudar a realidade picoense, colocá-la diante de novas possibilidades foi uma das principais bandeiras daquele jovem intelectual. As suas ideias caminhavam no sentido de mudar o contexto social, não se conformava em ver as pessoas acomodadas, vendo a cidade se movendo a passos lentos.

Entender a importância deste órgão da imprensa de Picos requer, dentre outros, um conhecimento de como se deu a concretização deste sonho por parte dos jovens estudantes do antigo Ginásio Estadual Picoense.

Antes de iniciar as atividades escolares no Ginásio, ocorreram alguns fatos que merecem as devidas anotações. Na ocasião, o prefeito municipal de Picos era Celso Maria Eulálio, udenista que esteve à frente do executivo entre os anos de 1948 a 1951. Empreendeu uma luta pela realização de um dos seus maiores feitos em favor da sociedade picoense, a criação de um Ginásio para a cidade de Picos. Segundo a ex-aluna do Ginásio Estadual Picoense, Borges (2016, p.453-454):

[...] Quando o Ginásio Picoense começou em 1950, porque foi ali, passou em 1949, mas começou em 1950 por obra e graça do Prefeito de Picos, porque o governador dizia que não podia, não tinha o que fazer. Então, o Prefeito de Picos fez, o Celso Maria Eulálio. E, aí, quando a gente entrou no Ginásio Picoense nós tínhamos um grupo, porque nós deixamos de ser uma voz isolada para sermos um grupo, no Ginásio Picoense. Nós, eu e o Ozildo, começamos na Cruzada Eucarística que teve aqui. Ali, foi que nós passamos de sujeitos passivos para agentes da sociedade picoense. E a gente descobriu o que era, pela primeira vez na cidade de Picos, uma união, uma espécie de sindicato, onde a criançada também decidia, onde a criançada que ficava lá na igreja, também tinha voz. E, no Ginásio Picoense, aí não, já era uma voz um pouco mais clássica, mais competente e arrazoada até chegar o Jornal A Flâmula, que a gente trabalhou, fez peças teatrais e fez a rainha dos estudantes, para arrumar o dinheiro para comprar a tipografia. E, aí, o Ozildo Albano foi para Recife para comprar a tipografia. Ozildo chegou com a tipografia e demorou, porque ele também foi aprender a manusear. Quando começou aqui o Jornal A Flâmula, Ozildo era editor, fazia a correção final, manejava as máquinas. Ozildo Albano fazia de tudo e eu fazia a limpeza. Tudo no jornal passava pelo crivo de Ozildo Albano. Agora, a turma era coesa, unida, muita gente, o Alfredo Albano, Luís Alencar, Odonel, todo mundo ajudava.

No ano de 1949, o governador do Estado do Piauí, José da Rocha Furtado, autorizou o funcionamento do Ginásio Estadual Picoense, fato que teve como incentivador o Juiz de Direito da comarca de Picos, José Vidal de Freitas, que foi um dos professores e entusiasta da criação do Grêmio Literário Da Costa e Silva e de um veículo de imprensa estudantil. Segundo Duarte (1995, p.113-115),

Ainda em 1949, foi criado por iniciativa do então Juiz de Direito de Picos, Dr José Vidal de Freitas, o Ginásio Estadual Picoense. Em março de 1950 o Ginásio começou a funcionar provisoriamente no prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, no turno da tarde. O fundador e primeiro diretor do Ginásio formou um corpo docente de bom nível, recrutado entre profissionais liberais de nível superior – advogados, dentistas, farmacêuticos – e professores de maior experiência profissional residentes na cidade. A importância que o Ginásio teve para Picos pode ser percebida através de vários ângulos. Em primeiro lugar, possibilitou que muitos jovens picoenses

dessem continuidade aos seus estudos, o que do contrário não iria ocorrer, visto que a maioria deles não tinha condições financeiras para freqüentar centros acadêmicos maiores. Em segundo lugar, o Ginásio trouxe uma espécie de fermento intelectual para a cidade, cujo pólo irradiador foi o Grêmio Literário Da Costa e Silva, que teve como presidente-fundador o ginasiano José (Ozildo) Albano de Macedo, e tinha no Jornal **Flâmula** [...] um importante instrumento de veiculação de idéias e de divulgação da produção literária local.

A implantação do Ginásio em Picos abriu a possibilidade de mudança no cenário educacional formal, uma vez que os jovens poderiam ter acesso ao ensino ginasial, na sua própria cidade, sem precisar se deslocar para a capital ou outros Estados, o que não era possível para todos, em virtude dos custos econômicos para tal deslocamento.

Deve-se novamente registrar que na década de 1940, Picos possuía uma população de 40.414 pessoas, em um universo de 817.601 habitantes em todo o Estado do Piauí, conforme dados do recenseamento de 1940.

Outro dado importante é que no Estado do Piauí havia apenas 128.413 pessoas que se declararam como sabendo ler e escrever e, dessas, 6.671 eram picoenses; mas dos 544.982 piauienses que não sabiam ler e escrever, 25.998 estavam em Picos.

Quadro 05 - População de fato do Estado e Instrução (1940)

Censo de 1940	População total	População de 5 anos e mais de instrução declarada	Sabiam ler e escrever	Não sabiam ler e escrever
Piauí	817.601	673.395	128.413	544.982
Picos	40.414	32.669	6.671	25.998

Fonte: IBGE - Recenseamento Geral do Brasil – 1940

O quadro 05 mostra que a situação da instrução pública em Picos era insatisfatória e que a necessidade da expansão da rede escolar era uma demanda urgente.

Quando se verifica os dados censitários destacando a categoria “pessoas que estavam recebendo instrução”, a realidade se evidencia com mais força, como o que se vê no quadro 06.

Quadro 06 - Pessoas de 5 a 39 anos que estavam recebendo instrução (1940)

Local	Total de pessoas de 05 a 39 anos	Pessoas que estavam recebendo instrução	
		Total	Sabem ler e escrever
Piauí	550.271	35.752	26.782
Picos	27.061	1.056	676

Fonte: IBGE – Recenseamento Geral do Brasil - 1940

Apenas 1.056 pessoas, na faixa etária entre 05 e 39 anos estavam recebendo algum tipo de instrução e, dessas, 676 sabiam ler e escrever. A implantação do ginásio entraria em cena como uma espécie de socorro aos habitantes de Picos.

Percebe-se a dimensão da situação de abandono intelectual em que se encontrava a população picoense com maior incidência quando se tem acesso aos dados sobre a quantidade de pessoas que possuíam curso completo no grau elementar, médio ou superior.

Quadro 07 - Pessoas de 10 anos e mais que possuíam curso completo ou diplomas de estudos.

Local	Total ¹	Grau elementar	Grau médio	Grau superior
Piauí	8.745	6.689	1.300	446
Picos	70	37	12	6

Fonte: IBGE – Recenseamento Geral do Brasil - 1940

O dado oficial da existência de apenas 37 pessoas com o grau elementar mostra que a implantação do Ginásio Estadual Picoense seria a possibilidade de mudar o então estado de coisas.

Embora se trate de dado técnico oficial, em virtude de as variáveis questionadas não abraçarem todas as respostas dadas pelos entrevistados, restringindo-se ao grau elementar, médio e superior, algumas declarações por não se encaixarem nelas, ficaram de fora. Outro aspecto a ser considerado foi a quantidade de pessoas com grau superior, sendo este reduzido aos cursos médico, jurídico, militar e teológico.

¹Consta observação no Recenseamento de 1940 que no total de pessoas informadas estão incluídas aquelas que possuíam algum curso completo ou diploma de estudos de grau não declarado (IBGE, 1940, p.64), em virtude disso, os números distribuídos nos graus não atingem a soma do total geral informado.

Para formalizar o ingresso no Ginásio Estadual de Picos era preciso passar por um exame de admissão. Somente depois dessa etapa, o aluno poderia ser matriculado. E isto transcorreu no ano em que se deu a sua autorização de funcionamento, pois no ano seguinte, em março de 1950, começou a funcionar na sede do Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

Com o início das atividades escolares vieram as demandas estudantis de participação em atividades diversas, dentre elas, em um grêmio estudantil. Disso provém à organização do **Grêmio Literário Da Costa e Silva** que, posteriormente, promoveu a fundação de um jornal noticioso e literário, o **Flâmula**.

A primeira diretoria do Grêmio Literário Da Costa e Silva teve a seguinte composição: Presidente, José Albano de Macedo (Ozildo Albano), vice-presidente, Maria do Carmo M. Leopoldo, 1º secretário, Alfredo Albano, 2º secretário, Helenita Santos, 1º tesoureiro, Dimas Lélis, 2º tesoureiro, Socorro Dantas, orador, Albertino Barros e o bibliotecário, José Rafael Filho.

Com essa diretoria, tendo à frente o estudante José Albano de Macedo, o Ozildo Albano, mobilizaram-se no sentido de obter recursos para a aquisição de uma tipografia, posteriormente chamada de **Gráfica Ginasial** que fosse utilizada na impressão de um jornal na cidade de Picos. Para tanto, os estudantes organizaram um concurso para a escolha de uma rainha dos estudantes, com o fito de levantar recursos financeiros para tornar possível o sonho de terem um jornal de divulgação das idéias dos jovens estudantes do Ginásio Picoense.

Ilustração 47 – Imagem: Notícia da inauguração da Gráfica Ginasial



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na campanha para a escolha da rainha dos estudantes, foram apresentadas as seguintes candidatas: pela 1ª série, a senhorita Maria Idelzuite Leal e, pela 2ª série, a senhorita Maria do Carmo Cardoso. No pleito, a candidata vitoriosa foi a senhorita Maria Idelzuite Leal que foi coroada no palco do salão nobre do Instituto Monsenhor Hipólito.

A importância arrecadada com a escolha da rainha dos estudantes excedeu a \$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros). Com esse dinheiro, tornou-se possível comprar uma tipografia. Na ocasião, o estudante Ozildo Albano foi para Recife com o propósito de trazer uma máquina para a impressão de um jornal estudantil. A narrativa da irmã de Ozildo Albano, Silva Albano (2017, p.421) esclarece que:

Eu me lembro de quando Ozildo foi comprar a tipografia para a impressão do jornal. Nós morávamos ali na Rua Santo Antônio. Mamãe ficou preocupada porque Ozildo saiu com um caminhoneiro, uma pessoa que viajava pra lá, no Recife. Era o meio de transporte que nós tínhamos. Era um caminhão que fazia essa linha para lá. [...] Ozildo demorou muito para voltar. Não sei te dizer o tanto, mas mãe já estava preocupada e as pessoas também. E ele chegou de lá e trouxe a tipografia. Era uma tipografia de segunda mão. [...] Mas Ozildo foi a pessoa que foi e trouxe.

Diante disso, percebe-se a dificuldade que teve Ozildo Albano quando se deslocou de Picos até Recife, no Pernambuco, para fazer a aquisição de uma tipografia. Mas, o fato é que a demora que ele teve para retornar a sua cidade adveio da própria circunstância de encontrar um veículo que pudesse trazer o maquinário e também era preciso saber operacionalizar esse equipamento. Então, teve que aprender para depois ensinar a manuseá-la.

Ilustração 48 -Fotografia:Máquina tipográfica (à direita, professor Acilino Leite, superintendente do jornal Flâmula)



Fonte: Livro “Picos: os verdes anos cinquenta”, de Renato Duarte

Um homem e a necessidade de mudar o seu tempo. A certeza de que era preciso fazer algo para trazer alterações bruscas no cenário educativo e cultural picoense foi o combustível que fez com que Ozildo Albano enfrentasse o desconhecido e se deslocasse para lugar tão distante em busca da tipografia. Era preciso fazer algo e ele fez.

Ali estava o educador incomodado com o cenário de atraso em que o município estava mergulhado e o observador de um povo que praticamente aceitava a situação. Como **mediador cultural**, agiu para que a centelha que pretendia plantar, através do jornal, pudesse vingar e trazer resultados satisfatórios.

4.3 A Gráfica Ginásial como espaço de produção de conhecimentos

Com o retorno de Ozildo Albano com a tipografia, no dia 09 de março de 1952, ocorreu a inauguração solene da **Gráfica Ginásial**. Durante a cerimônia, a oratória ficou sob a responsabilidade do professor Acilino Leite, do estudante José Albano de Macedo, o Ozildo Albano e do deputado Antenor Neiva, representando o povo picoense. Na ocasião, o padre José Inácio Madeira procedeu ao ritual religioso.

A sociedade civil compareceu ao evento de inauguração da Gráfica Ginásial. Aquele momento significou o início de uma etapa oficial do processo educativo a ser realizado pelo jornal **Flâmula**. A Gráfica Ginásial, embora pequena e modesta, serviria como suporte capaz de recepcionar tanto a impressão do jornal Flâmula quanto de qualquer outra demanda de impressos da sociedade.

Em seguida, a banda de música da Prefeitura Municipal de Picos ficou responsável pela animação do evento. Na página 4, do primeiro exemplar do jornal **Flâmula**, pode-se constatar o discurso do ginásiano Ozildo Albano que se intitulou “Lutando por um ideal”, nos seguintes termos:

Uma falange de jovens aspirantes de grandes ideais concretiza hoje o seu sonho fagueiro de ontem.

Pugnando por essa justa causa, não poupamos esforços nem medimos sacrifícios. Não houve obstáculos que não fossem vencidos, nem dificuldades que nos abatessem. Hoje apresentamos o fruto dos nossos labores – FLÂMULA, o jornal que irá engrandecer e dar nova vida a Picos.

FLÂMULA, ou pequena chama, em breve tornar-se-á um rútilo clarão, não como o fogo fátuo que brilha por um instante, depois se apaga, mas como uma estrela cintilante que brilhará para aqueles

que têm sede de saber, como um facho luminoso que iluminará os que tateiam ainda nas trevas da ignorância.

FLÂMULA, o órgão literário de Picos, guiará a nossa juventude nas sendas do saber, do dever e do amor à Pátria.

O 15 de março é um marco na história literária, social e progressista de Picos, pois neste dia sai o 1º número do jornal, que irá descortinar à mocidade estudiosa de nossa terra novos horizontes no campo das letras.

Picos cidade nova que marcha altaneiramente para o progresso, há muito precisava de um emissário que levasse ao longe a sua grandeza, o labor de seu povo e a inteligência de seus filhos. Esse emissário, esse porta-voz é a FLÂMULA que cantará o nosso passado, enaltecerá as grandezas do presente e idealizará um porvir risonho para a terra que nos serviu de berço.

Todo cidadão conspícuo e nobre, honrado e patriota, deverá ajudar e colaborar com os estudantes nesse grande empreendimento.

Sentimo-nos hoje orgulhosos por termos trabalhado denodadamente, lutado com ardor nessa campanha. Estamos satisfeitos, apesar dos sacrifícios que fizemos, das canseiras e trabalhos que tivemos, das humilhações e das afrontas que recebemos, pois diz Corneille em um dos seus versos – A vaincre sans péril, on triomphe sans gloire (Quando se vence sem perigo, triunfa-se sem glória).

Ozildo Albano tinha consciência do papel educativo e cultural que o jornal **Flâmula** daria ao município de Picos. Aqueles que possuíam “sede de saber” eram o alvo do noticioso. Diante do cenário de extremo analfabetismo, como visto nos quadros 05 e 06, abrir espaço de conhecimento e de cultura era um dos caminhos possíveis para iluminar “os que tateiam ainda nas trevas da ignorância”.

Funcionaria como um órgão do saber, mas também do “dever e do amor à pátria”. Nisso se percebe a preocupação do educador como mediador cultural que pensava em formar o homem para a ciência e para o serviço à pátria.

Em seu discurso, Ozildo Albano apresentou os objetivos explícitos do jornal **Flâmula**, a saber: cantar o passado, enaltecer as grandezas do presente e idealizar um futuro melhor para Picos. Mais que objetivos, um projeto educativo.

Flâmula noticiou sua entrada em cena no mercado editorial, em matéria intitulada “Gráfica Picoense”, datada de 15 de março de 1952:

Gráfica Ginásial

O Grêmio Literário da Costa e Silva promoveu, no último domingo, 9 do corrente, a inauguração solene da Gráfica Ginásial, a nova tipografia que constitui as oficinas próprias deste jornal.

Foram oradores da ocasião o Dr. Acilino Leite, por parte do corpo docente do Ginásio, José Albano de Macedo, pelo corpo discente, e o deputado Dr. Antenor Neiva, por parte do povo picoense, de quem é um dos quatro legítimos representantes na Assembleia Estadual.

A nova oficina tipográfica é pequena e modesta, mas organizada com material novo e de ótima qualidade, estando capacitada para servir satisfatoriamente aos fins a que se destina, quer quanto à feição de jornal, quer quanto à produção de qualquer serviço gráfico. Declaradas inauguradas as oficinas da FLÂMULA, o reverendo vigário da freguesia, padre José Inácio Madeira, procedendo à cerimônia religiosa do ritual, depois do que foram as instalações abertas à visita pública, em que tomou parte grande número de ginasianos, professores, autoridades e o povo em geral. Tocou durante a inauguração a filarmônica 'Banda Municipal', cedida gentilmente pelo Sr. Prefeito Municipal, a pedido dos estudantes.

Nasceu o jornal **Flâmula**, órgão do Grêmio Literário Da Costa e Silva, que teve o primeiro exemplar circulando em Picos no dia 15 de março de 1952. A **Gráfica Ginasial** localizava-se na Rua 13 de maio e o seu corpo editorial era composto pelo superintendente o professor Acilino Leite, diretor Alfredo Leopoldo Albano, gerente José Albano de Macedo (Ozildo Albano), redator-chefe Albertino Leal Barros e os redatores José Rafael Filho, Mário Marreiros e Luiz Alencar Bezerra.

Pelas páginas de **Flâmula**, uma diversidade de escritos para todos os gostos. Constatam-se lições de gramática da língua portuguesa e da língua inglesa, os fatos do cotidiano picoense, textos discorrendo sobre datas e brasileiros, literatura piauiense, notas sociais, avisos, editais, anúncios comerciais, dentre outros. Em cada seção, paratextos editoriais que convidavam o leitor a conhecer um pouco da vida cultural na cidade de Picos, na década de 1950.

Como fonte histórica, o discurso traz as marcas de um tempo e do lugar social ocupado pelo sujeito que o proferiu. Mas, pode-se dizer ainda que a sua narrativa permite explicitar não só fatos do passado, geradores de prova documental sobre determinado evento, como também interditos que de uma forma ou de outra não puderam ser evidenciados por circunstâncias alheias à vontade do autor do discurso. Segundo as lições de Albuquerque Júnior (2012, p.231),

As fontes históricas, dentre elas os discursos e pronunciamentos de autoridades (reis, generais, senadores, personalidades políticas, embaixadores, intelectuais), deixam de ter a função de apresentar a história, de presentificá-la, e passam a ter a função de prova, passam a ser vistos, não como artefatos retóricos, mas como testemunhos verdadeiros sobre os eventos. [...] Eles passam a ser vistos como documentos, como sendo restos deixados pelo passado e que carregam em si mesmos a verdade desse tempo a ser desvendada. Paulatinamente, o caráter discursivo dos próprios discursos e pronunciamentos é obliterado. Eles são transformados em uma coisa, um artefato chamado documento ou fonte histórica,

tomados como um resto, um rastro ou uma pista do passado mediante a qual o historiador teria contato com o pensamento, as ações e os acontecimentos do passado. Eles seriam a ponte entre a vida dos vivos e a dos mortos, como queria o importante historiador romântico francês Jules Michelet. Essa reificação faz dos discursos e pronunciamentos meras passagens para o desvendamento do que pensavam, do que queriam, do que sentiam os personagens que moviam a história.

O discurso de Ozildo Albano e dos editores de **Flâmula** não é, pois, apenas um artefato retórico, mas, sobretudo, um testemunho verdadeiro dos acontecimentos de seu tempo, um legítimo documento capaz de informar a presença de um modelo educativo que estava sendo aplicado em Picos e que se concretizou nas práticas dos seus alunos dentro e fora do contexto escolar.

O nome do jornal **Flâmula** foi uma sugestão do professor José Vidal de Freitas. Naquela ocasião, recebeu este nome devido ao clima cultural que rondava o Ginásio Estadual Picoense e a palavra que melhor sintetizava aquele momento para ser colocada em um jornal seria **Flâmula**. Então, a chama seria a sede do saber que iria lançar as luzes do conhecimento. Conforme narrativa de Rafael Filho (2016, p.410):

O Jornal se chamava a Flâmula, a chama. O doutor Vidal de Freitas deu várias sugestões. A flâmula era a pequena chama, né? [...] Foi o doutor Vidal de Freitas, me parece. A sugestão do nome para o jornal teria sido dele. Representava aquela chama que estava dentro daquela juventude que estava lá, a chama do saber, da racionalidade.

Do seu discurso, Ozildo Albano estabelece um divisor de águas na história cultural da cidade de Picos. Conclama a todos a entrarem nas sendas do conhecimento a partir de uma nova proposta educativa que iria ser implantada com a chegada do periódico estudantil **Flâmula**. Deixou claro na solenidade de inauguração da tipografia que “[...] o 15 de março é um marco na história literária, social e progressista de Picos” e que a partir daquela data histórica o jornal dos estudantes iria “[...] descortinar à mocidade estudiosa de nossa terra novos horizontes no campo das letras”.

Dos fragmentos da fala de Ozildo Albano, impõe-se fazer algumas anotações de como ele iria fazer a mediação cultural na cidade por intermédio deste veículo informativo. Através da educação literária, vislumbrada por ele e que ficou evidenciada nas páginas do periódico, o público leitor iria despertar para a leitura dos cânones consagrados na literatura.

Para tanto, utilizou-se do espaço jornalístico para provocar o hábito da leitura literária. Como componente do corpo editorial, Ozildo Albano juntamente com os jovens ginasianos lançavam, nas páginas de **Flâmula**, poesias para todos os gostos, dentre elas, podem-se constatar as de Lourenço Campos que tinham como título “Minha Terra”, “Ilusão da subida”, “Sol de ouro” e “Mulher moderna”; as poesias de Padre Balduino Barbosa de Deus sobre “A princesa dos montes” e “Sombra de luz”; a poesia de Da Costa e Silva “Saudade”; a poesia de J. de Souza Libório “Picos”; a poesia de João Ninguém “Se tu soubesses” e, por fim, a poesia de Ovídio Freshwater “Bucolismo”.

Impõe-se, por conseguinte, que se faça um recorte para ilustrar essa passagem pelos caminhos da literatura, uma vez que Ozildo Albano tinha o gosto pela leitura e procurava incentivar os que mantinham contato com ele. Coerentemente com esse entender, faz-se oportuno trazer um fragmento de uma entrevista realizada com Teixeira (2016, p.438), uma ex-aluna de Ozildo Albano.

Naquele tempo, não tinha televisão. Já era cultura das escolas, no período de férias, os alunos retornarem pra pegar romances. Então, a gente começava geralmente com “A Moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo. Daí, quando passasse de Macedo, era José de Alencar. De Alencar, a gente passava para Machado de Assis, de Machado de Assis nós entramos em Érico Veríssimo. Só sei que o último era Jorge Amado. Todos estes autores clássicos a gente via a coleção completa. Todas as férias era uma coleção. Contanto que eu fiquei tão afinada em Literatura que, no vestibular, não perdi uma questão e, ainda hoje, às vezes, só uma frase solta, eu digo: ‘- isto aqui é de José de Alencar ou, então, é de Castro Alves’. [...] Ozildo despertou muita literatura e história. Aliás, ele dizia que a melhor maneira de a gente conhecer um Estado, um lugar, um país era estudando a história e os romances. A literatura de um país, de um povo, porque através da literatura você vai encontrar os usos, os costumes, a religião, a alimentação, tudo enfim.

A narrativa da ex-aluna caminha em direção ao que se vem pontuando sobre as práticas educativas de Ozildo Albano em **Flâmula**, uma vez que as suas ações eram direcionadas com o propósito de influenciar no meio social em que se encontravam inseridos, potencializando-o e fazendo com que ocorressem transformações nos indivíduos.

Ozildo Albano oportunizou a gente simples que com ele conviveu e recebeu através das lições educacionais de **Flâmula**, inúmeros ensinamentos. Despertou o interesse pela literatura e fez com que outros leitores também pudessem penetrar no universo literário. Deu exemplos concretos de que com a literatura e a história poder-

se-ia conhecer a cultura, a religião, os usos, os costumes, a alimentação de um povo.

Sabia da importância que se tinha em fazer a leitura dos clássicos da literatura brasileira. Para tanto, indicava uma seleção de escritores já respaldados pelas academias literárias. Fazia tudo isto pensando em propiciar um desenvolvimento humano que pudesse influenciar no meio social, através dos conhecimentos apropriados com as leituras feitas.

Para a ex-aluna, o professor Ozildo Albano adotou uma prática educativa voltada para a educação literária dos seus alunos. Segundo ela, até nas férias escolares os alunos se envolviam na busca pelo conhecimento através da leitura de obras literárias clássicas.

Mais que um meio de acesso ao livro, está-se diante de um **projeto educativo** inovador e capaz de mudar a cosmovisão dos alunos, potencializando-os culturalmente.

O discurso de Ozildo Albano antecipava aos leitores do jornal **Flâmula** quais seriam as práticas educativas que iriam ser desenvolvidas neste periódico. Quando se referiu no seu texto que o jornal descortinaria para a mocidade estudiosa de Picos novos ares de conhecimento, no campo das letras, fez com a intenção de provocar mudanças no comportamento de seu público leitor e isto seria concretizada através da recepção das marcas argumentativas das matérias publicadas.

Por meio do discurso, constatou-se também o que não pôde ser dito, os espaços em branco que de alguma forma ou de outra foram deixados intencionalmente por Ozildo Albano. Ficaram para ser desvendados ou quiçá esquecidos pelas conveniências do momento. Mas, o importante disso tudo é que os registros sociais ficaram escritos. A voz de Ozildo Albano durante o evento representava as vozes coletivas de um grupo de estudantes que queriam mudanças radicais no curso da história de Picos, tanto educacional quanto cultural. Conforme as lições de Eco (1993, p. 54),

‘Não-dito’ significa não manifesto em superfície, a nível da expressão: mas precisamente são estes elementos não-ditos que devem ser actualizados a nível da actualização do conteúdo. E a este propósito, um texto, mais decisivamente que qualquer outra mensagem, requer movimentos cooperativos activos e conscientes por parte do leitor.

A proposta de eco (1993) reside no fato de que um texto quando é feito encontra o seu destinatário. E esse destinatário é o responsável pela atualização textual. Assim, o leitor do discurso de Ozildo Albano tem a obrigação de atualizar a sua enciclopédia para poder penetrar nesses não-ditos do seu texto. Para tanto, somente depois deste procedimento é que se torna possível manter vários movimentos cooperativos por parte do leitor.

Quando o texto requer a cooperação do leitor para ser atualizado, é porque necessita funcionar dentro de uma margem possível de interpretação. Ou, mais precisamente, como afirma Eco (1993, p.55), “[...] um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da mais-valia de sentido que o destinatário lhe introduz”.

Nas palavras de encerramento do seu texto, Ozildo Albano faz alusão a uma passagem da produção literária do dramaturgo francês Pierre Corneille (1606-1684), através do seguinte verso: “Quando se vence sem perigo, triunfa-se sem glória”. Lê-se, no entanto, que as dificuldades enfrentadas pelos jovens ginasianos não foram poucas, tiveram de assumir os riscos pelo empreendimento cultural que estava sendo posto em prática.

Em sintonia com a proposta de **renovação cultural** apresentada por Ozildo Albano, através do campo jornalístico, assim se manifestou a ex-aluna e redatora do jornal **Flâmula**, Marlene Eulálio, em uma de suas colunas, em 29 de março de 1952, na edição de número 02, nos seguintes termos do seu texto intitulado “Surge uma nova onda de idéias literárias”:

Sim, em nenhum outro tempo teve a literatura maior desenvolvimento que agora.

Este progresso não notamos somente nas grandes cidades, mas também vemos em cidades como a nossa aumentar de mais a mais o ideal de instrução.

Há pouco não tínhamos senão escolas primárias. Depois, espíritos idealistas, tendo como mentor e trabalhador incansável o Dr. José Vidal de Freitas, conseguem a criação de um ginásio, que recebeu o nome de Ginásio Estadual Picoense, cuja finalidade é instruir a mocidade esperançosa desta cidade.

Tendo nós como diretor e mestre o Dr. Vidal, procuramos tirar da sua capacidade, como das dos demais professores, luzes suficientes para que possamos enfrentar a vida e os anseios que nos oferece o futuro.

Aumenta-nos cada vez mais o ideal de progredirmos literalmente. Apareceu-nos o de fundarmos um grêmio, cujo nome foi Grêmio Literário da Costa e Silva. Podemos considerar termos dado um

grande passo a um outro desejo, que haveria de surgir: A inauguração de uma tipografia.

Não dispondo o grêmio de rendas que o capacitassem a inaugurá-la, apresentamos duas candidatas a rainha, ambas dignas desta investidura, e enfrentamos uma campanha, orientada pelo professor Dr. Acilino Leite, que empregou todos os esforços possíveis para alcançarmos o êxito almejado.

Como é do conhecimento de todos, o povo picoense muito coopera monetariamente com as ideias elevadas. E a prova é que o resultado da campanha excedeu a cinquenta mil cruzeiros, com que compramos a nossa Máquina Tipográfica.

Vemos, então, o nosso desejo realizado: a criação de um jornal, meio principal para melhorar, nos desenvolvermos na parte literária de que o Brasil precisa.

Assim, cooperar com a Flâmula é fazer alicerces para a construção a iniciar-se, é concorrer diretamente para o progresso de Picos.

O texto da ex-aluna do Ginásio Estadual Picoense estava em consonância com a proposta da filosofia editorial do jornal **Flâmula**, uma vez que dialogava com o texto de Ozildo Albano. Em várias passagens, percebe-se que utilizou palavras que seguiam a mesma linha de raciocínio do gerente do jornal quando discursou na gráfica estudantil.

Ao se referir a uma onda de ideias literárias, proporcionada por **Flâmula**, percebe-se mais uma vez que este jornal marcou uma passagem significativa na história da imprensa local.

A ex-aluna Marlene Eulálio fez um contraponto entre o passado e o que estava acontecendo naquele momento. De uma educação que se restringia a poucas escolas primárias, que funcionava na cidade, ao surgimento de um ginásio que representou o elemento irradiador das novas ideias que pairavam na sociedade picoense. Sobre a quantidade de escolas existentes em Picos, Duarte (1995, p.61) informa que:

Durante o dia, o vaivém dos colegiais fardados dava um certo colorido e movimentava as quietas ruas da cidade. Havia duas escolas públicas de ensino primário – o Grupo Escolar Coelho Rodrigues (fundado em 1928) e a Escola Municipal Landri Sales (criada em 1935) – e um educandário particular, o Instituto Monsenhor Hipólito (inaugurado em 1943), além de pequenas escolas particulares de propriedade das muitas professoras que ajudaram a formar várias gerações de picoenses.

Percebe-se que o texto faz referência às escolas primárias, públicas e privadas, existentes na zona urbana. Delas, algumas peculiaridades marcaram o cotidiano da vida citadina, através do vaivém dos estudantes por entre as ruas

estreitas e pacatas de Picos. Foram instituições responsáveis em estabelecer um modelo de educação e constituição de sujeitos de várias gerações de picoenses.

Os jovens estudantes encontraram um meio através do qual pudessem mexer de forma positiva na velha engrenagem social e o Jornal **Flâmula** foi o farol que guiou o pensamento crítico e racional em direção aos leitores de Picos. Nesse ponto, merece a justa observação do historiador picoense Duarte (1995, p. 113-115), para quem:

[...] o Ginásio trouxe uma espécie de fermento intelectual para a cidade, cujo polo irradiador foi o Grêmio Literário Da Costa e Silva, que teve como presidente-fundador o ginásiano José (Ozildo) Albano de Macedo, e tinha no jornal Flâmula [...] um importante instrumento de veiculação de ideias e divulgação da produção literária local.

Convém assinalar que o “fermento intelectual”, destacado por Duarte (1995), deve ser interpretado como os facho de uma luz que seriam lançados sobre a sociedade picoense, através da circulação das ideias presentes nas colunas textuais de **Flâmula**.

4.4 A coluna editorial **Grandes Datas: Escritos educativos ozildianos**

No tocante ao jornal **Flâmula**, tudo passava pelo crivo de Ozildo Albano que aprendeu a manejar a máquina de impressão, editava, fazia a correção final dos textos e redigia uma das colunas do jornal que se chamava **Grandes Datas**.

Na coluna **Grandes Datas**, os textos versaram sobre acontecimentos históricos como o dia 13 de maio de 1888, a Abolição da Escravatura, o dia 11 de junho de 1865, a Batalha de Riachuelo, o dia 18 de junho de 1815, a Batalha de Waterloo, o dia 14 de julho de 1789, a Queda da Bastilha e o texto intitulado Paz e Liberdade, sobre as duas grandes guerras mundiais.

Todos os textos foram localizados no acervo do Museu Ozildo Albano.

a) Artigo **Treze de Maio**, publicado em 24 de maio de 1952:

O 13 de Maio é uma data bem significativa na História Brasileira. Ele assinala a redenção de uma raça que por quase quatro séculos esteve sob o pesado jugo da escravidão.

D. Isabel, Rio Branco, Patrocínio, Castro Alves, Nabuco são nomes que devem estar sempre na lembrança dos brasileiros amigos da liberdade, porque foram eles propagadores e realizadores da liberdade daqueles infelizes que foram forçados a deixar a pátria e os parentes para viverem em terras e climas diferentes e servir de escravos a gente estranha.

Para os trabalhos de colonização, os colonos tentaram escravizar os índios, mas a isto se opuseram os jesuítas, apoiados pelo rei de Portugal. Além disso, os silvícolas brasileiros, de índole preguiçosa e livre, não se adaptaram bem aos trabalhos. Eis que começa então o tráfico dos africanos para o Brasil. Na África são vendidos por seus chefes como animais. Logo ao sair da Pátria começa o martírio dos pobres negros. Antes livres, jazem agora acorrentados nos fétidos porões do navio. Alguns sucumbem na viagem, sendo, portanto, atirados ao mar. Chegando ao destino, eram revendidos, ficando uns na cidade, enquanto outros eram levados para os engenhos e as fazendas. Uns se adaptavam facilmente ao clima e aos novos costumes, todavia, outros morriam tamanha era a saudade que sentiam da pátria perdida.

Os mais infelizes eram os que tinham por senhores verdadeiros verdugos, que os castigavam cruelmente. Em breve os africanos iam votando amizade a seus amos e gostavam imensamente das crianças. Dóceis e obedientes, tinham verdadeiro amor ao trabalho.

Trabalhando nos engenhos, nos campos e nas fazendas, os infelizes pretos contribuíram diretamente para o engrandecimento da Pátria de que tanto nos orgulhamos. Regaram com suor e sangue a terra que é hoje um país forte e belo, querido por seus filhos e respeitado por todos.

Felizmente para os desgraçados escravos raiou o sol da liberdade. O 13 de maio de 1888 surgiu radioso para esses infelizes. Na Pátria livre todos são livres, todos são iguais. No Brasil não há mais preconceitos de raça e cor.

Hoje os descendentes dos escravos no Brasil talvez sejam mais felizes do que seus parentes que ficaram lá na África.

Em **Treze de Maio**, Ozildo faz uma discussão sobre o sistema de escravidão de negros africanos no Brasil e como se deu o processo de luta pela libertação dos escravos.

Constrói uma narrativa esclarecedora sobre a ação de pessoas como a princesa Isabel, o barão do Rio Branco, José do Patrocínio, Castro Alves e José Nabuco no contexto das lutas de enfrentamento à escravidão. Ao apontar esses nomes, Ozildo estabelece uma lista de personagens históricas que deveriam ser conhecidas por seus leitores, para que viessem entender o que foi a escravidão e como algumas pessoas buscaram saída para o seu fim, em solo brasileiro.

Discorreu sobre a primeira tentativa de escravidão realizada pela Coroa Portuguesa, no contexto da colonização brasileira, quando os indígenas se tornaram alvo do processo escravagista. Ozildo constrói sua argumentação a partir de uma

variável correta e de outra refutável. Deve-se concordar que os jesuítas se posicionaram contra a escravidão do aborígine, mas a argumentação de que os silvícolas brasileiros eram preguiçosos, na verdade, informa um equívoco histórico que apenas com o aprofundamento dos estudos históricos foi possível desvelar.

Ozildo apresentou como se dava a organização do tráfico negreiro da África para o Brasil, apontando o percurso de dor nos porões dos navios, as mortes em alto-mar, o comércio no mercado de carne negra, a migração interna no Brasil entre as casas grandes e as senzalas, o banzo, os castigos, assim como o processo de docilização para a submissão.

O texto traz o ponto central da análise em torno da escravidão: a importância capital da mão-de-obra africana para “o engrandecimento da pátria” através do “suor e sangue” com que regaram a terra. Crítico em sua análise, Ozildo revela que, para a existência da pátria que amamos, vidas foram exploradas.

Tais reflexões levavam o leitor a perceber o peso que foi o crescimento e o progresso do país e, conseqüentemente, favoreciam uma tomada de posição frente a qualquer sistema de exploração contumaz sobre o humano.

A conclusão do artigo traz, porém, uma visão romântica em torno do preconceito racial, quando afirma que “na pátria livre todos são livres, todos são iguais. No Brasil não há mais preconceitos de raça e cor”, quando se sabe que ainda a parcela negra da população brasileira ainda luta pela conquista de espaços na sociedade brasileira. A afirmação final do artigo, no entanto, pode-se ver a sua real visão sobre o tema: “hoje os descendentes dos escravos no Brasil talvez sejam mais felizes do que seus parentes que ficaram lá na África”, fazendo um rápido confronto entre os afrodescendentes brasileiros e os africanos.

b) Artigo **Batalha de Riachuelo**, publicado em 07 de junho de 1952:

Arrastado pela ambição de representar um papel importante na história de seu país, Solano Lopes provocou uma terrível guerra com o Brasil, a Argentina e o Uruguai.

O seu primeiro pensamento foi atacar o Brasil, que era a nação mais poderosa da América do Sul. Amedrontando o Império, venceria depois facilmente os uruguaios e argentinos.

Sem nenhuma declaração de guerra, mandou invadir o nosso território e prender um navio nosso que passava por Assumpção.

Diante desta agressão, o Brasil entra em guerra. Travam-se vários combates, em que os paraguaios são vencidos.

Mas a confiança de Lopes estava na sua armada. Descendo o Paraná, pensava o Ditador, tomaria Buenos Aires e depois então começaria a ofensiva contra o Brasil. Contando com uma vitória certa, fez entrar a sua armada no Rio Paraná e investiu contra a nossa, que estava na foz do Riachuelo.

Às 9 horas da manhã de 11 de junho de 1865, nas águas do Paraná, trava-se a grande batalha, que cobriu de glórias a nossa marinha.

O grande Barroso, lembrando o vencedor de Trafalgar, pronunciou a célebre frase “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”.

O combate dura quase um dia inteiro. Os paraguaios investem furiosos contra a nossa esquadra. Apesar da resistência dos nossos bravos, algumas das naus são abordadas pelos inimigos. O combate trava-se corpo a corpo nos navios, tombando na peleja o guarda-marinha Greengalgh e o bravo Marcílio Dias. O inimigo contava já com a vitória. Tudo parecia perdido para nós, quando Barroso aparece com o “Amazonas” que arremeteu contra o inimigo, pondo a pique três navios paraguaios. Com este arrojo de Barroso, os demais navios põem-se em desordenada fuga.

Estava ganha a batalha para os brasileiros, depois de uma luta verdadeiramente heroica.

Depois de Riachuelo, tivemos uma série de vitórias. Assim é que vencemos em Avaí, Tuiuti, Itororó e Lomas Valentinas, até que subjugamos Lopes e libertamos os uruguaios e argentinos.

Barroso merece a admiração e o reconhecimento de todos os brasileiros, pois é a ele que devemos a vitória de Riachuelo. Aqueles que tombaram na peleja como Greenhalgh e Marcílio Dias viverão sempre na nossa memória, pois eles deram a vida em defesa da Pátria.

O artigo **Batalha do Riachuelo** apresenta a visão patriota de Ozildo Albano ao narrar o episódio histórico ocorrido no seio da Guerra do Paraguai que envolveu os aliados Uruguai e Argentina.

Ao narrar a batalha do Riachuelo, o narrador apresenta como se desdobraram os acontecimentos. Trata a personagem de Solano López como ditador ambicioso, conseqüentemente, conduz o leitor na apropriação dessa representação, sem traçar um perfil mais crítico das motivações políticas e econômicas ensejadoras do confronto entre os países.

Além disso, buscou apresentar as personagens brasileiras Francisco Manoel Barroso da Silva, Greengalgh e Marcílio Dias como heróis, pela forma como atuaram na batalha.

Dessa forma, o artigo promove no leitor a educação para o patriotismo e para a busca pelo conhecimento em torno de acontecimentos históricos que foram significativos para a permanência do território brasileiro e a manutenção da sua autonomia em relação às nações vizinhas.

c) Artigo **Batalha de Waterloo**, publicado em 19 de julho de 1952:

O 18 de junho de 1815 amanhecia com o céu carregado de nuvens. Não cessara de chover na véspera e durante toda a noite. As tropas francesas estavam acampadas no meio da lama. A Cavalaria e a Artilharia não podiam manobrar na terra encharcada.

O exército inglês, num total de 67.665 homens, comandados pelo Duque de Wellington, estava acampado no norte.

O exército de Napoleão contava de 71.947 guerreiros, o escol das forças francesas, e ocupava as colinas do sul de Waterloo.

O tempo clareou às oito horas. O sol, entretanto, não brilhava como em Austerlitz. Napoleão sentia-se nervoso. Dava ordens. Percorria as tropas e despachava correios. Grouchy fora encarregado na véspera de perseguir os prussianos de Blucher e cortar as comunicações destes com os ingleses. Às 11 horas, Napoleão decidiu começar a ofensiva. Ney, dirigindo o ataque principal, lança-se impetuosamente sobre o inimigo. Ele era realmente 'Le bravedesbraves' no campo de batalha. Apesar da resistência dos ingleses, os homens de Wellington põem-se numa desordenada fuga. Ney manda pedir algum reforço. Napoleão satisfeitíssimo manda-lhe alguns regimentos. Os ingleses preparam-se, entretanto, para a represália, mas são novamente batidos. Napoleão dispôs-se a completar a derrota de Wellington. Este, entretanto, prepara-se com energia para disputar o campo de batalha coberto do sangue dos seus soldados. Era forçoso que seu exército perecesse ou triunfasse. Ordenou à Artilharia um ataque geral. Os franceses repelem bravamente os ingleses. O marechal Ney é posto do cavalo a baixo. Levanta-se, porém, e continua a lutar com bravura e coragem.

Wellington, apoiado numa árvore, via cair ao redor de si os melhores dos seus soldados.

O êxito da batalha estava, todavia, indeciso. A vitória caberia aquele que primeiro recebesse reforço. Se Blucher chegasse, Wellington venceria e o mesmo aconteceria a Napoleão se Grouchy voltasse.

Num dado momento ouve-se um ruído de armas. Fortes colunas avançam.

- É Grouchy que chegava, exclamou Napoleão no auge do entusiasmo. Esta propaganda redobrou o valor dos franceses que se lançam no ardor do combate. Não durou muito tempo essa ilusão. Era Blucher que chegava com sua tropa. Dois exércitos achavam-se deste modo reunidos contra os franceses exaustos. As fileiras antes vitoriosas entraram na mais espantosa desordem, apesar da resistência heroica da Guarda Nacional. Napoleão, desesperado, tenta morrer no meio de seus soldados, mas, os marechais Soult e Bertrand arrastaram quase à força para fora do campo de batalha. Grouchy com a sua inaptidão contribuiu para a derrota dos franceses.

Napoleão abriu caminho através da multidão de fugitivos e escapou da cena de batalha e da guerra que ele e a França tinham perdido.

No artigo **Batalha de Waterloo**, Ozildo Albano concentrou sua narrativa em um episódio específico: o momento em que as tropas francesas, sob a liderança de Napoleão Bonaparte, sucumbiram frente à força estratégica da Sétima Coligação,

composta pelo exército britânico, sob a liderança do duque de Wellington e pelo exército prussiano, liderado por Gebhard Leberecht von Blücher.

A forma como os fatos históricos são relatados assemelha-se à narrativa literária, concentrando-se o foco narrativo na personagem histórica central, Napoleão Bonaparte, especificamente como ele conduziu seu exército, na batalha e como enfrentou a derrota.

Além disso, ao construir a narrativa em torno das demais personagens, impõe sobre elas um ritmo semelhante ao dos romances históricos, mostrando a valentia. É o humano que se destaca sobre o evento histórico.

A forma como construiu o enredo sobre a Batalha de Waterloo faz com que o leitor empírico se envolva com a narrativa e queira conhecer essa parte da História francesa e seus desdobramentos. Como a narrativa se desenrola no clímax do evento histórico, pressupõe um leitor-modelo conhecedor dos fatos anteriores e capaz de significar o episódio narrado.

d) Artigo **A Queda da Bastilha**, publicado em 03 de agosto de 1952:

O trono da França, solidamente construído por grandes monarcas como Carlos Magno, Henrique IV, São Luís e Luís XIV está prestes a desmoronar-se. Luís XV, prevendo talvez a queda da Monarquia dissera, “Après moi Le Déluge”. Esta frase traduzia o egoísmo de um rei corrompido e a devassidão de uma corte viciada. Que depois dele viesse o dilúvio. Cabia, entretanto, a Luís XVI pagar pelos vícios de seu avô e pelos erros dos seus antecessores.

Foi no tempo deste infeliz rei que desencadeou a terrível revolução, que lançou por terra todos os preconceitos do antigo regime e a desigualdade de classe. O povo francês, acarretado por pesadíssimos jugos, sonhava com dias melhores. Cada dia criavam-se novos impostos, cujas rendas eram destinadas a manutenção e aos gastos dos nobres e dos cortesãos. Trabalhava-se muito para sustentar as orgias de uma corte leviana. O povo não tinha direito a nada. Os nobres eram os privilegiados. Os bons empregos, os altos postos do exército eram para os fidalgos. A justiça era implacável para com os fracos e complacente para os poderosos. Lá estava a Bastilha com suas paredes negras, como símbolo do absolutismo.

Finalmente o povo foi se ressentindo contra esses abusos. As ideias filosóficas de Rousseau e Montesquieu inspiravam a todos um sentimento de revolta contra esses absurdos. A independência dos Estados Unidos mostrava a todos o alvorecer de uma nova era.

Na manhã de 14 de julho de 1789 uma multidão marchava contra a Bastilha. O Símbolo do Despotismo devia ruir por terra. Homens, mulheres e crianças armados vão cantando o “Ça ira”. Nobres e burgueses, ricos e pobres, todos imbuídos dos mesmos ideais, marcham coesos, contra a Fortaleza. Na primeira investidura, os

guardas da Bastilha respondem com carabinas, que espalham o terror no seio do povo, que foge espavorido. Depois, os atacantes voltam furiosos, desta vez, porque é uma mãe desesperada que perdeu um filho, uma esposa que lamenta a perda do esposo, uma irmã que chora a morte do irmão. Todas clamam “vingança!”. Os homens investem furiosos, aos gritos de “Abaixo o Castelo Maldito!”. Descarregam sobre a Bastilha os primeiros tiros. São repelidos, mas voltam com mais ardor ainda. A fortaleza antes inexpugnável vai cedendo aos poucos e cai finalmente no poder do povo. A Bastilha, construída em 1370 por Carlos V, que tinha servido de prisão a personagens ilustres como Foucquet, Jacques d’Armagnac, Voltaire, Basompierre e a Marquesa de Brinvilliers, foi conquistada pelo povo. A data de sua queda, 14 de julho, é comemorada como o dia da Pátria, na França.

Ozildo Albano, ao narrar sobre a Queda da Bastilha, apresentou aos leitores de Flâmula um fato histórico de relevância na história da humanidade e que expôs as entranhas do poder despótico, a exploração dos monarcas sobre o povo, através de um sistema de tributação que empobrecia a população, assim como as regalias da corte francesa.

Trouxe à tona, a partir de uma narrativa leve, as etapas da tomada da Bastilha, descrevendo as personagens envolvidas, sem nomeá-las, dando ao povo o protagonismo e não a personalidades específicas.

A principal provocação do texto reside no convite ao leitor ao aprofundamento em torno do tema, uma vez que assim ter-se-ia mais conhecimentos sobre as causas do levante, as personagens históricas envolvidas e o cenário popular de então.

Com essa estratégia, Ozildo promoveu, em seus artigos, a mediação cultural, abrindo espaço para a aprendizagem de temas que circulavam no contexto escolar, mas que através de Flâmula, estavam circulando nas mãos daqueles que pudessem adquirir um exemplar do jornal, meio de comunicação de massa, mesmo que não tivessem conhecimento preliminar sobre os temas abordados.

e) Artigo **Paz e Liberdade**, publicado em 31 de agosto de 1952:

Se lançarmos um olhar sobre os movimentos atuais, poderemos observar a marcha dos acontecimentos, que conduz ao abismo, as nações e os povos.

Sondemos um pouco o passado: de 1914 a 1918 o mundo sofreu imensamente com a guerra que envolveu quase todas as nações do orbe. A 28 de junho de 1919 assinaram o “Tratado de Paz”, em Versalhes. Não houve, entretanto, paz. Os homens, sedentos de

cobiça e sangue, queriam, ainda, guerra. Surgiu o ano de 1939 e com ele, também, a Segunda Guerra Mundial, mais terrível e ameaçadora que a primeira, talvez, de consequências mais funestas que a de 1914. A Europa, ardendo em chamas, envolveu também na Guerra as Américas, a Ásia, a África e a Austrália. Povos, nações digladiaram-se na conquista da liberdade. Milhares e milhares de soldados tombaram nos campos de batalha em defesa da liberdade e dos sagrados direitos da humanidade. Ao raiar 1945, os povos esperaram a paz, o advento de uma nova era, que assegurasse a todos os seus direitos de liberdade. Desta vez, não houve ainda paz, e sim, uma pequena trégua. A guerra continua. As grandes potências continuam a lutar, servindo-se das pequenas nações, como se observa na Coreia.

A Rússia e seus satélites ameaçam a guerra maior e mais encarniçada de todos os tempos. A Conflagração Mundial será inevitável, ou será desta vez mais pavorosa e mais horrorosa que dantes?

Cumpra, pois, à mocidade de todo o mundo, o sagrado direito de defender a causa de todos, que é a liberdade, mas que seja uma liberdade sadia, perdurável. Trabalhamos para que a paz seja estabelecida em todos os povos. Não é só no campo de batalha que se defende a paz e a liberdade. Podemos trabalhar pela paz mundial, nos bancos escolares, aprendendo nos colégios e ginásios, estudando muito. Ensinando aos ignorantes e trabalhando pela alfabetização dos adultos. Estudemos, estudemos muito, pois no estudo estão os princípios de paz e de liberdade. Se a mocidade de todo o mundo tivesse amor ao estudo, daria a pobre humanidade o que ela reclamaria: uma paz perdurável e uma liberdade completa.

O artigo **Paz e Liberdade** faz uma discussão sobre a paz e a necessidade de liberdade a partir do atravessamento histórico da Primeira Guerra Mundial (1914-1919), da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), da Guerra na Coreia (1950-1953) e da Guerra Fria (1945-1991).

Ao ancorar a discussão sobre paz e liberdade a partir de eventos históricos como os apontados, esperava o narrador um leitor-modelo capaz de movimentar os signos que envolveram cada momento de guerra elencado, para estabelecer, assim, significado ao texto.

Todas as guerras apontadas dizimaram vidas, tiraram a paz e violaram o primado da liberdade. A reflexão do narrador fez um convite aos jovens leitores que assumissem a missão de pacificadores de seu tempo. Apresenta aos leitores o caminho que poderia ajudar na construção de um mundo pacífico e livre: a educação.

Através do conhecimento, os jovens poderiam mudar a realidade. A escola serviria como o laboratório de formação de homens e mulheres amantes da paz e da liberdade.

Através destes textos históricos, Ozildo Albano desenvolvia as suas práticas educativas no campo jornalístico, com o fito de provocar mudanças no *status quo* do indivíduo. Para tanto, seguia uma linha editorial em que a sua tônica preponderante se voltava para a educação e cultura.

O jovem ginasiano Ozildo Albano era um intelectual que não se conformava com o estado de coisas em que via Picos inserida. Para tanto, utilizou-se da *mass media* para mexer no contexto social, a fim de levar aos seus leitores fatos históricos que aconteceram em diferentes países e, com isto, mostrar à opinião pública a importância que tiveram para a história da humanidade.

Pela escolha temática das matérias publicadas no jornal **Flâmula** por Ozildo Albano, pode-se fazer inúmeras leituras críticas. Mas, o que não se pode deixar de lado é que havia uma intencionalidade em cada um dos textos que ele assinava na sua coluna. E essa intencionalidade se evidenciava justamente no conteúdo histórico das informações e, com isso, ele procurava atingir os seus propósitos, que era construir o seu leitor-modelo. De acordo com Vieira (2007, p.18),

O jornal, a um só tempo, presume um leitor-modelo, adapta-se ao gosto desse público visado, bem como forma-o de acordo com os princípios por ele considerados ideais. Argumento que reafirma a dupla condição da imprensa periódica como expressão de uma realidade (identidade social dos leitores/consumidores) e como agente social interessado em intervir na realidade.

Pelo fato do jornal **Flâmula** trazer nas suas páginas seções especializadas sobre temas diversos como: grandes brasileiros, grandes datas, charadística, tamborilando, meu cantinho, notas sociais, afora outros, presume-se um destinatário específico para os textos, **o leitor-modelo**.

É com esta compreensão que os textos publicados em jornais procuram direcionar a sua mensagem ao gosto do seu público leitor, reafirmando ainda o seu compromisso de verdade e de intervenção na realidade social. E, ao fazer isto, o autor do texto utiliza-se de determinadas estratégias com o propósito de construir o seu leitor em conformidade com as regras estabelecidas no conjunto da narrativa. Como bem pontua Eco (1993, p.58-59),

[...] Para organizar a própria estratégia textual, um autor deve referir-se a uma série de competências (expressão mais vasta que 'conhecimento dos códigos') que conferem conteúdo às expressões que utiliza. Deve assumir que o conjunto de competências a que se refere é o mesmo do seu leitor. Por conseguinte, deverá prever um

Leitor-Modelo capaz de cooperar na atualização textual como ele, o autor, pensava, e de se mover interpretativamente tal como ele se moveu generativamente. [...] prever o próprio Leitor-Modelo não significa apenas 'esperar' que exista, significa também conduzir o texto de forma a construí-lo. Um texto não se limita a apoiar-se sobre uma competência, contribui para a produzir.

Nem sempre gerar um texto equivale a dizer que encontrará um leitor enciclopedicamente preparado para interpretá-lo. O certo é que as estratégias textuais, previamente elaboradas, preveem um leitor-modelo com uma competência que consegue por em funcionamento os mecanismos de cooperação e de fruição previstos no seu campo de produção textual. Quando Ozildo Albano utilizou textos sobre **Grandes Datas**, na coluna do jornal **Flâmula**, previa a existência de leitores que iriam fazer a leitura do seu texto.

É oportuno fazer algumas anotações sobre as figuras textuais do **autor-modelo** e do **leitor-modelo**, para uma melhor compreensão de suas particularidades e como se evidenciam tanto no momento da escrita quanto na leitura dos textos. Nas precisas lições de Eco (1993, p.65), “o Leitor-Modelo é um conjunto de condições de felicidade textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas a fim de que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial”.

Vê-se, portanto, que o leitor-modelo proposto por Eco (1993) é um tipo ideal, arquitetado por um autor, a fim de cumprir um conjunto de regras textuais previamente estabelecidas para que ocorra a atualização plena dos seus mecanismos de interpretação, estrategicamente previstos no texto. Já o autor-modelo de Eco (1994, p.21),

É uma voz que nos fala afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente), que nos quer ao seu lado. Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como o leitor-modelo.

Por outro lado, o autor-modelo é uma **configuração textual** que se materializa através de uma voz inscrita ao longo da narrativa e que tem por propósito servir como bússola para guiar o leitor nos movimentos cooperativos e conscientes exigidos pelo texto.

Sabendo da importância de um jornal, para através dele espalhar ideias renovadoras na cidade de Picos, os professores do Ginásio Estadual Picoense

foram os primeiros a impulsionarem o projeto coletivo de comprar uma tipografia, com o fito de criarem uma imprensa estudantil para fazerem chegar até à sociedade as luzes da racionalidade, que estava em plena ebulição no ginásio. Consoante às lições de Vieira (2007, p.16),

O jornal – entendido como lugar de produção, veiculação e circulação dos discursos – assume uma função importante no processo de formação das representações sobre o mundo. A produção da matéria jornalística, apoiada em processos conscientes e/ou inconscientes de seleção do que deve ser considerada notícia, tem a força de tornar coisas visíveis ou invisíveis, de criar efeitos de verdade e de objetividade sobre mitos e/ou de conferir plausibilidade a posições absurdas. Esse lugar de luzes e de sombras precisa ser interpretado, de tal maneira que seja possível ver o que foi elidido e ressignificar o que se pretendia óbvio e indiscutível. Essa forma de leitura é possível quando compreendemos os enunciados presentes no impresso como intervenções de um agente social interessado em orientar formas de pensar, de sentir e de agir.

Espaço de produção, veiculação e circulação de discursos variados, o jornal faz parte dos suportes modernos de construção de significados do contexto em que o leitor se encontra inserido.

Instrumento de poder, o jornal seleciona de forma arbitrária, as notícias que devem circular. Essa escolha, que está alicerçada em interesses diversos, faz com que se imponha a esse gênero textual um olhar mais acurado, para se atingir as intenções do agente social responsável pela matéria, uma vez que esse pode conduzir o olhar interpretativo do leitor, assim como moldar o seu sentir e agir.

Entende-se, assim, o jornal como espaço educativo possível também de contribuir na mudança das condições precárias de acesso à cultura e à educação. Por essa perspectiva é que se entende a força discursiva do jornal **Flâmula**. Em cada coluna deste jornal, nos editoriais, nas cartas do leitor, nos artigos opinativos, enfim, em cada seção a presença de um tempo que ficou registrado sob os olhares de testemunhos da história de Picos.

Sob a responsabilidade editorial, publicitária e revisional dos textos a serem publicados, Ozildo Albano conduziu a sua prática educativa direcionada ao contexto social picoense e tinha como propósito mudar a situação local, no aspecto educacional, através de procedimentos materializados nas estratégias discursivas dos artigos veiculados em **Flâmula** e que tinham como objetivo persuadir o seu público leitor.

Conforme Vieira (2007), o jornal como um “[...] lugar de luzes e de sombras precisa ser interpretado”. Dessa forma, em relação a **Flâmula**, o leitor-modelo desse periódico se identificaria com os textos que a ele eram direcionados, fazendo com que houvesse uma interpretação coerente e provocasse o sentido desejado pelo autor-modelo. Quando não fosse possível encontrar a interpretação adequada, o leitor mergulharia literalmente em uma nuvem fechada, sem nenhum sinal que lhe possibilitasse enxergar o que se encontrava na sua frente. Como bem pontua Eco (1994, p. 23) ao se referir aos leitores-modelos, nos seguintes termos:

[...] Eu falaria de leitores-modelos não só em relação a textos que estão abertos a múltiplos pontos de vista, mas também àqueles que prevêm um leitor muito obediente. Em outras palavras, há um leitor-modelo não só para *Finnegans Wake*, como ainda para os horários de trem, e de cada um deles o texto espera um tipo diferente de cooperação. Evidentemente, nos empolgam mais as instruções de Joyce para ‘um leitor ideal acometido de uma insônia ideal’; contudo, devemos prestar atenção também nas instruções constantes nos horários de trem.

Pela proposta de Eco (1994), percebe-se que há diferentes tipos de textos para diferentes tipos de leitores-modelos. O texto se abre para aqueles leitores que possuem um repertório capaz de jogar em conformidade com as regras estabelecidas por um autor-modelo. Para tanto, deve seguir o conjunto de **instruções textuais** que são colocadas ao longo do texto, para encontrar a interpretação que melhor convém.

Para cada texto, o leitor-modelo utiliza de suas habilidades para penetrar nas significações presentes no tecido textual e, ao fazer isto, está-se colaborando com o autor-modelo. Naturalmente, há textos que exigem de um leitor-modelo mais tempo de leitura para que possa tocar na sua essência como *Finnegans Wake*, de James Joyce e fazer viagens inimagináveis que qualquer outro leitor comum não se aventuraria.

Ao se referir aos leitores de horários de trem, Eco (1994) alude a um tipo de leitor muito obediente. Leitor também com as credenciais de modelo, mas com a diferença de que não carrega consigo o mesmo repertório cultural capaz de penetrar em textos literários, por exemplo, que exigem um tipo de cooperador com habilidades que transponham os graus de dificuldades presentes na sua malha narrativa.

4.5 O corpo editorial estudantil da **Flâmula** intelectualizada

Por não ter nenhuma vinculação político-partidária, o jornal **Flâmula** conseguia uma maior penetração na sociedade picoense e atingia os fins desejados, que era a transformação educacional por intermédio da imprensa estudantil, dirigido por homens idealistas.

Não se pode deixar de anotar que o corpo editorial, capitaneado por Ozildo Albano era composto por jovens interessados pela cultura, história, ciência, lazer. Os textos publicados em **Flâmula** possuíam um conteúdo variado e de uma clareza de ideias que chamava a atenção dos leitores da época. Nas precisas lições de Lima (2008, p.69-70),

[...] No jornalismo o que deve dominar é a inteligência. Jornalismo é a arte da inteligência, antes de ser da emoção. O jornalista, que for acima de tudo emotivo, precisa cultivar a sua inteligência e procurar que ela domine o sentimento, antes de se entregar à sua arte. [...] a clareza do raciocínio é, portanto, o domínio da razão sobre a paixão, é outra das exigências do estilo jornalístico. [...] O estilo jornalístico pressupõe conhecimento e não ignorância. Ninguém tem direito à ignorância. Muito menos quem tem por missão conhecer bem os fatos para poder deles extrair uma lição, sem deformá-los e antes deles fazendo o mais fiel dos retratos para informação do público.

O jornal **Flâmula** teve respaldo porque tinha pessoas compromissadas e inteligentes que produziram editoriais educativos. Todos que se envolveram neste empreendimento cultural sabiam o que queriam. Para tanto, faziam um jornal de excelência e o resultado não poderia ser outro. Ou seja, de tornar-se conhecido pela sua capacidade ímpar de formar e esclarecer o seu público leitor.

Através da sua ampla autonomia na linha editorial, capitaneado por Ozildo Albano, pode-se ter um jornal que aderiu à causa educacional e cultural. Na mesma direção proposta pelo corpo editorial, assim discorreu o colaborador de **Flâmula**, Alberto Nunes, em 15.03.1952, na edição nº 01, página 03, na sua coluna “Meu Cantinho”, intitulado **Novos Horizontes**, nos seguintes termos:

O Ginásio Estadual Picoense começa a dar frutos esplêndidos no campo da cultura e da inteligência: eleição de uma Rainha dos Estudantes, fato inédito em nosso meio e de alto cunho social e, agora, a vitoriosa campanha de obtenção de fundos para fundação deste jornal.

Não é possível fazer mais em tão curto período, dois anos, se não me engano. Uma plêiade de jovens se lança, apaixonadamente, às

lides jornalísticas, para que Picos não seja mais uma negação e uma mentira em matéria de civilização. Esses jovens venceram dificuldades de toda sorte e têm hoje concretizado o grande sonho, no mais belo exemplo de tenacidade e força de vontade. É que palpita uma alma nova imposta pelo Ginásio. Esboça-se uma transformação e recuperação dos valores espirituais de nossa gente. De Miguel Lidianio a Vidal de Freitas tivemos uma estagnação educacional e moral sobremodo sensível na estrutura da nossa sociedade. Agora, abrem-se novos horizontes e é bem prometedora a mentalidade que surge.

Flâmula aparece como resultado dessa metamorfose espiritual e se destina a formar barreira à resistência, desacostumado a ideias novas. Sim, Picos precisa formar com os demais municípios brasileiros em que o surto da imprensa é um fator decisivo de progresso. Basta de viver 'deitado eternamente em berço esplêndido', quando se sabe que este 'berço' tem sido apenas para meia dúzia de picoenses.

Embora essencialmente literário, este órgão é de interesses gerais, primando, todavia, por uma absoluta neutralidade político-partidária. Destina-se, portanto, a servir ao público, sem distinção de credo político, religioso, etc. Terá de esclarecer fatos importantes, como disse, de interesses gerais. Um filme impróprio para crianças será previamente indicado ao público na seção cinematográfica. Notas, avisos, editais, leis, anúncios comerciais são serviços que FLÂMULA oferece à coletividade.

E nestas condições, sem política e sem preferências pessoais, prontifico-me a colaborar sempre neste jornal, aqui neste cantinho.

O texto do colaborador Alberto Nunes dialoga em várias passagens com o discurso de inauguração da gráfica proferido por Ozildo Albano. Nele, aponta as dificuldades que tiveram os jovens estudantes do Ginásio Estadual Picoense em se lançarem na grande empreitada que foi a criação de uma imprensa estudantil em Picos, fato este também presente no discurso. Dentre outros aspectos de alinhamento com a proposta do corpo editorial, destaca-se o trecho em que aborda sobre a criação de um jornal e que o referido representaria a introdução de um elemento civilizatório numa sociedade.

Ao se referir ao Ginásio Estadual Picoense, trata-o como a instituição que conseguiu dar uma nova vida educacional a Picos, através das transformações ocasionadas no campo do conhecimento. A partir do envolvimento intelectual de homens de imprensa como o professor José Vidal de Freitas, que se engajou em fazer uma verdadeira revolução na cidade, intervindo de forma positiva. Para tanto, soube manejar os instrumentais que tinha a sua disposição e neles se incluíam o magistério e a força retórica que acumulou ao longo da sua vida profissional tanto nos caminhos da magistratura como no jornalismo.

Ratificando as propostas literária, social e progressista anunciadas por Ozildo Albano, o texto de Alberto Nunes traz um diferencial que marcou a trajetória deste jornal, a sua neutralidade político-partidária. E, com isto, criou-se um horizonte de produção próprio, onde se podiam redigir artigos sobre qualquer assunto do social, sem amarras que pudessem limitar o uso fluente das ideias.

Quando o jornal **Flâmula** circulou pela primeira vez em Picos, os leitores perceberam que estavam frente a um jornal diferente dos demais, devido à qualidade dos conteúdos redigidos, a diagramação e a distribuição das colunas nas suas páginas.

Flâmula exercia um papel educativo e moralizante, algo que ficou bastante evidente na leitura do texto acima, uma vez que ao ser exibido algum filme no cinema, o jornal se prontificava a esclarecer previamente a indicação para o seu público, numa seção cinematográfica especializada.

As práticas educativas dirigidas por Ozildo Albano não se restringiram apenas às publicações assinadas na sua coluna sobre fatos relevantes da história da humanidade, mas estendiam-se a toda organização e funcionamento deste emissário picoense. Como bem acentua Lima (2008, p. 61),

O grande jornalista informa e forma. Cria e orienta a opinião pública. E nisso representa um papel na coletividade, e faz do jornalismo, mais ainda que em suas raízes, uma arte social por excelência. O jornalista está sempre em contato com o outro, como o conversador, o orador ou o missivista. O espírito de comunicação, portanto, é que deve orientar sempre a arte do jornalismo. [...] no jornalismo o acento agudo recai no receptor. O jornalismo é agudo; a conversação é grave... Mas tudo isso são meros entretons. O que importa é acentuar o caráter social do jornalismo. E a sua responsabilidade na formação e esclarecimento da opinião pública, coluna mestra dos regimes de liberdade política.

Quando se olha para o jornalista como um profissional educador, vê-se em suas práticas educativas espaço de formação e de informação capazes de contribuírem no reengenho social. Ao proporcionar a formação de uma opinião pública sobre temas diversos, o jornalista assume um papel social de relevante importância. Assim se posicionou Ozildo Albano frente às suas atividades junto ao jornal **Flâmula**, buscou formar e informar para promover a construção de uma sociedade mais madura para o enfrentamento de questões diversas do seu cotidiano.

Levou ao público leitor uma variedade de informações narradas por professores, alunos, profissionais liberais, poetas, dentre outros. Tinha Ozildo Albano um espírito de renovação e encontrou em **Flâmula** um veículo de circulação de ideias que pudesse imprimir um novo ritmo na vida cultural picoense e, conseqüentemente, dar outras formas de pensar, sentir e agir. Segundo a ex-aluna do ginásio picoense e uma das colaboradoras de **Flâmula**, Borges (2016, p.460):

Aqui em Picos, o primeiro jornal era da família Leitão, o jornal político [...], O Aviso, era o nome do Jornal. Depois, teve um jornaleco que o próprio Alberto Nunes junto com Valdemar Santos, uma turma, fez a Ordem. A Ordem também era um jornal político. Pra lhe dizer, o impacto maior que causou com a criação do jornal Flâmula é que era uma criação dos filhos da terra e que não era político, mas informativo, combativo, esclarecedor, escrito pelos seus filhos, sobrinhos, afilhados. Quem tinha um sobrinho no Ginásio Picoense dizia orgulhosamente que o mesmo estudava no Ginásio de Picos, isso era importantíssimo. Então, esse Jornal A Flâmula a gente fez em março de 1952, o Ginásio só tinha dois anos quando nós lançamos o jornal. A Flâmula era bem aceito, o pessoal comprava, a gente ia entregar nas portas, naquele tempo. Todo mundo lia e todo mundo queria. De tal modo que todo mundo lia e queria dar uma opinião, ajudar em alguma coisa, justamente porque o Ginásio Picoense era bem acolhido.

A narrativa de uma das colaboradoras de **Flâmula**, Borges (2016), permitiu fazer algumas considerações sobre o impacto deste periódico quando começou a circular em Picos. Havia uma diferença em relação aos demais jornais que existiam na cidade como o jornal “O aviso”, o jornal “A ordem” e outros, devido ao fato de serem jornais políticos e vinculados a familiares que detinham o poder econômico.

Devido ser um jornal informativo, combativo e esclarecedor, o periódico picoense **Flâmula** mantinha um diálogo crítico com o seu público leitor e estabelecia uma tomada de consciência de seu lugar no contexto em que se encontrava inserido e isso se evidenciava a partir do momento em que havia uma opinião pública que se identificou com a proposta de trabalho que estava sendo desenvolvida neste jornal.

A proposta editorial de **Flâmula** substituiu, pois, a abordagem política própria dos jornais anteriores pela abordagem educativa e cultural. Educar pelas páginas do jornal tornou o periódico estudantil espaço de saberes e fez de seu diretor e de sua equipe mediadores culturais e educadores, formando e esclarecendo um público leitor específico.

Resta informar que no acervo do Museu Ozildo Albano foram encontradas 14 edições do jornal **Flâmula**, encadernadas em capa dura, datadas entre 1952 e

1953, porém, no mesmo Museu, foi encontrado um exemplar avulso datado de 1954. O quadro abaixo mostra a lista datada das edições encontradas.

Quadro 08 - Lista de edições do Jornal Flâmula

ANO	NÚMERO	EDIÇÃO
I	1	15-03-1952
I	2	29-03-1952
I	3	12-04-1952
I	4	26-04-1952
I	5	10-05-1952
I	6	24-05-1952
I	7	07-06-1952
I	8	19-07-1952
I	9	03-08-1952
I	10	31-08-1952
I	11	21-09-1952
I	12	19-10-1952
II	14	18-01-1953
III	47	31-10-1954

Fonte: Museu Ozildo Albano

Em carta aos leitores do Jornal de Picos, em sua inauguração, em junho de 1982, Ozildo Albano informou que o jornal **Flâmula** circulou apenas por dois anos em Picos, conforme se confere abaixo:

Leitores:

Eis o 'Jornal de Picos'.

É a primeira edição que, por certo, representa necessariamente, a prova da força de vontade com que nos revestimos na execução desse certame.

Picos, nome conhecido nacionalmente, mercê de um progresso e da posição de destaque que ocupa no cenário piauiense e como ponto privilegiado de integração entre Norte, Sul, Leste e Oeste do Brasil, fazia ressentir-se de um veículo que revelasse, efetivamente o seu nome a todo o território nacional: um jornal!

Só se conhece, realmente, o valor de um povo, através de sua cultura, e toda forma de cultura manifesta-se, de forma mais nítida através da imprensa.

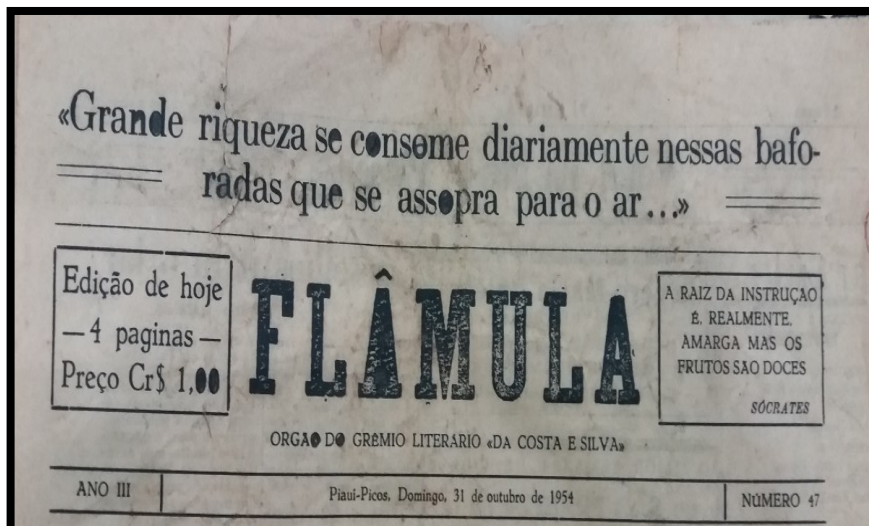
Picos, quando menos desenvolvida, possuía jornais de grande envergadura como 'O Aviso', semanário orientado pelo Cel. Leitão, que circulou normalmente de 1913 a 1933. 'A Flâmula', órgão estudantil que circulou por dois anos, coletado em oficinas próprias. E outros, como 'A Ordem' e a 'Voz Operária' que embora tivesse vida efêmera, circularam com boa aceitação na época.

Depois, Picos cresceu, desenvolveu-se, ganhou força de cidade desenvolvida, entre as '500 mais' do Brasil (única do Piauí; nenhuma do Maranhão) voltando-se unicamente para o desenvolvimento comercial, agrícola e comercial, com várias casas bancárias, sua periferia invadindo a zona rural, os primeiros prédios elevando-se também Picos, esqueceu de um órgão que lhe registrasse todo o progresso: Um jornal. E um jornal está surgindo: O Jornal de Picos.

Através da carta escrita de próprio punho, Ozildo Albano retomou, em poucas linhas, a história da imprensa em Picos e enfatizou que **Flâmula** circulou por dois anos, porém foram localizados apenas 13 exemplares que circularam entre os anos de 1952 e 1953.

No arquivo encadernado não se encontra o exemplar número 13, mas foi encontrado o exemplar número 47, datado de 31 de outubro de 1954, de forma avulsa, o que se infere que a Gráfica Estudantil continuou editando o periódico, porém não se conseguiu obter tais exemplares.

Ilustração 49 – Imagem: Capa do Jornal Flâmula – Ano III – Nº 47 - 1954



Fonte: Museu Ozildo Albano

Como se vê, a ilustração 49 traz o jornal **Flâmula**, com o mesmo designe das edições informadas por Ozildo Albano.

4.6 Campanhas publicitárias para manutenção de Flâmula: Da escolha das rainhas estudantis à peça O Avaro

A aceitação deste veículo de comunicação favoreceu a venda dos exemplares, no varejo e através das assinaturas, dos concursos realizados para escolha da rainha dos estudantes, das apresentações teatrais e dos anúncios publicados nas suas páginas.

A primeira campanha organizada pelo Grêmio Literário Da Costa e Silva para adquirir recursos para compra de uma tipografia deu-se no período em que Ozildo Albano foi presidente deste órgão, conforme editorial de **Flâmula** do dia 15.03.1952, com o título “Rainha dos estudantes”:

No segundo semestre do ano letivo findo, resolveram os corpos docente e discente do Ginásio, integrado o segundo pelo Grêmio Literário da Costa e Silva, levar a efeito uma campanha para levantar recursos financeiros capazes de facultar ao grêmio a aquisição de uma pequena tipografia, que ensejasse a publicação do tão sonhado jornal dos estudantes.

Para tal fim foi decidido promover-se a eleição da Rainha dos Estudantes, tendo sido apresentadas candidatas, [...] a senhorita Idelzuite Leal, e [...] a senhorita Maria do Carmo Cardoso, ambas igualmente merecedoras da distinta investidura.

Como representante da congregação, foi encarregado de superintender o certame o professor Dr. Acilino Leite, lente de francês, organizadas duas comissões de ginasianos, compostas indistintamente de alunos das duas séries. E não se sabe o que mais merece louvado, se o entusiasmo e a cordialidade com que se lançaram à empresa os jovens estudantes, ou a boa vontade e imparcialidade com que as orientou seu dedicado mentor. E assim foi o êxito do gentilíssimo prélio superou as expectativas mais otimistas, apesar de já tão conhecida a liberalidade com que o povo de Picos coopera monetariamente para todas as causas de elevada finalidade.

Basta acentuar que excedeu a cincoenta mil cruzeiros a importância arrecadada com a disposição de votos, o que possibilitou tornar-se esplêndida realidade o sonho cultural da mocidade estudiosa do ginásio.

Vitoriosa o pleito a formosa senhorita Idelzuite Leal, constituiu verdadeiro acontecimento artístico e social a festa da coroação da Rainha dos Estudantes, extraordinariamente concorrida e a que compareceu e em que tomou parte o que nossa cidade tem de mais seleto, realizando-se a solenidade no palco do salão nobre do Instituto Monsenhor Hipólito, cedido gentilmente pelas virtuosas irmãs que o dirigem.

Os picoenses guardarão por muito tempo a grata recordação do que foi esse momento de beleza e de generosidade e a elegante festa em que ele culminou.

O certame para a escolha da primeira **rainha dos estudantes** do Ginásio Estadual Picoense foi uma novidade para a época. A verdade é que ocorreu uma mobilização tanto por parte do corpo docente quanto pelos estudantes. Na ocasião, o professor de francês, Acilino Leite, ficou responsável em presidir o concurso.

Organizaram-se duas comissões compostas de estudantes do ginásio. De um lado, uma comissão encabeçada por Ozildo Albano, que ficou na incumbência de trabalhar em prol da candidata da 1ª série do ginásio, a estudante **Maria do Carmo Cardoso** e, por outro lado, uma outra comissão de ginasianos liderada pelo estudante José Rafael Filho e outros, para também trabalharem para a candidata da 2ª série ginasial, a estudante **Maria Idelzuite Leal**.

Ilustração 50 – Fotografia: Maria Idelzuite Leal (1952)



Fonte: Arquivo particular de Maria Idelzuite Leal

Ressalta-se que o evento organizado pelos estudantes do ginásio foi um marco na história desta instituição, uma vez que a finalidade era angariar recursos para a aquisição de uma tipografia. Com o êxito do concurso para a escolha da

primeira rainha dos estudantes, obtiveram recursos monetários que excederam a cinquenta mil cruzeiros e tornou-se possível a concretização do sonho cultural por parte dos jovens estudantes.

Na disputa pela escolha da rainha dos estudantes ginásianos, a candidata coroada com a vitória foi a estudante da 2ª série, a senhorita Maria Idelzuite Leal, que obteve uma votação expressiva. Nesse evento artístico e social, não somente os estudantes do ginásio saíram vitoriosos, mas também, a sociedade de Picos, haja vista que a campanha empreendida pelo Grêmio estudantil objetivava a aquisição da tipografia que iria trazer o progresso para a cidade. Como bem lembra o ex-redator de **Flâmula**, Rafael Filho (2016, p.410),

O Diretor do Ginásio Picoense, o doutor Vidal de Freitas, sugeriu que dividíssemos a turma em duas para fazermos a campanha de compra da máquina tipográfica. A primeira turma, a mais adiantada que era a do Ozildo Albano e a minha, que era a segunda. E aí, numa eleição lá, elegeram-me presidente da minha turma e o Ozildo Albano foi da outra turma, parece-me que foi ele. Aí, foi trabalhar com ele, o Albertino Barros. Aí, eles escolheram como candidata a Maria do Carmo Cardoso, da turma, uma excelente criatura. [...] E aí, um colega meu, o Odonel Gonçalves, ele se chamava Jesus Gonçalves, na hora lá da escolha da minha miss, ele estava perto de mim e disse: - Escolhe a Idelzuite de João Leal, que é onde Albertino mora, ele é primo dela. [...] Aí, foi a primeira traição que fizemos lá. E Albertino Barros teve que aderir mesmo e veio pra nossa turma. Ele não iria ficar dentro de casa com a prima candidata e ele contra. E isso aí valeu a nossa vitória. O pai dela colaborou com uma quantia um tanto elevada. [...] Muita gente colaborou também. Nós ganhamos com bastante folga a campanha. Aí, deu para comprar a máquina tipográfica, alugar uma casa e contratar um tipógrafo lá de Oeiras. Veio um senhor lá de Oeiras fazer o jornal. Eu não me lembro do nome dele, [...] Eu sei que saiu muito bem o jornal "A Flâmula". O jornal era muito acatado, os comerciantes anunciavam e tinham o prazer em patrocinar, era bom. [...] Ozildo Albano tinha ido comprar a máquina lá em Recife. Eu acho até que esse técnico também foi ideia dele de trazer de Oeiras/PI. Ozildo Albano assumia as coisas. A gráfica funcionava em frente ao Doutor Fonseca. [...] Tinha a esquina que era do Picos Hotel, o prédio seguinte era de Dona Celé Marcílio, a mãe de Flávio, tinha mais outro prédio. Eu acho que era o 4º ou 5º prédio, em frente a Doutor Fonseca.

Aspecto considerável na fala do ex-redator de **Flâmula** foi o nível de organização na condução do concurso de escolha da rainha estudantil e o envolvimento que isso ocasionou por parte dos estudantes.

O então diretor do Ginásio, professor Vidal de Freitas, sugeriu a divisão dos alunos em dois grupos que iriam escolher as candidatas e trabalharem por elas, na

campanha, coleta de financiamento e divulgação do evento. Esse envolvimento dos alunos oportunizou o recolhimento do valor necessário para a compra da máquina tipográfica.

Cumpre destacar ainda que devido ao fato de Ozildo Albano ter amizades na cidade de Oeiras, trouxe de lá um tipógrafo para ajudar na impressão de **Flâmula**. Pois, mesmo sabendo operacionalizar as máquinas para imprimir os exemplares, tinha outras funções dentro do jornal, gerenciava-o, tinha que promover eventos para canalizar recursos financeiros para o bom funcionamento deste periódico, tinha que dialogar com os anunciantes do jornal.

Para se firmar como um jornal comprometido com os seus ideais educativos e voltado para a construção de uma opinião pública, no segundo semestre do ano de 1953, o Grêmio Literário Da Costa e Silva organizou uma campanha para a escolha de uma **nova rainha dos estudantes** ginasianos. Através de sua diretoria, tendo à frente o presidente José Albano de Macedo, o Ozildo Albano, fizeram um evento que contou mais uma vez com o apoio da sociedade.

O jornal **Flâmula**, nº 10, que circulou em Picos no dia 31 de agosto de 1952, trazia estampado, na sua primeira página, a seguinte manchete: “Iniciada a segunda campanha para a eleição da Nova Rainha dos Estudantes Picoenses: São candidatas as gentis Ginasianas **Vangí Sá**, pela terceira série – e **Ofélia Neiva Eulálio** pela primeira e segunda séries”.

Esta manchete, na página inicial do jornal, diagramada em letras de caixa alta era um convite à participação na grande festa de escolha da rainha dos estudantes e ajudar a manter o jornal em circulação através de cooperação monetária.

Ilustração 51 –Imagem: Matéria de capa do Jornal Flâmula (21.09.1952)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na coluna que ilustra o editorial do jornal intitulada “A rainha dos estudantes”, lê-se os seguintes termos:

Os estudantes do Ginásio Estadual Picoense promoverão durante o mês de setembro a campanha para a escolha da sua nova rainha. São candidatas as gentis ginasianas VANGÍ SÁ pela 3ª série e OFÉLIA EULÁLIO pelas 1ª e 2ª séries.

A decisão dos ginasianos foi bem acertada, pois ambas as candidatas, são dignas de cingir a fronte com a coroa real, uma vez que são possuidoras de predicados recomendáveis e necessários para tal fim.

Os estudantes picoenses contam com o apoio do nobre povo desta terra, nesse certame, para que seja coberto de êxito esse empreendimento da mocidade que tem por lema elevar o nome de Picos ao nível das cidades progressistas e cultas.

Mais uma vez, para ficar assegurada a publicação regular do jornal **Flâmula**, houve a necessidade de realizar um novo concurso para selecionar uma rainha dos estudantes para o ano de 1953.

Percebe-se que o evento passou a fazer parte da agenda cultural da escola e da própria cidade; e isso mostra também o quanto este periódico foi importante para sociedade de então.

A estratégia usada para que a sociedade picoense se envolvesse no concurso de beleza foi convidar todos a participarem do evento, pois objetivava colocar Picos no mesmo patamar das cidades desenvolvidas e cultas.

Em 21 de setembro de 1952, o corpo editorial retoma a campanha para escolha da rainha dos estudantes, reforçando o convite para que a sociedade comparecesse ao evento. Mais uma vez, o jornal trazia na sua primeira página uma manchete sobre o evento a ser realizado no salão nobre do Instituto Monsenhor Hipólito. O editorial sobre o evento foi intitulado **Eleição da rainha**, nos seguintes termos:

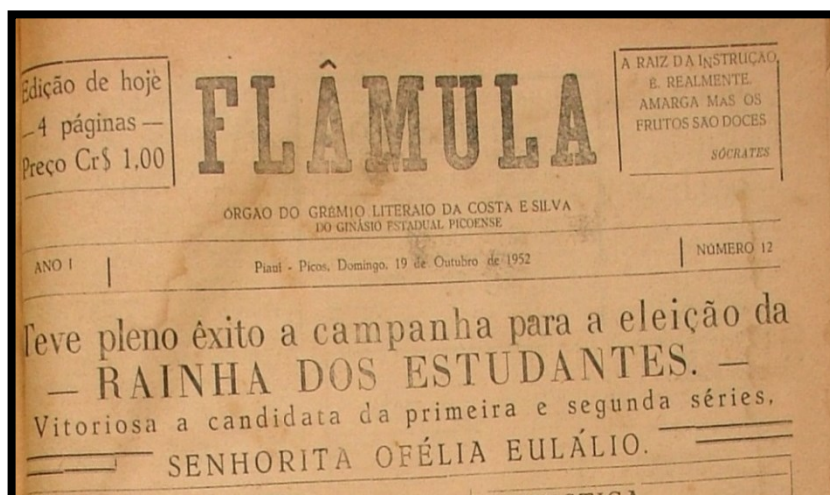
Apesar de tão acentuada a crise que vimos atravessando, estão sendo os mais animadores os resultados obtidos pelos ginasianos, em sua campanha para a escolha da Rainha dos Estudantes de Picos.

Como aconteceu no ano passado, foi neste muito acertada a seleção das candidatas ao título tão expressivo de paraninfa da mocidade estudiosa e representante máxima da graça e da gentileza das ginasianas de Picos e quiçá da mulher Picoense. De fato, ninguém poderia irradiar mais simpatia do que as jovens Vangi Sá e Ofélia Eulálio, de maneira que é de notar a boa vontade e o entusiasmo com que se lançam ao trabalho pela vitória da candidata de suas preferências todos os que se incumbiram da elegantetarefa, sob a égide dos professores Drs.

José dos Santos Fonseca e Acilino Leite de Oliveira, os quais, cavalheiros do mais fino trato, se desincumbem com eficiência e galhardia de tarefas como essa a que nos referimos.

Finalizada a campanha, em 19 de outubro de 1952, o jornal **Flâmula** de nº 12, estampou novamente uma manchete dizendo que “Teve pleno êxito a campanha para a eleição da – Rainha dos Estudantes – vitoriosa a candidata da primeira e segunda série, senhora Ofélia Eulálio”, conforme consta na ilustração 52.

Ilustração 52 – Imagem: Matéria de capa do Jornal Flâmula (19/10/1952)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Desta feita, o editorial intitulado “Rainha dos Estudantes para 1953”, analisou o concurso:

Excedeu as expectativas mais otimistas o êxito da campanha para eleição da Rainha dos Estudantes ginásianos para o próximo ano. Pois, desenrolada apenas durante o mês de setembro, conforme ficara assentado desde o princípio por motivos justos, atingiu a mais de trinta mil cruzeiros a importância arrecadada, cujo destino será melhorar as instalações da gráfica ginásial, a fim de ficar assegurada definitivamente a publicação regular deste jornal.

Diante da crise econômica e financeira que atravessamos e tendo em vista que outras campanhas para angariação de fundos monetários, para fins do maior alcance vêm sendo realizadas em nosso meio, o resultado do certame promovido pelos ginásianos de Picos demonstram mais uma vez a liberalidade e alta compreensão por parte do povo picoense. Foi eleita Rainha a ginásiana senhorita Maria Ofélia Neiva Eulálio, filha do grande amigo do ginásio Sr. Celso Eulálio e candidata da primeira e da segunda séries de nossa escola secundária. Mas também foi muito votada, ainda mais, considerando-se que era apoiada por uma só série e não completa, por ter sido necessário que cooperassem com as séries menos treinadas elementos valiosos da mais adiantada, a estimada senhorita Vangí

Sá, candidata da terceira série e tão digna da investidura quanto sua gentil colega vencedora. De sorte que está de parabéns a jovem Rainha dos Estudantes, pela vitória conquistada, bem como sua digníssima competidora, num certame elevado e fidalgo, em que não pode haver orgulho em vencer nem desdouro em ser vencido, pela significativa votação que obteve, numa demonstração de quão grande é o número de seus admiradores e admiradoras.

O resultado positivo da campanha para a eleição da nova rainha dos estudantes pode ser visto por vários ângulos. Dentre eles, pela quantia arrecadada com o evento, que atingiu mais de trinta mil cruzeiros e isso significou muito para o jornal, principalmente porque era uma das principais fontes de recursos que mantinham os propósitos educativos da mocidade estudiosa de então.

A vencedora do certame, a senhorita Ofélia Neiva Eulálio, era filha do prefeito de Picos, o Sr. Celso Eulálio e o responsável pela implantação do Ginásio Estadual Picoense. Acontecimento que só se consolidou devido ao seu enfrentamento, haja vista que o governador do Estado do Piauí, o Sr. José da Rocha Furtado levou a cabo apenas a autorização do seu funcionamento, ficando o Sr. Celso Eulálio com o ônus de manter o ginásio através de recursos oriundos da Prefeitura Municipal de Picos.

No dia 18 de janeiro de 1953, o editorial do jornal **Flâmula** trouxe, na sua coluna intitulada “Coroada a rainha dos estudantes picoenses”, uma matéria em que discorreu sobre a solenidade de coroação realizada no salão nobre do Instituto Monsenhor Hipólito.

Na ocasião, a sessão solene foi presidida pelo presidente de honra do Grêmio Literário Da Costa e Silva, o professor José Vidal de Freitas. Registrou ainda o emissário picoense que o evento contou com a participação da elite local e dos sócios desta agremiação. Mas, o ponto culminante ocorreu quando a primeira rainha dos estudantes, a senhorita Idelzuite Leal coroou sua sucessora, repassando o cetro e o respectivo diploma de rainha para a senhorita Ofélia Neiva Eulálio.

Os discursos ficaram a cargo do professor e diretor do Ginásio Estadual Picoense, José Vidal de Freitas, do professor Acelino Leite, do estudante Sebastião Batista de Carvalho e do senhor Heráclito Rocha Santos. Por derradeiro, a rainha dos estudantes do Ginásio Picoense fez uso da palavra e agradeceu a todos que se propuseram a ajudar na campanha, fazendo votos de união para que sempre haja continuidade na defesa dos interesses da mocidade estudiosa de Picos.

Na ilustração 52, a vencedora do concurso, Ofélia Neiva Eulálio, usando a coroa de Rainha dos estudantes e a faixa, como resultado de uma prática cultural própria do período sob análise.

Ilustração 53 – Fotografia: Ofélia Neiva Eulálio (1953)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ajuda financeira, oriunda desta festa, deu uma sobrevida a **Flâmula**, uma vez que assegurou o pagamento das despesas com a gráfica ginásial e as publicações dos futuros exemplares que iriam continuar exercendo o seu papel educativo na sociedade picoense com matérias jornalísticas de Jean-Paul Sartre e Augusto Comte, assim como os apontamentos biográficos de escritores da literatura brasileira, que os leitores deste periódico leram, como de Machado de Assis, Rui Barbosa, José de Alencar, Olavo Bilac e outros, além dos textos críticos em que mencionaram os juristas de nome como o picoense Coelho Rodrigues e o cearense Clóvis Beviláqua.

Em um editorial publicado na coluna **Somos suspeitos**, do jornal **Flâmula**, do dia 24.05.1952, edição nº 06, ano I, constatou-se um auxílio financeiro concedido pela Câmara Municipal de Picos e do chefe do Poder Executivo para ser aplicado no aparelhamento das oficinas do periódico estudantil, nos seguintes termos:

Somo-lo para tecer louvores ao ato recente da Prefeitura Municipal de Picos, concedendo, pela lei nº 126, de 07 do corrente, o auxílio de Cr\$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros) a este jornal, para ser aplicado no melhor aparelhamento de nossas oficinas, cuja incipiência e inópia é não só conhecida, mas de prever. E o somos por sermos os beneficiários da medida, se bem que indiretos e desinteressados. Indiretos, por que tudo que contribua para que se tornem aptas e mais prósperas nossas instalações, vai servir melhor às futuras turmas do Ginásio, pois os fundadores estão-se aproximando do tempo em que a vida de ginásianos nos será apenas uma grande saudade. Desinteressados, porque a Gráfica Ginásial não visa a proporcionar lucros a ninguém, antes talvez quem menos proveito material dela aufera seja precisamente quem mais se esforce, mais produza e mais a ame.

Não nos é possível, entretanto, deixar passar despercebido o gesto nobilitante da maioria da Câmara Municipal e do chefe do poder executivo, fazendo, de iniciativa própria, que se tornasse realidade essa providência legal, mais um sinal de verdadeira compreensão do que significam os reais interesses da mocidade estudiosa picoense que, de certo, um dia saberá fazer justiça aos que a servem sacrificialmente, pelo bem de Picos, do Piauí e do Brasil.

A ajuda financeira para o jornal **Flâmula**, oriunda da Câmara Municipal de Picos e do chefe do executivo, foi por iniciativa própria. O corpo editorial não se propôs a pedir fundos de fontes públicas, ao contrário, permaneceu fiel à filosofia implantada no jornal. Isso é tão provável que o jornal continuou com a sua autonomia política, expressando e formando a sua opinião nos artigos produzidos.

Para colocar **Flâmula** em circulação, os estudantes procuraram meios para canalizar recursos a fim de não deixarem esta chama do saber se apagar. Em virtude disso, no dia 04 de maio de 1952, no salão nobre do Instituto Monsenhor Hipólito, realizou-se uma peça teatral apresentada pelos estudantes do Ginásio Estadual Picoense.

Na ocasião, o evento contou com a dramatização da peça **O Avarento**, uma comédia do dramaturgo francês Molière. A reportagem foi feita pela ex-aluna e redatora do jornal, Marlene Eulálio, intitulada “Teatro do Estudante”, nos seguintes termos:

Domingo passado, realizou-se no salão nobre do Instituto Monsenhor Hipólito uma sensacional drama apresentado pelos alunos do Ginásio Estadual Picoense. Contou de uma comédia comovedora e muito proveitosa, principalmente aos estudantes, e de um importante ato vareado, cujas personagens, bem como da comédia, desempenharam muito bem os papéis que lhes foram confiados .

Como é do conhecimento de todos grande é a colaboração do povo picoense, nas causas sociais, e a prova é que o êxito da festa, em todos os sentidos, excedeu as expectativas mais otimistas.

A diretoria do Grêmio aplicará a quantia adquirida, com o nosso festival artístico, em qualquer necessidade mais urgente da mocidade ginasial, e agradece a todos especialmente as boas religiosas do Instituto Monsenhor Hipólito por todos os seus valerosos préstimos já bem conhecidos, pois mais que provado é que elas estão sempre prontas para cooperar com o progresso de nossa querida terra.

Foram os seguintes os estudantes que tomaram parte no programa, executado com tanto esmero e tanta boa vontade. José Albano de Macedo, Alfredo Leopoldo Albano, José Rafael Filho, José Bezerra Rodrigues, Luís de Alencar Bezerra, Mário Marreiros de Araújo, Maria do Socorro Dantas, Expedita Alves Costa, Maria Aldery Albano, Maria Luisa Macedo.

O povo não regatava aplausos à atuação desses moços vontadosos e progressista de nosso ginásio.

Um ponto de destaque desta peça teatral foi à participação de Ozildo Albano como dirigente que ficou responsável em separar as partes do texto e entregar para cada um dos que iriam participar da apresentação no salão nobre do Instituto Monsenhor Hipólito, espaço que foi conseguido devido ao acesso que ele tinha, junto às freiras desta instituição de ensino.

A organização do evento ficou sob a responsabilidade de Ozildo Albano, inclusive todos os ensaios da peça foram conduzidos por ele, uma vez que além do conhecimento que tinha sobre teatro, adquirido através das suas leituras sobre a literatura francesa e do período que esteve no seminário Sagrado Coração de Jesus, em Teresina, gozava de respaldo entre os estudantes do ginásio.

A encenação da peça **O Avarento**, de Molière ressaltava o aprofundamento cultural que Ozildo Albano possuía naquele contexto. Ler Jean-Baptiste Poquelin (1622-1673), nome civil de Molière, demonstrava apuro e profundo conhecimento das letras francesas. Levar a peça para encenação pública implicava em oportunizar não apenas aos estudantes, mas também aos picoenses, acesso a texto de elaboração requintada.

Quando se olha para o cenário educacional local, pode-se entender melhor o que aquela iniciativa significou. Segundo o Recenseamento Geral de 1950, Picos possuía uma população total de 54.713 habitantes, em um Estado com 1.045.696 habitantes. Entre 05 anos e mais se tinha 44.233 habitantes, desses, 9.559 sabiam ler e escrever e 34.660 não sabiam ler e escrever.

Outro dado importante, no Censo de 1950, é a informação populacional daqueles que possuíam curso completo em algum grau de ensino, como se vê no quadro abaixo.

Quadro 09 - Pessoas presentes de 10 anos e mais que possuíam curso completo e grau de ensino.

Local	Total	Grau elementar	Grau médio	Grau superior
Piauí	33.065	27.463	5.006	591
Picos	1.006	921	72	13

Fonte: IBGE - Recenseamento Geral de 1950

Comparando o quadro 09 com os anteriores, vê-se que houve uma expressiva mudança dos números, um salto qualitativo na educação formal, mais ainda longe de ser algo satisfatório, considerando estar-se diante de uma população presente de 54.713 habitantes e apenas 1.006 habitantes terem algum curso completo.

O festival artístico funcionou, assim, como espaço de aprendizagem que envolveu gratuitamente os alunos em prol da causa da Gráfica Ginásial e de divulgação de cultura.

Ozildo Albano admirava a cultura francesa. Isto ficou patente no seu discurso lido na inauguração da gráfica, onde fez referência ao dramaturgo francês Pierre Corneille. Destacou-se pela sua habilidade com que dirigia e produzia as peças teatrais em Picos, falava o idioma francês e sabia da importância da cultura e dos fatos históricos, especificamente os ligados à Revolução Francesa, ponto alto que culminou com os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Como bem mencionou a ex-aluna e integrante do Trio Acadêmico que fazia parceria com Ozildo Albano, a senhora Borges (2016, p.461):

Depois do Ginásio Picoense, a Flâmula foi um dos nossos principais elementos civilizatórios introduzidos na sociedade picoense. Pra você vê, eu sou uma pessoa que não sei resumi tanto. [...] nós apresentamos uma peça teatral do francês Molière, 'O Avarento'. Uma peça importantíssima, bonita, francesa e polêmica, que nós adaptamos um pouco. [...] Ozildo Albano era o diretor e o produtor. Ele escrevia a parte de cada um e a gente ensaiava na casa de Doutor Severo, para ele fazer a crítica, pra vê se realmente aquilo estava bom. E, nós todos, tínhamos conhecimentos da Revolução Francesa. E aquilo pra mim e Ozildo foi mão na roda. Nós vivíamos lendo as coisas da França e sabíamos até, assim, os chistes, os ditados, a maneira de falar.

Segundo Borges (2016), Ozildo Albano produzia e dirigia a peça, confirmando, assim, ser ele o conhecedor do texto a ser encenado, assim como da língua francesa. O capital cultural de Ozildo era uma realidade perceptível ainda na condição de estudante ginasial. A variedade de autores europeus por ele conhecida informava sob sua condição de intelectual em uma cidade com altos índices de analfabetismo.

O ambiente cultural em que estavam inseridos os jovens ginasianos teve, em **Flâmula**, o suporte cultural e educativo em que puderam desaguar os ideários educacionais adquiridos, através das leituras dos cânones da literatura brasileira e francesa e das lições dos filósofos clássicos que, de uma forma ou de outra, influenciaram o pensamento crítico que estava em verdadeira ebulição naquele momento.

E, ratificando esse pensamento, um dos paratextos que servia de farol para esse jornal era uma epígrafe do filósofo Sócrates apresentada ao lado da manchete do jornal, nos seguintes termos: “a raiz da instrução é realmente amarga, mas os frutos são doces”.

Dentre outros, merece destaque na fala da senhora Olívia da Silva Rufino Borges, a alusão feita aos conhecimentos sobre a Revolução Francesa. Conhecimentos adquiridos através das aulas dos professores, José Vidal de Freitas e Acilino Leite que levaram a cultura francesa para a jovem intelectualidade picoense.

O jornal **Flâmula** foi o espaço onde se inscreveram as diferentes vozes picoenses e trouxe consigo os discursos da modernidade que se propagaram pela ousadia e pela capacidade de enxergar longe de Ozildo Albano e de seus colegas ginasianos.

Registra-se que a Picos da metade do século XX estava dando os primeiros passos rumo a uma nova etapa do seu desenvolvimento. Nas lições históricas de Duarte (1995, p.59),

O início da década de 50 foi marcado pela introdução de alguns objetos que não só contribuíram para a melhoria do padrão de vida daqueles que podiam adquiri-los, como tiveram um forte impacto sobre certos hábitos que remontavam há vários séculos. Seguindo uma tendência que se propagava a partir das grandes cidades, Picos foi conhecendo certos símbolos de progresso e de conforto, como o fogão de ferro, a geladeira a querosene, a pia e a bacia

sanitária, chamada de sifon, os jipes das marcas Land Rover e Wyllis Overland, e até as bicicletas para adolescentes, das marcas Raleigh, Philips, Bristol, Merckswiss e Gulliver. Esses objetos eram, obviamente, restritos às famílias de maiores posses e eram motivo de curiosidade para aqueles que não tinham condições de adquiri-los. Por essa época foi instalada, na área correspondente ao atual nº 50 da travessa Urbano Eulálio, a indústria de mosaicos Santa Rita, o que contribuiu para a disseminação, a partir de então, desse tipo de piso nas construções da cidade.

Dessa forma, pode-se afirmar que a cidade de Picos deu um salto significativo rumo ao progresso a partir da década de 1950. O discurso da modernidade começava a fazer parte do cotidiano, os seus símbolos adentravam os lares de uma pequena parcela da população local.

Ozildo Albano viveu em meio a essas transformações que estavam sendo lentamente introduzidas na sociedade. Mas, sabia da importância de se preservar objetos que estavam sendo desprezados pela substituição de outros que traziam em si as marcas do progresso. Devido a isso, ele juntou objetos para outro desafio: a criação do **Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha**. Em entrevista feita com Moura (2016, p.467), amiga de Ozildo Albano e colaboradora nos projetos culturais, quando ele era Chefe do Departamento Municipal de Cultura, informou que:

O símbolo de progresso que chegou aqui em Picos, nesta época, foi através do Sargento Demerval. Ele modificou, trouxe e dinamizou a juventude. Então, ele colocou a Sorveteria Líder e passamos a conhecer o sorvete. O cine Líder, que era mudo, a princípio. Era um cine mudo, onde é hoje a farmácia de Dona Iná. A gente assistia Charles Chaplin, Zé Arigó. Aí, depois, veio o cinema falado. Já passou a sofisticar mais e, depois, o Cine Spark. [...] Havia um coreto na Praça Félix Pacheco, realizavam-se as retretas, havia uma banda de música que tocava quando tinha os festejos do novenário, durante o dia após a missa das 9:00 horas. Iam tocar na Praça Félix Pacheco e, também, no período cívico, que era o desfile de 7 de Setembro, estava lá a banda. [...] A gente passeando e deliciando com os sorvetes lá. Depois, veio a sorveteria Apolo 11, que foi na época que o homem foi a lua, por isso que colocaram o nome da sorveteria. Chegaram os veículos e muitas outras mudanças foram acontecendo. Depois dos anos 1970, foi uma efervescência cultural, social e política. Mudaram muito os costumes com a chegada do 3º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção). Mudou até a forma social de moda que as mulheres trouxeram. Existia uma discriminação dos pais que não queriam que as moças, suas filhas, tivessem contato com as mulheres que vinham do Projeto Rondon. Eles diziam que eram mulheres muito pra frente. Elas eram emancipadas, na realidade. Elas usavam roupas mais decotadas, mais curtas, pintura muito forte. Elas usavam batom. Elas tinham uma maneira de ser diferente. Inclusive, passaram a usar o short que a gente

não usava short. Mulher, na época, não usava short. Elas usavam o Jeans. Trouxeram muita moda, muita coisa para Picos. Muitas mudanças na maneira de se comportar e de ser. Mas, por outro lado, trouxeram uma visão que foi a importância do estudo. Assim, eles abriram muitos espaços para o jovem aprenderem através das palestras, de cursos preparatórios. Eu fiz vários cursos pelo Projeto Rondon, curso de culinária, de moda, de prendas domésticas.

Todos os símbolos de progresso foram sendo recepcionados pela população e causando mudanças no cenário urbano da cidade. Um simples sorvete mostrou o quanto Picos estava distante do progresso. O cinema foi outro elemento positivo que foi se juntando aos demais e modernizando a cidade. Esses incrementos que chegaram a Picos se localizaram em volta da **Praça Félix Pacheco**, vitrine e passarela para as crianças, jovens e idosos que circulavam por entre os seus canteiros.

Mas, a Praça Félix Pacheco possuía um espaço onde existia um coreto. Era justamente por lá que as ideias que circulavam no Ginásio Estadual Picoense ganhavam força entre os jovens. Ozildo Albano se reunia com os demais estudantes e colocavam em prática as ações que iriam ser desenvolvidas na cidade.

Além disso, o coreto servia também como lazer para a sociedade. Nele, organizavam-se as retretas e a banda de música da Prefeitura Municipal de Picos tocava. Aspectos singulares como esses, que moviam a gente simples de Picos, só ficaram registrados nas fotografias e na memória coletiva dos atores sociais que por lá estiveram. No mais, aquela praça de outrora, mais especificamente da década de 1950, foi totalmente descaracterizada em prol do inevitável progresso que foi chegando devagarinho e tirando o romantismo que existia naquela espacialidade.

A vida urbana se dinamizou aos poucos e o acesso a bens de consumo que circulavam em centros populacionais maiores tornou-se possível em Picos. A moda não poderia escapar a tudo isto, com a chegada das mulheres do Projeto Rondon e a forma como se vestiam e maquiavam foi logo sendo assimilada pelas mulheres picoenses. No mais, abriram-se as portas para uma nova visão em torno dos estudos e promoveram palestras, deram cursos preparatórios, cursos de culinárias, de moda, dentre outros.

O corpo docente do Ginásio Estadual Picoense era preparado e capacitado para modelar a inteligência dos jovens estudantes e dar-lhes os conhecimentos necessários para a vida. A propósito, registrou o professor Acilino Leite, em um texto

publicado no jornal **Flâmula**, em 15.03.1952, na 1ª edição, cujo título se chamava **O poder do estímulo**, discorreu sobre o papel dos educadores frente aos educandos, nos seguintes termos:

Já houve alguém que dissesse faltar aos moços de hoje, essa inquietação de espírito, esse alvoroço de ideias, enfim, os impulsos próprios da idade juvenil. De feito, sob aspecto geral, a mocidade de nossos dias é fonte estagnada. O ideal, essa chama criadora que sublima e eleva a personalidade humana, já não é apanágio daqueles cujo destino está traçado no dizer de Celso Pinheiro – “Ser moço é colaborar com Deus na obra da evolução”.

Mas, indaguemos a causa de tal descabro. Seria que já não existe na alma juvenil, essa emanção perene de puros sentimentos, - a vontade construtiva e a fé renovadora? Não, ao meu vê, tal como as cinzas mal apagadas que ao sopro da primeira brisa se reacendem, em chamas ardentes e vivificantes, o que, realmente, falta nos nossos moços, é o estímulo de uma boa orientação capaz de despertar energias e aptidões adormecidas.

Este seria o papel dos educadores os responsáveis pela formação moral e intelectual da mocidade. Sim, por que não basta que se imprima no espírito adolescente, os ensinamentos de natureza pura e rigidamente obrigatória. É preciso que haja um arejamento e que as ideias nascentes sejam dirigidas em todos os sentidos: letras, artes e tudo, enfim, capaz de desenvolver e aprimorar a mentalidade.

Que aos moços sejam apontados os rumos por onde trilham os luminares da Sabedoria e que se lhes faça acordar na alma a sensibilidade para o sonho e para a Grandeza. Feito isto, teremos transformado aquela fonte tênue de esperanças apagadas em caudal imensa de realidades palpitantes.

Vem ao encontro do que foi dito, o exemplo da campanha que tive a honra de dirigir em favor da fundação do presente Órgão Literário. Logicamente, não poderíamos admitir que os estudantes do Ginásio Estadual Picoense, que hoje iniciam seu curso, sonhassem, espontaneamente, com a criação de uma imprensa. Não, como soe acontecer, viviam eles entregues aos labores escolares e quando não, usufruindo os prazeres da vida, alheios a vertigem do tempo. Seguiam esses moços a marcha rotineira dos que passam pela idade dos sonhos despercebidos dos encantos da alma. Era preciso, portanto, que se levantasse a voz da experiência para sacudir essa mocidade e mostrar-lhe o sol nascente do ideal.

Foi então que, por iniciativa do Dr. Vidal de Freitas, educador eminentíssimo, se viu abrir, em meio aquele matagal de descrença, a primeira clareira de realizações construtivas. Surgiu o Grêmio Literário Da Costa e Silva e com este, a ideia da fundação da imprensa estudantil. E foi o suficiente para que os estudantes picoenses, tomados do mais vivo entusiasmo e ardor combativo, se entregassem a luta e, de momento para o outro, vencessem todos os obstáculos que se antepunham à criação do seu jornal “Flâmula”, que hoje se inaugura e cujo valor só a posteridade o definirá.

E, para mim, que tenho a suprema ventura de colaborar nesse levantamento moral e intelectual de nossa mocidade, é

demasiadamente confortador participar da exaltação de júbilo com que o povo picoense recebe a “Flâmula”, este maravilhoso pedestal onde, espero se assentarão nossas glórias futuras.

“O poder do estímulo” traduz, em síntese, o esforço daqueles jovens estudantes em terem acesso a conhecimentos e em realizarem práticas educativas que fossem capazes de mudarem a realidade de então em que Picos vivia.

Direciona o discurso para o questionamento em torno da juventude de então e conclui que os jovens possuíam vontade construtiva e fé renovada, o que lhes faltava era o acesso a educadores que pudessem orientá-los, despertá-los, por serem esses responsáveis pela “formação moral e intelectual da mocidade”.

Havia, conforme se infere no texto, desejo da juventude em participar da promoção de mudanças que deveriam começar na escola e atingir a cidade. A principal mudança deveria atravessar o conhecimento em todas as áreas: nas letras, nas artes, em tudo. Caberia aos professores, naquele contexto, a liderança na divulgação do novo que causasse as alterações esperadas na educação e na sociedade.

A fala do professor aponta para a necessidade de um engajamento maior por parte dos docentes, no processo educacional, pois a conquista do Ginásio Estadual Picoense conseguiu abraçar parte da História local e **Flâmula** seria não apenas um periódico juvenil de um Grêmio Literário, mas o espaço promotor do canto da modernidade que, embora tardiamente, ali chegava.

Após visita historiográfica ao jornal **Flâmula** e como foi possível Ozildo Albano realizar práticas educativas naquele periódico, necessário indagar sobre como o educador se envolveu na organização do Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, posteriormente renomeado Museu Ozildo Albano.

5 PRÁTICAS EDUCATIVAS DE OZILDO ALBANO NO MUSEU

Museu: cautela

Exmo. Sr. desembargador presidente do TRE.

Ao ter notícia de que é intenção de V.Exa. dotar o Rio de novo museu, experimentei a satisfação natural do munícipe que vê sua cidade prover-se de mais um instrumento de cultura. [...]

Aplaudo o museu, Excelência, porque mostrará a todos como se semeou, pegou e cresceu entre nós a plantinha democrática, maltratada embora e às vezes até arrancada de raiz, mas com o poder de brotar de novo e criar folhas. [...]

Por outro lado, tenho medo do museu. Ele pode chamar demasiado à atenção para os modos de existência daquele regime. O visitante, observando-lhe os segredos, é capaz de sair bestificado, para nunca mais voltar (e votar).

Que conterà o museu? Títulos eleitorais antigos e modernos, com ou sem fotografias; bolinhas de cera contendo nomes de candidatos, usadas para eleger o Senado da Câmara no século XVII e que se chamavam pelouros; velhas urnas de vinháticos e modernos sacos de lona; cédulas que impediam ao eleitor subtrair-se ao controle do cabo eleitoral, e cédulas novas, tão sigilosas e criptográficas que nem o eleitor mesmo sabe em quem vai votar; livros de atas, mapas de apuração, avulsos de propaganda, faixas, cartazes, gravações de jingles, diplomas etc. O material não é lá muito empolgante, mas a técnica museográfica pode conseguir prodígios. O perigo é que consiga demais.

Assim, a maquete de uma sessão eleitoral no Império ou nos primeiros tempos republicanos, com o pau e o trabuco a funcionarem como elementos de persuasão política, e o defunto votando por intermédio do “fósforo”, pode envaidecer-nos do progresso obtido. [...]

E se houver uma sala de promessas de candidatos, por exemplo? Terrível é comparar o oferecido com o dado ao povo. Havia e há, é certo, candidatos que prometiam e davam alguma coisa ao eleitor: sapato, almoço, dinheiro miúdo, o que também pode ser apresentado no museu, com etiquetas classificadoras do material. [...]

[...] Evite a todo custo que haja no museu uma sala, ou coisa que o valha, com o título “A grande ilusão”, destinada a guardar os seis milhões de cédulas que... Uma delas, confesso, foi colocada por mim em urna de Copacabana, e dói-me vê-la de novo, amarrotada, triste, exposta em vitrina.

(Carlos Drummond de Andrade, Correio da Manhã, 31/01/62)

É com os fragmentos da crônica “**Museu: cautela**”, do escritor mineiro Carlos Drummond de Andrade, contendo descrições predominantemente eleitorais de documentos e objetos passíveis de serem museificados, que se dá início à escrita histórica do **Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha**, renomeado **Museu Ozildo Albano**.

Pelo texto, tem-se um **conjunto de artefatos** que não fazem mais parte de um processo eleitoral, caídos em desuso, devido ao incremento de novas tecnologias, no âmbito da política. Fora de seu contexto, todo esse aparato documental, que foi recriado na narrativa drummoniana, passa a ter um destino diferente do que tinha anteriormente. Ao ser museificado, adquire um valor histórico, artístico e cultural por ter saído do circuito material em que se encontrava inserido.

Conforme o entendimento do cronista, ao fazer parte do acervo de um museu, os **bens culturais** são apreendidos pelo visitante, levando-o ao desenvolvimento de uma consciência crítica e fazendo com que compreenda como se deu a história da política brasileira, pelo viés do processo eleitoral, desde o Império até os primeiros anos republicanos.

Ao adentrar em tempos longínquos da história brasileira e resgatar objetos que hoje se encontram no plano museológico, Carlos Drummond de Andrade tentou mostrar para o leitor o drama político em que vivia a sociedade de outrora. Mostrou a prática da imposição do voto e como se dava o sistema de corrupção: “o pau e o trabuco a funcionarem como elementos de persuasão política” e o “defunto votando por intermédio do ‘fósforo’”, que foram objetos e documentos que metaforicamente eram utilizados para intimidar o eleitor a votar e que hoje se encontram em um novo contexto, trazendo consigo as marcas da historicidade de um determinado tempo/espço.

Ao percorrer sobre a “sala de promessas” que poderia ser encontrada no museu eleitoral, o poeta mineiro não mediu as palavras para dizer que poderiam ser encontrados “sapato, almoço, dinheiro miúdo” tudo como troca pelo voto. Lá, eles estariam adequadamente apresentados e etiquetados.

Assim como o cronista Carlos Drummond de Andrade construiu o seu enredo sobre a criação de um museu eleitoral, no município do Rio de Janeiro, trazendo para o leitor o acervo que fazia parte daquele instrumento de cultura, buscou-se fazer, com o mesmo rigor de informações, a narrativa em torno do **Museu Ozildo Albano**.

Para tanto, houve a necessidade de se conduzir a narrativa sobre o museu além do marco temporal estabelecido *a priori*, para que houvesse melhor aprofundamento da importância do Museu Ozildo Albano, assim como se entendesse a sua própria trajetória educativa.

Através dos documentos e objetos museificados, preservados no arquivo do museu, têm-se a certeza de que muitas gerações de picoenses encontrarão as suas raízes históricas deixadas por seus antepassados. Para Nora (1993, p.13),

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais [...].

Ozildo Albano não só criou o Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, mas deu a ele condições de ser um lugar de memória. Para tanto, juntou documentos, recebeu doações e comprou objetos antigos para expor ao público em geral.

Ao ter feito isso, Ozildo Albano presenteou os picoenses de marcos históricos relevantes da construção identitária local. Segundo as lições de Nora (1993, p.13), “museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade”.

Tomando a proposta do museu, levado à frente pelo intelectual picoense, tem-se um dos marcos testemunhas onde a memória exerce uma condição épica, uma vez que o público visitante é capaz de viajar no tempo e fazer inúmeras narrativas em torno de **objetos museificados** e de documentos que pertenceram a gerações passadas e isso só se torna possível porque “[...] a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos”, como bem salienta Nora (1993, p.25).

Em todos os tempos, a história vem registrando o esforço intelectual de homens que contribuíram de diferentes maneiras para a cultura dos povos. Por mais que as sociedades cresçam e adquiram o mais alto grau de civilização, não conseguirão apagar em sua totalidade as escritas deixadas por homens que conseguiram enxergar muito além do seu tempo.

Em todas as sociedades, há algum traço do que restou dos testemunhos materiais de uma época e que enredam sobre o homem em momentos distintos da sua história. Como bem acentua Heller (1989, p.36), “o aparecimento de um indivíduo em dado meio ‘dá o tom’ do sujeito em questão, produz uma atmosfera tonal específica em torno dele e que continua depois a envolvê-lo”.

Ozildo Albano foi um desses homens que ‘deu o tom’ cultural e educacional aos picoenses, especialmente. Produziu em torno de si diversas práticas sociais que jamais foram esquecidas e que marcaram, sobremaneira, outros sujeitos históricos.

5.1 Do Museu Capitão-Mor João Caminha ao Museu Ozildo Albano: Enredos de formação, no garimpo de memórias

Dentre as práticas educativas que Ozildo Albano levou adiante em Picos, destacaram-se as mediações culturais que fez no seu Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha. O início desse empreendimento cultural se deu no ano de 1966, em uma pequena casa localizada na Avenida Getúlio Vargas, nº 285. Posteriormente, o museu abriu suas portas para a sociedade picoense na Rua São Francisco, nº 500. E, por derradeiro, na Praça Josino Ferreira, nº 404, onde ocupou o espaço social destinado ao antigo Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

Tudo começou com os objetos pertencentes ao tronco familiar de Ozildo Albano. Prova disso é que deu o nome do seu museu a um dos seus ancestrais, o **Capitão-Mor João Gomes Caminha**, que se notabilizou nas Guerras da Independência, na Guerra da Balaiada e que foi responsável pelo povoamento da região onde se localiza a cidade de Picos.

Daí em diante, Ozildo Albano garimpou objetos das famílias picoenses e de localidades vizinhas, assumindo, assim, a condição de colecionador e se popularizando como uma personalidade piauiense.

Em entrevista concedida ao **Jornal Macambira**, informativo do *Campus Avançado* de Picos, de 31 de agosto de 1981, Ozildo Albano apresentou dados sobre a criação do museu:

Desde 1966, José Albano de Macedo, mais conhecido como ‘Ozildo Albano’, vem organizando uma série de raridades pertencentes aos antepassados de sua família. Com isso, nasceu na cidade de Picos o museu ‘Capitão-Mor João Gomes Caminha. Disse Ozildo que ‘o museu é arquivo de objetos que pertenceram a João Gomes Caminha, ancestral de sua família, e que recebeu o seu nome como homenagem. O início desse acervo começou arrecadando objetos antigos nas casas dos tios, avós e parentes’.

Informa ainda que o objeto mais antigo do museu é uma candeia de azeite, do primeiro século da era cristã. Este objeto veio de Roma, através de seu irmão, que conseguiu entre os frades cistecense. Quanto aos documentos, o mais antigo data de 1785, sobre a arrecadação de dízimos da Freguezia de Marvão. A coleção – afirma

o colecionador – é composta de imagens, objetos sacros, armas, fotografias, quadros, sendo que a maior parte pertence a Picos, embora tenha alguns objetos da região do Piauí.

[...] Passando à questão da história do museu, Ozildo declarou que 'por volta dos anos 60, mais precisamente em 1966, iniciou o trabalho buscando objetos nas casas de parentes e amigos. Assim, sentindo que deveria conservar esses objetos, resolveu organizar um museu, que futuramente pudesse fazer parte do patrimônio da cidade'. O nome de Joao Gomes Caminha é devido ser um grande nome na vida histórica de Picos. João Gomes foi um homem que participou da guerra da Independência, além de já ter sido Presidente da antiga capitania de São José do Piauí.

[...] 'O museu possui objetos da época do Brasil Colonial, Império, República até os dias de hoje. Segue-se a guerra da independência do Piauí e do Maranhão. Entre os documentos, há documentos assinados por Fidié, que foi comandante das armas portuguesas do Piauí'. O total de imagens é de 60, inclusive destaca-se uma que pertenceu a D. Bárbara de Alencar, avó do escritor José de Alencar.

Referente a objetos fósseis, diz o colecionador que o mais destacado é o camarão gigante, que segundo 'as pessoas mais entendidas pertence à época do dilúvio'. Outra coleção de destaque é a de armas do tempo do Brasil Colonial, Império e República, além de uma arma alemã, usada por oficiais alemães, no período entreguerras. Entre outros objetos encontramos a réplica de Pietá e das doze imagens feitas pelo Aleijadinho.

Como colecionador, viu que as famílias picoenses estavam se desfazendo de objetos antigos que pertenciam aos seus antepassados. Preocupou-se em juntar o que chegava às suas mãos através das doações e das compras. Conforme Pomian (1984, p.51).

Os utensílios, os instrumentos e os fatos recolhidos numa coleção ou num museu [...] não participam nos trabalhos e nos dias das populações rurais ou urbanas. E é assim com cada coisa, que acaba neste mundo estranho, onde a utilidade parece banida para sempre. Não se pode, com efeito, sem cometer um abuso de linguagem, alargar a noção de utilidade a ponto de atribuir a objetos cuja única função é a de se oferecerem ao olhar: às fechaduras e às chaves que não fecham nem abrem porta alguma; às máquinas que não produzem nada; aos relógios de quem ninguém espera a hora exacta. Ainda que na sua vida anterior tivessem um uso determinado, as peças de museu ou de colecções já não o têm. Assimilam-se assim as obras de arte que não têm uma finalidade utilitária, enquanto produtos para ornamentar as pessoas, os palácios, os templos, os apartamentos, os jardins, as ruas, as praças e os cemitérios. Todavia, não se pode dizer que as peças de colecções ou de museu estejam lá para decorar. Porque decorar, dispondo quadros e esculturas, significa quebrar a monotonia das paredes vazias que já existem para torná-las agradáveis. Pelo contrário, nos museus e nas grandes colecções particulares levantam-se ou arranjam-se paredes para aí dispor as obras. Quanto aos coleccionadores mais modestos, mandam construir vitrines, preparam álbuns ou libertam, de uma maneira ou de outra, locais

onde seja possível dispor os objectos. Tudo se passa como se não houvesse outra finalidade do que acumular os objetos para os expor ao olhar. Ainda que não tenham qualquer utilidade e nem sequer sirvam para decorar os interiores onde são expostos, as peças de colecção ou de museu são, todavia, rodeadas de cuidados.

Como se pode ver, os utensílios da vida cotidiana depois que entram para as coleções de particulares ou de museus perdem o seu valor de uso e entram para uma nova escala de valores. É nessa nova vida, em que se encontram expostos ao público visitante, que adquirem status de documento histórico. Passam, a partir de então, a serem apreciados por vários olhares que se educam com o histórico de cada objeto ou documento que se encontram nesses arquivos.

O que não se pode esquecer é de que nos expositores dos museus há objetos museificados que atravessaram a história de vida de pessoas em diferentes espacialidades e culturas. Além disso, tudo o que se encontra no seu interior faz parte do patrimônio coletivo de um povo e é através dele que a memória entra em constante atualização.

E foi por isso que Ozildo Albano dedicou uma vida inteira na guarda e preservação da memória coletiva local. Catalogou, dentre outros, documentos históricos como cartas, bilhetes, fotografias, livros de inspeções escolares, livros de chamadas escolares, livros de anotações eclesiásticas, livros de registros da Prefeitura Municipal de Picos, código de posturas municipal, objetos de várias espécies como fechadura da primeira cadeia de Picos, instrumentos musicais, relógios de parede de muitos tipos, rádios antigos, enfim, artefatos que contam, em fragmentos, a história de Picos.

Todo o patrimônio cultural que Ozildo Albano disponibilizou para o público visitante tem em si o caráter de **monumento histórico**. E, como afirma Catroga (2001, p.24), “[...] todo o monumento é traço do passado”. Sendo assim, tudo que se encontra nas dependências do museu de Ozildo Albano foram heranças culturais legadas ao presente. Estão lá para serem apreciados e interpretados e, como bem pontua Catroga (2001, p.25), “[...] o monumento é símbolo que espera a recordação, o seu significado mais radical só será apreendido se as suas conotações forem confrontadas com o que elas também omitem e ocultam”.

Como traço ou vestígio do passado, o monumento é texto que se dá a ler, que espera ser interpretado e reconhecido. Por estar afastado do tempo de sua origem e utilidade, exerce o fascínio do lusco-fusco que revela e esconde. Revela

em parte, pois muito de si mesmo não pode mais ser dito; mas mesmo assim, como vestígio, traz informações bastantes do seu enredo inicial.

Percebe-se, assim, que o esforço empreendido por Ozildo Albano foi no sentido de não se perderem os fios da memória da história picoense, uma vez que cada monumento que ele tinha levado para o seu museu representava o símbolo de uma época e que sua apreensão conduziria a inúmeras reações por parte do leitor.

E esse símbolo está no museu para ser recordado, para o visitante extrair dele o seu significado mais particular ou, quiçá, fazer inúmeras interrogações, através do percurso do olhar, pelas estantes, paredes e expositores, onde se encontram os artefatos e documentos históricos cuidadosamente selecionados e organizados por Ozildo Albano.

Para Pomian (1984, p.79), “as colecções [...] são instrumentos de trabalho e símbolos de pertença social”. Assim sendo, quando o objeto de uso social adentra a **cadeia museológica**, perde a sua utilidade primeira e se converte em símbolo de uma realidade social específica. Ao assumir a condição de símbolo, o objeto museal conduz em si as representações e as informações do que era antes. Esse processo se enquadra no que Pomian (1984, p.71) chama de **semióforo**. Ou, mais precisamente, “objectos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura”.

Os objetos museais perdem, pois, a sua função pragmática original, deixando de ter a utilidade para a qual foi pensada e usada por tantas pessoas e passam a assumir a condição de representação do significado primeiro, de vozes que gritam uma utilidade pretérita, em um contexto de exclusiva exibição, ao **leitor-visitante**.

Dessa forma, todos os objetos semióforos que se encontram em um museu representam a cultura de um povo e a eles pertencem. Conduzem significados que lhes são particulares, próprios do meio social onde assumiram diversas funções.

Quando Ozildo Albano garimpava os objetos antigos das famílias picoense e de outras que chegavam as suas mãos, tinha a preocupação de saber a origem, a data que foi adquirida, os seus proprietários, enfim, todo histórico que o cercava. Tudo anotava sobre o objeto, na certeza de que as informações seriam úteis algum dia.

E, de fato, foram. Quando o visitante percorre as salas do museu Ozildo Albano, depara-se com **símbolos do passado**, conservados em um novo espaço, o espaço de memória que se completa com os olhares constantes de diversos tipos de públicos.

Em vida, catalogou todos os objetos que adentraram ao seu museu. Fez isso em fichas soltas e escritas manuscritamente, teve o devido cuidado para que fossem mantidos todos os registros dos seus antigos proprietários. Segundo Pomian (1984, p.83),

[...] é preciso que se atribuam aos mesmos semióforos um mesmo significado, o que não é evidente: um camafeu antigo era um semióforo para quem o via como uma relíquia e permanece um semióforo para quem o vê como um exemplar da arte dos antigos, mas sendo o significado do camafeu completamente diferente para quem adopta uma ou outras destas atitudes. A comunicação torna-se por isso difícil, senão impossível.

Através da ilustração de Pomian (1984), nota-se a importância de se manter viva as informações sobre os objetos-semióforos. Eles têm um significado primeiro e que deve ser preservado na sua essência. Quando Ozildo Albano colocava um objeto no seu museu, ao olhar do público visitante, ele fazia a sua mediação cultural mantendo-se fiel aos significados que cada semióforo trazia consigo. Isso mostra o compromisso que tinha com a **historicidade das peças**, mas também, a função educadora que norteou o seu pensamento crítico.

Para o historiador francês Poulot (2013, p.91), “[...] os museus devem também acompanhar uma pedagogia do olhar para todos os cidadãos”. Visto assim, o museu educa pelo olhar, uma vez que o visitante, ao percorrer as suas espacialidades, vai acompanhando os objetos museificados e extraíndo deles a fruição necessária.

A **pedagogia do olhar** implica em estabelecer uma trilha ou percurso, através do qual o visitante-leitor possa se guiar. Da sinalização dos ambientes aos dados das peças, dos enredos narrados pelo curador à posição que cada peça ocupa nas estantes e mostruários, tem-se uma poética do espaço e das peças que devem direcionar o olhar do contemplador que, naquele ambiente de preservação do passado, torna-se aprendiz.

Como assinala Poulot (2013, p.106), “[...] a visita de museus deveria ser entendida em termos de uma busca, se não da idade de ouro perdida, pelo menos, de raízes familiares suscetíveis de nos tranquilizar”. Disso se extrai que o visitante

frequenta um museu com vários propósitos e, dentre eles, a busca pelos testemunhos da cultura material de uma época que já não existe mais no mercado de atividades econômicas, mas que podem ser encontrados em espaços educativos como o museu.

Essa **cultura material** informa sobre o homem que viveu em determinado contexto social e cultural, as suas marcas singulares que ficaram registradas, nos mais variados objetos que se museificaram e que podem ser lidos através da sua força significativa.

Mas, o visitante busca também conhecer a história de sua família, de seus antepassados e a contribuição que deram à sociedade. Sabendo disso, Ozildo Albano foi responsável em preservar não só objetos que tinham relação com as famílias picoenses, mas também, catalogar inúmeras fotografias, cartas, bilhetes das famílias de Picos e das localidades mais próximas. Fez tudo isto para que não se perdessem no tempo documentos importantes que fazem parte da caminhada dos primeiros troncos familiares da cidade de Picos.

Como bem assinala Poulot (2013, p.107), “[...] esse retorno ao passado, essa obsessão pela memória e pelo patrimônio” cultural, levada a diante por homens de cultura, tem por finalidade fazer com que não desapareçam enredos sociais que foram vivenciados e compartilhados cotidianamente pelas gerações passadas em situações diversas.

Essa foi uma das preocupações de Ozildo Albano, procurou preservar a cultura local, registrou passagens históricas de Picos em uma cronologia que se estende do ano de 1700 a 1975 e dotou os seus contêrreos de conhecimentos adquiridos ao longo de suas pesquisas em toda a grande região de Picos.

Através dos seus manuscritos históricos abriu espaço para a educação daqueles que se interessassem pelo passado local, nacional e de outros países. Durante os anos em que esteve à frente do seu museu, proporcionou ao público visitante muitas viagens ao passado de Picos e a outras margens da observação histórica.

Essencialmente memorialista, juntou o que pôde e fez o que estava ao seu alcance para manter viva a história do homem picoense. Foi em busca de documentos históricos raros como o Código de Posturas do Município de Picos, dos primeiros anos republicanos. Percorreu as localidades mais próximas com o propósito de colher informações dos mais idosos sobre os causos populares, o

folclore e inúmeras outras fontes para que não se apagassem da memória coletiva do picoense.

Através do seu patrimônio cultural, Ozildo Albano levou adiante o seu **projeto educativo**. Colocou à disposição de todos inúmeros documentos e objetos museais para que o visitante entrasse em contato com os símbolos do passado de Picos.

Por intermédio do museu, promoveu uma **educação patrimonial** na cidade e, mais ainda, contribuiu significativamente para que o seu empreendimento cultural pudesse dar aos picoenses os recortes culturais presentes em cada época da história social do município. Conforme Poulot (2013, p.34), “o desafio a enfrentar pelo museu consiste em manter sempre viva uma contribuição para a fisionomia cultural da região [...]”.

O Museu Ozildo Albano traz em si a feição local, o **desenho cultural do município** disposto e exposto nas peças museais, embora se alargue ao alcançar peças oriundas de outros lugares.

Visto assim, vale destacar que Ozildo Albano viveu uma passagem da história de Picos em que o progresso estava batendo às suas portas. Logo, as mudanças eram inevitáveis em todo o contexto social. As escritas urbanas estavam tomando novos delineamentos, os bangalôs davam ares de uma escrita arquitetônica mais refinada, as ruas passaram a ser cobertas por calçamentos, o fornecimento de energia elétrica passou a ser estendido por mais tempo em todo o espaço urbano. Enfim, essas e outras mudanças estavam acontecendo em Picos no transcurso dos anos de 1940 para a década de 1950. As famílias passaram a adquirir objetos que até então não faziam parte da vida cotidiana.

Com a entrada de alguns objetos novos nas residências, outros objetos de uso diário foram sendo substituídos. Ou, mais precisamente, foram desprezados. Vendo isso, Ozildo Albano se ocupou da tarefa de ir à busca de alguns desses objetos para serem guardados, conservados e preservados em seu museu. Em diálogo com a proposta de Poulot (2013), o que Ozildo Albano fez foi manter viva a **fisionomia cultural da região de Picos** através de sua instituição social, o museu.

Pela abordagem feita por Ozildo Albano, sobre o histórico do museu, é de se reconhecer que buscou, na vida cotidiana, os conhecimentos adquiridos pelas gerações passadas de sua gente e, através desse conjunto de manifestações que

via se materializando de forma plural, procurou preservar, para que outras gerações pudessem também ter acesso a elas.

Captou a essência da vida em diferentes situações em que se encontrava. Interpretou coisas simples que se encontravam na ordem da cotidianidade. Conforme Heller (1989, p.17) ao dissertar sobre a estrutura da vida cotidiana, defende que:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. [...] o homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo.

A vida do sujeito é lançada diariamente na cotidianidade e é nela onde entra em contato com diferentes configurações sociais e, em meio a isso, adquire os conhecimentos heterogêneos próprios dos contextos em que se encontram inseridos. Na mesma direção, cabe anotar as lições de Lopes (1999, p. 143), para quem:

O conhecimento cotidiano é a soma de nossos conhecimentos sobre a realidade que utilizamos de um modo efetivo na vida cotidiana, sempre de modo heterogêneo. É o conhecimento-guia de nossas ações, nossas conversas, nossas decisões. Saber algo na vida cotidiana é levar a cabo os tipos de ações cotidianas heterogêneas. O saber cotidiano pode, inclusive, acolher certas aquisições científicas, mas não o conhecimento científico como tal. Muitos autores enfatizam que o conhecimento cotidiano se transforma, inclusive por incorporação de conhecimentos científicos, e mesmo alguns usam esse fato como argumento para valorização do conhecimento comum.

Muito do que Ozildo aprendeu, através dos diálogos que manteve com as pessoas locais, serviu como conhecimentos-guia para sedimentar o edifício cultural que criou na cidade de Picos.

5.1.1 A ampliação do acervo museal: Da documentação do *Campus Avançado* de Picos ao Projeto Petrônio Portella

Ozildo manteve-se atento às questões sociais e quando soube que o *Campus Avançado* de Picos – órgão de extensão da Universidade Federal de Goiás

– iria encerrar as suas atuações acadêmicas na cidade, requereu o acervo documental dessa instituição de ensino.

Em 12 de fevereiro de 1985, o Pró-Reitor de Extensão da Universidade Federal de Goiás (UFG), professor Carlos Alberto Tanezini, encaminhou o ofício nº 139/85 ao Prefeito Municipal de Picos, Abel de Barros Araújo, com todas as fotografias e slides colecionados durante os doze anos em que estiveram na cidade de Picos.

No ofício, o Pró-Reitor de Extensão da UFG solicitou ao prefeito de Picos que repassasse, a título de doação, a documentação ao museu da cidade. Alegou o professor que Ozildo Albano havia se manifestado, em diversas ocasiões, o desejo de integrar os documentos no acervo histórico-cultural da região, que era o museu Capitão-Mor João Gomes Caminha.

O Pró-Reitor da Universidade Federal de Goiás fez a solicitação ao Prefeito porque sabia do compromisso histórico-cultural que Ozildo Albano possuía em Picos. Durante os anos em que o *Campus Avançado* esteve na cidade, manteve contato com o educador picoense, que era requisitado nas atividades culturais promovidas no *Campus*. E mais, o Jornal Macambira, que era o seu órgão cultural, trouxe informações sobre a região de Picos, devido às sugestões dadas por Ozildo Albano.

Em 03 de agosto de 1985, o Prefeito Municipal de Picos deferiu o pedido de doação de todo o material que se encontrava, sob a guarda do município, ao Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha.

Ao serem incorporados ao acervo patrimonial do Museu, Ozildo Albano providenciou catalogá-los adequadamente, nas pastas do seu arquivo. Em virtude disso, as fotografias que a UFG colecionou, durante os anos em que esteve em Picos, formam uma parte da história da cidade.

Ozildo Albano procurou potencializar o seu acervo patrimonial. Prova disto é que manteve contato com amigos e instituições que podiam fazer doações para o museu. A busca por documentos e objetos mostrava sua certeza no que estava fazendo, porque o museu terminou sendo o único lugar onde os estudantes, pesquisadores e visitantes em geral podiam encontrar documentos e objetos, nas estantes de livros e nos expositores espalhados pelas salas de exposição, naquele contexto.

Em 31 de julho de 1987, a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, de Teresina, através da senhora Margaret, encaminhou algumas coleções do **Projeto Petrônio Portella** para o enriquecimento da biblioteca do Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha. Na correspondência, ela deixou claro que iria encaminhar outras coleções que seriam reeditadas ainda no mês de agosto de 1987.

5.1.2 As três especialidades do Museu Ozildo Albano e o sistema de catalogação das peças

Silva (2016, p.370-371), em entrevista, explica a trajetória de Ozildo Albano na criação do museu:

Ozildo começou com a história da família. Ele sempre foi ligado ao negócio de destrinchar a família, a hereditariedade. E começou também a coletar os objetos, a guardar as coisas da família, a receber documentos desses que a gente tem hoje. E aquilo dali vai pegando, pois eu fiquei do mesmo jeito que Ozildo. Ele não pedia as peças, ele fazia que estava interessado. [...] As três pessoas que ajudaram muito ao museu foi Ozildo, que iniciou, eu e o Raimundo, o frei Albano. Ele tinha facilidade nesses conventos, nessas igrejas de darem peças pra ele. Inclusive, a peça mais valiosa que a gente tem historicamente, é aquela lanterna de azeite. Essa lanterna foi da Itália e foi ele que conseguiu lá. Fora a peça da Itália, ele trouxe outras coisinhas. Nós temos peças da Prisão Mamertina, de São Pedro [...]. Nós temos uma pedra da Grécia, onde São Francisco fez o primeiro presépio, tem outra que é do lugar onde ele recebeu as chagas. E tem outras pecinhas que davam pra ele.

Conforme se pode constatar, o acervo do museu iniciou com documentos e peças pertencentes a seus familiares. Foi nesta fonte inicial que Ozildo deu os primeiros passos. Quando Silva (2016) se referiu “[...] ao negócio de destrinchar a família, a hereditariedade”, aludiu ao empenho que Ozildo Albano fez na busca de informações para a construção da árvore genealógica da família Albano.

Queria saber os nomes e o grau de parentesco dos seus antepassados e foi com a história da família que ampliou o seu capital cultural, coletou e guardou documentos e peças que contam não só enredos de sua família, mas que se apoiaram no coletivo que reflete o todo, a cultural que ali estava sendo posta em prática.

Conforme informou Silva (2016), percebe-se que Ozildo Albano teve auxílio de seu irmão Frei Albano, na busca da composição do acervo. Frei Albano auxiliou

trazendo peças da Europa, com destaque para a candeia de azeite, ilustração 54, do primeiro século da era cristã, feita de cerâmica e vinda de Roma, em 1972.

A **candeia** foi encontrada próxima ao túmulo de Santa Cecília, pelos frades cistecenses, responsáveis pela guarda das catacumbas de São Calixto. Trata-se da peça mais antiga do museu.

Ilustração 54 – Fotografia: Candeia de Azeite encontrada em Roma, na Itália.



Fonte: Museu Ozildo Albano

Quando uma peça entrava no seu acervo, Ozildo Albano analisava a sua conservação. Se precisasse fazer a restauração, recorria ao seu irmão Albano Silva, que é restaurador, para que pudesse estar em condições de se **musealizar** e, assim, mostrar ao público visitante.

Alguns procedimentos eram utilizados no momento em que a peça passava a fazer parte do museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, dentre eles, informar o nome da peça, série, o material de que foi feita, a aquisição (doação, compra ou permuta), o nome do doador ou vendedor, procedência, quem recebeu a peça no seu museu, a data da entrada, o estado de conservação da peça (ótimo, bom ou regular), histórico e características gerais da peça.

Fazia o tombamento, através de folhas individuais, para que os dados sobre as peças museificadas permanecessem no histórico do museu. Segundo Poulot (2013, p. 132),

A análise dos objetos de museu, dos *musealia*, é também a das condições sob as quais uma cultura material específica é elaborada, formatada, comunicada e interpretada. Com efeito, a materialidade do museu manifesta-se tanto nos objetos que ele possui quanto nos

dispositivos de seu tratamento – catálogos, fichários, arquivos, diversas publicações. A esse respeito, o museu, mesmo que tenha a ver com um projeto específico, participa de procedimentos e convenções que não lhe são exclusivos relativamente ao tratamento, à identificação e à exposição dos artefatos: esses dispositivos podem remeter à especulação comercial, ao trabalho acadêmico e ao espetáculo urbano.

Dessa forma, a análise do acervo museal passa tanto pelo critério de seu conteúdo quanto pela forma como cada peça é tratada pelo mediador cultural, através do registro de suas informações.

Peça arqueológica como a candeia de azeite, que tinha como função primeira iluminar a difícil vida dos primeiros cristãos perseguidos pelos romanos e que antes tinha um uso específico, próprio de si, adquiriu o status de **documento/monumento** ao se encontrarem um lugar de memória, como o Museu Picoense. Ozildo Albano sabia o valor de cada peça e de cada documento que se encontrava no seu museu.

Entendendo aqui o termo **monumento** de acordo com as lições de Le Goff (2003, p.526) como sendo “[...] tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”. Por isso mesmo, todo o acervo do museu é fonte de informação sobre o passado. Ou, mais precisamente, fragmentos do passado sendo apresentados fora do seu contexto histórico e fazendo com que não caiam no esquecimento as matrizes sociais de outros tempos. Nesse sentido, Catroga (2001, p. 24-25) salientou que:

[...] o monumento é traço do passado, consciente ou involuntariamente deixado, a sua leitura só será re-suscitadora de memórias se não se limitar à perspectiva gnosiológica e ‘fria’ (típica da leitura patrimonial e museológica), e se for mediada pela afetividade e pela partilha comunitária com outros.

Constata-se que o monumento tem por finalidade perpetuar a memória de um grupo social, seja ele qual for, esteja onde estiver, traz sempre os traços do passado. Cabe a cada um fazer as leituras adequadas, tendo em vista a comunicação com o outro, para que os artefatos possam suscitar recordações de um tempo vivido e, assim, manter sempre presente as realidades pretéritas. Cumpre anotar ainda que, segundo Catroga (2001, p. 25), “[...] se o monumento é símbolo que espera a recordação, o seu significado mais radical só será apreendido se as suas conotações forem confrontadas com o que elas omitem e ocultam”.

Diante disso, infere-se que a leitura de um monumento histórico depende do **repertório cultural** de cada leitor. Levando a proposta para as coleções museológicas, cada peça deve ser lida em conformidade com o tempo/espço em que se originaram, pois somente assim há de se ter uma fruição condizente com o seu significado, mas sempre com a certeza de que, por mais que cada monumento tenha uma certidão de nascimento, há nele sempre omissões e ocultamentos.

Como “um legado à memória coletiva”, como assinala Le Goff (2003, p.526), os documentos/monumentos pertencem à história de um povo e, ao serem expostos em museu, trazem consigo as características singulares de uma determinada realidade social. Nas precisas lições de Halbwachs (1990, p.131),

Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembram-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro. [...] Nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos se explicam em larga medida pelos elos que nos prendem sempre a um grande número de sociedades, sensíveis ou invisíveis. Não podemos dizer que as coisas façam parte da sociedade. Entretanto, móveis, ornamentos, quadros, utensílios e bibelots circulam no interior do grupo, nele são objetos de apreciações, de comparações, descortinam a cada instante horizontes sobre as novas direções da moda e do gosto, nos lembram também os costumes e distinções sociais antigas. Em uma loja de antiguidade, todas as épocas e todas as classes se defrontam assim, nas peças espalhadas e fora de uso das mobílias dispersas; e certamente, perguntamo-nos: a quem pode ter pertencido essa poltrona, essas tapeçarias, este conjunto, aquela taça?

É certo, como salienta Halbwachs (1990), que tudo que está em volta do homem recebe as suas marcas e por elas sofre as influências próprias de sua natureza material. Consequentemente, cada objeto que o homem toca tem uma representação que é inteligível para os membros que pertencem ao grupo no qual está inserido.

O acervo material de um museu requer a interpretação de um determinado tempo histórico, para que haja uma liberdade de fruição por parte do público visitante. O museu provoca impacto nos seus visitantes, no sentido de fazer com que os leitores de documentos e de objetos expostos raciocinem criticamente para encontrarem a **significação do monumento** que há por trás de cada bem cultural. Conforme Poulot (2013, p. 139-140),

[...] a visita ao museu é uma atividade complexa, nem somente lazer nem apenas aprendizado, implicando maneiras de enunciar e pôr em prática determinados interesses e valores. Nos olhares que cruza no interior do museu, nas narrativas de visitas, nos usos do catálogo, o amador fica conhecendo, aos poucos, o que é válido para ele. [...].

Por ser uma atividade complexa, por envolver lazer e aprendizagem, o contato do visitante com o acervo demanda filtro interpretativo que se ancora principalmente naquilo que busca conhecer.

Segundo Silva Albano (2017, p.424), ao informar sobre o início do museu, afirmou que “[...] só tinha uns baús onde ele guardava as peças”. Isto se deu na primeira espacialidade onde funcionou, numa residência modesta na Avenida Getúlio Vargas, nº 385. Eram poucas peças que foram, aos poucos, sendo unidas a outras que lentamente chegaram.

Ilustração 55 – Fotografia: Ozildo Albano em frente ao primeiro espaço do museu (s/d)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 55 mostra Ozildo Albano sentado, em frente à casa que recepcionava o Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, na Avenida Getúlio Vargas, sua primeira espacialidade. O homem e sua cidade em *close*. Homem que observava o movimento das ruas, do ir e vir das pessoas, dos veículos, portando um livro nas mãos. Diante de si, a cultura e a vida pulsante, sua matéria de consumo e de mediação.

Como não havia um espaço adequado para colocar o pequeno acervo que Ozildo Albano estava colecionando, inicialmente, guardou tudo em baús. Um desses

baús pertencia ao Capitão-Mor João Gomes Caminha, inclusive a ilustração acima mostra, na tampa, as iniciais J.G.C.

Ilustração 56 –Fotografia: Baú pertencente ao Capitão-Mor João Gomes Caminha



Fonte:Museu Ozildo Albano

Quando um visitante procurava Ozildo Albano para conhecer os documentos e objetos antigos, mostrava os baús e todas as peças que havia no seu pequeno arquivo. Mesmo a sua residência sendo pequena, abria as portas para o picoense fazer as suas pesquisas. Por lá, o estudante podia pesquisar na biblioteca o assunto que estava procurando, sempre com a mediação do educador Ozildo Albano.

Algumas peças merecem destaque, na organização do acervo do Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, dentre elas, uma **garrucha** com disparo através de pedra, por usar como munição pedra de fogo, feita de bronze, ferro e madeira, em bom estado de conservação.

Ilustração 57 – Fotografia: Garrucha de munição de pedra



Fonte: Museu Ozildo Albano

A garrucha pertenceu ao Capitão-Mor João Gomes Caminha e foi doado a Ozildo Albano pelo senhor Pedro de Moura Fontes. Trata-se de peça procedente da Fazenda Frade, em Oeiras/PI.

Outra peça de destaque do **acervo de armas** é uma espada de metal prateado que deu entrada no acervo do museu em 1965.

Ilustração 58 – Fotografia: Espada de metal usada na Guerra do Paraguai



Fonte: Museu Ozildo Albano

Trata-se de espada que pertenceu ao Capitão Pereira, que lutou na Guerra do Paraguai. Foi doada a Ozildo Albano pelo senhor Manoel Policarpo dos Anjos. A peça procedeu da Fazenda Galhofa, localizada no município de Monsenhor Hipólito-PI.

No museu também se encontra uma peça rara da **história dos cárceres** picoenses. Trata-se da fechadura e duas chaves da antiga cadeia pública de Picos.

Ilustração 59 –Fotografia: Fechadura e duas chaves da antiga cadeia de Picos



Fonte: Museu Ozildo Albano

A fechadura da antiga cadeia de Picos foi quebrada, conforme consta registrado no livro de tombo do Museu, em 15 de agosto de 1910, por Manoel Rodrigues de Brito e seus companheiros. Foi doada ao Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha pelo senhor João Albano de Moura.

Peça de destaque no museu é o **aparelho de código Morse** (telégrafo), que pertenceu à primeira agência de Correios de Picos e foi quebrado por membro da Coluna Prestes, em 1926, quando por Picos passaram.

Ilustração 60 – Fotografia: Aparelho de código Morse (telégrafo)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Do acervo do museu, destacam-se as coleções de moedas de épocas diversas que foram colecionadas por Ozildo Albano, ao longo de sua vida.

Ilustração 61 – Fotografias: Moedas de épocas diversas (1699-1811-1888)





Fonte. Museu Ozildo Albano

A segunda espacialidade do museu Capitão-Mor João Gomes Caminha ficava localizada na **Rua São Francisco, nº 500**. Logo que o visitante adentrava o museu, deparava-se com artefatos cuja historicidade se relacionava com a história do povo picoense.

Ilustração 62 – Fotografia: Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha – 2ª espacialidade



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 62 traz a imagem do prédio em que funcionou a segunda espacialidade do Museu. No primeiro andar da simples edificação, o educador Ozildo Albano morava e destinava o espaço para acolhimento do acervo.

Este novo espaço, em que se encontravam os documentos e os objetos musealizados, dava aos visitantes uma sensação de viagem às diferentes passagens da história da cidade de Picos. Isso porque as práticas educativas empreendidas por Ozildo Albano faziam com que o contato com cada peça exposta se transformasse em um exercício de reflexão promovido por cada **signo cultural**.

Praticamente, todo o acervo do Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha ficava numa grande sala, localizada no primeiro andar do apartamento. Em cada estante, foram colocados os livros de acordo com as áreas do conhecimento humano, a réplica das doze imagens feitas por Aleijadinho e os objetos museais, nos seus respectivos expositores.

Não havia divisão por salas separando o acervo patrimonial, uma vez que o espaço era pequeno, devido à quantidade de artefatos que chegaram através das doações. Mas, Ozildo Albano organizou de forma que os visitantes pudessem entender a distribuição feita no interior do museu.

Muitos objetos foram colocados nas paredes do museu: moldes de fabricação de sapatos, quadros, artefatos agrícolas, pequenas imagens sacras, relógios diversos, dentre outros objetos distribuídos nas paredes, do início ao fim da **sala-museu**. Nos expositores, os visitantes tiveram acesso a oratórios doados pelos familiares picoenses.

Para facilitar o acesso dos estudantes, pesquisadores e o público em geral, Ozildo Albano conseguiu uma mesa grande, através da doação dos familiares do senhor Cristino Varão, para que todos pudessem se sentir à vontade e, com isso, terem acesso aos inúmeros bens culturais que estavam ali, para serem lidos, interpretados e também extrair deles a sua fruição.

A terceira espacialidade do museu representou a consolidação do sonhado projeto de Ozildo Albano, uma vez que ganhou prédio próprio, sendo o prédio também um espaço histórico impregnado de significações. Segundo Fontes (2017, p.405), ex-aluno e advogado picoense:

O legado que Ozildo Albano deixou aí continua servindo a família picoense. Espera-se que a família picoense saiba disto e continue preservando e, de modo especial, respeitando a memória dele que

tinha como servir e era a missão dele. E o que Ozildo deixou foi de coração. E que o museu não entrou nem no inventário que foi feito, no inventário dele, porque era um desejo dele que fosse da família picoense e continua sendo. Espera-se que a família picoense saiba preservar esses valores que ele defendeu e que estão aí, porque ele entregou esses valores materiais para a família picoense. É nosso e que nós saibamos preservar isso aí.

Ao optar em ter o acervo particular fora da partilha patrimonial, após seu óbito, Ozildo Albano estabeleceu sua contribuição para o futuro do qual não estaria presente fisicamente, mas sabia que nele se inscreveria a partir do museu. Era o educador cuidando da educação das gerações vindouras.

Ilustração 63 – Fotografia: Museu Ozildo Albano – 3ª espacialidade (fachada da frente)



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Ilustração 64 – Fotografia: Museu Ozildo Albano – 3ª espacialidade (lateral direita)



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Ilustração 65 – Fotografia: Museu Ozildo Albano – 3ª espacialidade (lateral esquerda)



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Após a morte do educador Ozildo Albano, a família fechou a biblioteca do museu por alguns meses, aos visitantes, para decidirem como organizar o prosseguimento das atividades, pois seria necessário ter alguém para ajudar aos consulentes, durante as pesquisas, e também havia vários livros antigos que necessitavam ser restaurados.

Com os dias, a família e os amigos de Ozildo Albano empreenderam uma luta para que o museu voltasse a funcionar adequadamente para a sociedade picoense. Em matéria publicada no Jornal de Picos, ano VIII, nº 230, de 18 de abril de 1990, intitulada “Fechada à biblioteca do museu de Picos”, assim discorria o texto:

A biblioteca do museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, depois da morte do ilustre historiador Ozildo Albano, vem sofrendo grandes transformações, por causa do uso diário dos livros, sem que haja uma restauração e recuperação dos mesmos, agora está sendo fechada ao público, por os livros não estarem em condições de serem usados.

Segundo Albano, responsável pelo museu e a biblioteca, o fechamento se deu por falta de condições financeiras, para restauração dos livros, que são ao todo mais de quatro mil livros de serventia pública, que recebia em média quarenta pessoas por dia, para estes fazerem pesquisas; e agora o único setor de pesquisas do município de Picos, em condições de atender a todas as classes estudantis, desde o primário ao nível superior, se encontra fechado, devido o descaso das autoridades piauienses, que não recorrem aos órgãos competentes para enviarem verbas para manutenção da biblioteca, tendo em vista ser esta uma das mais visitadas biblioteca particular do Estado e sendo o museu o maior do nordeste (particular).

Albano ressaltou que o museu não fechou, mas somente a biblioteca, e continuará aberta diariamente de segunda a sexta, no horário das 8:00 às 11:00 e das 14:00 às 16:00 h. Também comentou que o museu tem dois funcionários cedidos pela Prefeitura e o Estado, para ajudar na limpeza do prédio e datilografia, sendo o próprio diretor do museu, Albano Silva.

A família Albano não possuía meios financeiros para empreender a restauração do acervo, em virtude da quantidade de livros. Isso fez com que a população ficasse sem acesso à única biblioteca particular do município que mantinha suas portas abertas às visitas e aos pesquisadores.

Ter levado à frente o projeto do museu, durante muitos anos de sua vida, foi uma das mais importantes contribuições deixadas por ele na sociedade picoense. Muito do que foi feito, em relação a essa instituição social, partiu exclusivamente do seu patrocínio financeiro. Era ele que tinha os cuidados com a guarda e a conservação dos **artefatos museológicos**.

Com o seu falecimento, o museu teve de passar por algumas redefinições. A família tentou se ajustar aos passos deixados por ele para que pudessem atender os visitantes com o mesmo cuidado, atenção e presteza que acontecia. Diante disso, surgiu a necessidade de ter um lugar maior para colocar o acervo patrimonial deixado pelo educador, uma vez que a segunda espacialidade não tinha mais como comportar tantos objetos musealizados. Conforme Fontes (2017, p.401), que foi o advogado responsável pela ação de inventário de Ozildo Albano:

Eu não tenho dúvidas de que Ozildo era dotado de um senso de missão. A família tem uma entrevista de Ozildo, a fala dele onde diz que o museu é da família picoense. O inventário dele quem fez fui eu. Eu fui o advogado. O museu não entrou no inventário. Inclusive, chegaram ao consenso porque Ozildo disse na entrevista que o museu é da família picoense. Então, o museu não era mais dele, nem era de Albano, nem de Edvaldo, nem dos filhos de Anísio Albano, o museu é nosso. Era um desejo dele. Então, isso aí vem de uma missão. Eu fui o advogado, fui eu quem fiz o inventário dele. Os herdeiros foram os pais dele, que eram vivos. [...] o museu continua de todos, da família e de todos os picoenses. Ficou sendo respeitada a vontade dele. E estava certo, foi uma atitude sábia a da família.

O que se depreende da narrativa do ex-aluno e advogado da família Albano é que o museu não era só um bem patrimonial que pertencia a Ozildo Albano e a sua família, mas sim, de toda a sociedade picoense. Prova disso é que ele deixou claro para os visitantes e amigos mais próximos que o museu era de todos e, por ser um desejo dele e também sendo sabedores de que o museu continha não só

arquivos de família, bem como, artefatos pertencentes a toda a família picoense, os herdeiros atenderam prontamente a sua vontade.

A atitude de Ozildo Albano em legar para Picos o acervo do Museu demonstrou a preocupação que possuía com a manutenção da preservação da memória picoense. Sua decisão revelou a atitude identitária do educador, do homem-semióforo e do mediador cultural que era.

A família Albano, ao respeitar o desejo de Ozildo, também fez uma escolha educativa, pois entendeu que dispor o patrimônio cultural do educador seria oportunizar os picoenses continuarem sendo educados, através do acervo e também estavam, com essa atitude, reconhecendo o trabalho de pesquisa de mais de trinta anos realizado por ele. O próprio Ozildo Albano declarou, nos termos abaixo:

[...] O museu não é de Ozildo, o museu é da família, da nossa família, porque nós começamos o museu com os objetos que pertenceram aos bisavós e aos tetravós da gente. É tanto que o nome do museu eu escolhi João Gomes Caminha, que é o tronco mais antigo da nossa família e foi uma pessoa que se distinguiu muito na Guerra da Independência, na Guerra da Balaiada e foi o povoador, quem começou e povoou essa região. Então, nós demos o nome de Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, em homenagem aos troncos da nossa família, aos Mouras, aos Macedos, que fazem parte da mesma família. [...] o pessoal daqui de Picos, os mais antigos, foram se interessando e queriam ver o seu nome [...] e foram doando objetos valiosíssimos para a História de Picos. Então, se ampliou e o museu não é só mais da família, como é da região todinha.

O discurso de Ozildo Albano é o seu próprio testamento. Deixou claro que o museu era uma construção coletiva, pertencia a toda a família picoense. Reconheceu que o museu só se transformou em um grande acervo devido à ajuda de muitas pessoas, através de doações de objetos valiosos, para somarem ao arquivo familiar existente.

5.1.3 Do reconhecimento de utilidade pública ao Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha

Sabendo da importância do Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha para a sociedade de Picos e de toda a região, o vereador Fábio José Neiva de Albuquerque encaminhou um **Projeto de Lei** à Câmara Municipal de Picos, com o

propósito de reconhecer como de utilidade pública o museu particular de Ozildo Albano.

Levado ao plenário da Câmara, no dia 22 de outubro de 1986, em sessão ordinária, para apreciação e discussão, o Projeto de lei foi apresentado pelo vereador, que expôs os motivos justificadores para a concessão de título de utilidade pública ao Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha.

Na oportunidade, o autor do Projeto de Lei falou da importância desta entidade social para o povo picoense, destacou ainda que a sua finalidade era promover a educação e a cultura através dos documentos e dos objetos que faziam parte do acervo patrimonial de Ozildo Albano.

Ao se referir aos serviços prestados pelo Museu a toda a coletividade picoense, destacou que muitos estudantes de 1º, 2º e 3º graus eram atendidos diariamente nas suas dependências e que Ozildo Albano chegou mesmo a emprestar os seus livros para serem utilizados nas pesquisas.

Destacou que o museu era visitado por museólogos, pessoas de vários Estados e também por estrangeiros, que prestigiavam a qualidade das peças e o sistema de organização.

Através da justificativa do projeto de lei, percebe-se a contribuição que Ozildo Albano deu ao município e à história cultural local, no tocante aos serviços prestados à sociedade.

O Projeto de Lei foi votado e aprovado por unanimidade por todos os vereadores, reconhecendo, assim, como de utilidade pública o Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha.

5.1.4 A atuação do Grupo Mutirão Arte e Cultura

Cabe aqui fazer um recorte na trajetória de vida de Ozildo Albano em Picos. Mesmo depois que ele pediu para se desligar do cargo de Chefe do Departamento Municipal de Cultura, em 08 de julho de 1985, continuou sendo visto como a pessoa mais capacitada para atuar frente à cultura picoense.

Em roda de amigos, criou o **Grupo Mutirão Arte e Cultura**, no ano de 1985, apoiado e respaldado pelos seus amigos, Raimunda Fontes de Moura, Fábio Neiva, Erivan Lima e José Airton.

O Grupo Mutirão Arte e Cultura tinha como uma das suas principais bandeiras de luta a preservação das tradições artísticas, culturais e o incentivo constante aos valores da terra que estavam surgindo, fazendo com que essas pessoas se sentissem valorizadas no seu campo de atuação e se lançassem no mercado de trabalho.

Além disso, o grupo foi mais adiante nos seus propósitos, queria transformar o **Grupo Escolar Coelho Rodrigues** em uma **Casa de Cultura**. Coincidência ou não, esse primeiro grupo escolar de Picos terminou sendo tombado pelo Estado para receber todo acervo patrimonial do Museu de Ozildo Albano.

O Grupo Mutirão Arte e Cultura objetivava mobilizar a sociedade picoense no sentido de mostrar todas as atividades culturais locais. Mas, era preciso também ter um lugar apropriado onde pudesse organizar melhor as suas atividades culturais.

Surgiu a idéia de encaminhamento de um projeto de tombamento do antigo Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que se localizava na Praça Josino Ferreira, nº 404. Grupo esse que teve a sua construção e inauguração no ano de 1932, sob a direção do Intendente Municipal **Justino Rodrigues da Luz**. Então, foi nessa espacialidade em que o grupo cultural vislumbrou transformá-lo em uma Casa de Cultura.

O tombamento do Grupo Escolar Coelho Rodrigues terminou sendo uma pauta que não saiu da agenda do grupo, enquanto não vissem uma tomada de decisão pelos órgãos responsáveis pelo ato.

A artista plástica Raimunda Fontes de Moura reuniu-se com uma representante da Fundação Cultural do Estado do Piauí, para expor as alegações do Grupo e, durante a reunião, falou da importância de se ter uma Casa da Cultura, assim como a preservação de todo o conjunto arquitetônico que se localizava ao longo da Praça Josino Ferreira.

Esse **conjunto arquitetônico** era formado pelo prédio da antiga Prefeitura Municipal de Picos, da antiga biblioteca e do antigo educandário de Picos, o Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Antes mesmo de Ozildo Albano ter ocupado o cargo de Chefe do Departamento Municipal de Cultura, em 1983, o tombamento desses prédios fazia parte do seu discurso.

A preocupação com a destruição dos prédios públicos antigos, pela Prefeitura Municipal de Picos, uma vez que a cidade estava passando por mudanças na sua escrita urbana, era uma realidade. Então, as providências estavam sendo

tomadas, especificamente por esse grupo, que queria ver o empreendimento cultural que Ozildo Albano havia criado em Picos, o Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, em um espaço mais amplo e adequado para o funcionamento.

Raimunda Fontes de Moura defendeu ainda perante a representante da Fundação Cultural do Estado do Piauí, Maria José Alvares, que o museu de Picos possuía um dos maiores acervos do Estado e que o mesmo constava no **Guia Nacional de Museus**. Mostrou, com isso, a importância dessa instituição social para todos os picoenses e região.

Como se não bastasse, a integrante do Grupo Mutirão Arte e Cultura tentou sensibilizá-la dizendo que o museu de Picos só permaneceu prestando os serviços a toda a sociedade, devido aos esforços empreendidos pelo intelectual Ozildo Albano, uma vez que, enquanto viveu, havia custeado a sua manutenção com os seus vencimentos de juiz aposentado.

Apesar do esforço do Grupo, a Casa da Cultura não foi implantada em Picos, como inicialmente idealizada, mas conquistou-se algo de relevância para o município: a cessão do imóvel onde localizava o antigo Grupo Escolar Coelho Rodrigues para recepcionar o acervo do **Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha**, recebendo o nome de **Museu Ozildo Albano**.

O sonho de Ozildo Albano de ter um espaço próprio para o museu se concretizou em 14 de maio de 1999, dez anos depois do seu falecimento, o museu passou a funcionar no antigo prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

Oficialmente, no dia 12 de março de 1998, o Presidente da Fundação Cultural do Estado do Piauí, Osmar Ribeiro de Almeida Júnior, anunciou, no pátio do Grupo todo o trâmite de como se deu o processo para dar início à instalação do museu de Picos. Informou que o projeto foi orçado no valor de R\$ 128.000,00 (cento e vinte e oito mil reais). A verba foi oriunda do Ministério da Cultura e o Estado do Piauí daria uma pequena contrapartida de R\$ 20.000,00 (vinte mil reais).

Os passos seguintes, rumo à concretização do projeto, teriam a participação ativa da equipe de apoio da Fundação Cultural do Estado, através da diretora do museu do Piauí, Francisca Maria e da diretora do Arquivo Público do Estado, senhora Teresinha Cortez.

5.2 A catalogação do acervo do museu e o papel da Fundação Cultural do Piauí (FUNDEC)

Para completar o processo de tombamento, uma equipe de museólogos do Estado da Bahia ficou responsável pela restauração e a iluminação do prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Os museólogos organizaram os documentos e objetos musealizados, a fim de deixá-los em condições de serem expostos aos visitantes.

Na ocasião, o Presidente da Fundação Cultural do Estado do Piauí, estabeleceu que as obras do museu seriam prioridades e que teriam início na semana seguinte ao ato solene. Solicitou ao Prefeito municipal de Picos a transferência imediata dos alunos do Grupo Escolar Coelho Rodrigues para outro local, tendo em vista a urgência em devolver para a sociedade e região o acervo patrimonial do museu, para serem utilizados pelos estudantes, pesquisadores e o público em geral.

No dia 10 de novembro de 1998, chegou a Picos um grupo de museólogos de Salvador-BA, com o propósito de catalogar e inventariar o acervo patrimonial do museu. Dirlene de Oliveira Silva, Joana Angélica Flores Silva e Osvaldo Gouveia Ribeiro haviam sido contratados pela Fundação Cultural do Piauí (Fundec) e estavam na incumbência de deixar tudo dentro dos padrões exigidos da museologia.

Os museólogos redirecionaram a organização estrutural do acervo e apontaram didaticamente como seriam posicionadas as peças, no sentido de estabelecerem a linguagem própria do discurso do museu, facilitando o acesso do acervo ao público. Conforme Poulot (2013, p. 133),

[...]. O espaço do museu obedece, por sua vez, a uma disciplina de exposição que serve de prova ou de argumento na escrita da história ou na vulgarização de paradigmas científicos, considerando que a mola propulsora de seu colecionismo se apóia, desta vez, na necessidade da exaustividade ou da exemplaridade, em suma, tem a ver com a demonstração ao a edificação.

Dessa forma, a distribuição didática do acervo, nas salas do novo espaço do museu, buscou retomar o processo educativo criador inicial feito por Ozildo Albano. Os museólogos buscaram fazer a distribuição das peças pela escrita **histórico-temática** nelas presentes.

Cada objeto museal ficou adequadamente exposto nas vitrines, com seus respectivos históricos. Nada poderia fugir aos olhos dos visitantes, uma vez que estavam ali à espera da curiosidade daqueles que buscavam o conhecimento através de uma **educação patrimonial**. Entende-se por educação patrimonial, segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p.4), como:

[...] um instrumento de 'alfabetização cultural' que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.

A educação patrimonial torna-se, assim, o espaço de **alfabetização cultural** em que o sujeito se depara com objetos pretéritos, desprovidos de sua utilidade inicial e providos de nova significação, agregando-se neles os enredos históricos próprios do contexto sociocultural em que estavam inicialmente inseridos. A educação patrimonial promove o reconhecimento do homem enquanto membro de uma coletividade, dando-lhe conhecimento acerca de si mesmo, de sua própria identidade.

A maneira como os museólogos conduziram os trabalhos no museu Ozildo Albano facilitou as futuras exposições que iriam fazer parte da sua política cultural. Sem esquecer ainda de que a sua **reserva técnica** poderia ser usada sempre que a direção do museu achasse conveniente o rodízio dos objetos museais. Agindo assim, quando o visitante retornasse ao museu, teria um objeto museal diferente nos seus expositores para ser feito a devida fruição.

Outra novidade que ficou evidenciada foi a divisão de salas e de material expositor, tudo para fazer com que o visitante se sentisse à vontade frente aos objetos museificados.

5.2.1 O Museu Ozildo Albano e a distribuição temática do acervo por salas

É preciso apresentar a estrutura espacial do Museu Ozildo Albano e o modo como ficaram organizadas as salas a partir da categoria temática eleita pelos museólogos.

Não se enumerarão as peças contidas nas salas, apenas serão apresentadas algumas peças para ratificarem a organização das salas a partir de temáticas específicas.

No Museu Ozildo Albano, encontra-se arquivada a **Proposta de Planejamento e Montagem: Museu histórico de Picos Ozildo Albano**, assinada pelas museólogas Dirlene Oliveira Silva e Joana Angélica Flores Silva, datada de dezembro de 1998. Na introdução da proposta, as museólogas apresentam a importância da coleção que Ozildo Albano possuía sob sua guarda, para a sociedade picoense. Segundo Silva e Silva (1998, p. 02-03), ao informarem sobre a vinda delas ao município de Picos, para a organização do Museu Ozildo Albano:

Chegando a cidade de Picos, para a realização da segunda parte do trabalho, que tinha como metas, seleção e arrolamento das peças, pesquisa bibliográfica e de campo, percebeu-se o quão necessário era a criação do Museu para aquela comunidade, assim como era importante mostrar a figura simples e carismática que existia por detrás do preservacionista Ozildo Albano; figura de estatura mínima, mas de coração e mentes grandiosos, apareceu no cenário de Picos em meados deste século, o homem a quem a cidade deve a proteção de sua história e de seu povo. Dessa forma, reforçou-se a necessidade de criação do Museu, através da seleção minuciosa do acervo para uma mostra expositiva que dará a comunidade a certeza de proteger e perpetuar a sua história.

Pela narração das museólogas, pode-se afirmar que o trabalho realizado por Ozildo Albano até então, foi o de um **coleccionador**, a quem elas chamam de preservacionista, uma vez que, apesar de se ter o Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, cientificamente, o *status* de museu só foi adquirido a partir do trabalho das museólogas, que impuseram ao acervo a linguagem própria dos museus. Segundo Pomian (1984, p. 53), **coleção** é:

[...] qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público. É evidente que esta definição tem um carácter rigorosamente descritivo, e é também evidente que as condições que um conjunto de objectos deve satisfazer para que seja possível considerá-lo uma colecção excluem, por um lado, todas as exposições que são apenas momentos do processo da circulação ou da produção dos bens materiais, e, por outro, todas as acumulações de objectos formadas por acaso e também aqueles que não estão expostos ao olhar (como os tesouros escondidos), qualquer que seja o seu carácter. [...].

O trabalho das museólogas selecionando, arrolando as peças, fazendo pesquisa bibliográfica e de campo, assim como o enfoque na figura de Ozildo Albano foi que direcionou o acervo para a **museografia**.

Na Proposta de Planejamento e Montagem, as museólogas distribuíram o acervo nas salas, da seguinte forma, conforme Silva e Silva (1998, p.03):

Para essa montagem foram utilizadas três salas, sendo assim distribuídas:

SALA 01- Exposição de peças que compunham o quarto do colecionador e proprietário da maioria do acervo, Ozildo Albano.

SALA 02- Exposição de peças religiosas, incluindo imagens e oratórios, constituindo grande parte do acervo.

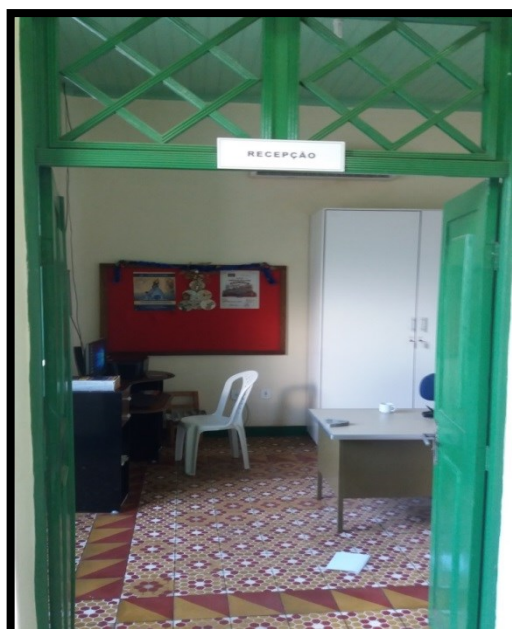
SALA 03- Exposição de objetos do cotidiano de Picos representando parte de sua cultura.

Das cinco salas existentes, foram usadas apenas três para a recepção de todo o acervo. Na sala 01, o memorial a Ozildo Albano; na sala 02, o acervo sacro e, na sala 03, objetos do cotidiano picoense.

Ao longo dos anos, a linguagem de distribuição do acervo, nas salas, sofreu alteração e, atualmente, encontra-se conforme ilustrações abaixo.

Logo na entrada, a primeira sala, à esquerda, conforme a ilustração 66, recebe a diretoria do Museu. Nela, o diretor e a secretária realizam as atividades administrativas. À direita, em frente à sala da diretoria, fica o único banheiro do prédio.

Ilustração 66 – Fotografia: Sala da Diretoria do Museu Ozildo Albano



Fonte: Arquivo particular do pesquisador

Para ter-se acesso às salas em que fica o acervo, atravessa-se um pequeno corredor. Observa-se, na ilustração 66, que o piso original em mosaico foi preservado.

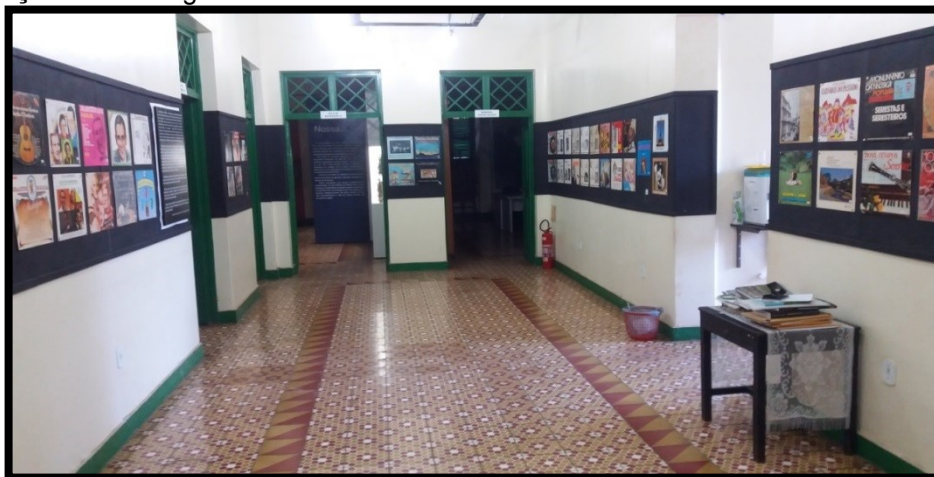
Ilustração 67 – Fotografia: Hall de entrada do Museu Ozildo Albano



Fonte: Acervo particular do pesquisador

No final do corredor, à direita, ficam duas salas: na primeira, fica exposto o **memorial a Ozildo Albano**; na segunda, fica exposto o **acervo de obras sacras**. Na ilustração 68, vê-se as salas mencionadas. Resta informar que as paredes externas das salas são usadas para a realização de exposições diversas.

Ilustração 68 – Fotografia: Entrada das salas do Memorial a Ozildo Albano e da arte sacra



Fonte: Acervo particular do pesquisador

A mesinha posta recepciona três livros: o livro de visitas, o livro de pesquisadores e o livro para escrita de mensagens. Através dos livros é possível identificar o fluxo de visitantes, assim como o perfil de cada pessoa que visita as dependências do museu.

À esquerda do corredor, ilustração 69, ficam duas salas: na primeira, fica a reserva técnica; na segunda, que foi fragmentada em três pequenas salas, recepciona: logo na entrada, exposições provisórias da reserva técnica e a galeria fixa de prefeitos picoenses; após isso, uma saleta e, na lateral esquerda, uma saleta destinada à restauração de peças.

Ilustração 69 – Fotografia: – Entrada das salas de reserva técnica e de restauração



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Abrindo a **sala de arte sacra**, tem-se acesso a diversas peças do universo cristão católico expostas em três expositores e diversas esculturas espalhadas: fixas nas paredes e em colunas de madeira dispostas na sala.

Ilustração 70 – Fotografia: Expositores com obras sacras



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Na ilustração 70, à direita, tem-se o expositor contendo objetos sacros, a saber: na parte superior do expositor, candelabro, porta-tinteira e pena, campainha, relicário, porta-paz, ostensório, campainha; na parte inferior, depósito para os santos óleos, galheta e sauva, naveta para incenso, lâmpada de azeite, porta-jóias, porta água benta, âmbula e sauva, candelabro. Ao lado, a escultura sacra de Nossa Senhora da Conceição.

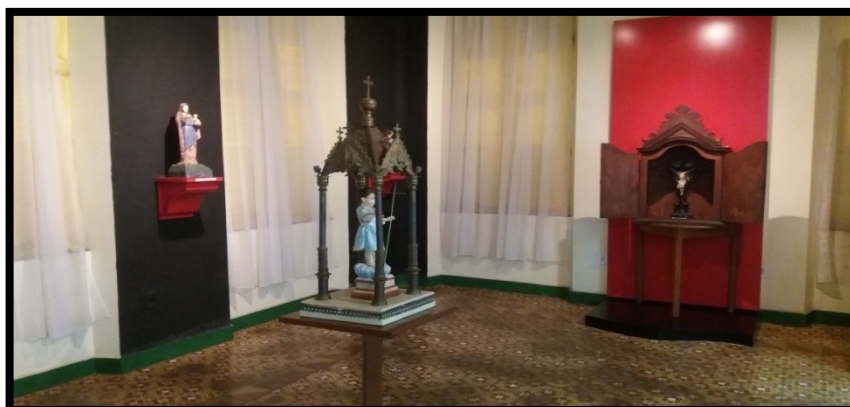
Ilustração 71 –Fotografia: Expositor com peças sacras cristãs



Fonte: Acervo particular do pesquisador

A distribuição do acervo sacro fora dos expositores de vidro, ao longo da sala, facilitou ao visitante a aproximação com as esculturas. Na ilustração 72, no centro, vê-se a escultura do Menino Jesus dentro de um baldaquino, à esquerda, fixa na parede, em um pedestal, a imagem escultural de Nossa Senhora das Vitórias; à direita do Menino Jesus, posta em um oratório, a escultura de Cristo Crucificado.

Ilustração 72 – Fotografia: Esculturas sacras cristãs



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Na sala reservada para homenagear o educador Ozildo Albano, o visitante tem a oportunidade de conhecer um pouco da sua história de vida, através de objetos que faziam parte do seu cotidiano. Há várias fotografias distribuídas nos expositores que enredam passagens importantes que aconteceram com ele.

Ilustração 73 – Fotografia: Expositores com objetos e fotografias de Ozildo Albano



Fonte: Arquivo particular do pesquisador

Na ilustração 73, em sentido horário, estão fotografias diversas da vida do educador Ozildo Albano, sua cama e, no expositor, sua Bíblia Sagrada, diploma da faculdade, réplica da placa de formatura, relógio de uso pessoal, gravador sonoro, o seu último livro de cabeceira, a saber, “A queda da Bastilha”, os óculos, o despertador.

Por essa sala, o visitante também se depara com uma biblioteca, com vários livros de títulos e áreas diversas. Em cada livro, as marcas autografadas do intelectual picoense Ozildo Albano que tinha nela um dos lugares onde passava uma boa parte da sua vida.

Ilustração 74 –Fotografia: Biblioteca de Ozildo Albano



Fonte: Arquivo particular do pesquisador

Outra sala com acervo é a que fica imediatamente em frente ao corredor de entrada. Trata-se da sala de arqueologia, em que estão expostos vários fósseis de animais e instrumentos de pedras.

Ilustração 75 – Fotografia: Entrada da sala de acervo fóssil



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Ilustração 76 – Fotografia: Expositor com fósseis de peixes



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Nessa mesma sala, foi criado um pequeno espaço lúdico onde as crianças podem enriquecer os seus conhecimentos, através de viagens pela fauna brasileira,

utilizando-se de um amplo painel de informações desde os primeiros animais pré-históricos até os que ainda vivem pelas florestas.

Depois que as museólogas concluíram a catalogação dos objetos museais do acervo patrimonial do museu e deixaram didaticamente organizados, por sua vez, a então presidente da Fundação Estadual de Cultura (FUNDEC), Maria de Lourdes Carvalho Rufino, responsabilizou-se por toda a parte legal referente à implantação do Museu Ozildo Albano, para com isso, enquadrá-lo dentro dos pressupostos básicos da museologia, estritamente recomendados pelo Conselho Internacional de Museus. Depois disso, era momento de abrir as portas para toda a sociedade picoense e região, para que todos pudessem reviver o passado da história picoense.

No ano de 2010, uma nova equipe de especialistas, composta pela historiadora Josiane Roza de Oliveira, pelo arqueólogo Saul Eduardo Seiguer Milder e pelo museólogo Idemar Ghizzo, esteve em Picos para realizar uma reforma no Museu Ozildo Albano e trazer para seu acervo novas peças de caráter arqueológico.

A equipe foi contratada pela empresa Iracema Transmissora de Energia S/A, sediada na cidade do Rio de Janeiro-RJ que, para obter liberação da licença de operação de seu empreendimento, precisou atender à determinação do IPHAN. Segundo consta na apresentação do “Projeto de guarda e curadoria definitiva do acervo relativo ao salvamento arqueológico da área abrangida pela LT 500 kv- Linha de transmissão São João do Piauí-Milagres (PI-PE-CE): Transferência do acervo para o Museu de Picos-PI”, objetivava:

[...] executar a transferência, garantir a guarda e realizar a curadoria do acervo arqueológico decorrente da Prospecção e do Salvamento realizado na área de abrangência da Linha de Transmissão de energia elétrica 500kv São João do Piauí-Milagres (PI-PE-CE) para o Museu Ozildo Albano, localizado no município de Picos-Piauí. O salvamento foi efetuado pela equipe da Antrópica Consultoria Científica, com endosso institucional do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas – LEPA, da Universidade Federal de Santa Maria. Realizado com autorização do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por meio da Portaria n.5. Anexo I, de fevereiro de 2009, Processo Administrativo n. 01450.001412/2009-78.

A equipe elaborou dois projetos a serem aplicados em Picos para a guarda e curadoria dos acervos oriundos do empreendimento da Linha de Transmissão São João do Piauí-Milagres (PI-PE-CE) e outro relativo à Linha de Transmissão 500kv Colinas-São João do Piauí (TO-MA-PI) que foi da responsabilidade da Empresa

Interligação Elétrica Norte e Nordeste S/A (IENNE). Segundo o “Projeto de guarda e curadoria definitivo”,

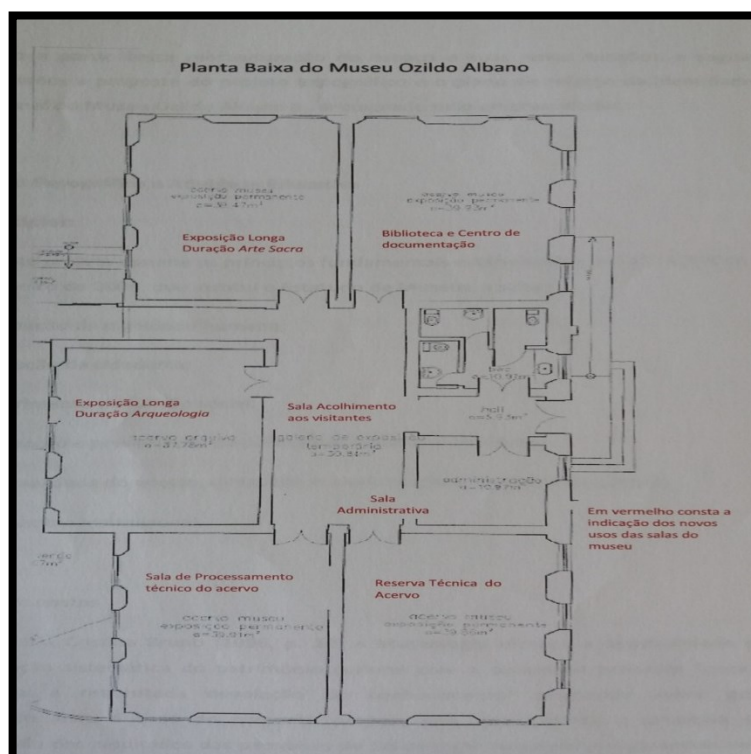
Os dois projetos objetivam dotar o museu de infra-estrutura para o desempenho de suas atividades e de um projeto expográfico produzido a partir das informações geradas pelas pesquisas de salvamento arqueológico.

Cada um dos empreendimentos responsabilizar-se-á por um enfoque do projeto. À Iracema Transmissora de Energia S.A. caberá dotar o Museu Ozildo Albano de infraestrutura para garantir a preservação e gestão do acervo a ser recebido e, a Empresa Interligação Elétrica Norte e Nordeste S.A. – IENNE, garantirá o processo de extroversão do conhecimento gerado pelas pesquisas arqueológicas decorrentes do salvamento, com a execução de um projeto expográfico.

Para a execução do projeto, entre os anos de 2011 e 2014, houve a análise da infraestrutura do prédio do Museu para a recepção das novas peças e sua preservação, com isso foi elaborado um **Plano Museológico** que culminou com a reforma do prédio, aquisição de mobiliário, novas instalações elétricas e hidráulicas, acondicionamento de ar condicionado, troca da cobertura do prédio e outros.

Abaixo, ilustração 77 com a planta baixa do Museu Ozildo Albano contida no “Projeto de guarda e curadoria definitiva” da Antrópica Consultoria Científica.

Ilustração 77 – Imagem: Planta baixa do Museu Ozildo Albano



Fonte: Museu Ozildo Albano

Através da planta-baixa é possível visualizar a atual estrutura física do Museu Ozildo Albano.

5.3 A administração do Museu Ozildo Albano após sua morte

Para dar continuidade ao projeto criado por Ozildo Albano, o museu passou a ser administrado pela família do educador e intelectual picoense. Em matéria publicada pelo Jornal Meio Norte, em 04 de março de 2001, com o título “Fundec realiza ação em Teresina e Picos”, a Presidente da Fundec senhora Lourdes Rufino, assim se pronunciou sobre o contrato de comodato que o Estado do Piauí celebrou com a família de Ozildo Albano:

[...] Nós estabelecemos um comodato onde a família emprestou ao Estado aquelas peças para que nós pudéssemos expor ao público. Mas elas pertencem aos proprietários, no momento em que a família quiser tirar todas de lá, ela tira. [...] O acordo é que o Estado dê todas as condições para o funcionamento do museu. A família administra e se o Estado deixar de cumprir alguma cláusula que coloque em risco alguma peça, então, a família terá o direito de rescindir o contrato.

Pela informação da Presidente da Fundação Estadual de Cultura, a família de Ozildo Albano ficou responsável em cuidar do patrimônio cultural deixado pelo intelectual picoense. Em contrapartida, o Estado do Piauí daria o suporte financeiro para que o museu pudesse atender ao público visitante. Feito desta forma, caso o Estado deixe de cumprir alguma das cláusulas do contrato de comodato, a família poderá, a qualquer momento, recolher o acervo.

Depois de todas as formalidades necessárias, no dia 14 de maio de 1999, às 18:25h, as novas instalações do Museu Ozildo Albano foram entregues. A solenidade marcou uma nova caminhada do museu na cidade, uma vez que não se tinha a presença de seu fundador.

A ilustração 78 contempla o momento da solenidade de transferência do museu para o antigo espaço do Grupo Escolar Coelho Rodrigues. A presença dos populares, na praça em que fica encravado o museu marcou o momento festivo.

Ilustração 78 –Fotografia: Inauguração do Museu Ozildo Albano



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na ocasião, estiveram no evento o Governador do Estado do Piauí, Francisco de Assis Moraes Sousa, autoridades políticas locais e intelectuais do Estado.

Vê-se, na ilustração 79, o então governador do Piauí, no interior do museu.

Ilustração 79 – Fotografia: Ex-Governador do Piauí Francisco de Assis Moraes Sousa



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na inauguração do museu, usaram também da palavra a Presidente da Fundação Cultural do Estado do Piauí, Maria de Lourdes Carvalho Rufino, o Juiz de

Direito e Presidente da Academia Picoense de Letras, Edvaldo Pereira de Moura e Maria da Conceição Albano, irmã de Ozildo Albano.

Ilustração 80 -Fotografia - Maria da Conceição Albano discursando na inauguração do novo prédio do Museu Ozildo Albano (1999)



Fonte :Museu Ozildo Albano

A ilustração 80 registrou o momento em que a senhora Conceição Albano discursou na solenidade de transferência do museu.

No dia 17 de agosto de 2007, com o propósito de levar adiante o projeto de preservação da cultura picoense, iniciado por Ozildo Albano, a família do intelectual picoense decidiu criar a **Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano (AAMOA)**, que teve o respaldo da Fundação de Apoio à Cultura do Estado do Piauí (FUNDAC).

A Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano (AAMOA) tem um papel social importante, uma vez que os membros da diretoria servem como ponte de

apoio entre o museu e a sociedade, na difusão e preservação dos valores culturais, algo que o intelectual Ozildo Albano fez durante muitos anos.

A sessão solene de criação da Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano aconteceu no auditório da Associação Comercial e Industrial de Picos. Durante o evento, a senhora Olívia da Silva Rufino Borges cantou o Hino Nacional Brasileiro. Em seguida, ocorreram os pronunciamentos temáticos. Fizeram uso da palavra a professora Maria Oneide Fialho Rocha, que relatou em linhas gerais o percurso dado pela equipe pró-fundação da Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano e da sua importância para a difusão da cultura picoense.

A professora Olívia da Silva Rufino Borges fez uma apresentação biográfica de Ozildo Albano, destacando a importância de sua obra deixada para todos os picoenses. Logo em seguida, falou a Coordenadora do Museu do Piauí, a senhora Dora Medeiros, que exaltou a importância da criação da Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano.

O Diretor dos Museus do interior do Estado do Piauí, o senhor Milton Florência, fez uma abordagem sobre os acervos culturais e sua importância para a sociedade. Depois dos pronunciamentos, o sobrinho de Ozildo Albano, Gustavo Albano de Moura, fez a leitura do Estatuto Social da AAMOA que foi, em seguida, colocado em apreciação para aprovação.

A primeira Diretoria da Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano tomou posse para o biênio 2007-2009, ficando assim composta: Presidente: Maria da Conceição Silva Albano, primeiro vice-presidente: Vilebaldo Nogueira Rocha, segundo vice-presidente: Albano Silva, primeiro secretário: Gustavo de Moura Albano, segundo secretário: Raimundo Fontes de Moura, primeiro tesoureiro: Francisco de Moura Santos, segundo tesoureiro: Raquel Antônia da Silva, diretoria de relações públicas: Hercília Maria da Luz, conselho fiscal: Geraldo Dantas Lélis, segundo conselheiro fiscal: Maria de Lourdes Leal, terceiro conselheiro fiscal: Maria Helena Araújo Luz, suplentes: Raimundo Nonato Fontes, Olívia da Silva Rufino Borges e Maria Eunice Soares Teixeira.

A ata da sessão solene de criação e fundação da Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano, com a eleição e posse da sua primeira diretoria, no dia 17 de agosto de 2007, ficou assim redigida:

Aos dezessete dias do mês de agosto do ano de dois mil e sete, às dezenove horas, no auditório da Associação Comercial e Industrial de Picos, Piauí, localizada na Avenida Nossa Senhora de Fátima, número oitenta e três, realizou-se a sessão solene de criação, fundação da Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano e eleição, posse de sua primeira diretoria, tendo sido presenciada e prestigiada por autoridades e diversas pessoas da comunidade picoense. A programação fora conduzida pela mestre de cerimônias, a jornalista e professora Amanda de Cássia Campos Reis Bezerra Filgueira, assessorada por Ana Márcia de Moura Albano; obedecendo ao protocolo a seguir: a) Solenidade de abertura, composição da mesa de cerimônias pelas autoridades convidadas no momento; cântico do Hino Nacional pela senhora Olívia da Silva Rufino Borges; b) Pronunciamentos temáticos; primeira palavra com a educadora Maria Oneide Fialho Rocha, relatando sucintamente os passos dado pela equipe pró-fundação da Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano, AAMOA, e de sua elevada importância para a cultura picoense. Segundo pronunciamento, a acadêmica da “ALERP” e artista, escritora picoense, senhora Olívia da Silva Rufino Borges, fazendo emocionante narrativa “in memoriam” de seu íntimo amigo José Albano de Macedo, “Ozildo Albano”. Terceira palavra, com a Coordenadora do Museu do Piauí, senhora Dora Medeiros, exaltando a importância das Associações de Amigos dos Museus do Piauí e, quarto pronunciamento, pelo senhor Milton Florêncio, diretor dos Museus do interior, abordando o caráter político, dinâmico e responsável pelos acervos culturais. Em seguida, procedeu-se a leitura do Estatuto Social da Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano, proferida por Gustavo de Albano Moura. O estatuto apresentado de forma verbal e interativa com o “Data-Show” fora colocado em apreciação para aprovação, ressaltando a informação de que o referido estatuto baseia-se no Estatuto Social dos Amigos do Museu do Piauí, tendo sofrido alguns adendos para melhor adequação a nossa realidade. E, não havendo manifestação de protesto ou de reprovação, deu-se como aprovado pelos presentes o Estatuto Social da “AAMOA”. O protocolo prosseguiu com a apresentação da primeira Diretoria da AAMOA, colocando-a publicamente para aceitação e aclamação. Em seguida, fez-se a apresentação pública e aclamação do Conselho Fiscal e suplência. Tendo sido ambos aprovados pelos presentes a essa sessão solene, procedeu-se a posse da primeira Diretoria da AAMOA, outorgada pelo Diretor do Museu Ozildo Albano, senhor Albano Silva. Na sequência, a presidente eleita e empossada, nomeou os empossantes do Conselho Fiscal, considerando-se, assim, empossados, recebendo aclamação (em palmas). Considerando-se eleitos e empossados, registramos neste espaço os nomes e cargos dos membros que constituem oficialmente a primeira Diretoria da Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano para o biênio de dezessete de agosto de dois mil e sete a dezessete de agosto de dois mil e nove. Presidente: Maria da Conceição Silva Albano, primeiro vice-presidente: Vilebaldo Nogueira Rocha, segundo vice-presidente: Albano Silva, primeiro secretário: Gustavo de Moura Albano, segundo secretário: Raimundo Fontes de Moura, primeiro tesoureiro: Francisco de Moura Fontes, segundo tesoureiro: Raquel Antônia da Silva, diretoria de relações públicas: Hercília Maria da Luz. E do Conselho Fiscal, registramos o primeiro, Geraldo Dantas Lélis;

segundo, Maria de Lourdes Leal; terceiro, Maria Helena Araújo Luz. E da suplência, primeiro Raimundo Nonato Fontes Leal; segundo, Olívia da Silva Rufino Borges e terceiro, Maria Eunice Soares Teixeira. [...] Eu, Raimunda Fontes de Moura, grafei esta importante ata de criação, fundação e posse da primeira Diretoria da AAMOA, apresentando-a verbalmente a comunidade picoense, presente no auditório da Associação Comercial e Industrial de Picos, para ser apreciada e, ao ser reconhecida em caráter verídico, receberá assinaturas das pessoas que acataram. Sem nada mais a relatar, culmino a grafia desta ata com minha assinatura a qual será seguida pelas assinaturas dos demais que presenciaram e aprovaram. Picos, Piauí, dezessete de agosto de dois mil e sete.

A constituição da Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano oportunizou aos picoenses e demais interessados em contribuir mensalmente com ajuda financeira para a manutenção do Museu.

Era necessário fazer algo para ajudar na continuação do funcionamento regular do Museu Ozildo Albano, uma vez que apenas o auxílio do poder público era insatisfatório, demandando participação social no processo.

5.4 A organização estrutural do Museu Ozildo Albano: Revelando o conteúdo do acervo

A aquisição de um espaço amplo e específico favoreceu maior acesso da população ao acervo e a oportunidade de uma educação patrimonial. Segundo Silva (2016, p.371):

[...]. Eu lembro que a maior parte das coisas era guardada dentro de um baú, no quarto de Ozildo. Quando chegava uma pessoa, Ozildo abria o baú e tirava peça por peça e mostrava e, depois, botava de novo. Ele e eu fazíamos isso. O espaço lá era pequeno, na Avenida Getúlio Vargas. [...] E outra coisa também, não tinha outra fonte de pesquisa aqui. Ozildo gostava de estudar, de leitura, de incentivar e os alunos não tinham outra fonte de pesquisa. Era somente no museu. Ozildo ia no escuro, ele chegava e dava o livro, o lápis, a caneta, a máquina de escrever, o papel e o assunto. Ozildo sabia onde tinha qualquer assunto. Tinha dias que o Ozildo chegava e dizia: - Não tem nada para eu lê. Ele lia o que interessava a ele. Ele não ia lê um dicionário.

A dinâmica de acesso ao acervo alterou em todos os sentidos, mas o propósito inicial foi mantido. Antes do espaço próprio, o contato com as peças se dava de forma interativa com o educador Ozildo Albano, que pessoalmente abria os **baús-museus** para os visitantes e empreendia sua narrativa sobre os objetos de sua coleção.

O museu é um espaço educativo em sua essência. Nele, o visitante é apresentado ao passado e seus enredos, através de peças que metonimicamente informam dados sobre épocas distantes. Ao ter conhecimento disso, Ozildo Albano coletou, catalogou e organizou peças capazes de informarem sobre a história não apenas de sua família, mas, sobretudo, de sua cidade e outros lugares.

Educar através do acervo disponível fez com que sua prática educativa atravessasse o tempo e chegasse a incontáveis gerações. Não mais estaria abrindo os baús e narrando seu conteúdo, mas permaneceria narrando *ad infinitum* através do acervo. Com isso, Ozildo Albano tornou-se educador que se inscreveu no passado, no presente e no futuro.

No museu há documentos/monumentos que dizem muito de uma época, das práticas cotidianas que se evidenciaram na cidade em diferentes passagens do seu tempo histórico. Quando se entra no Museu Ozildo Albano, têm-se inúmeros fragmentos históricos pelas salas de exposição. Em cada uma delas, a presença viva do passado de Picos. Cada objeto toca o visitante de forma diferente, mesmo aquele artefato que faltou uma das suas propriedades essenciais, denuncia os valores culturais que nele se inscrevem.

Necessário, então, conhecer algumas das peças disponíveis no Museu Ozildo Albano e que contam a história e descrevem a cultura picoense e de outros povos. Não se fez um inventário de todo o acervo, pois essa não é a pretensão, mas apenas uma amostragem do que se pode encontrar naquele espaço educativo, por categoria.

5.4.1 A pinacoteca como espaço de educação para o belo

Alguns pintores da região de Picos possuem suas telas expostas no acervo permanente do Museu Ozildo Albano, dentre eles, José de Carvalho Brito e sua obra **Bar do Pipoca**.

Ilustração 81 – Fotografia: Quadro Bar do Pipoca



Fonte: Museu Ozildo Albano

Na tela **Bar de Pipoca**, ilustração 81, vê-se o registro da parte interna do bar que funcionou em Picos, nas imediações da Praça Félix Pacheco, com mobiliário simples, destaque para a sinuca em que os freqüentadores do local se divertiam, fazendo suas jogadas e apostas, além das garrafas de bebidas sobre tábuas fixadas na parede.

Por esse quadro, brotam fragmentos da história da cidade, que acompanham o picoense por muitos anos. Já não é possível encontrar o bar, porque o tempo vivido do artista ficou para trás. Teve de reconstruir através da sua memória o que um dia estava ali, como espaço de lazer e entretenimento.

Ao se deparar com esse quadro, Ozildo Albano o adquiriu, pois sabia que a representação nele posta cristalizava uma parte da história dos espaços de entretenimento da cidade, que a tela trazia consigo significados de um tempo e que ao ser exposto no seu museu, muitas lembranças viriam à tona.

Outros recortes sobre o que se encontra por trás desse objeto cultural, que retratou o **Bar do Pipoca**, merecem ser enredados. Em uma das crônicas da vida picoense, do escritor José Aécio Bezerra Lima, o Dico Leão, intitulada **Do mesmo**

jeito, trouxe para o campo literário uma das espacialidades que marcou uma época na cidade de Picos. Assim, segundo Lima (2002, p.25-26),

Criou-se uma lenda em torno do bar do Pipoca, de que lá não entrava freguês do sexo feminino. Nem na véspera de natal ou ano novo, dias em que a praça Félix Pacheco fervia de gente, tanto da cidade como vinda do interior, as mulheres não tinham a ousadia de permanecerem em seu recinto nem mesmo para beber um simples refrigerante.

Lá, era uma espécie de Clube do Bolinha – recinto só para homem – onde se podia jogar baralho, dominó, sinuca, visp e saborear um aperitivo. Além de ser um fórum privilegiado para discussão de futebol, política e vida alheia, era o local onde se podia também, saber da chegada de raparigas novas nos cabarés de Picos.

Dedé trouxe uma nova rodada, a cana já estava deixando gente afoita. No entanto, os políticos picoenses continuavam sendo o assunto polêmico do dia. Uns diziam que a oposição falava mal do governo, mas sonhavam com o poder para praticar os mesmos atos de corrupção.

- Paciência! ... (refutaram).

A verdade é que a situação vive da política e a oposição para a política.

- Que nada. Todos são farinha do mesmo saco.

Vamos fazer uma apostinha? A primeira pessoa que entrar aqui, interrogaremos para sabermos a opinião dela sobre as correntes políticas picoenses. Eu digo que são todos iguais e você diz que são diferentes. Quem for vencido na votação paga a despesa.

Ainda não se sabe se foi por ironia do destino ou por causalidade, a primeira pessoa a entrar no bar foi Pedro – doente mental que vivia na calçada do Banco do Brasil – mandaram pôr uma dose dupla de pinga, Pedro bebeu com sabor, quando ele ia saindo perguntaram:

- Pedro, que acha dos políticos de Picos?

Ele deu uma bela gaitada e respondeu:

- Do mesmo jeito.

Como se pode ler, o Bar do Pipoca era um documento/monumento de uma época. Uma de suas especificidades era que só entravam nele fregueses do sexo masculino. Não se cogitava a entrada de mulheres, uma vez que as conversas se restringiam a uma espécie de Clube do Bolinha.

Além da sinuca que fazia parte do salão do bar do Pipoca, havia ainda uma prática que se evidenciava por trás da velha porta, ao fundo, os jogos de baralho, dominó e visp. Essa prática vinha acompanhada de uma dose de pinga e de muitas discussões envolvendo futebol, política local e os recortes da vida alheia. Mas, era também nesse local, onde os homens de Picos sabiam da chegada de prostitutas, nos bordéis locais. Segundo Nascimento (2002, p. 172),

As pessoas têm as suas lembranças narradas. Não podemos revivê-las porque não compartilhamos da cidade por elas descritas; partilhamos sim de uma cidade onde a relação entre memória e o esquecimento pode ser objetivada por meio de um discurso. Não podemos esquecer, entretanto, que o espaço de uma rua ou de uma praça funcionam como detonadores das lembranças e também como documento/monumento.

A tela Bar do Pipoca serve como um detonador de lembranças, pois reside na memória coletiva dos testemunhos da história de Picos. Mesmo que não se consiga visualizar mais esse monumento que fazia parte da paisagem urbana da cidade, mas os discursos em torno dele ainda persistem, nos que freqüentaram aquele recinto.

Ozildo Albano viveu esse período em Picos, sabia que essa espacialidade marcou, sobremaneira, os homens que um dia frequentaram as suas dependências. Adquiriu o quadro como forma de deixar viva a memória sobre esse monumento picoense e, através dele, perpetuar as imagens sociais.

A sua preocupação com a preservação cultural advinha do fato de que se não houvesse a intervenção de alguém, tudo que estava disponível, certamente iria tomar um rumo diferente. Através do museu e seu patrimônio educativo, conseguiu educar o homem local.

O museu foi a estratégia usada por Ozildo Albano para levar ao público visitante conhecimentos diversos. Do abrir os **baús-museus** ao abrir as portas da **sala-museu**, o educador ensinava sem que o ouvinte-visitante percebesse que estava sendo educado.

Essa abertura cultural que Ozildo Albano deu para a sociedade picoense fez com que, aqueles que um dia tiveram a oportunidade de vivenciar os momentos de aprendizagem dentro do museu, desenvolvessem sentimentos de pertencimento. E, em meio a esse processo, aprenderiam dar valor a todos os conhecimentos presentes em cada documento e objeto que se encontravam guardados e preservados por ele.

Na promoção da educação para o belo, outros pintores foram escolhidos para terem suas telas expostas no Museu Ozildo Albano. Dentre eles, o piauiense Tácito Fontes de Moura Ibiapina (1950-2016) e sua tela retratando a cultura das vazantes, no Rio Guaribas.

Ilustração 82 –Fotografia: Tela de Tácito Ibiapina



Fonte: Museu Ozildo Albano

As vazantes, no leito do rio Guaribas, fizeram parte da história econômica do município de Picos. Segundo Duarte (1995, p. 20),

A parte do rio Guaribas que tinha essa influência mais direta para a cidade era aquela que se estendia da localidade chamada **Catavento**, a nordeste, até a **Passagem das Pedras**, a sudeste. Em termos de contribuição econômica para a cidade, havia uma espécie de divisão, de seccionamentos, do leito do rio. Alguns trechos, correspondentes a propriedades particulares, eram dedicados às culturas de vazante realizadas durante o verão, como alface, coentro, cebolinha, cebola e, sobretudo, o alho, de que o município chegou a ostentar, por vários anos, o título de maior produtor nacional.

Por conhecer e ter vivido a época das vazantes, no rio Guaribas, Ozildo Albano facilmente explicava a proposta do conteúdo representado na tela do artista Tácito Ibiapina, ilustração 82.

Para as gerações que não viveram a época das vazantes, o significado daquela representação talvez não fosse captado sem a devida mediação cultural. Ao narrar o enredo da tela, Ozildo Albano retomava dados históricos e econômicos da população ribeirinha local.

Outro artista que tem seu trabalho exposto no acervo do Museu Ozildo Albano é o pintor Albano Silva com a tela retratando a casa do jurista picoense Antônio Coelho Rodrigues (1846-1912).

Ilustração 83 – Fotografia: Tela de Albano Silva



Fonte:Museu Ozildo Albano

Na tela da ilustração 83, vê-se a representação da casa de Coelho Rodrigues, na fazenda Boqueirão, em Picos. Em artigo escrito no Jornal O Macambira, nº 89, em 30 de junho de 1982, Ozildo Albano informou que:

Na casa grande da Fazenda Boqueirão, ainda hoje existente e distante quinze quilômetros da cidade de Picos, nasceu COELHO RODRIGUES, filho legítimo de Manoel Rodrigues Coelho e de (sua esposa) D. Joaquina de Sousa. Era descendente de um dos primeiros desbravadores dos sertões piauienses, e seus ascendentes tanto da família Coelho Rodrigues, como da família Sousa Martins, lutaram bravamente na Guerra da Independência, inclusive o bravo Clementino de Sousa Martins, morto na Balaçada.

Coelho Rodrigues foi professor na Faculdade de Direito de Recife-PE, traduziu as **Institutas** de Justiniano, escreveu o **Projeto do Código Civil**, em 1893, recusado por questões partidárias. Foi Senador da República e Prefeito do Rio de Janeiro.

Por conhecer os dados biográficos de Coelho Rodrigues, Ozildo Albano explicava, pela tela de Albano Silva, a história de vida desse ilustre picoense, aos visitantes do museu. Essa mediação cultural, através da pintura, além de valorizar o

trabalho do artista, servia para que a história de vida de um cidadão ilustre do município viesse à tona.

A artista plástica picoense Mundica Fontes também tem seus trabalhos no acervo do Museu Ozildo Albano. Das telas, destaca-se a que retrata a mulher em harmonia com a natureza.

Ilustração 84 – Fotografia: Tela de Mundica Fontes



Fonte: Museu Ozildo Albano

Com traços marcados por forte sensualidade, a tela de Mundica Fontes apresenta a figura feminina desenhada pela tonalidade da liberdade, através das figuras aladas pousadas em seu corpo nu. Ozildo Albano agregou as telas de Mundica Fontes no acervo do Museu, abrindo espaço para o discurso feminino, em forma de arte.

Tanto no campo da educação não-formal, que foram as práticas educativas desenvolvidas por Ozildo Albano no museu, quanto no campo da educação formal, que foram as práticas que ele desenvolveu na sala de aula, foram espaços onde levou o conhecimento de forma contextualizada e mostrou para o seu auditório os desvios que se encontravam por trás de cada acontecimento. Agindo dessa forma, ele conseguia atingir os seus objetivos, que era dar ao picoense um conjunto de conhecimentos capazes de transformá-los em pessoas críticas e preparadas para enfrentarem o meio em que se encontravam inseridos.

5.4.2 A educação através do acervo epistolar

Cartas que retratam a escravidão, no Estado do Piauí, fazem parte do acervo do Museu Ozildo Albano. Documentos que exigem uma leitura crítica, pois como esclarece Le Goff (2003, p.110), “[...] Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado”. Sendo assim, compete ao visitante interpretar cada peça do museu, informar-se sobre sua história para, assim, dar a ela significado.

Em uma visita de familiares do primeiro fotógrafo de Picos, Cristino Varão, ao Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha, assim relatou Ozildo Albano sobre as cartas referentes ao período da escravidão no Piauí, nos seguintes termos:

O arquivo importante que nós temos é a parte de documentação. O bisavô de nossos avós que relata todos os fatos da história do Piauí, naquela época, quando Oeiras era a capital do Piauí. E, dentro do arquivo, a parte mais importante é a referente a escravos. Por que? Porque o próprio Rui Barbosa quando foi Ministro da Fazenda, ele mandou queimar toda documentação sobre escravos, acabando com as raízes, com essa bobagem. [...] No ano passado, o pessoal do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro veio aqui especialmente para documentar e registrar tudo que nós tínhamos sobre escravos. [...].

Pela narrativa de Ozildo Albano, percebe-se a importância que ele dava ao acervo documental do seu museu. Situou para os visitantes que a parte documental que ele estava mostrando era de quando Oeiras foi a primeira capital do Estado do Piauí.

Ozildo Albano alude às cartas que faziam referência ao bisavô de seus avós e que as mesmas traziam em si toda a materialidade sobre os fatos relacionados à História do Piauí. E, no seu conjunto, uma parte que retrata o período da escravidão no Piauí. Foi neste momento em que ele fez lembrar aos visitantes que o Ministro da Fazenda, Rui Barbosa, empreendeu esforços para que toda a documentação sobre escravos, que existiam no Brasil, fosse queimada.

Incisivamente, Ozildo Albano contestou a atitude do Ministro Rui Barbosa. Podendo-se ler, entre outros, que mesmo tendo sido um período triste da História do Brasil, não se poderia eliminar as documentações que traziam dados importantes sobre aquele contexto, pois, se assim fosse feito, estariam acabando com as raízes históricas nacionais.

Esse dado, coletado em um arquivo de vídeo com o educador e seus amigos, mostra a importância educacional das cartas históricas que formam o acervo epistolar do Museu. Através desses documentos, os visitantes obtêm informações de um período da história brasileira que ainda precisa ser muito pesquisado, pois ainda há muito a ser revelado.

Nesse processo de recolha documental, o educador Ozildo Albano percebeu a significação histórica daquelas cartas e a necessidade de preservá-las para que as gerações futuras tivessem acesso ao que se tentou apagar.

Entre outros, Ozildo Albano destacou que recebeu no seu museu pesquisadores do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro com o propósito de documentar e registrar o que o acervo do museu tinha em termos de documentos sobre a escravidão no Brasil. Folheando os seus álbuns, mostrou aos visitantes algumas cartas sobre a escravidão. Dentre elas, uma que ele leu para todos, nos seguintes termos, adequando à linguagem atual, a saber:

[...]. Digo eu, abaixo assinado, que entre os mais bens que possuo livres de embargo, penhora e hipoteca é bem assim uma escrava de nome Protazia, nação crioula cuja escrava a possuo por compra e por ser minha, faço com ela e três crias pagamento de \$ 1 conto de réis, que me achava a dever ao senhor, Capitão-Mor João Gomes Caminha. As três crias seguinte Eduardo, Raimundo e Vicente, as quais ficam sendo de hoje e para todo sempre do dito senhor. Por isso, transfiro-lhe todo o poder que nos ditos escravos tenho para que possa os gozar como seus que são e ficam sendo, e não poderão os meus herdeiros em tempo algum anularem dita paga, pois foi feita de minha livre vontade, sem constrangimento de pessoa alguma. E rogo a justiça de S.M.I sendo falte alguma cláusula ou cláusulas, neste mesmo título que as dê por firme e valiosa, como se de cada um fizesse especial menção e por escrever mal, pede a rogo a Jesuyno de Barros e Alencar, esta por mim se passe e com testemunha a signar-se.

Nicacio, 5 de abril de 1814.

Joaquim Raid Costa

Jesuyno de Barros e Alencar

O conteúdo da carta revela como se dava o processo de compra e venda de escravos. Na carta datada de 5 de abril de 1814, vê-se como se comportava o vendedor de escravos, no caso, um devedor de um conto de réis ao senhor Capitão-Mor João Gomes Caminha. A quitação da dívida se deu com a transmissão da posse da escrava Protazia e seus três filhos, chamados de crias, Eduardo, Raimundo e Vicente.

O acesso a esse tipo de documento permite o visitante visualizar, um pouco, como se davam os negócios jurídicos que tinham como base econômica a compra e venda de escravos. Por ser documento histórico, carrega, em si mesmo, a **força educativa**.

Cada visitante que frequentou o museu, quando Ozildo era vivo, tinha a oportunidade de ouvir as explicações sobre as cartas pelo próprio educador. Naquelas conversas, o mediador cultural explicava o necessário ao aprendiz que ali se encontrava e a educação acontecia.

A mediação cultural era feita de forma crítica e respeitando os fatos que se alojavam em cada documento histórico. Segundo Lélis (2016, p.376), ao relatar sobre os documentos que possuíam relação com a escravidão no Estado do Piauí, informou que:

Ozildo tinha ideias ousadas, esse museu foi uma delas. Esse museu dele, ele dizia que talvez fosse o único, no Brasil, onde tem cartas vendendo e comprando negros, vendendo uma negra de tantos anos, prenha. Ozildo disse que Rui Barbosa fez uma campanha para quem tivesse uma carta dessas, comprando e vendendo negro podia queimar, porque era uma vergonha. Aí, Ozildo disse: - Rui Barbosa não viu o fato histórico, ele não viu a história.

A narrativa de Lélis (2016) ratifica sobre a preocupação de Ozildo Albano em compartilhar com os visitantes temas históricos como o da escravidão, no Brasil e como o poder público, no pós-abolição, comportou-se frente às provas do período.

A prática educativa evidenciada nas apresentações do acervo – fosse ela de quadros, moedas, cartas, livros, imagens sacras e outros – era voltada para o conhecimento do enredo histórico inscrito na peça.

A informação sobre a tentativa de Rui Barbosa de eliminar os documentos sobre a escravidão, entra em cena como acontecimento nacional informado a partir das cartas de compra e venda de escravos no Piauí. Nas cartas não há essa informação, mas Ozildo Albano, ao apresentá-las, fazia o cruzamento da História Nacional com a História Local, para dar significação contextualizada do conteúdo apresentado.

Nas cartas históricas relacionadas à escravidão, o visitante pode entrar em contato com uma leitura que mostra um pouco do período monárquico e as práticas de compra e venda de humanos negros, no Piauí.

Há, dentre outros, pedidos para alforriar escravos, venda de escravo para fazer o funeral de marido, carta mandando prender escravos fugitivos, venda de escravos com testemunhas, enfim, inúmeras relações sociais que ficaram registradas em documentos e que chegaram até o conhecimento dos picoenses, porque Ozildo Albano viu a importância deles.

Quando lia os documentos para os visitantes, explicava os fatos que ali estavam narrados. Tirava as dúvidas e mostrava o contexto em que se evidenciou tudo aquilo. Mas, ele fazia de uma forma tal que a sua mediação era como se fosse uma viagem ao passado histórico conservado no documento por ele manuseado.

Dessas viagens históricas, uma não poderia ficar de fora: uma pequena carta, no meio das demais, que despertava a atenção dos consulentes. Pequena no tamanho do papel, mas grande pela dimensão que foi a escravidão no Estado do Piauí. Nela, o registro de venda de uma criança escrava de apenas sete meses de idade, como o que se pode constatar logo abaixo, através de uma transcrição, adequando-a aos padrões normativos da língua.

Luís Vieira da Cruz quer vender ao Capitão-Mor José Gomes Caminha, uma escravinha de nome “F” com idade de 7 meses, pela quantia de \$ 130 réis, moeda corrente, por isso pede distribuição.
Oeiras, 12 de abril de 1851.
Luís Vieira

Para facilitar o acesso ao conteúdo de todos os documentos, que se encontram no museu, Ozildo Albano fez a transcrição de uma boa parte deles, para folhas manuseáveis pelos visitantes. Tinha a preocupação de colocar as palavras da mesma forma que estavam no documento. Com isso, os visitantes consultavam os documentos originais e liam, em uma folha datilografada, a transcrição dos documentos.

Trata-se, assim, de uma prática educativa voltada à facilitação da aprendizagem. As cartas são documentos antigos e escritos em linguagem própria de séculos remotos e caligrafia, às vezes, de difícil entendimento. A transcrição das cartas, datilografando-as, além de proteger o documento original, tornava a assimilação de seu conteúdo mais acessível ao visitante.

5.4.3 O Código de Posturas como amplo projeto educativo

Outra modalidade de documento encontrada no Museu Ozildo Albano é a legislação, como o **Código de Posturas de Picos**, do ano de 1901.

De autoria do Intendente Joaquim das Chagas Leitão, o Código de Posturas entrou em vigor no dia 21 de outubro de 1901. Esse Código representou um marco de civilidade, haja vista que normatizou os comportamentos, a moralidade, o controle e as proibições no âmbito do município.

Dentre outros apontamentos normativos, o Código de Posturas discorria sobre as “Escolas Municipais”, no seu capítulo XIV, artigos 82 a 85, em que versava sobre o Conselho Municipal de Educação, o orçamento para as escolas, o número de escolas, suas designações, os lugares onde funcionariam e os vencimentos dos professores. Diante disso, faz-se oportuno elencar os artigos que se relacionavam à educação em Picos, nos termos abaixo:

Art. 82: O Conselho Municipal, enquanto permitirem suas forças peculiares manterá a instrução primária no município, a qual tem por fim administração gratuitamente a mocidade de ambos os sexos, educação regular.

Art. 83: O Conselho Municipal determinará em orçamento anual ou em qualquer lei ordinária o número de escolas, suas designações, lugares onde funcionarão, e bem assim, os vencimentos dos respectivos professores.

Art. 84: Ficará a instrução municipal a cargo do Conselho que poderá nomear e demitir os professores.

Parágrafo único: Estas atribuições serão exercidas pelo Presidente do Conselho, quando este não estiver funcionando.

Art. 85: O sistema e regimes de instrução a adotarem-se nas escolas municipais serão as que regem as escolas primárias do Estado.

Os artigos destacados apresentam as atribuições do Conselho Municipal em relação à educação escolar, em Picos.

Através de um documento, como o Código de Posturas do Município de Picos, que regulamentou o comportamento dos munícipes no início do século XX, tem-se um painel do que se pretendia acerca das posturas coletivas locais. Dos assuntos que eram tratados, nesse instrumento jurídico, obrigavam a cada picoense a se portarem dentro dos parâmetros da civilidade.

Esses **ecos civilizatórios** do passado de Picos só chegaram às mãos de todos, porque Ozildo Albano percebeu que um dia o conhecimento do Código de Posturas iria ser útil a alguém. Pelo caráter multiforme que tem o documento

histórico e, conseqüentemente, as condições de produção do mesmo pelos grupos dominantes na época, em Picos, tornou-se possível conhecer o conjunto de normas, presentes nessas posturas, que todos tinham de obedecer porque eram deveres de ordem pública.

A leitura dos cento e quarenta artigos, seus parágrafos e as disposições gerais permite ao leitor penetrar em um texto de lei que estabelecia as condições mínimas para que os munícipes pudessem ter uma vida social mais digna dentro dos espaços que margeavam a sua zona urbana.

Ao tê-lo no seu acervo patrimonial, Ozildo Albano preservou um documento importante da história picoense, uma vez que se trata de um documento histórico e de relevante importância para a História da Educação, para os estudos jurídicos em torno das posturas municipais picoenses, dentre outros.

Ozildo saiu do lugar-comum e posicionou-se em um campo de produção cultural e nesse espaço privilegiado fez a sua mediação cultural. Tomam-se emprestadas as palavras do historiador picoense Renato Duarte, em manuscrito encontrado no Museu, datado de 09 de julho de 1989, sobre Ozildo Albano:

[...] Ozildo era uma pessoa excepcional. Não vai nessa afirmação nenhum panegírico *post-mortem*, mas, ao contrário, a percepção de que, ao morrer Ozildo, as suas qualidades humanas e intelectuais ficam evidenciadas pela negação dos lugares-comuns próprios dessa circunstância. Um desses lugares-comuns sugere que a morte de algumas pessoas empobrece as comunidades onde elas vivem. Pois raras vezes, ao que me consta, uma cidade ficou tão empobrecida quanto Picos, agora que Ozildo se foi. É que a contribuição intelectual e a presença humana dele constituíam um patrimônio que destacava Picos, culturalmente, dentro do Piauí, a par da sua reconhecida importância econômica. Qual outra cidade piauiense tinha, entre os seus filhos, uma pessoa que reunia, ao mesmo tempo, a vocação de pesquisador, historiador, memorialista e colecionador? [...].

Percebe-se que Ozildo Albano era um dos filhos mais ilustres da sua terra e que as suas práticas educativas colocaram-no em um campo cultural de onde foi possível fazer importantes transposições do conhecimento.

O patrimônio cultural que Ozildo Albano deixou para toda a sociedade picoense mostra quem foi ele, pois assumiu a dimensão de um mecenas que empreendeu esforços para manter um “lugar de memória”, como um museu, no interior do Estado do Piauí, com recursos próprios.

5.4.4 O museu como espaço de educação musical

No Museu Ozildo Albano, encontra-se também um acervo de discos de vinil colecionados que faziam parte da discoteca do educador. No museu, há um espaço reservado para a exposição dos discos. São diversas coleções de cantores renomados do país que podem ser ouvidos pelos visitantes.

No arquivo do museu, o visitante também pode folhear vários livros/cadernos contendo letras de músicas, de compositores diversos, que Ozildo Albano transcrevia de próprio punho. Neles, uma seleção de cantores que fizeram parte da música brasileira, da primeira metade do século XX.

O educador Ozildo Albano possuía preocupação com a educação musical e isso fez com que desenvolvesse a prática educativa de presentear os amigos com cadernos de letras de composições musicais, manuscritos por ele, de compositores famosos do Brasil. O presente, em forma de composições musicais, de compositores diversos, era um convite ao presenteado se envolver com a música, buscar uma educação musical em que fosse preservado o belo.

Viveu a musicalidade no seu cotidiano e reforçou sua prática educativa no Trio Acadêmico. Em entrevista feita pelo Jornal de Picos, em 10 de dezembro de 2004, a ex-integrante do Trio Acadêmico, Olívia Rufino Borges, assim declarou:

Foi um tempo maravilhoso da década de 70. Eu formava um trio com os professores Ozildo Albano e Elízio Serafim. Era o trio dos professores do Complexo Escolar de Picos. Eu já cantava em festinhas. Aí quando o Ozildo Albano [...] veio para Picos lecionar, juntou a sua paixão por música e sua vontade de cantar. Resolvemos então formar esse trio. Cantamos durante 5 cinco anos em muitas ocasiões e para amigos. Cantávamos por lazer e amor à música, por isso não cobrávamos nada.

Quando os visitantes chegavam ao museu, Ozildo Albano colocava um disco na radiola e deixava o som baixo, ao fundo, enquanto conversava, explicando o texto histórico de cada peça. Naquele momento, educava discretamente para o gosto da música popular brasileira do começo do século XX.

A discoteca que faz parte do acervo do Museu Ozildo Albano possui uma diversidade temática, de estilos, de compositores e de intérpretes. Para o pesquisador, é um espaço fértil de pesquisa; para os estudantes, oportunidade de conhecimento; para aqueles que foram a Ozildo contemporâneos, espaço de memória.

Ilustração 85 – Fotografia: Discos do acervo musical de Ozildo Albano (I)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Além de arte, a música é também uma forma de comunicação capaz de aproximar as pessoas, uma vez que lhes toca. E Ozildo sabia da força da música e sua capacidade de aproximação.

5.4.5 A fotografia como enredo educativo da vida picoense

Outro tipo de acervo presente no Museu Ozildo Albano é o iconográfico, composto por fotografias do município e de famílias picoenses.

Preservados e cuidadosamente selecionados, cada imagem com seu enredo particular que testemunhou fatos que ficaram guardados nas páginas históricas da cidade. São documentos que trazem consigo mensagens que devem ser lidas, com o olhar atento e curioso de todo e qualquer visitante que se interesse em conhecer o passado de Picos.

O contato com as imagens fotográficas do Museu Ozildo Albano permite ao visitante fazer inúmeras incursões históricas através dos diversos enredos nelas contidos. É o passado congelado no intervalo do clique da câmera que se abre ao visitante e que dele demanda um esforço histórico de leitura e análise.

Obviamente, as imagens estão impregnadas da **cultura local**, mas nem por isso deixam de ter espaços para cada um fazer as suas construções imaginárias. E é nesse processo que as imagens vão adquirindo novas leituras e novas narrativas, fazendo com que o clarão do passado seja transformado em novas palavras. Nas lições de Manguel (2001, p.28),

As imagens, porém, se apresentam à nossa consciência instantaneamente, encerradas pela sua moldura – a parede de uma caverna ou de um museu – em uma superfície específica. [...] Com o correr do tempo, podemos ver mais ou menos coisas em uma imagem, sondar mais fundo e descobrir mais detalhes, associar e combinar outras imagens, emprestar-lhe palavras para contar o que vemos mas, em si mesma, uma imagem existe no espaço que ocupa, independente do tempo que reservamos para contemplá-la.

Infere-se que o papel do leitor de imagens vai muito além das leituras que se faz do conteúdo encerrado em uma moldura, uma vez que o tempo, e somente ele, é responsável por estabelecer novas formas de compreensão dos signos ali presentes, sem esquecer de que o encontro entre o passado vivido e o registrado, na superfície imagética, somam-se ao olhar do presente que, de uma forma ou de outra, termina influenciando na leitura e colocando novos ingredientes no ângulo de visão dos que se propõem a traduzir imagens em palavras.

Através do acervo fotográfico presente no museu Ozildo Albano, pode-se contar a história de Picos. Em cada álbum, uma galeria de imagens congeladas que se liga a uma rede de sociabilidade em que se inseriram os picoenses, em diferentes passagens do seu contexto histórico.

Muitas das fotografias que chegaram até às mãos de Ozildo Albano foram oriundas do acervo fotográfico de **Cristino Varão**, primeiro fotógrafo profissional que documentou, em imagens, as famílias, os personagens anônimos e as espacialidades de Picos, entre os anos de 1937 aos primeiros anos da década de 1970. Com o seu trabalho pioneiro, deixou imagens fotográficas que eternizaram momentos singulares da história da cidade.

Pelos arquivos fotográficos do museu, podem-se encontrar fotografias que foram doadas por familiares picoenses que viam em Ozildo Albano o interesse em preservar a memória iconográfica, em um espaço adequado. Sabia tanto da importância dessa documentação para o patrimônio histórico e iconográfico que foi colecionando aos poucos e receava que o tempo fosse capaz de colocar um fim em imagens que abrigavam testemunhos da sua gente.

Os testemunhos materiais que adentraram o seu museu particular passaram a ocupar o *status* de documentos de análise e de apreciação por parte dos visitantes e de pesquisadores de toda ordem.

A preocupação em transmitir aos visitantes o conhecimento presente em cada fotografia fazia com que Ozildo se envolvesse na apresentação, narrando o

que sabia de cada peça. A intenção do educador era evidente: queria que o visitante saísse do museu conhecedor dos enredos históricos que estavam presentes nos objetos apresentados.

Algumas fotografias foram selecionadas para apresentação do foco principal do acervo fotográfico. Dentre elas, a fotografia da inauguração do mercado público municipal, ocorrida em 1895.

Ilustração 86 – Fotografia: Inauguração da Casa de Mercado Público (1895)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 86 apresenta, ao fundo, as instalações do **mercado municipal** e, à frente, os populares prestigiando a sua inauguração. Vê-se, pela quantidade de pessoas, que a inauguração foi um evento que movimentou os populares locais.

A inauguração da segunda espacialidade da **Casa de Mercado Público** se deu em 1895, em substituição à primeira que fora edificada em 1877, na Rua da Municipalidade, atual Rua Coelho Rodrigues. Segundo Fonseca (2004, p.42),

[...]. Em 1894, a construção de uma nova Casa de mercado (num largo existente ao pé do morro da Romana, 'ao lado da casa do Coronel Helvídio Clementino de Sousa Martins e à frente da casa do Tenente Coronel João José de Neiva') abre uma nova frente de expansão da cidade em direção às áreas inundáveis ao longo do riacho do Cantinho, com a ulterior formação da Rua do Cantinho.

A decisão política de construir um novo mercado público não agradou parte dos comerciantes que possuíam seus comércios nas imediações do antigo mercado e isso gerou um imbróglio político envolvendo dois grupos de interesse, porém o mercado novo foi inaugurado em 1895. Conforme Fonseca (2004, p.49),

[...] tão exíguo quanto o anterior e igualmente arrendado a um particular o direito de cobrar aluguéis e impostos, mas com a vantagem de tratar-se de um prédio isolado, no meio de um largo, 'o largo da feira'.

Com a inauguração da nova Casa de Mercado Público vários negociantes trataram logo de reinstalar suas residências e lojas nas imediações, formando aquela que o povo passou a chamar de Rua dos Italianos.

A **Rua dos Italianos**, atual Rua Coronel Luis Santos, recebeu esse nome em virtude da concentração de italianos que para Picos se mudaram, no final do século XIX, para se fixarem e empreenderem economicamente. Conforme Fonseca (2004, p.247),

Comprovadamente, a chegada de italianos a Picos começa em 1870, intensifica-se entre 1885 e 1896 e estende-se até 1905. Nesse ínterim, dentre os que se estabeleceram em definitivo, os que permaneceram por algum tempo mas foram embora e os que chegavam e partiam, iam e vinham, anotam-se os sobrenomes: Biscardi, Cortese (Cortez), Fasanaro, Fiorito, Gerbasí (Gervásio), Lanziano, Linard, Magaldi, Marsília (Marcílio), Paracampo (Paracampos), Petrola, Petroli, Prota, Reinaldo, Sapienza (Sapiência) e Stoppelli, perfazendo um total de 43 italianos; 35 homens e 08 mulheres.

Ilustração 87 – Fotografia: O italiano Francisco Antônio Prota e família (1924)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 87 registra a família italiana Prota, composta pelo patriarca Francisco Antônio Prota, esposa e filhos, que em Picos moraram.

Em editorial intitulado “Fugindo da guerra, italianos instalam-se em Picos, em 1880”, datado de 11/07 a 18/07 de 1984, no Jornal de Picos, aparece um artigo

de Ozildo Albano sobre a vinda dos italianos para Picos e como se deu seu processo de adaptação na então Vila de Picos. Segundo Ozildo Albano,

Quando chegaram, os italianos já encontraram a região povoada e Picos ainda era uma vila. Vieram acrescer e enriquecer a sobriedade e a abastança dos habitantes do lugar, resquícios ainda de um patriarcalismo. Vindos de um país onde predominavam as letras e as artes, os italianos souberam despertar nos picoenses, esses mesmos sentimentos que neles existiam em forma latente; as novas idéias políticas do Velho Continente, o interesse pelos conhecimentos gerais, o gosto pela literatura, música, pintura e outras artes. Os pratos italianos passaram para a cozinha das fazendas e, ao lado da paçoca, da feijoada, do macunzá, do angu e da carne de sol, vieram juntar-se o macarrão, a ricota, o rocambole e outros pratos, nas sóbrias mesas dos picoenses, o uso da farinha de trigo, o preparo do pão, até então desconhecido aqui, enfim, os italianos muito contribuíram e impulsionaram o progresso e a vida social da então acanhada Vila de Picos. Distinguiram-se eles no comércio, na pequena indústria, na agropecuária, na política e na vida social. Seus descendentes, ainda hoje, se sobressaem na cultura e na política.

Como se vê, trata-se de acontecimento histórico importante para o município de Picos e que Ozildo Albano tinha conhecimento e interesse, a ponto de organizar um álbum específico com fotografias diversas de italianos e suas famílias.

Narrar aos visitantes do museu essa parte da história local implicava em não deixar cair no esquecimento evento histórico de importante envergadura para o município. A mediação cultural se tornava necessária no momento em que se empenhava em apresentar, através das fotografias, os primeiros italianos e a sua contribuição para o desenvolvimento local.

Outro episódio importante da história de Picos foi o **Centenário da Vila de Picos**, ocorrido em 1955.

Ilustração 88 – Fotografia: Centenário da Vila de Picos (1955)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Como se tratava de uma comemoração importante para o município, houve festividades envolvendo a população. Segundo Duarte (1995, p.126),

Em 1955 foi comemorado o centenário de fundação da Vila de Picos. As celebrações, que contaram com a presença de muitos filhos ilustres da terra, foram variadas e seguiram o figurino tradicional desse tipo de comemoração: alvorada festiva, missa solene, passeata, inauguração de obras públicas, conferências, banquete, torneio esportivo e um baile de gala, quando então foi coroada a rainha do centenário.

O centenário da Vila de Picos foi imortalizado também no “Hino do Centenário de Picos”, com letra e música de José Bispo. Em Duarte (1995, p.160), encontra-se a composição:

Picos, onde eu nasci
 És altaneiro, és partícula do Brasil
 Salve, terra querida,
 Tu és orgulho
 Dos teus filhos, és a vida
 Neste dia glorioso
 Em que completas o teu centenário
 Parabéns, parabéns,
 Oh meu torrão amado
 Onde eu nasci
 Parabéns, oh Picos do meu Piauí
 Os teus filhos todos se orgulham de ti

És progresso, pois és Brasil.
Tu serás eternamente respeitado
E embalado pela brisa
Deste lindo céu de anil.

Também consta no acervo fotográfico do Museu Ozildo Albano fotografias das espacialidades turísticas do município, dentre elas, a **escada do Morro da Mariana**.

Ilustração 89 – Fotografia: Escada do Morro da Mariana (s/d)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A escada do Morro da Mariana dá acesso aos moradores do município à parte alta da cidade. Picos possui, em sua formação geográfica, alguns morros, tornando-a acidentada e dividida entre a parte alta e a parte baixa. Pela ilustração 88, vê-se, do alto da escada, parte do centro de Picos e, ao fundo, o rio Guaribas atravessando a cidade.

É um dos acessos ao morro e se tornou ponto turístico, local onde os namorados se encontravam, pessoas iam para prestigiar, do alto, a vista e conversarem.

Um dos pontos de lazer de Picos e que ficou imortalizado na memória dos picoenses é a **Praça Félix Pacheco**, inaugurada em 10 de janeiro de 1942, pelo interventor estadual Dr Leônidas Melo.

Ilustração 90 – Fotografia: Praça Félix Pacheco (década de 1970)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A ilustração 90 traz a Praça Félix Pacheco com um de seus itens mais destacados, a saber, a fonte luminosa. Vê-se o centro da praça e os canteiros cercados por bancos. Nela se destacam as carnaúbas, vegetação típica do contexto revelado na imagem.

Trata-se de espacialidade que sofreu profundas mudanças ao longo da sua história, sendo redesenhada periodicamente.

Um dos símbolos da modernidade que se encontra imortalizado nas fotografias do acervo do Museu Ozildo Albano é o **Cine Spark**, cinema local que serviu como espaço de projeção de filmes que eram lançados no país.

Ilustração 91 – Fotografia: Cine Spark (década de 1960)



Fonte: Museu Ozildo Albano

Localizado no centro de Picos, na Praça Félix Pacheco, o Cine Spark funcionou em prédio moderno, com auditório amplo, no térreo e um primeiro andar, de onde se faziam as projeções dos filmes.

Na ilustração 91, tem-se o prédio em que funcionava o Cine Spark. Vê-se a grande porta de entrada e as duas pequenas janelas da bilheteria. No rol de entrada havia uma escada que dava acesso ao espaço em que ficavam as cadeiras para os espectadores se sentarem e, ao fundo, o telão em que eram projetados os filmes.

Através do acervo fotográfico, Ozildo Albano conseguiu montar um painel do passado picoense e, assim, pode educar pelas narrativas contidas em cada instante captado e congelado nas fotografias.

5.4.6 A biblioteca como espaço de educação literária

Em uma das salas do museu, pode-se encontrar uma biblioteca com cerca de seis mil livros ainda não catalogados. Nas estantes, livros de áreas diversas e frutos de uma formação de leitor incansável. Conforme a professora Borges (2016, p.462),

Ozildo Albano tinha muitos amigos fora daqui, que é o que eu atribuo de quem ele conseguia os livros. E livros que chegavam aqui já usados. A gente sabia que aquilo dali tinha sido comprado em sebo. Não se tinha tanto dinheiro e não se tinha a comunicação como se tem hoje. [...]

Não havia uma livraria em Picos e isso dificultava o acesso a livros. Para obtenção de livros, era necessário comprá-los na capital ou em outros Estados. Como possuía amigos em lugares diversos, através deles, conseguia adquirir o exemplar desejado, em alguns casos, comprados em sebos.

Em 22 de abril de 1983, o vereador Ozildo Batista de Barros, através de requerimento feito à Câmara Municipal de Picos, relatou, dentre outros, os trabalhos de pesquisa que Ozildo Albano desenvolvia para o engrandecimento cultural da cidade e mencionou ainda a importância da biblioteca e do museu para Picos e toda a região.

Além disso, na sua justificativa que foi lida em plenário, solicitou ao poder público municipal que fossem editados os livros que Ozildo Albano estava escrevendo sobre a História e a Geografia de Picos. Na parte que se referiu à biblioteca e ao museu, destacou o vereador o seguinte:

A biblioteca e museu particular de Dr. Ozildo constitui-se no maior acervo bibliográfico e no único museu verificado em Picos até os presentes dias. Tudo isso organizado por sua própria conta e riscos, com recursos advindos do salário de professor. Fato irrefutável também é que a biblioteca e museu de Dr. Ozildo são utilizados pela comunidade picoense, como se fosse um órgão do poder público. Evidentemente a comunidade recebe a permissão e até o incentivo e orientação do proprietário da biblioteca e museu, para que desses se utilize.

Conforme o ex-vereador, que até aquela data não existia um acervo bibliográfico particular com tantos livros e um museu como o de Ozildo Albano, na cidade de Picos. E mais, tudo sob a sua organização e com recursos advindos do seu salário de professor.

No seu requerimento, o vereador justificou que Ozildo Albano fazia um trabalho de relevância para a cultura picoense e que não cobrava nada quando os estudantes e público em geral visitavam a sua biblioteca e o museu, uma vez que era espaço acessível a quem se interessasse algo aprender.

Por ser um mediador cultural, Ozildo Albano não represou o conhecimento que adquiriu, ao contrário, socializou tudo o que aprendeu, indicando os livros que lia e, nisso, desenvolveu uma prática educativa.

Quando abriu as portas de sua biblioteca particular para a sociedade picoense, mostrou a sua preocupação com o sujeito do conhecimento. Queria que os outros também tivessem a mesma oportunidade, mas sabia que o contexto social em que estavam inseridos não oferecia tanto. Foi aí que agiu como educador, colocou os seus livros à disposição de todos que precisassem fazer pesquisas e instigou-os a ter o hábito pela leitura dos cânones da literatura nacional e estrangeira. Para Fontes (2017, p.400),

A cultura que Ozildo tinha não era só para o seu uso próprio. Ele via a cultura como uma maneira de melhorar a sociedade através dos acontecimentos. E Ozildo identificava e ele via que conhecimento era poder. Mas, para isso, o povo tinha que ter esse conhecimento. A gente via que Ozildo tinha o objetivo de passar os conhecimentos que ele tinha para todos, não era só para ele. A gente via isso nele. Eu acho que é por aí mesmo. [...] Ozildo assimilou um certo grau de conhecimento e via que tinha como objetivo transmitir esse conhecimento e queria que o povo se servisse desse conhecimento. Ozildo não queria o conhecimento só pra ele.

Percebe-se que Ozildo Albano ocupava um campo específico na sociedade picoense, o campo da intelectualidade. Era desse campo que ele fazia a mediação cultural e, devido a isso, utilizava do seu poder de persuasão para transmitir os conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida.

Até chegar ao elevado nível cultural que possuía, Ozildo Albano teve que passar por um longo processo de amadurecimento humano, acadêmico e profissional. Foi assim que assumiu posição de vanguarda em relação à cultura e mostrou, do campo de produção simbólica que ocupava, em Picos, que era possível pensar e agir diferente.

Cada passo dado por Ozildo Albano, no campo cultural, foi com o propósito de melhorar as condições sociais em que se encontrava inserido. Queria que todos tivessem acesso aos conhecimentos e sabia que a tarefa que estava desempenhando não era fácil, mas empreendeu esforços na construção de uma sociedade mais livre e onde todos pudessem ser corresponsáveis pela cultura, onde quer que pudessem estar. Conforme Nogueira (2004, p.40), “[...] Os indivíduos que, de alguma forma, se envolvem com bens culturais, considerados superiores, ganham prestígio e poder, seja no interior de um campo específico, seja na escala da sociedade como um todo”.

Ao empreender a criação de um museu em Picos, Ozildo Albano estava lidando com bens culturais significativos para o conjunto da sociedade como um todo. Mesmo que o propósito não fosse ganhar prestígio e poder, não tinha como escapar disso. O capital cultural que ele possuía dava as credenciais necessárias para atuar tanto no campo da intelectualidade quanto na sociedade. Adquiriu conhecimentos em diversos campos da sociedade, desenvolveu em si um edifício cultural multifacetado. Segundo os relatos de Borges (2016, p.456),

Para chegar à condição de intelectual, Ozildo Albano navegou mais do que o navegante português dos descobrimentos, dentro dos livros. Primeiro, como garimpeiro, Ozildo mergulhou no passado, muita intimidade com os gregos, os filósofos gregos. Ozildo foi além, bebeu neles. Mas, a coisa dele maior foram os que estavam bem mais à frente, que eram os franceses. Ozildo bebeu por lá tudo. E, também, como um astronauta, Ozildo corria atrás do futuro, do mundo que hoje ele não chegou, no tempo dele pra nós. Para o tempo dele, Ozildo já entendia o mundo globalizado. Ele já estava por dentro, um vanguardista. Aqui, em casa, a gente conversava. Ele vinha jantar e a gente já conversava coisas e os outros aqui enjoavam.

A narrativa de Borges (2016) aponta em que direção Ozildo Albano percorreu para chegar à condição de intelectual. Mas, vale destacar inicialmente, que dentre todos os caminhos, ele procurou conhecer as suas raízes familiares e o contexto em que estavam inseridos. Foi lá onde teve a curiosidade de ouvir as primeiras histórias contadas pelos mais idosos, histórias de vivências na zona rural, dos costumes, das lendas e das tradições culturais que moviam os moradores do Sítio Palmeira e da localidade Curralinho, próximas da zona urbana de Picos.

O outro caminho que Ozildo Albano percorreu foi pelas estantes de livros da sua biblioteca. Nelas adquiriu conhecimentos e moldou a sua personalidade. Estudou a filosofia grega e mesclou com inúmeros ramos de outros conhecimentos humanos que havia lido no antigo Seminário Sagrado Coração de Jesus, em Teresina, quando nele estudou. Há de se colocar, nas leituras de Ozildo Albano, os alicerces jurídicos que deram a ele as bases doutrinárias e filosóficas do ordenamento jurídico brasileiro e a própria visão de cultura como direito humano.

A ilustração 92 apresenta parte da biblioteca de Ozildo Albano, atualmente disposta em armários apropriados para a conservação do acervo, embora ainda não tenha sido realizada a catalogação dos livros, organizando-os segundo as recomendações da biblioteconomia.

Esse aspecto dificulta o atual acesso dos visitantes a essa parte do acervo do Museu, uma vez que sem a devida catalogação, a própria localização de livros se torna difícil.

Ilustração 92 –Fotografia: Biblioteca do Museu Ozildo Albano



Fonte: Acervo particular do pesquisador

A respeito da biblioteca de Ozildo Albano, Lélis (2016, p.374) afirmou que:

Essa biblioteca de Ozildo Albano, uma vez eu perguntei: - Ozildo, você já leu esses livros da biblioteca, tudinho? Ele me disse: - Rapaz tem deles que eu já li mais de duas vezes. E eu tinha que acreditar, porque qualquer um que se pedisse, ele ia buscar. [...] Ozildo era disponível pra tudo que você procurasse a ele.

A narrativa Lélis (2016) apresenta um aspecto importante sobre Ozildo Albano e sua relação com o acervo de livros que possuía: a possibilidade de o educador ter lido alguns títulos mais de uma vez.

Procurou manter a sua biblioteca sempre atualizada. Para isso, além de comprar livros com os seus próprios recursos, encaminhava correspondências para Universidades e embaixadas, com o propósito de obter mais livros para que os alunos de Picos e de outras cidades vizinhas pudessem fazer as suas consultas.

Quando encaminhava as correspondências, Ozildo Albano informava que tanto o seu Museu Capitão-Mor João Gomes Caminha quanto a sua biblioteca eram espaços de portas abertas para servirem como lugares de pesquisas para todos que os procurassem.

Em uma de suas correspondências, encontradas no acervo do seu museu, datada de 01 de junho de 1988, Ozildo Albano solicitou ao Diretor da Biblioteca Central da Universidade de Brasília-DF, na seção de intercâmbio, que atendesse ao seu pleito referente ao envio de livros para a sua biblioteca que, embora sendo particular, estava a serviço da população local.

No seu pedido, junto à Universidade de Brasília, alegou que a sua biblioteca funcionava diariamente pela manhã e à tarde e que disponibilizava para os alunos do 1º, 2º e 3º graus os livros que ele dispunha em sua biblioteca, mas que ainda existia uma carência de livros para atender a algumas áreas do conhecimento humano.

Informou também que a cidade de Picos, em 1988, possuía uma quantidade de trinta escolas de 1º grau, três de 2º grau e o 3º grau que tinha os cursos de Letras, Pedagogia, História e Geografia e que sempre oferecia os seus livros a esse público.

Na correspondência, destacou que o seu museu e biblioteca Capitão-Mor João Gomes Caminha eram de utilidade pública, mostrou, assim, para a

Universidade de Brasília a importância que foi dada a essa instituição social em Picos, pelo Legislativo Municipal.

Em data de 20 de fevereiro de 1989, encaminhou uma correspondência para a embaixada da França, no Brasil. No parágrafo inicial do texto, discorreu sobre a importância da cidade de Picos, dentro do Estado do Piauí, quando informou que a mesma se localizava em um ponto de convergência de várias cidades e centro de toda a microrregião.

O texto da correspondência destacou que o museu tinha uma biblioteca que recebia uma quantidade média diária de vinte estudantes que a procuravam para fazer pesquisas, sem falar, na quantidade de visitantes que também frequentavam as salas de exposições do Museu.

Oportunamente, destacou que a sua instituição não recebia nenhum auxílio dos poderes públicos. Mostrando, assim, que fazia um serviço sem nenhum fim lucrativo. Todos os pontos enumerados, na correspondência, tinham por objetivo convencer a equipe da Embaixada Francesa a enviar o material solicitado, dentre eles, para a parte da pesquisa estudantil: dicionários, livros, revistas, fitas e publicações afins. E, no tocante à parte do museu, selos, moedas, posters e produtos outros da cultura francesa.

O acervo da biblioteca, além de ser vasto, possui diversidade temática nas áreas do conhecimento. Para fins de ilustração, destacam-se livros nas áreas jurídica, literária (nacional, européia, piauiense e picoense), musical, filosófica, teatral, gramatical, biográfica, histórica, religiosos e outras.

Ilustração 93 – Imagens: Livros do acervo da biblioteca





Fonte: Museu Ozildo Albano

O acervo bibliográfico construído por Ozildo Albano, ao longo de sua vida, informa a essência cultural do educador que, ao se constituir como um intelectual pode, ao seu modo, mediar saberes e formar novos e possíveis educadores.

5.4.7 A arte sacra nas trilhas do projeto educativo ozildiano

Na sala de arte sacra do Museu Ozildo Albano, o visitante entra em contato com esculturas que pertenceram aos familiares do educador, das famílias picoenses e de outras famílias oriundas de municípios vizinhos que fizeram doações para o museu.

O total de esculturas sacras catalogadas pelo intelectual picoense chega a 148 peças. O acervo de arte sacra do Museu Ozildo Albano compõe uma das alas que mais desperta a curiosidade dos visitantes. Caminhando por entre as vitrines e expositores, têm-se imagens que trazem consigo as narrativas que evocam o passado dos familiares da cidade de Picos.

Todas as esculturas sacras disponíveis necessitam de uma leitura mediada que traduza em palavras a trajetória histórica que marcou as inúmeras gerações que receberam essas esculturas em seus oratórios.

Ilustração 94 – Fotografia: Parte do Altar de São Vicente de Paula (1932)



Fonte: Museu Ozildo Albano

A preocupação que Ozildo Albano teve em registrar os aspectos religiosos, tinha uma explicação que sintetizava as suas práticas: oportunizar aos picoenses “[...] poder saber e contar a sua própria história”, como escreveu o seu ex-aluno Erivan Lima, no Jornal Gazeta Popular, em 12 de julho de 1989, numa homenagem que fez sob o título “Um encontro com a cultura”.

Sobre a forma como conseguiu as imagens sacras, buscou primeiro as que estavam na posse de seus familiares. Uma delas, a imagem de **Santa Ana**, acompanha a família há mais de dois séculos, aproximadamente. Essa imagem pertenceu ao fidalgo português Paulo Gomes Caminha, um dos ancestrais da árvore genealógica da família Albano.

Posteriormente, Paulo Gomes Caminha passou a imagem de Santa Ana para a sua filha, Dona Maria das Neves de Jesus e, depois, ao filho desta, o Capitão-Mor João Gomes Caminha. Depois de longos anos com a imagem de Santa Ana, o Capitão-Mor João Gomes Caminha a deixou para a sua filha, Martina Gomes de Barros, que foi a primeira esposa do Capitão Florêncio José da Silva Fontes e, em seguida, à sua segunda esposa Joaquina Maria de Moura.

De Joaquina Maria de Moura, a imagem de Santa Ana foi passada para o seu filho Raimundo Florêncio Fontes. Esse, por sua vez, deixou o legado religioso para a sua filha Francisca Maria de Moura Macedo. Por derradeiro, essa a doou para José Albano de Macedo, o Ozildo Albano.

A imagem sacra de Santa Ana saiu dos oratórios dos antepassados da família Albano para adentrar as vitrines e se encontrarem expostas para toda a sociedade de Picos e de outros públicos visitantes que se dedicam à pesquisa ou lazer. Como uma peça histórica e de cunho religioso, traz consigo os traços, os costumes e rituais católicos que se evidenciaram por inúmeras gerações dos familiares de Ozildo Albano.

Ilustração 95 – Fotografia: Imagem sacra de Santa Ana



Fonte: Museu Ozildo Albano

A imagem sacra de **Santa Ana**, ilustração 94, foi catalogada por Ozildo Albano quando o Museu, ainda de nome João Gomes Caminha, funcionava na sua segunda espacialidade. Os registros em torno da peça foram cuidadosamente feitos através da ficha catalográfica que recebeu o número 01.

Em conformidade com os manuscritos de Ozildo Albano, datados de 18 de agosto de 1988, a imagem de Santa Ana foi esculpida em madeira policromada e está em bom estado de conservação, embora tenha sido repassada de geração a geração, até ter chegado às mãos de Ozildo Albano, por intermédio de uma doação. A escultura sacra de Santa Ana, antes de ser doada a Ozildo Albano, estava na Fazenda Curralinho, em Picos.

O didatismo verificado na organização da ficha catalográfica mostra ainda que Ozildo Albano se preocupava em ter o maior número de informações sobre o objeto museal, uma vez que era o responsável em fazer a mediação cultural. Em

vista disso, munia-se de todo o arcabouço histórico que cercava o objeto e transformava tudo em uma fonte de informações para serem repassadas aos visitantes.

Do acervo de esculturas sacras presentes no museu, há outra que deve ser informada, a de **Nossa Senhora da Conceição**. Essa peça pertenceu também aos familiares de Ozildo Albano, fazia parte do oratório de Dona Carolina do Espírito Santo. Ela foi a primeira esposa do Capitão João Gomes Caminha (1813-1894).

Oriunda da fazenda Samambaia, localidade próxima da cidade de Picos, a imagem sacra de Nossa Senhora da Conceição passou para as mãos da sua filha Dona Vitalina Caminha de Macedo que, por sua vez, foi legada para o oratório de seu filho, o senhor Justiniano Caminha de Macedo (1879 a 1966).

A partir de 1962, a imagem sacra de Nossa Senhora da Conceição passou para o neto do senhor Justiniano Caminha de Macedo, José Albano de Macedo, o Ozildo Albano. Essa peça sacra acompanha o oratório da família Albano há muitos anos e chegou ao museu em bom estado de conservação, em conformidade com os manuscritos feitos através da ficha catalográfica, guardada nos arquivos do museu.

Ilustração 96 –Fotografia: Imagem sacra de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Museu Ozildo Albano

Ozildo catalogou a escultura de Nossa Senhora da Conceição, ilustração 96, em 19 de março de 1962. A peça sacra recebeu o registro número 2, na ficha catalográfica de imagens sacras pertencentes a seus antepassados familiares. Constam, nos manuscritos assinados por Ozildo Albano, que a imagem de Nossa Senhora da Conceição foi esculpida em madeira policromada.

Ozildo Albano era devoto de Nossa Senhora da Conceição. Foi o primeiro a encabeçar uma caminhada para a cidade de Bocaina/PI, localizada a aproximadamente 30 km de Picos e onde fazia as suas peregrinações, juntamente com várias pessoas que o seguiam rumo a essa cidade. Segundo Moura (2016, p.478),

Ozildo Albano era muito, muito religioso. Ele não perdia uma novena, principalmente no Sagrado Coração de Jesus, no Nossa Senhora de Remédios e na cidade de Bocaina. Ozildo Albano era devoto de Nossa Senhora da Conceição, em Bocaina. Ele tinha uma ligação grande por lá. No entanto, ele criou essa caminhada para Bocaina. Aí, começaram os seguidores e terminou crescendo. Hoje, virou tradição.

Tratava-se de um percurso um pouco longo até chegar ao município, mas ele conseguiu convencer alguns amigos a prestarem as suas homenagens à padroeira da cidade, que se chama Nossa Senhora da Conceição. Conforme narrou Santos (2017, p.389),

Ozildo era católico fervoroso. Ele foi o pioneiro dessa caminhada que se faz para Bocaina. No início, ele ia com pouca gente, por ocasião dos festejos. Ele ia de bermuda, camiseta, chapéu de palha e um cantil. Ele ia a pé, ele e um pequeno grupo. Depois, esse grupo foi aumentando. [...] Tinha aquelas paradas na casa de fulano e sicrano. E lá participavam dos festejos de Nossa Senhora da Conceição.

A atitude de fé de Ozildo Albano, em iniciar a peregrinação com destino a Bocaina, fez com que essa prática, inicialmente de apenas um devoto, tornasse um momento de fé que une dois municípios.

Em uma matéria publicada no Jornal de Picos que circulou de 06 a 13 de dezembro de 1984, intitulada “Bocaina: 230 anos de Nossa Senhora da Conceição”, Ozildo Albano fez uma narrativa histórica de como se deu a posse da sesmaria da cidade de Bocaina e o auxílio dado pelos jesuítas ao sertanista Borges Marinho, na edificação da Capela de Nossa Senhora da Conceição, nos seguintes termos:

Quando em 1749, chegou à região para tomar posse da sesmária da Bocaina, anteriormente concedida pelo Capitão – General do Estado, por ‘mercê e graça de D. João V, rei de Portugal, o sertanista Borges Marinho tratou, logo, de edificar uma Capela na sede da Fazenda. Para isso, recorreu aos padres da Companhia de Jesus, administradores das trinta fazendas, legadas à mesma Companhia por Domingos Afonso Mafrense.

Com o auxílio dos jesuítas, Borges Marinho edificou a Capela (ainda existente) de Nossa Senhora da Conceição. A tradição diz que a mesma Capela foi solenemente inaugurada a 08 de dezembro de 1754, pelo Padre Doutor João de Sampaio, superior dos Padres Jesuítas, no Piauí.

A imagem de Nossa Senhora da Conceição foi benta no dia 29 de novembro daquele mesmo ano, dia em que começaram o novenário e os festejos, juntamente com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos escravos.

Tradicionalmente consta que, quando da prisão dos jesuítas, em 1759, por ordem do Marquês de Pombal, dois deles, um dos quais havia ajudado na construção da Capela da Bocaina, conseguiu fugir de Brejo de Santo Inácio. Ao atravessarem o rio Itain, um deles pereceu afogado. O outro, que a tradição não conservou o nome, conseguiu escapar e chegar à Bocaina, onde se refugiou. Carinhosamente recebido por todos, ali viveu, clandestinamente, acobertado por ricos e pobres, exercendo seu sacerdócio, vindo a falecer quase trinta anos depois, sendo sepultado na mesma Capela de Nossa Senhora da Conceição que ele ajudara a construir.

Os fatos destacados mostram o quanto Ozildo Albano tinha conhecimento não só do que se relacionava com a cidade de Picos, mas também de fatos históricos de outras cidades piauienses, mostrando, assim, o elevado grau de cultura que detinha. O artigo sobre a padroeira de Bocaina possui efeito educativo, uma vez que traz informações sobre a cidade e como se deu a sua trajetória religiosa.

Outra peça sacra que remonta aos antepassados de Ozildo Albano e que se encontra no museu é a de **São Gonçalo**. Registra-se oportunamente que essa peça é também uma das mais antigas que pertenceram aos oratórios de seus familiares.

Inicialmente, a escultura sacra de São Gonçalo era de propriedade do Capitão José Francisco Fontes, casado com Plácida Maria da Conceição. Essa imagem ficava no oratório da Fazenda Samambaia, localidade pertencente a Picos. Destaca-se que o Capitão era genro do Capitão-Mor João Gomes Caminha e que participou da Balaiada, tendo falecido no ano de 1848.

Posteriormente, a imagem de São Gonçalo passou para o filho do Capitão, o senhor Florêncio José da Silva Fontes que, por sua vez, ficou sob a guarda da sua esposa a senhora Joaquina Maria de Moura. Mais tarde, a escultura foi passada

para as mãos de seu filho Manoel Florêncio Fontes que entregou a sua neta Antônia de Moura Varão, a Noni.

Do oratório de Antônia de Moura Varão, a imagem de **São Gonçalo** foi doada a José Albano de Macedo. Com Ozildo Albano, a peça passou a fazer parte do acervo religioso do Museu e, segundo dados constantes na sua ficha, encontra-se em bom estado de conservação.

Ilustração 97 –Fotografia: Imagem sacra de São Gonçalo



Fonte: Museu Ozildo Albano

Os registros feitos em torno da escultura sacra de São Gonçalo receberam o número 3, na ficha catalográfica. Quando essa peça entrou para o acervo do museu, ainda funcionava na sua segunda espacialidade.

Segundo os manuscritos feitos por Ozildo Albano, datados e assinados em 18 de agosto de 1988, a imagem de São Gonçalo foi esculpida em madeira policromada e foi oriunda da Fazenda Curralinho, localidade pertencente a Picos.

Em matéria publicada no Jornal Macambira, de 31 de agosto de 1981, constata-se uma das curiosidades retratadas por Ozildo Albano sobre as Rodas de São Gonçalo. Segundo ele,

[...] Com o surgimento de aglomerações de casas, as diversões foram aumentando. Apareceram os reisados – dança sertaneja, com especial referência à Noite de Reis, mas que começa no Natal e se prolonga por todo o mês de janeiro; os batuques – dança de origem africana, acompanhada de instrumentos de persuasão, e desafios, diálogo rimado e cantado ao som das violas. Outra diversão importante é as Rodas de São Gonçalo, com a criação das fazendas de Bocaina, Sussuapara, Curralinho e Samambaia. Os fazendeiros trouxeram para a região a dança de São Gonçalo que consiste em rodas constituídas de homens e mulheres que reverenciam o Santo, dançando e cantando, acompanhados apenas com o batuque de cacos de cuia. [...].

A abordagem histórica feita por Ozildo Albano remonta as primeiras aglomerações de casas em toda a região de Picos. Sob o comando de fazendeiros, começaram a surgir as primeiras manifestações culturais ligadas aos costumes populares, dentre elas, as Rodas de São Gonçalo e outras descritas por Ozildo Albano, nas inúmeras pesquisas que fez em Bocaina e nas localidades Curralinho, Sussuapara, Samambaia, dentre outras.

As Rodas de São Gonçalo fizeram parte do folclore picoense por longos anos. Com o processo migratório que se deu da zona rural para a zona urbana, muito do que foi cultivado pela população simples e humilde da região caiu no esquecimento.

Na coleção de imagens sacras, há uma bem antiga que pertenceu ao oratório de Dona Bárbara de Alencar, a de **São Francisco das Chagas**. Ela pertencia à avó do escritor brasileiro José de Alencar e constam as anotações sobre a peça que Dona Bárbara morreu na Fazenda Alecrim, em Pio IX, nos idos de 1833 e a imagem foi sendo passada aos seus descendentes que residiam no mesmo município.

A peça sacra de São Francisco das Chagas foi esculpida em madeira policromada e doada ao educador Ozildo Albano por Dona Maria das Neves Maia Arraes, no ano de 1964 e foi catalogada no museu com o número 10. Nos manuscritos em que descreveu a peça, Ozildo Albano afirmou que estava em ótimo estado de conservação quando entrou para o acervo do seu museu.

Ilustração 98 –Fotografia: Imagem sacra de São Francisco das Chagas



Fonte: Museu Ozildo Albano

Um fato a ser destacado é que o ano em que Ozildo Albano recebeu a peça sacra de São Francisco das Chagas, das mãos de uma das descendentes de Dona Bárbara de Alencar, coincidiu com o período que ele foi Juiz de Direito da Comarca de Pio IX, em 1964.

Através do acervo sacro, Ozildo Albano, além de preservar as peças que chegaram às suas mãos, contribuiu para a apresentação de como se dava a educação cristã de matriz católica, em Picos.

A caracterização de cada escultura informa ao leitor sua trajetória, mas também quem eram as famílias e seu perfil religioso. Com as peças, a mediação histórico-cultural aponta para o tipo de constituição familiar, seus valores, seu perfil cultural existentes e revela a forma da cosmovisão cristã no município.

5.5 O Museu Ozildo Albano como lugar de memória e de aprendizagem

Os objetos culturais possuem uma relação íntima com aqueles que os produziram, trazem consigo os seus **códigos particulares** e necessitam de leitores críticos para decifrarem os inúmeros fios narrativos que carregam consigo, uma vez que cada época é marcada culturalmente pelas suas referencialidades sociais.

Em cada objeto cultural que se encontra no museu, tem-se um conjunto de estímulos que faz com que se perceba a sua dimensão sociocultural. Os visitantes, com maior capital cultural e maior suporte de lembranças, são capazes de encontrar as chaves que acessam as mensagens por elas guardadas em diferentes passagens da história do homem picoense.

Alguns dos objetos culturais necessitam de uma leitura mais aprofundada, para que o visitante possa ter uma fruição desejável do artefato exposto no museu. O que não for familiar ao seu campo de visão, torna-se incompreensível e, consequentemente, impede de se fazer uma interpretação condizente com a historicidade presente nos documentos/monumentos do passado.

Quando Ozildo Albano construiu o seu acervo cultural em aproximadamente três décadas, ampliou o consumo cultural na cidade. Segundo informou Santos (2017, p.387):

Ozildo criou o museu como uma forma de manter viva a nossa história, as nossas raízes, através de todo aquele apanhado. Ele levou cerca de três décadas. Tudo para uma melhor identificação de nossa cultura, de nossa tradição e raízes. [...] As pessoas tinham um certo desprezo pelas coisas velhas, sob um ponto de vista econômico. Ozildo, ao contrário, via o valor afetivo, histórico e estimativo pra qualquer pessoa, em qualquer família que, tendo a oportunidade de ir lá, veria o objeto que pertenceu ao antepassado dele. Não tinha o valor econômico, mas Ozildo via o valor histórico e cultural na preservação. [...] Essa fotografia na parede do meu escritório, eu peguei no museu. Essas pessoas não existem mais. Se não tivesse o museu, eu não teria essa fotografia, com certeza. Como e onde eu iria conseguir? Graças ao saudoso José Albano de Macedo. [...] Uma vez, eu conversando com Ozildo, ele me disse: - Francisco, povo sem memória é povo sem história.

Percebe-se, pelo relato acima, que havia **um projeto de futuro para Picos**, por parte de Ozildo Albano, em manter viva a história e a cultura do povo picoense. O seu trabalho de guarda e conservação de objetos museais não foi em vão, pois ele acreditou no que estava fazendo.

Em visita ao museu, quando funcionava na Rua São Francisco, a família do primeiro fotógrafo de Picos, o senhor Cristino Varão, fez uma filmagem em que Ozildo Albano falou da historicidade de cada peça e documento do seu arquivo, e assim se posicionou:

O museu é a única memória dessa região que existe e que nós estamos fazendo esforço. É esse museu nosso. A memória daqui, a correria mais é pra o dinheiro, é pra o comércio, é pra o *status*, é pra carro. Mas, nós preocupamos com a memória, né? Um povo sem

memória é um povo morto. E a gente tem que conservar isso e estamos lutando.

Não exagerou quando afirmou que o seu museu era “[...] a única memória dessa região”. Sabia o que estava falando e sabia mais ainda que a cidade de Picos, desde o começo de seu povoamento, assumia uma característica voltada para o comércio. Como espaço de memória, o museu representa a **vida pretérita** em continuidade temporal, narrando ao presente seus feitos. Conforme Nora (1993, p.12-13),

Os lugares de memória são, antes de tudo restos. A forma extrema onde subsistem uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. [...] Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. [...] Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.

O museu é, pois, um lugar de memória e, como tal, testemunha passagens de outras etapas da caminhada humana. Nele, a presença viva do passado dos povos, com suas lutas e conquistas, os seus usos e costumes, os seus velhos apetrechos sociais, os seus discursos, alguns materializados na frieza própria dos documentos, enfim, com todos os modismos que são próprios de uma época.

Os lugares de memória sobrevivem ao passado que se desligou inexoravelmente das ações humanas. Por eles, a certeza de que alguém deixou os seus vestígios ali, em cada artefato que recebeu os traços de um determinado grupo. E é com essa percepção que se consegue ler os documentos e objetos presentes em um museu, todos marcados por um tempo e pelas suas particularidades próprias.

O museu Ozildo Albano é o próprio **desenho biográfico do educador Ozildo Albano**, através dele, pode-se ler a vida de um homem que quis ser apenas um mediador cultural, em um contexto de necessidade de acesso à cultura e à educação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POSSÍVEIS DESCOBERTAS

Tornei-me uma figura de livro, uma vida lida.
(Fernando Pessoa)

Eis o instante em que a escrita chega ao seu término, não porque se tenha dito tudo sobre o educador José Albano de Macedo, o Ozildo Albano, mas por se ter um conjunto harmônico de uma **vida em escritura** e que se impõe a ser lida. Ou, mais precisamente, como esclarece Dosse (2009, p.66), “[...] o texto se interpõe como mediador naquilo que vai assumir a forma de uma reconstituição biográfica. [...]”.

Disso resulta que, a partir de agora, o leitor encontrará o eu ozildiano atravessando o espaço biográfico, passando à condição de figura de livro. O texto será a mediação, a expressão da vivência e das realidades experimentadas em diferentes itinerários percorridos pelo intelectual picoense no período de uma vida.

Do conjunto dos acontecimentos vivenciados por Ozildo, mantiveram-se as escritas mais circunstanciais àquelas que, de uma forma ou de outra, singularizou-o e que tiveram uma repercussão que foi além do seu caráter particular.

Para ter abraçado a proposta de trabalho em torno de Ozildo Albano recorreu-se ao **gênero biográfico** e foi através desse gênero que se tornou possível abarcar a história de vida de um picoense que enveredou por diferentes campos de atuação social e ter mostrado, em especial, as suas práticas educativas.

A utilização de um texto biográfico constituiu-se o melhor caminho para se colocar em evidência histórica o educador picoense e foi através desse tipo de narrativa que melhor se apoiou o objeto de pesquisa aqui desenvolvido. Além disso, albergou inúmeras temáticas sociais e mostrou a cultura de um homem que se preocupava em mudar a realidade social por meio de uma educação voltada para os valores e tradições locais.

Por meio dessa operação biográfica, recompuseram-se os fragmentos do passado pessoal do educador picoense. Nele, foi possível trazer à tona a história coletiva de um povo que se formou às margens do Rio Guaribas, durante o marco temporal da sua história de vida. Tudo ficou evidenciado por intermédio das vozes sociais dos entrevistados e também das fotografias que denunciaram a existência das espacialidades por onde muitos picoenses passaram.

A narrativa ozildiana foi costurada utilizando-se de inúmeros relatos presentes nos documentos e nas fontes orais que permitiram construir o texto histórico. Em cada seção da tese, o leitor se deparou com informações sobre um tempo que marcou não só a passagem do educador no Estado do Piauí, mas também a vida de outros personagens que comungaram do mesmo tempo histórico vivenciado por ele.

Os depoimentos dos entrevistados foram imprescindíveis para se chegar à tessitura textual sobre o biografado. Com eles, recuperaram-se muitos acontecimentos que estavam silenciosamente guardados na memória individual e coletiva sobre Ozildo.

O olhar dos entrevistados voltou para o intelectual que marcou uma época e conseguiu firmar-se como um **homem de cultura**. As versões históricas que cada um trouxe sobre Ozildo enredavam diretamente da relação que tinham com ele e com o grupo ao qual se vinculavam.

Esse encontro com os colaboradores da pesquisa fez-se lembrar de uma das narrativas do escritor português Fernando Pessoa (1999, p. 213), através do seu heterônimo Bernardo Soares, encontrado no “Livro do desassossego”. Nele, uma passagem em que o leitor se depara com um trecho em que há o encontro entre dois amigos que percorriam pelas ruas e que haviam se zangado um com o outro e, ao contarem as suas versões “[...] cada um via as coisas exatamente como se haviam passado, cada um as via com um critério idêntico ao do outro, mas cada um via uma coisa diferente, e cada um, portanto, tinha razão”.

Assim como os personagens criados por Fernando Pessoa trouxeram as suas verdades, dosadas aqui e ali de relatos diversos, mas que convergiam para o mesmo ponto de referência, a narrativa em torno de Ozildo Albano também teve inúmeros relatos, cada um dos colaboradores da pesquisa trouxe um pouco dele, daquilo que ficou guardado na memória e, assim, foi possível compor o quadro da personagem que serviu, pela educação, a uma comunidade carente de mediação cultural.

Entre a narrativa e a memória, o passado que veio à tona. Foi através dele que o texto ozildiano foi tomando forma e adquirindo sentido. Ou, mais precisamente, passou a ser mais compreensível o percurso trilhado por Ozildo Albano no campo da educação, cultura e jurídico.

Havia um arquivo particular dele, onde se pode encontrar, de forma organizada, dados sobre a vida do educador, disponíveis em caixas, pastas e prateleiras. Os documentos remetiam a Ozildo, alguns manuscritos rabiscados com a sua caligrafia, parecia até que tinha sido deixado de propósito para que alguém um dia escrevesse a sua história de vida.

Tudo ficou como ele havia deixado e preservado, até mesmo documentos e pedaços de pequenos bilhetes ainda se encontravam soltos dentro de livros, revistas, jornais e apostilhas ao longo de sua biblioteca. E foram nessas idas ao seu Museu particular que se localizaram alguns desses escritos colocados entre as folhas, como se fossem pistas a serem seguidas. Por lá, localizou-se dentro do livro “O Piauí na primeira metade do século XIX”, da historiadora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Miridan Brito Knox, uma carta em que a mesma solicitava dele informações sobre a genealogia de sua família.

Essa e outras cartas puderam ser encontradas no seu acervo, até mesmo bilhetes minúsculos em que frequentadores do seu museu pediam para que Ozildo Albano recebesse objetos que consideravam fora de uso para serem colocados nos expositores.

A pesquisa foi pontuada por essas descobertas, algumas surpreendentes e que permitiram um olhar mais aprofundado sobre o objeto pesquisado. Buscou-se fazer o registro do que tinha ligação direta com o professor Ozildo Albano, pois ele era o elo que ligava aos seus contemporâneos, ocupava um **campo de produção simbólica** e era dele que fazia a mediação cultural.

Deve-se destacar a importância da rede de sociabilidade na qual Ozildo Albano estava inserido. Transitava livremente por todas as classes sociais e se isso incomodava a alguém, não foi possível localizar noticiários que assim relatasse ou pessoas que nutrissem algum desconforto com a presença dele.

Não é demais lembrar de que a proposta educativa de Ozildo Albano entra em um contexto em que a educação picoense e dos demais municípios por onde esteve era praticamente tangida pela presença de mestres-escolas que tentavam impulsionar a educação com os seus métodos rudimentares de ensino.

Afora isso, o que se tem de informações sobre Ozildo é que ele foi respeitado em seu labor diário, no seu esforço de mediar educação e cultura. Para ilustrar isso, foram localizados muitos jornais que enredavam sobre a sua trajetória humana e profissional, dentre eles, a Folha Circulista (1952), Jornal Flâmula (1952),

Jornal Macambira (1981), Jornal de Picos (1986), Jornal Gazeta Popular (1989) e outros que circularam em Picos.

Percorreu municípios piauienses marcados pelo analfabetismo e pelo distanciamento do poder público e foi com esse cenário que Ozildo Albano tentou mudar a realidade onde se encontrava. Havia uma intencionalidade quando ele promovia os saberes educativo-culturais, através das escolas em que lecionava. Via que era necessário intervir no social e levar um pouco da enciclopédia que ele conduzia para gente simples do interior do Piauí.

Quando fazia os eventos escolares, o público local esperava as novidades que ele colocava para serem encenadas, em conformidade com as datas cívicas. Era o estilo ozildiano que estava presente e que fazia com que houvesse o devido respeito a ele.

O período em que ficou na magistratura também procurou se firmar como o homem público que respeitava o ordenamento jurídico brasileiro. Para tanto, não descuidava do seu ofício no trato humano e profissional com os jurisdicionados.

Reconstituíram-se passagens singulares do personagem histórico Ozildo Albano em diferentes atuações sociais, tudo com o propósito de aproximá-lo do leitor e, com isso, informar sobre a contribuição deixada por ele nos municípios por onde exerceu o magistério, a advocacia e a magistratura.

Fez-se aqui o registro do possível, do que chegou às mãos do pesquisador. Evidentemente, muito do que foi vivido por Ozildo Albano não pôde ser narrado, uma vez que resgatar a plenitude humana é algo impossível de ser colocado em cena.

Buscou-se trazer o ciclo natural de uma vida, desde os seus primeiros passos em terras picoenses até a sua morte. Tudo foi devidamente entrelaçado com as suas realizações pessoais e profissionais.

Do seu vasto arquivo documental, que enredava sobre ele, apropriou-se do que foi necessário para a sua narrativa memorialística. Algumas escolhas foram inevitáveis, tudo com o propósito de deixar o texto claro e acessível ao leitor a fim de que esse possa captar a dimensão cultural e educacional do intelectual Ozildo Albano.

Homem de cultura que se lançou na busca incansável pelas manifestações culturais evidenciadas nos mais simples grotões piauienses, garimpou objetos semióforos para serem expostos no seu museu particular Capitão-Mor João Gomes

Caminha, com o fito de educar os seus concidadãos através do seu patrimônio histórico.

Educou em diferentes escolas por onde lecionou no Estado do Piauí, dentre elas, o Instituto Padre José de Anchieta, o Colégio Comercial de Picos, o Ginásio Francisco Suassuna de Melo, o Colégio Padre Marcos, o Ginásio Marcos Parente e o Vidal de Freitas, além de ter feito ecoar diferentes vozes sociais presentes no Jornal Flâmula, lugar de memória onde mediava a educação no município de Picos.

Dessa forma, Ozildo Albano ingressou na *intelligentsia* piauiense e se tornou uma das figuras históricas conhecidas da sua gente. Destacou-se pela sua capacidade ímpar de preservação da memória e pelo olhar crítico em torno do social.

Na marcha narrativa sobre Ozildo Albano, considerou-se os anos de 1952 a 1989 como foco da pesquisa, período em que se evidenciaram as suas práticas educativas, no Estado do Piauí.

Foi com o método de pesquisa da história oral que se tornou possível o ingresso das vozes testemunhais de pessoas simples no fazer histórico ozildiano. Através dos enredos narrados por eles, fez-se chegar informações variadas sobre o educador picoense.

Os dados orais coletados dos diferentes agentes históricos que conviveram com Ozildo Albano serviram para montar um painel metodologicamente rico em detalhes sobre as práticas educativas por ele realizadas. Para se chegar ao documento oral, oriundo da memória dos entrevistados, realizou-se o esforço hermenêutico para se compreender como se deu a trajetória de vida e profissional de Ozildo Albano.

Retomar o passado do educador picoense, por intermédio da experiência histórica dos entrevistados, deu ao leitor o conhecimento sobre as experiências vivenciadas por ele. E mais, abriram pistas para se interpretar as suas ações empreendidas e, conseqüentemente, mostrou a realidade educacional vivenciada nos municípios de Picos, Pio IX e Jaicós, no Piauí.

As entrevistas trouxeram o que não foi possível localizar nos documentos que se encontravam nos arquivos públicos e particulares. Isso também teve um peso significativo quando da reconstituição do meio social em que se movimentou Ozildo Albano.

Mesmo com todo o acervo documental contemplado ao longo da tese, recorreu-se aos testemunhos orais que o presenciaram em sala de aula, para que pudessem informar a cultura escolar evidenciada nas escolas por onde Ozildo atuou. Tratou-se, assim, de informar sobre um dado que muitas vezes foge ao documento oficial.

Com o auxílio das narrativas dos ex-alunos, chegou-se às notícias de Ozildo sobre o ambiente de sala de aula, as práticas educativas desempenhadas e a cultura escolar evidenciada. Os enredos foram pontuados pela síntese de que se tratava de um educador que, na sua época, foi capaz de inovar no cotidiano, através de atividades que demandavam maior participação dos alunos e uma visão crítica em torno dos acontecimentos históricos.

Saiu do lugar-comum e passou a ocupar um espaço de produção simbólica em que as suas práticas educativas assumiram um papel de relevância social. Nas escolas em que lecionou, no Estado do Piauí, Ozildo procurou levar conteúdos críticos aos seus educandos, através de uma didática envolvente. Mas mais ainda, levou as suas práticas educativas para além dos muros das escolas, pois queria que a sociedade vivenciasse o clima cultural e educacional que nelas estavam sendo postas em prática.

Devido a isso, tornou-se um homem de referência cultural e educacional e recebeu da sua gente o título de intelectual por ser portador de inúmeros predicados que o notabilizaram. Ocupou o campo do magistério mesmo não tendo as credenciais da formação acadêmica para a docência, pois não possuíam uma licenciatura. Mas, mesmo assim, adquiriu o **capital da docência** e, com ele, foi se construindo e formando cidadãos conscientes do seu papel social.

Como agente social de seu tempo, o nome de Ozildo Albano foi sinônimo de cultura, conquistando respeito e admiração por parte de sua gente. O nome de Ozildo Albano foi marcador de espaços e de temporalidades. Através dele, adquiriu a sua identidade social e contribuiu para a educação em contextos sociais onde não havia uma assistência política capaz de modificar a realidade educacional existente e isso tudo pôde ser visualizado através dos dados oficiais dos Censos Demográficos de 1940, 1950 e 1960, contemplados ao longo da tese.

Os dados dos Censos permitiram ter uma amostra de como se encontrava a educação no Piauí e, especificamente, em Picos. Foi com esse levantamento

numérico que se pôde medir não só a quantidade de sujeitos históricos que estavam fora da escola, mas também ter uma noção do grau de escolaridade deles.

Possuidor de um capital cultural significativo, obtido tanto através de uma formação acadêmica quanto particular, pode ocupar um campo de produção simbólica por onde exerceu as suas atribuições profissionais e, deste campo, fez a mediação cultural, além de sistematizar um *habitus* que o tornou um sujeito portador de particularidades que o diferenciava dentro do campo de produção simbólica. Produto de todo o conjunto biográfico, o *habitus* ozildiano produziu práticas educativas por onde passou e exerceu o magistério.

Levou aos seus ex-alunos saberes variados em torno das disciplinas que ministrava nas suas aulas e oportunizou o reingresso de eventos culturais nas sociedades piauienses, dentre eles, o teatro, a quadrilha junina, os blocos temáticos que desfilavam no dia Sete de Setembro e outros.

Expôs-se aqui não só a personagem biografada de Ozildo Albano, mas também imagens sociais do município de Picos. Foram nessas espacialidades que o educador percorreu e presenciou inúmeros acontecimentos que pontuaram a sua trajetória de vida.

O estudo desenvolvido ajudou a compreender como Ozildo Albano conseguiu fazer a mediação cultural em espacialidades fortemente marcadas pelo descaso político. E foi com esse quadro de abandono cultural e educacional que o educador picoense agiu no sentido de dotar o contexto social de uma nova visão de mundo.

“Como uma figura de livro”, Ozildo Albano entra para a História da Educação no Estado do Piauí. Através de suas práticas educativas e culturais contribuiu para que se tenha uma fonte de pesquisa para outros pesquisadores envolvidos com objetos da mesma envergadura do que se propôs com essa tese.

Todos os resultados da tese ratificaram que a atuação do mediador cultural Ozildo Albano promoveu mudanças no contexto social por onde desenvolveu as suas práticas educativas. Fato esse que foi confirmado pelo conjunto probatório de imagens e pelas vozes dos atores sociais que adentraram o texto ozildiano em diferentes passagens da história dos municípios em que o educador esteve em serviço.

Dessa forma, considerando as análises feitas nas seções e o suporte documental adotado como fonte, confirma-se a tese de que a prática educativa do

mediador cultural promove o acesso a saberes educativo-culturais aos povos, em contextos sociais diversos.

O educador Ozildo Albano, na condição de mediador cultural, possibilitou aos jovens e adultos piauienses, nos municípios em que atuou, acesso a saberes da **alta cultura** e da **cultura popular**, contribuindo, assim, na educação não apenas escolar, mas sobretudo cultural daqueles que atravessaram sua história e suas práticas educativas.

REFERÊNCIAS

I. Bibliografia consultada:

ALBERTI, Verena. **Fontes orais**: histórias dentro da história. 2 ed. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). In: Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBANO, Maria da Conceição Silva ; SILVA, Albano (Orgs.). **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos-PI: Gráfica Brito, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **O historiador e suas fontes**. 1 ed. 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

ALENCAR, Custódia Matutino de. José Albano de Macedo. ALBANO, Maria da Conceição Silva e SILVA, Albano (Orgs.). **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos-PI: Gráfica Brito, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Auto-retrato e outras crônicas**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

_____. **Claro enigma**. 10 ed. Rio de Janeiro:Record, s/d. Disponível em: <<https://iedamagri.files.wordpress.com/2015/04/drummond-claro-enigma.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

BILAC, Olavo. **Poesias infantis**. Rio de Janeiro:Francisco Alves, 1929. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documents/poesias_infantis_de_olavo_bilac-1.htm>. Acesso em: 27 mar. 2018.

BISPO, José. Hino do Centenário de Picos. In: DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. Recife: Liber, 1991.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, Olívia da Silva Rufino. Recado a Ozildo Albano. ALBANO, Maria da Conceição Silva e SILVA, Albano (Orgs.). **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos: Gráfica Brito, 2011.

_____. Prefácio. ALBANO, Maria da Conceição Silva e SILVA, Albano (Orgs.). **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos:Gráfica Brito, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. 2 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. **Coisas ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

_____. Os três estados do capital cultural. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora Unesp, 2004b.

_____. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004c.

_____. **Pierre Bourdieu**: Sociologia. Trad. Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Questões de sociologia**. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CAMINHA, João Borges. **Ipiranga do Piauí**: recordações da cidade e do campo (terra de brejos e buritizais). Teresina: EDUFPI, 2009.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra:Quarteto, 2001.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002.

DOMINGUES, Joelza Ester. **História**: o Brasil em foco. São Paulo: FTD, 1996.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. Recife: Liber, 1991.

_____. **Ozildo Albano**. Manuscrito. Recife, 1989.

ECO, Umberto. **Leitura do texto literário**. 2 ed. Trad. Mário Brito. Lisboa: Editora Presença, 1993.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. 2 reimpressão. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí republicano**. Teresina, 1996.

FONSECA, Graziani Gerbasi. **Os italianos de Picos**: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policarpo e o Sertão Nordeste a partir do ano de 1870. Teresina: EDUFPI, 2004.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Trad. Guaíra Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médica, 1993.

GINZBURG, Carlo *et al.* **A micro-história e outros ensaios**. Trad. Antônio Narino. Lisboa: Difel, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico da educação patrimonial**. Museu Imperial/DEPROM-IPHAN-MINC, 1999.

IBIAPINA, Fontes. **O casório da Pafunça**. [s/d]

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Trad. Gizele de Souza. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. N. 1. Jan./Jun. 2001

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. In: LE GOFF, Jacques (Org.). A história nova. Trad. Eduardo Brandão. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. 4 ed. **História: novos problemas**. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. Memória. Trad. Bernardo Leitão e Irene Ferreira. In: **Enciclopédia Einaudi – Memória/História**. V. 1. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Artes Gráficas: Porto, 1984.

_____. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEVI, Giovanni. Sobre amicro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

_____. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: EDUSP, 2008.

LIMA, José Aécio Bezerra. **Crônicas da vida picoense**. 1 ed. Impressão independente, 2002.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Conhecimento escolar**: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Mar absoluto**. Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/jornal-longe-cecilia-meireles>>. Acesso em 27 mar. 2018.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. Em busca da cidade perdida. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**. N.5. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, jun. de 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. In. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados de História. São Paulo, 10 de dez. de 1993, p. 7. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

NÓVOA, Antônio et al. Imprensa de educação e ensino concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Educação em Revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. **Folclore brasileiro**: Piauí. 2 ed. Teresina: EDUFPI, 1995.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. 4 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PINHEIRO, Cristiane Feitosa. **Entre o giz e a viola**: práticas educativas do mestre-escola Miguel Guarani, no Vale do Guaribas (1938-1971). Teresina, 2017.

PINHEIRO, Welbert Feitosa. **De Tamboril a Isaías Coelho**: a educação dos mestres-escola ao grupo escolar (1935-1970). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, 2007, 167 fls.

POMIAN, Krzysztof. **Coleções**. In: Enciclopédia Einaudi – Memória/história. V.1. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

_____. História cultural, história dos semióforos. 1 ed. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Trad. Ana Moura. Rio de Janeiro:Editorial Estampa, 1998.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (Direção). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editora Estampa, 1998.

_____. **Doze lições sobre a história**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas**: a experiência da microanálise. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

REIS, Amada de Cássia Campos. **História e memória da educação em Oeiras-Piauí**: de meados do século XVIII à primeira metade do século XX. Teresina: Expansão/EDUFPI, 2009.

ROCHA, Vilebaldo Nogueira. **Pau & pedra**. 1 ed. Picos, 2013.

_____. Garimpeiro de memórias. ALBANO, Maria da Conceição Silva e SILVA, Albano (Orgs.). **Picos nas anotações de Ozildo Albano**. Picos-PI: Gráfica Brito, 2011.

RODRIGUES, Joselina Lima Pereira. 5 ed. **Geografia e história do Piauí**: Estudos regionais. Teresina: Halley S.A, 2012.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. 2 ed. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

_____. As elites culturais. 1 ed. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. Para uma história cultural. Trad. Ana Moura. Rio de Janeiro:Editorial Estampa, 1998.

SOUSA, Lourenilson Leal. **História da educação jaicoense**: dos primeiros aldeamentos ao Ginásio Padre Marcos. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. 2010, 140 fls.

SOUSA, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar**: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual. Teresina, 2005.

SOUZA, Elízio Serafim de. **Relatos e reminiscências do meu Piauí**. 2 ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2005.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Trad. Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história**: Ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1993.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). **Cinco estudos em história e historiografia da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

II. Fontes orais:

SILVA ALBANO, Maria da Conceição. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 14 fev de 2017.

SILVA ALBANO, Maria da Conceição. **Entrevista concedida a orientandas de monitoria do pesquisador**. Picos-PI, 19 set de 2011.

BORGES, Olívia da Silva Rufino. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 18 nov de 2016.

CRUZ, Francisco das Chagas. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 05 out de 2017.

RAFAEL FILHO, José. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Jaicós-PI, 19 out de 2016.

FONTES, Francisco de Moura. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 19 jan de 2017.

LÉLIS, Dimas Leopoldo. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 19 ago de 2016.

MOURA, Raimunda Fontes de. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 10 nov de 2016.

MOURA ALBANO, Maria Vanilda de. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 22 nov de 2017.

SANTOS, Francisco de Assis Macedo. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 27 jan de 2017.

SILVA, Albano. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 28 dez de 2016.

SINVAL, Maria das Graças Moura Formiga. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 16 dez 2016.

SOUZA, Elízio Serafim. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 12 ago 2016.

TEIXEIRA, Maria Eunice Soares. **Entrevista concedida ao pesquisador Welbert Feitosa Pinheiro**. Picos-PI, 22 out 2016.

III. Fontes documentais:

A Rainha dos estudantes. **Flâmula**, Picos, ano 1, nº 10, p. 1, 31 ago 1952.

ÁRVORE plantada há 25 anos é monumento ecológico. **Jornal de Picos**, 25 set 1987.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU OZILDO ALBANO. **Ata de fundação**. Picos, 17 ago 2007.

BARBOSA, Balduino. A princesa dos montes. **Flâmula**, Picos, p.4, 12 abr. 1952.

BRASIL. **Constituição (1967)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm. Acesso em: 02 set. 2018.

BRASIL. **Ato Institucional Nº 5**, de 13 de dezembro de 1968. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm . Acesso em: 02 set. 2018.

DISCURSO de professora do Grupo Escolar Padre Ibiapina. Pio IX, s/d.

ELEIÇÃO da Rainha. **Flâmula**, Picos, ano 1, nº 11, p. 1, 21 set 1952.

EPÍSTOLA. Piauí, 05 abr 1814.

EPÍSTOLA. Piauí, 12 abr 1851.

EULÁLIO, Marlene. Surge uma nova onda de ideias literárias. **Flâmula**, Picos, p.1, 29 mar.1952.

_____. Teatro do estudante. **Flâmula**, Picos, p.1, 10 mai. 1952.

FECHADA a biblioteca do Museu de Picos. **Jornal de Picos**, Picos, ano VIII, nº 230, 18 abr 1990.

FUNDEC realiza ação em Teresina e Picos. **Jornal Meio Norte**. Picos, 4 mar 2001.

FUGINDO da guerra, italianos instalam-se em Picos. **Jornal de Picos**, 11 a 18 jul 1984.

LEITE, Acilino. O poder do estímulo. **Flâmula**, Picos, p.1, 15 mar. 1952.

MACEDO, José Albano de. Lutando por um ideal. **Flâmula**, Picos, p.4, 15 mar. 1952.

_____. A Queda da Bastilha. **Flâmula**, Picos, p.1, 03 ago. 1952.

_____. Batalha de Riachuelo. **Flâmula**, Picos, p.2, 07 jun. 1952.

_____. Batalha de Waterloo. **Flâmula**, Picos, p.3, 19 jul. 1952.

_____. Bocaina: 230 anos de Nossa Senhora da Conceição. **Jornal de Picos**, Picos, 06 a 13 dez de 1984.

_____. Caderno de músicas. Canções dedicadas a Benjamim e Olívia. Picos-PI, p.1, 20 abr 1980.

_____. Caderno de músicas nº 03. Trio Acadêmico. Picos, 14 jun de 1980.

_____. Coelho Rodrigues. **Jornal Macambira**, Picos, n.89, 30 jun. 1982.

_____. Duas vidas, muitas lutas, um só destino. Manuscrito [s/d].

_____. Francisco de Sousa Santos. **Jornal de Picos**, Picos, 14 a 21 jan. 1985.

_____. Folclore em Picos e no Piauí. **Macambira**, Picos, 31 ago de 1981.

_____. Joaquim das Chagas Leitão. **Jornal Macambira**, Picos, 31 ago. 1982.

_____. Monsenhor Hipólito de Sousa Ferreira. **Jornal Macambira**, Picos, ano IV, n. 92, 30 set. 1982.

_____. Nossa terra, nossa gente. **Jornal de Picos**, 14 a 21 jan 1985.

_____. O folclore picoense. **Jornal de Picos**, Picos, 21 a 28 dez. 1984.

_____. Paz e liberdade. **Flâmula**, Picos, ano I, n. 10, 31 ago. 1952.

_____. 13 de maio. **Flâmula**, Picos, p.2, 24 maio 1952.

MANUSCRITO. Histórico do Colégio Comercial de Picos. s/d.

MOURA ALBANO, Maria dos Remédios de. **Entrevista concedida ao Jornal Folha Picoense sobre Ozildo Albano**. Picos-PI, 29 de jun de 2007.

NUNES, Alberto. Novos Horizontes. **Flâmula**, Picos, p.3, 15 de mar. de 1952.

OLIVEIRA, Acilino Leite de. O poder do estímulo. **Flâmula**, Picos, ano 1, p.1, 15 de mar de 1952.

OLIVEIRA, Josiane Roza de; MILDNER, Saul Eduardo Seiguer; Ghizzo, Idemar. **Projeto de guarda e curadoria definitivo do acervo relativo ao salvamento arqueológico da área abrangida pela LT-500 kv – Linha de transmissão São João do Piauí – Milagres (PI-PE-CE): Transferência do acervo para o museu de Picos-PI**. Santa Maria-RS, 2010.

PIAUÍ. **Portaria nº 235/74**. Dispõe sobre nomeação do professor Ozildo Albano para lecionar na Unidade Escolar Marcos Parente. 1974.

PIAUÍ. **Portaria nº 02646/75**. Dispõe sobre a nomeação de Ozildo Albano para lecionar no Complexo Escolar de Picos. 1975.

PICOS. **Código de Posturas de Picos**. 1901.

PICOS. **Lei Municipal de 21 de setembro de 1987**. Dispõe sobre a transformação da árvore Oiticica Licânia Rígida em monumento ecológico de Picos-PI.

PICOS. **Lei Municipal nº 1795 de 29 de novembro de 1994**. Dispõe sobre a determinação do dia 20 de novembro como o Dia da Cultura em Picos-PI.

PICOS. **Livro de Termo de Compromisso da Prefeitura Municipal de Picos**. 1936.

PICOS. **Projeto-Lei de 22 de outubro de 1986**. Dispõe sobre requerimento da Câmara Municipal de Picos para o reconhecimento do status de utilidade pública do Museu particular de Ozildo Albano.

PICOS. **Projeto-Lei de 08 de setembro de 1987**. Dispõe sobre requerimento da transformação da árvore Oiticica Licânia Rígida em monumento ecológico de Picos-PI.

PICOS. **Requerimento à Câmara dos Vereadores de Picos**. Dispõe sobre solicitação de vereador para a publicação dos livros sobre a História e a Geografia do município de Picos, de autoria de Ozildo Albano. Picos, 22 abr 1983.

PICOS prepara o centenário. **Jornal Gazeta Popular**, ano 3, nº 3, 19 jul 1989.

Por um picoense cidadão, com direito a vez e voz. **Jornal de Picos**, 10 dez 2004.

RAINHA dos estudantes. **Flâmula**, Picos, ano 1, nº 1, p. 1, 15 mar 1952.

RAINHA dos estudantes para 1953. **Flâmula**, Picos, ano 1, nº 12, p. 1, 19 out 1952.

RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL. Série Regional, Parte V, Piauí, 1 set 1940. Rio de Janeiro:IBGE, 1952.

RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL. Estado do Piauí, Série Regional, Vol. XIII. Rio de Janeiro:IBGE, 1956.

RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL. Maranhão e Piauí, Série Regional, Vol. I, Tomo III. Rio de Janeiro:IBGE, 1960.

SILVA, Dirlene Oliveira; SILVA, Joana Angelica Flores. **Proposta de planejamento e montagem**: Museu histórico de Picos Ozildo Albano. Salvador, 1998.

SOMOS suspeitos. **Flâmula**, Picos, ano 1, nº 6, p. 1, 24 mai 1952.

IV. Fontes audiovisuais:

VÍDEO FAMILIAR. Picos. 1 VHS (41':13"min).

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

BLOCO I:

PERGUNTAS QUE FORAM FEITAS AOS IRMÃOS DE OZILDO ALBANO

- 1) Como é o nome completo do senhora?
- 2) Onde a senhora nasceu e quando?
- 3) Qual a sua formação escolar?
- 4) Como era o nome completo do pai e da mãe do Ozildo Albano? E a profissão dos pais?
- 5) Vocês eram quantos irmãos? Como se chamavam?
- 6) Onde Ozildo Albano nasceu e em que ano?
- 7) Como foi a infância de Ozildo Albano aqui em Picos?
- 8) Como foi a educação familiar dada pelos pais a Ozildo Albano?
- 9) Ozildo Albano era um filho obediente aos pais?
- 10) Os pais de Ozildo Albano eram religiosos? Como se evidenciava a religiosidade dos seus pais?
- 11) Com quantos anos Ozildo Albano entrou na escola?
- 12) Qual o nome da primeira escola em que Ozildo Albano estudou em Picos? Onde se localizava esta escola? Qual o nome da primeira professora de Ozildo? Como é o nome do livro em que Ozildo foi alfabetizado?
- 13) Quais as lembranças que o(a) senhor(as) tem de Ozildo Albano quando estudava na escola Landri Sales?
- 14) A ida de Ozildo Albano para o Seminário Sagrado Coração de Jesus em Teresina foi devido à formação religiosa que os pais dele deram a ele ou foi por opção própria? Qual foi o ano em que ele ingressou no seminário em Teresina e em que ano dele saiu? Por que Ozildo desistiu do seminário?
- 15) Qual foi a contribuição que o seminário trouxe para a formação humana e profissional de Ozildo Albano?
- 16) Em 1949, Ozildo Albano retornou do seminário e alistou-se no Exército e fez o tiro de guerra. Albano, fale-me um pouco deste período da vida de Ozildo Albano.
- 17) Ozildo Albano foi aprovado no exame de admissão e ingressou na 1ª turma do Ginásio Estadual Picoense em 1950. O que mais marcou Ozildo Albano durante os anos em que esteve estudando no Ginásio? Quem eram os amigos de Ozildo neste período da vida dele?
- 18) Em 1952, Ozildo Albano e outros estudantes do Ginásio Picoense criaram o Jornal Flâmula. Inclusive, Ozildo foi responsável pela compra da Tipografia em Recife. Você se lembra de quando Ozildo foi comprar esta tipografia em Recife?

Quem operacionalizava as máquinas na tipografia? Ozildo já tinha tido alguma experiência com jornal?

19)O que representou para Ozildo a criação deste Jornal?

20)Em 15 de março 1952 circulou em Picos o Jornal Flâmula. Qual o papel desempenhado por Ozildo dentro deste jornal?

21)Qual foi o impacto que o Jornal Flâmula causou, no cidadão picoense, quando circulou em Picos?

22)Qual foi o grande desafio que Ozildo Albano enfrentou quando idealizou, juntamente com os amigos do ginásio, a criação do Jornal Flâmula?

23)Em que ano Ozildo Albano ingressou no curso Científico no Liceu cearense? O que representou para Ozildo sair novamente de Picos para outra cidade?

24)Qual o impacto que o Liceu teve na trajetória estudantil de Ozildo Albano?

25)Ozildo Albano se formou em Direito na UFCE. O que o levou a escolher este curso?

26)Ozildo tinha uma grande admiração pelo Juiz de Direito e professor, o Dr. Vidal de Freitas. Ele teve a influência de Dr. Vidal de Freitas para seguir os caminhos da magistratura? Por quê?

27)Quando Ozildo Albano retornou para Picos, logo após ter se formado em Direito, ele chegou a advogar? Ele gostava de ser advogado? Onde funcionava seu escritório?

28)Quais foram as escolas em que Ozildo Albano lecionou em Picos? O Sr. lembra das disciplinas que Ozildo Albano lecionou em Picos?

29)Em 1962, Ozildo criou uma escola com a senhora, o Instituto Padre Anchieta. Quais os locais em que esta escola funcionou aqui em Picos? Quais as séries que tinha esta escola? Ozildo também dava aulas nesta escola?

30)Tenho notícias de que Ozildo lecionou no Colégio Comercial de Picos, de Dona Dorinha Xavier. O senhor se lembra do ano em que Ozildo lecionou neste colégio? Quais as disciplinas que ele lecionou? O que representou para Ozildo esta passagem pela Escola Comércio?

31)Em 1964, Ozildo assumiu o cargo de Juiz de Direito em Pio IX ficando por lá até o ano de 1966. O que levou Ozildo a percorrer pela magistratura e ter abraçado o magistério como escolha profissional?

32)Ozildo Albano se realizou profissionalmente como professor?

33)Que fatores contribuíram para o ingresso de Ozildo no magistério?

34)Em conversas informais com amigos e ex-alunos do Ozildo Albano destacam que ele era um apaixonado pelo folclore e tinha por preocupação a preservação da nossa cultura popular. Por quê?

35) A que se deve o comprometimento ético de Ozildo com a educação, com a advocacia, com a magistratura, com a memória e demais atividades que exercia em Picos?

36)O(a) senhor(a) considera que Ozildo tinha ideias ousadas para a época e para o contexto de Picos? Por quê?

37)Como Ozildo Albano ajudou na divulgação e preservação da cultura picoense?

41)Quando se fala em Ozildo Albano, os picoenses sempre fazem alusão ao Museu. O que motivou Ozildo a criar um museu em Picos?

42)Que objetivava Ozildo quando abriu as portas do seu museu particular para a população picoense?

43)O museu de Ozildo é nosso símbolo de civilização. Qual o impacto que o museu teve na vida do cidadão picoense?

- 44) Como Ozildo conseguiu juntar as peças que hoje temos no museu picoense? Quem doava as peças para Ozildo colocar no acervo do museu? Quais os critérios de seleção das peças para serem agregadas ao patrimônio do museu?
- 45) Quais os locais em que o museu funcionou em Picos?
- 46) Por que o museu se chamou inicialmente de Museu Capitão-mor João Gomes Caminha?
- 47) De quando Ozildo criou o museu, em 1966, até o período que ele esteve conosco na sociedade Picoense, o índice de visitantes no museu foi aumentando ano por ano? A que se deve isto?
- 48) O museu recebeu inicialmente o nome Capitão-mor João Gomes Caminha em 1966. Posteriormente, o museu foi renomeado para Museu Ozildo Albano. Em que ano se deu essa renomeação?
- 49) Durante o tempo em que Ozildo esteve à frente do museu, ele chegou a receber alguma homenagem por manter tamanho empreendimento cultural? Quais homenagens?
- 50) Como Ozildo Albano conseguiu manter um museu, durante muitos anos, sem ter recebido nenhum recurso público ou privado?
- 51) Como Ozildo Albano se sentia quando o museu era visitado por seus conterrâneos e por pessoas de outras cidades?
- 52) Em 1983, Ozildo foi nomeado Secretário de Cultura de Picos. Quais as lembranças que você tem deste período em que Ozildo Assumiu esta secretaria? A nomeação de Ozildo Albano se deu por indicação política ou pela própria notoriedade que ele possuía? O que Ozildo conseguiu colocar em prática durante este período?
- 53) Quais foram os desafios enfrentados por Ozildo frente à Secretaria de Cultura de Picos?
- 54) Em 1964, Ozildo era juiz de direito, professor e diretor do Ginásio Francisco Suassuna de Melo, em Pio IX/PI. Na ocasião, realizou um Pastoril com um grupo de pastorinhas que chamou a atenção do cidadão de Pio IX. Ozildo chegou a organizar um pastoril em Picos?
- 55) Em Pio IX, Ozildo realizou a dramatização com a peça “A bruxinha que era boa” e foi apresentada por alunos do ginásio da cidade. A senhora sabe me informar se Ozildo organizou alguma peça teatral aqui em Picos?
- 56) Saindo da Comarca de Pio IX, Ozildo assumiu as funções de Juiz de Direito na Comarca de Jaicós. Tenho notícias de que ele lecionou também em Jaicós. Qual foi o ano? Qual o nome da escola que ele lecionou em Jaicós? Ele chegou a ser diretor desta escola?
- 57) Ozildo foi advogado em uma época em que havia poucos advogados em Picos. Quais as representações do advogado Ozildo Albano para a sociedade picoense da época?
- 58) Como irmão(ã) do intelectual Ozildo Albano, o que ficou de positivo na trajetória do jurista Ozildo quando esteve sendo Juiz de Direito pelas comarcas onde esteve?
- 59) Como a sociedade picoense via o Ozildo Albano juiz de Direito?
- 60) Albano, eu tenho notícias de que Ozildo Albano era uma pessoa muito culta. Quais os caminhos que Ozildo trilhou para ter chegado à condição de intelectual picoense?
- 61) Tenho notícias também de que Ozildo Albano lia muito. Quais livros influenciaram-no na sua formação intelectual?

62)É de costume alguém fazer a referência de uma qualidade nossa com alguém de nossos antepassados. No tocante a Ozildo, a simplicidade dele e a sua intelectualidade são herdados de quem na família de vocês?

63)Ozildo Albano tinha a intenção de lançar dois livros, o primeiro era sobre UMA HISTÓRIA CRONOLÓGICA DE PICOS e o segundo era sobre GEOGRAFIA PITORESCA DE PICOS. Alguma vez ele comentou essa ideia de lançamento destes livros? Onde Ozildo estava garimpando conteúdos para publicar esses livros?

64)Como foi para a senhora perder o irmão e amigo Ozildo Albano?

66)Qual foi a maior perda que a sociedade picoense teve com a morte de Ozildo Albano?

67)Há um discurso corrente que diz que “Picos é Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos”. Como o senhor interpreta isto?

BLOCO II:

PERGUNTAS QUE FORAM FEITAS AOS EX-ALUNOS DE OZILDO ALBANO

1)Como é o nome completo do senhor (a)?

2)Onde o (a) senhor (a) nasceu e quando?

3)Qual a sua formação escolar?

5)O (A) senhor (a) foi aluno (a) do professor Ozildo Albano em que ano? Em que escola o (a) senhor (a) foi aluno (a) de Ozildo? E quais as disciplinas que ele lecionava?

6)Em quantas séries o (a) senhor (a) foi aluno (a) de Ozildo Albano ?

7)Quais as lembranças que o (a) senhor (a) tem do educador Ozildo Albano?

8)Como eram as aulas do professor Ozildo Albano?

9)O senhor (a) pode mencionar o nome dos outros alunos que assistiram aulas com o professor Ozildo Albano?

10)Como era que o professor Ozildo Albano se relacionava com os alunos em sala de aula e fora da sala de aula?

11)O (A) senhor (a) aprendeu muito com Ozildo Albano, durante os anos que foi aluno dele? O que ficou dos seus ensinamentos?

12)O que mais chamava a atenção do (a) senhor (a) no educador Ozildo Albano ?

13)O (A) senhor (a) se lembra de alguma das atividades escolares que o professor Ozildo Albano passava para vocês?

14)O professor Ozildo Albano adotava livros? Se sim, quais?

15)Ozildo Albano cobrava a produção de redações? Quais temas ele pedia para os alunos escreverem?

16)O (a) senhor (a) se lembra de algum tipo de leitura que o professor Ozildo Albano passava para vocês lerem? Quais?

17)Qual o tipo de material didático que o professor Ozildo Albano levava para sala de aula?

18)O (A) senhor (a) se lembra de algum tipo de leitura que o professor Ozildo Albano passava para vocês lerem?

19)Qual o tipo de material didático que o professor Ozildo Albano levava para sala de aula?

20)O (A) senhor (a) se lembra de como eram as provas do professor Ozildo Albano?

21)Durante o tempo em que o (a) senhor (a) foi aluno (a) de Ozildo Albano. Ele fez algum evento cultural na escola em que o (a) senhor (a) estudava?

22)O professor Ozildo Albano era muito rígido em sala de aula?

23)Quais as representações sobre o professor Ozildo Albano que mais chamava a atenção da sociedade?

- 24)O (A) senhor (a) se espelhou muito no professor Ozildo Albano para também ser um professor?
- 25)O que representava ser professor na época em que Ozildo Albano lecionava aqui em Picos/Pio IX/ Jaicós?
- 26)Os alunos respeitavam muito o professor Ozildo Albano?
- 27)Em que aspecto o educador Ozildo Albano se diferenciava dos professores da época?
- 28)Podemos afirmar que Ozildo Albano era um apaixonado pela educação? Por quê?
- 29)O que mais o (a) senhor (a) aprendeu com as aulas do professor Ozildo Albano?
- 30)Com certeza, muitas coisas boas o educador Ozildo Albano deixou em cada um dos seus ex-alunos, de todos os momentos que o (a) senhor (a) esteve com o professor Ozildo qual momento ficou marcado?
- 31)Os grandes professores sempre deixam marcas positivas na gente e que servem como balizas para a nossa caminhada humana. O que ficou de Ozildo que serviu para a tua formação humana e profissional?
- 32)Fazer a descrição da vida de uma pessoa é algo que às vezes leva anos. Em poucas palavras, como o (a) senhor (a) descreveria o intelectual Ozildo Albano?
- 33)O professor Ozildo Albano era um professor tradicional ou um professor moderno? Por quê?
- 34)Como a sociedade picoense/piononense/jaicoense via o educador Ozildo Albano, levando-se em conta que ele também era Juiz de Direito?
- 35)O (A) senhor (a) considera que Ozildo tinha ideias ousadas para a época e para o contexto de Picos/Pio IX/Jaicós? Por quê?
- 36)Por ser um educador que incursionou pela literatura, língua portuguesa, história, artista musical, advogado, juiz de direito, folclorista, pesquisador dentre outros. Como Ozildo Albano conseguiu lidar com esta grandeza toda e permanecendo com sua característica maior, a simplicidade?
- 37)Quando Ozildo Albano lecionou em Picos/Pio IX/Jaicós ele já tinha passado pela experiência de criação de um jornal, pela experiência dos estudos no Seminário em Teresina, pela formação jurídica em Fortaleza dentre outros. Em meio a esta formação humanística do Ozildo Albano, qual foi o ganho que a educação picoense/piononense/jaicoense teve durante os anos em que Ozildo Albano lecionou?
- 38)Há um discurso corrente em Picos, Pio IX e Jaicós que as aulas do profº Ozildo Albano eram críticas e contextualizadas. Volvendo o olhar para o passado, qual o salto qualitativo e quantitativo que tivemos quando Ozildo Albano esteve frente à educação?
- 39)Qual foi a maior perda que a sociedade picoense/piononense/jaicoense teve quando Ozildo Albano deixou de ensinar?
- 40)Ozildo Albano era uma pessoa muito religiosa. Ele fazia alguma oração com os alunos antes de começar as aulas?
- 41)Quem fazia parte da rede de sociabilidade de Ozildo Albano em Picos/Pio IX/Jaicós?
- 42)Ozildo Albano tinha uma visão épica de mundo. A que se deve este campo de visão elástico que ele tinha no tocante aos inúmeros aspectos do social?
- 43)Ozildo Albano opinava, debatia, expunha as suas opiniões sobre as questões sócio-político-econômico-cultural aqui em Picos/Pio IX/Jaicós?
- 44)Ozildo Albano era uma pessoa que reunia, ao mesmo tempo, a vocação de pesquisador, historiador, memorialista, colecionador, folclorista, artista musical,

jurista, dentre outros. Como Ozildo conseguiu lidar com tudo isto em uma cidade interiorana do Estado do Piauí?

45)Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao professor Ozildo Albano?

46)Ozildo Albano era conservador ou liberal? Ou, liberal-conservador?

48)Que mais o (a) senhor (a) tem para falar sobre o educador ozildo Albano?

BLOCO III:

PERGUNTAS FEITAS AOS AMIGOS DE OZILDO ALBANO – REDATOR DO JORNAL FLÂMULA.

1)Como é o nome completo do senhor?

2)Onde o senhor nasceu e quando?

3)Qual a sua formação escolar?

4)O senhor foi aluno da primeira turma do Ginásio Estadual Picoense juntamente com Ozildo Albano dentre outros. Voltando um pouco no tempo, como o senhor descreveria o aluno Ozildo Albano?

5)Ozildo Albano era um aluno muito questionador em sala de aula?

6)Quais os tipos de leituras que os professores do Ginásio Estadual Picoense passavam para vocês lerem?

7)Em maio de 1952, a estudante Marlene Eulálio escreveu em uma coluna do jornal Flâmula que os alunos do Ginásio Estadual Picoense apresentaram uma peça teatral no salão do Instituto Monsenhor Hipólito. Inclusive, o senhor e o Ozildo Albano participaram desta peça. O senhor se lembra da peça que vocês apresentaram?

8)Qual foi a participação de Ozildo nesta peça?

9)Foi ele quem dirigiu esta peça? O senhor se lembra de outras peças que Ozildo Albano dirigiu em Picos?

10)Quais as leituras feitas por Ozildo Albano que influenciou ele a produzir peças teatrais?

11)Quem fazia parte do círculo de amizade de Ozildo Albano quando ele estudava no Ginásio Estadual Picoense?

12)Quais foram as principais contribuições do Ginásio Estadual Picoense na formação humanística do senhor, do Ozildo Albano e dos demais colegas de turma?

13)Antes de ingressar no Ginásio Estadual Picoense, Ozildo Albano esteve um período de sua vida no seminário em Teresina, alguma vez ele chegou a comentar sobre este momento da vida dele para o senhor?

14)Quando esteve no seminário em Teresina Ozildo Albano entrou em contato com a língua latina, a filosofia, o arcabouço teológico, dentre outros fundamentos. O que mais ajudou Ozildo Albano a se tornar um intelectual?

15)Eu tenho notícias de que Ozildo era uma pessoa muito religiosa. Podemos afirmar que os valores católicos preservados por Ozildo Albano teve influência na sua formação humanística? Por quê?

16)Em 1952, o senhor participou da Diretoria do Grêmio Literário Da Costa e Silva, no Ginásio Picoense que tinha como presidente Ozildo Albano. De quem foi a ideia de criação deste Grêmio Literário?

17)A Diretoria do Grêmio Literário Da Costa e Silva era composta por Ozildo Albano (Presidente), Maria do Carmo Leopoldo, Alfredo Albano, Helenita, Dimas Lélis, Socorro Dantas, Albertino Barros, Mário Marreiros e o senhor que ocupava o posto de bibliotecário. Como Ozildo Albano presidia a Diretoria do Grêmio Literário da Costa e Silva?

18)Quais as principais ideias colocadas em práticas quando Ozildo Albano foi presidente do Grêmio Literário Da Costa e Silva?

19)Na época, o que representava fazer parte da Diretoria do primeiro Grêmio do Ginásio Picoense?

20)O senhor se lembra se teve eleição para participar do Grêmio Literário Da Costa e Silva?

21)O Grêmio Literário do Ginásio Picoense recebeu o nome do nosso poeta piauiense Da Costa e Silva. O senhor se lembra de quem foi a ideia de colocar o nome “Grêmio literário Da Costa e Silva? Por quê?

22)Em 1952, o senhor era redator do Jornal Flâmula e Ozildo Albano era gerente deste jornal. Qual foi a importância que teve Ozildo Albano dentro deste jornal?

23)Por que o Jornal se chamava Flâmula?

24)O senhor se lembra da campanha que Ozildo Albano juntamente com o senhor e os demais alunos fizeram para comprarem a máquina tipográfica?

25)Quando se lê sobre os professores do Ginásio Estadual Picoense dois se destacaram, dentre eles, o Dr. Vidal de Freitas e o Dr. Acilino Leite. Ozildo Albano se espelhou no Juiz de Direito, o Dr. Vidal de Freitas, para se enveredar posteriormente pela magistratura?

26)Quais foram as grandes lições de vida e profissionais deixadas pelo Juiz de Direito de Picos, o Dr. Vidal de Freitas e o Dr. Acilino Leite na formação intelectual de Ozildo Albano e do senhor?

27)Qual foi o impacto que o Jornal Flâmula causou quando circulou na cidade de Picos?

28)O senhor considera o Jornal Flâmula um dos principais elementos civilizatórios introduzidos na sociedade picoense. Por quê?

29)O Jornal Flâmula ajudou a fomentar o debate público em Picos pelo teor de qualidade das matérias publicadas?

30)Além de Gerente e redator do Jornal Flâmula, quais as influências que Ozildo tinha nesse Jornal?

31)As matérias publicadas no jornal Flâmula passava pelo crivo de Ozildo Albano antes de serem publicadas?

32)Para um jornal se manter em circulação é preciso que tenha patrocinadores. Tenho notícias que o jornal recebia doações para se manter. O corpo editorial, inicialmente conduzido por Ozildo Albano, primava pela absoluta neutralidade político-partidária?

33)Qual foi o grande desafio que Ozildo Albano enfrentou quando idealizou, juntamente com os amigos do Ginásio Picoense, a criação do Jornal Flâmula?

34)Depois dos anos que o senhor estudou com Ozildo Albano em Picos, ele vai para fortaleza e, por lá, se forma em Direito. O senhor ainda teve contato com Ozildo? Ele escrevia cartas para o senhor?

35)Ozildo Albano era uma pessoa que reunia, ao mesmo tempo, a vocação de pesquisador, historiador, memorialista, colecionador, folclorista, artista musical, jurista, dentre outros. Como Ozildo conseguiu lidar com tudo isto em uma cidade interiorana do Estado do Piauí?

36)A que se deve o comprometimento ético de Ozildo com a educação, com a advocacia, com a magistratura, com a memória e demais atividades que exercia em Picos?

37)Qual foi o grande desafio enfrentado por Ozildo Albano, como Juiz de Direito, numa época em que vivíamos sob o pálio da ditadura militar e, também, das marcas do coronelismo no Piauí?

38)Por ser um educador que incursionou pela literatura, língua portuguesa, história, artista musical, advogado, juiz de direito, folclorista, pesquisador dentre outros. Como Ozildo Albano conseguiu lidar com esta grandeza toda e permanecendo com sua característica maior, a simplicidade?

39)Ozildo Albano era conservador ou liberal? Ou, liberal-conservador?

40)Como foi para a senhor perder um dos seus maiores amigos?

41)Qual foi a maior perda que a sociedade picoense teve com a morte de Ozildo Albano?

BLOCO III:

PERGUNTAS FEITAS AOS AMIGOS DE OZILDO ALBANO – ADVOGADOS

1.Como é o nome completo do senhor?

2.Onde o senhor nasceu e quando?

3.Qual a sua formação escolar?

4.Quais as lembranças que o senhor tem do educador Ozildo Albano?

5.Depois que Ozildo se forma em Direito em Fortaleza retornou a Picos e abraçou o magistério como escolha profissional. O que levou Ozildo a abraçar o magistério?

6.Quando Ozildo Albano lecionou em Picos ele já tinha passado pela experiência de criação de um jornal, pela experiência dos estudos no Seminário em Teresina, pela formação jurídica em Fortaleza dentre outros. Em meio a esta formação humanística do Ozildo Albano, qual foi o ganho que a educação picoense teve durante os anos em que Ozildo Albano lecionou em Picos?

7.O senhor se lembra do nome das escolas em que Ozildo Albano ensinava em Picos? Se sim, quais?

8.Ozildo Albano conseguiu juntar a intelectualidade à simplicidade. Como Ozildo conseguiu associar estas características caminhando pela docência e simultaneamente pela advocacia e, posteriormente, pela magistratura?

9.O senhor me disse que Ozildo Albano era uma pessoa muito simples, como isso se evidenciava nele?

10.Quando as pessoas fazem alusão a Ozildo Albano dizem que ele era uma enciclopédia viva que tínhamos em Picos. Por quê?

11.Podemos afirmar que Ozildo foi um dos nossos maiores arautos da cultura picoense? Por quê?

12.Com o legado deixado por Ozildo Albano, o senhor considera que ele influenciou na formação identitária do cidadão picoense? Por quê?

13.Quem fazia parte da rede de sociabilidade de Ozildo Albano? De quais classes sociais?

14.Ozildo foi o nosso guardião da memória picoense. Por que Ozildo Albano tinha esta preocupação em garimpar documentos, fotografias, garimpar fatos pitorescos de Picos, imagens, dentre outros?

15. Ozildo Albano tinha uma visão épica de mundo. A que se deve este campo de visão elástico que ele tinha no tocante aos inúmeros aspectos do social?
16. Ozildo Albano possuía uma autoconsciência do seu lugar na organização da cultura picoense?
17. Em conversas informais com amigos e ex-alunos do Ozildo Albano destacam que ele era um apaixonado pelo folclore e tinha por preocupação a preservação da nossa cultura popular. Por quê?
18. A que se deve o comprometimento ético de Ozildo com a educação, com a advocacia, com a magistratura, com a memória e demais atividades que exercia em Picos?
19. O senhor considera que Ozildo tinha ideias ousadas para a época e para o contexto de Picos? Por quê?
20. Quando se fala em Ozildo Albano, os picoenses sempre fazem alusão ao Museu. O que motivou Ozildo a criar um museu em Picos?
21. O museu tem uma função educativa em qualquer sociedade em que esteja inserido. Por que Ozildo Albano tinha a preocupação de coletar peças antigas e documentos, dentre outros, para serem guardados no Museu picoense?
22. O museu de Ozildo é nosso símbolo de civilização. Qual o impacto que o museu teve na vida do cidadão picoense?
23. Qual foi a missão de grandeza deixada pelo intelectual Ozildo Albano em Picos?
24. Ozildo Albano era uma pessoa que reunia, ao mesmo tempo, a vocação de pesquisador, historiador, memorialista, colecionador, folclorista, artista musical, jurista, dentre outros. Como Ozildo conseguiu lidar com tudo isto em uma cidade interiorana do Estado do Piauí?
25. Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao intelectual Ozildo Albano?
26. Ozildo foi advogado em uma época em que havia poucos advogados em Picos. Quais as representações do advogado Ozildo Albano para a sociedade picoense da época?
27. Como você descreveria o jurista Ozildo Albano?
28. O conhecimento filosófico, sociológico, histórico e antropológico ajudaram Ozildo Albano no campo jurídico?
29. Ozildo Albano tinha muito conhecimento do campo jurídico?
30. De todos os ramos do Direito, qual a Ozildo mais se identificava?
31. Ozildo Albano tinha um gosto afinado pela música, que tipo de música ele gostava de ouvir?
32. Ozildo Albano era muito religioso?
33. Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. Como foi para a senhor perder um dos seus maiores amigos?
34. Qual foi a maior perda que a sociedade picoense teve com a morte de Ozildo Albano?
35. Há um discurso corrente que diz que “Picos é Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos”. Como o senhor interpreta isto?

BLOCO III:

PERGUNTAS FEITAS AOS AMIGOS DE OZILDO ALBANO – TRIO ACADÊMICO

- 1)Qual o nome completo do (a) senhor (a)?
- 2)Onde o (a) senhor (a) nasceu e quando?
- 3)Qual a sua formação escolar?
- 4)Como era a cidade de Picos entre os anos de 1950 a 1980? Como era viver em Picos neste período?
- 5)Junto com o progresso, chegavam a Picos alguns objetos para a modernização da sociedade Picoense? O (a) senhor (a) se lembra de alguns deles?
- 5)Quais as atividades culturais que existiam em Picos nas décadas de 1950 a 1980?
- 6)Eu tenho notícias de que Ozildo Albano era uma pessoa muito culta. Quais os caminhos que Ozildo trilhou para ter chegado à condição de intelectual picoense?
- 7)Tenho notícias também de que Ozildo Albano lia muito. O (a) senhor (a) mencionou para mim que ele lia alguns clássicos da literatura nacional e clássicos de outros países. Quais livros influenciaram Ozildo Albano na sua formação intelectual?
- 8)Ozildo Albano conseguiu juntar a intelectualidade à simplicidade. Como Ozildo conseguiu associar estas características caminhando pela docência e simultaneamente pela advocacia e, posteriormente, pela magistratura?
- 9)O (A) senhor (a) formavam um grupo de seresta, era o Trio Acadêmico. Quando surgiu? Por que o nome Trio Acadêmico? De quem foi a ideia de montar o Trio Acadêmico?
- 10)Qual o objetivo deste Trio Acadêmico em Picos?
- 11)O Trio Acadêmico chegou a se apresentar na Rádio Difusora de Picos? Se sim, quais as repercussões da apresentação de vocês na cidade e na microrregião?
- 12)Tenho notícias de que Ozildo Albano tinha a intenção de lançar dois livros “A história cronológica de Picos” e “Geografia Pitoresca de Picos”. Alguma vez Ozildo comentou dessa sua intenção?
- 13)Por que o folclore foi o ponto forte e a maior preocupação de Ozildo Albano?
- 14)Quando as pessoas fazem alusão a Ozildo Albano dizem que ele era uma enciclopédia viva que tínhamos em Picos. Por quê?
- 15)Podemos afirmar que Ozildo foi um dos nossos maiores arautos da cultura picoense? Por quê?
- 16)Com o legado deixado por Ozildo Albano, a senhora considera que ele influenciou na formação identitária do cidadão picoense? Por quê?
- 17)O (A) senhor (a) acha que o intelectual Ozildo Albano tinha um discurso modernizador para Picos? Por quê?
- 18)Ozildo foi o nosso guardião da memória picoense. Por que Ozildo Albano tinha esta preocupação em garimpar documentos, fotografias, garimpar fatos pitorescos de Picos, imagens, dentre outros?
- 19)Em 1983, Ozildo foi nomeado Secretário de Cultura de Picos. Quais as lembranças que você tem deste período em que Ozildo Assumiu esta secretaria? A nomeação de Ozildo Albano se deu por indicação política ou pela própria notoriedade que ele possuía? O que Ozildo conseguiu colocar em prática durante este período?
- 20)Ozildo engajou-se, juntamente com outros amigos em trazer um jornal para Picos. Para tanto, trouxe de Recife uma tipografia e em 1952 nasceu o Jornal

Flâmula. Qual o impacto que teve para o cidadão picoense a circulação de um jornal na cidade de Picos?

21) Ozildo foi gerente da gráfica e o responsável pela impressão do jornal “A flâmula”. O que objetivava Ozildo com a criação deste jornal em Picos?

22) O (a) senhor (a) considera o Jornal Flâmula um dos principais elementos civilizatórios introduzidos na sociedade picoense. Por quê?

23) O museu de Ozildo é nosso símbolo de civilização. Qual o impacto que o museu teve na vida do cidadão picoense?

24) Qual foi a missão de grandeza deixada pelo intelectual Ozildo Albano em Picos?

25) Ozildo Albano era uma pessoa que reunia, ao mesmo tempo, a vocação de pesquisador, historiador, memorialista, colecionador, folclorista, artista musical, jurista, dentre outros. Como Ozildo conseguiu lidar com tudo isto em uma cidade interiorana do Estado do Piauí?

26) Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao intelectual Ozildo Albano?

27) Ser juiz de Direito em qualquer município é uma responsabilidade muito grande, pois o jurista deve está vinculado ao nosso ordenamento jurídico brasileiro. Como a sociedade picoense via o Ozildo Albano juiz de Direito?

28) Ozildo foi advogado em uma época em que havia poucos advogados em Picos. Quais as representações do advogado Ozildo Albano para a sociedade picoense da época?

29) Ozildo Albano era muito religioso? Ele frequentava as missas em Picos?

30) Podemos afirmar que os valores católicos preservados por Ozildo Albano teve influência na sua formação humanística? Por quê?

31) Ozildo Albano era conservador ou liberal? Ou, liberal-conservador?

32) Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. Como foi para o (a) senhor (a) perder um dos seus maiores amigos?

33) Há um discurso corrente que diz que “Picos é Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos”. Como o (a) senhor (a) interpreta isto?

34) O (a) senhor (a) tem mais algo a acrescentar à entrevista sobre a vida e atuação profissional de Ozildo Albano?

BLOCO III:

PERGUNTAS FEITAS AOS AMIGOS DE OZILDO ALBANO – TIRO DE GUERRA

201

1) Como é o nome completo do senhor?

2) Onde a senhora nasceu e quando?

3) Qual a sua formação escolar?

4) Como era a cidade de Picos entre os anos de 1950 a 1980?

Como era viver em Picos neste período pontuado acima?

5) Quais as atividades culturais que existiam em Picos nas décadas de 1950 a 1980?

6) A senhora se lembra de algum símbolo de progresso e de conforto que chegaram a Picos na década de 1950 até a década de 1980?

- 8)No livro “Picos nas anotações de Ozildo Albano”, o senhor afirma que fez o curso primário com Ozildo Albano. Em que escola vocês estudaram juntos em Picos? O senhor se lembra do ano que estudaram juntos em Picos?
- 9)O senhor pode me descrever como era esta escola em que o senhor estudou com o amigo Ozildo Albano?
- 10)A professora Hilda Policarpo foi professora do senhor e também do Ozildo Albano. Qual foi a contribuição de Hilda Policarpo na formação humana e profissional do senhor e do Ozildo Albano?
- 11)O senhor se lembra do nome dos livros que a profª Hilda Policarpo usava em sala de aula com vocês?
- 12)Que tipo de leituras a professora Hilda Policarpo colocava para vocês lerem?
- 13)Com o nosso olhar de hoje, como podemos descrever o aluno Ozildo Albano da época do primário?
- 14)O senhor serviu o Tiro de Guerra com Ozildo Albano? Em que ano?
- 15)O que representou o Tiro de Guerra para o senhor e Ozildo Albano?
- 14)O senhor chegou a estudar no Ginásio Estadual Picoense com Ozildo Albano. Quais as lembranças que o senhor tem do Ozildo quando era ginásiano em Picos?
- 15)No livro “Picos nas anotações de Ozildo Albano” o senhor disse que Ozildo dirigiu uma peça teatral chamada “O avarento”. O senhor chegou à assistir esta peça de teatro? Onde foi apresentada esta peça? O senhor se lembra de como foi esta apresentação teatral? Como a sociedade picoense recepcionava as peças dirigidas por Ozildo Albano?
- 16)O senhor tem lembranças de outras peças de teatro que Ozildo criou em Picos?
- 18)quando Ozildo era estudante do Ginásio Estadual Picoense quase todas as iniciativas ligadas ao ambiente estudantil eram tomadas por ele. Por quê?
- 19)O senhor se lembra do nome das escolas em que Ozildo Albano ensinava em Picos?
- 21)O picoense admirava muito a inteligência de Ozildo Albano ? Por quê?
- 22)Ozildo foi cognominado uma “Enciclopédia viva ambulante”. Por quê?
- 27)Podemos afirmar que Ozildo foi o nosso maior arauto da cultura picoense?
- 29)Com o legado deixado por Ozildo Albano, o senhor considera que ele influenciou na formação identitária do cidadão picoense? Por quê?
- 30)Quem fazia parte da rede de sociabilidade de Ozildo Albano?
- 31)Ozildo tinha muito zelo pelo nosso folclore e a sua preocupação era com a preservação da cultural popular. A que se deve esta preocupação de Ozildo com o folclore?
- 32)Ozildo foi advogado em uma época em que havia poucos advogados em Picos. Quais as representações do advogado Ozildo Albano para a sociedade picoense da época?
- 33)Ozildo Albano era muito religioso? Ele frequentava muito a igreja?
- 34)Qual foi a maior perda que a sociedade picoense teve com a morte de Ozildo?

BLOCO III:

PERGUNTAS FEITAS AOS AMIGOS DE OZILDO ALBANO – (EDUCAÇÃO)

- 1)Como é o nome completo do (a) senhor (a)?
- 2)Onde o (a) senhora nasceu e quando?
- 3)Qual a sua formação escolar?

- 4)Quais as atividades culturais que existiam em Picos entre as décadas de 1950 a 1980?
- 5)O (a) senhor (a) se lembra de algum símbolo de progresso e de conforto que chegaram a Picos nas décadas de 1950 a 1980?
- 6)Como esses objetos ajudaram na modernização da sociedade picoense?
- 7)Depois que Ozildo se forma em Direito em Fortaleza retornou a Picos e abraçou o magistério como escolha profissional. O que levou Ozildo a abraçar o magistério?
- 8)Quais as representações em torno do educador Ozildo Albano em Picos?
- 9)O que mais chamava a atenção do (a) senhor (a) no educador Ozildo Albano?
- 10)Quando Ozildo Albano lecionou em Picos, ele já tinha passado pela experiência de criação de um jornal, pela experiência dos estudos no Seminário em Teresina, pela formação jurídica em Fortaleza, dentre outros. Em meio a esta formação humanística do Ozildo Albano, qual foi o ganho que a educação picoense teve durante os anos em que Ozildo Albano lecionou em Picos?
- 11)Há um discurso corrente em Picos que as aulas do profºOzildo Albano eram críticas e contextualizadas. Volvendo o olhar para o passado, qual o salto qualitativo e quantitativo que tivemos quando Ozildo Albano esteve frente à educação picoense?
- 12)A senhora se lembra do nome das escolas em que Ozildo Albano ensinava em Picos? Se sim, quais?
- 13)Podemos afirmar que Ozildo Albano era um apaixonado pela educação? Por quê?
- 14)Quando as pessoas fazem alusão a Ozildo Albano dizem que ele era uma enciclopédia viva que tínhamos em Picos. Por quê?
- 15)Podemos afirmar que Ozildo foi um dos nossos maiores arautos da cultura picoense? Por quê?
- 16)Com o legado deixado por Ozildo Albano, a senhora considera que ele influenciou na formação identitária do cidadão picoense? Por quê?
- 17)Quem fazia parte da rede de sociabilidade de Ozildo Albano?
- 18)O (a) senhor (a) acha que o intelectual Ozildo Albano tinha um discurso modernizador para Picos? Por quê?
- 19)Ozildo foi o nosso guardião da memória picoense. Por que Ozildo Albano tinha esta preocupação em garimpar documentos, fotografias, garimpar fatos pitorescos de Picos, imagens, dentre outros?
- 20)Em 1983, Ozildo foi nomeado Secretário de Cultura de Picos. Quais as lembranças que você tem deste período em que Ozildo Assumiu esta secretaria? A nomeação de Ozildo Albano se deu por indicação política ou pela própria notoriedade que ele possuía? O que Ozildo conseguiu colocar em prática durante este período?
- 21)Há notícias de que Ozildo Albano quando assumiu a Secretaria de Cultura defendia e propagava a ideia de que fossem tombados, como patrimônio histórico-cultural o prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues e o prédio da Prefeitura Municipal de Picos. Por que Ozildo tinha esta preocupação de tombamento quando catalogou os prédios públicos e privados da cidade?
- 22)Em conversas informais com amigos e ex-alunos do Ozildo Albano destacam que ele era um apaixonado pelo folclore e tinha por preocupação a preservação da nossa cultura popular. Por quê?
- 23)A que se deve o comprometimento ético de Ozildo com a educação, com a advocacia, com a magistratura, com a memória e demais atividades que exercia em Picos?

- 24)Qual a visão que Ozildo tinha da sociedade picoense?
- 25)O (a) senhor (a) considera que Ozildo tinha ideias ousadas para a época e para o contexto de Picos? Por quê?
- 26)Quando se fala em Ozildo Albano, os picoenses sempre fazem alusão ao Museu. O que motivou Ozildo a criar um museu em Picos?
- 27)O museu de Ozildo é nosso símbolo de civilização. Qual o impacto que o museu teve na vida do cidadão picoense?
- 28)Qual foi a missão de grandeza deixada pelo intelectual Ozildo Albano em Picos?
- 29)Ozildo Albano era uma pessoa que reunia, ao mesmo tempo, a vocação de pesquisador, historiador, memorialista, colecionador, folclorista, artista musical, jurista, dentre outros. Como Ozildo conseguiu lidar com tudo isto em uma cidade interiorana do Estado do Piauí?
- 30)Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao intelectual Ozildo Albano?
- 31)Ozildo Albano era muito religioso? Ele frequentemente frequentava as missas em Picos?
- 32)Podemos afirmar que os valores católicos preservados por Ozildo Albano teve influência na sua formação humanística? Por quê?
- 33)Ozildo Albano comungava de alguma ideologia partidária? Ele chegou a sofrer alguma perseguição política?
- 34)Ozildo viveu o período da ditadura militar que foi de 1964-1985. Quais foram os olhares críticos que Ozildo Albano tinha sobre este período?
- 35)Ozildo Albano era conservador ou liberal? Ou, liberal-conservador?
- 36)Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. Como foi para o (a) senhor (a) perder um dos seus maiores amigos?
- 37)Qual foi a maior perda que a sociedade picoense teve com a morte de Ozildo Albano?
- 38)Há um discurso corrente que diz que “Picos é Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos”. Como o (a) senhor (a) interpreta isto?
- 39)Que mais o (a) senhor (a) tem para falar sobre o educador ozildo Albano?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Albano Silva
Data da entrevista: 28 de dezembro de 2016
Local da entrevista: Museu Ozildo Albano
Data de nascimento: 27 de fevereiro de 1944
Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro
Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro
Data da transcrição: 29 de dezembro de 2016

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM ALBANO SILVA

1) Como é o nome completo do senhor?

Albano Silva

2) Onde o senhor nasceu e quando?

Nasci no dia 27 de fevereiro de 1944 no lugar Tanque, fazenda Curralinho, no município de Picos.

3) Qual a sua formação escolar?

Eu tenho o 2º grau completo.

4) Albano, como era o nome completo do pai e da mãe do Ozildo Albano? E a profissão dos pais?

O meu pai se chamava Manuel Albano da Silva e minha mãe Neomísia Leite de Macedo. Ela foi registrada também errada. Ela não tem o sobrenome de papai. Naquela época, registrava-se errado, errava-se tudo. [...] A profissão de meu pai era artista, porque quem tinha uma arte ou era celeiro ou artesão.

5) Vocês eram quantos irmãos? Como se chamavam?

Éramos onze irmãos. A primeira era Maria Ozita, o segundo, José Albano de Macedo, pois o nome dele era para ser José Ozildo Albano de Macedo, segundo meu pai me contava, Evaldo que faleceu. Depois, teve outro Evaldo, que faleceu também, Conceição Albano, Raimundo, o que foi frade, Edvaldo e, depois, sou eu, Teresinha e outro prematuro. Agora, só sobreviveu na fase adulta somente seis. Cinco morreram quando criança. Por sinal, uma vez

disseram para papai: - Mas foram cinco crianças. Aí, ele disse: - A dor é igual ou maior do que a de um adulto. Atualmente vivo só tem eu e Conceição.

6) Onde Ozildo Albano nasceu e em que ano?

Ozildo nasceu aqui em Picos, lá na Rua Santo Antônio, no dia 20 de novembro de 1930.

7) Como foi a educação familiar dada pelos pais a Ozildo Albano?

Naquele tempo, era uma família religiosa e simples. [...] Era uma família de lavradores e de celeiros. Éramos criados na religião católica, respeitando todo mundo. Papai nunca bateu nos filhos, mas se ele olhasse assim, a gente já sabia, era uma repreensão, a gente já obedecia.

8) Os pais de Ozildo Albano eram religiosos? Como se evidenciava a religiosidade dos seus pais?

Meus pais tinham oratórios e imagens em casa. Eles iam às missas tanto na Catedral Nossa Senhora dos Remédios quanto na Igrejinha Coração de Jesus. Eles colocavam os filhos no catecismo, todos. A gente fazia a primeira comunhão aos oito anos de idade. Por sinal, eu ainda tenho fotografias da minha primeira comunhão tirada em 1952 na Avenida Getúlio Vargas com a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, que estava com a pintura original ainda. Eu tenho o negativo in vitro, a chapa.

9) Qual o nome da primeira escola em que Ozildo Albano estudou em Picos? Onde se localizava esta escola? Qual o nome da primeira professora de Ozildo? Como é o nome do livro em que Ozildo foi alfabetizado?

Ozildo estudou aqui no Coelho Rodrigues. Pode ter sido outro, porque tinha o Coelho Rodrigues e o Landri Sales. [...] Pelo que me consta, a primeira professora de Ozildo foi Hilda Policarpo, a heroína da 2ª Guerra Mundial. Por sinal, as fotografias que existem em Picos de Hilda Policarpo estão aqui, no museu, poucas, mas nem a família tem.

10) A ida de Ozildo Albano para o Seminário Sagrado Coração de Jesus em Teresina foi devido à formação religiosa que os pais dele deram a ele ou foi por opção própria? Qual foi o ano em que ele ingressou no seminário em Teresina e em que ano dele saiu? Por que Ozildo desistiu do seminário?

Ozildo foi para o seminário por ele mesmo. Meu pai não obrigava nenhum filho para ser isso ou aquilo, não. A gente era o que queria. A gente obedecia aos desejos da gente. Se a gente tinha tendência para tal profissão, ele não exigia de maneira nenhuma. [...] Eu não tenho bem certeza do ano que ele ingressou no seminário em Teresina, não, e nem quando ele saiu. Por sinal, um dia desse eu encontrei uma peça aqui que tinha a data, parece que foi um caderno que tínhamos dele, do seminário. Não sei se foi na década de 1948 que Ozildo saiu do seminário. Eu não tenho bem certeza, não. Só eu procurando saber desta peça. Em 1949, Ozildo veio para servir o exército. Eu acredito que Ozildo tenha saído do seminário porque ele veio servir o exército

aqui, e foi na época que iniciou o Ginásio Picoense e ele deu continuidade aos estudos.

11) Qual foi a contribuição que o seminário trouxe para a formação humana e profissional de Ozildo Albano?

Naquela época, tinham poucos colégios aqui. E lá, no seminário, a educação era mais avançada. Ozildo tinha seus princípios religiosos, princípios religiosos da formação familiar que ele deu continuidade no seminário. Ozildo sempre foi muito religioso, é tanto que nessas peregrinações de Bocaina, dizem que as primeiras pessoas que iam para lá, eram Ozildo com um bocado de amigos. Hoje, está uma verdadeira romaria, no dia 29 de novembro. Inclusive, eu tenho o chapéu de palha que Ozildo ia para a Bocaina.

12) Em 1949, Ozildo Albano retornou do seminário e alistou-se no Exército e fez o tiro de guerra. Albano, fale-me um pouco deste período da vida de Ozildo Albano.

Pelo que eu sei, Ozildo gostava do exército, porque quando ia completar 40 anos da turma do Tiro de Guerra ele, Dimas Lélis, Santinho Xavier e outras pessoas, justamente no ano que ele morreu, em 1989, estavam preparando uma festa. Era a celebração dos 40 anos. Por sinal, Ozildo e Dimas sabiam o nome de cada atirador, o nome completo e o número. [...] Na época, não era lá no 3º BEC. O Tiro de Guerra funcionava ali na Avenida Getúlio Vargas, pegado na casa de Raimundo Leandro, próximo ao paredão, de quem vem da igreja do lado direito, naquela casa do senhor Júlio Rodrigues. Ali, funcionava o Tiro de Guerra. Na época deles, do Ozildo e do Dimas. Depois, funcionou na esquina, de frente a atual Caixa Econômica Federal. Por último, funcionou lá onde é a Alerp.

13) Em 15 de março 1952 circulou em Picos o Jornal “A Flâmula”. Qual o papel desempenhado por Ozildo dentro deste jornal?

Ozildo foi o criador do Jornal Flâmula. Ele saiu daqui pra Recife, dizem até que Ozildo passou bem dois meses sem dá notícias, estava desaparecido. Naquele tempo, não se tinha informações e agilidade que se tem hoje.

14) Em 1962, Ozildo criou uma escola com Dona Conceição, sua irmã, o Instituto Padre Anchieta. Quais os locais em que esta escola funcionou aqui em Picos? Quais as séries que tinha esta escola? Ozildo também dava aulas nesta escola?

O Instituto Padre Anchieta funcionou primeiramente na Rua Santo Antônio. Segundo, onde hoje é o rala bucho. Era um bangalô do senhor Alberto Monteiro, era muito bonito. O terceiro espaço, na Rua São Francisco. [...] Eram seis salas de aula. Era o primário só. [...] Ozildo organizava o Instituto Padre Anchieta. Depois, teve o ginásio. Aí, Ozildo dava aulas.

15) Tenho notícias de que Ozildo lecionou no Colégio Comercial de Picos, de Dona Dorinha Xavier. O senhor se lembra do ano em que Ozildo lecionou neste colégio? Quais as disciplinas que ele lecionou? O que representou para Ozildo esta passagem pela Escola Comércio?

Ozildo lecionou no Colégio Comercial de Picos na década de 1964, por aí assim. Ele foi diretor. Dorinha Xavier entregou pra ele e, logo, logo Ozildo entregou de volta porque ele foi assumir a comarca de Pio IX. Por sinal, eu estava até estudando. Ozildo Albano colocou a mim, Edvaldo todos para continuarem os estudos. Os que estavam encalhados, Ozildo incentivou e a gente terminou o ginásio.

16) Ozildo Albano se realizou profissionalmente como professor?

Ozildo gostava de ser professor. É tanto que ele dizia: - Não me chame de doutor, não, me chame só de Ozildo ou professor. Ele gostava quando chamava de professor. [...] Quando eu encontro com uma pessoa, ele diz: - Eu tive o prazer de ter sido aluno de Ozildo Albano.

17) Em 1983, Ozildo Albano assumiu a Secretaria de Cultura de Picos. Quais foram os desafios enfrentados por Ozildo durante o tempo em que ficou frente a essa secretaria? Quando tempo Ozildo ficou como secretário do município?

Na Secretaria de Cultura, Ozildo ainda fez muita coisa. Ele catalogou os prédios, criou a galeria dos prefeitos que não existia. E que coisa difícil para coletar esses retratos. E, por sinal, na galeria de prefeitos falta um prefeito. Ozildo foi atrás. Era Ozildo, eu e Tadeu Varão pra juntar, fazer os quadros e botar os nomes. [...] E falta a fotografia de um prefeito, o Plínio Mozart.

18) Em conversas informais com amigos e ex-alunos do Ozildo Albano destacam que ele era um apaixonado pelo folclore e tinha por preocupação a preservação da nossa cultura popular. Por quê?

Ozildo era muito ligado à região e os afazeres da região. E Ozildo não queria apagar da história essas lendas. É tanto que Ozildo fazia o pastoril. Em Pio IX/PI [...] Ozildo fazia o São João, o pessoal tudo a cavalo. Eles iam para um determinado local e, daí, eles faziam o casamento, todos iam a cavalo. A quadrilha também. Mas, era um negócio que Ozildo fazia por paixão. [...] Não era só fazer a festa de São João, já que não tinha filme e nem nada, era colocar aquilo como se fosse um filme, uma trajetória constante, uma coisa que estivesse acontecendo naquele momento. Ozildo fez também dramas lá em Pio IX e também o pastoril. [...] O pastoril é a coisa mais linda do mundo. A época que se faz o pastoril é durante o período de Natal até o dia 06 de janeiro. Eram cantigas, várias crianças cantando, elas iam para as casas e elas batiam nas portas, o dono da casa abria e elas entravam cantando.

19) Quando se fala em Ozildo Albano, os picoenses sempre fazem alusão ao Museu. O que motivou Ozildo a criar um museu em Picos?

Ozildo começou com a história da família. Ele sempre foi ligado ao negócio de destrinchar a família, a hereditariedade. E começou também a coletar os objetos, a guardar as coisas da família, a receber documentos desses que a gente tem hoje. E aquilo dali vai pegando, pois eu fiquei do mesmo jeito que Ozildo. Ele não pedia as peças, ele fazia que estava interessado. [...] As três pessoas que ajudaram muito ao museu foi Ozildo, que iniciou, eu e o Raimundo, o frei Albano. Ele tinha facilidade nesses conventos, nessas

igrejas de darem peças pra ele. Inclusive, a peça mais valiosa que a gente tem historicamente, é aquela lanterna de azeite. Essa lanterna foi da Itália e foi ele que conseguiu lá. Fora a peça da Itália, ele trouxe outras coisinhas. Nós temos peças da prisão marmetina, de São Pedro, de São Paulo. Nós temos uma pedra da Grécia, onde São Francisco fez o primeiro presépio, tem outra que é do lugar onde ele recebeu as chagas. E tem outras pecinhas que davam pra ele.

20) O museu de Ozildo é nosso símbolo de civilização. Qual o impacto que o museu teve na vida do cidadão picoense?

Eu acredito que o impacto que o museu teve é porque poucos sabiam de história, de museu e tudo. Já tinham aquela curiosidade. Eu lembro que a maior parte das coisas era guardada dentro de um baú, no quarto de Ozildo. Quando chegava uma pessoa, Ozildo abria o baú e tirava peça por peça e mostrava e, depois, botava de novo. Ele e eu fazíamos isso. O espaço lá era pequeno, na Avenida Getúlio Vargas. [...] E outra coisa também, não tinha outra fonte de pesquisa aqui. Ozildo gostava de estudar, de leitura, de incentivar e os alunos não tinham outra fonte de pesquisa. Era somente no museu. Ozildo ia no escuro, ele chegava e dava o livro, o lápis, a caneta, a máquina de escrever, o papel e o assunto. Ozildo sabia onde tinha qualquer assunto. Tinha dias que o Ozildo chegava e dizia: - Não tem nada para eu lê. Ele lia o que interessava a ele. Ele não ia lê um dicionário.

21) Quais os locais em que o museu funcionou em Picos?

O museu funcionou em Picos na Avenida Getúlio Vargas, na Rua São Francisco e, depois, veio para cá, no antigo Colégio Coelho Rodrigues. Era o sonho de Ozildo. Teve até um tempo que ele disse: - Albano, vamos parar um tempo de conseguir peças porque a gente não tem espaço.

22) Por que o museu se chamou inicialmente de Museu Capitão-mor João Gomes Caminha?

O museu recebeu inicialmente o nome de Capitão-mor João Gomes Caminha justamente porque foi um dos primeiros incentivos dele. As cartas da batalha do jenipapo, da batalha da balaiada, esses documentos eram endereçados a João Gomes Caminha, que era bisavô de nossos avós. Aí, por isso que ele era a estaca zero, que nos incentivou colocar este nome para homenagear o nosso ancestral.

23) De quando Ozildo criou o museu, em 1966, até o período que ele esteve conosco na sociedade Picoense, o índice de visitantes no museu foi aumentando ano por ano? A que se deve isto?

De quando Ozildo criou o museu para cá, o índice de visitantes vem aumentando, porque não era um museu anteriormente, a gente chamava museu. Era o início de um museu. Aí, foi aumentando. Tinha os horários mais ou menos de abri e tinha um funcionário. Depois, eu deixei meu próprio emprego para ajudar e já tinha um espaço maior na Rua São Francisco. Aí, já era bem visitado, principalmente por estudantes. Agora, quando ia muito estudante, o espaço ficava pequeno demais, mas dava para acolher a todos. Por sinal, Ozildo nunca me reclamou em nada aqui no museu. Fazia exposições. O negócio de Ozildo era mais na parte de leitura, o negócio de

colocar as peças em tal lugar, ele não dava palpite nenhum. Ele dizia: - Faz isso aqui, Albano. Daí, eu fazia. Ozildo não reclamava dos alunos. Ele tinha a satisfação de receber os alunos, e como ele tinha. Por sinal, eu era que reclamava. [...] Ozildo se sentia muito feliz quando o museu era visitado, [...] a gente notava, ele ficava empolgado. [...] Ozildo dizia: - O museu é da família picoense.

24)O museu recebeu inicialmente o nome Capitão-mor João Gomes Caminha em 1966. Posteriormente, o museu foi renomeado para Museu Ozildo Albano. Em que ano se deu essa renomeação?

O museu foi renomeado para Ozildo Albano por volta de 1990, porque todo mundo só chamava museu de Ozildo. [...] E a pedido de várias pessoas, eles diziam: - Vocês deveriam mudar esse nome para museu de Ozildo. Ninguém sabia quem era o Capitão-mor João Gomes Caminha. Ozildo Albano sabia quem era João Gomes Caminha, mas a população não sabia. E acho que Ozildo merecia, pois ele foi o fundador.

25)Albano, eu tenho notícias de que Ozildo Albano era uma pessoa muito culta. Quais os caminhos que Ozildo trilhou para ter chegado à condição de intelectual picoense?

Ozildo era uma pessoa que lia muito, lia direto. Ele nunca quis uma televisão. Ele só assistia um pedacinho do jornal na minha casa e na casa da Conceição e, depois, ia lá para o apartamento dele, no museu. [...] Ozildo gostava era dos livros, de recriar os personagens com a memória dele, do jeito que ele queria.

26)Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. Como foi para o senhor perder o irmão e amigo Ozildo Albano?

Perder Ozildo foi um baque total. [...] Eu convivi com Ozildo direto, tudo dele era comigo. [...] Ozildo gostava também de ir lá para casa e perguntava: - Nenê, meu lugarzinho está guardado? Eu dizia: - Tá. Depois, ele dizia: - Nenê, eu não estou para ninguém. Às vezes, os meninos estavam gritando, eu dizia: - Meninos! calem a boca que Ozildo está dormindo, o tio de vocês está dormindo. Aí, ele dizia: - Não, Nenê, deixe eles brincarem. Eu acho é bom. [...] Eu convivi muito com ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ozildo Albano foi o 1º Secretário de Cultura de Picos. E, por sinal, ele assumiu não foi por apadrinhamento. Ozildo foi escolhido e teve uma votação na Câmara Municipal de Picos. Ele foi escolhido por unanimidade por todos os vereadores. [...] por sinal, eu tenho documentos do período que ele passou na Secretaria de Cultura. Olívia Rufino recolheu todos os papéis. Inclusive, aqui no museu, formou-se uma pasta do período que ele esteve na Secretaria de Cultura. [...] Na época, quiseram que ele ficasse, mas não vinha verba para ele fazer o que ele queria. Aí, disseram: - Você vem só receber. Ele disse: - O que eu ganho, já é suficiente para eu sobreviver.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Dimas Leopoldo Lélis

Data da entrevista: 19 de agosto de 2016

Local da entrevista: Residência do entrevistado

Data de nascimento: 30 de setembro de 1929

Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro

Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro

Data da transcrição: 21 de agosto de 2016

APÊNDICE C - ENTREVISTA COM DIMAS LEOPOLDO LÉLIS

1) Como é o nome completo do senhor?

Dimas Leopoldo Lélis

2) Onde a senhor nasceu e quando?

Eu nasci em Picos em 30 de setembro de 1929.

3) Qual a sua formação escolar?

Eu fiz o primário na Escola Municipal Landri Sales, onde Ozildo também estudou por volta de 1939, 1940 por aí.

4) Como era a cidade de Picos entre os anos de 1950 a 1980? Como era viver em Picos neste período pontuado acima?

A cidade de Picos começava lá na Igrejinha Coração de Jesus. As primeiras casas eram pra lá. Pra cá, um pouco, tinha um campo de futebol. Quase no fim da Avenida Getúlio Vargas, onde ficava a casa de Anderson Reis, da calçada se assistia ao jogo de futebol, bem próximo onde se entra na Rua Coelho Rodrigues. [...] Em 1947, quando cavaram os alicerces desse prédio dos correios, eu era mensageiro e entregava telegramas. Eu sempre entregava telegramas e diziam: - Dimas, quer dizer, então, que os correios vai ser no mato?. Tinha a Rua São Pedro, começando. Pela Avenida Getúlio Vargas se entrava também na Rua Velha. Tinha a Rua dos Pereiros e pela Rua Coelho Rodrigues cortava a Avenida Getúlio Vargas, Santo Antônio, São José até chegar ao Rio Guaribas. [...] Tinha a Travessa de Piau, depois tinha outra Rua que era a travessa do antigo Banco do Estado do Piauí. A vida aqui era muito diferente. O comércio era todo na feira, na Praça Justino Luz. O Mercado Público Municipal construído por volta da década de 1920, entre

1927 a 1928, vem servindo ainda hoje. A estrutura do Mercado Público ainda é a mesma. Ao redor do mercado, havia todo comércio de mercearia. Tudo era ali e dos lados do mercado havia as lojas.

5) No livro “Picos nas anotações de Ozildo Albano”, o senhor afirma que fez o curso primário com Ozildo Albano. Em que escola vocês estudaram juntos em Picos? O senhor se lembra do ano que estudaram juntos em Picos?

Eu e o Ozildo estudamos juntos na Escola Landri Sales. Ela funcionava ali na Avenida Getúlio Vargas, onde se localiza hoje a casa de Aderson Reis. Ali era uma casa residencial alugada para essa escola. Foi lá onde Hilda Policarpo foi a nossa professora, por volta da década de 1938. Era uma casa residencial, tinha mesas e carteiras em pouca quantidade. A turma era mista por que tinha 8 homens e 12 mulheres. Hilda Policarpo [...] não era dessas professoras carrasco, não. Hilda Policarpo era muito acessível e moderada. Aí, demorou pouco porque logo no ano de 1943, por aí assim, Hilda Policarpo fez uma carta para o Ministério da Guerra se oferecendo para ser enfermeira na cruz vermelha. Então, o governo aceitou e ela foi. Dos livros utilizados, na época, tem um que eu me lembro, o Clestomatia. Tinha muita poesia no Clestomatia. Sempre que eu tinha alguma dúvida, assim e assado, eu ia ao museu e perguntava: - Ozildo, a poesia tal se encontra em qual livro? A aí, Ozildo dizia: - Rapaz está em livro tal. Ele procurava e pegava. Naquele tempo, estudava na escola municipal Rivaldo Duarte, Pascoalzinho, lá do saco do engano, irmão de Padre Josino, Joaquim Rufino, Helvécio Carvalho de Oliveira, os três nomes dele, cada um de 8 letras. Tinha a leitura, era um negócio. [...] Hilda Policarpo tinha o desejo de ensinar muitas coisas pra gente. A gente pegava o livro para ler, ficava lendo aqui e os outros, lá perto, prestando a atenção. Eu ia lendo, isso aqui, assim. Daí, a professora Hilda Policarpo dizia: - Fulano? Ele tinha que está acompanhando a leitura. Senão, diminuía a nota. Era interessante. [...] Para ir ao banheiro, tinha uma pedra em cima da mesa da professora, na época do primário. Quem fosse ao banheiro, dizia: - Professora, eu vou ao banheiro. Pegava a pedra e, se tivesse alguma coisa de mal feito lá, o próximo que fosse ao banheiro, se não dissesse nada, ele assumiria.

6) Tenho notícias de que Ozildo Albano lia muito. O senhor mencionou para mim que ele lia alguns clássicos da literatura nacional e clássicos de outros países. Quais livros influenciaram Ozildo Albano na sua formação intelectual?

Essa biblioteca de Ozildo Albano, uma vez eu perguntei: - Ozildo, você já leu esses livros da biblioteca, tudinho? Ele me disse: - Rapaz tem deles que eu já li mais de duas vezes. E eu tinha que acreditar porque qualquer um que se pedisse, ele ia buscar. [...] Ozildo era disponível pra tudo que você procurasse a ele.

7) No livro “Picos nas anotações de Ozildo Albano” o senhor disse que Ozildo dirigiu uma peça teatral chamada “O avaro”. O senhor chegou à assistir esta peça de teatro? Onde foi apresentada esta peça? O

senhor se lembra de como foi esta apresentação teatral? Como a sociedade picoense recepcionava as peças dirigidas por Ozildo Albano?

Ozildo Albano fazia essas peças, arranjava aquele tempo para isso. Pegava esses livros, tirava e escolhia as personagens para a turma. Então, Ozildo levava aquela peça e ensaiava. Não foi só a peça o Avarento que ele dirigiu, não. Até a gente brincava com ele, os meninos todos, e diziam: - Nós não vamos ser artistas de segunda classe, não, nós vamos ser de primeira grandeza. [...] Ozildo Albano se enveredou pelo teatro foi por causa dessas leituras dele. Ele se encantou com aquilo e ele gostava. Eu não sei como era que guardava tanta coisa. Ozildo fazia a peça, a parte de cada um e depois convidava e distribuía aquelas partes, que ele tirava um para cada um, um era Albertino, Alfredo Albano, José Bezerra Rodrigues. Ozildo dirigia as peças e apresentava o drama, como a gente chamava. Ele fazia isto tudo e ensaiava. Ele tinha todo cuidado, ele se dedicava nas coisas que fazia e bem feito.

8)O senhor diz no livro sobre Ozildo Albano que quando ele era estudante do Ginásio Estadual Picoense quase todas as iniciativas ligadas ao ambiente estudantil eram tomadas por ele. Por quê?

Ozildo era um cara que tudo ele sabia fazer, ele dava um jeito. [...] Quando nós começamos o 4º ano, lá no Ginásio Picoense mesmo, nós combinamos que não ia ter patrocinador. Nós íamos arrumar um jeito de arrecadar o dinheiro pra fazer a festa de colação. Aí, fizemos, fizemos um pacto primeiro na turma. Tudo que a turma designasse para um fazer, todos tinham que fazer. O que o presidente dissesse, todos tinham que fazer. Como a presidência ficava com Albertino ou o Ozildo mesmo, aí, eu era o tesoureiro. [...] Aí, nós fomos fazer a festa, a festa de São João. E nós comemoramos no local onde se localiza os correios de Picos.

9) Em 1983, Ozildo foi nomeado Secretário de Cultura de Picos. Como podemos descrever o curto período em que Ozildo foi Secretário de Cultura de Picos?

Nesse curto espaço de tempo em que Ozildo esteve na Secretaria de Cultura, em 1983, ele fez uns quadros do primeiro prefeito de Picos até prefeito Abel de Barros Araújo. [...] Nessa procura de fazer essa galeria, ele descobriu um sargento do exército que foi prefeito de Picos. Ozildo botou o retrato de todo mundo lá e desse sargento. Ele foi lá, no 3º Batalhão de Engenharia e Construção, o BEC, e falou com o coronel e disse: - eu vim aqui, porque eu já bati no que eu pude. Aí, o coronel pegou o nome do cara e disse para Ozildo: - O senhor me dê um tempo para eu pesquisar isso. Ele entrou em contato através do rádio, com telegrafista e tudo, até que descobriu e trouxe o retrato do sargento e colocou na galeria dos prefeitos.

10)Ozildo foi gerente da gráfica e o responsável pela impressão do jornal Flâmula. O que objetivava Ozildo com a criação deste jornal em Picos?

Quando Doutor Vidal de Freitas deu essa ideia de criação da Flâmula, ele dizia que o jornal era bom, desenvolvia a cultura, aprendia a escrever, foi

assim o sentido. Tanto é que Ozildo Albano foi comprar a tipografia em Recife e aqui montamos. Não tinha participação política nesse jornal, não.

11) O senhor considera que Ozildo tinha ideias ousadas para a época e para o contexto de Picos? Por quê?

Ozildo tinha ideias ousadas, esse museu foi uma delas. Esse museu dele, ele dizia que talvez fosse o único, no Brasil, onde tem cartas vendendo e comprando negros, vendendo uma negra de tantos anos, prenhã. Ozildo disse que Rui Barbosa fez uma campanha para quem tivesse uma carta dessas, comprando e vendendo negro podia queimar porque era uma vergonha. Aí, Ozildo disse: - Rui Barbosa não viu o fato histórico, ele não viu a história. E aí, Gustavo Barroso era quem dirigia uma seção da Revista O Cruzeiro que se chamava Segredos e Revelações da História do Brasil. [...] Ele veio aqui em Picos e queria botar alguma coisa sobre isto e Ozildo disse: - Eu vou agora voltar pra lá das férias e quando eu vier... Aí, Ozildo chegou aqui e disse para o Doutor Vidal de Freitas e ele fez uma carta para o Gustavo Barroso. E Ozildo levou essa carta. Chegando lá, Ozildo entregou a ele. Aí, ele disse: - Amanhã ou depois, eu lhe dou o resultado. Dois dias depois, Ozildo chegou lá e ele disse: - Meu filho, olha aí, esse museu é seu, quem escreveu isso? Ozildo falou: - O Juiz de Direito o Doutor Vidal de Freitas. É seu, pode ficar tranquilo. Ozildo nem leu essa carta.

12) Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao intelectual Ozildo Albano?

Ozildo sonhava muitas coisas. [...] Picos perdeu muito. Eu disse que o povo de Picos ainda iria sentir muito a perda do Ozildo depois. Naquela hora ali, não se pode avaliar o quanto que a cidade de Picos estava perdendo. O picoense ainda não se tocou o quanto perdeu, por que ele iria trazer mais, agora com o computador e o celular, Ozildo ia só botar o dedo em cada caso. Ah! Ozildo escrevendo nesses aparelhos. Ele ia fazer nome no mundo. Ozildo ia pegar tudo em poucos segundos, ia ter a resposta ali. Ozildo ia saber buscar. Ele ia fazer muito, mais muito o nome mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nós fizemos o tiro de guerra em 1949 e fomos comemorar 40 anos no ano que ele morreu. E Ozildo Albano disse bem assim: - Dimas, a turma já tem oito carneiros pra esse churrasco. Ele já estava aposentado, na época. As coisas do Ozildo eram parecidas com as coisas do Padre Madeira. Por exemplo, o padre Madeira fez a Igreja Matriz aí, eu estou dizendo não é porque alguém me disse, não, porque quantas vezes eu presenciei isso, ele chegava, celebrava a missa e quando ia saindo do altar ele dizia: - Olha, no bairro ipueiras tem uma caeira de tijolos pra igreja e a igreja não tem como mandar buscar, vocês pegam aquilo lá? Traziam tudo no braço. Olha, e não tinha isso de ficar pedindo isso e aquilo, não. Fez a igreja nos braços, por isso a semelhança com Ozildo Albano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Quando a gente fazia o tiro de guerra, tinha alguma molecagem. Um dia, esconderam o ferrolho do meu fuzil. Aí, eu tirei o ferrolho do fuzil de Ozildo Albano. Eu pensei, certamente Ozildo vai se queixar sobre isto e o meu vai aparecer. Só sei que Ozildo olhou para mim e disse: - O meu ferrolho estava aqui e você não viu, não?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Elízio Serafim de Souza

Data da entrevista: 12 de agosto de 2016

Local da entrevista: Residência do entrevistado

Data de nascimento: 27 de março de 1930

Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro

Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro

Data da transcrição: 16 de agosto de 2016

APÊNDICE D - ENTREVISTA COM ELÍZIO SERAFIM DE SOUZA

1. Como é o nome completo do senhor?

Elízio Serafim de Souza

2. Onde o senhor nasceu e quando?

Eu nasci no povoado Rodeador, município de Picos, distante 36 quilômetros. Mais tarde, na década de 1980, passou a cidade de Santo Antônio de Lisboa. Teve como primeiro Prefeito Isaac Batista de Carvalho. Eu nasci no dia 27 de março de 1930, numa quinta-feira maior, como se chamava na época.

3. Qual a sua formação escolar?

Eu comecei estudando em 1938. Eu era aluno da heroína de guerra, a dona Hilda Policarpo de Melo, por sinal polivalente. Ela morava no Bairro Ipueiras, bem ali onde hoje se localiza as propriedades do saudoso Almeida. Era a moradia dela. Então, a minha formação foi esta. Em 1938 eu estudava lá e em 1939 ela foi voluntariamente para a Segunda Guerra Mundial. Depois, eu fiquei com a minha professora Dona Maria de Jesus Santos, filha de Zeca Santos. Quando cheguei ao 2º ano primário, a escola funcionava na Rua Santo Antônio, naquela esquina que fica "x" com o Banco Bradesco, onde tem um comércio hoje. Quando eu fui para o 3º ano primário, eu mudei para o colégio Coelho Rodrigues e, com medo de não atingir, repeti o 2º ano primário. Lá no Coelho Rodrigues, nós tínhamos como professora Dona Lilá Maia Campos, a esposa de Lourenço Campos, o jornalista e escritor que nós tínhamos aqui. Ela era irmã de Doutor José Carlos. Parei em 1943 para trabalhar como sapateiro e aprender o ofício de sapateiro. Trinta anos depois, exatamente em abril de 1973, eu entrei para o colégio e, em julho, eu estava fazendo o Esquema Três. Era um curso acelerado que faziam em dois anos. Quando eu estava terminando o Esquema Três, eu fiz o Madureza. Eu tenho

dois diplomas de ginásio. Entrei para o Colégio de Dona Dorinha. Lá, eu fiz o 2º ano. Eu fiz o vestibular para Letras em janeiro de 1982, fiquei dependendo de cinco desistências. Aí, em junho de 1982, eu repeti, porque já ia funcionar em Picos o Campus Avançado. Daí, eu fiquei aprovado. Iniciei e terminei o curso de Letras em 1987.

4) Como era a cidade de Picos entre os anos de 1950 a 1980?

Como era viver em Picos neste período pontuado acima?

Eu cheguei a Picos em meados de 1936. Minha mãe veio pra cá com quatro filhos pequenos e viúva. Ela sofreu muito para nos alimentar. Nós ficamos arranchados numa viela, na Ria dos Pereiros, onde se localiza a Rádio Difusora de Picos. Aquilo ali era um roçado do Coronel Joaquim Balduino. [...] Picos era três ruas principais, a Rua Coelho Rodrigues, que se chamava Rua do Foguete, a Rua Grande que também tinha um apelido, que é a atual Avenida Getúlio Vargas e a Rua Santo Antônio e estavam projetando a rua da beira do rio, que hoje é a Rua São José. Depois destas três ruas, tinha a Rua do Urbaninho, que hoje é a Rua Luís Santos, termina lá por trás da igreja, né. As ruas tinham os nomes, mas a gente usava pelo nome do morador de destaque, rua fulano de tal, rua fulano de tal. E a Rua Josino Ferreira ficava nas imediações do Coelho Rodrigues, onde hoje se localiza o Museu Ozildo Albano. Ali, começava a propriedade de Dona Romana. E, para aquele lado, onde se localiza os correios, se chegava a Rua da Malva que estavam começando. A cidade de Picos era isto. Bairro, só tinha três, a Malva, Ipueiras e os pereiros, só isto. [...] A gente conhecia todo mundo e todo mundo conhecia a gente. Era uma vida difícil.

5) O senhor se lembra de algum símbolo de progresso e de conforto que chegaram a Picos na década de 1950 até a década de 1980?

Eu lembro muito bem que nós não tínhamos nada. Todo mundo tinha uma casinha chamada latrina ou sentina. E o progresso industrial ficava por conta de duas sapatarias grandes de Conrado da Costa Neto e de Viana. A profissão que se oferecia era de sapateiro e alfaiate. [...] Nós não tínhamos um motorista picoense. [...] Divino Amorim tinha um carrinho que ele construiu, chamado de Marinete, na Rua Coelho Rodrigues.

6) Como era a educação picoense entre os anos de 1950 a 1980?

A educação picoense era precária. No início, uma sala para as quatro séries. Todo mundo junto, ao mesmo tempo. Agora, o Coelho Rodrigues era mais desenvolvido. Já tinha uma diretoria, os professores já vieram de Teresina, quatro professoras formadas na Escola Normal. Já na Escola Landri Sales eram professores de arranjo, viu.

7) Ozildo Albano era um apaixonado pela educação? Por quê?

Ozildo Albano gostava de ser professor. Ele era dedicado, se entregava de corpo e alma. Tudo que ele ia fazer, ele fazia com perfeição e com gosto. Ozildo abraçava todos na rua e no trabalho. Todo mundo gostava daquela criatura, viu. [...] Na época, eu estava com o meu programa da Rádio Difusora

quando Dona Olívia me telefonou dizendo: - O nosso amigo Ozildo morreu. [...] Ozildo Albano é uma pessoa que dispensa adjetivos.

8) Em que aspecto o educador Ozildo Albano se diferenciava dos professores da época em Picos?

A cultura de Ozildo Albano abafava a de todos os demais. Porém, ele não ligava para aquilo, não. A simplicidade falava mais alto. Quando perguntavam: - Dr. Ozildo, isso assim, assim e assim? Ele dava a resposta na hora. Ele era uma pessoa excelente. Ele era um homem completo. Eu não posso dizer outra coisa dele. Eu fui amigo, vizinho, nós trabalhamos juntos e devo muito a ele.

9) Se o senhor tivesse de descrever Ozildo Albano, como o senhor descreveria?

Ozildo Albano dispensa comentários, dispensa adjetivos, porque todas as qualidades ele tinha. Ele preenchia todos os requisitos no campo da educação e, como pessoa, ele foi único. Não tenho palavras para descrevê-lo, Ozildo abrangia tudo em se tratando de educação. Só posso dizer que Ozildo foi o maior dentro da cidade de Picos e continua sendo. Ele morreu fisicamente, mas todo mundo deve a ele.

10) Como era a relação de Ozildo Albano com os colegas de sala de aula?

Ozildo é simplicidade. Ele era o homem mais simples do mundo. Ele parava em qualquer sala de aula. Nós éramos da sala de artes industriais. Ozildo chegava, comia um pedaço de bolo e começava a brincar e conversava. Ozildo não se prendia lá no gabinete dele, de professor, não. Ozildo conversava com todo mundo. Ozildo era unânime e completo.

11) Ozildo Albano e o senhor foram alfabetizados pela profª Hilda Policarpo de Melo, mulher que posteriormente ingressou como enfermeira dos combatentes, na II Guerra Mundial. Qual foi a contribuição da profª Hilda Policarpo de Melo na formação cultural de Ozildo Albano e do senhor?

A primeira professora a gente nunca se esquece, a gente guarda todo perfil da professora. [...] A Hilda Policarpo de Melo só foi professora um ano, em 1938. Em 1939, Nós já estávamos com a professora Maria de Jesus Santos. Eu nunca me esqueci da professora Hilda Policarpo. Aquela amizade que a gente cria e a loucura para chegar à escola mais cedo. [...] Ela contribuiu para a minha formação, para a formação do Ozildo e de todos que passaram por lá. Foi Hilda Policarpo quem desbravou. Eu não sei dizer a formação dela. Ela não tinha a Escola Normal.

12) Que tipo de leituras a professora Hilda Policarpo e as outras professoras colocavam para vocês lerem quando eram estudantes?

Além de lembrar os tipos de leituras que a professora Hilda Policarpo colocava para nós, eu tenho o livro coração de criança. Eu tenho este livro lá em João Pessoa. Eu fui pra localidade Vaca Morta com meu filho e lá na família de Mundica Fontes tinha um lugar onde estava guardado um entulho. Daí, eu comecei a mexer e achei o livro coração de criança e Mundica Fontes disse: - Pode levar seu Elízio. Aí, eu trouxe aquele livro coração de criança. [...] Esse livro coração de criança era o livro de leitura. A gente chegava ao colégio e todo mundo tinha de ler uma página do livro, todos nós líamos. Ozildo Albano fazia com muita eficiência, viu. Eu tinha dificuldades, eu e outros. [...] Nós éramos companheiros, mas tinha uma certa divisão. Os mais adiantados ficavam ali. Mas, todos nós cantávamos e lia. Tinha a sabatina, tinha a palmada de régua, na hora da matemática. De qualquer forma, o Ozildo Albano e o Alfredo e etc., nesta turma, o Ozildo se destacava como nenhum outro chegou ao ponto que ele chegou, viu. Doutor Ozildo era um pequeno grande homem.

13)No livro “Picos nas anotações de Ozildo Albano” há uma passagem que diz que Ozildo era cognominado de uma “Enciclopédia viva ambulante”. Por quê?

Ozildo era uma enciclopédia viva. Depois dele tinha três enciclopédias, o Dagoberto Araújo Rocha, Dimas Lélis e Raimundinho Paraíba. Esse povo todo sabia tudo, mas não como o Dr. Ozildo Albano. Ele tinha aquela classe, ele sabia por que já ouviu de alguém. [...] Ozildo buscava lá nos livros. Um homem extraordinário. Gostar de música mais do que ele, não tinha outro.

14)Ozildo Albano, o senhor e Olívia Rufino formavam um grupo de seresta, era o Trio Acadêmico. Por que o nome Trio Acadêmico?

O nome trio acadêmico é porque nós, eu e Olívia Rufino, estudávamos na Universidade. Ela fazia Especialização em Educação e eu fazia Letras. O Dr. Ozildo já era formado. Então, por isso, nós dois éramos acadêmicos. Daí, nós aproveitamos e botamos o Dr. Ozildo como acadêmico também.

15) Qual o objetivo deste Trio Acadêmico em Picos?

O objetivo do trio acadêmico era que, primeiro era sem fins lucrativos, a gente cantava, tocava nos aniversários. Nas festinhas cívicas, em aniversário de professor, a gente ia fazer seresta lá, na porta dele, à meia-noite. [...] Nós tínhamos até uma música que Ozildo dizia: - Elízio, tá demorando. Vamos cantar a música? A música era filosofia barata: Ninguém faz graça/ Com a barriga vazia,/ E passar fome/ Nunca foi filosofia/ Vai trabalhar!/ Vai trabalhar/ Primeiro comer,/ Depois filosofar!/ Nove dias tem a vida,/ Sendo três dias de amor,/ Três dias de dor./ E, na lousa do destino,/ Depois da conta somada/ Vem a morte tirar a prova./ Nove fora, nada!. Aí, não, já havia comida. Traziam bolo, refrigerante. Ele era muito comilão. O Dr. Ozildo [...] era brincalhão, no bom sentido. Como intelectual, uma personagem altíssima. Ali, dentro da farra, ele era um meninão. Ozildo se divertia. [...] Ele dispensa adjetivos, a gente não têm palavras para enaltecê-lo.

16)No seu livro “Relatos e Reminiscências” o Sr. afirma que teve um programa na Rádio Difusora de Picos chamado “Saudade não tem

idade”, com duração de 20 anos, de 1979 a 1999. Nesse período, o senhor chegou a se apresentar na Rádio com o Trio Acadêmico e quais as repercussões da apresentação de vocês na cidade e microrregião?

Muitas vezes nós nos apresentamos na Rádio Difusora de Picos com o trio acadêmico. Muitas fitas gravadas nós três cantando. Ozildo participando. A música que ele mais gostava era ‘ontem ao luar’. Nós temos gravado uma fita, ele dizendo: - Esta música, que acabamos de ouvir, dita de 1913, era muito cantada por Rui Barbosa. Ozildo fazia a apresentação da música. Rui Barbosa era quem gostava dessa música que ele também gostava. [...] Eu tenho três ou quatro fitas nós três cantando, eu tenho até no CD: Ontem, ao luar/ Nós dois em plena solidão/ Tu me perguntaste o que era a dor/ De uma paixão/ Nada respondi!/ Calmo assim fiquei!/ Mas, fitando o azul do azul do céu/ A lua azul eu te mostrei/ Mostrando-a a ti/. Era de Catúlio da Paixão Cearense. Essa música era muito cantada. De vez em quando saía na Rádio Difusora de Picos.

17)O senhor considera Ozildo Albano um dos nossos maiores arautos da cultura em Picos?

Ozildo Albano foi, é e será o nosso arauto da cultura, porque ele era completo. Ele era perfeito, conhecedor. Ele foi dotado da providência divina. Um homem extraordinário. [...] Ele não dependia de favor de ninguém, de jeito nenhum. Ele não era preso a ninguém, não. Se alguma coisa Ozildo encontrou dificuldades, ele recorria ao amigo mudo, que era o livro, e depois ele chegava com a resposta.

18)Por que o folclore foi o ponto forte e a maior preocupação de Ozildo Albano?

Ozildo Albano era um artista nato. E ele amava muito o folclore e precisava dá ênfase. É porque dentro dele, ele tinha um ator perfeito, criador de todas as coisas, desenvolvia os papéis de cada um. Ozildo contribuiu e amava o que fazia. Ozildo fazia com gosto, com satisfação. Ele era extraordinário. Ele conversava com todo mundo, ele não parava, não. Ou ele estava no colégio ou ele estava caminhando na Praça Félix Pacheco, naquela simplicidade. [...] Ozildo com a família era uma coisa extraordinária. A família para Ozildo era tudo.

19)Ozildo tinha ideias ousadas para a época e para o contexto de Picos? Por quê?

A formação religiosa de Ozildo ajudou. Ele era um homem amante da religião e, salvo engano, a santa de preferência dele era Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Remédios. [...] Nós somos produtos do meio e ele sempre conviveu em um ambiente sadio e desenvolvido. Ozildo foi estudar em Fortaleza muito cedo e, isso, ampliou o campo de visão dele, é claro. Ozildo se destacou lá entre os colegas daquela turma de Direito. Inclusive, o Renato Aragão, o Didi Mocó, era colega dele, advogado da mesma turma dele em Fortaleza. Ozildo se reunia muitas vezes com todos os concludentes, até que foi indo, foi indo, uns foram morrendo. Então, foi o que ajudou naquela formação dele, o preparo que ele tinha e aquela facilidade de dominar tudo. Ozildo dominava tudo, no âmbito da educação.

20) Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. Como foi para a senhor perder um dos seus maiores amigos?

Quando eu recebi o telefonema de Dona Olívia dizendo: - Pode anunciar que nosso amigo morreu. Eu chorei, chorei foi muito. Eu senti muito pela amizade, pela nossa

vivência. Ozildo ia lá para casa, ele saía lá da sua. Eu tenho três ou quatro retratos dele tomando refrigerante e comendo um pedaço de bolo lá em casa. Ozildo saía para ir a minha casa comer pedaço de bolo. Então, eu senti, não só eu, mas a cidade de Picos inteira e a circunvizinhança sentiu a falta e chorou a morte de Dr. Ozildo. E eu toquei no funeral dele e eu fiz o pedido dele. Toquei carinhoso, eu em cima de um tumulto. Um pedido que ele tinha feito, assim: - a música que eu quero que toque quando eu morrer é carinhoso. Ele não me pediu direto, mas nas conversas dele, ele pedia. Aí, eu toquei carinhoso. A voz desse saxofone parece que vinha de outro mundo. Marcou demais. Eu fiz isso pra ele.

21) Há um discurso corrente que diz que “Picos é Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos”. Como a senhor interpreta isto?

Em se falando de vultos de destaque na cultura em Picos, se destacou Ozildo Albano. E a cidade de Picos perdeu muito sem ele. Picos era ele e ele era Picos. Dr. Ozildo servia demais, servia e está servindo. Nós temos aqui um museu que ainda hoje está trabalhando por ele e para ele. [...] O museu é tudo de bom que nós temos na área cultural.

22) Ozildo se preocupava muito com a memória do picoense. Isto é tão provável que criou um Museu na cidade de Picos. Como o senhor analisa o impacto da criação de um Museu para o cidadão picoense?

Pouquíssimas cidades têm um museu. Então, a cidade de Picos se destaca pelo museu que tem. [...] É tudo de bom que nós temos na área cultural. [...] Quando começou o museu, na sua residência, na Avenida Getúlio Vargas era restrito, mas quando eles mudaram para a Rua São Francisco aí ele tomou de conta do 1º andar. Ozildo colocou tudo em ordem.

23) Como era a rede de sociabilidade de Ozildo Albano? Ele era muito querido pelos picoenses?

Ozildo se relacionava com todo mundo, com todas as camadas da sociedade. Ele era um homem benquisto e que ajudava aos pobres. Ele não fazia questão de dinheiro, não. [...] Ozildo era um homem que amava a todo mundo e servia a todo mundo, em todos os sentidos.

24) Ozildo foi um intelectual engajado na cultura local. Como a sociedade picoense enxergava isto?

Todo mundo via que Ozildo era totalmente integrado a cultura. Todo mundo percebia e admirava. Para ele não existia outra coisa na vida a não ser um folguedo, a não ser uma reunião, tanto é que ele foi chamado pra Secretaria de Cultura. Ozildo saiu porque lá ele não teve o respaldo necessário.

25) O senhor tem mais algo a acrescentar à entrevista sobre a vida e atuação profissional de Ozildo Albano?

Ozildo fez muita falta, está fazendo e vai fazer. Ele era um homem que não era para morrer, naquele tempo. [...] o que tenho que acrescentar é que eu gostaria que ele ainda estivesse em nosso meio pra cantar no nosso trio acadêmico. Agora que nós, eu e Dona Olívia, estamos aposentados. Nós íamos nos encontrar mais vezes. Eu sinto saudades, sinto falta e até em certo ponto eu sinto dá da partida, da perca. Qual outra cidade possui um filho ilustre como Ozildo?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: FRANCISCO DE ASSIS MACEDO SANTOS

Data da entrevista: 27 de janeiro de 2017

Local da entrevista: Escritório de advocacia do entrevistado

Data de nascimento: 15 de novembro de 1957

Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro

Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro

Data da transcrição: 29 de janeiro de 2017

APÊNDICE E - ENTREVISTA COM FRANCISCO DE ASSIS MACEDO SANTOS

1) Como é o nome completo do senhor?

Francisco de Assis Macedo Santos

2) Onde o senhor nasceu e quando?

Nasci aqui na cidade de Picos no dia 15 de novembro de 1957.

3) Qual a sua formação escolar?

3º grau completo.

4) Dr. Francisco, quais as lembranças que o senhor tem do educador Ozildo Albano?

Eu tenho as melhores lembranças possíveis do educador Ozildo Albano, porque ele contribuiu de forma bastante significativa para a cultura picoense, para o Ginásio Marcos Parente. Ele foi um dos fundadores do Jornal A Flâmula. Então, são as melhores lembranças que se pode imaginar sobre o educador Ozildo Albano.

5) Depois que Ozildo se forma em Direito em Fortaleza retornou a Picos e abraçou o magistério como escolha profissional. O que levou Ozildo a abraçar o magistério?

Ozildo abraçou a educação por causa da grande preocupação em educar, de dá continuidade ao resgate dos nossos valores, da nossa cultura. Esse foi o motivo pelo qual Ozildo tenha optado pelo magistério.

- 6) Quando Ozildo Albano lecionou em Picos ele já tinha passado pela experiência de criação de um jornal, pela experiência dos estudos no Seminário em Teresina, pela formação jurídica em Fortaleza dentre outros. Em meio a esta formação humanística do Ozildo Albano, qual foi o ganho que a educação picoense teve durante os anos em que Ozildo Albano lecionou em Picos?**

O ganho que a sociedade teve quando Ozildo Albano esteve lecionando foram as melhores possíveis, porque ele enriqueceu [...] a educação em Picos. [...] Eu acredito que foram valores inimagináveis para a sociedade da época. Ozildo já tinha uma formação que trazia tanto da Universidade de Direito, da UFCE quanto do seminário onde também esteve em Teresina.

- 7) O senhor se lembra do nome das escolas em que Ozildo Albano ensinava em Picos? Se sim, quais?**

As escolas que Ozildo lecionou em Picos foram no antigo Marcos Parente, no Vidal de Freitas, as do meu conhecimento. [...] Ele lecionava além de Português, História, Francês. Ele falava o francês fluentemente e o Latim. Ele dominava muito bem o Latim.

- 8) Ozildo Albano conseguiu juntar a intelectualidade à simplicidade. Como Ozildo conseguiu associar estas características caminhando pela docência e simultaneamente pela advocacia e, posteriormente, pela magistratura?**

Ozildo era um dirigente contumaz. Isso já diz tudo. Era fruto da sua própria inteligência, por isso que ele conseguiu juntar a intelectualidade e a simplicidade. Coisa que poucos conseguiram. Soube com naturalidade conciliar isso. [...] Ozildo não gostava quando alguém fazia um documento e pedia para ele assinar e botava o “Dr” antes do nome José Albano de Macedo, ele não gostava. Se colocasse, ele dizia: - tire isso aí. Da próxima vez, por favor, só José Albano de Macedo.

- 9) O senhor me disse que Ozildo Albano era uma pessoa muito simples, como isso se evidenciava nele?**

A simplicidade era uma coisa dele, do Ozildo. Ele era espontâneo, nato, dele mesmo. Ozildo tinha aquela maneira dele sem forçar. Naturalmente ele era simples. A maneira dele nos trajes, na maneira de ser. Ozildo valorizava muito a pessoa humana, independentemente da cor da pele, do credo religioso, da classe social, da condição econômica. Ele não queria saber se a pessoa tinha dinheiro na carteira ou em alguma conta bancária. Ozildo era muito desapegado aos bens materiais. Ele era muito humano e espiritual.

- 10) Quando as pessoas fazem alusão a Ozildo Albano dizem que ele era uma enciclopédia viva que tínhamos em Picos. Por quê?**

Ozildo era uma enciclopédia viva ambulante porque ele tinha um acervo, um estoque cultural muito grande. Ele vivia dentro dos livros. Ele tinha muita bagagem cultural. Ozildo era muito preparado, lia muito. Então, ele tinha realmente um know-how para ser como ele era.

11) Podemos afirmar que Ozildo foi um dos nossos maiores arautos da cultura picoense? Por quê?

Ozildo foi o nosso arauto porque, na verdade, ele foi um homem muito culto e se preocupava muito com a cultura, em expandir a cultura, em preservar e manter viva as raízes da nossa história, de nossas tradições. E ele fez muito bem com a criação do museu.

12) O senhor considera que Ozildo Albano era dotado de um senso de missão em relação aos seus conterrâneos pela visão épica de mundo e pelo incremento de elementos civilizatórios na sociedade picoense? Por quê?

Ozildo Albano era dotado de um senso de missão porque ele tinha aquela preocupação com a cultura, em orientar as pessoas e em manter viva toda a nossa história, preservando as raízes, atos e costumes do nosso povo, por essas razões.

13) Com o legado deixado por Ozildo Albano, o senhor considera que ele influenciou na formação identitária do cidadão picoense? Por quê?

Ozildo influenciou na nossa formação identitária com a sua contribuição [...] porque ele mostrou as famílias de Picos valores que nem eles mesmos conheciam. Ele resgatou e mostrou a membros e famílias de Picos que nem tinham conhecimentos e que eles só vieram a ter através dele, Ozildo. Ele resgatou e estabeleceu uma identidade nas pessoas.

14) Quem fazia parte da rede de sociabilidade de Ozildo Albano? De quais classes sociais?

Ozildo tinha um ciclo de amizades muito grande em todas as classes sociais. Mas, não restam dúvidas, de que tinha aqueles mais próximos a ele por uma questão e outra, porque foi contemporâneo, de estudos, de quando prestou o tiro de guerra, como o Dimas Leopoldo Lélis, Dagoberto de Araújo Rocha, contemporâneo dele e nosso parente, Elízio Serafim, Profª Olívia Rufino, os mais ligados a ele e muitos outros.

15) Ozildo foi o nosso guardião da memória picoense. Por que Ozildo Albano tinha esta preocupação em garimpar documentos, fotografias, garimpar fatos pitorescos de Picos, imagens, dentre outros?

Ozildo queria deixar este grande legado para a sociedade picoense, para a sua posteridade e que todos vissem, naquele museu, a figura dele. E isso foi muito importante para a sociedade. Ozildo teve essa preocupação, ninguém teve essa iniciativa, ninguém deu o pontapé inicial, nem antes, nem durante e nem depois, somente ele. [...] parece-me, sem querer tirar conclusões precipitadas, que o museu parou com ele. Se alguém, caso interesse, dê continuidade.

16) Ozildo Albano tinha uma visão épica de mundo. A que se deve este campo de visão elástico que ele tinha no tocante aos inúmeros aspectos do social?

Ozildo tinha uma visão grande de mundo. Ele enxergava longe e tinha uma visão bem geral, ampla. [...] Ozildo pensava além daquele tempo, estava muito à frente. Ele demonstrou isso, ele provou, sem sombra de dúvida, o museu por si só já retrata tudo, por si só o museu já diz tudo porque valeu a pena.

17) Ozildo Albano possuía uma autoconsciência do seu lugar na organização da cultura picoense?

A princípio, as pessoas não davam tanta importância no sentido de visitar o museu, para conhecer, para passar a se identificar com as suas próprias raízes históricas. Por exemplo, isso aqui pertenceu a minha família, aos meus pais, aos meus avós, aos meus bisavós, no sentido das pessoas irem se identificando com seus próprios.

18) Em conversas informais com amigos e ex-alunos do Ozildo Albano destacam que ele era um apaixonado pelo folclore e tinha por preocupação a preservação da nossa cultura popular. Por quê?

Devido as suas próprias raízes, tradições dos familiares. Ozildo nasceu nesse meio, por isso que ele era um apaixonado pelo folclore e se preocupou em preservar a nossa cultura. Ele era ligado ao Tanque, povoado de Picos. Então, ele tinha essa preocupação em preservar a história, os hábitos, os costumes daquele meio onde ele nasceu e viveu como o reisado, o São Gonçalo. Ozildo queria que tudo isso não se perdesse nas noites dos tempos. Ele queria manter viva aquela tradição e ele conseguiu fazer isso.

19) A que se deve o comprometimento ético de Ozildo com a educação, com a advocacia, com a magistratura, com a memória e demais atividades que exercia em Picos?

Ozildo era um homem ético, não fugia dos padrões éticos e morais. Ele era muito desapegado aos bens, isso era dele mesmo. [...] Esse comprometimento era da sua própria formação berçária, da formação religiosa, sem sombra de dúvida.

20) Dr. Francisco de Assis, o senhor considera que Ozildo tinha ideias ousadas para a época e para o contexto de Picos? Por quê?

Ele teve ideias ousadas quando criou o museu, o jornal e a própria escola com a irmã dele. [...] Era a demonstração de uma pessoa que queria expandir a educação e a cultura.

21) Quando se fala em Ozildo Albano, os picoenses sempre fazem alusão ao Museu. O que motivou Ozildo a criar um museu em Picos?

Ozildo criou o museu como uma forma de manter viva a nossa história, as nossas raízes, através de todo aquele apanhado. Ele levou certa de três décadas. Tudo para uma melhor identificação de nossa cultura, de nossa tradição e raízes.

22) O museu tem uma função educativa em qualquer sociedade em que esteja inserido. Por que Ozildo Albano tinha a preocupação de coletar

peças antigas e documentos, dentre outros, para serem guardados no Museu picoense?

As pessoas tinham um certo desprezo pelas coisas velhas, sob um ponto de vista econômico. Ozildo, ao contrário, via o valor afetivo, histórico e estimativo pra qualquer pessoa, em qualquer família que, tendo a oportunidade de ir lá, veria o objeto que pertenceu ao antepassado dele. Não tinha o valor econômico, mas Ozildo via o valor histórico e cultural na preservação. [...] Essa fotografia na parede do meu escritório, eu peguei no museu. Essas pessoas não existem mais. Se não tivesse o museu, eu não teria essa fotografia, com certeza. Como e onde eu iria conseguir? Graças ao saudoso José Albano de Macedo. [...] Uma vez, eu conversando com Ozildo, ele me disse: - Francisco, povo sem memória é povo sem história.

23) O museu de Ozildo é nosso símbolo de civilização. Qual o impacto que o museu teve na vida do cidadão picoense?

Ozildo começou o museu através de um bauzinho pequeno. Tinha pouca coisa. Mas, ele sempre perseverante, acreditava e queria realizar, concretizar esse sonho e foi adiante, com poucos objetos. Pedia a um aqui e sempre dizia: - Não jogue fora, não. E diziam: - Mas, Ozildo, para que você quer isso aqui? Ele dizia: - Eu quero. Ozildo foi juntando, juntando e está lá como uma fonte de identificação de um povo. É só vê para crê.

24) Qual foi a missão de grandeza deixada pelo intelectual Ozildo Albano em Picos?

Ozildo deixou um legado muito grande, no campo jurídico, educacional e cultural. É um valor inestimável, incalculável. [...] É como se existisse um antes e um depois de Ozildo. Ele foi um divisor de águas. Onde nós iríamos buscar informações sobre as nossas próprias identificações?. [...] Ozildo foi o pioneiro. [...] Lá tem também objetos que pertenceram a nossa família, documentos, fotografias e também de boa parte da família picoense, estão guardados lá no museu.

25) Ozildo Albano era uma pessoa que reunia, ao mesmo tempo, a vocação de pesquisador, historiador, memorialista, colecionador, folclorista, artista musical, jurista, dentre outros. Como Ozildo conseguiu lidar com tudo isto em uma cidade interiorana do Estado do Piauí?

Ozildo conseguiu lidar com tudo que ele era sem apoio, mantendo a simplicidade e enfrentando as dificuldades de toda sorte, principalmente de natureza financeira. O museu foi mantido as suas expensas. Mas, ele soube conduzir bem, mesmo enfrentando essas adversidades.

26) Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao intelectual Ozildo Albano?

Ozildo viveu em função de sua família, da cultura, da educação e da história. As suas preocupações estiveram voltadas para esse centro. Um historiador nato, um jurista com uma larga experiência e conhecimento jurídico. Ozildo era um professor nato e a gente observava que ele fazia com a maior

simplicidade. Ele tinha vontade de servir, transmitir e orientar. Eu sempre esclarecia as minhas dúvidas com Ozildo quando eu ia fazer uma retificação em documento, através de petição. Quando eu fui fazer a retificação de nascimento de um irmão de papai, o Sebastião, eu tinha certeza de que ele tinha sido registrado. [...] Eu não sabia o nome de meus bisavós paternos e precisava constar na certidão de nascimento. Daí, Ozildo disse: - Eu sei, pode preparar a petição. Aí, Ozildo chegou com os nomes porque tinha que fazer essa restauração, o livro tinha sido extraviado. E Ozildo me forneceu todas essas informações precisas e seguras, o nome de meus bisavós paternos, Manuel Cipriano de Sousa Brito e Maria Josefa de Sousa Brito. Ozildo tinha isso. Tem o retrato de meus bisavós lá no museu [...] graças ao Dr. Ozildo, que ele me forneceu. Ozildo fazia aquilo como se estivesse soletrando o ABC e fazia com a maior simplicidade.

27) Ozildo foi advogado em uma época em que havia poucos advogados em Picos. Quais as representações do advogado Ozildo Albano para a sociedade picoense da época?

Ozildo retornou ao exercício da advocacia sem aquela preocupação em ganhar dinheiro. Somente para preencher o tempo, um hobby, para amigos. Ele não se preocupava com honorários. Era para ele não se distanciar do direito e continuar ali, na lida, com o direito. Ozildo ajudava muito as pessoas necessitadas. Ele era um verdadeiro defensor público. Ele sempre foi totalmente desprendido, desapegado dos bens materiais.

28) Francisco de Assis, como você descreveria o jurista Ozildo Albano?

Como jurista Ozildo Albano foi muito eficiente. Sempre demonstrando, mesmo muito modesto como era, conhecimento e talento. Foi uma pessoa que realmente dominava o direito, mas também, a filosofia do direito. Ozildo se saiu muito bem como jurista.

29) O conhecimento filosófico, sociológico, histórico e antropológico ajudaram Ozildo Albano no campo jurídico?

O período que Ozildo passou no seminário ajudou a ele posteriormente no campo jurídico até porque, na época, tinha as disciplinas de filosofia do direito e sociologia do direito.

30) Ozildo Albano tinha muito conhecimento do campo jurídico?

Ozildo tinha muito conhecimento no campo jurídico. Eu consultava muito o Ozildo. Eu era recém-formado e percebia isso. Ozildo me orientava muito. Ele dizia: - Faça assim, não faça do jeito que você está pensando, não dê a resposta agora, sem contudo, não perder prazos, ainda não está na hora, a melhor defesa é o ataque. Ozildo era muito preparado em todos os sentidos.

31) De todos os ramos do Direito, qual a Ozildo mais se identificava?

Ozildo tinha muito conhecimento de todos os ramos do direito, mas no civil e no crime a gente observava que ele era muito mais preparado nesses dois ramos do direito. Isso era perceptível.

32) Francisco de Assis, você havia me dito que Ozildo Albano tinha um gosto afinado pela música, que tipo de música ele gostava de ouvir?

Ozildo preferia aquelas músicas mais velhas, como as de Vicente Celestino, Chico Alves, Ataufo Alves, Anísio Silva. Eu presenciei várias vezes ele ouvindo essas músicas. Aquelas músicas com a composição de Catulo da Paixão Cearense, ele gostava muito. O Grupo Acadêmico fundado por Ozildo, Olívia e Elísio Serafim cantava preferentemente esse tipo de música. Eu cheguei a assistir eles cantando. Eles chegaram a fazer participações na rádio. [...] A música de Catulo da Paixão Cearense, ontem ao luar, linda simplesmente. Ozildo tinha um gosto muito afinado para a música.

33) Ozildo Albano era muito religioso?

Ozildo era católico fervoroso. Ele foi o pioneiro dessa caminhada que se faz para Bocaina. No início, ele ia com pouca gente, por ocasião dos festejos. Ele ia de bermuda, camiseta, chapéu de palha e um cantil. Ele ia a pé, ele e um pequeno grupo. Depois, esse grupo foi aumentando. [...] Tinha aquelas paradas na casa de fulano e sicrano. E lá participavam dos festejos de Nossa Senhora da Conceição.

34) Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. Como foi para a senhora perder um dos seus maiores amigos?

Perder Ozildo foi muito triste. Eu lamentei profundamente. [...] Foi uma perda irreparável para todos. Foi muito triste quando eu recebi a notícia daquele acontecimento tão inesperado, um infarto, um infarto violento que o vitimou. Ozildo foi levado às pressas, mas não deu tempo. Foi uma grande perda para a família, para a comunidade como um todo.

35) Qual foi a maior perda que a sociedade picoense teve com a morte de Ozildo Albano?

A maior perda que a sociedade teve com a morte de Ozildo, eu acredito que tenha sido principalmente do ponto de vista histórico e cultural, porque Ozildo foi um pioneiro, foi uma pessoa que realmente se preocupou, coisa que ninguém tinha se dado a esse trabalho, a essa preocupação. Ele deu o pontapé inicial e graças a Deus temos aí uma fonte valiosíssima de compromisso histórico-cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ozildo foi maravilhoso em todos os sentidos, como amigo, como educador, como jurista e como historiador. Uma pessoa que toda a sociedade de Picos gostava. Ele era incapaz de ofender a quem quer que seja, era uma alma muito boa. Eu acho que ele se preocupava mais com os outros do que com ele mesmo. Ele gostava de dizer que as coisas só tem sentido quando postas a serviço de outras. Então, ele era profundamente humano e uma pessoa excelente, preocupado em manter viva a nossa história, as nossas raízes e nossas tradições. Ozildo era aberto ao diálogo e ao entendimento. Ele estava pronto para servir a qualquer hora do dia e da noite lá no museu dele, ele tinha um prazer muito grande e a gente via que ele fazia aquilo com amor, dedicação e vontade mesmo. Ozildo estava sempre bem humorado, ele também era brincalhão. Não se tem palavras para descrevê-lo. [...].



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Francisco das Chagas Cruz

Data da entrevista: 05 de outubro de 2017

Local da entrevista: Residência do entrevistado

Data de nascimento: 04 de julho de 1953

Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro

Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro

Data da transcrição: 10 de outubro de 2017

APÊNDICE F - ENTREVISTA COM FRANCISCO DAS CHAGAS CRUZ

01) Como é o nome completo do senhor?

Francisco das Chagas Cruz, popularmente chamado de Chico Cruz.

02) Onde o senhor nasceu e quando?

Nasci em Jaicós, em 04 de julho de 1953.

03) Qual a sua formação escolar?

Sou biólogo pela Universidade Estadual do Piauí e licenciado em Teologia pela Universidade Federal do Piauí, na 1ª turma em 1981. Trabalhei com o ensino religioso, durante décadas, tanto na rede pública quanto na rede particular. Ministrei aulas de ciências, por que tive formação em ciências físicas e trabalhei como biologia durante décadas, a nível de ensino fundamental e ensino médio.

04) Chico Cruz, o senhor foi aluno do professor Ozildo Albano em que ano?

Em que escola o senhor foi aluno dele? E quais as disciplinas que lecionava?

O professor Ozildo, como nós tratávamos a ele e que tivemos a alegria de tê-lo como nosso professor nos anos de 1967 e 1968, além de ser nosso professor no Ginásio Padre Marcos era Juiz de Direito na Comarca aqui, na cidade de Jaicós. [...] No Ginásio Padre Marcos, ele ministrou aulas de História do Brasil e História Geral, na época. [...] Ele ficava com a parte de História do Brasil e o sacerdote da paróquia e diretor do colégio, o Padre Mariano da Silva Neto, os dois de inteligência brilhante, ministravam História Geral. [...] Ele ministrou História do Brasil na 1ª e 2ª séries do Ginásio Padre Marcos. Eram as duas turmas que ele lecionava.

05) Quais as lembranças que o senhor tem do educador Ozildo Albano?

Ficaram boas lembranças do Dr. Ozildo. [...] Eu era um adolescente, na época. Mas, lembro-me assim, ele sempre vinha bem humorado para as aulas, despertava na gente uma motivação de assistir as suas aulas. Ele foi além do seu tempo, por que eu me lembro de que ele trazia mapas para mostrar os fatos que se relacionavam com a história, com o território, com o país. Ele traçava gráfico. O material didático, comparado com a tecnologia que temos hoje, era praticamente nada, mas ele lançava mão desses recursos e o quadro-negro de giz. Um detalhe que eu não deixo de lembrar era o amor que ele demonstrava em prestar esses serviços nessa escola comunitária. [...] Ele trazia as suas provas devidamente datilografada. E eu me lembro de outro detalhe, ele era um homem aberto ao diálogo. As aulas eram dinâmicas, ele usava a criatividade para mostrar personagens. [...] Ele criou um carro alegórico para mostrar a execução de Tiradentes, uma alegoria que foi exibida no dia 07 de Setembro.

06) A senhor pode mencionar o nome dos outros alunos que assistiram às aulas como professor Ozildo Albano?

Assistiam às aulas comigo a aluna Angélica Granja de Carvalho, Raimunda Granja de Carvalho, Maria Natanildes Dias de Carvalho, Antônio José Mendes de Carvalho, Jaime Antônio Dantas, que vinha de outra cidade. Naquela época, os ginásios eram super limitados no território piauiense. Jaicós era uma cidade felizarda por ter tido um ginásio e com um curso eficiente. Esse ginásio foi um celeiro que deu bons frutos para a sociedade brasileira, não só a nossa turma, mas também, muitas e muitas turmas brilharam e saíram do Ginásio Padre Marcos. Então, vinham pessoas de outros municípios, de Paulistana e Jacobina. Tinha também a Maria José da Silva, Osmarinda, Aldenir, Benedito Carvalho e muitos outros.

07) Como era que o professor Ozildo Albano se relacionava com os alunos em sala de aula e fora de sala de aula?

Havia uma boa relação entre educador e educando. Não tinha conflitos, a gente se sentia motivado em perguntar com o professor Ozildo. Ele não era um professor bicho-papão, não. Ele mantinha diálogo, um sorriso sempre aberto e uma postura de educador. Nos corredores do colégio, ele nos cumprimentava. Um detalhe, eu me lembro, a gente trazia da sociedade um conceito de Juiz, que ele era, um Juiz de Comarca. Aquele personagem tinha que ter aquele temor. Mas, ele não, ele era o educador. Um homem simples.

08) O senhor aprendeu muito com o Ozildo Albano, durante os anos que foi aluno dele? O que ficou dos seus ensinamentos?

Aprendi muito com o professor Ozildo até por que eu tinha uma simpatia com a história. [...] Ficaram boas lembranças dos ensinamentos dele e, sobretudo, aquilo que ele transmitia pra gente de que, pra entender a história, tinha que vê com olhar crítico e que a história seria aquela disciplina que iria estar presente em nossas vidas, pra sermos sempre e sempre cidadãos conscientes e críticos, na sociedade em que a gente estava inserida. Eu achava isto muito interessante, a história iria despertar. Por exemplo, de ter a

preocupação de conhecer os fatos, pra poder valorizar o país e amá-lo. Ele despertava essa capacidade na gente. Ele queria formar alunos críticos.

09)O que mais chamava a atenção do senhor no educador Ozildo Albano?

Dentre as características do Dr. Ozildo, nós o chamávamos de Dr. Ozildo ou, então, professor Ozildo. Mas, era mais Dr. Ozildo, por causa da Comarca de Jaicós. A gente o via na escola e, às vezes, no fórum. Uma característica que eu via nele era de ter uma inteligência brilhante e, outra coisa, a humildade. Inclusive, nós éramos alunos simples, mas de classes sociais diferentes. Ele tratava todos com igualdade e a gente via que ele queria que aquelas sementinhas, que éramos na época, brotássemos para dá bons frutos, frutos para gerar uma sociedade e um mundo melhor. Isto era muito marcante em Dr. Ozildo. Outro aspecto, a religiosidade ele deixava transparecer. Eu me lembro que ele citava fatos da paróquia, da vivência dele com o padre Mariano da Silva Neto. Este também um homem totalmente doado a educação jaicoense e que passou dezenove anos servindo e construindo saberes em Jaicós. Então, a gente via muito a religiosidade presente na vida de Dr. Ozildo.

10)O professor Ozildo adotava livros?

O professor Ozildo adotava o livro de história do Brasil. [...] Nós copiávamos os exercícios que vinha no livro para o caderno. [...] Tinha dia da semana que ele pedia para vê às tarefas que a gente passava para o caderno. E ele repreendia que não queria outra disciplina misturada com a história.

11)O senhor se lembra de algum tipo de leitura que o professor Ozildo Albano passava para vocês lerem?

[...] Ozildo trouxe, algumas vezes, matérias de jornais pra gente. [...] Ele que trabalhava em repartição pública e tinha acesso aquilo. Nós não tínhamos a mídia em nosso meio, nem o rádio. Ele trazia recortes e lia. Depois que eu me tornei adulto, aquilo era algo ligado a Ditadura Militar. Ele criticava e não aceitava aqueles fatos. Era dentro das aulas dele, com certo limite, por que não era pra ser lido publicamente. Ele mostrava pra gente o que era o Brasil de 1966, que era o Brasil que já vivia a Ditadura Militar e que nós nem sabíamos o que era a Ditadura. [...] Os artigos mostravam a realidade, os fatos históricos marcantes no país. Ele mostrava. Ele se posicionava, por que ele não era a favor da Ditadura, pela maneira de falar e de ser dele. O que eu notava é que ele queria que nós fôssemos alunos além da sala de aula, de informações para a época. Ele não se limitava somente as leituras do livro texto. [...] Hoje, analisando o Dr. Ozildo, ele foi um professor além do seu tempo. Ele tinha uma preocupação de fazer o melhor. [...] Ele dava uma aula crítica e, ao mesmo tempo, seguindo o programa da época, o livro didático. Ozildo incentivava a leitura de outros livros. Eu me lembro que, na época, a escola ganhou um acervo que o padre Davi Ângelo Leal doou de Oeiras para Jaicós, com a amizade que tinha com o professor Mariano. Nós tínhamos uma biblioteca “Jovita Alves Feitosa”, com um bom acervo pra época. Também tínhamos o Grêmio Littero Recreativo “Filipe Tiago Gomes”, em homenagem ao fundador da Instituição no país. Então, essa instituição fazia

apresentações cívicas, sessões solenes em datas cívicas e, às vezes, Ozildo estava presente. Não tanto, por que o tempo dele era absorvido pela Comarca de Jaicós.

12) Qual o tipo de material didático que o professor Ozildo Albano levava para a sala de aula?

Ozildo trazia jornais com os fatos históricos da época e mapas também. Eu me lembro, por exemplo, as navegações marítimas. Ele mostrava pra gente e a escola tinha mapas. [...] Ele mostrava personagens, vultos como Tiradentes, Dom João VI, Dom Pedro I. Na época, tinha cartazes, tudo apropriado a didática de então.

13) O senhor se lembra de como eram as provas do professor Ozildo Albano?

As provas de Dr. Ozildo eram escritas. Não tínhamos prova oral e nem existia a prova objetiva. Tinha a prova escrita com preenchimento de lacunas, além das perguntas interrogativas, tinha também o preenchimento de parênteses, a coluna “a” com a coluna “b”, tínhamos isso, eu me lembro de mais. A prova era feita dessa maneira, ele elaborava a partir disso. E as provas já vinham elaboradas, datilografadas. [...] A gente ficava numa alegria, a gente dizia: - A prova de Dr. Ozildo já vem pronta. [...] Em outras disciplinas do colégio, fazia prova oral, mas ele não fazia.

14) Durante o tempo em que o senhor foi aluno de Ozildo Albano. Ele fez algum evento cultural na escola em que o senhor estudava?

[...] Algumas vezes eu via Ozildo participando dos eventos da escola. A posse do grêmio, ele ali sentado junto das autoridades que formavam a equipe educativa da escola, as eleições do grêmio que ele também participava. Agora, eu me lembro de um que foi marcante, Ozildo organizou um pelotão mostrando a execução de Tiradentes, em um dia 07 de Setembro, numa data cívica. [...] Na foto da turma tem o aluno que fez o papel de Tiradentes, o José Coutinho de Carvalho, já falecido. Ele tinha uma estatura alta e foi Ozildo que o caracterizou de barba. O padre Mariano e ele arrumaram uma alva, na própria paróquia e o vestiu. Deram um caráter de Tiradentes, com aquela corda e fizeram um instrumento que serviu de força para a execução do mártir Tiradentes. Isso foi nas ruas, o carro alegórico levando esse personagem. Ficou muito bem feito, Ozildo estava presente e aplaudia tudo aquilo. Essa eu me lembro de mais. [...] Chamou a atenção.

15) O professor Ozildo era muito rígido em sala de aula?

Ozildo nos motivava e nós sentíamos motivados para as aulas. Ele não era aquele homem que era obrigado a se impor a gente. Eu não via em Dr. Ozildo aquele professor carrasco. Eu creio que era por que nós nos sentíamos motivados para assistir as aulas.

16) Quais as representações sobre o professor Ozildo Albano que mais chamava a atenção da sociedade jaicoense?

A gente sabia que ele era presente nos acontecimentos sociais. O padre, o vigário, as pessoas ligadas à agência bancária. Ele sempre marcava a sua presença na sociedade.

17) Os alunos respeitavam muito o professor Ozildo Albano?

Os alunos respeitavam o Dr. Ozildo. Éramos motivados e não víamos, na presença dele, o temor, até porque a nossa geração foi a que respeitava o professor com o seu devido valor que ele tinha na época. Outra, o diretor era uma pessoa muito competente para dirigir a instituição. O padre Mariano era o corpo e a alma dedicados a essa instituição. Então, ele pregava princípios pra gente e fazia com que entendêssemos o valor do respeito. [...] Tinha esse diferencial de fazer com respeito.

18) O jornalista Erivan Lima escreveu no livro “Picos nas anotações de Ozildo Albano” que Ozildo conseguiu juntar a intelectualidade à simplicidade. Em que aspecto o educador Ozildo Albano se diferenciava dos professores da época em Jaicós?

O maior diferencial de Ozildo era a humildade. Ele se relacionava bem com as pessoas. Ninguém via nele o Juiz, não e não, era o professor Ozildo. A humildade foi muito marcante nele. Eu considerava o Dr. Ozildo uma inteligência brilhante. Um homem a frente do seu tempo.

19) Podemos afirmar que Ozildo Albano era um apaixonado pela educação?

Ozildo era apaixonado pela educação pela maneira que se dedicava. Ele fazia por amor, demonstrava amor. [...] Ele contribuiu para que a educação fosse feita aqui com amorem Jaicós, no querido Ginásio Padre Marcos.

20) Com certeza, muitas coisas boas o educador Ozildo Albano deixou em cada um dos seus ex-alunos. De todos os momentos que o senhor esteve com o professor Ozildo qual momento ficou marcado no senhor?

O momento marcante de Dr. Ozildo, na escola, foi o primeiro dia que ele chegou. A forma que ele nos acolheu, de como ia ser as aulas e ele como pessoa. Eu achei aquilo muito interessante. Ficou mesmo a primeira impressão, que dizem que fica. Isso ficou de positivo, de homem coerente, ético e de transmitir valores.

21) Chico Cruz, os grandes professores sempre deixam marcas positivas na gente e que servem como balizas para a nossa caminhada. O que ficou de Ozildo que serviu para a tua formação humana e profissional?

Ficou muito de Ozildo na minha formação humana e profissional. Aquela tentativa de mudar o social para melhor, o crítico, o ser crítico diante dos fatos, isso marcou muito. O despertar e o continuar pessoa crítica, o uso do senso crítico. Ele motivava a sermos, no futuro, cidadãos críticos.

22) Fazer a descrição da vida de uma pessoa é algo que, às vezes, leva anos. Em poucas palavras, como o senhor descreveria o intelectual Ozildo Albano?

Era um homem simples, com uma bagagem cultural muito grande. E essa bagagem cultural estava disponível para servir, a transmitir os conhecimentos.

23) O professor Ozildo Albano era um professor tradicional ou um professor moderno? Por quê?

Pra época, eu considerava Ozildo um professor moderno, porque ele tinha a preocupação de inovar, inovar com o quê? Com o que era melhor, por exemplo, lê fatos em jornais que o livro não tinha. Ele adiantava, inovava, usava mapas. Ozildo não era um professor só para anotar com giz no quadro, de costas, ele não era só esse homem. Eu o considerava inovador. Ele implantou algo diferente daquelas aulas rotineiras, de giz e quadro-negro. E isso prendia a atenção dos alunos. Nós estávamos sempre motivados. Ele sempre falava totalmente pra nós e não de costas. Ele andava na sala de aula.

24) Como a sociedade jaicoense via o educador Ozildo Albano, levando-se em conta que ele também era Juiz aqui em Jaicós?

A sociedade jaicoense via o Dr. Ozildo como uma pessoa que tinha a riqueza cultural e que veio para servir. Além de ter a carga de problemas para resolver na Comarca, ele tinha essa disponibilidade de servir a educação. Então, eu creio que nossos pais e a comunidade viam com bons olhos. Ozildo estava disponível além do trabalho jurídico.

25) Por ser um educador que incursionou pela literatura, língua portuguesa, história, artista musical, advogado, juiz de direito, folclorista, pesquisador dentre outros. Como Ozildo Albano conseguiu lidar com esta grandeza toda e permanecendo com sua característica maior, a simplicidade?

Hoje eu vejo que Ozildo era um homem carismático.

26) Quando Ozildo Albano lecionou em Jaicós ele já tinha passado pela experiência de criação de um jornal, pela experiência dos estudos no Seminário em Teresina, pela formação jurídica em Fortaleza dentre outros. Em meio a esta formação humanística do Ozildo Albano, qual foi o ganho que a educação jaicoense teve durante os anos em que Ozildo Albano lecionou em aqui?

O ganho que a sociedade jaicoense teve com o Dr. Ozildo foi o de semear o bem através da educação. Ele transformou gerações. Eu diria assim, ele com a equipe da época, ministrando aulas para o antigo curso ginasial transformou gerações, da ignorância na obra-prima do saber.

27) Há um discurso corrente em Picos, Pio IX que as aulas do profº Ozildo Albano eram críticas e contextualizadas. Volvendo o olhar para o passado, qual o salto qualitativo e quantitativo que tivemos quando Ozildo Albano esteve frente à educação jaicoense?

Dr. Ozildo deu uma contribuição valiosíssima para a educação em Jaicós. Foi o que eu lhe falei dos recortes da Ditadura Militar, ele mostrava que tínhamos que vê o país com informações bem críticas para aquele momento histórico que vivíamos, qual? O ano de 1967. Nós estávamos em plena Ditadura Militar, na época. Ela iniciou em 1964 e para o ano de 1967, era somente três anos. Estava no quente e ele já não temia a repressão. Na época, a gente não sabia o que era repressão, não. Mas, hoje eu vejo que Ozildo foi um homem que enfrentou a repressão. Ozildo não recuou em,

por exemplo, fazer a comunicação crítica de textos da época. Ele não temeu, mostrava pra gente que momento era aquele e que era daquele jeito. Ele falava da presença dos militares e que ele não os apoiava. Eu me lembro disso, lembro-me de mais.

28) Quem fazia parte da rede de sociabilidade de Ozildo Albano em Jaicós?

As pessoas mais ligadas a Dr. Ozildo, em Jaicós, era o professor Mariano, que era diretor do Ginásio Padre Marcos. Mas, é claro, que ele tinha outras famílias. Eu cheguei a vê-lo frequentando a antiga casa paroquial, que hoje é um monumento histórico aqui, uma casa com a arquitetura da época, fica no centro, depois da matriz, você sobe no primeiro quarteirão. O professor Mariano sentava, nas suas horas vagas, para lê. Era num espaço determinado para as leituras e, às vezes, eu os via lendo e trocando ideias.

29) Profº Chico Cruz, Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao professor Ozildo Albano?

O Dr. Ozildo tinha um olhar crítico sobre a sociedade da época. Ele era sensível ao menor, à sensibilidade de acolher o menor, de querer a promoção humana para a classe menos favorecida e vê o todo com um olhar crítico.

30) Ozildo Albano era conservador ou liberal? Ou, liberal-conservador?

O Dr. Ozildo era um conservador-liberal para a época. Ele era liberal no sentido também de mostrar a realidade e não temer. Conservador, no sentido de manter a tradição familiar e católica. A religiosidade era muito presente na vida dele, os valores e princípios religiosos. E liberal, no sentido dele ser um homem mais aberto para a realidade social, para dizer a verdade, não se contentar com a sociedade da época.

31) Ozildo Albano passou um dos momentos mais tristes da sua vida na cidade de Jaicós. De fato, foi aqui que o tribunal de Justiça do Estado do Piauí colocou-o em inatividade. Ou seja, ele perdeu as suas garantias constitucionais e, conseqüentemente, o tribunal aposentou Ozildo Albano. A pergunta é “Qual a lição de grandeza deixado por ele aqui na cidade de Jaicós?”

Dr. Ozildo já não era mais o Juiz da Comarca, da 19ª Comarca. Na época, diziam que ele teria encerrado a carreira. A gente não tinha a comunicação, a mídia não existia. [...] Depois, o final dele foi o anonimato, mas foi como se tivesse deixado algo de bom plantado. Ele plantou o bem, eu sou fruto do bem que ele semeou e muitos outros. [...] Na foto da turma, todos foram profissionais liberais, servindo a sociedade. Todos ali têm a contribuição dele, na formação e plantio do curso ginásial.

32) Que mais o senhor tem para falar sobre o educador ozildo Albano?

O Dr. Ozildo semeou o bem e que eu, como um dos frutos que ele semeou e os outros, se tivessem aqui, repetiriam a palavra gratidão. Nós somos eternamente gratos. O sentimento é de agradecimento ao trabalho que ele fez aqui, como educador e, sobretudo, em que tive a felicidade e a oportunidade de tê-lo como professor. Muitíssimo obrigado ao Dr. Ozildo, mesmo na eternidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Francisco de Moura Fontes

Data da entrevista: 19 de janeiro de 2017

Local da entrevista: Residência do entrevistado

Data de nascimento: 20 de dezembro de 1947

Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro

Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro

Data da transcrição: 25 de janeiro de 2017

APÊNDICE G - ENTREVISTA COM FRANCISCO DE MOURA FONTES

1) Como é o nome completo do senhor?

Francisco de Moura Fontes

2) Onde o senhor nasceu e quando?

Eu nasci aqui no lugar Tanque, município de Picos, em 20 de dezembro de 1947 a 5 quilômetros daqui.

3) Qual a sua formação escolar?

Eu fiz primário com o mestre-sala, José Gomes de Lacerda. Fiz o ginásio e eu vinha lá do interior. Eu trabalhava na roça e vinha estudar aqui em Picos e voltava de novo para ir trabalhar. Quando eu passei no ginásio, eu fiquei na casa do tio Nenê Albano. Lá, eu tomava café, almoçava e jantava, mas eu dormia em outra casa. Fiz o ginásio e até o segundo científico aqui em Picos. Depois, eu fui para Teresina e terminei o 2º grau, que era o científico. Estudei no Colégio São Francisco de Assis e, depois, fui para o Elias Torres e lá, eu terminei o 3º ano. De lá, eu fui para São Luís e prestei vestibular para a Universidade Federal em São Luís do Maranhão para Filosofia. Fui aprovado. Aí, eu fiz um período, o básico, o 1º período. Em janeiro de 1975, eu prestei vestibular para Direito e fui aprovado na UFMA. Tranquei o Curso de Filosofia e terminei Direito em julho de 1979. E, logo em seguida, em agosto de 1979, eu abri o curso de Filosofia e, em julho de 1983, conclui. Comecei a lecionar lá no Colégio São Luís no Maranhão. Eu fui professor lá de São Luís.

4) Fontes, o senhor me disse que foi ex-aluno do intelectual Ozildo Albano e que chegou a morar em Picos na residência dele. Quais as

lembranças que o senhor tem de Ozildo? E o que Ozildo representou para a sociedade picoense?

Ozildo Albano era um intelectual que não era um homem orgulhoso. Ele era muito simples e dava atenção a quem precisasse. Qualquer pessoa que quisesse ter uma conversa com ele, ele dava a atenção. Ozildo prestava atenção e dava atenção. Eu morei na casa de Ozildo de 1967 até quando eu terminei o ginásio em Picos. Lembro-me de que, no início, Ozildo era juiz em Jaicós e sempre vinha no fim de semana para Picos e ficava aqui. Depois, ele deixou o juizado lá em Jaicós e passou a dá aulas aqui em Picos. E foi neste período que eu fui aluno de Ozildo Albano. Ele lecionava português no Marcos Parente. Eu me lembro de que ele era um professor duro e sempre dizia que a justiça tinha de vir de casa.

5) O senhor foi aluno do professor Ozildo Albano em que ano? Em que escola o senhor foi aluno de Ozildo? E quais as disciplinas que ele lecionava?

Fui aluno de Ozildo em 1970. Eu terminei o 4º ano do ginásio aqui no Marcos Parente. No período que eu fui aluno dele, ele só lecionou português. Mas Ozildo lecionava Educação Moral e Cívica, História e outras disciplinas. Eu só fui aluno dele em português.

6) Como eram as aulas do professor Ozildo Albano? Qual era o diferencial que fazia com que Ozildo Albano saísse do lugar-comum?

As aulas de Ozildo Albano eram aulas seguras. Ele dominava o idioma. E ele era um professor que fazia questão do aluno perguntar. Qualquer dúvida, ele mandava o aluno perguntar. Olha, isso serviu para mim por que quando eu fui ser professor, eu também fui assim. Acho que inspirado nele. [...] Ozildo procurava motivar o aluno e isso foi muito importante. Não é o professor ter medo do aluno, o professor tem que chamar o aluno para ser amigo e é a partir dali que o professor deve motivar o aluno. O Ozildo chamava o aluno para o debate, para o aluno levar o problema e, junto com o aluno, tentar resolver. Isso foi bom para mim também e me influenciou bastante na minha trajetória profissional.

7. Como era que o professor Ozildo Albano se relacionava com os alunos em sala de aula e fora da sala de aula?

Ozildo tinha um bom relacionamento na turma, com os alunos, e fora da sala de aula. No meu caso, Ozildo era primo legítimo da minha mãe. Mas, Ozildo não dava moleza, não. Ele dizia que a justiça tinha de vir de casa. Ele tinha um bom relacionamento com todos os alunos. Era extraordinário.

8. O senhor aprendeu muito com Ozildo Albano, durante os anos que foi aluno dele? O que ficou de seus ensinamentos?

Eu aprendi muito com Ozildo, naqueles anos, e também além daqueles anos, por que eu vi Ozildo garimpando as primeiras peças do museu de Picos. Eu tomava café, almoçava e jantava lá na casa do pai dele, o Manuel Albano da Silva, que era irmão da minha avó materna, Maria Antônia de Moura. Aí, eu dormia na Rua Velha na casa do Senhor Barnabé. Depois, eu passei a dormir na casa de uma tia da minha mãe.

9. O que ficou dos ensinamentos de Ozildo Albano?

O gosto pela cultura. [...] É uma coisa adquirida. Ozildo deixou isso comigo, um patrimônio, um cabedal. Eu assisti Ozildo a garimpar as primeiras peças do museu. Ele trouxe umas espadas de Pio IX. Eram umas espadas grandes, estão lá no museu. Meu pai arrumou um bacamarte velho da guerra do Paraguai. Esse bacamarte está lá no museu, meu pai era o senhor Antônio de Moura. Ele deu para Ozildo. Eu obtive esse gosto pela cultura e aqui está a minha biblioteca. Esse livro que tenho aqui, Carlos Magno e os doze pares de França, o Lázaro de Moura, que era pai de João Francisco de Moura, meu bisavô. O Lourenço de Moura, irmão do meu bisavô, Pedro Francisco de Moura aqui do Tanque. Ele morava na Fazenda Nova. E ele ia pra casa da irmã, a finada Maria Antônia de Moura. Era irmã dele. Todos esses nomes estão na Genealogia da Família Albano. [...] O finado Marcos do Currálinho e o finado Albano eram donos de engenhos nos Macacos. E lá, eles tinham um alambique e o Lourenço de Moura, que era um fazendeiro lá do Itaim, no Lugar Fazenda Nova, vinha para aqui e trazia gado. Ele ia lá para a casa da irmã e lia os Doze pares de França.

10. O que mais chamava a atenção do senhor no educador Ozildo Albano?

O que mais me chamava atenção em Ozildo era o gosto pela cultura. Ele gostava daquelas coisas antigas. Coisas que, às vezes, a gente nem queria mais, queria era se vê livre. Ele trazia para si, mas aquilo não era para si, era para a sociedade, para a família de Picos. Hoje, a família de Picos conhece muitas coisas antigas, que é um registro da história de Picos, é por causa dele, do Ozildo. Se não fosse, não se tinha conhecimento. Foi Ozildo que começou, viu. Ele trouxe e juntou aqueles documentos históricos da família do José Florêncio da Silva Fontes, que era da Guarda Nacional. Tinha documentos velhos de Albano de Barros, do Capitão João Gomes Caminha, de todos esses que eram autoridade, cartas de vendas de escravos. Ozildo juntou tudo e tem um patrimônio escrito lá no museu. Foi tudo ele. Ozildo teve uma importância muito grande.

11. Fontes, o senhor se lembra de alguma das atividades escolares que o professor Ozildo Albano passava para vocês?

Ozildo gostava de mandar o aluno lê, lê autores conhecidos como o José de Alencar. O primeiro livro que eu li foi o tronco do Ipê de José de Alencar. Inclusive, era do Ozildo Albano este livro. Tudo ele emprestava. [...] o que Ozildo mandava lê, podia lê tudo. O importante era lê.

12. O senhor se lembra de como eram as provas do professor Ozildo Albano?

As provas do Ozildo Albano eram para responder, todas subjetivas. Ele passava questões para o aluno desenvolver. Ele fazia perguntas para dá respostas. Eu não achava as provas dele fáceis. Ozildo fazia o aluno pensar. E isso me serviu porque foi o meu gosto pela filosofia, viu. Ozildo botava o aluno para refletir e isso foi importante. Com isso, o aluno se descobria. Quando a pessoa reflete, descobre qualquer coisa. Às vezes, não é muito, é pouco. Mas, com o tempo, aquilo ia se ampliando. Ozildo botava o aluno para refletir. Eu via a cultura do Ozildo muito além daquele tempo.

13. Fontes, os grandes professores sempre deixam marcas positivas na gente e que servem como balizas para a nossa caminhada humana. O que ficou de Ozildo que serviu para a tua formação humana e profissional?

O que ficou de Ozildo em mim foi o gosto pela leitura, o gosto pela cultura, o gosto pelo conhecimento geral.

14. O que representava ser professor na época em que Ozildo Albano lecionava aqui em Picos?

Naquela época, o professor tinha um papel mais abrangente e mais respeitável do que hoje. Alunos e sociedade todos admiravam o professor. E isso foi muito importante para eu ser professor. Vejo que hoje não é tanto.

15. Os alunos respeitavam o professor Ozildo Albano?

Os alunos respeitavam muito o Ozildo Albano. E era mais pelo grau de cultura que ele tinha. O índice cultural de Ozildo chamava a atenção de todos e como ele transmitia aquilo. Viam que ele não queria aquilo para ele, uma propriedade exclusiva dele. Viam que, para ele, aquilo era importante na medida em que ele transmitia. [...] Naquele tempo, para a sociedade picoense, Ozildo Albano era um intelectual. [...] Ele tinha um respaldo muito grande.

16. O jornalista Erivan Lima escreveu no livro “Picos nas anotações de Ozildo Albano” que Ozildo conseguiu juntar a intelectualidade à simplicidade. Em que aspecto o educador Ozildo Albano se diferenciava dos professores da época em Picos?

A cultura que Ozildo tinha não era só para o seu uso próprio. Ele via a cultura como uma maneira de melhorar a sociedade através dos acontecimentos. E Ozildo identificava e ele via que conhecimento era poder. Mas, para isso, o povo tinha que ter esse conhecimento. A gente via que Ozildo tinha o objetivo de passar os conhecimentos que ele tinha para todos, não era só para ele. A gente via isso nele. Eu acho que é por aí mesmo. [...] Ozildo assimilou um certo grau de conhecimento e via que tinha como objetivo transmitir esse conhecimento e queria que o povo se servisse desse conhecimento. Ozildo não queria o conhecimento só pra ele.

17. Podemos afirmar que Ozildo Albano era um apaixonado pela educação? Por quê?

Ozildo era apaixonado pela educação porque ele via na educação a moeda principal de uma nação. É aquela história que diz que educação é uma moeda que tem valor em qualquer lugar. E só se faz educação com conhecimentos e, isso, Ozildo tinha. Ele fazia educação no museu, na escola que ele criou com a irmã, no jornal ele também educava, é tudo. O ato de educar de Ozildo não restringia somente a sala de aula, não.

18. O que mais o senhor aprendeu com as aulas do professor Ozildo Albano?

O que eu distingo mesmo com muita força em Ozildo era o gosto pela cultura e o respeito a todos. Eu digo, não é só respeitar os superiores, não. O respeito é importante até para se respeitar os bichos, as formiguinhas. Eu tenho uma poesia minha que eu digo que a formiga pra natureza tem o mesmo valor que tem o elefante para a natureza. E o respeito é importante até para os animais irracionais. Quando você respeita os animais irracionais, você está respeitando nada mais que a vida, é uma obrigação respeitar a vida.

19. O professor Ozildo Albano era um professor conservador ou um professor liberal? Por quê?

Determinadas ocasiões Ozildo era um professor liberal e você podia perguntar por que ele era uma pessoa aberta. Conservador, porque ele tinha por princípio manter a ordem, o respeito do professor com o aluno, do aluno com o professor e do aluno com o aluno. A gente via que o respeito para Ozildo era importante. A gente vê que nas instituições a quebra da ética é só por causa de respeito.

20. Fontes, o senhor considera que Ozildo Albano era dotado de um senso de missão em relação ao incremento de elementos civilizatórios que introduziu em Picos como o museu, a criação de um jornal, a criação de uma escola com a irmã dele, dentre outros?

Eu não tenho dúvidas de que Ozildo era dotado de um senso de missão. A família tem uma entrevista de Ozildo, a fala dele onde diz que o museu é da família picoense. O inventário dele quem fez fui eu. Eu fui o advogado. O museu não entrou no inventário. Inclusive, chegaram ao consenso porque Ozildo disse na entrevista que o museu é da família picoense. Então, o museu não era mais dele, nem era de Albano, nem de Edvaldo, nem dos filhos de Anísio Albano, o museu é nosso. Era um desejo dele. Então, isso aí vem de uma missão. Eu fui o advogado, fui eu quem fiz o inventário dele. Os herdeiros foram os pais dele, que eram vivos. [...] o museu continua de todos, da família e de todos os picoenses. Ficou sendo respeitada a vontade dele. E estava certo, foi uma atitude sábia a da família.

21. Fontes, com o legado deixado pelo professor Ozildo Albano, o senhor considera que ele influenciou na formação identitária do cidadão picoense? Por quê?

Eu creio que o legado deixado por Ozildo influenciou na nossa formação identitária. Aí está o museu como um legado extraordinário de documentos. Olhe a Picos nos anos de 1950, você não precisa só lê Renato Duarte. Você vai muito além, veja as fotografias, elas contam a história de Picos todinha. Você vai chegar a conclusão também e vai descobrir que Picos também não só era aquela maravilha de santidade, não. Aqui também existiam os preconceitos daquele tempo e tudo pode ser identificado. Você pega um documento de compra e venda de escravos e eram os picoenses aqui que faziam aquilo. Tem documento lá arrombamento, invasão de cadeia. [...]. Tinha também este outro lado. E este também era importante. Eu descobri lá no museu que em 1903, Dom Otaviano, que era bispo do Piauí, ele ordenou que erguesse aquele cruzeiro ali na Rua do Cruzeiro. Inclusive, deu nome a

rua. Ele ordenou que erguesse aquele cruzeiro muito alto. Sabe pra quê? Eu encontrei isso lá no museu. Está lá documentado. Foi pra maçonaria não entrar em Picos. Pois foi, Dom Otaviano. Eu encontrei esses dados lá no museu. Se não fosse Ozildo ter criado o museu... Isso lá é uma fonte, onde está tudo isso.

22. Fontes, o senhor me disse que morou algum tempo na casa de Ozildo Albano em Picos. Ozildo lia muito? Quais os tipos de leituras que Ozildo mais gostava?

Ozildo tinha a hora de lê dele. Ele era reservado, principalmente à noite. Tanto que ele chegava a dizer que olhava na biblioteca e não tinha o que lê. Como não tinha o que lê? Eu achava interessante, não tinha o que lê. [...] Eu sei que Ozildo lia de tudo, ele chegava a dizer que uma biblioteca daquele tamanho não tinha o que lê.

23. Além do mergulho que Ozildo fez dentro dos livros, quais outros caminhos ajudaram-no a chegar na condição de intelectual picoense?

Ozildo foi advogado, foi professor, mas ele tinha aquele desejo de seguir uma carreira religiosa, a gente via nele. E ajudou na parte da intelectualidade dele, isso eu creio que sim, ajudou muito isso daí. A gente via que ele participava de eventos desde criança, aí é onde entra as fotos. A gente vê no quarto dele, lá no museu. A gente vê ele participando ainda criança de eventos de intelectuais e sempre ligado a igreja, a parte religiosa. [...].

24. Quem fazia parte da rede de sociabilidade de Ozildo Albano?

Ozildo tinha uma amizade muito boa com a pessoa do senhor Cristino Varão. Ele tinha uma amizade extraordinária. A Dona Nuni, Raimunda de Moura Varão, que ela era prima legítima de meu pai. O pai dela era irmão de meu avô paterno. Ozildo tinha uma convivência muito grande com Remédios Maia, Oneide Rocha e muitos outros.

25. Por ser um educador que se incursionou pela literatura, língua portuguesa, história, música, advogado, juiz de direito, folclorista, pesquisador dentre outros. Como Ozildo Albano conseguiu lidar com esta grandeza toda e permanecendo com sua característica maior, a simplicidade?

Ozildo era um homem humilde. Só isso, humildade. Isso não serviu só para ele, serviu para mim também. [...]. Ozildo era um homem simples. [...].

26. Em conversas informais com amigos e ex-alunos do Ozildo Albano destacam que ele era um apaixonado pelo folclore e tinha por preocupação a preservação da nossa cultura popular. Por quê?

Ozildo era muito ligado às coisas do campo. Ainda hoje existe a casa que foi do finado Nenê Albano, pai dele. [...] Essa casa, lá no Tanque, hoje é da minha tia que casou com Anísio Albano, irmão de Ozildo, e dos filhos. Ozildo era ligado lá, ao Curralinho e a Palmeira. Isso veio desde os bisavós dele. Ele era muito ligado aos valores do interior, do campo. E, aí, Ozildo tinha uma visão de preservação geral dos valores, tanto nos valores folclóricos como da

cidade. Ozildo Albano tinha esses objetivos de preservação geral dos valores culturais.

27. A que se deve o comprometimento ético de Ozildo com a educação, com a advocacia, com a magistratura, com a memória e demais atividades que exercia em Picos?

O comprometimento ético de Ozildo com o que fazia, creio que veio dos primórdios da família dele. A família dos dois lados de Ozildo era de pessoas ligadas aos valores familiares, principalmente aos valores familiares. [...] A família como um dos principais pilares. Era uma família religiosa e também tradicional.

28. Fontes, o senhor considera que Ozildo tinha ideias ousadas para a época e para o contexto de Picos? Por quê?

Ozildo tinha ideias ousadas para a época, pois fundar um museu garimpando peças aqui no Estado do Piauí e fora do Estado foi uma ideia e, principalmente, ter de botar na mente que aquilo era tão importante e ia ser levada a frente. Se não fosse, um pesquisador como você não estaria aqui, falando de tudo isso. Ozildo tinha uma visão extraordinária, quase uma visão de profeta. Dá até para pensar nisso, o profeta da cultura.

29. O museu picoense é nosso símbolo de civilização. O que motivou Ozildo a criar um museu em Picos?

O que motivou Ozildo a criar um museu foi não deixar a cultura que ele tanto valorizou morrer. Continuar sendo uma mola, uma medida de educação. Aí, volta a educação, como um educador. Ozildo viu que o museu ia ter um papel de divulgador do saber e eu acho que tem. O museu tem o papel de divulgador do saber. Ozildo educava lá dentro. E ali, a gente vê os alunos fazendo as visitas e as interrogações deles. Estão se educando, aprendendo, obtendo conhecimentos.

30. O museu picoense é o patrimônio que Ozildo deixou para todos nós. Qual o impacto que teve o Museu de Ozildo para a sociedade picoense?

O museu faz parte das políticas de museologia do Estado. Tudo o que ocorre de importante ficou como representante dessa região. A região daqui do Vale do Guaribas, do Araripe, abrange todas essas regiões. [...] A expansão arquitetônica do museu está lá no projeto, devido à abrangência de toda essa região. O museu causou e vem causando impacto no cidadão, da importância do museu. [...] e dos valores, todos os valores dessas regiões, desde a parte de mineralogia, da antropologia, como a história do cangaço. Está também ligado aos valores daqui que estão guardados e divulgados no museu, pronta para estudos.

31. O museu tem uma função educativa em qualquer sociedade em que esteja inserido. Por que Ozildo Albano tinha a preocupação de coletar peças antigas e documentos, dentre outros, para serem guardados no Museu picoense?

Eu creio e entendo que Ozildo coletava peças antigas e documentos, porque ele via aquilo como importante para provar que ele estava certo e que continua certo. Eu acho que vou deixar lá este livrinho Carlos Magno e os

doze pares de França, botar lá no museu porque vai servir mais lá para o povo do que pra minha biblioteca. Lá não tem esse livro, a história de Carlos Magno e os doze pares de França. Ele pertenceu aos antepassados de Ozildo.

32. Fontes, Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao intelectual Ozildo Albano?

Ozildo tinha essa visão universal devido à visão sociológica, histórica, antropológica e filosófica que ele tinha. Não era por ser só um homem formado em Direito. A visão de Ozildo era muito além do tempo da formação dele. Ele conseguiu captar muitos conhecimentos também fora dos livros. Ozildo captou muitos conhecimentos. E aquilo foi importantíssimo para sua visão de intelectual e, também, Ozildo via no museu um documento que ele deixava para continuar dizendo que ele já vinha pregando a muito tempo. Ou seja, se quiser conhecer, os documentos estão aqui, o conhecimento está aqui, basta vir aqui e olhar.

33. Ozildo foi advogado em uma época em que havia poucos advogados em Picos. Quais as representações do advogado Ozildo Albano para a sociedade picoense da época?

Ozildo advogou pouco aqui. Ele chegou de fortaleza por volta de 1961 e logo fez o concurso para juiz e foi aprovado. Foi juiz em Pio IX, em primeira entrância. De lá, foi para Jaicós, onde ele encerrou a carreira por lá e se aposentou. O período de advogado foi pouco, muito curto. [...] Ozildo Albano tinha um grande cabedal jurídico. A prova é que ele fez o concurso para juiz e foi aprovado, bem aprovado. Não vi falar de decisões de Ozildo sendo reformadas. [...] Ozildo Albano foi um jurista importante, observando tanto a sua atuação como advogado quanto como juiz. Eu nunca vi falar de decisões de Ozildo sendo contestadas e reformadas, não. Ozildo era um jurista conhecedor das leis e da filosofia das leis, que é o mais importante. E quando eu digo que Ozildo era um jurista conhecedor da filosofia das leis é que conhecia as leis em número e sua interpretação no campo jurídico, sociológico, filosófico e até mesmo antropológico. Ozildo tinha conhecimentos. Ele seguia todos os preceitos do nosso ordenamento jurídico. E ele tinha muito conhecimento constitucional. Ozildo tinha um conhecimento geral muito vasto. Com certeza, fez dele um intelectual. Ele se completou no campo jurídico. Ele tinha conhecimentos não era só da parte jurídica, constitucional. [...] Ozildo tinha uma admiração, a gente via, pelo jurista Coelho Rodrigues. Ozildo fez a biografia dele. Ele foi quem fez o primeiro projeto do Código Civil Brasileiro, por motivo que nunca foram bem explicados, depois o projeto passou a ser do Clóvis Beviláqua. Mas, o primeiro projeto foi de Coelho Rodrigues, nascido bem aqui no Boqueirão.

34. Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. O senhor se lembra deste dia que perdemos o intelectual Ozildo Albano? O que representou esta perda para a sociedade picoense?

A morte de Ozildo foi uma perda grande porque ainda existe esse vazio. Nós ainda não temos um grande intelectual. Nós temos pessoas paradas, mas um

intelectual em cultura geral nós não temos ainda. Está faltando, [...] aqui em Picos, está faltando um intelectual de cepa para substituir o Ozildo, mas ainda não apareceu. Ainda continua o vazio em relação a intelectualidade picoense.

35. Há um discurso corrente que diz que “Picos é Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos”. Como O senhor interpreta isto?

Estamos com o vazio deixado por Ozildo Albano para ser preenchido, porque ainda não surgiu um intelectual aqui a altura dele. Ele continua ainda sendo Picos Ozildo Albano e Ozildo Albano sendo Picos.

36. Que mais o senhor tem para falar sobre o educador Ozildo Albano?

O legado que Ozildo Albano deixou aí continua servindo a família picoense. Espera-se que a família picoense saiba disto e continue preservando e, de modo especial, respeitando a memória dele que tinha como servir e era a missão dele. E o que Ozildo deixou aí foi de coração. E que o museu não entrou nem no inventário que foi feito, no inventário dele, porque era um desejo dele que fosse da família picoense e continua sendo. Espera-se que a família picoense saiba preservar esses valores que ele defendeu e que estão aí, porque ele entregou esses valores materiais para a família picoense. É nosso e que nós saibamos preservar isso aí.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: José Rafael Filho
Data da entrevista: 19 de outubro de 2016
Local da entrevista: Residência do entrevistado
Data de nascimento: 28 de março de 1935
Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro
Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro
Data da transcrição: 20 de outubro de 2016

APÊNDICE H - ENTREVISTA COM JOSÉ RAFAEL FILHO

1) Como é o nome completo do senhor?

José Rafael Filho

2) Onde o senhor nasceu e quando?

Eu nasci no antigo Genipapo hoje Itainópolis, que era município de Picos. Meu pai foi trabalhar lá e eu e meus quatro irmãos nascemos lá. Eu nasci em 1935.

3) Qual a sua formação escolar?

Eu terminei o ensino médio e entrei na Faculdade e fiz Teologia. Eu sou católico e fiz Teologia numa Faculdade protestante visando a fazer Pedagogia, acabei não terminando. Fiz só Teologia e alguma coisa de Filosofia.

4) Em que ano o senhor foi aluno do Ginásio Picoense juntamente com Ozildo Albano e outros colegas?

Eu fui aluno do Ginásio Picoense em torno de 1950 por aí assim. Eu entrei já na 2ª turma do Ginásio. O Ginásio tinha sido fundado um ano antes e Ozildo Albano e outros companheiros Dimas Lélis, Albertino, Luis Aprígio, Dagoberto de Araújo Rocha, Maria do Carmo Cardoso, Maria do Carmo Leopoldo Muniz, Alderi, Alfredo Albano. Eu entrei quando esta turma já tinha terminado o 1º ano. Eu entrei na 2ª turma do Ginásio em 1950.

5) Voltando um pouco no tempo, como o senhor descreveria o aluno Ozildo Albano na época do Ginásio Picoense?

Ozildo Albano era naturalmente um líder. Ele era muito comunicativo. Então, ele tinha muito acesso a tudo lá no Ginásio, até pelo comportamento dele mesmo. Mas, Ozildo tinha um espírito de liderança. Todo mundo gostava dele, ele era um rapaz bem comportado e muito educado. Ozildo Albano tinha sido seminarista e tinha aquela formação humanística. De certa maneira, ele foi um líder lá no Ginásio. Todo movimento que nós tínhamos no Ginásio, Ozildo estava na frente. Ele estava muito a frente do seu tempo, com toda certeza. As ideias dele eram sempre de renovação, de mudança. Ozildo era um inconformista, ele queria mudar as regras. Depois que Ozildo saiu do seminário, ele saiu com aquela vontade de fazer alguma coisa. Ozildo dava muitas sugestões, gostava de participar. Ozildo potencializava o meio em que estava inserido, assim aconteceu com a criação do Grêmio Literário Da Costa e Silva, a criação do Jornal Flâmula. Ele estava sempre na frente. Eu tinha muito acesso a ele, a minha família era toda lá de Picos. O meu pai foi tesoureiro da Prefeitura por muito tempo. A minha infância eu vivi lá. Então, eu tinha muita amizade com o Ozildo Albano. Eu também era solicitado nesses movimentos de Ozildo, com esses companheiros lá. Eu era muito requisitado também. Eu também passei uma temporada lá no seminário do Crato. E até lhe digo, com relação a criação do Jornal Flâmula, eu já trazia uma experiência do seminário, eu lá fui fundador de um jornal feito na máquina de escrever, dentro do seminário. Eu era o redator, eu era quem datilografava. Eu gostava de jornal.

6) O que mais chamava a atenção em Ozildo Albano na época que ele era estudante do Ginásio Picoense?

O que chamava a atenção em Ozildo Albano era, sobretudo, o comportamento. Ele tinha uma postura muito educada, muito boa formação social e familiar. A família de Ozildo sempre foi uma família muito respeitada. Ele era um grande companheiro, amigo, daqueles que a gente não pode abandonar. Ozildo era uma boa companhia, não era uma má companhia.

7) Quais os tipos de leituras que os professores do Ginásio Picoense passavam para vocês lerem?

O Doutor Vidal de Freitas, Juiz de Direito e diretor do Ginásio Picoense, era muito culto e ele era muito preparado. Ele lia muito. Ele recomendava que a gente lesse muito. Ele dizia que era a melhor maneira de aprender. Ele passava as leituras do Machado de Assis. Eu gostava mais de Machado de Assis, o escritor que foi promotor aqui em Jaicós, o Clodoaldo Freitas. Ele era anticlerical. [...] Eu lia, agora o dono da biblioteca era um primo de Ozildo Albano. Ele tinha a maior biblioteca, o Alfredo Albano. Aí, eu passei muitas vezes na casa dele. Alfredo Albano tinha todos esses grandes escritores. Ele era primo do Ozildo Albano. [...] Agora, o seminário ajudou bastante o Ozildo Albano. O estudo no seminário era programado, era uma coisa constante.

8) Em maio de 1952, a estudante Marlene Eulálio escreveu em uma coluna do jornal Flâmula que os alunos do Ginásio Estadual Picoense apresentaram uma peça teatral no salão do Instituto Monsenhor Hipólito.

Inclusive, o senhor e o Ozildo Albano participaram desta peça. O senhor se lembra da peça que vocês apresentaram?

Nós apresentamos uma peça teatral no salão do Instituto Monsenhor Hipólito em 1952. Eu não me lembro do nome da peça, mas era sobre a Revolução Francesa. Inclusive, o Ozildo Albano foi quem apareceu com essa peça. Falava-se muito em Paris, em guerra. Eu era uma espécie de bandido na peça. Eu era contra os revolucionários. Eu representava o Barão de Mata Cães. [...] Era uma obra clássica, era muito boa a peça. Ela já era mesma uma peça adaptada, mas Ozildo Albano era quem dirigia naturalmente. Ozildo Albano era quem contratava com as irmãs lá, ele se entendia, na qualidade dele de seminarista, de bom comportamento. Esse entendimento era com ele, o Ozildo, até porque o Diretor do Ginásio Picoense era protestante, o Doutor Vidal de Freitas, o Juiz de Direito. Mas, ele era fantástico. Ele era um protestante desse tipo que, eu lembro-me de uma história que contavam sobre ele que o Dom Expedido Lopes disse para o meu tio e os amigos lá da Igreja, o Eustáquio Lélis, Dimas Lélis, que eram muito católicos. Ele foi fazer uma visita ao Doutor Vidal de Freitas, ao grande Vidal de Freitas, aí, chegou brincando e dizendo: - Eu vim embora por que se não o Vidal de Freitas ia me converter.

9) Sr. Rafael, quem fazia parte do círculo de amizade de Ozildo Albano quando ele estudava no Ginásio Picoense?

Quem fazia parte do círculo de amizade de Ozildo Albano era o Dimas Lélis, Alfredo Albano, Albertino Leal Barros, Maria do Carmo Leopoldo, Luís Aprígio, Mário Marreiros, aquela turma toda. Ozildo Albano liderava aquela turma e a minha turma também, pessoas como eu que era mais chegado à família. Ozildo Albano sempre chamava a gente pra tudo.

10) Renato Duarte registra no livro “Os verdes anos 50” que o Ginásio Picoense trouxe uma espécie de fermento intelectual para a cidade. Quais foram as principais contribuições deste templo civilizatório chamado “Ginásio Picoense” na formação humanística do senhor, do Ozildo Albano e dos demais colegas de turma?

O Ginásio Picoense era muito bem estruturado. Tanto na diretoria que era o Doutor Vidal de Freitas como os professores se dedicavam e trabalhavam por amor mesmo, por vocação, por vontade e isso era importantíssimo, tanto é que o Ginásio Picoense, naquela época, já dava uma estrutura para alguns alunos, por exemplo, fazerem concurso para o Banco do Brasil, que foi o caso do Albertino. No 2º ano do Ginásio Picoense, ele fez o concurso do Banco e passou. O Ginásio foi importante tanto na formação do Ozildo quanto na minha e dos demais colegas. [...] O Ginásio Picoense era uma referência na cidade de Picos.

11) Sr. Rafael, eu tenho notícias de que Ozildo era uma pessoa muito religiosa. Podemos afirmar que os valores católicos preservados por Ozildo Albano teve influência na sua formação humanística? Por quê?

Os valores católicos preservados por Ozildo Albano tiveram influencia na formação humanística dele, sem dúvidas, até porque era um dote de família.

A família de Ozildo Albano era toda católica. O senhor Zeca Albano, irmão do pai dele, era um sacristão na cidade de Picos. Dona Tereza, a esposa de Zeca Albano e o pai dele, todo mundo era da igreja. Era uma família muito religiosa, exemplar. Depois de muitos anos, perto dele morrer, eu dei de presente a Ozildo Albano um ofício de Nossa Senhora Imaculada Conceição. Ozildo Albano estava um pouco abatido, aí, ele agradeceu muito, ficou muito feliz por ganhar esse ofício. Eu dei de presente e ele aceitou com maior gratidão, alegria mesmo.

12) Em 1952, o senhor participou da Diretoria do Grêmio Literário Da Costa e Silva, no Ginásio Picoense que tinha como presidente Ozildo Albano. De quem foi a ideia de criação deste Grêmio Literário?

O Doutor Vidal de Freitas, que era muito preparado, deu a ideia de criação do Grêmio Literário da Costa e Silva e o Ozildo Albano foi dos primeiros a abraçar essa ideia. Depois, nós nos reunimos para discutir. A aprovação foi unânime. Ozildo Albano presidiu o Grêmio Literário Da Costa e Silva com toda dignidade, com toda sabedoria, com toda ordem. No Grêmio Literário da Costa e Silva não tinha bagunça, não. A gente levava muito a sério, seguia o exemplo do presidente.

13) Na época, o que representava fazer parte da Diretoria do primeiro Grêmio do Ginásio Picoense?

Em primeiro lugar, fazer parte da Diretoria do Grêmio da Costa e Silva era a vontade de querer participar; segundo, era ter uma queda para essa história, para liderança. Mas, como todo mundo lá no Ginásio Picoense, ambas as turmas, estavam lá para aprender mesmo, acabou sendo uma união total.

14) O Grêmio Literário do Ginásio Picoense recebeu o nome do nosso poeta piauiense Da Costa e Silva. O senhor se lembra de quem foi a ideia de colocar o nome “Grêmio literário Da Costa e Silva? Por quê?

O Grêmio Literário da Costa e Silva recebeu este nome porque o Doutor Vidal de Freitas falava muito no Da Costa e Silva, aquele de Amarante, o famoso poeta “ringe e range”. Era difícil ter um aluno do Ginásio, naquela época, que não soubesse a história da “moenda”. Então, ele era muito festejado lá no Ginásio Picoense, o Da Costa e Silva. Ele era o principal vate para nós.

15) Em 1952, o senhor era redator do Jornal Flâmula e Ozildo Albano era Gerente deste jornal. Qual foi a importância que teve Ozildo Albano dentro deste jornal?

A importância que teve Ozildo Albano dentro do jornal Flâmula foi a maneira dele conduzir as coisas, a sua liderança. Ozildo influenciou muito no jornal, a intelectualidade dele. Ele era preparado. A autonomia que ele tinha. Ozildo Albano era muito acatado pelas pessoas com quem ele lidava. Ele era muito ouvido.

16) Por que o Jornal se chamava Flâmula?

O Jornal se chamava a Flâmula, a chama. O Doutor Vidal de Freitas deu várias sugestões. A flâmula era a pequena chama, né. [...] Foi o Doutor Vidal de Freitas, me parece. A sugestão do nome para o jornal teria sido dele. Representava aquela chama que estava dentro daquela juventude que estava lá, a chama do saber, da racionalidade.

17) A estudante Marlene Eulálio escreveu no jornal Flâmula que a ideia de criação deste jornal foi de orientação do Dr. Acilino Leite, professor do Ginásio Picoense. Inclusive, ele empreendeu os esforços possíveis para que os alunos alcançassem êxito. O senhor se lembra da campanha que Ozildo Albano juntamente com o senhor e os demais alunos fizeram para comprarem a MÁQUINA TIPOGRÁFICA?

O Diretor do Ginásio Picoense, o Doutor Vidal de Freitas, sugeriu que dividíssemos a turma em duas para fazermos a campanha de compra da máquina tipográfica. A primeira turma, a mais adiantada que era a do Ozildo Albano e a minha, que era a segunda. E aí, numa eleição lá, elegeram-me presidente da minha turma e o Ozildo Albano foi da outra turma, parece-me que foi ele. Aí, foi trabalhar com ele, o Albertino Barros. Aí, eles escolheram como candidata a Maria do Carmo Cardoso, da turma, uma excelente criatura. [...] E aí, um colega meu, o Odonel Gonçalves, ele se chamava Jesus Gonçalves, na hora lá da escolha da minha miss, ele estava perto de mim e disse: - Escolhe a Ildeuzaite de João Leal, que é onde Albertino mora, ele é primo dela. [...] Aí, foi a primeira traição que fizemos lá. E Albertino Barros teve que aderir mesmo e veio pra nossa turma. Ele não iria ficar dentro de casa com a prima candidata e ele contra. E isso aí valeu a nossa vitória. O pai dela colaborou com uma quantia um tanto elevada. [...] Muita gente colaborou também. Nós ganhamos com bastante folga a campanha. Aí, deu para comprar a máquina tipográfica, alugar uma casa e contratar um tipógrafo lá de Oeiras. Veio um senhor lá de Oeiras fazer o jornal. Eu não me lembro do nome dele, [...] depois dos 80 anos apagasse as velas. Eu sei que saiu muito bem o jornal Flâmula. O jornal era muito acatado, os comerciantes anunciavam e tinham o prazer em patrocinar, era bom. [...] Ozildo Albano tinha ido comprar a máquina lá em Recife. Eu acho até que esse técnico também foi ideia dele de trazer de Oeiras. Ozildo Albano assumia as coisas. A gráfica funcionava em frente ao Doutor Fonseca. [...] Tinha a esquina que era do Picos Hotel, o prédio seguinte era de Dona Celé Marcílio, a mãe de Flávio, tinha mais outro prédio. Eu acho que era o 4º ou 5º prédio, em frente a Doutor Fonseca.

18) Quando se lê sobre os professores do Ginásio Picoense dois se destacaram, dentre eles, o Dr. Vidal de Freitas e o Dr. Acilino Leite. Ozildo Albano se espelhou no Juiz de Direito, o Dr. Vidal de Freitas, para se enveredar posteriormente pela magistratura?

O Doutor Vidal de Freitas era um homem muito culto que amava a sua profissão, honrava a sua profissão. Ele era muito ético. Pra nós, o Doutor Vidal de Freitas era um homem respeitadíssimo. Ele não tinha defeitos. [...] O Doutor Vidal de Freitas era muito carismático. De certa maneira, tivemos

influência dele. Esses colegas todos, inclusive o Ozildo Albano. Nós tínhamos uma família aqui que era tido como modelo, o meu pai, minha mãe, os pais de Ozildo Albano. Então, o Doutor Vidal de Freitas se enquadrava nesse mundo e, isso, certamente influenciava também, dava esse apreço que a gente tinha por ele, vinha daí, por que parecia demais com as nossas famílias.

19) Qual foi o impacto que o Jornal Flâmula causou quando circulou na cidade de Picos?

O Jornal A Flâmula foi muito bem recebido quando circulou na cidade de Picos. Foi muito elogiado pelas pessoas que a gente encontrava. Muita gente comprava o Jornal “A Flâmula” e ficavam na expectativa de comprarem o número seguinte. O jornal saía semanal, me parece. [...] Havia pessoas lá que sabiam escrever e que tinham prazer em ajudar. Por exemplo, o Lourenço Filho Campos, que era poeta, João Libório, tinha sempre alguém que escrevia um artigo, uma crônica para sair no jornal. Não faltava matéria, não.

20) Qual foi o grande desafio que Ozildo Albano enfrentou quando idealizou, juntamente com os amigos do Ginásio Picoense, a criação do Jornal Flâmula?

A grande dificuldade eram os recursos para manter o jornal Flâmula, esse era o desafio. Inicialmente, nós tínhamos preocupações em angariar esses recursos. Nós fizemos a campanha para escolha da miss, mas supondo que não iria dá o dinheiro. Nós íamos inventar outra coisa, mas o dinheiro deu, deu como sobra. Nós fizemos o jornal Flâmula, contratamos o técnico e deu tudo certo. Eu não sei até hoje porque acabou.

21) Na época, Ozildo Albano tinha uma retórica modernizadora para Picos? Por quê?

Ozildo Albano tinha uma formação humanística. Ele era um ex-seminarista. No seminário se bate muito nesta tecla da retórica, bate muito. Naquela época, o preparo era pesado, tinha o latim, o francês, tinha que estudar mesmo.

22) Sr. Rafael, podemos afirmar que Ozildo Albano tinha uma visão prospectiva (para frente) de mundo quando introduziu elementos civilizatórios em Picos. Por quê?

Ozildo Albano tinha uma visão prospectiva, uma visão de futuro. É aquilo que eu lhe disse, Ozildo era um inconformista, ele não aceitava o status quo. Ele tinha que fazer, ele gostava de mudar. Agora, tem que se levar em conta que as dificuldades daquela época eram maiores. Tudo era mais difícil, não tinha comunicação, transporte, tudo difícil, embora a cidade de Picos já tivesse um patamar melhor do que o de o nosso aqui em Jaicós, mas era muito difícil. Daqui para Picos era um problema, era a cavalo.

23)Qual foi a missão de grandeza deixada pelo intelectual Ozildo Albano em Picos?

A missão de grandeza deixada por Ozildo Albano foi a educação. Ele primou pela preocupação com a educação geral. Ozildo Albano tinha o que a gente acha hoje que a educação é a base de tudo. [...] É a meta prioritária em qualquer administração. [...] a obra de Ozildo Albano diz tudo, fala por si só. Essa história das coisas que ele promoveu lá no tempo do Jornal Flâmula, do Grêmio Literário Da Costa e Silva, e que ele foi atuante, o museu, a criação de uma escola em Picos. Isto tudo é o retrato dele, de Ozildo Albano. Essa visão épica dele.

24)Ozildo Albano era uma pessoa que reunia, ao mesmo tempo, a vocação de pesquisador, historiador, memorialista, colecionador, folclorista, artista musical, jurista, dentre outros. Como Ozildo conseguiu lidar com tudo isto em uma cidade interiorana do Estado do Piauí?

Ozildo Albano conseguiu lidar com toda grandeza que ele tinha porque Picos sempre foi uma cidade cultural, pelo menos durante o que eu alcancei lá. Era uma cidade com pessoas com muita vocação para a cultura. Nós temos muitos exemplos de pessoas que se destacaram o Flávio Marcílio, o irmão dele que era poeta, o Dr. Vidal de Freitas, que era Juiz de Direito, o Ozildo Albano participou dessa história toda. E era uma cidade onde as pessoas gostavam de lê, de ter livros, bibliotecas, é o caso de Alfredo Albano, a biblioteca dele tinha de tudo, todos aqueles grandes pensadores. O ambiente em que Ozildo Albano vivia recomendava e ele tinha a vocação, ele tinha a tendência para isso. [...] Ozildo Albano era um homem, eu diria, mais ou menos fora do tempo, um vanguardista, sem dúvidas.

25)Sr. Rafael, Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Daí, eu incluo Picos, Jaicós, Pio IX, por onde passou. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao intelectual Ozildo Albano?

O conceito que se deve dá para o Ozildo Albano é de bom. Ele pode ter tido problemas políticos aqui, mas não tinha nada a ver com isso, não. Pelo menos na minha família, meu pai, minha mãe, ele era conceituadíssimo. Ele era de casa, era tido como de casa. E ele morreu tendo por meu pai um grande apreço, um grande afeto. Meu pai era tabelião, na época dele, e Ozildo Albano era o Juiz de Direito [...].

26)Por ser um educador que incursionou pela literatura, língua portuguesa, história, artista musical, advogado, juiz de direito, folclorista, pesquisador dentre outros. Como Ozildo Albano conseguiu lidar com esta grandeza toda e permanecendo com sua característica maior, a simplicidade?

A estrutura familiar de Ozildo Albano e o seminário deram a ele esta grandeza, a simplicidade. A família dele era excelente, de gente muito boa, humilde e amiga. [...] Ozildo Albano tinha no DNA tudo de bom e passou para

as pessoas. [...] Eu não conheço ninguém na cidade de Picos que não tivesse um grande apreço por Ozildo Albano pela maneira de ser dele e, pela própria família dele, que era conceituada.

27)No livro “Picos nas anotações de Ozildo Albano”, a professora Mundica Fontes disse que Ozildo era uma “Enciclopédia viva ambulante”. Podemos afirmar que Ozildo foi o maior arauto da cultura picoense?

Ozildo Albano era estudioso e tinha uma base de formação escolar. A cidade de Picos sempre teve boas professoras. E, aí, Ozildo Albano foi para o seminário e apenas completou aquilo que ele recebeu já das professoras. Eu me lembro bem que as professoras de Picos eram cumpridoras. Elas iam pra escola, não tinha essa história de não ter aula, não. As professoras em Picos não faltavam às aulas, não. [...] Picos sempre teve uma boa estrutura escolar, do meu tempo pelo menos. Eu aprendi muito com as professoras lá em Picos. Era Dona Cleonice, Dona Zezé Eulálio, Dona Benvinda, Dona Nevinha e outras, né, no tempo que eu era menino. [...] Foi neste processo que Ozildo Albano foi se construindo como um dos maiores arautos da cultura picoense. A cidade de Picos sempre primou pelo número de intelectuais, de pessoas de tradição. Antes de eu nascer já se falava em pessoas antigas que eram preocupadas com a formação intelectual.

28)Ozildo Albano era conservador ou liberal? Ou, liberal-conservador?

Ozildo Albano era um conservador-liberal. Ao mesmo tempo em que Ozildo empregava as mudanças, apoiava as mudanças, havia coisas que ele mantinha como tradição de família, a fé católica, a disposição do serviço a qualquer um, o comportamento dele. Ozildo Albano era o que se poderia chamar realmente o grande cidadão, o grande exemplo de cidadania.

29)Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” pelas sociedades por onde passou. Como foi para a senhor perder um dos seus maiores amigos?

Eu lamentei muito a perda do amigo Ozildo Albano, eu lamentei [...] eu sempre pensei isto [...].

30)Qual foi a maior perda que a sociedade picoense teve com a morte de Ozildo Albano?

A maior perda que a sociedade picoense teve com a morte de Ozildo Albano foi o modelo de cidadania, o comportamento social. Hoje, na sociedade faltam Ozildos. [...] Eu acho que foi uma grande perda para a sociedade picoense e para nós que conhecíamos. Foi, em síntese, uma enorme perda. Ozildo Albano era um esteio de cidadania.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Maria da Conceição Silva Albano

Data da entrevista: 19 de setembro de 2011.

Local da entrevista: Residência da entrevistada

Data de nascimento: 08 de dezembro de 1937

Nome do entrevistador: Alunos do projeto de pesquisa “Escolas picoenses: rastreando a memória e a cultura escolar (1928-1967)”

Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro

Data da transcrição: 20 de setembro de 2011.

APÊNDICE I – ENTREVISTA (I) COM MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA ALBANO

1) Qual o nome da escola que a senhora foi proprietária?

Fui proprietária do Instituto Padre Anchieta.

2) Em que ano a escola iniciou as suas atividades em Picos?

Foi em 1962. No ano seguinte que eu me formei, em 1961. Eu concluir o Curso de Pedagogia em Fortaleza.

3) Em que ano a escola encerrou suas atividades? Por quê?

Encerramos as nossas atividades no ano de 1974.

4) Quantos professores trabalhavam na escola? Qual o nome deles?

[...] Era uma escola pequena. [...] tinha a alfabetização, 1º, 2º, 3º e 4º anos. Era só uma turma de cada série. Só funcionava no turno da manhã. Agora, a 4º ano, era um nível bem de admissão, funcionava já como pré-vestibular. [...] O aluno já se preparando para o famoso admissão ao ginásio.

5) A senhora tem fotos do período que a senhora trabalhava no Instituto Padre Anchieta?

Eu tenho umas fotos ainda. [...] Tem uma dos alunos plantando a árvore ali na Praça Félix Pacheco, aquela oitocista, que tem naquela banca de revista. Foi tombada pelo município de Picos, ela é um patrimônio. [...] Foi plantada pelos meus alunos. A escola era minha e de Ozildo Albano. Era nossa, viu.

Inclusive, ele era um dos professores, da admissão ao ginásio. Ele dava aula de português.

6) Como se chamavam os professores do Instituto Padre Anchieta?

[...] Eram professores que tinham o Curso Ginásial, de famílias conhecidas. Em me lembro do Josias, José. [...] Muitos [...] já tinham o Curso Técnico, que era feito em uma escola de contabilidade, a Escola Comercial. Eram pessoas que tinham um nível muito bom. [...] a gente selecionava essas pessoas e eu era a diretora da escola. [...] Já nos últimos anos, já tinha professor com o Curso Pedagógico, por que já tinha a escola normal. [...] Tinha professores e professoras. Teresinha Santos, Diomar Leite, Edigardes, Evangelina, Maria das Graças Albano, Francisca Leite, Maria do Carmo Lélis. [...] O objetivo da escola era fazer com que os alunos aprendessem e dominassem a leitura, a escrita, os fundamentos da matemática, mas também, nós nos preocupávamos muito com a formação dessas crianças.

7) Havia muitos alunos?

Era uma faixa de 120 alunos.

8) Como eram dadas as aulas?

As aulas eram expositivas e tinha os cartazes. Os professores já começavam preparar os cartazes e daí eles preparavam as aulas.

9) Quem da família da senhora dava aulas no Instituto Padre Anchieta?

Era eu e Ozildo Albano. Ele dava aula de português, português para a admissão ao ginásio. [...] Ele terminou Direito e eu terminei Pedagogia em Fortaleza.

10) Os alunos usavam farda escolar? Como era essa farda?

Essa farda era o seguinte. Era uma blusa, a gente tinha que ter uma. Eu me lembro da farda do Liceu do Ceará. A farda era uma blusa begizinha clara, com manga curta tricolina, por causa do clima daqui. As meninas eram uma saia azul marinho, aquela famosa cor. Agora, a saia tinha duas listas, cada uma de um dedo, desse tecido da blusa e as preguinhas. Eram muito bonitinhas e os meninos as mesmas blusinhas, com a calça azul e duas listas do lado.

11) Os alunos eram disciplinados ou eles eram bagunceiros? Como eles se comportavam na hora da aula?

De um modo geral, era preciso admitir a idade desses meninos. Uma fase deles. [...] Uns ficavam lá e brincavam, outros ficavam esperando. Muitos alunos desinteressados e muitos que chamavam a atenção. [...] As turmas não eram muito grande e facilitava muito.

12) Tinha alguma atividade cultural que a escola promovia?

[...] Tinha as festividades. Comemorava o dia das mães, a páscoa. Naquela época, o professor de religião era o mesmo professor de todas as disciplinas. A gente ia ensinar o pai nosso, a ave Maria. [...] A própria formação religiosa era muito, muito leve ali. Ficava embutido no todo da escola. [...] Era muito interessante na época da páscoa. Cada menino trazia de casa um bolo. [...] Tinha que ir pra igreja. Quando chegava, tinha o café. Tinha aquele símbolo da páscoa. Ali naquela mesa, a gente explicava o que significava aquilo. Ali ficavam os pais, eles vibravam com aquelas coisas, achavam muito bom. Existia a confraternização entre eles, dos professores, dos pais e alunos. Tinha também a festa do São João, a quadrilha de São João. Dançavam a quadrilha, tinha o pastoril no natal, a dança natalina. [...] O 07 de setembro, o desfile de 07 de setembro com carro alegórico. [...] Era muito movimentado. Eles se apresentavam nessas festas do dia das mães e tudo mais. [...] As crianças cantavam e declamavam. Foi muito importante ter incentivado esse lado.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Maria da Conceição Silva Albano

Data da entrevista: 14 de fevereiro de 2017

Local da entrevista: Residência da entrevistada

Data de nascimento: 08 de dezembro de 1937

Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro

Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro

Data da transcrição: 17 de fevereiro de 2017

APÊNDICE J – ENTREVISTA (II) COM MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA ALBANO

1) Como é o nome completo da senhora?

Maria da Conceição Silva Albano

2) Onde a senhora nasceu e quando?

Eu nasci em Picos, próximo a Praça Félix Pacheco, no dia 08 de dezembro de 1937.

3) Qual a sua formação escolar?

Eu fiz o primário em 1946 na Escola Municipal Landri Sales, funcionava ali no local onde é hoje a Secretaria da Fazenda, na Rua Coelho Rodrigues. Na Escola Municipal eu fiz o 1º ano “A”, no ano seguinte, o 1º ano “B”. Aí, eu fui para o Coelho Rodrigues e fiz o 2º e o 3º ano primário. Quando foi em 1950, Ozildo já tinha chegado, tinha passado pelo Seminário e ele já trabalhava. Então, ele disse: - Eu vou matricular Conceição no Instituto Monsenhor Hipólito. O Instituto funcionava ali na Avenida Getúlio Vargas e na Rua Santo Antônio, nos dois lados das ruas. [...] Era o primário. [...] De lá, eu fiz o teste seletivo, o famoso admissão ao ginásio. Foi inicialmente no Colégio Coelho Rodrigues. A população estudantil era muito pequena. O Grupo Escolar Coelho Rodrigues, na época, estudavam os alunos do Coelho Rodrigues no turno da manhã e, no turno da tarde, funcionou o Ginásio Escolar Picoense. Daí, eu terminei o ginásio e fui para Fortaleza/Ce. Lá, eu fiz o Curso Normal, o vestibular para a Universidade Federal do Ceará e cursei Pedagogia. Na época, era um curso novo e todo mundo queria fazer Pedagogia. Ozildo foi meu grande orientador, foi ele quem me encaminhou. [...] Durante o curso, eu lecionei numa Escola Normal, lecionei nos ginásios, tinha muitas escolas particulares. Eu lecionei no Ginásio de Maranguape e na Escola São José, que era um Curso Normal.

4) Dona Conceição, como era o nome completo do pai e da mãe de Ozildo Albano? E a profissão dos pais?

O nome do meu pai era Manoel Albano da Silva e minha mãe era Neomísia Macedo Albano. Meu pai nasceu na zona rural, muito próximo de Picos. Eles tinham muita ligação aqui e vinham às missas de festas, eles não faltavam. Era muito próximo daqui, poucos quilômetros de Picos. Eram duas propriedades que eles tinham, dos pais deles. Era uma no Curralinho, o lugar onde eles passavam o inverno, era um lugar de lajeiros e o Sítio Palmeiras, onde passa o Riacho dos Macacos. Era lá onde eles passavam o verão. Tinha moagem, onde eles tinham engenho. Meus pais eram agricultores e também artista. Meu pai, por exemplo, era artesão. Meu pai se dedicou muito ao que se chama arreio para animais, celas, alforge. E, naquela época, eles sabiam fazer uma parede, uma casa simples. Eram cinco irmãos homens e eles trabalhavam. E era interessante que eles também tinham um dom para a música. Eles tocavam a viola, o violão. Meu pai tocava a harmônica. Eles contavam que na festa das famílias, que eram em casa, os convidados eram os amigos e daí eles dançavam e gostavam muito de brincar. Era muito divertido.

5) Vocês eram quantos irmãos? Como se chamavam?

A primeira filha do casal era Maria Ozita, depois veio Ozildo Albano, Anísio Albano e daí morreram dois e se chamavam Evaldo, morreram de sarampo. Depois, sou eu Conceição, Raimundo, o franciscano. Ele morou no Acre e foi professor da Universidade Federal do Acre. Ele morreu lá. Daí, vem o Edvaldo, o pai de Arabela e da Gracivalda. Depois, veio o Albano e a Teresinha. Teve um natimorto, o José.

6) Onde Ozildo Albano nasceu e em que ano?

Ozildo Nasceu ali próximo a Praça Félix Pacheco onde é a loja do Boticário, no dia 20 de novembro de 1930.

7) Como foi a infância de Ozildo Albano aqui em Picos?

Ozildo é mais velho do que eu sete anos. Foi uma infância como das crianças daquele tempo. Ele não morou no interior. O meu pai, em 1942, entendeu de morar na localidade Tanque, vizinho ao Curralinho. Ele comprou umas terras lá e mamãe foi também e se adaptou. E daí, depois, só em 1950 que ele comprou uma casa aqui e voltou. Mas ficava daqui pra lá. [...] Ozildo conviveu lá no interior. A madrasta de meu pai era tia do meu pai, o meu avô Albano. A esposa faleceu e ele casou-se a segunda núpcia com a cunhada. E ela não teve mais filhos. Meu avô Albano morreu e ela ficou morando ali pelo Curralinho. Ozildo andava muito por lá e ele era muito ligado a ela. Ela era muito religiosa, gostava de lê muito já naquela época. Ela lia o jornal o mensageiro da fé, o jornal do apostolado da oração. Ozildo era ligado muito a essas novenas, na igreja. Ele tinha essa vida. E aqui, na cidade, ele vinha. Aqui tinha a casa dos pais e avós. Ozildo brincava com os coleguinhas da época e gostava muito de lê.

8) Como foi a educação familiar dada pelos pais a Ozildo Albano?

A educação familiar recebida de meus pais era a de valores. A gente não recebeu uma educação rígida e isso se estendeu a Ozildo. Não tinha aquela rigidez, aquele medo disso e daquilo. Agora, a gente sabia para onde se devia ir. [...] Eu lembro-me muito e isso era muito forte de a gente não ser reprimido. [...] Ozildo era um filho obediente. Lá em casa eu nunca vi esses dramas de coisa, não. [...] Ozildo era muito preocupado com os irmãos.

9) Os pais de Ozildo Albano eram religiosos? Como se evidenciava a religiosidade dos seus pais?

Meus pais eram religiosos e a religião católica predominava em todos os lares. Naquele tempo, tinha as novenas, as missas, tinha a primeira comunhão e eram muito fortes as festas religiosas. [...] As crianças acompanhavam os pais nas novenas do interior. [...] Quase não tinha tanta diversão. [...] Eles encaminhavam a gente, mas não éramos obrigados a ter que ir. [...] Não tinha isso do vai ter que ir. Nossos pais deixavam a gente a vontade, com liberdade para escolher. Agora, terminava ali porque os outros primos também estavam ali, os amigos da escola também estavam ali, num evento e assim como na missa. Era o contexto da realidade de Picos daquela época.

10) Com quantos anos Ozildo Albano entrou na escola?

Ozildo entrou cedo na escola. Tinha a Escola Municipal Landri Sales e ele morava na cidade. [...] Ozildo nasceu em 1930. [...] Em 1938 Ozildo estava no 1º ano. Na época, tinha a história de ir para a escola depois dos 7 anos. Não tinha pré-escolar, a alfabetização, a criança já entrava no 1º ano.

11) Qual o nome da primeira escola em que Ozildo Albano estudou em Picos? Onde se localizava esta escola? Qual o nome da primeira professora de Ozildo?

O nome da primeira escola que Ozildo estudou foi a Escola Municipal Landri Sales. [...] Ela funcionou onde é a Secretaria da Fazenda. Ozildo falava que a primeira professora dele foi Hilda Policarpo. [...] Naquela época, não tinha concurso para professor, era por nomeação do prefeito e ele era quem indicava. [...] No Coelho Rodrigues, a professora era Benvinda Nunes Santos, Dona Lilá. Ozildo falava muito em Dona Lilá. Ela era filha de um comerciante aqui de Picos, o Senhor José Carlos. [...] Eu sei que, na época, Dona Ricardina Neiva gostava muito de Ozildo e que foi Diretora. [...] Eu tenho certeza que Dona Ricardina foi professora dele também.

12) A ida de Ozildo Albano para o Seminário Sagrado Coração de Jesus em Teresina foi devido à formação religiosa que os pais dele deram a ele ou foi por opção própria? Qual foi o ano em que ele ingressou no seminário em Teresina e em que ano dele saiu? Por que Ozildo desistiu do seminário?

Teve uma realidade em Picos que muitos jovens daqui estudaram no seminário em Teresina. Como exemplo, o Doutor José Nunes, Geraldo

Eulálio. Era uma realidade da época, do catolicismo. Era marcante, era muito direcionado para isso e muita gente estudou no seminário. E até por ser um local de estudo. Você vai lá para estudar. Era centrado naquilo. Os pais ficavam satisfeitos de vê os filhos lá. [...] Nos retratos que Ozildo tirou da turma, tinha muita gente de Picos. O desejo de ir para o seminário manifestou do próprio Ozildo. Agora, tinha os colegas que iam e Ozildo era muito estudioso. [...] Eu me lembro de que Ozildo mandou do seminário um santinho para mim, [...] ele mandou um caderno, um com pauta e um sem pauta para desenho e outro sem pauta com um material mais fraco, um também de caligrafia com aquelas duas listras para fazer. Ozildo mandou de lá esse material para mim. [...] Ozildo tinha o interesse de eu aprender, de estudar. Ozildo desistiu do seminário devido à realidade, o mundo fechado lá dentro e não era aquilo. Ele era uma pessoa muito aberta. E ele viu que não era aquilo. [...] Meu irmão, o Raimundo, foi para o seminário adulto. [...] Raimundo se ordenou, foi para Roma e passou 2 anos lá. Depois, ele voltou e falou para o diretor do seminário que queria sair. Eles pelejaram, lutaram. [...] Dom Alfredo estava aqui quando Raimundo deixou e perguntou se ele queria mudar para a ordem secular. Aí, Raimundo disse que não e que não queria mais. Ele disse que não queria ficar forçando uma coisa, fazendo de conta. [...] Raimundo saiu de lá, mas ele procurou ajudar no seminário, ele queria colaborar. Ficou dando aula de Filosofia, que era a área dele. [...] Raimundo casou-se com uma moça de lá. É como eu digo, levando para o outro lado, é o mesmo caso de Ozildo.

13) Qual foi a contribuição que o seminário trouxe para a formação humana e profissional de Ozildo Albano?

Eu sei que o seminário deu um grande incentivo para os estudos de Ozildo. Ele falava um português corretíssimo, o latim, a filosofia, a história, não resta dúvida. Lá, as pessoas se dedicam ao evangelho. Eles leem muito a história dos santos. Esse foi o grande legado. Ozildo era uma pessoa muito ligada aos livros, à educação. Ele era aplicado.

14) Em 1949, Ozildo Albano retornou do seminário e alistou-se no Exército e fez o tiro de guerra. Albano, fale-me um pouco deste período da vida de Ozildo Albano.

Ozildo gostou quando fez o tiro de guerra. Logo, foi o período que ele saiu do seminário. No seminário Ozildo teve uma pneumonia e teve que sair de lá. Meu pai levou Ozildo, na época, para se consultar com o Doutor Isaías Coelho, em Simplício Mendes. [...] Papai foi com ele e o Doutor Isaías disse: - Isso daqui sabe o que é, é essas comidas fracas do seminário. Aí, Ozildo veio como para passar uns tempos e depois voltar, mas não voltou mais. Depois, em Fortaleza, em 1956, Ozildo teve uma pneumonia forte, muito forte, mas ele se tratou e se curou. O tiro de guerra, na época, representou muita coisa para Ozildo. [...] Devido à formação de dele, foi logo escolhido para redigir no tiro de guerra. Ozildo era o homem de confiança para escrever. O arquivo de lá, [...] ele contribuiu, fazia as anotações. Ozildo tinha o português muito correto, a caligrafia dele era muito bonita e ele tinha muito conhecimento. Os amigos do tiro de guerra ele sabia o nome de todos os atiradores e o número

deles. [...] Foi um período muito rico para Ozildo, daquele convívio com aquelas pessoas, desde aquelas pessoas mais simples e tudo. Foi muito bom para ele.

15) Ozildo Albano foi aprovado no exame de admissão e ingressou na 1ª turma do Ginásio Estadual Picoense em 1950. O que mais marcou Ozildo Albano durante os anos em que esteve estudando no Ginásio? Quem eram os amigos de Ozildo neste período da vida dele?

O ginásio foi um período muito rico para Ozildo. Eu entrei na 2ª turma do ginásio. Eu era meio ameninada. Mas, Ozildo tinha uma cabeça, ele era mais experiente. [...] Naquela época, morar na cidade de Picos, onde não tinha estradas e nem comunicações. [...] Ozildo, pelo menos saiu para o seminário, teve a experiência de sair de Picos. [...] Esse ginásio quando veio foi mais importante do que a chegada da Universidade para a época. [...] Os jovens ficaram entusiasmados com aquilo ali. E teve uma coisa muito importante nisso tudo, a figura do educador Vidal de Freitas. Ele incentivou esses jovens. Ele foi o diretor do ginásio. Ele contribuiu demais. Era um Juiz de Direito educador. Onde Doutor Vidal passava, ele contribuiu, em todas as cidades por onde passava. Doutor Vidal era uma figura além do seu tempo. Ele tinha experiência. Eu admirava o contato dele com os jovens. Era como se fosse tudo a mesma coisa. A conversa dele, o contato dele.

16) Em 1952, Ozildo Albano e outros estudantes do Ginásio Picoense criaram o Jornal Flâmula. Inclusive, Ozildo foi responsável pela compra da Tipografia em Recife. Você se lembra de quando Ozildo foi comprar está tipografia em Recife? Quem operacionalizava as máquinas na tipografia? Ozildo já tinha tido alguma experiência com jornal?

Eu me lembro de quando Ozildo foi comprar a tipografia para a impressão do jornal. Nós morávamos ali na Rua Santo Antônio. Mamãe ficou preocupada porque Ozildo saiu com um caminhoneiro, uma pessoa que viajava pra lá, no Recife. Era o meio de transporte que nós tínhamos. Era um caminhão que fazia essa linha para lá. [...] Ozildo demorou muito para voltar. Não sei te dizer o tanto, mas mãe já estava preocupada e as pessoas também. E ele chegou de lá e trouxe a tipografia. Era uma tipografia de segunda mão. [...] Mas Ozildo foi a pessoa que foi e trouxe.

17) O que representou para Ozildo a criação deste Jornal?

O Jornal Flâmula teve muita representação para os alunos. A escola ter um jornal dos estudantes, isso foi muito evoluído. [...] Ozildo foi uma liderança diante da classe estudantil. Olha, tinha as reuniões do Grêmio Literário Da Costa e Silva. Era ali próximo ao Banco do Brasil. Eu me lembro de uma poesia que declamei lá. Eu era muito tímida, mas Ozildo disse: - Conceição, você vai declamar essa poesia. Eu fui porque eu tinha um carinho muito grande por ele e não podia faltar. Sabe qual foi a poesia? “As duas rosas”, de Castro Alves. Foi numa sessão do Grêmio Literário. Essa sessão foi realizada fora do ginásio. A sessão foi na sede do Grêmio Literário. [...] Eu declamei a poesia: São duas flores unidas,/ São duas rosas nascidas,/ Talvez num mesmo arrebol,/ Vivendo no mesmo galho,/ Da mesma gota de orvalho,/ Do mesmo raio de sol,/ Unidas... Ai quem pudera,/.

- 18) Em que ano Ozildo Albano ingressou no curso Científico no Liceu cearense? O que representou para Ozildo sair novamente de Picos para outra cidade?**

Ozildo terminou o ginásio em 1953 e fez o teste seletivo para o Liceu cearense em 1954. [...] O Liceu representou um avanço para Ozildo e foi a busca das ideias dele de estudo, de ampliar os conhecimentos. Lá, eu me lembro de que Ozildo frequentava os eventos, conversava com os professores. Ele me levava. [...] Ozildo se dava com as famílias dos colegas, ele se aproximava, tinha essa facilidade. Ozildo, quando terminou o Curso de Direito, ganhou dois anéis. Um anel do meu avô, Justiniano Caminha de Macedo, que era o pai de minha mãe; o outro, ele ganhou do pai de um colega dele lá do Ceará. [...] Ozildo se dava demais com aquela turma. No fim de semana, Ozildo ia para a casa dos colegas.

- 19) Ozildo Albano se formou em Direito na UFCE. O que o levou a escolher este curso? Ele teve a influência de Dr. Vidal de Freitas para seguir a magistratura?**

Naquela época, fazia muito o Curso de Direito. Era o curso primeiro do que medicina. [...] Nas famílias tinha mais gente no Curso de Direito. Eu não sei se porque medicina era mais caro. Não restam dúvidas de que Doutor Vidal de Freitas influenciou o Ozildo na escolha. O comportamento ético de Doutor Vidal e as próprias disciplinas que ele lecionava.

- 20) Ozildo Albano lecionou em Fortaleza?.**

[...] Outra coisa também que foi muito importante para Ozildo, o movimento estudantil. Foi um movimento ligado à religião, o JUC (Juventude Universitária Católica). Ozildo participou ativamente desse movimento. [...] Eu participei de vários encontros nas tardes de sábado em Fortaleza. Tinham as leituras da bíblia e as aplicações daquelas leituras na prática, principalmente levando para a questão da solidariedade, da vivência e dos valores que Jesus Cristo pregava. Então, naquele tempo, eles discutiam sobre a reforma agrária, a conjuntura política e social do Brasil do tipo: por que Fortaleza tem tanta favela? Essas questões sociais. Nesses encontros tinham alunos de medicina, direito, letras, pedagogia, agronomia. Todos participavam. Era gente preparada e lá se debatia. Foi muito bom para a formação deles.

- 21) Quais foram as escolas em que Ozildo Albano lecionou em Picos? A Senhora se lembra das disciplinas que Ozildo Albano lecionou em Picos?**

Ozildo lecionou aqui em Picos no Instituto Padre Anchieta. Ele dava aulas na admissão para o ginásio. O português foi com Ozildo. Ele foi convidado para dirigir o Colégio Comercial de Picos, de Dona Dorinha Xavier, funcionava na Rua Santo Antônio. Lá, tinha o básico, que era o ginásio e tinha a parte da Contabilidade. [...] Ozildo foi diretor e professor. Lecionou também no Marcos Parente e no Vidal de Freitas. [...] Ozildo era um bom professor. Lecionava Redação, Português, Literatura e de tudo ele dominava. Ele tinha um bom contato com os alunos.

- 22) Em 1962, Ozildo criou uma escola com a senhora, o Instituto Padre Anchieta. Quais os locais em que esta escola funcionou aqui em Picos? Quais as séries que tinha esta escola? Ozildo também dava aulas nesta escola?**

O Instituto Padre Anchieta funcionava na Rua Santo Antônio, na parte da manhã e à noite funcionava o Colégio Comercial. Depois, nós saímos e desmembramos. O Padre Anchieta foi lá para onde era a casa de Doutor Alberto Monteiro. Em seguida, a gente comprou um terreno aqui na Rua São Francisco. As séries que tinham era a alfabetização, 1º, 2º, 3º e 4º anos. O 4º ano já era em ritmo de admissão ao ginásio. As aulas de admissão ao ginásio foram dadas por mim e por Ozildo. [...] Ozildo foi a alma desta escola. Sem contar a parte financeira, ele organizava o pastoril de natal, ainda temos a letra dessa música. Quando o Instituto Padre Anchieta funcionava na Rua São José a gente mandou fazer uma quadra de cimento. Tinha a encenação de natal, tinha as quadrilhas. Ozildo organizava tudo. Ele gritava as quadrilhas e a parte de dramatizações. Era uma escola muito animada. O 7 de setembro tinha, mas já era aquele negócio que a gente tinha na cabeça, de militar. A gente ia, a representação do colégio ia, como os demais colégios. No entanto, eu achava tão cansativo botar aquelas crianças no sol quente. Setembro era o mês mais quente. [...] O Instituto Padre Anchieta funcionou até 1974. Eu fui terminando aos poucos. Ozildo saiu para a magistratura e também tinha o Rio Guaribas aqui perto.

- 23) A que se deve o comprometimento ético de Ozildo com a educação, com a advocacia, com a magistratura, com a memória e demais atividades que exercia em Picos?**

O magistério veio antes do que a advocacia e a magistratura para Ozildo. Ele tinha um amor pelo magistério. Ai volta à lembrança de Ozildo com o Vidal de Freitas. O magistério dominou mais o Ozildo, ele abraçou mais. A outra profissão, o terreno era mais árido e muitas vezes difícil. [...] Dentro da educação ele podia fazer tanta coisa, a parte cultural, os costumes, as representações, o reisado e o São Gonçalo.

- 24) Em conversas informais com amigos e ex-alunos do Ozildo Albano destacam que ele era um apaixonado pelo folclore e tinha por preocupação a preservação da nossa cultura popular. Por quê?**

Ozildo era um apaixonado pelo folclore porque ele se identificou, ele descobriu a importância. Se muita gente não olhasse e não visse, Ozildo tinha medo daquilo se perder. Ele se preocupava com aquilo ali. Ele gostava e via que era importante. Era a história de um povo. Aí, aquelas danças folclóricas eram a expressão de um povo, do povo de Picos e da microrregião. Aqueles costumes eram muito importantes. Ozildo achava que aquilo ali não podia se jogar fora. Tinha de ser valorizado.

25) A que se deve o comprometimento ético de Ozildo com a educação, com a advocacia, com a magistratura, com a memória e demais atividades que exercia em Picos?

O comprometimento ético de Ozildo se deve muito do tempo que ele viveu e das leituras que ele fazia. Ozildo era uma pessoa que lia muito. Ele era muito culto. Então, ele via tudo aquilo ali. Ele teve a oportunidade e lia demais. Ozildo era uma pessoa que no apartamento dele não tinha uma televisão. Ele dizia que não iria levar para lá. [...] Ele assistia um jornal por dia na televisão e o resto ele lia. Lá em cima, ele queria era lê. Ele tinha uma paixão tão grande pela leitura que [...] sempre trazia livrinhos, revistas para os sobrinhos, para meus filhos e para os filhos de Edvaldo e, depois, para os filhos de Albano. [...] Ozildo subia para o apartamento junto com eles e dava a revista e os chocolates. Ele associava a importância de lê, uma espécie de aprendizagem por associação.

26) Quando se fala em Ozildo Albano, os picoenses sempre fazem alusão ao Museu. O que motivou Ozildo a criar um museu em Picos?

O que motivou Ozildo a criar um museu foi à questão da preservação. [...] Ele tinha o gosto, ele admirava essas coisas antigas. Ele ia vendo como era que as pessoas viviam. Ozildo começou a juntar primeiro os objetos da casa, da família. Ele foi guardando porque ele viu que aquilo era o retrato dos tempos, de uma época. E viu que aquilo ali podia apagar e que valia a pena. Quer dizer, enquanto uns achavam que não vale nada e é perder tempo, Ozildo tinha outra visão e também porque ele lia e conheceu outros exemplos. Daí, ele foi se acostumando.

27) O museu de Ozildo é nosso símbolo de civilização. Qual o impacto que o museu teve na vida do cidadão picoense?

O impacto que o museu exerce sobre as pessoas é no sentido de raciocinar assim: - Meu Deus, isso foi desse jeito? E teve isso? E hoje é assim?. A pessoa se choca em vê aquilo ali, tanto quem vai para curtir quanto para vê e diz: - Isso aqui é importante, essa história, aquela galeria de prefeitos, quem fez aquilo ali, olha isso naquele tempo, se não tivesse isso aqui a gente não sabia. [...] Ozildo guardava as peças e dizia pra gente que tinha valor aquilo ali e que era muito bom. Ele dizia que a questão da data era muito importante e tudo devia ter data. Ozildo tinha o prazer quando você chegava lá. Inicialmente, Ozildo só tinha uns baús onde ele guardava as peças. Eram discos, umas peças, umas imagens. [...] As pessoas davam muitas peças para ele, os amigos e as famílias idosas.

28) Como Ozildo Albano se sentia quando o museu era visitado por seus conterrâneos e por pessoas de outras cidades?

Quando o museu era visitado, Ozildo ficava numa felicidade muito grande. Quando você entrava lá, ele lhe recebia muito bem. Não tinha essa história, não. Ele mostrava tudo, as pessoas só faltavam não sair. Ele gostava, ele se sentia bem.

29) Por que o museu se chamou inicialmente de Museu Capitão-mor João Gomes Caminha?

O museu se chamava Capitão-mor João Gomes Caminha porque, no passado, um ancestral da nossa família participou da história, da Balaiada, da batalha de Fidié. Naquele tempo, tinha o título de Capitão-mor. E ele participou daquelas lutas pela independência. E aí, como Ozildo gostava muito de lê, ele queria saber das pessoas idosas, dos parentes da gente e como se deu aquilo. [...] Ozildo tinha aquela curiosidade de saber o porquê daquilo. Eu me lembro de que tinha uns parentes da gente que morava na localidade Vaca Morta, na localidade Sambambaia e por aí, e Ozildo ia olhar os documentos, os documentos de escravos e tudo no mundo. E Ozildo achou que era uma gratidão, uma coisa assim, dá ao museu o nome. [...] Ozildo pegou aqueles documentos tão importante, aquelas histórias, da história do Piauí, da Batalha do Jenipapo e de tudo no mundo. E tinha carta de compra e venda de escravos que o museu tem e tudo foi adquirido nos baús velhos da família dos descendentes de João Gomes Caminha. Parece que eu estou vendo Ozildo dizendo: - Conceição, eu vou botar João Gomes Caminha. E, com a morte de Ozildo, automaticamente o próprio povo já chamava o museu de Doutor Ozildo. Renomeou e ficou.

30) Em 1983, Ozildo foi nomeado Secretário de Cultura de Picos. Quais as lembranças que a senhora tem deste período em que Ozildo assumiu esta secretaria? A nomeação de Ozildo Albano se deu por indicação política ou pela própria notoriedade que ele possuía? O que Ozildo conseguiu colocar em prática durante este período?

Ozildo foi Secretário de Cultura no pleito de Abel de Barros Araújo. Ele foi escolhido por unanimidade pelos vereadores, pela notoriedade dele. Não foi por questão de política, não. Aí, ele fez aquele trabalho, aquela galeria dos prefeitos porque com o passar dos tempos, a gente não sabia mais nada. [...] Não tinha nada escrito. [...] Durante o período que Ozildo esteve por lá, ele citou os prédios públicos que deveriam ser tombados. Ozildo tinha essa preocupação porque era a história e via que estava se acabando e não ia ficar a marca de Picos em lugar nenhum. Em todo lugar a gente vê que tem o chamado desenvolvimento, mas deve se deixar as ruas, uma coisa ali, a marca. [...] Eu sei que é difícil porque fica para herdeiros e tudo mais. No entanto, tem que ter a preocupação em preservar.

31) Dona Conceição, eu tenho notícias de que Ozildo Albano era uma pessoa muito culta. Quais os caminhos que Ozildo trilhou para ter chegado à condição de intelectual picoense?

Ozildo gostava muito de livros. Ele ficava doente quando via os livros riscados. Ele falava que Rui Barbosa dizia que os livros deveriam ser pego com luvas. Naquele tempo, não tinha internet e tudo. Ozildo dizia que deveria ter cuidado com os livros. Ele tinha uma paixão pelos livros. [...] Ozildo lia tudo e ele era muito ligado com a história, com a história de Napoleão Bonaparte, com a Revolução Francesa. Ele lia tudo, os livros de Humberto de Campos, de Machado de Assis, de Jorge Amado, os da literatura brasileira.

32) Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. Como foi para a senhora perder o irmão e amigo Ozildo Albano?

Ozildo era um irmão e um amigo. A gente tinha muita afinidade e éramos muito unidos, todos os irmãos da gente. [...] Além da família, tinha as leituras que a gente fazia e os estudos. E Ozildo foi àquela pessoa que me encaminhou, até o meu curso. [...] A perda do Ozildo foi um baque. [...] Ozildo era tudo para a família. Papai, mamãe e todos Ozildo ajeitava. Ele ajudou demais e financeiramente também.

Considerações finais:

Em Pio IX Ozildo Albano foi diretor, professor de português, [...] história no Colégio Ariano Suassuna. E lá também Ozildo fazia as festas, as quadrilhas. [...] Dizem que teve uma quadrilha em Pio IX/PI que mobilizou a sociedade. [...] O povo vinha tudo a cavalo, a noiva num cavalo, o noivo num outro cavalo e um padre. Ozildo mexeu lá também.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Maria das Graças Formiga Moura Sinval

Data da entrevista: 16 de dezembro de 2016

Local da entrevista: Residência da entrevistada

Data de nascimento: 16 de agosto de 1949

Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro

Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro

Data da transcrição: 20 de dezembro de 2016

APÊNDICE K - ENTREVISTA COM MARIA DAS GRAÇAS FORMIGA MOURA
SINVAL

1. Como é o nome completo da senhora?

Maria das Graças Moura Formiga Sinval

2. Onde a senhora nasceu e quando?

Eu nasci no dia 16 de agosto de 1949 em Salvador.

3. Qual a sua formação escolar?

Eu sou pós-graduada em Biologia. Tenho Pedagogia, Biologia e Administração de Empresas. Estou fazendo Designer.

4. Como era a cidade de Picos entre os anos de 1960 a 1980? Como era viver em Picos neste período?

Picos era uma cidade pacata. Uma cidade que, na época, você podia andar pelas ruas sem nenhum problema, sem violência. Todo mundo se conhecia. Uma época em que todo mundo se sentava nas calçadas, que se batia papo. Era uma época tranquila. Depois, com a chegada do 3º BEC começou essa evolução.

5. Quais as atividades culturais que existiam em Picos nas décadas de 1960 a 1980?

Eu me identificava muito com o Dr. Ozildo Albano. Nessa época, nós não tínhamos praticamente nada. O que nós fazíamos, toda vida eu gostei, era fazer drama nas casas. Aqueles dramas que a gente botava o palco e a gente se vestia a caráter. E eu fazia esses dramas, aquelas comédias. A gente fazia muito. O centro cultural nosso era isso aí. Depois, como o Ozildo foi uma pessoa que sempre procurou desenvolver, a cultivar esse progresso cultural

de Picos, ele começou. Ele chegava na casa de minha mãe e dizia: - Oh! peça linda, a senhora me dá?. Ninguém tinha coragem de dizer um não para Ozildo. Então, ele pegava a peça antiga, uma peça preciosa que, naquela época, a gente nem sabia se tinha um valor, e dava a ele, a Ozildo. Ele saía angariando de casa em casa. Logo, ele era muito amigo de todo mundo. Ele era uma pessoa muito educada, uma pessoa que a gente considerava muito. Ele preservava muito as amizades. [...] Ele começou a construir aquele museu na casa dele. Você indo lá, você ficava encantado. Depois, foi que o município botou como acervo.

6. Dona Gracinha, a senhora foi aluna do professor Ozildo em que ano? Em que escola foi aluna de Ozildo? E quais as disciplinas que ele lecionava?

Tinha o Curso de Contabilidade de Dona Dorinha Xavier. Eu fui estudar lá. Quando cheguei, Ozildo era meu professor de OSPB. [...] Um homem de muita cultura, de muita sabedoria popular, de muita sabedoria intelectual. Ozildo foi um grande homem. Picos perdeu uma grande potência, estudei lá mais ou menos no ano de 1973.

7. Dona Gracinha, como era trabalhar com Ozildo Albano no mesmo estabelecimento de ensino?

Trabalhar com Ozildo era assim uma coisa, uma sabedoria. Um dia eu disse uma palavra, uma palavra meio torta. Então, depois que nós saímos do carro, ele disse: - amiga, aquela palavra não era assim e tal. Nunca mais eu esqueci essa palavra que faltou o “r”, que eu não coloquei. E ele me disse aquilo naquela categoria, elegância, que eu agradeci. Ele era uma pessoa humana, comunicativa e carismática. Por isso que nada em Picos era negada a Ozildo.

8. Dona Gracinha, durante o tempo em que a senhora trabalhou com Ozildo, o que mais chamava a atenção da senhora no profissional Ozildo Albano?

Ozildo Albano era responsável. Era daquele professor que entrava na sala de aula na hora que batia a campainha, naquele tempo tinha a campainha. Ele levantava para dá a aula e só saía na hora que a campainha tocava. Eu trabalhei com Ozildo na mesma Unidade Escolar. Trabalhei com Ozildo quando eu fui superintendente, uma chefia que eu tinha. Ele nunca me deu trabalho, pelo contrário, quando chegava o momento cívico, eu dizia: - Ozildo, vamos?. Ele estava pronto pra ajudar, ajudou demais. Quando fui superintendente era um dos professores que mais me ajudou na educação.

9. Dona Gracinha, como o intelectual Ozildo Albano se relacionava com os colegas de trabalho? Ele era uma pessoa aberta ao diálogo?

Ozildo se relacionava com os colegas de trabalho brincando. Juntava ele, Célia Neiva, Olívia, Mundica e eu. A gente tinha cada brincadeira. Ele era da minha casa, de dentro da minha casa, das minhas festas que, por sinal, ele dizia, eu nunca me esqueci disso de Ozildo. Quando terminava o jantar ele perguntava: - Ainda vai ter alguma coisa?. Eu dizia: - tem a sobremesa. Aí, ele comia e dizia: - pronto, barriga cheia pé na estrada. Esse dizer era

característica dele. Ele era uma pessoa aberta e popular. [...] Eu sinto falta de Ozildo, eu sempre senti. Mas, hoje, quando olho para minhas telas, os meus trabalhos, sem ter como expor, eu tenho saudades. Nós perdemos um grande colaborador da cultura picoense. [...] Ficamos órfãos sem Ozildo.

10. Como eram as aulas do professor Ozildo Albano?

As aulas do Ozildo eram muito motivadas, muito interessantes, porque Ozildo era uma pessoa de grande sabedoria e muito conteúdo. O que se perguntasse a ele, mesmo que fosse saindo um pouco do assunto, ele tinha uma resposta correta, concreta para o assunto. Uma pessoa inteligentíssima. Então, esse homem, ele era uma pessoa que tudo que você ia fazer, buscava-se em Ozildo Albano. [...] Ele era um homem comum, ele foi Juiz de Direito, ele foi advogado, ele foi tudo, mas era uma pessoa humilde. Andava com aquela sandália franciscana e ele era uma pessoa tão simples que não fazia distinção de rico, nem de pobre, nem de branco, nem de preto. Era uma pessoa de Deus.

11. Como era que Ozildo Albano se relacionava com os alunos em sala de aula?

Ozildo era uma pessoa que tratava todos por igual, tanto fazia ser em sala de aula quanto fora da sala de aula.

12. A senhora aprendeu muito com Ozildo Albano, durante os anos em que foi aluna dele? O que ficou de seus ensinamentos?

Ozildo me ensinou até a declamar. Ele declamava muito. Tem uma poesia que nunca saiu da minha cabeça “A luta contra a barriga”. Eu aprendi com ele. Não sei de quem era a autoria. Ele declamava outra poesia “Os dois cuscuz”. Essa eu não sei, eu não aprendi. Eu não cheguei a aprender com ele. Já “A luta contra a barriga” que me ensinou foi ele, eu lembro: Pai, ou sorte desgraçada/ Eu me sinto envergonhada/ Do ato que pratiquei/ Juro, pai, que fiz tudo que pude/ Para não dizer a miúde/ Tanto de mesinha que tomei/ Tomei chá de imburana, chá de bagaço de cana com casca de melancia/ Passei azeite e complexa/ Mas nem oração e promessa/ Fez a barriga baixar/ Tenho andado indisposta/ Com a dor pelo meio das costas/ Mas nunca deixo o senhor/ Mas por causa dessa dor/ Tive vertigem outra vez/ Sei, que aqui no Encantado/ A velha Chica parteira dá jeito pra quem quiser/ Mas o padre do Encantado disse: - o aborto aqui é pecado e Deus castiga a mulher/ Por isso, achei melhor resolver meu caso/ Só com o chá, raiz e oração/ Mas nada disso, foi mal do Chico/ Mas tomo como castigo/ Porque foi Deus quem mandou/ Mas amava meu pai/ Essa do peito não sai/ Foi só de quem mandou/ Foi Josiel de Mateus que jurou na cruz de Deus que se casava comigo/ Como eu gostava dele, sai pro mato com ele/ Nós se julgando no perigo/ Porem, quando nós voltamos ele disse: - Deléia, volta pra casa sozinha, que eu também volto pra minha, modo pra cá não se tem/ Construir nossa cabana, pro modo de 3 semanas/ Está pronta pro casamento/ Foi a derradeira vez que eu vi esse cristão/ Dizem que foi se embora/ E dele, só resta agora minha situação/ Ah!, se eu pego Josiel/ Eu mesma como mulher, eu lhe dava mesmo uns ensinamentos/ pro modo a ver se um homem/ Se

nunca pode assumir promessa de casamento. É uma poesia caipira. Foi ele quem me deu essa poesia. Ela marcou, porque foi uma que ainda hoje eu declamo. [...] foram os ensinamentos deixados por Ozildo. [...] Ele era uma pessoa que só fazia o bem. [...] os ensinamentos dele só me fizeram crescer.

13. O que mais chamava a atenção da senhora no educador Ozildo Albano?

O que mais chamava a atenção em Ozildo Albano era a humildade dele. Ele era uma pessoa que sabia tudo. [...] Ele não esnobava, ele não se mostrava. Quando ele abria a boca dele e falava, quando resolvia a falar, você via coisa linda saindo, porque ele era uma pessoa de grande humildade. Então, ele era um intelectual. A pessoa que mais cultuou e que mais procurou o crescimento da cultura picoense chama-se Ozildo Albano.

14. A senhora se lembra de algum tipo de leitura que o professor Ozildo Albano passava para vocês lêrem?

Ozildo Albano gostava muito desses escritores como Machado de Assis. Ele me deu muitos livros de Machado de Assis. Os livros desses escritores clássicos. Ele me deu muitos. Ele gostava de lê e de dá muito valor a cultura nordestina.

15. Qual tipo de material didático que o professor Ozildo Albano levava para sala de aula?

O material didático que Ozildo Albano usava era o giz e a esponja. Quando ele precisava de um mapa pra fazer alguma amostragem, ele cansou de ir lá Superintendência procurar mapas. Daí, quando se procurava não tinha, tudo rasgado. Não se tinha meios como se tem hoje. Mundica era a desenhista que fazia as coisas das escolas, porque nós não tínhamos. Mas, mesmo assim, ele dava as aulas dele. Era um tipo de aula que os alunos não reclamavam. Ele motivava só com as palavras e contextualizava.

16. O professor Ozildo Albano era muito rígido em sala de aula?

Ozildo Albano não era rígido em sala de aula. Ele era um tipo de professor democrático. Ele conseguia prender a turma sem rigidez, sem reclamar, tudo ele fazia. Ele conseguia mobilizar a turma toda, todo mundo sentado, somente com palavras.

17. Quais as representações sobre o professor Ozildo Albano que mais chamava a atenção da sociedade picoense?

A marca de Ozildo era a simplicidade. Ele era intelectual e simples demais. Um homem que sabia conversar com o doutor e com o matuto. Ele era culto. Quando eu viajava com ele, no projeto de alfabetização, ele viajou comigo umas duas vezes. Ele não tinha negócio, não. Eu dizia: - Ozildo, vamos viajar, vamos para tal lugar?. Nesses interiores, ele ali, sentado comigo, enquanto as professoras davam as aulas. Aí, o matuto estava lá na rede, o dono da fazenda. Ele sentava ali e conversava e, no fim, saia um grande almoço. Ele conversava tantas coisas, naquele método vulgar, como se diz, empírico. Empiricamente ele conversava, coisas que aprendi com ele na época. Eu

nunca me esqueci de um caso, quando eu estava sentada e ele de frente ao matuto, fumando aquele cigarrão e Ozildo puxando conversa. Aí, o homem disse: - fulano de tal, vai deixar o gado em tal roça. E o outro disse: - não, o boi que vai ser abatido essa semana, bota de trás da roça, o que vai ser abatido na outra semana, daqui a tantos quilômetros. Eu não prestei muito atenção. Aí, eu disse: - Ozildo, tu aguentou aquela história daquele matuto?. Ele disse: - Tu não prestaste atenção? Oh! servir pra ti, o matuto disse que as vacas que vão ser abatidas agora vão pra perto, pra carne não endurecer. As vacas que vão ser abatidas, não sei quando, vão pra longe pra engordar, as carnes vão ficar dura porque elas vão caminhar. Então, tu não prestas atenção às coisas. E agradei aquilo.

18. A senhora se espelhou muito no professor Ozildo Albano para também ser uma professora?

Eu tentei me espelhar em Ozildo porque ele era uma pessoa tão simples, tão inteligente que nem se eu quisesse me espelhar nele, eu não conseguiria. Eu tinha vontade de ser aquela pessoa como Ozildo era, com uma sabedoria grande e com aquela simplicidade também grande. Mas, eu não tinha aquela simplicidade que ele tinha. Sou sincera em lhe dizer. Tentei, porque achava aquilo muito bonito. A conversa que ele teve com aquele fazendeiro, ele transformou aquela conversa empírica numa conversa científica. Por quê? Porque depois ele tirou e disse: - Oh! A pessoa fazendo ginástica, as pernas endurecem. É isso..., quer dizer, é isso que Ozildo fazia.

19. O que representava ser professor na época em que Ozildo Albano lecionava aqui em Picos?

Naquela época em que Ozildo Albano ensinava em Picos ser professor era um status muito grande, porque se tinha autonomia. [...] Além de tudo, se era bem remunerado. Todos tinham um carro, o respeito da sociedade e do aluno. O aluno respeitava, o aluno se interessava. Tudo isso se tinha. E era uma classe unida, na época. Quando eu trabalhei com Ozildo, Olívia e os demais professores, nós éramos uma classe muito unida, uma classe que um ajudava o outro, quando um professor saía da sala de aula, porque o outro não podia, o outro ficava.

20. Como Ozildo Albano conseguia juntar a intelectualidade à simplicidade?

A sabedoria de Ozildo, o conteúdo que ele tinha não era só daquilo que ele lecionava, não. Ele abrangia tudo, ele era uma pessoa que abrangia. [...] Ele falava de tudo porque ele tinha uma visão de mundo bem ampla. Então, Ozildo ensinava mais de uma matéria, ensinava Estudos Sociais, OSPB. Ozildo era um polivalente.

21. Podemos afirmar que Ozildo Albano era um apaixonado pela educação?

Ozildo Albano era um apaixonado pelo magistério. Ele nasceu para ser educador, ele não nasceu para mandar. Eu acredito que quando ele foi ser Juiz de Direito, ele não nasceu pra ser Juiz de Direito, pra julgar. Ele nasceu pra ser um sacerdote, um padre. Ele foi uma época, foi seminarista. Então, ele era um homem disso aí. Ele era um homem pacato, ele não era de julgar,

de falar de ninguém. Eu dizia: - Ei, Ozildo, vamos fofocar? Aí, eu fofocava só, ele escutava, ria, mas ele foi um homem que sempre teve este comportamento. Olha, eu sou uma grande admiradora dele.

22. Com certeza, muitas coisas boas o educador Ozildo Albano deixou em cada um dos seus ex-alunos, de todos os momentos que a senhora esteve com o professor Ozildo qual momento ficou marcado na senhora?

Todos os ambientes em que estava Ozildo Albano, ele sempre deixava a marca registada dele. Ele era uma pessoa que brincava e que ria, levava as coisas na seriedade. Ele gostava de cantar, cantava muito e cantava muito bem. Então, ele era uma pessoa que marcou toda essa passagem dele, durante os anos aqui na terra. Ele só deixou marcas positivas. [...] tudo que a gente queria, ligava pra Ozildo. Ou, nós íamos pra casa dele, ele dava solução. Toda dúvida nossa, tirava-se com ele. Ele foi o nosso intelectual.

23. A senhora considera que Ozildo Albano era dotado de um senso de missão em relação ao incremento de elementos civilizatórios que introduziu em Picos como o museu, a criação de um jornal, a criação de uma escola com a irmã dele, dentre outros?

Ozildo era dotado de um senso de missão porque sempre quando eu escrevia uma coluna social, ele dizia: - por que tu não colocas cultura aí? Eu respondia: - é só futilidade que eu vou escrever, eu brincava, assim, com ele. Aqui, acolá eu colocava algumas coisas. Mas, na época, que eu comecei a escrever, a coluna era social, era pra dizer o que acontecia na noite. Ele dizia: - Me arruma uma coluna que eu vou escrever. Ele era uma pessoa aberta.

24. Com o legado deixado por Ozildo Albano, a senhora considera que ele influenciou na formação identitária do cidadão picoense? Por quê?

Ozildo influenciou na nossa formação identitária, com certeza. Quem conviveu com ele, leva esse legado que ele deixou, traz consigo aquela maneira de querer. Ele procurava muito. [...] Ozildo sofreu muito para criar o museu, foi um verdadeiro sofrimento, chamavam-no de lá vem aquele pidão. Mamãe dava pra ele aquelas coisas antigas. Ele pedia muito, ele chegava nos cantos e faziam muitas doações. Mas, por que ele ganhava as doações? Porque ele era uma pessoa do bem, pessoa amiga e que tinha consideração. Ele conservava as amizades.

25. Por ser um educador que se incursionou pela literatura, língua portuguesa, história, música, advogado, juiz de direito, folclorista, pesquisador, dentre outros. Como Ozildo Albano conseguiu lidar com esta grandeza toda e permanecendo com sua característica maior, a simplicidade?

A simplicidade de Ozildo é nato. Ele já trouxe consigo, ele não adquiriu porque não se adquiri aquela simplicidade. Ozildo foi Juiz de Direito em Jaicós, eu lembro-me demais. Eu dizia: - Opa! Já chegou o Doutor, o juiz. Era

eu brincando com ele, eu queria dá aquele respaldo a ele e dizer que ali tinha um juiz. Aí, ele dizia: - Cale essa boca, não diga que eu sou juiz. Ele não gostava. Ele dizia: - Eu sou o professor Ozildo. Ele tirava o título de Juiz de Direito pra dizer que era professor. Comigo, várias vezes ele reclamava isso aí. Quando ele chegava de Jaicós, ele dizia: - Vou tirar esse terno, essas coisas, eu quero é vesti minhas camisas. [...] Não era a vocação dele a de ser juiz, de julgar as pessoas, de cair na justiça, não queria ferir ambas as partes. Ele não tomava partido político de ninguém. Eu nunca ouvi Ozildo falando de política. Eu nunca fiquei sabendo em quem Ozildo votou. E eu perguntava, puxava porque eu era da política. Ele dizia que o voto era secreto.

26. Ozildo possuía uma autoconsciência do seu lugar na organização da cultura picoense?

Ozildo não organizava a cultura por vaidade. Ele não chegava e dizia que queria fazer um museu. Ele pedia, botava na casa dele e, depois que ele morreu, botaram o museu naquela escola, no antigo Colégio Coelho Rodrigues.

27. A senhora considera que Ozildo tinha ideias ousadas para a época e para o contexto de Picos? Por quê?

Ozildo tinha ideias ousadas para a época e para o contexto em que estava inserido. [...] Ele não tinha apoio de prefeito, de político. Ele tinha apoio dos amigos.

28. O museu picoense é nosso símbolo de civilização. O que motivou Ozildo a criar um museu em Picos?

Ozildo começou o museu na casa dele, numa sala, na parte de cima da casa dele. Aí, a gente ia lá e ele mostrava e dizia: - Isso foi fulano que me deu, isso foi beltrano. Ele mostrava de quem era e tinha o nome lá identificado, tudo relacionado. [...] Mamãe tinha um revólver pequeno, lindo, do tempo da guerra, uma guerra do tempo que papai foi e quando voltou trouxe um revólver bem pequenininho pra mamãe. Ozildo era louco por esse revólver e mamãe dizia: - Eu não posso te dá esse revólver, Ozildo, porque foi Napoleão que me deu. [...] Ozildo começou a angariar essas coisas, assim, por questão pessoal dele, de querer isso pra Picos e, também, ele tinha o maior prazer de que fossem na casa dele vê, embora fosse um acervo pequeno. Mas, ele tinha o maior prazer de levar todo mundo pra vê aquilo ali.

29. O museu picoense é o patrimônio que Ozildo deixou para todos nós. Qual o impacto que teve o museu de Ozildo para a sociedade picoense?

Eu sempre que converso com as pessoas por onde eu ando, eles dizem: - Eu quero ir a Picos pra conhecer o museu Ozildo Albano. Então, tem pessoas daqui que não conhecem. Aí, eu digo: - Vale a pena. Como você sabe, muitas vezes, as coisas da terra dependem de cada um, né, da cultura de cada um. Então, o museu trouxe pra Picos um grande, como se diz, desenvolvimento. O único espaço cultural que tem em Picos chama-se de Ozildo Albano, não tem outro. Qual é o outro? Não tem. O nosso museu é um símbolo. Eu que

ando muito, em primeiro lugar quando viajo, eu gosto de visitar os museus. Olha, eu te digo, é um museu que não é grande em relação aos grandes centros. Mas, eu te digo, peça do museu Ozildo Albano nem todo museu que eu ando, eu encontro. Aquela organização, aquela coisa. Visito museus grandes, mas eu não vejo tanta simbologia como eu vejo no museu como o nosso.

30. Ozildo Albano se preocupava com as questões locais e as questões nacionais?

Eu te digo bem as questões locais. No tempo das enchentes, por exemplo, ele foi uma pessoa que se envolveu demais naquelas enchentes, se envolveu muito. Ele procurava ajudar, procurando tirar aquelas pessoas dali. Ele era uma pessoa que se envolvia nisso tudo, no problema social, no problema cultural e no problema religioso. Ozildo era uma pessoa que abrangia esses setores. Tinha coisa que eu chegava assim e dizia: - Vamos discutir tal coisa, parte tal da bíblia. Ozildo estava ali e sabia discutir aquilo tudo. Era uma sabedoria, ele era religioso. Ele era uma pessoa muito amiga de todos.

31. Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao intelectual Ozildo Albano?

É difícil conceituar Ozildo Albano. O que eu tenho, na minha mente, de falar de Ozildo são coisas que nem todo ser humano tem. Ele buscava com perseverança. Foi difícil ele montar o museu, ele não teve ajuda de ninguém, politicamente falando ele não teve, verba nenhuma, nada, ele não teve. Pode até ter hoje, eu não sei. Mas, na época que ele começou, ele não teve. Segundo, ele batalhou, ele era um homem cristão, um homem que tinha piedade das pessoas, ele era humano. Era um homem carismático e que tinha grandes conhecimentos, como todos sabem. Ozildo era como aqueles farmacêuticos que de tudo sabia na época. Tudo que se procurava, ele tinha uma coisa pra lhe dá a resposta. Ninguém conversava com Ozildo pra ficar sem uma resposta. Então, ele era uma pessoa que, pra época, era um grande homem. E, olha, naquela época, que era uma época restrita. Avalia ele hoje com essas tecnologias.

32. Ozildo foi advogado em uma época em que havia poucos advogados em Picos. Quais as representações do advogado Ozildo Albano para a sociedade picoense da época?

Ozildo quando chegou advogado, ele representava todas as classes sociais. Ele não tinha isto de dinheiro, não. Ele não tinha ganância por dinheiro, tinha não, com certeza. Tinha dia que ele dizia: - Olha, amiga, meus bolsos. Ele tirava e mostrava, ele não tinha nada. [...] Eu ouvia falar que Ozildo não era uma pessoa de cobrar pelos serviços advocatícios. Ele não cobrava, ele não era mercenário. Fazia as coisas de graça e acompanhava qualquer um.

33. Com a morte de Ozildo, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. A senhora se lembra deste dia que perdemos o

intelectual Ozildo Albano? O que representou esta perda para a sociedade picoense?

Eu lembro-me do dia em que perdemos Ozildo. Eu tomei um grande susto. No sábado, tínhamos uma festa aqui em casa. Ele foi convidado e não veio. Quando ele faltou a minha festa, eu até estranhei. Eu tinha encontrado com ele, no dia anterior, na Rua São José, aí eu disse: - Ei, tu não fostes pra minha festa, eu não vou mais te convidar. Aí, ele brincou comigo e disse: - Não pude ir, não deu certo. Quando foi no outro dia, disseram: - Ozildo morreu. Olha, isso pra mim, tiraram o chão, eu não acreditei. Daí, nós fomos pra lá, a turma todinha. Ficamos lá. Mas, sabe de uma coisa, ninguém segurava a emoção. Foi uma coisa que pegou todo mundo de surpresa.

34. Há um discurso corrente que diz que “Picos é Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos”. Como a senhora interpreta isto?

Na época, Ozildo se envolvia nas coisas pra buscar melhoras, para querer fazer Picos crescer. Por isso, que ele era Picos. O que ele conseguiu com este museu, com essas coisas que ele adquiriu, às custas dele, eu acho que forma isto: Picos e Ozildo e Ozildo é Picos. Ele procurou o crescimento de Picos e Picos cresceu no setor que é o que nós temos, nós devemos a ele, o nome dele. O que ele trouxe, ninguém traria para Picos, ninguém traria. Então, ele trouxe pra Picos e hoje Picos tem esse museu por intermédio de Ozildo Albano. É o tipo de coisa, um com o outro, por que se não fosse ele, não teria, não. O museu é uma representação de Ozildo Albano. Olha, eu te digo, eu ando muito por aí e levo fotos do museu que eu tenho e mostro, aqui e acolá eu estou mostrando. Agora, eu te digo, o que não há ainda hoje é incentivo político pra crescer o museu, botar mais funcionários no museu. O museu passa por dificuldades. Não tem dinheiro, é um descaso.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Maria Eunice Soares Teixeira

Data da entrevista: 22 de outubro de 2016

Local da entrevista: Residência da entrevistada

Data de nascimento: Nasceu na localidade Angico Branco em 1948

Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro

Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro

Data da transcrição: 27 de outubro de 2016

APÊNDICE L - ENTREVISTA COM MARIA EUNICE SOARES TEIXEIRA

1) Como é o nome completo da senhora?

Maria Eunice Soares Teixeira

2) Onde a senhora nasceu e quando?

Eu nasci na zona rural de Picos, chamada Angico Branco em 1948.

3) Qual a sua formação escolar?

Eu tenho licenciatura plena em História e Especialização em Ensino.

4) A senhora se lembra do nome das escolas em que Ozildo Albano ensinava em Picos?

Ela trabalhava na Escola Técnica de Dona Dorinha Xavier e criou também um colégio, o Instituto Padre Anchieta, na Rua São Francisco, ele com a Conceição Albano. Um colégio de boa qualidade de ensino. Ele também ensinou na Escola Normal de Picos. Não foi meu professor lá. [...] Na época de Dona Zizi, na década de 1970. Eu era aluna e ele professor. Ele era professor em outras turmas que ele ensinava.

5) Dona Eunice, a senhora foi aluna do professor Ozildo Albano em que ano? Em que escola a senhora foi aluna de Ozildo? E quais as disciplinas que ele lecionava?

Eu fui aluna do Ozildo Albano nos anos de 1970. Eu fui aluna de História e de Educação Moral e Cívica com ele, no Colégio Estadual Marcos Parente no turno noturno. Fora essas duas disciplinas, ele lecionava português também. [...] Fui aluna dele os três anos.

6) Quais as lembranças que a senhora tem do educador Ozildo Albano?

Primeiro era a maneira gentil e humana com a qual ele se aproximava dos alunos. Naquela época, que todo mundo era rigoroso, ele já tinha um tratamento mais aproximado e, nem por isso, deixava de ser respeitado. Muito pelo contrário, era um professor querido por todos os alunos. Isso sem falar na competência e na facilidade que ele tinha de passar pra gente o conhecimento que ele pretendia no conteúdo pra gente. E, procurava sempre, já naquele tempo, contextualizar. Mas, ele não dava uma matéria como se fosse uma coisa isolada do mundo, não. Ele sempre procurava comparar com algum acontecimento que passou ou do presente. Era um professor educador.

7) Como eram as aulas do educador Ozildo Albano?

Naquele tempo, por questões de recursos audiovisuais, didáticos, era muito carente. Nas bibliotecas existiam poucos livros. Mas, mesmo assim, ele sabia usar muito bem o quadro de giz. Ele fazia trabalho de equipe, que não era um seminário, mas já dava pra gente ir começando a treinar. Ele gostava de fazer trabalho de pesquisa e a gente relatava o que era pesquisado.

8) Como era que o professor Ozildo Albano se relacionava com os alunos em sala de aula e fora da sala de aula?

Ele procurava facilitar a aproximação dele com o aluno. Não era aquele professor que chegava no alto e o aluno lá em baixo, não. Ele ouvia o aluno e, às vezes, o aluno discordava e ele, nem por isso, não ia mudar de comportamento, não.

9) A senhora aprendeu muito com Ozildo Albano, durante os anos que foi aluna dele? O que ficou de seus ensinamentos?

Aprendi como aluna e aprendi como amiga com o educador Ozildo Albano. Ele fora da sala de aula era uma cultura ambulante. Ficou a cultura dele, dos ensinamentos dele. [...] Então, esse espírito de pesquisar, de gostar da história, foi Ozildo Albano quem despertou em mim, sem dúvida. Ele era tão apaixonado pela cultura que envolvia a gente e quem tinha tendência para aquele lado, foi o que aconteceu comigo. Formei-me em História e o culpado foi ele.

10) O que mais chamava a atenção da senhora no educador Ozildo Albano?

O que mais chamava a minha atenção no educador Ozildo Albano era aquela preocupação que ele tinha de preservar a cultura e de pesquisar para poder melhor informar. Contanto, que ele foi Secretário de Cultura e, neste período aí, foi um período rico, deu até origem a Casa da Cultura. Ele tinha essa preocupação de procurar fazer com que a juventude nunca esquecesse as suas raízes. Daí, ele resgatar o reisado, resgatar o São Gonçalo, a leseira, os leilões, as cantorias de violeiros, as festas religiosas, comidas típicas, festival de quadrilhas, tudo isto. E o sonho dele era criar o museu e graças a Deus, ele conseguiu realizar.

11)A senhora se lembra de alguma das atividades escolares que o professor Ozildo Albano passava para vocês?

O que me chamava à atenção com relação às atividades que Ozildo Albano passava era o desprendimento dele, porque ele era uma pessoa que não dava valor a dinheiro. Ele fazia as coisas porque gostava e porque amava. Então, diante disso aí não tinha sacrifícios. Para ele, se fosse preciso ir de cavalo, ele ia, se fosse preciso ir a pé, ele ia, se fosse preciso ir de carro, ele ia. Onde tivesse alguma coisa que lhe interessasse, ele fazia e fazia sem nenhuma pretensão financeira.

12)A senhora se lembra de algum tipo de leitura que o professor Ozildo Albano passava para vocês lerem?

Naquele tempo, não tinha televisão. Já era cultura das escolas, no período de férias, os alunos retornarem pra pegar romances. Então, a gente começava geralmente com a Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo, Daí, quando passasse de Macedo, era José de Alencar. De Alencar, a gente passava para Machado de Assis, de Machado de Assis nós entramos em Érico Veríssimo. Só sei que o último era Jorge Amado. Todos estes autores clássicos a gente via a coleção completa. Todas as férias era uma coleção. Contanto, que eu fiquei tão afinada em Literatura que, no vestibular, não perdi uma questão e, ainda hoje, às vezes, só uma frase solta, eu digo: - isto aqui é de José de Alencar ou, então, é de Castro Alves. [...] Ozildo despertou muita literatura e história também. Aliás, ele dizia que a melhor maneira de a gente conhecer um Estado, um lugar, um país era estudando a história e os romances. A literatura de um país, de um povo, porque através da literatura você vai encontrar os usos, os costumes, a religião, a alimentação, tudo enfim.

13)A senhora se lembra de como eram as provas do professor Ozildo Albano?

Ele gostava muito de provas dissertativas. Quase todas as provas eram pra justificar, para explicar, para interpretar. Era uma característica dele. Dificilmente tinha esse negócio de marcar "x". O aluno tinha de escrever e, conseqüentemente, ele iria desenvolver as habilidades para a escrita.

14)O professor Ozildo Albano era muito rígido em sala de aula?

Ozildo Albano não era muito rígido em sala de aula. Não havia necessidade. Ele era uma pessoa tão meiga que ele era respeitado pelo que ele era mesmo, como se apresentava. Agora, isto não queria dizer que ele ia dá notinha, não. Ele era exigente, ele ensinava bem e exigia que aprendessem.

15)O que representava ser professor na época em que Ozildo Albano lecionava aqui em Picos?

Ser professor, naquele tempo de Ozildo Albano, apesar de nós vivermos num regime da ditadura, o professor era respeitado, era visto como uma autoridade. Não tinha uma mesa de honra que não tivesse uma representação de um docente e era citado o nome dos que estavam presentes. Geralmente, os professores eram convidados para todo e qualquer evento oficial, uns para prepararem o discurso de um prefeito que tinha

dificuldade. O professor, naquela época, não era visto só como professor, ele era visto muito mais, totalmente diferente de hoje. Hoje, você é doutor, com toda qualificação, e os alunos são como se estivessem falando com um moleque.

16) Os alunos respeitavam o professor Ozildo Albano?

Havia um grande respeito da sociedade picoense para com Ozildo Albano. Ele era respeitado. Ave Maria, todo mundo quando falava em Doutor Ozildo, o respeito era grande. Já tinha ele como um homem inteligente, como uma pessoa diferente no sentido de ser um inovador para a época. Ele estava além do tempo dele.

17) Como Ozildo Albano conseguia juntar a intelectualidade à simplicidade?

Naquele tempo, por essa valorização social que o professor tinha em Picos, alguns tinham o narizinho empinado [...] como se fosse uma coisa muito superior ao próprio aluno e alguns preconceitos, alguns professores eram assim, o próprio professor em sala de aula manifestava isto. Mas, Ozildo Albano era uma pessoa que tinha todo aquele conhecimento e não passava por nada disso. Ele era um intelectual que soube muito bem viver com simplicidade.

18) Podemos afirmar que Ozildo Albano era um apaixonado pela educação?

Ozildo Albano era um apaixonado pela educação, pela cultura. Aquela galeria de prefeito que tem hoje no museu foi ele quem fez. Ele também teve a preocupação de pesquisar a biografia desses homens, como Coelho Rodrigues, Bertinho Santos, Francisco Santos, Justino Luz. Eu tenho alguma coisa guardada dos jornais e como ele me despertava, eu recortava.

19) Com certeza, muitas coisas boas o educador Ozildo Albano deixou em cada um dos ex-alunos, de todos os momentos que a senhora esteve com o professor Ozildo qual momento ficou marcado na senhora?

Muitos momentos ficaram marcados do professor Ozildo Albano. Mas, lembro-me de um momento bem descontraído. Quando eu trabalhava na Universidade, quando fui professora, eu dava aulas de Expressões Folclóricas, Cultura Brasileira e Cultura Popular. Qualquer uma das três, eu procurava encerrar com um jantar típico e com apresentações. Às vezes, os alunos eram da microrregião, aí, através dos alunos, os prefeitos mandavam os artistas de lá para apresentar o São Gonçalo, o reisado, os violeiros, para vir cantar. Isso foi Ozildo quem despertou em mim. Eu sempre gostava de fazer festa popular dentro da Universidade. Fiz várias e encerrava com um jantar. Ozildo e Doutor Edivaldo Moura. A comida era paçoca, maria isabel e eles gostavam. E Ozildo gostava de contar muita piada e tudo dentro da linguagem cabocla, regional. Foi uma coisa que me marcou muito.

20) Ozildo Albano era um professor conservador ou liberal?

Devido à época e a própria formação familiar e tudo, o curso de direito por ser um curso tradicional, já bota as pessoas com a cabeça muito direcionada para certas tradições. Quer dizer, na mesma hora que Ozildo tinha toda essa cultura, ele sabia conviver muito bem, era aberto Mas, às vezes, eu não sei se ideologicamente, eu não tenho certeza, assim. [...] vivia-se a ditadura militar. [...] só sei dizer que na ditadura ele respeitava, ele não se arriscava. Ele era um conservador porque ele primava pela família, pela religiosidade, pela tradição. Liberal, porque ele era um professor inovador.

21) A profª Mundica diz no livro “Picos nas anotações de Ozildo Albano” que Ozildo era uma Enciclopédia viva ambulante. Podemos afirmar que Ozildo foi o nosso intelectual que tivemos aqui em Picos? Por quê?

Ozildo era a enciclopédia viva ambulante. Ele foi a pessoa que mais se preocupou, não só de estudar, aprender, mas de registrar, pesquisar e concluir uma das coisas mais importantes que tem na cidade de Picos, que é o museu Ozildo Albano. Nós só temos o museu por causa dele, se não fosse ele, nós não tínhamos.

22) A senhora considera que Ozildo Albano era dotado de um senso de missão em relação ao incremento de elementos civilizatórios que introduziu em Picos como o museu, a criação de um jornal, a criação de uma escola com a irmã dele, dentre outros?

Ozildo Albano era dotado de um senso de missão. A missão dele era preservar, era divulgar, pesquisar a cultura, a história da nossa terra, do país. A gente pode encontrar cartas de venda de escravos no museu. Existem documentos que só tem em Picos, graças a Ozildo Albano. Era uma missão para ele, prazerosa. Ele gostava.

23) Com o legado deixado por Ozildo Albano, a senhora considera que ele influenciou na formação identitária do cidadão picoense? Por quê?

Ozildo Albano influenciou na nossa formação identitária através das festas culturais que ele desenvolvia na praça pública, da forma que ele recebia as pessoas no museu. Tudo aquilo que Ozildo mostrava no museu, aquelas fontes históricas, interpretando bem direitinho para os alunos ou convidados. E isso aí não tenha dúvida que fica.

24) Quem fazia parte da rede de sociabilidade de Ozildo Albano?

Citar pessoas que faziam parte da rede de sociabilidade de Ozildo Albano é meio difícil, porque ele era uma pessoa que tinha um relacionamento aberto com todo mundo. Mais com Olívia Rufino, Oneide Rocha, Dagoberto, Dimas Lélis. Tinha muitas pessoas que eram bem próximas dele, o Doutor Fonseca, João de Deus Neto, a maioria ligado a educação. Ele se dava politicamente com o Doutor Severo e se dava politicamente com o Doutor Helvídio Nunes, um era adversário ferrenho um do outro e Ozildo convivia muito bem, transitava livremente porque embora ele tivesse a opção dele, mas Ozildo sabia como se conduzir, respeitando todo e qualquer pensamento.

25) Ozildo Albano possuía uma autoconsciência do seu lugar na organização da cultura picoense?

Ozildo Albano tinha toda aquela missão. Achava que era importante, mas eu tenho a impressão que ele não imaginava o valor, o significado, a grandiosidade do trabalho dele para a história de Picos. Eu tenho certeza que ele não tinha essa autoconsciência, não, do que representava. Eu sei que ele achava que era um trabalho importante. Ozildo achava que era bom. Mas, assim, o valor em si, como ele era uma pessoa muito simples, a autoavaliação que ele fazia, eu tenho certeza de que andava longe do que realmente ele era.

26) Em 1983, Ozildo foi nomeado Secretário de Cultura de Picos. A senhora se lembra de como se deu este convite?

Na época em que Ozildo Albano foi nomeado Secretário de Cultura eu não era muito dentro da política, mas eu acredito que foi o próprio prefeito que convidou. Acho que foi a convite, se deu através da notoriedade dele, não restam dúvidas de que alguém pode ter recomendado o Ozildo, as pessoas amigas dele. Esse curto período frente a Secretaria de Cultura foi rico em cultura, porque a nossa evolução foi principalmente essas culturas que estavam lá na zona rural, esquecidinha, Ozildo procurava trazer pra cá, nos eventos, na época de São João, na semana da árvore, na semana da cultura, no dia do folclore. Contanto que ele sempre encontrava um motivo pra fazer esse povo se apresentar, pra que a juventude e as crianças soubessem o que era o São Gonçalo, o reisado, o que era a quadrilha. Ser Secretário da Cultura de uma cidade do interior, sem dinheiro, sem apoio muito, Ozildo enfrentou muitos desafios. A sorte é que por Ozildo ser uma pessoa do temperamento que tinha, ele encontrava ajuda também em pessoas particulares. Ozildo queria promover uma festa, aí, precisava de patrocínio, não era só o dinheiro da prefeitura municipal de Picos, porque a prefeitura não tinha e para a cultura é zero vírgula zero. Daí, com isto, ele ia na loja de fulano de tal, no armazém de beltrano e ele conseguia por causa da amizade dele.

27) A que se deve o comprometimento ético de Ozildo com a educação, com a advocacia, com a magistratura, com a memória e demais atividade que exercia em Picos?

Foi o caráter dele, o pensamento dele, a vida dele. Ele vivia para isto. Foi a formação dele, como pessoa, convicção, vocação.

28) O museu Ozildo Albano é nosso símbolo de civilização. O que motivou Ozildo a criar um museu em Picos?

O que motivou Ozildo Albano a criar um museu em Picos foi exatamente esta vontade que ele tinha de fazer com que a população, de um modo geral, e pessoas que visitassem Picos conhecessem a nossa história. Ozildo botou isto como um registro de uma coisa imortal. O museu é uma coisa viva, ao contrário do que muita gente pensa. O museu é um ambiente vivíssimo e, por isto, Ozildo queria que a população e os jovens tivessem onde ter uma fonte,

para beber essa cultura que em outro lugar não iria encontrar dentro da cidade.

29) Quando Ozildo introduziu os elementos civilizatórios em Picos como o museu, a criação de uma escola com a sua irmã, a criação de um jornal com os amigos, dentre outros, qual o impacto que esses elementos civilizatórios causaram nos picoenses?

Eu sei muito bem que esse movimento do jornal, por exemplo, foi motivo até pra um diretor conservador, filho de Picos, ter que renunciar ao cargo, sair do Marcos Parente porque os estudantes não aceitaram algumas coisas que ele achava que era correto e queria impor. Não tenha dúvida que o movimento liderado por Ozildo Albano, por Dimas Lélis, Dagoberto e muito outros influenciou e isso foi um germizinho pra que algum jovem, mais tarde, também se tornasse um pouco revolucionário.

30) Profª Eunice, o intelectual engajado é aquele que se engaja em todos os conflitos de uma época. Ozildo como este intelectual engajado, se preocupava com as questões locais e as questões nacionais?

Ozildo Albano se preocupava com as questões locais e nacionais, contanto que as aulas dele eram contextualizadas. Mesmo que ele estivesse dando um assunto daqui, mas ele encontrava em algum lugar algo semelhante para ele comparar.

31) Ozildo Albano opinava, debatia, expunha as suas opiniões sobre as questões sócio-político-econômico-cultural no meio em que ele estava inserido? Como ele fazia isso?

Olha, Ozildo falava. Agora, devido ao período da ditadura militar tinha que ter uma certa cautela, não é que ele fosse alienado, não, viu, era cuidado, porque, às vezes, a gente tem de dá dois passos para trás, pra poder ganhar cinco ou mais pra frente. E aí, ele preso não faria o que ele fez de bem, solto. Então, era melhor conviver com todo mundo, fingir às vezes que não está vendo ou ouvindo pra poder ir pra frente.

32) Ozildo Albano era uma pessoa que reunia, ao mesmo tempo, a vocação de pesquisador, historiador, memorialista, colecionador, folclorista, artista musical. Jurista, dentre outros. Como Ozildo conseguiu lidar com tudo isto em uma cidade interiorana do Estado do Piauí?

Ozildo conseguiu lidar com toda biografia que tinha só com o comprometimento que ele tinha. Era uma pessoa comprometida com mudança, com cultura, com intelectualidade, compromisso ético, de vontade de fazer, missão, vocação, fazia parte dele, oriundo da própria formação familiar que ele teve também. A família Albano é uma família que teve muito artista, uma família muito tendenciosa para a cultura, nas artes.

33) Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, sé é que podemos conceituar, podemos atribuir ao intelectual Ozildo Albano?

Avaliação é muito difícil. Ozildo Albano tem o conceito de ótimo. É o conceito de uma pessoa comprometida, responsável e que se destacou e estava além do tempo dele. Ozildo é uma pessoa imortal.

34) Eu tenho notícias que Ozildo Albano fez apresentações de algumas peças teatrais, a senhora teve conhecimento de alguma peça que Ozildo Albano dirigiu?

Eu lembro-me que na época da festa de Nossa Senhora dos Remédios foi feita uma dramatização do escravo que trouxe a imagem. Ozildo fazia parte da equipe e dirigiu a peça.

35) Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. A senhora se lembra deste dia que perdemos o intelectual Ozildo Albano? O que representou esta perda para a sociedade picoense?

Eu lembro-me do dia que perdemos Ozildo Albano, de todos os detalhes, eu não me esqueço do velório, da música e do que foi cantado, da música predileta dele. Inclusive, o hino da padroeira que era uma das músicas que ele gostava demais, de Nossa Senhora dos Remédios. Eu chorei demais, a missa todinha. [...] Nós não estávamos perdendo uma pessoa só. Nós estávamos perdendo uma instituição, uma entidade. Nós estávamos perdendo algo valioso e não sei se Picos vai ter um dia alguém que vai, pelo menos, parecer com Ozildo Albano no sentido de querer registrar a cultura, valorizar essas coisas.

36) Há um discurso corrente que diz que “Picos e Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos”. Como a senhora interpreta isto?

O que identifica um povo, uma cidade é a sua cultura, como ela nasceu e como ela se desenvolveu. Então, Ozildo foi o primeiro a se preocupar em escrever a História de Picos. Por isto é que Picos é Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos. Quando eu ia dá as minhas aulas de História do Piauí, que colocava uma unidade sobre Picos, ele me ajudava demais, porque, na verdade, Ozildo fez tudo isto aqui pra despertar na gente, na prática.

37) A senhora considera Ozildo um dos nossos maiores arautos da cultura picoense?

Considero Ozildo um dos nossos maiores arautos da cultura picoense. [...] Nós temos pessoas formadas, de intelectualidade, já escreveu livros. Mas, para ter dado a contribuição que Ozildo Albano deu no setor dele, ainda não teve nenhum. Foi ele mesmo. Cultura de Picos é antes e depois de Ozildo Albano.

38) O que mais a senhora tem a falar sobre o educador Ozildo Albano?

Ozildo era uma pessoa tão transparente no relacionamento e na vida dele mesmo. [...] Uma pessoa da capacidade que ele tinha, com a responsabilidade dele, com certeza alguma coisa deixou de ser falado. [...] Para mim, Ozildo era completo. Ele tinha ideias ousadas para a época e isso chamava a atenção. [...] Era uma pessoa altamente de credibilidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Maria Vanilda de Moura Albano

Data da entrevista: 22 de novembro de 2017

Local da entrevista: Residência da entrevistada

Data de nascimento: 19 de dezembro de 1944

Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro

Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro

Data da transcrição: 24 de novembro de 2017

APÊNDICE M - ENTREVISTA COM MARIA VANILDA DE MOURA ALBANO

1) Como é o nome completo da senhora?

Maria Vanilda de Moura Albano

2) Onde a senhora nasceu e quando?

Eu nasci na localidade de Lagoa Grande, município de Picos, no dia 19 de dezembro de 1944.

3) Qual a sua formação escolar?

Eu tenho curso superior. Sou formada em professora e tenho licenciatura em Ciências Físicas e Biológicas.

4) Professora Vanilda, a senhora foi aluna do professor Ozildo Albano em que ano? Em que escola a senhora foi aluna de Ozildo? E quais as disciplinas que ele lecionava?

Fui aluna do professor Ozildo Albano em sessenta e poucos, no Colégio Comercial de Picos. Ele foi meu professor de Português, na minha turma.

5) Quais conteúdos da disciplina a senhora se recorda?

Eu me lembro muito dos conteúdos de conhecimentos gerais, os de Estudos Sociais. Ele se voltava muito em festejar na escola, não deixar a escola tão monótona. Tinha o dia de alguma poesia e eu gostava, porque eu estava

sempre à frente daquilo. Só sei que ele me botava pra dançar, cantar e botava pra gente ir para o Instituto Monsenhor Hipólito, que era só aonde tinha um auditório. [...] Eu me lembro que teve uma vez que ele chegou para mim e disse: - Olha, Vanilda, nós vamos fazer o encerramento, uma sessão no Colégio das Irmãs, no Instituto Monsenhor Hipólito. [...] Aí, eu disse: - Eu não vou, não. Ele respondeu: - Você vai cantar, você promete ir? [...] Eu disse: - Tá bom, eu prometo. Ele trouxe uma música que dava muito valor, essas músicas antigas, era Rosa de Maio. [...] vou ensaiar: Rosa de Maio/ É meu desejo/ Mandar-te um beijo/ Nesta canção.../ Rosa de Maio.../ Deste poema/ Tu és o tema/ E a inspiração/ Rosa de Maio.../ Já não consigo/ Guardar comigo/ Tanta paixão!/ Rosa de Maio/ Por qualquer preço/ Eu te ofereço/ Meu coração!/ Era tão linda. [...] Aí, tinha o Bom Chico que tocava violão, o Antônio Lélis da banda e que tocava sax. Eu fui fazer esse encerramento das aulas e os outros iam fazer outras coisas. [...] Eu ia pra casa de Ozildo ensaiar. Ele me ensinava e tinha uma voz bonita. Eu só sei que ele me ensinou. [...] Eu cantei no Instituto Monsenhor Hipólito, lá em cima, no auditório. Ozildo ficou muito feliz. [...] O que mais me lembro com saudade, durante esse tempo que estudei, foi porque ele me ensinou muita coisa. [...] Ele me tirou o trauma de falar, esse medo de falar em público. [...] Eu me lembro ainda que teve uma festa dos comerciantes, com os diretores do comércio, o da Associação Comercial de Picos, que veio fazer uma visita a Picos. E tinha que visitar o Colégio Comercial, que era mantido pelo comércio de Picos. [...] E veio um diretor da Associação Comercial de Teresina pra Picos, para visitar o Colégio porque esse era um exemplo. Aí, Ozildo me chamou pra fazer um discurso. Ele escreveu o discurso, foi tão lindo. [...] Ozildo disse: - Você vai fazer esse discurso decorado. [...] Decorei de dia e de noite. [...] Na hora, eu fiz esse discurso, lá na Associação. Foi uma coisa que marcou. Teve outra festa que Ozildo me botou, assim que começou esses forrós de Luiz Gonzaga. Foi o xote das meninas e ele me botou para dançar o xote das meninas, no Colégio das Irmãs. E eu fui, o que ele botava eu ia. [...] Ele me queria muito bem porque eu não tinha medo de enfrentar, não. [...] Ozildo tinha ideias. E ele ensinava a recitar.

6)Quais as lembranças que a senhora tem do educador Ozildo Albano?

As lembranças de Ozildo Albano são as melhores possíveis. [...] Eu cresci vendo os valores de Ozildo Albano. [...] Ele foi um grande educador. A didática dele era uma coisa assim, de dons. Ele tinha aquele dom de educar, tinha aquela sabedoria de conquistar os alunos. Era um professor amigo. Na época, não tinha tecnologia. Mas, ele era um grande estudioso. Agente observava que ele preparava as aulas. Ele não chegava assim, de mãos vazias, não. Ele sempre chegava contando uma história, para depois, passar o conteúdo ou, então, fechava o conteúdo com exemplos. Era uma coisa que agente aprendia com muita vontade. [...] Às vezes, tinha uma piadinha, pra gente se divertir na aula. Ozildo não era só aquele professor que chagava e só conteúdo e conteúdo, não. Ele era um professor que dava oportunidade da gente falar, ele era um professor que ouvia e dava oportunidades pra gente tirar às dúvidas. [...] Na época, ele ensinava estudos sociais, português, artes.

7) Como eram as aulas do professor Ozildo Albano?

As aulas do professor Ozildo eram motivadas. [...] Ele era aquele professor amigo, que conquistava. Não fazia distinção de aluno, ele não tinha distinção de raça, cor, credo religioso. [...] Ele inovava, a didática dele era de dons, de ser professor. Acho que ele já nasceu com o dom de ser educador. [...] Ele procurava educar o aluno em todos os sentidos, moralmente, civicamente. Ele se entregava no que ele fazia. Tudo que ele ia fazer, ele fazia com amor e sabendo o que estava fazendo. Durante a vida dele, o que ele procurou fazer foi de vocação e amor à profissão. [...] o maior dom que Ozildo tinha era de ser educador.

8) A senhora pode mencionar o nome dos outros alunos que assistiram aulas com o professor Ozildo Albano?

Os alunos que assistiram às aulas comigo eram o Tarcízio, o José de Moura e todos os que estão no convite do ano de 1965. [...] Nós começamos todos e terminamos todos. É tanto que foi uma festa muito bonita. Ninguém desistiu. [...] Era um colégio que conquistou o comércio de Picos. Os comerciantes de Picos formaram essa escola com a manutenção de material escolar, carteira, essas coisas. [...] Lá tinha todas as disciplinas, matemática, português, estudos sociais que abrangia toda essa parte de civismo, religiosidade. Ozildo fazia todas essas festas de folclore, o Sete de Setembro, o dia da árvore, o reisado, o São Gonçalo e quem representava era nós mesmos. Ozildo envolvia de uma maneira tão carinhosa que ninguém desistia. [...] Ozildo incentivava, agente ia para cidades vizinhas no encontro de jovens. Nós fomos para Floriano uma vez e foi muito bom. Ele ensinava as poesias, os teatrozinhos, danças e era muito bom. Ozildo tinha uma vontade muito grande de inserir os jovens numa sociedade sadia. Naquela época, Ozildo já tinha essa preocupação de envolver os jovens em coisas sadias. [...] o objetivo de Ozildo era a cultura, ele se voltava para a cultura. [...] Ele criou até o Grupo de Seresta para cantar nas casas, nas igrejas. [...] Ele era uma pessoa muito estudiosa e inteligente.

9) Como era o relacionamento de Ozildo Albano com os alunos em sala de aula e fora da sala de aula?

Ozildo se relacionava muito bem com os alunos. [...] Ele tinha o momento da seriedade e a postura de professor. Ozildo cativava os alunos para assistir as aulas. [...] Quando era a aula do professor Ozildo ninguém faltava. Todos frequentavam e isso agente notava que era muito gratificante para ele, porque sentia que agente amava e respeitava.

10) O que mais chamava a atenção da senhora no educador Ozildo Albano?

O que chamava a atenção em Ozildo era o amor à profissão e a formação que ele dava a seus educandos. Ele se preocupava muito em deixar agente bem informado. Eu admirava muito a preocupação dele no setor de educar as pessoas e isso fazia a diferença. Ele não era só o professor de dar aulas, de

jogar conteúdos. Ozildo era educador de cidadãos, ele queria que nós saíssemos dali como cidadãos.

11) Professora Vanilde, que tipo de atividade o professor Ozildo Albano aplicava com os alunos?

Antigamente, agente não tinha computador e nada. Ozildo dava muitas historinhas pra gente fazer a reflexão e ele contava também. Ele mostrava paisagens e pedia pra gente dizer o sentido daquilo. Ele programava as apresentações, as festinhas em casa e em clubes, as tertúlias. [...] Ele ficava ali por perto olhando e os pais confiavam nele.

12) O professor Ozildo Albano adotava livros? Se sim, quais?

Naquela época, era difícil um livro especial para o Colégio Comercial. [...] Era mais textos. Ozildo tinha o livro e escrevia no quadro.

13) Ozildo Albano cobrava a produção de redações? Quais temas ele pedia para os alunos escreverem?

Ozildo Albano cobrava redações pra gente. [...] Ele falava muito sobre a religiosidade em Picos. Era uma das temáticas exigidas, o da catedral. A construção e sua beleza. [...] Ozildo queria mostrar o valor que os picoenses tiveram em construir aquela catedral, que pouca gente ainda hoje sabe. [...] Ele procurava muito que agente vivenciasse a história de Picos pela construção da catedral. Ozildo tinha uma visão muito aberta e muito longe. Ele era uma pessoa idealizadora e procurava incentivar muito as pessoas a conhecerem a história da construção da igreja de Picos, das famílias. Ele era muito chegado a família, aos princípios.

14) A senhora se lembra de algum tipo de leitura que o professor Ozildo Albano passava para vocês lerem? Quais?

Ozildo passava muito esses livros de literatura, o José de Alencar e, às vezes, o texto bíblico pra gente fazer a reflexão, o sentido daquele texto. Ele escolhia aqueles textos que estava mais relacionado com a vida da gente, da realidade, da solidariedade e da caridade. Ele mostrava muito isso pra gente.

15) Qual o tipo de material didático que o professor Ozildo Albano levava para sala de aula?

Na época, o material didático era muito difícil. O que Ozildo Albano utilizava era o giz, a esponja e o quadro. Mas, ele sempre trazia novidade. Por exemplo, objetos sacros, objetos fósseis, ele falava quantos anos tinha aquilo. Ele mostrava a história, é tanto que o acervo dele é muito grande. Ozildo mostrava os santos de cem anos, o acervo antigo dele. Ele também ia nessas localidades e arrumava um retrato de uma pessoa de mais idade e contava a história daquela pessoa pra gente saber, objetos antigos de onde vinha e os anos. Ozildo era um grande professor historiador.

16) Como eram as provas do professor Ozildo Albano?

Eu me lembro das provas de Ozildo Albano porque não tinha xérox. Era só a folha de papel e ele ditava. Muitas vezes, ele só dava a historinha e mandava agente refletir sobre aquilo e contasse aquela história. Era muito bom. [...] O aluno vivenciava aquilo. Quando ele ia corrigir os erros, falava como deveria ser o correto, onde foi que errou, onde era que tinha a pontuação. [...] Eu agradeço muito essa parte dele, porque hoje eu gosto muito de redigir. Eu aprendi com o Ozildo. [...] Nas provas, ele botava as observações do tipo, estude mais, parabéns, foi ótimo, pense melhor. Ele fazia essas advertências.

17) Durante o tempo em que a senhora foi aluna de Ozildo Albano, ele fez algum evento cultural na escola em que a senhora estudava?

Ozildo fez vários eventos culturais quando estive lá. Dentre eles, uma coisa interessante foi [...] na conclusão do curso, ele pediu para dramatizar a música “Triste partida”. Eu nunca me esqueci, era de Luiz Gonzaga. Nós fizemos a dramatização contando a vivência daquele sofrimento da família que ia para São Paulo. Ozildo deu a música e deixou que agente vivenciasse aquela situação. Fizemos um caminhão, do tipo pau de arara pra gente ir em cima, com os cachorros e papagaios. Isso movimentou porque animou todo mundo. Todo mundo queria fazer bonito, muito, muito bom e ficou na história e na memória. Outra coisa também, o encontro de jovens em Floriano. Nós fomos em cima de um carro e, quando chegou lá, apresentamos nosso teatro. Foi em frente da Igreja Matriz de Floriano. Apresentamos uma peça, ele fez o convite pra todos os estudantes. Inclusive, tinha gente de Teresina pra participar desse evento, o encontro de jovens estudantes. Ah! O Sete de Setembro era muito lindo. Passava um mês preparando. [...] No Colégio Comercial era destaque. Ozildo estava na frente e os professores acompanhavam. De farda, cada um queria ser mais bonito. Era uma coisa muito importante o Sete de Setembro. Lembro-me que houve um torneio envolvendo as cidades vizinhas e o comércio de Picos doou uma taça pra o time que ganhasse, e o Comercial ganhou. E Ozildo queria que eu fosse à frente. Eu lembro que eu era a Deusa, a representação de onde se originou o esporte, na Grécia. Agente estava ali representando a Grécia. [...] Durante o Sete de Setembro foi tudo sobre a origem dos jogos. Aí, Ozildo contou a história nas faixas. Na frente, eu vinha com a taça, a Deusa. Ozildo era muito criativo, o sentido maior dele era ensinar pra gente como eram os outros países, a educação, os costumes, a comunicação, as línguas. Ozildo falava três idiomas muito bem.

18) Ozildo Albano serviu de inspiração em sua atividade profissional? Como?

Na minha atividade profissional, eu me inspirei muito em Ozildo Albano. [...] Quando eu ia assistir às aulas dele, eu admirava a sabedoria, como ele dava as aulas, como era bonito, todo aquele entrosamento. Desde quando ele chegava, falava e escrevia. Aí, eu dizia: - Meu Deus, como é que a pessoa aprendeu tudo isso? Aí, eu respondia pra mim mesma, assim: - Um dia ainda eu vou pra sala de aula. Quando terminei, aqui não tinha Escola Normal. Eu

fui estudar no Crato. Ele foi um grande incentivador pra mim. [...] Ozildo ainda trabalhou comigo no Marcos Parente e no Vidal de Freitas.

19)O que representava ser professor na época em que Ozildo Albano lecionava em Picos?

Na época, ser professor representava um grande status. Era como se fosse um médico. Só ia pra sala de aula quem soubesse e quem tinha conhecimentos. Tinha que ser uma pessoa preparada. Outra coisa, o respeito à pessoa. Ozildo era muito respeitado porque além de ser professor, ele era também advogado. Ser advogado era um status muito grande.

20)Os alunos respeitavam o professor Ozildo Albano? Como era o tratamento que os alunos davam a ele?

O tratamento que os alunos davam para Ozildo era de respeito e obediência. Quando ele entrava na sala de aula, todos ficavam em silêncio. Ele fazia as perguntas, era tudo dentro do respeito. Naquela época, de casa os pais ensinavam a respeitar os professores.

21)Em que aspecto o educador Ozildo Albano se diferenciava dos professores da época em Picos?

Ozildo Albano se diferenciava dos demais pelo compromisso com a escola, com a educação, com a sociedade, com a família e com a pontualidade. [...] Ozildo se valorizava e fazia por onde ser respeitado.

22)Podemos afirmar que Ozildo Albano era um apaixonado pela educação?

Agente sentia que Ozildo era apaixonado pela educação pela maneira dele ser e por ele sempre lutar pela educação em Picos. É tanto que ele fundou um colégio, foi diretor de outro colégio. Ele tinha a profissão tão digna, a de Juiz de Direito, e ele nunca deixou a educação [...], estava sempre voltado para o magistério. Ozildo tinha amor à profissão, era um dom. Ele fazia tudo por amor, como se aquilo fizesse a felicidade dele. Ozildo se sentia feliz e agente notava. Ele saía com o livrinho dele nas mãos. Na escola, ele era o primeiro que chagava, dava as aulas e depois ia embora. Ozildo era amigo de todos, não se queixava das aulas, se fosse duas aulas, ele dava e se fosse dez, ele também dava. Ele gostava que lhe chamasse por professor. Às vezes, quando chamavam por Doutor, ele dizia: - Professor. Tinha muitos que chamavam Doutor Ozildo, aí ele dizia: - Não, professor Ozildo.

23)O que mais a senhora aprendeu com as aulas do professor Ozildo Albano?

O que mais aprendi com as aulas do professor Ozildo Albano foi agente abraçar a profissão com muito amor, porque quando agente abraça a profissão pra valer mesmo, é pra servir.

24) Com certeza, muitas coisas boas o educador Ozildo Albano deixou em cada um dos seus ex-alunos, de todos os momentos que a senhora esteve com o professor Ozildo qual momento ficou marcado na senhora?

O momento que ficou mesmo com Ozildo Albano foi quando nós terminamos o curso e ele fez uma homenagem a cada um dos alunos. Foi como se fosse uma aula da saudade. Para cada pessoa, Ozildo fez um agradecimento. Pra mim, ele disse que eu estava preparada pra seguir. E isto, ele foi fazendo com cada aluno. Contava a vida, as brincadeiras e os estudos. [...] Eu nunca vi tanta inteligência, ele contava a vida da gente todinha, o que precisava ainda fazer, o que deveria seguir. [...] Ele incentivou todo mundo a sair de cabeça erguida, tomando conhecimento de que poderia enfrentar qualquer caminho.

25) Professora Vanilda, a senhora considera que Ozildo Albano tinha ideias ousadas para a época e para o contexto de Picos? Por quê?

Ozildo pensava muita coisa boa, pensava em criar muita coisa para os jovens. Ele buscou muito a cultura. [...] Ele deixou como exemplo o museu. Ali é uma riqueza de cultura, um santuário de cultura.

26) Ozildo Albano era uma pessoa muito religiosa. Ele aplicava alguma orientação religiosa em sala de aula?

Ozildo era uma pessoa muito religiosa. Ele tinha devoção a Nossa Senhora da Conceição. Foi quem primeiro viajou para Bocaina, na véspera das festas. Ele ia sozinho, como penitência. Ele ia à noite. Ozildo iniciou essa caminhada, aí tinha o lugar de repouso, que era na Sussuapara. [...] Ele fazia esse trajeto a pé. [...] Depois dele, o pessoal foram tomando conhecimento e foram pedindo a sua companhia, foi juntando os grupos e hoje é procissão. Já em sala de aula, Ozildo não aplicava nenhuma orientação religiosa. Ele deixava as pessoas à vontade, cada um com a sua religião. [...] Ele pregava o respeito e que todos fossem livres para pregar sua religião.

27) Que mais a senhora tem para falar sobre o educador Ozildo Albano?

Ozildo Albano se eternizou aqui em Picos, não como Juiz de Direito e como advogado, mas como educador. Tem muita gente que é muito grato por ter sido aluno dele. Ozildo plantou, ele plantou a sementinha da educação em Picos. Tudo que ele fez foi em prol da educação de Picos. Tinha disponibilidade pra fazer e ele era desafiador para aquela época, que tudo era difícil. Aqui, não tinha condições, não tinha nada e ele desafiava. Esse Colégio Comercial, ele foi no comércio todo e dizia que tinha que ter uma escola comercial em Picos. E daí, os comerciantes deram as mãos.

Considerações finais:

Ozildo foi pra Fortaleza, enfrentou o vestibular estudando e trabalhando pra se manter. Formou-se em Direito e depois veio para Picos com a cara e a coragem. Ele tinha amor à profissão, mas a de educador superou muito mais.

[...] Quando Ozildo entrou pra educação, ele cresceu e se eternizou. Ninguém o conhecia por Doutor Ozildo, era o professor Ozildo Albano. E Picos ainda é muito ingrata com ele. [...] Foi Secretário de Cultura. Na época, ele pelejou, mas não teve abertura. Entregou porque não tinha suporte. Ele não podia fazer tudo só. [...] Ozildo queria mostrar os valores da terra, só que os valores adormecidos. [...] Ozildo sempre foi humilde, o que eu achava mais bonito nele era a humildade e a simplicidade. Ele tinha muito pra mostrar, ele tinha a riqueza da cultural. [...] Ele dizia: - Meu nome não é minha roupa é meu caráter. [...] Ele não dormia sem ler um livro. Ele era amigo de todos os momentos. [...] O nome dele, ele sozinho fez, a marca dele. [...] A cultura dele, a sabedoria. Ele era muito inteligente e tinha a sabedoria de Deus. Ozildo tinha uma espiritualidade muito forte. Quando ele via uma pessoa em situação diferente, ele chegava e resolvia tudo. [...] As famílias todas conheciam o Ozildo, ele visitava e o respeitavam. Ele era advogado. [...] Ele tinha uma sabedoria muito grande. Deixou aí o museu. [...] Ele visitava essa região toda e, às vezes, a pé. Ele nunca quis carro e é porque ganhava bem. [...] Ele conquistou esse museu todo de doações. É eterno, está lá.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Olívia da Silva Rufino Borges
Data da entrevista: 18 de novembro de 2016
Local da entrevista: Residência da entrevistada
Data de nascimento: 19 de abril de 1934
Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro
Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro
Data da transcrição: 20 de novembro de 2016

APÊNDICE N - ENTREVISTA COM OLÍVIA DA SILVA RUFINO BORGES

1) Qual o nome completo da senhora?

Olívia da Silva Rufino Borges

2) Onde a senhora nasceu e quando?

Nasci no dia 19 de abril de 1934 no Povoado Coroatá distante de Picos 18 quilômetros, mas morei a vida toda aqui, desde os dois anos.

3) Qual a sua formação escolar?

Eu fiz o Ginásio de Picos que foi a minha Universidade. O Ginásio chegou a Picos depois de muita luta. Eu, na 2ª turma, e Ozildo Albano na 1ª turma. Eu fiz a Escola Normal Oficial de Picos e entrei na 1ª turma. Foi um estudo de excelência, pode-se dizer.

4) Como era a cidade de Picos entre os anos de 1950 a 1980? Como era viver em Picos neste período?

Ozildo Albano chegou primeiro do que eu aqui em Picos, em 1930. Eu era mais nova apenas quatro anos. A gente se encontrou na igreja, que era o lugar essencial das pessoas mais idosas, mas também, das crianças. A sociedade picoense era tangida e mantida pelo coronelismo. Os coronéis mandavam, naquela época. Uma cidade coronelista. E o coronelismo é como fogo de monturo, quando a gente pensa que não, ele aflora de novo. Você pode olhar que aqui tem coronéis, jovens coronéis. Então, a gente vivia aqui numa cidade pobre, onde meia dúzia de coronéis e seus apaniguados governavam e o restante trabalhava, trabalhava quando achava em que por que aqui, para você ter uma ideia, eu morava na Rua Santo Antônio e Ozildo Albano morava lá numa casa da família, de frente a minha casa, também criança. E Ozildo Albano vivia ali e eu também. A gente pegava alguma coisa

que vinha do interior, das roças e ia dá para o pessoal na primeira favela da cidade de Picos, na Rua do Arame. Era um bocado de casinha tudo emendadas, de taipa e buraco para todo o lado, uma segurando a outra, para não cair. Ficava depois da Rua do Cruzeiro, um pouquinho mais, começava aquela ruazinha estreitinha, no rumo da ponte, que era só o que tinha do lado de lá. Não tinha nada pra lá, não, a não ser o ponto de convergência onde tinham as casas dos cabarés, que eram muito animadas, muito bonitas. De longe, a gente via as casas caiadas, bonitas. Então, a gente foi criança aqui em Picos e a diversão mais importante era o circo, quando aparecia, isso nas décadas de 1940. Em 1950, já chegou o Ginásio Picoense com muita luta e nós começamos a trabalhar e a tentar modificar um pouco o ambiente. O ponto significativo foi o coreto da Praça Félix Pacheco, a praça foi feita ainda na década de 1940, por Bertinho Santos e tinha um coreto que tinha retretas, aos domingos e às quintas-feiras. Domingo, logo depois da missa, de manhã, e quinta-feira à noite foi quando a gente aprendeu a dançar e também era o nosso centro de convenções onde a gente se sentava para anunciar de tudo, reclamar de tudo, fazer questão de tudo. E dali é que nasceram as ideias de como a gente iria ajudar a cidade, de como que a gente podia intervir um pouco naquele comando de um grupo pequeno, pra todos os outros pobres que viviam nesta cidade, que passavam fome e necessidade e não tinham nada. E o obscurantismo político e social não deixava nem criar escolas, pois se soubessem lê iriam dá trabalho. Então, os coronéis gostavam mais que se ficassem analfabetos, na palavra deles. E Ozildo Albano foi uma pessoa que veio para modificar alguma coisa, veio para acrescentar alguma coisa. E nós andávamos sempre juntos, eu e o Ozildo. Ozildo Albano lia muito e eu também, especialmente a história francesa e a gente aprendeu o que é liberdade, a gente aprendeu um regime social bem mais livre, que tenha voz, que todo mundo tenha voz. Então, a gente aprendeu muito com a história francesa, com a Revolução Francesa, e nós sempre andávamos juntos e onde a coisa era perigosa, eu tinha uma lição, que era do meu pai, que dizia: - se não deixarem você passar, você tenta pelo lado, se não puder, você passa por cima. Ozildo Albano vivia sempre atrás de mim e dizia: - Calma, calma. Mas, a gente sempre andava juntos, combinava tudo. [...] Quando o Ginásio Picoense começou em 1950, por que foi ali, passou em 1949, mas começou em 1950 por obra e graça do Prefeito de Picos, porque o governador dizia que não podia, não tinha o que fazer. Então, o Prefeito de Picos fez, o Celso Eulálio. E, aí, quando a gente entrou no Ginásio Picoense nós tínhamos um grupo, porque nós deixamos de ser uma voz isolada para sermos um grupo, no Ginásio Picoense. Nós, eu e o Ozildo, começamos na Cruzada Eucarística que teve aqui. Ali, foi que nós passamos de sujeitos passivos para agentes da sociedade picoense. E a gente descobriu o que era, pela primeira vez na cidade de Picos, uma união, uma espécie de sindicato, onde a criançada também decidia, onde a criançada que ficava lá na igreja, também tinha voz. E, no Ginásio Picoense, aí não, já era uma voz um pouco mais clássica, mais competente e arrazoada até chegar o Jornal Flâmula, que a gente trabalhou, fez peças teatrais e fez a rainha dos estudantes, para arrumar o dinheiro para comprar a tipografia. E, aí, o Ozildo Albano foi para Recife para comprar a tipografia. Ozildo chegou com a tipografia e demorou, porque ele também foi aprender a manusear. Quando começou aqui o Jornal Flâmula, Ozildo era editor, fazia a correção final, manejava as máquinas.

Ozildo Albano fazia de tudo e eu fazia a limpeza. Tudo no Jornal passava pelo crivo de Ozildo Albano. Agora, a turma era coesa, unida, muita gente, o Alfredo Albano, Luís Alencar, Odonel, todo mundo ajudava.

5) No poema “Recado a Ozildo Albano” há uma passagem que diz que em Picos “o progresso chega de pouquinho, e o que cresce é feio e em desalinho, e que a tristeza do povo tem razão”. Dona Olívia, que progresso é este que estava chegando a Picos?

O progresso que estava chegando à cidade de Picos e que eu pontuo no poema, Recado a Ozildo Albano, era o que precisava e não chegava e o que não era necessário que chegava para alguns e outros não. Esse progresso era o progresso que José Nunes de Barros começou com a galeria do Morro da Mariana e foi esquecido lá. Esse progresso é aquele que o Prefeito Oscar Eulálio começou a fazer o esgoto sanitário, ao redor do antigo Hospital São Vicente, pois a sujeira era demais, contaminava tudo e tinha febre amarela devido à sujeira e, aí, parou com o término do mandato dele. Quando o Doutor José Nunes entrou, aí, ele fez o esgoto sanitário, rodeando o Morro da Mariana. Ali, justamente onde era mais necessário, desceu a Avenida e fez o emissário para tratamento de águas, ali depois da Casa Borges. Ele fez tão bem feito, pra quando a água chegasse ao Rio Guaribas, já chegasse tratada, mas ainda hoje está lá.

6) Junto com o progresso, chegavam a Picos alguns objetos para a modernização da sociedade Picoense? A senhora se lembra de alguns deles?

As coisas foram se modernizando em Picos, aos pouquinhos. Nós tínhamos uma iluminação aqui de 6:00 horas às 9:00 horas, na usina elétrica velha mantida a lenha. [...] Uma luzinha fraca. Depois, o próprio Francisco Santos, que era um coronel, ele construiu a feira em 1929. Ele arranhou um locomóvel movido a óleo diesel pra melhorar a iluminação da cidade. Então, me parece que a partir de 1951, não sou muito ligada a datas, a cidade já tinha luz de 6:00 às 11:00 horas através de um motor a óleo. [...] A chegada de veículos, muito pouco. Tinha o jeep de Vicente Rodrigues, morava ali perto da igreja e tinha a fubica de Divino.

7) Quais as atividades culturais que existiam em Picos nas décadas de 1950 a 1980?

Das atividades culturais que existiam em Picos, lembro-me de alguns bailes, de um baile no fomento agrícola que foi criado aqui, há muitos anos, no junto. [...] naquele tempo, tinha tertúlias em casa de família que a gente convidava pessoas especiais e a gente ia dançar. Até quando finalmente apareceu o Picoense Clube. Era muito discriminatório. [...] Depois, a gente aprendia a dançar no coreto da Praça Félix Pacheco, ainda menina e, no Ginásio Picoense, a gente apresentava alguma coisa da cabeça do Ozildo Albano ou da minha. No Ginásio Picoense, a gente apresentava festas de aniversários, festas cívicas, nós fazíamos também o 7 de Setembro e findava a noite na Praça Félix Pacheco. [...] O circo, que era uma coisa importantíssima, muito influenciou na cidade. [...] Nós tínhamos aqui o Cine Guarani, ali onde fica a

farmácia de Dona Iná. Foi criado por Alberto Monteiro. Eu assisti a filme mudo lá. Depois, ele arrendou o cinema para João Aprígio Bezerra que tinha um filho que estudava na primeira turma do Ginásio. [...] Aí, ele modernizou um pouco, mudou o nome do Cine, [...] mudou a abertura com a ópera o guarani, antes era o tico-tico no fubá.

8) A senhora me disse que Ozildo Albano ainda chegou a ser professor da senhora no Ginásio Picoense? Quais as lembranças que a senhora tem deste período quando ele lecionou na 2ª turma do Ginásio Picoense? A senhora lembra das disciplinas que ele lecionou?

Ozildo Albano era meu irmão, a gente se tratava praticamente como irmãos, a gente era compadre, ele era padrinho do meu filho. Ele era amigo de todo mundo aqui na minha casa. A gente só andava juntos por aí e fazíamos danação, eu mais do que ele, é verdade. Ozildo dizia: - Calma, aí. Então, Ozildo dava aulas, aliás, muito bem. A gente até dizia: - Podia ficar. Às vezes, o professor viajava e Ozildo ia substituí-lo. Mas a gente dizia que seria bem melhor que ele ficasse dando aulas.

9) Como eram as aulas do professor Ozildo Albano?

As aulas do Ozildo eram um misto de história, talvez um pouco romântica, sobre o assunto, por que geralmente ele dava aulas de francês quando o Doutor Acelino Leite saía, pois ele tinha aulas de francês, inglês e latim lá no Ginásio Picoense. E Ozildo Albano, às vezes, ia dá aulas no lugar de Doutor Acelino Leite. E, aí, Ozildo entrava pela história francesa que o tempo passava e a gente nem percebia. E, aqui e acolá, nos ensinou a cantar a Marselhesa, o Hino Oficial Francês. E ensinou assim: Allons enfants arrivé/ Contre nous de la tyrannie/ L'étendard sanglant est levé. Ozildo ensinou a Marselhesa todinha e o Hino Americano quando ele ia dá aulas de Inglês. Tudo Ozildo introduzia a língua com a história. Era a maneira moderna, bonita, boa e gostosa. E a gente assistia a uma aula que nem hoje não tem.

10) Dona Olívia, durante aquele período em que Ozildo Albano esteve lecionando para os alunos da 2ª turma do Ginásio Picoense, o que ficou dos ensinamentos que ministrava em sala de aula para vocês?

Não sei se a coisa é bem minha, mas o que ficou muito dos ensinamentos de Ozildo Albano foi que o professor não pode chegar à sala de aula com o assunto duro em si, como se fosse um dicionário. O professor tem que influenciar, tem que puxar de dentro do aluno o interesse para aquilo que se vai fazer, por que se o professor vai começar com a raiz do que vai dá, o interesse dobra ou triplica. Apreendi para o resto da minha vida com aquelas aulas de Ozildo. A gente opinava, dava as opiniões, brincava um pedaço, fazia uma piada a respeito, aí, ele brincava, ria e dizia: - Vamos, aqui.

11) Os alunos respeitavam o professor Ozildo Albano?

Os alunos respeitavam Ozildo demais, principalmente porque ele tinha ideias fabulosas. Ozildo tinha ideias que influenciava a gente, mas porque eram ideias boas.

12) Além do Ginásio Picoense, a senhora se lembra do nome de outras escolas em que Ozildo Albano ensinava em Picos? Se sim, quais?

Quando Ozildo Albano era aluno do Ginásio Picoense, ele substituíra os professores esporadicamente. Depois, eu ouvi falar que ele deu aulas no Colégio Comercial de Dorinha Xavier. Posteriormente, criou uma escola com a irmã dele, o Instituto Padre Anchieta, quando retornou de Fortaleza. Foi até ele quem plantou aquele pé de oiticica na Praça Félix Pacheco, ainda está lá. Ozildo Albano foi com os alunos do Instituto Padre Anchieta plantar a árvore na Praça Félix Pacheco. [...] Quando Ozildo Albano foi para o Ginásio Marcos Parente, depois que ele voltou e que saiu da justiça, de ser Juiz de Direito, Ozildo foi pra lá. Ozildo era um professor polivalente, o que fosse preciso ele ministrava.

13) Quando Ozildo Albano lecionou em Picos ele já tinha passado pela experiência de criação de um jornal, pela experiência dos estudos no Seminário em Teresina, pela formação jurídica em Fortaleza dentre outros. Em meio a esta formação humanística do Ozildo Albano, qual foi o ganho que a educação picoense teve durante os anos em que Ozildo Albano lecionou em Picos?

Durante os anos em que Ozildo lecionou em Picos, a educação teve um salto qualitativo e quantitativo. Só pra ter uma ideia, no dia em que Ozildo Albano morreu em Picos, no bolso da camisa tinha um papel, tirado de lá, estava escrito assim: - Doutor Ozildo, por favor, a minha filha em Teresina, estudante de engenharia, pede ao senhor que a oriente no assunto tal em lembrança e recordação do que o senhor já ensinou para ela, do que o senhor já deu para complementar seus estudos na Universidade em Teresina. Ela solicita ao senhor que mande alguma coisa sobre esse assunto. [...] Só pra ter uma ideia do quanto valeu o trabalho de Ozildo Albano em todo lugar. Eu tenho fotos no meu livro a gente sentado, em reuniões, palestras, a gente fazia palestras e cantava depois.

14) Dona Olívia, eu tenho notícias de que Ozildo Albano era uma pessoa muito culta. Quais os caminhos que Ozildo trilhou para ter chegado à condição de intelectual picoense?

Para chegar à condição de intelectual, Ozildo Albano navegou mais do que o navegante Português dos descobrimentos dentro dos livros. Primeiro, como garimpeiro, Ozildo mergulhou no passado, muita intimidade com os Gregos, os filósofos Gregos. Ozildo foi além, bebeu neles. Mas, a coisa dele maior foram os que estavam bem mais a frente, que eram os franceses. Ozildo bebeu por lá tudo. E, também, como um astronauta, Ozildo corria atrás do futuro, do mundo que hoje ele não chegou, no tempo dele pra nós. Para o tempo dele, Ozildo já entendia o mundo globalizado. Ele já estava por dentro, um vanguardista. Aqui, em casa, a gente conversava. Ele vinha jantar e agente já conversava coisas e os outros aqui enjoavam.

15) Tenho notícias também de que Ozildo Albano lia muito. A senhora mencionou para mim que ele lia alguns clássicos da literatura nacional e clássicos de outros países. Quais livros influenciaram Ozildo Albano na sua formação intelectual?

Dentre os livros que influenciaram Ozildo Albano na sua formação intelectual encontra-se o Vitor Hugo, René Descartes, Cícero, o Rui Barbosa, Ozildo sabia de ponta a ponta, ele gostava de Machado de Assis, [...] da literatura francesa, francamente eu não sabia como ele conseguia tanto livro. [...] Alexandre Dumas, o Conde de Monte Cristo, os miseráveis, que era o livro da cabeceira dele, os três mosqueteiros, todo livro da literatura francesa, romance, filosofia, ele tinha tudo.

16) Ozildo Albano conseguiu juntar a intelectualidade à simplicidade. Como Ozildo conseguiu associar estas características caminhando pela docência e simultaneamente pela advocacia e, posteriormente, pela magistratura?

Como Ozildo Albano conseguiu juntar a intelectualidade e a simplicidade era coisa da natureza dele. Mas, Ozildo andava de alpercata, calça e camisa listrada, de manga curta, não era camisa de mangas compridas. Quando Ozildo morreu, vestiram ele com uma roupa preta, elegante, de acordo com o contexto. Aí, eu disse a Conceição: - Dá um jeito de tirar essa roupa de Ozildo e veste a camisinha listrada dele. Ozildo Albano era a pessoa mais simples desse mundo.

17) A senhora afirma no livro “Picos nas anotações de Ozildo Albano” que Ozildo, a senhora e o Elízio Serafim formavam um grupo de seresta, era o Trio Acadêmico. Quando surgiu? Por que o nome Trio Acadêmico? De quem foi a ideia de montar o Trio Acadêmico?

Ozildo Albano, eu e o Elízio Serafim formamos o primeiro trio de seresta da cidade de Picos. O nome trio acadêmico não fomos nós que colocamos, foram os professores. Nós éramos três professores. Então, botaram o nome trio acadêmico. Enquanto Ozildo não estava lá ainda, eu já estava no ginásio. Eu cantava para alegraras festinhas do ginásio com o Fogoió. Aí, depois que Ozildo Albano chegou ao ginásio, naturalmente que nós íamos cantar, nós dois. Aí, nós chamamos o Elísio Serafim, que cantava muito bem e trabalhava lá também. Elízio chegou depois de nós. Em 1971, o trio já estava formado. Foi o primeiro trio de seresta da cidade de Picos. Nós começamos no ginásio para alegrar as festinhas. Depois, nós já íamos para a missa, aniversários, bodas de prata, de ouro, a agenda era cheia. Eu não posso te garantir se a ideia de montar o trio acadêmico foi minha ou de Ozildo. O objetivo deste trio acadêmico era alegrar as festinhas da escola, lá do ginásio. Eram as festinhas cívicas que a gente fazia, hasteava a bandeira, eu cantava o hino nacional. Ali, nós íamos cantar terra virgem, uma música que fala do Brasil, “Oh, meu Brasil, para aumentar a tua glória”, nós três cantávamos, cantávamos aquarela do Brasil, essas músicas mais metidas a cívicas. A música que Ozildo mais gostava era “Ontem ao luar”: Ontem, ao luar/ Nós dois em plena solidão/ Tu me perguntaste o que era a dor de uma paixão/. Era a música de abertura do nosso grupo. Quando a gente ia cantar nas festas por aí, abria sempre com esta música.

18) Tenho notícias de que Ozildo Albano tinha a intenção de lançar dois livros “A história cronológica de Picos” e “Geografia Pitoresca de Picos”. Alguma vez Ozildo comentou dessa sua intenção?

Eu sei que Ozildo Albano estava fazendo dois livros. Um era a História Cronológica de Picos, que ele tinha o material; o outro, a Geografia Pitoresca de Picos. Eu vi muito, eu li muito. Ozildo vinha todo dia aqui para jantar. Mas, no sábado, eu me escondia lá. No sábado, era o dia do movimento do povo, minha casa era um horror. A gente ficava lá, eu tocava um pouco de violão e, às vezes, cantava as músicas antigas. Ozildo era apaixonado pelas músicas de Orlando Silva. E agente se reunia lá no museu. Eu li a História Cronológica, Ozildo tinha bilhete de compra de escravos, cartas, cartas de Amarantes para Jaicós do coronel fulano de tal mandando para coronel fulano de tal em Jaicós, mandando de presente a negra fulana com o negrinho sicrano. Ozildo tinha cartas e tinha datas antigas de coisas. Ozildo estava fazendo um mapeamento para lançar esse livro. A Geografia Pitoresca eram causos, vamos dizer, de gente de Picos como louco José Borges, ele tinha coisas interessantíssimas, o Manuel Ourives, [...] a doida Solidade que andava arrumada como as mulheres da sociedade, as brancas davam colares antigos que não queriam mais usá-los, pulseiras, fivelinhas de cabelo. Era a doidinha que foi morta a tiros por Evilásio Dantas, ele foi brincar com ela e atirou, tinha outros, [...] Cruzeiro Dez que apareceu aqui em Picos. Essas histórias pitorescas de Picos sempre tinha um cadeado, um lance de sair de uma e entrar na outra. Li muito, não era um contoquinho aqui e outro ali, não, era uma maneira que Ozildo fazia de falar da terra, do rio, do povo. Por exemplo, Pedro Beiju era um cara fortão, um negão forte, um touro, carregava coisa pesada. [...] Ozildo contava o caso de Pedro Beiju que ia trazendo uma porca imensa, nos ombros. Mas, se falasse em Beiju, ele virava o cão. [...] Era coisa que Ozildo tinha, das histórias pitorescas, tinha coisas assim.

19) Profª Olívia, quando as pessoas fazem alusão a Ozildo Albano dizem que ele era uma enciclopédia viva que tínhamos em Picos. Por quê?

Ozildo Albano se chamava enciclopédia ambulante porque ele estava na rua e diziam: - Ei Doutor Ozildo, olha, fulano está dizendo isso assim, aquilo, eu não estou acreditando. Aí, Ozildo explicava se era verdade ou se era mentira. Se a coisa não era certa, ele explicava ali na hora.

20) Podemos afirmar que Ozildo foi um dos nossos maiores arautos da cultura picoense? Por quê?

Vultos da cultura picoense nós tivemos como Coelho Rodrigues, Fontes Ibiapina, tivemos muita gente boa aqui. Mas, eu quero lhe dizer que Ozildo foi o maior de todos na divulgação, no armazenamento da cultura picoense. Ozildo Albano foi o maior deles todos, para divulgar, armazenar e deixar de herança para o povo picoense.

21) A senhora considera que Ozildo Albano era dotado de um senso de missão em relação aos seus conterrâneos pela visão épica de mundo e pelo incremento de elementos civilizatórios na sociedade picoense? Por quê?

Ao mesmo tempo em que podia ser uma missão, era uma célula da natureza de Ozildo Albano. Muito mais do que uma missão que ele tinha em relação aos seus conterrâneos, [...] era um prazer, um gosto, um amor, vamos dizer, era uma coisa, uma célula de amor que ele tinha, que queria fazer por que isto dava a ele uma plenitude do que ele queria fazer, um legado para deixar para quem precisasse depois.

22) Profª Olívia, com o legado deixado por Ozildo Albano, a senhora considera que ele influenciou na formação identitária do cidadão picoense? Por quê?

Tentar, Ozildo Albano tentou deixar um legado. Picos, como eu lhe disse, tem essa cultura coronelista aqui e é como fogo de monturo, quando se vê, é de cultura, é de raiz. É difícil conseguir remover, está lá, não é como uma moda que eu visto uma roupa hoje e passa. Depois, amanhã eu já posso usar outra que já é outra moda. É uma coisa de raiz e é uma raiz duríssima.

23) A senhora acha que o intelectual Ozildo Albano tinha um discurso modernizador para Picos? Por quê?

Ozildo Albano tinha especialmente não apenas um discurso modernizador para Picos, mas uma escrita, uma ideia de inovação que talvez ele não tenha conseguido chegar até onde queria, mas a raiz ele deixou.

24) Ozildo foi o nosso guardião da memória picoense. Por que Ozildo Albano tinha esta preocupação em garimpar documentos, fotografias, garimpar fatos pitorescos de Picos, imagens, dentre outros?

Ozildo Albano foi o nosso guardião da memória. Foi uma das coisas mais importantes daquela natureza dele, um negócio que ele queria escavar tudo. Ozildo visitava essas grutas em São José do Piauí, ele visitava no Cristovinho. [...] Ele olhava tudo para vê como é que era. Nesta hora, Ozildo se preocupava com a formação rochosa e com o acervo. Ele tinha medo de perder.

25) Em 1983, Ozildo foi nomeado Secretário de Cultura de Picos. Quais as lembranças que você tem deste período em que Ozildo Assumiu esta secretaria? A nomeação de Ozildo Albano se deu por indicação política ou pela própria notoriedade que ele possuía? O que Ozildo conseguiu colocar em prática durante este período?

Ozildo Albano foi Secretário de Cultura nomeado por Abel de Barros Araújo, em 1983. Abel entendeu que Ozildo era a pessoa mais capacitada para ocupar esse cargo. Então, Ozildo foi para lá e ficou ali na Prefeitura velha. Deram uma sala para ele. Eu ia quase toda tarde, eu levava pasta lá da Câmara Municipal porque eu era vereadora. Eu arrumava umas pastinhas, papel, alguma coisa para ele, porque lá não tinha nada. Tinha uma máquina de escrever, duas cadeiras, um armariozinho ali para botar as coisas e Chiquinho da Ipueiras era o secretário. Assim mesmo, Ozildo fez o levantamento do aspecto representativo de Picos na parte de cultura e arte. Por exemplo, na construção dos italianos, a casa de Doutor Fonseca. Ali, ele já fez, já achava que devia ser patrimônio, que não devia mexer muito, o

cruzeiro ele fez o tombamento, a casa de Coelho Rodrigues lá no Boqueirão, a Serra da Atalaia, tombamento dos pontos históricos de Picos. Ozildo sempre falava de tudo, os planos dele, eu tinha. Quando eu andava lá, a gente conversava muito. Ele também fez a foto de cada prefeito, a galeria dos prefeitos. Até quando ele esteve lá, ele fez, com data, com mais ou menos os dados de cada um que ele tinha. Aí, um dia, ele me disse que quando eu viesse eu trouxesse os dados do orçamento do ano para ele vê para saber o que ele podia fazer. A galeria de prefeitos ele fez por conta dele, com o dinheirinho dele. Ele disse que estava tentando. Ozildo queria envolver a cidade, a educação de Picos, a escola num movimento mais sólido, com teatro, ele disse lá o que queria fazer. E isso, ele precisava de um pouco de sustentação financeira. [...] Foi um desafio para ele. Aí, eu levei para ele, ele pediu. Aí, quando foi a outra vez que fui, ele disse:- Isto aqui é pra você, a pasta com todos os planos dentro da Secretaria de Cultura. O que já fiz e os ofícios. [...] Ele disse que ia voltar lá para a escola que precisavam dele. Aí, ele voltou para o Ginásio.

26) Ozildo engajou-se, juntamente com outros amigos em trazer um jornal para Picos. Para tanto, trouxe de Recife uma tipografia e em 1952 nasceu o Jornal Flâmula. Qual o impacto que teve para o cidadão picoense a circulação de um jornal na cidade de Picos?

Aqui em Picos, o primeiro jornal era da família Leitão, o jornal político de 1907, o Aviso, era o nome do Jornal. Depois, teve um jornaleco que o próprio Alberto Nunes junto com Valdemar Santos, uma turma, fez a Ordem. A Ordem também era um jornal político. Pra lhe dizer, o impacto maior que causou com a criação do Jornal Flâmula é que era uma criação dos filhos da terra e que não era político, mas informativo, combativo, esclarecedor, escrito pelos seus filhos, sobrinhos, afilhados. Quem tinha um sobrinho no Ginásio Picoense dizia orgulhosamente que o mesmo estudava no Ginásio de Picos, isso era importantíssimo. Então, esse Jornal Flâmula a gente fez em maio de 1952, o Ginásio só tinha dois anos quando nós lançamos o jornal. Flâmula era bem aceito, o pessoal comprava, a gente ia entregar nas portas, naquele tempo. Todo mundo lia e todo mundo queria. De tal modo que todo mundo lia e queria dá uma opinião, ajudar em alguma coisa, justamente porque o Ginásio Picoense era bem acolhido.

27) Ozildo foi gerente da gráfica e o responsável pela impressão do jornal Flâmula. O que objetivava Ozildo com a criação deste jornal em Picos?

O jornal Flâmula foi um veículo de comunicação para acordar o povo picoense e dizer que podiam falar e que a opinião do povo valia. Na época, pra gente impedir que o Ginásio Picoense fosse fechado, nós tivemos que fazer o enterro simbólico de uma pessoa de família aqui e que a gente não queria ferir a família. Ora, mas tenha a santa paciência, por que queriam fechar o nosso Ginásio Picoense. Então, nós fizemos o enterro do moço e repercutiu na rua, a igreja entrou pelo meio, todo mundo, mas nós fizemos. Isso, pra fazer um protesto desse tipo, era uma coisa que feria a nossa consciência, vamos dizer, mas impedir de fechar o Ginásio Picoense, valia muito mais.

Então, nós fizemos. E não tinha como dizer para o povo por que estávamos fazendo aquilo, mas o povo compareceu, o povo nos apoiava, a Praça Félix Pacheco ficou cheia de gente, diziam que estávamos certos. Queriam fechar o Ginásio, mas isso era um discurso que a gente fazia. Não tinha um rádio pra dizer, nada. A gente só teve que dizer no meio da rua, da praça, no nosso centro de convenções, o coreto, porque estávamos fazendo aquilo. Então, o pessoal começou a entender, começou a apoiar. Então, o que se faz? Tinha que ter um jornal e dizer ao povo por que estávamos fazendo isto ou aquilo e, também, dizer ao povo que mande o recado.

28)Então, Ozildo Albano teve um papel fundamental junto ao Jornal A Flâmula?

É claro. No começo, ele era tudo. Primeiro, nós nos sentamos lá no coreto da Praça Félix Pacheco e Ozildo Albano tinha a ideia, mas todo mundo seguia logo. Precisávamos fazer o Jornal. [...] Então, Ozildo tinha essa ideia e todo mundo seguia. Daí, o que a gente fez? Era preciso arrumar o dinheiro. Então, nós fomos apresentar a peça para ganhar o dinheiro. Doutor Severo era nosso empresário. Colocou em Teresina e fomos apresentar. [...] Na emancipação política de Itainópolis, nós fomos apresentar a peça teatral, o avarento, lá em Itainópolis, como ponto alto da festividade de emancipação política da cidade. Tudo para o Jornal.

29)Qual o papel de cada personagem nesta peça O Avarento?

O meu papel era o mais difícil da peça, fora o do Avarento, é claro. O Avarento era Odonel Castro Gonçalves, que era da minha turma do Ginásio, irmão de Quinca Cristino. Ele era um cara de mais de dois metros, os ombros largos, os braços compridos que passavam dos joelhos. Olha, ele era uma figura marciana. Ele foi o Avarento ideal e bom ator, competente. O meu papel, eu me chamava Frosina. Eu era a intrigante da corte. Aquela que corria pro Avarento, negociava e corria pra corte e, também, fuxicava. O meu papel era difícilimo, era o mais difícil fora o dele. [...] O Ozildo Albano dirigia, dizia o que era que faltava e como fazer. Ozildo era o diretor da peça.

30) A senhora considera o Jornal Flâmula um dos principais elementos civilizatórios introduzidos na sociedade picoense. Por quê?

Depois do Ginásio Picoense, a Flâmula foi um dos nossos principais elementos civilizatórios introduzidos na sociedade picoense. Pra você vê, eu sou uma pessoa que não sei resumi tanto. Pra comprar a tipografia para fazer o jornal, nós tivemos que trabalhar, nós apresentamos uma peça teatral do francês Moliere, o avarento. Uma peça importantíssima, bonita, francesa e polêmica, que nós adaptamos um pouco. [...] Ozildo Albano era o diretor e o produtor. Ele escrevia a parte de cada um e a gente ensaiava na casa de Doutor Severo, para ele fazer a crítica, pra vê se realmente aquilo estava bom. E, nós todos, tínhamos conhecimentos da Revolução Francesa. E aquilo pra mim e Ozildo foi mão na roda. Nós vivíamos lendo as coisas da França e sabíamos até, assim, os chistes, os ditados, a maneira de falar.

31) O museu de Ozildo é nosso símbolo de civilização. Qual o impacto que o museu teve na vida do cidadão picoense?

O impacto do museu para a sociedade picoense é que era preciso acordar e dizer: “Ei, venham aqui, aqui vale a pena o Ozildo deixou para vocês, não ignorem”.

32) Qual foi a missão de grandeza deixada pelo intelectual Ozildo Albano em Picos?

A missão de grandeza deixada por Ozildo Albano foi o da alma, dos sentimentos, dos pensamentos, de amor ao próximo, de amor à cultura, de se importar com este mundo, de patriotismo. Ozildo deixou a lição de amor a terra, de preocupações com as gerações vindouras, esta foi a maior grandeza que ele deixou porque, segundo ele me disse uma vez, e eu sempre anotava quando ele ia embora, ele me disse: - Ninguém é, a gente se faz. Ozildo dizia que a geração futura depende do que a nossa jovem geração fizer hoje. O que você fizer hoje você dá de presente ao futuro para o jovem do futuro. E ele dizia: - O que nós estamos fazendo hoje, comprando essa tipografia, fazendo um jornal e cuidando para que o povo picoense tenha este ginásio, vai servir. [...] Então, a história de Ozildo foi essa.

33) Ozildo Albano era uma pessoa que reunia, ao mesmo tempo, a vocação de pesquisador, historiador, memorialista, colecionador, folclorista, artista musical, jurista, dentre outros. Como Ozildo conseguiu lidar com tudo isto em uma cidade interiorana do Estado do Piauí?

Ozildo Albano tinha muitos amigos fora daqui, que é o que eu atribuo de quem ele conseguia os livros. E livros que chegavam aqui já usados. A gente sabia que aquilo dali tinha sido comprado em sebo. Não se tinha tanto dinheiro e não se tinha a comunicação como se tem hoje. Ozildo Albano foi comprar a tipografia em Recife e demorou muito para chegar. Então, eu disse que a preocupação que ele tinha com a França era tanto, que ele já tinha embarcado em um navio para lá. Na época, não tinha telefone, não tinha nada.

34) Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao intelectual Ozildo Albano?

Ozildo Albano era um cara polivalente. Ele era um pensador de múltiplas ideias, múltiplos caminhos que todos se encontravam naquele ponto “x” que se chama educação e cultura.

35) Como Ozildo Albano conseguiu implantar uma cultura civilizatória num interior do Estado do Piauí levando-se em conta que temos uma tradição enraizada ainda no coronelismo?

Ozildo Albano teve um pouco de êxito e nós tivemos juntamente com ele, porque nós começamos batendo forte. Nós fizemos um enterro simbólico daquele moço e passamos na porta. [...] Aquilo em Picos foi uma coisa que repercutiu. Se fosse hoje, já estava na imprensa nacional, [...] um protesto estudantil de abrangência. Meu pai veio do interior para assisti, o meu pai fazia o que eu pedia. E nós fizemos aquilo batendo na cabeça da cobra. Nós começamos foi por aí. E isso foi que nos ajudou a ter voz ativa. Se a gente não tivesse começado assim, tinha fechado o Ginásio Picoense e tinha deixado para abrir somente 10 ou 12 anos depois, como foi o que aconteceu com a Escola Normal Oficial de Picos.

36)Em 1964, Ozildo era juiz de direito, professor e diretor do Ginásio Francisco Suassuna de Melo, em Pio IX. Na ocasião, realizou um Pastoril com um grupo de pastorinhas que chamou a atenção do cidadão de Pio IX. Ozildo chegou a organizar um pastoril em Picos?

Eu não me lembro de Ozildo Albano ter organizado um pastoril em Picos. Eu sei que Ozildo sabia, até escreveu para mim. Eu não me lembro da melodia, mas Dona Conceição, a irmã dele, sabe. A família fazia o pastoril. [...] O pastoril se referia ao nascimento de Jesus, o natal, com as roupas características da ocasião e as músicas.

37)Ser juiz de Direito em qualquer município é uma responsabilidade muito grande, pois o jurista deve está vinculado ao nosso ordenamento jurídico brasileiro. Como a sociedade picoense via o Ozildo Albano juiz de Direito?

Quando Ozildo Albano voltou para Picos, depois de Jaicós, ele foi ser advogado aqui dos pobres. A sociedade ficou de cima, um advogado muito bom, especialista e que não cobrava coisa nenhuma. [...] Ele não gostava de advogar, mas eu o obrigava a ser advogado para meu povo aí. Ele não cobrava nada, não.

38)Ozildo foi advogado em uma época em que havia poucos advogados em Picos. Quais as representações do advogado Ozildo Albano para a sociedade picoense da época?

Primeiramente, Ozildo Albano já era filho da terra, quer queira quer não ele já foi menino aqui, já correu atrás da banda aqui. [...] De modo que aqui ele já era uma pessoa de casa e ele se fazia tão presente, tão fácil de ser abordado. Daí, não era tão difícil a sociedade encontrá-lo para saber de alguma coisa, pedir algum favor.

39)Profª Olívia, Ozildo Albano era muito religioso? Ele frequentava as missas em Picos?

Ozildo Albano era religioso. A princípio, ele queria ser padre e passou um tempo. De repente, alguma coisa, alguma atitude, algum gesto, alguma coisa que ele viu da própria igreja, ele se afastou da ideia de ser padre. Mas, a fé, ele sempre teve, morreu com ela.

40) Podemos afirmar que os valores católicos preservados por Ozildo Albano teve influência na sua formação humanística? Por quê?

A formação humanística de Ozildo foi uma construção. Eu acredito que aquilo era coisa dele mesmo. Ele era católico, amava a Virgem Maria e era muito chegado com as coisas de Deus, não tanto com a igreja depois que ele saiu do seminário. Ozildo Albano ia a missa, não faltava. Mas, a gente notava que a fé dele era dele, lá de dentro, não é porque a família praticou, não. Nós sabemos que Picos teve uma época que era 100% católica. [...] Ozildo era de uma família religiosa, amava a Deus e especialmente a Virgem Maria. Era uma paixão pela Virgem Maria e ele era praticante, de muita atenção para com os irmãos. Ele era um verdadeiro católico que eu posso chamar, mas não tanto pela influência da própria igreja. O período do seminário foi um marco na vida dele, porque ali ele aprendeu o latim no seminário em Teresina. Ozildo Albano chegava a Picos vestido de batina.

41) Ozildo Albano era conservador ou liberal? Ou, liberal-conservador?

Eu nunca tinha me botado para pensar o Ozildo liberal, conservador ou uma mistura. De acordo com as nossas leituras e a nossa maneira, nosso comportamento, [...] a nossa maneira de fazer as coisas, eu acho que Ozildo nem era conservador e nem liberal. Nós nos tratávamos como evolucionistas, alguém que quer evoluir, alguém que quer sair do casulo, do status quo. [...] Ozildo tentava tirar o povo de Picos de trás daquela barricada que tinha entre os grandes analfabetos e até os pobres que existiam e que não adiantava saber de alguma coisa, pois não podiam falar. No caso, Ozildo tentava. Ele aprendeu tanto com as coisas dos outros países, com a ideia de liberdade, igualdade e fraternidade, que ele precisava buscar o povo por detrás dessa trincheira que o coronelismo armou aqui, na frente dele que ninguém passava pra cá.

42) Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. Como foi para a senhora perder um dos seus maiores amigos?

Com a morte de Ozildo, pela primeira vez na vida eu dei um escândalo. Dona Maria de Jesus me ligou do Hospital dizendo que Ozildo estava lá, passando mal. Eu já nem pude dirigir. Olivete, minha filha, foi me levar e quando fui entrando encontrei com Cleomar que me disse: - Acabou de morrer. Eu disse: - Isso é mentira. E entrei lá na sala onde ele se encontrava deitado numa maca. Nada ali que podia servir para salvar a vida dele. Uma maca sem forro, sem nada e ele estava ali. Eu gritando, escutavam minha voz de longe. Eu gritando e dizendo: - Acorda Ozildo, acorda Ozildo. [...] Ele foi deste jeito.

43) Voltando ao poema “Recado a Ozildo Albano”. Há uma passagem que diz “Perdemos nós, a memória e o arquivo”. Qual o recado do eu-poético para a sociedade picoense?

Com a morte de Ozildo Albano, nós perdemos a memória e o arquivo. Perdemos porque se ele estivesse aqui, quanta coisa mais ele não havia armazenado até agora, quanta coisa ele teria conseguido mudar, caminhado para frente. Quantos degraus a gente não já teria, quem sabe, apesar de tudo subi na ideia de cultura e educação?

44) Há um discurso corrente que diz que “Picos é Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos”. Como a senhora interpreta isto?

Eu acho que é literalmente o que dizem sobre Ozildo Albano. Ou seja, Picos é Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos. A terra amada é Ozildo e a sociedade sem memória pode esquecer, pode chegar um tempo que ninguém nem fale mais disso aí.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Nome do entrevistado: Raimunda Fontes de Moura

Data da entrevista: 10 de novembro de 2016

Local da entrevista: Residência da entrevistada

Data de nascimento: 25 de novembro de 1947

Nome do entrevistador: Welbert Feitosa Pinheiro

Nome completo do transcritor: Welbert Feitosa Pinheiro

Data da transcrição: 11 de novembro de 2016

APÊNDICE O - ENTREVISTA COM RAIMUNDA FONTES DE MOURA

1) Como é o nome completo da senhora?

Raimunda Fontes de Moura

2) Onde a senhora nasceu e quando?

Eu nasci no dia 25 de novembro de 1947 na localidade Lagoa Grande no povoado de Picos.

3) Qual a sua formação escolar?

Eu iniciei meus estudos aos 8 anos de idade. Eu morava no interior e já entrei na escola cursando o 1º ano, no Grupo Escolar Coelho Rodrigues em Picos. Depois, eu fiz o ginásio no Marcos Parente e concluir em 1966 e ingressei na Escola Normal Oficial de Picos e concluir em 1969.

4) Como era a cidade de Picos entre os anos de 1960 a 1988? Como era viver em Picos neste período?

Em 1960, após as enchentes, Picos ganhou uma nova roupagem. Vamos dizer, em termos arquitetônicos. As casas eram construídas de uma forma muito simplória. E, logo após as enchentes, começaram a surgir casas bem mais sofisticadas. A arquitetura mudou muito. Uma cidade provinciana, muito pacata que a gente podia ficar até a madrugada nas calçadas brincando, os pais colocavam esteiras nas calçadas e, ali mesmo, com a vizinhança como se fosse uma grande família. [...]

5) Quais as atividades culturais que existiam em Picos entre as décadas de 1950 a 1980?

Nas décadas de 1950 a 1980 vivenciavam-se mais as danças tradicionais. Em janeiro, principalmente a partir do dia 06, começava o reisado. Tirava o reisado de porta em porta nos terreiros. Era uma grande festa. Então, era Moisés, um descendente afro. Ele dizia: - Essa história de dizer que negro não é livre, quem disse que negro não é livre, mesmo sem a princesa Isabel, seríamos livres de qualquer forma, porque temos a África no sangue e vivenciamos a nossa cultura. Moisés, ele tinha o reisado e tinha outros grupos também que ele participava de candomblé, nos terreiros chama-se macumba. [...] Era uma pessoa carismática que morava no Bairro Trizidela. Ele vivenciava as danças do São Gonçalo, já tinha outra origem, mas ele participava.

6) A senhora se lembra de algum símbolo de progresso e de conforto que chegaram a Picos nas décadas de 1950 a 1980?

O símbolo de progresso que chegou aqui em Picos, nesta época, foi através do Sargento Demerval. Ele modificou, trouxe e dinamizou a juventude. Então, ele colocou a Sorveteria Líder e passamos a conhecer o sorvete. O cine Líder, que era mudo, a princípio. Era um Cine mudo, onde é hoje a farmácia de Dona Iná. A gente assistia Charles Chaplin, Zé Arigó. Aí, depois, veio o cinema falado. Já passou a sofisticar mais e, depois, o Cine Spark. [...] Havia um coreto na Praça Félix Pacheco, realizavam-se as retretas, havia uma banda de música que tocava quando tinha os festejos do novenário, durante o dia após a missa das 9:00 horas. Iam tocar na Praça Félix Pacheco e, também, no período cívico, que era o desfile de 7 de Setembro, estava lá a banda. [...] A gente passeando e deliciando com os sorvetes lá. Depois, veio a sorveteria Apolo 11, que foi na época que o homem foi a lua, por isso que colocaram o nome da sorveteria. Chegaram os veículos e muitas outras mudanças foram acontecendo. Depois dos anos 1970, foi uma efervescência cultural, social e política. Mudaram muito os costumes com a chegada do 3º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção). Mudou até a forma social de moda que as mulheres trouxeram. Existia uma discriminação dos pais que não queriam que as moças, suas filhas, tivessem contato com as mulheres que vinham do Projeto Rondon. Eles diziam que eram mulheres muito pra frente. Elas eram emancipadas, na realidade. Elas usavam roupas mais decotadas, mais curtas, pintura muito forte. Elas usavam batom. Elas tinham uma maneira de ser diferente. Inclusive, passaram a usar o short que a gente não usava short. Mulher, na época, não usava short. Elas usavam o Jeans. Trouxeram muita moda, muita coisa para Picos. Muitas mudanças na maneira de se comportar e de ser. Mas, por outro lado, trouxeram uma visão que foi a importância do estudo. Assim, eles abriram muitos espaços para o jovem aprenderem através das palestras, de cursos preparatórios. Eu fiz vários cursos pelo Projeto Rondon, curso de culinária, de moda, de prendas domésticas.

7) Como esses objetos ajudaram na modernização da sociedade picoense?

A cidade de Picos foi se modernizando aos poucos, através da cultura que foi sendo introduzida na sociedade picoense, além desta parte de moda e de investimentos nos estudos. Tanto o 3º BEC quanto o pessoal do Projeto

Rondon procuraram dá muita ênfase a cultura local. Então, Ozildo Albano era o pivô, era a atração. Tudo era com Ozildo Albano. Ozildo recepcionou muito bem, tem até uma parceria de Ozildo com o Jornal “O Macambira” e o Projeto Rondon. E eu era uma pessoa que gostava de novidade e sempre gostava de estudar. Foi aí quando eu passei a ter mais contato com o Ozildo Albano apesar de que eu já tinha desde o ano de ginásio em 1963, porque a gente tinha dificuldade de encontrar figuras, gravuras, pesquisar em jornais, e aí, Ozildo fornecia isto pra gente na casa dele, na Avenida Coelho Rodrigues. Na residência dele, Ozildo nos recebia e trazia muitos jornais, Revista Cruzeiro, Manchete. Então, essas revistas traziam essas novidades pra gente. Pois, naquele tempo, não tinha xérox, não tinha nada. E, quando Ozildo tinha repetido, ele deixava até a gente recortar para ilustrar nossos trabalhos. Ozildo fornecia todo esse subsídio que a gente queria de pesquisar através de jornais, tudo isto era Ozildo.

8) Depois que Ozildo se forma em Direito em Fortaleza retornou a Picos e abraçou o magistério como escolha profissional. O que levou Ozildo a abraçar o magistério?

Ozildo Albano tinha muito conhecimento é tanto que ele recebia vários cognomes. Era biblioteca ambulante, baluarte da cultura, garimpeiro da memória de Picos, enciclopédia ambulante. Então, como Ozildo Albano era uma pessoa de muito conhecimento, ele não queria ficar só pra si, ele queria expandir o conhecimento. Ele tinha o pedagogo dentro dele.

9) Quais as representações em torno do educador Ozildo Albano em Picos?

Ozildo Albano apesar de ser uma pessoa muito simples, simples demais, distinto na maneira de falar, era o comportamento dele, todos respeitavam a sabedoria que existia nele. Ozildo Albano era uma referência, o que ele falava em termos de história, ele tinha um domínio muito grande da língua portuguesa, do latim, da literatura, Ozildo tinha este domínio. Então, ele era o mestre, passou a ser considerado como mestre. Todas as atividades sociais se voltavam para Ozildo Albano. Toda dúvida que se tinha, diziam: - Vamos procurar ao mestre Ozildo. Daí, ele passou a ser professor no Marcos Parente, ocupou as cadeiras de Educação Moral e Cívica, OSPB e, depois, passou a trabalhar com o ensino médio que, na época, era o científico, que passou a funcionar onde funcionava a Escola Normal Oficial de Picos, na Rua Santo Antônio. Ozildo Albano tirava dúvidas, dava aulas, palestras para quem procurava. Quando tinha uma representação política, quem ia receber? Quem era que fazia o discurso? Era Ozildo Albano. Ele tinha esse dom, ele era um filósofo também.

10) Quando Ozildo Albano lecionou em Picos, ele já tinha passado pela experiência de criação de um jornal, pela experiência dos estudos no Seminário em Teresina, pela formação jurídica em Fortaleza, dentre outros. Em meio a esta formação humanística do Ozildo Albano, qual foi

o ganho que a educação picoense teve durante os anos em que Ozildo Albano lecionou em Picos?

O ganho que a educação picoense teve durante os anos em que Ozildo Albano lecionou em Picos é tipo assim, um valor que não se pode medir, nem quantificar os valores imateriais. Ozildo Albano era de uma grande espiritualidade, qualquer pessoa que conheceu e conviveu com Ozildo Albano tem muito do que falar, do que ele representou como homem culto, homem sábio. Mas também, de sua grande espiritualidade. Ozildo tratava qualquer pessoa de igual e ele sempre tinha uma palavra amiga e de conforto para alguém. Ozildo tinha um lado também que ele era muito cômico e fazia a gente sorrir. Ozildo não deixava ninguém triste, quando ele chegava, na hora do recreio, ele vinha para a roda da sala dos professores, ele chegava e tudo transformava em piada. Era muito interessante, qualquer coisa ele dava uma conotação cômica, não tinha como não sorrir. Era uma pessoa muito bem humorada.

11) Há um discurso corrente em Picos que as aulas do profº Ozildo Albano eram críticas e contextualizadas. Volvendo o olhar para o passado, qual o salto qualitativo e quantitativo que tivemos quando Ozildo Albano esteve frente à educação picoense?

A princípio, quando Ozildo Albano começou a lecionar, houve um certo receio por parte dos políticos, dos poderosos, porque Ozildo tinha uma visão muito crítica, social e política e, isso, não era bom, né, para a classe dominadora. Mas, aí aquele impacto que teve com Ozildo, como ele dosava as aulas dele, ele mostrava a história em si, contextualizava e mostrava o que era realmente real na história, os desvios da história e, isto, gerava uma certa insatisfação, mas Ozildo Albano conseguiu liderar porque o alunado todo queria ele como professor e, outra coisa, não tinha um substituto para Ozildo Albano, para a altura dele. [...] Essas pessoas que tiveram o privilégio de ser aluno dele, de assistir as aulas dele, de certo que muita coisa se abriu na mentalidade deles.

12) A senhora se lembra do nome das escolas em que Ozildo Albano ensinava em Picos? Se sim, quais?

Ozildo Albano lecionou no Ginásio Marcos Parente, no Vidal de Freitas e, também, em Dorinha Xavier, na Escola Comercial de Picos. Na Escola Normal Oficial de Picos, Ozildo não foi professor das normalistas. Ele era professor dos alunos que faziam o científico, que funcionava no prédio da Escola Normal.

13) Ozildo Albano conseguiu juntar a intelectualidade à simplicidade. Como Ozildo conseguiu associar estas características caminhando pela docência e simultaneamente pela advocacia e, posteriormente, pela magistratura?

Ozildo Albano conseguiu juntar consigo a intelectualidade e a simplicidade. Se fosse hoje se diria que Ozildo era o cara. Eu lembro uma vez que eu encontrei com Ozildo na descida do alto da igreja e vinha um senhor que

disse: - Eu já procurei, eu precisava tanto... Este senhor era um pesquisador, um professor. Ele vinha do lado de Goiás, ele era também um escritor [...] tinham contado para ele que aqui em Picos tinha um museu e não tinha encontrado Ozildo Albano, o professor Ozildo. Eu disse: - Ele está vindo bem ali. Ele disse: - Quem? Mas, eu estou procurando é o professor, que já foi Juiz de Direito, o Ozildo. Eu disse: - Pois é aquele que vem bem ali. Ozildo vinha bem simples, com currulepa, um traje bem simples. [...] Ele disse: - Mas... É aquele moço ali. Respondi: - É, pois vamos até ele. Daí, ele conversou com ele, desceu com Ozildo e ele ficou, assim, como quem não estava acreditando. O museu já estava funcionando na Rua São Francisco. [...] Ele disse para Ozildo que estava esperando encontrar um moço de terno, todo de gravata, uma pessoa muito formal, né. [...] Aí, Ozildo disse pra mim que ainda levou-o para a feira.

14) Podemos afirmar que Ozildo Albano era um apaixonado pela educação? Por quê?

Ozildo Albano era um apaixonado pela educação porque ele era um pedagogo nato. Ele era um grande educador. [...] Ele lecionava as disciplinas de OSPB, Educação Moral e Cívica, História e Português.

15) Profª Mundica, quando as pessoas fazem alusão a Ozildo Albano dizem que ele era uma enciclopédia viva que tínhamos em Picos. Por quê?

Ozildo Albano era uma enciclopédia viva porque ele tirava as dúvidas de todos e qualquer assunto de ciência, de biologia, das descobertas científicas, Ozildo Albano era o primeiro a tomar conhecimento porque ele lia muito. Ozildo era um grande leitor, ele devorava livros. Ele tinha o hábito de lê e indicar para as pessoas. Eu li muitos livros dele, eu só vivia lá no museu. Um dia eu disse: - Ozildo, eu acho que você já me enjoou, eu só vivo aqui no museu te perturbando. Ele disse: - Pra mim, é um prazer, mundiquinha, você já é uma peça viva do museu. Ele era como se fosse um grande irmão, eu tinha um carinho por ele e ele tinha um carinho comigo. Ozildo tinha o prazer de emprestar livros para as pessoas. [...] Tinha também um outro lado de Ozildo, é que ele reciclava tudo, naquela época. Ozildo já tinha o espírito ecológico, de reciclar as coisas, de aproveitar. Então, tudo que se jogava fora, aqueles papéis que se passava no mimeógrafo, que borrava e ficava o outro lado, ele fazia um caderninho e fazia todos os rascunhos dele, Ozildo aproveitava e também ele mandava encadernar para dá para as crianças que não podiam comprar cadernos, de escolas carentes, do Grupo Escolar. [...] Iam sempre buscar, tinham várias pessoas que buscavam lá, lápis, borracha e caderninho, que ele comprava uma porção de caderninhos, quando não tinha os caderninhos, ele comprava folha almaço, que se chamava de pautada, e mandava costurar e dava para as pessoas que não podia comprar.

16) Podemos afirmar que Ozildo foi um dos nossos maiores arautos da cultura picoense? Por quê?

Podemos afirmar que Ozildo Albano foi um dos nossos maiores arautos da cultura picoense porque toda a história de Picos, todas as nossas raízes culturais, nós só tomamos conhecimento de sua existência através das

pesquisas de Ozildo Albano. Ozildo garimpou as raízes culturais nossa, em termos de danças, folguedos, toda essa questão cultural das ceramistas, das que faziam as bonequinhas de artesanato de feira, as que trabalhavam com artesanato de palha, de couro, tudo isto ele pesquisou e incentivava. Inclusive, Ozildo foi o idealizador do Grupo Mutirão Arte e Cultura. Ele era o nosso líder [...]. Ozildo queria resgatar toda essa história, trazer à tona, porque estava esquecido, era o pastoril, o São Gonçalo, essas danças mais antigas, ele queria resgatar, trazer. Então, através do Grupo Mutirão Arte e Cultura nós conseguimos levar esses grupos para apresentações na Praça, faziam exposições artesanais de couro, de palha, de madeira, de cerâmica e as pessoas vendiam seus produtos. Era uma feira linda que a gente fazia. Aí, participava Albano, eu, Dona Olívia, José Osvaldo, Erivan Lima, Ozildo Batista de Barros, Belinha, a irmã de Ozildo Batista de Barros, Vilebalde. Eram muitas pessoas que integravam. Então, a gente mantinha um recital, na praça, Eraldo Santos lançou um livro e outros que lançaram livros também, naquela época. Vilebalde declamava os poemas, José Osvaldo também, Dona Olívia e todos nós fazíamos essas apresentações, nessas feiras culturais.

17) A senhora considera que Ozildo Albano era dotado de um senso de missão em relação aos seus conterrâneos pela visão épica de mundo e pelo incremento de elementos civilizatórios na sociedade picoense? Por quê?

Ozildo Albano realmente queria ser um missionário, só que ele antes pensou que seria um missionário religioso. Ele foi para o convento e um dia eu até perguntei: - Por que, Ozildo, você não continuou, você tem tanto de franciscano, de frade?. Ele era um frade franciscano. Ozildo tinha muito essas características. Aí, eu perguntei: - Por que você não continuou? Ele disse: - Por que a gente se prende muito nas hierarquias e eu queria ser um missionário mais livre para eu caminhar, garimpar, para eu ir atrás das coisas que queria e ter mais contato com o povo. Aí, eu disse: - Pois é, então, você tem características também de um político. Mas, jamais Ozildo queria se candidatar. É tanto que os políticos de Picos temiam que Ozildo se candidatasse e se transformasse numa grande liderança política e derrubasse o poder deles. Quando eles viram que Ozildo não iria tomar o poder deles, eles deixaram Ozildo ser livre para dá as aulas como ele gostava de dá. O que eles temiam era que Ozildo tomasse a liderança política deles, mas Ozildo nunca quis ingressar na política.

18) Profª Mundica, com o legado deixado por Ozildo Albano, a senhora considera que ele influenciou na formação identitária do cidadão picoense? Por quê?

Ozildo Albano influenciou na formação identitária de muitas pessoas. Inclusive, o amigo Ozildo Batista de Barros recebeu o nome dele, em homenagem a Ozildo Albano. A mãe de Ozildo Batista era muito engraçada. Ela era uma pessoa que questionava até os padres. [...] O nome dele não era

Ozildo Albano, era José Albano de Macedo, porque o padre não aceitou colocar Ozildo. Aí, a mãe de Ozildo Batista de Barros disse: - Ah! Pois o meu filho vai se chamar Ozildo e o padre vai colocar. [...] Ozildo Batista foi um grande frequentador do museu e grande leitor, Ozildo Albano emprestava os livros porque ele não podia comprar livros, na época. Ele era estudante e Ozildo Albano emprestava para ele.

19) Quem fazia parte da rede de sociabilidade de Ozildo Albano?

A rede de sociabilidade de que Ozildo fazia parte era a nata, como se dia, na época. Era constituída pelos que tinham poder aquisitivo, pelos políticos, que era Helvídio Nunes, Pascoal Santos, Dr. Valdinho. Essas pessoas tinham muito respeito por Ozildo Albano, muita amizade por Ozildo. As moças da sociedade tinham muito respeito e amizade por Ozildo. Agora, ele tinha também com a outra classe. Ele tinha amizade com todas as pessoas. É tanto que ele, às vezes, saía em peregrinação para pesquisar as coisas no Bairro Trizidela, nesses bairros aí, ele tomava cafezinho por lá. Aí, diziam: - Lá vem Doutor Ozildo, prepara um cafezinho que ele gosta. E Ozildo tinha uma casa que ele sempre gostava de ir, a casa de Dona Olívia, que era professora. Ela foi como uma irmã para ele, a Dona Iná. Essas pessoas tinham muita identificação de amizade com Ozildo Albano. As moças de Picos, da sociedade confiavam nele. Às vezes, elas até contavam os segredos amorosos, essas coisas de casais que estavam em atrito. Ozildo era até conciliador de brigas de família, de atritos por herança. Uma vez ele disse para mim que já tinha entrado em muita coisa, assim, intriga conciliatória de herança. [...] E Ozildo entendia das leis, na época, e ele dominava essa parte de herança. Ozildo era muito bom em inventário.

20) A senhora acha que o intelectual Ozildo Albano tinha um discurso modernizador para Picos? Por quê?

Ozildo Albano tinha um discurso modernizador para Picos. Inclusive, ele pensou muito na preservação histórica de Picos, do que restou da parte arquitetônica do tempo colonial. Ozildo defendia muito isso. Ele dava matéria em jornal, entrevista em que ele falava que como seria bom se as pessoas preservassem os sobradinhos, os bangalôs. Pois, já não existem mais. O sobradinho que tinha aqui era de Doutor Antenor, que era uma casa de andar. Então, os bangalôs do senhor Aluísio Lima, pai de Luisa Helena, perto dos correios, o de doutor Valdir, que era bangalô. Na mudança da arquitetura, que era uma casa redonda que tinha uma área na frente, né, que as pessoas sentavam pra bater papo à noite, os bangalôs. Tinha o bangalô da família dos monteiros, que ainda resta um pouquinho, porque demoliram uma parte do bangalô, né, ali na confluência da Rua Santo Antônio com a Rua São José. Outra coisa que Ozildo defendia muito era o bem da Igrejinha Coração de Jesus. Ele não queria que descaracterizasse a Igrejinha, pois foi um marco inicial da população picoense, a célula mater começou ali. [...] Muitas vezes entrava político querendo modificar, aí, Ozildo entrava na briga, como foi o caso de tirar o coreto da Praça Félix Pacheco. Ele não gostou, ele fez críticas, muitas críticas. [...] O paredão que ele defendia. Toda essa cultura que foi dos italianos. Defendia que jamais deveriam descaracterizar a Igreja Matriz, os vitrais, as torres em estilo gótico, o altar da Igreja Matriz, o altar-mor foi

insculpido em madeira em estilo colonial, e foi talhado em madeira pela família Albano, o pessoal do senhor Zequinha Albano, pai de Conceição Albano [...] mas terminou se descaracterizando depois.

21) Ozildo foi o nosso guardião da memória picoense. Por que Ozildo Albano tinha esta preocupação em garimpar documentos, fotografias, garimpar fatos pitorescos de Picos, imagens, dentre outros?

Ozildo Albano foi o nosso guardião da memória picoense. Ele tinha uma visão muito ampla, ele era um sábio. Ozildo se interiorizou assim: “Se eu não fizer isto, vai morrer a história de Picos, ninguém vai fazer”. Porque a cidade de Picos, de repente, passou a ser uma cidade mais capitalista e não cultural. E, por isto, que Ozildo tinha muita, muita ligação e não perdia os festejos da cidade de Oeiras. Ele se identificava muito com a cultura de Oeiras. Ozildo deixou muitos amigos por lá. Ele ia muito pra Oeiras, porque em Oeiras ainda hoje se vivencia aquela cultura, aquela tradição cultural deles, as raízes e Ozildo sentiu isso, que a cidade de Picos iria perder isto, sua identidade histórica e cultural, porque, na realidade, se não fosse Ozildo a gente não teria conhecimento da História de Picos porque ele arquivou documentações pra comprovar que existiu e documentações que não tem em outro museu por aí afora. Então, como era que os futuros historiadores iriam ter uma visão da história, se ele não tivesse uma fonte. Então, Ozildo era essa fonte, por isso que ele pensou em tudo isso aí. A preocupação dele era deixar tudo isso para as futuras gerações pesquisar, conhecer a história.

22) Ozildo Albano tinha uma visão épica de mundo. A que se deve este campo de visão elástico que ele tinha no tocante aos inúmeros aspectos do social?

A visão épica de mundo que Ozildo Albano tinha deve-se a inteligência dele. Ele era uma pessoa dotada de inteligência e também ele tinha muita iluminação, devido ao fato dele ser muito religioso e espiritual. Ozildo tinha uma devoção com o coração de Jesus, sagrado coração de Jesus. Quando a gente ia para o interior, eu fui muito com Ozildo porque ele adorava caminhar. A gente ia para a localidade Vaca Morta, a gente ia para a localidade Tanque, que é onde tem as raízes do pessoal dos Albanos. A gente ia muito pra lá, na época junina e tudo. A gente ia a pé, que é depois do cemitério. E Ozildo ia cantando o Hino do Coração de Jesus. Ele era muito religioso e tinha uma fé. Inclusive, foi ele que iniciou a caminhada a pé para a cidade de Bocaina e se tornou tradição. E como cresceu.

23) Em 1983, Ozildo foi nomeado Secretário de Cultura de Picos. Quais as lembranças que você tem deste período em que Ozildo Assumiu esta secretaria? A nomeação de Ozildo Albano se deu por indicação política ou pela própria notoriedade que ele possuía? O que Ozildo conseguiu colocar em prática durante este período?

Quando Ozildo Albano assumiu a Secretaria de Cultura de Picos, ele começou a resgatar a história política de Picos porque não existia. A

Prefeitura Municipal de Picos não tinha o registro, a memória. Então, Ozildo fez as fotografias dos antigos políticos, na época. Daí, ele fez a galeria de prefeitos que os outros deram continuidade. Ozildo começou a fazer este histórico lá. [...] A indicação dele foi por notoriedade, não foi por questões políticas, foi por unanimidade. Não teve nenhuma rejeição quando deram o cargo de cultura para ele. Ozildo era a pessoa ideal para continuar com essa pasta. Eu ainda acompanhei o Ozildo e levamos a exposição de Picos, da cultura picoense, para colocar naquelas feiras culturais em Teresina. Aí, teve uma época que ele adoeceu e quem foi, foi o Albano que o substituiu, mas ficou toda aquela organização e eu fui. Depois, quando ele adoeceu, ele me nomeou para substituí-lo na cultura. Ai, eu fiquei um tempo ajudando, que era no tempo do Prefeito Abel de Barros Araújo. Então, até o Prefeito Abel, a cultura tinha mais espaço, não existia dinheiro, não tinha verbas diretamente. Mas, o que se propunha a fazer, Ozildo dizia: - Vamos fazer, vamos fazer, vamos levar esta feira para Teresina. Aí, conseguia. Quando houve mudança, veio pessoas diferentes e tudo, Ozildo não teve afinidade e daí, ele simplesmente pediu afastamento, ele não quis mais ser Secretário de Cultura.

24) Há notícias de que Ozildo Albano quando assumiu a Secretaria de Cultura defendia e propagava a ideia de que fossem tombados, como patrimônio histórico-cultural o prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues e o prédio da Prefeitura Municipal de Picos. Por que Ozildo tinha esta preocupação de tombamento quando catalogou os prédios públicos e privados da cidade?

Quando Ozildo Albano assumiu a Secretaria de Cultura de Picos, ele tinha a preocupação com o tombamento do patrimônio histórico-cultural da cidade, porque ele começou a vê os desmoronamentos de toda História de Picos, dos prédios antigos. Aí, o que é que iria restar?. O Grupo Escolar Coelho Rodrigues, o primeiro, o marco inicial na formação de muitas pessoas importantes de projeção no cenário político-educacional, não só de Picos, né. Aí, Ozildo se preocupou com o Grupo Escolar Coelho Rodrigues por que ia terminar sendo demolido. Ele já tinha essa preocupação. [...] O prédio da Prefeitura Municipal de Picos, o prédio da Igrejinha Coração de Jesus que também fosse tombado como patrimônio histórico.

25) Em conversas informais com amigos e ex-alunos do Ozildo Albano destacam que ele era um apaixonado pelo folclore e tinha por preocupação a preservação da nossa cultura popular. Por quê?

Ozildo Albano foi fundo nas nossas raízes folclóricas. Ele, mesmo jovem, tinha uma maturidade de conviver com pessoas idosas que passavam para ele toda essa história do pastoril, do São Gonçalo, do reisado, do folclore. Ozildo se identificava muito com isto. Ele era uma pessoa muito popular. [...] Ozildo viu que a cultura popular estava, aos poucos, sendo esquecida e tinha receio de que um dia isso seria extinta.

26) A que se deve o comprometimento ético de Ozildo com a educação, com a advocacia, com a magistratura, com a memória e demais atividades que exercia em Picos?

Ozildo era uma pessoa muito ética. Ele sabia de muitas histórias, de segredos de Picos, de muitas coisas e ele não repassava para ninguém, nem para os pais dele, isto é formação também. Ozildo já nasceu com esta índole, de honestidade. Ele era uma pessoa muito honesta.

27) Qual a visão que Ozildo tinha da sociedade picoense?

Ozildo Albano sonhava com uma sociedade mais coesa, única e que não tivesse divisões. Mas, ele mesmo classificava que tinha na sociedade a da “nata” e da “borra”. O pessoal que fazia parte da “nata”, ele dizia: - Nós somos da nata. Aí, Ozildo, tinha vez que ele era irônico, quando [...] um integrante da nata passou a namorar uma pessoa da borra, que não era tão de tradição, aí, ele dizia: - A nata agora se juntou com a borra, vamos vê qual a química que vai dá aí.

28) Profª Mundica, a senhora considera que Ozildo tinha ideias ousadas para a época e para o contexto de Picos? Por quê?

Ozildo Albano tinha ideias ousadas para a época e para o contexto da cidade de Picos. Assim, de ter uma Prefeitura voltada para suprir as carências do povo, em termos de educação, saúde, por que ele era muito caridoso. Uma coisa que Ozildo sonhava era em ter um presídio digno, pois ele dizia: - Este presídio não é digno. Aí, eu dizia: - Mas, Ozildo, eles não são dignos, eles estão presos, eles não são bandidos? Na minha visão, quer dizer, uma das coisas que Ozildo me ajudou muito foi quebrar muitos preconceitos que eu tinha, eu tinha muitos preconceitos. Ozildo quebrou os tabus e preconceitos que eu tinha. Eu dizia: - Ozildo, porque você fica imaginando isto? Ele dizia que a cadeia não era digna para esses pobres coitados. Eu dizia, então: - Mas, eles foram assassinos, ladrões, eles merecem está ali mesmo, está ideal para eles. Ele dizia: - Não, não tem espaço suficiente para eles. Então, Ozildo preparava o natal dos prisioneiros e eu fui várias vezes com ele. Meu pai brigava muito e dizia que eu estava me arriscando e que lá tinha uns prisioneiros, bandidos perigosos de Teresina. Daí, Ozildo conseguia os donativos para fazer a ceia dos presos, no natal, e do dinheiro dele também. Ozildo levava o padre para celebrar a missa, para confessar os presos que queria. Foi quando eu conheci que lá não só tinha pessoa ruim, não, tinha pessoa que chegou a matar por circunstância da vida. Então, Ozildo me fazia enxergar isso. Era eu, Ivan, tinha um bocado de pessoa do grupo que levava. Ozildo oferecia a ceia aos prisioneiros, ele quando sabia que tinha preso que não tinha o que comer, não tinha roupa, ele doava. Ele dizia que ali não tinha espaço para os presos, tinha que ter um espaço para eles jogarem bola. Ozildo dizia que eles iriam morrer ali, de tanta depressão, tudo junto ali, fechadinhos, onde é hoje a cadeia feminina, era perto do museu dele. Era uma estrutura muito escura mesmo, feia, muitas celas, praticamente no barro, não tinha um piso adequado. [...] Então, Ozildo sonhava, assim, uma mudança que os políticos viessem a fazer. [...] Ozildo tinha essa visão de mudar muitas coisas, de modernizar, por exemplo, a cadeia tinha de ter um

espaço maior e também ele dizia que devia ter umas salas de aula para alfabetizar, porque tinha muitos presos que eram analfabetos, para alfabetizar, ensinar a lê. [...] Ozildo mandava jornais para eles lerem lá, revistas para lá. [...] Ozildo dizia que aquelas pessoas ou iriam morrer de doença que adquiririam por lá ou, quando saíssem, não sairiam recuperados.

29) Quando se fala em Ozildo Albano, os picoenses sempre fazem alusão ao Museu. O que motivou Ozildo a criar um museu em Picos?

Ozildo Albano via as coisas antigas se acabando, a História de Picos. Aí, ele começou a coletar o que ninguém dava valor, peças que estavam sendo jogado fora. As pessoas quando passaram a morar em casas sofisticadas, começaram a desfazer, a jogar fora os objetos. Daí, Ozildo dizia: - Ah! Você não quer, não, pois me dê que eu quero. Então, falavam, assim, pra ele: - Pra que você quer isto, Ozildo, não vai servir pra nada. Ele dizia que iria servir para o museu dele. Começou na casa dele, daí, foi crescendo. A gente ia lá olhar as coisas, aquelas peças antigas, o moedor de café, tudo era manual, na época, a máquina de costurar, as vitrolas, era engraçado as vitrolas, muitas coisas. Ele começou a juntar.

30) O museu de Ozildo é nosso símbolo de civilização. Qual o impacto que o museu teve na vida do cidadão picoense?

O museu é uma motivação para se conhecer a História de Picos, para conhecer coisas do passado, porque a cidade de Picos não tem mais nada. Não tendo o passado, não existe um povo. Se não fores no museu, você não conhece nada do nosso passado. E tem aquelas pessoas que dizem: - Ah! Lá tem alguma foto do meu bisavô. Daí, vão lá conhecer e vê. Pessoas que desfizeram até de fotografias, jogaram fora, fotos em preto e branco, aquelas coisas. Peças que foram de bisavôs. Vem gente que mora em Brasília, Rio de Janeiro e outros Estados. Vem, porque sabe que em Picos tem um pouco da história da família deles, vêm para conhecer.

31) A consciência jurídica, educacional e cultural que Ozildo tinha destoava de muitos dos seus conterrâneos. Percebe-se que ele estava pautado em princípios civilizatórios. Em que aspecto estes princípios civilizatórios ajudaram o picoense na sua caminhada aqui em Picos?

Os princípios civilizatórios introduzidos por Ozildo na cidade de Picos tiveram influência na vida do cidadão picoense, na formação educacional, na sua postura. Tem muitas pessoas aqui que conviveram com Ozildo e passaram a ter uma nova visão das coisas. [...] Hoje, se você falar com qualquer pessoa que conheceu o Ozildo, eles tem muito respeito para com ele.

32) Qual foi a missão de grandeza deixada pelo intelectual Ozildo Albano em Picos?

Ozildo Albano tinha uma visão tão mesclada de tudo. [...] Era um homem ecológico, filósofo, educador, missionário. Quer dizer, era um homem sábio, um homem completo. [...] Ozildo se preocupava com a questão ecológica. Ele começou a coletar peças ecológicas, pedras. Ozildo fazia coleção de rochas minerais.

33) Ozildo Albano era uma pessoa que reunia, ao mesmo tempo, a vocação de pesquisador, historiador, memorialista, colecionador, folclorista, artista musical, jurista, dentre outros. Como Ozildo conseguiu lidar com tudo isto em uma cidade interiorana do Estado do Piauí?

Ozildo Albano conseguiu lidar com toda grandeza que ele tinha devido ao fato dele ser uma pessoa abnegada e muito paciente também. Então, Ozildo persistia no que ele queria. Ele conciliava, ele era uma pessoa calma. Se a gente for estudar o Ozildo, a pessoa que não o conhecia, dizia, então, que ele era uma pessoa hiperativa. [...] Mas, Ozildo conseguiu conciliar tudo. Ele centrava no seu objetivo e conseguia conciliar tudo.

34) Ozildo tinha consigo uma universalidade de olhares sobre a sociedade em que estava inserido. Que conceito, se é que podemos conceituar, podemos atribuir ao intelectual Ozildo Albano?

Ozildo Albano era um homem com uma visão futurista. Ele estava além do século dele. Mas, ele conseguiu transpor essa barreira que existia do século que ele deveria ter nascido. Pois ele estava muito além, devido à sabedoria dele; e ele conseguiu trazer para a realidade dele, da vivência dele e Ozildo viveu como homem do século futuro, naquele espaço dele. Ele conseguiu conciliar, centralizar ali, como homem sapiens.

35) Ozildo foi um intelectual que potencializou o meio em que estava inserido através de elementos frutos da razão humana. Quais foram às resistências que Ozildo encontrou quando ele se propôs a introduzir elementos civilizatórios em Picos?

Muita gente dizia que Ozildo Albano tinha tudo para ser uma pessoa rica e, no entanto, ele queria ser pobre. Ele gostava de pobreza. [...] A resistência maior encontrada por Ozildo foi quando ele começou a ser professor, quando começou a abrir a mente dos alunos e os políticos tiveram medo de perder o espaço para Ozildo Albano, teve esse receio. Mas, depois, eles passaram a vê Ozildo apenas como aquela pessoa que era historiador, um pesquisador.

36) Em 1964, Ozildo era juiz de direito, professor e diretor do Ginásio Francisco Suassuna de Melo, em Pio IX/PI. Na ocasião, realizou um Pastoril com um grupo de pastorinhas que chamou a atenção do cidadão de Pio IX. Ozildo chegou a organizar um pastoril em Picos?

Ozildo Albano chegou a fazer um pastoril em Picos com Conceição Albano, sua irmã. Ela foi das pastorinhas. Naquele tempo, existia assim, como a gente não tinha teatro, não tinha cinema, tinha os bailados, fazia os bailados nas casas, por época, daí, tinha as pastorinhas no natal. Ozildo com a Conceição Albano se dedicavam, tinha a letra com a partitura. [...] Eles organizavam pra época de natal. Inclusive, Ozildo organizava o presépio, era a coisa mais bonita. Ele organizava para dinamizar o natal. Isso causava emoção nas pessoas, muito emotivo para as pessoas que eram religiosas.

37) Em Pio IX, Ozildo realizou a dramatização com a peça “A bruxinha que era boa” e foi apresentada por alunos do ginásio da cidade. A senhora sabe me informar se Ozildo organizou alguma peça teatral aqui em Picos?

Quando tinha festas, aniversários dos colegas, dos professores, Ozildo sempre organizava um grupo de jograis, recitais e músicas. Ozildo fazia o squete, eram umas coisas rápidas, uma encenação rápida e que fazia sorri.

38) Pelos caminhos da magistratura há espinhos e flores. Como amigo do intelectual Ozildo Albano, o que ficou de positivo na trajetória do jurista Ozildo quando esteve sendo Juiz de Direito em Pio IX e Jaicós?

Da trajetória de jurista que Ozildo Albano exerceu, ele não me falava das mágoas, das coisas assim, não. Ozildo me falava das amizades conquistadas no período da magistratura. Das famílias, Ozildo tinha como extensão da família daqui, é tanto que ele continuava frequentando essas famílias, continuava indo aos festejos lá. Aquelas famílias que acolheram ele muito bem. Agora, Ozildo tinha mais ligação realmente com as famílias de Pio IX. [...] Ozildo era uma pessoa que procurava fazer seu trabalho com justiça, sendo justo e, isso, causava impacto nas pessoas.

39) Profª Mundica, Ozildo Albano era muito religioso? Ele frequentemente frequentava as missas em Picos?

Ozildo Albano era muito, muito religioso. Ele não perdia uma novena, principalmente no Sagrado Coração de Jesus, no Nossa Senhora de Remédios e na cidade de Bocaina. Ozildo Albano era devoto de Nossa Senhora da Conceição em Bocaina. Ele tinha uma ligação grande por lá. No entanto, ele criou essa caminhada para Bocaina. Aí, começaram os seguidores e terminou crescendo. Hoje, virou tradição.

40) Podemos afirmar que os valores católicos preservados por Ozildo Albano teve influência na sua formação humanística? Por quê?

Os valores católicos ajudaram na formação humanística de Ozildo Albano. Ele gostava de um calendário que se chamava folhinha do ano. Nessas casas tradicionais, todas tinham um calendário de folhinha do ano. Era distribuído pela farmácia do senhor Justino. O senhor Justino mandava para as famílias. [...] Nesse calendário, tinha as histórias, era um calendário que vinha acoplado a uma figura santa. Ozildo, ele era um grande pesquisador da vida dos santos. Você perguntava o histórico de qualquer santo e ele dizia. Ozildo contava as histórias dos santos que foram santificados por isto e por aquilo. Ozildo colecionava as imagens. Daí, ele começou a pesquisar as histórias dos santos e foi onde ele começou a fazer os arquivos dele, a selecionar o arquivo sacro. É uma das alas que eu mais admiro.

41) Ozildo Albano comungava de alguma ideologia partidária? Ele chegou a sofrer alguma perseguição política?

Ozildo Albano não dizia de qual ideologia partidária ele comungava. Ele não demonstrava. A gente sabia que ele tinha um partido porque ele gostava. Era tradição da família dele. A gente sabia que ele tinha preferência, mas não que ele propagasse. E Ozildo Albano ia aos comícios.

42) Ozildo viveu o período da ditadura militar que foi de 1964-1985. Quais foram os olhares críticos que Ozildo Albano tinha sobre este período?

Para Ozildo Albano, a ditadura militar foi um período angustiante, esse período de 1964. [...] Eu lembro-me de um dia que eu fui lá e Ozildo estava muito triste, eu não me lembro da data. Ele falando que tinha sido assassinado um jovem Gerardo Magela. Eu nunca me esqueci deste nome. Foi um estudante na ditadura militar. [...] Eu cheguei lá, neste dia, e Ozildo estava triste, lamentando. Ozildo estava com um jornal. Ele recebia de um amigo que mandava do Rio de Janeiro. [...] Eu me lembro dele falando deste absurdo da morte deste rapaz inocente. Foi no período da ditadura militar no Brasil.

43) Ozildo Albano era conservador ou liberal? Ou, liberal-conservador?

Ozildo Albano era um conservador-liberal, porque ao mesmo tempo em que ele queria conservar os princípios éticos, cristãos, morais, ao mesmo tempo ele queria inovar.

44) Com a morte de Ozildo Albano, em 1989, perdemos a nossa “rima perfeita” da sociedade picoense. Como foi para a senhora perder um dos seus maiores amigos?

Ter perdido o meu amigo Ozildo Albano ainda hoje me dói, porque eu não acreditei na hora. Na véspera, eu senti falta dele, de Ozildo. Eu passei por lá [...] aí a menina falou para mim que ele estava doente e não estava bem. [...] Aí, eu entrei na casa de Dona Conceição e perguntei o que Ozildo tinha, ela disse: - Como sempre, Mundica, os problemas dele, mas já foi medicado, o médico já esteve aqui. [...] Na hora que eu saí, levaram-no para o hospital. [...] Quando foi mais tarde, ele não chegou. [...] Eu não acreditava que ele tinha morrido.

45) Qual foi a maior perda que a sociedade picoense teve com a morte de Ozildo Albano?

Com a morte de Ozildo Albano, nós tivemos a perda de uma identidade cultural. Ozildo era o elo, era o nosso elo cultural. Ele segurava os grupos culturais. [...] Ozildo escrevia no Jornal O Gazeta com Erivan Lima. De lá pra cá, nós não tivemos nenhum jornal com visão crítica social, tivemos não.

46) Há um discurso corrente que diz que “Picos é Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos”. Como a senhora interpreta isto?

O discurso corrente Picos e Ozildo Albano e Ozildo Albano é Picos é uma simbiose perfeita. Pois, a cidade de Picos dependeu de Ozildo Albano para manter viva a sua história e Ozildo Albano vivenciou Picos para realizar a missão que Deus propôs para ele.

APÊNDICE P – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE ALBANO SILVA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Eu, **ALBANO SILVA**, brasileiro, picoense, aposentado, autorizo o Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Profª Drª Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 28 de dezembro de 2016, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Picos (PI), 25 de outubro de 2018.

Colaborador(a) da pesquisa

**APÊNDICE Q – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE
DIMAS LEOPOLDO LÉLIS**

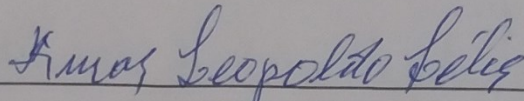


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Eu, **DIMAS LEOPOLDO LÉLIS**, brasileiro, picoense, aposentado, autorizo o Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Profª Drª Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 19 de agosto de 2016, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Picos (PI), 23 de outubro de 2018.


Colaborador (a) da pesquisa

**APÊNDICE R – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE
FRANCISCO DE ASSIS MACEDO SANTOS**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Eu, **FRANCISCO DE ASSIS MACEDO SANTOS**, brasileiro, piauiense, picoense, advogado, autorizo o Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Profª Drª Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 27 de janeiro de 2017, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Picos (PI), 22 de outubro de 2018.

Francisco de Assis Macedo Santos

Colaborador (a) da pesquisa

**APÊNDICE S – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE
FRANCISCO DAS CHAGAS CRUZ**

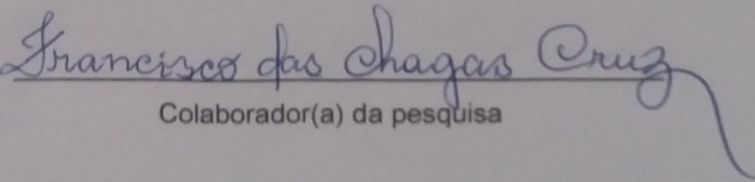


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Eu, **FRANCISCO DAS CHAGAS CRUZ**, brasileiro, piauiense, professor aposentado, autorizo o Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Profª Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 05 de outubro de 2017, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Jaicós (PI), 07 de outubro de 2018.


Colaborador(a) da pesquisa

APÊNDICE T – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE FRANCISCO DE MOURA FONTES

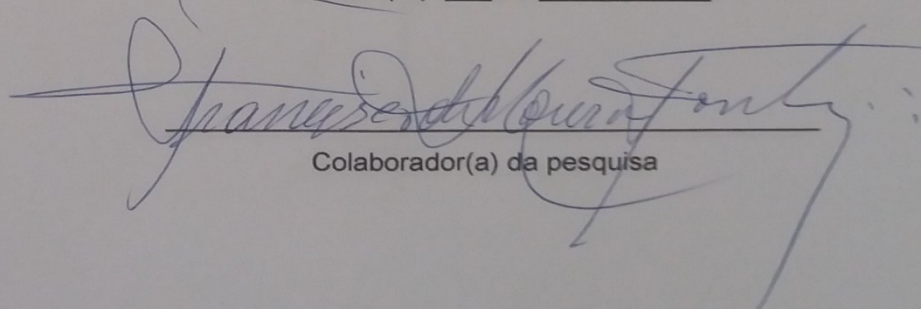


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Eu, **FRANCISCO DE MOURA FONTES**, brasileiro, piauiense, picoense, advogado, autorizo o Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Profª Drª Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 19 de janeiro de 2017, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Picos (PI), 24 de outubro de 2018.



Colaborador(a) da pesquisa

APÊNDICE U – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE JOSÉ RAFAEL FILHO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Eu, **JOSÉ RAFAEL FILHO**, brasileiro, piauiense, itainopolense, aposentado, autorizo o Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Profª Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 19 de outubro de 2016, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Jaicós (PI), 07 de outubro de 2018.

Colaborador (a) da pesquisa

APÊNDICE V – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA ALBANO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA


Eu, **MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA ALBANO**, brasileira, picoense, professora aposentada da Universidade Federal do Piauí, autorizo o Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Profª Drª Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 14 de fevereiro de 2017, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Picos (PI), 26 de outubro de 2018.

Maria da Conceição Silva Albano

Colaborador(a) da pesquisa

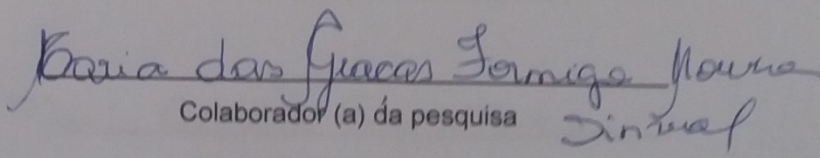
**APÊNDICE W – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE
MARIA DAS GRAÇAS MOURA FORMIGA**


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Eu, **MARIA DAS GRAÇAS MOURA FORMIGA SINVAL**, brasileira, soteropolitana, professora aposentada, autorizo o Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Profª Drª Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 16 de dezembro de 2016, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Picos (PI), 26 de Outubro de 2018.


Colaborador (a) da pesquisa *Sinval*

APÊNDICE X – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE MARIA EUNICE SOARES TEIXEIRA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Eu, **MARIA EUNICE SOARES TEIXEIRA**, brasileira, piauiense, picoense, professora aposentada da Universidade Federal do Piauí, autorizo o Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Profª Drª Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 22 de outubro de 2016, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Picos (PI), 23 de outubro de 2018.

Maria Eunice Soares Teixeira
Colaborador(a) da pesquisa

APÊNDICE Y – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE MARIA VANILDA DE MOURA ALBANO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Eu, **MARIA VANILDA DE MOURA ALBANO**, brasileira, piauiense, picoense, professora aposentada da rede estadual de educação, autorizo o Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Profª Drª Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 22 de novembro de 2017, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Picos (PI), 22 de Outubro de 2018.

Maria Vanilda de Moura Albano
Colaborador (a) da pesquisa

APÊNDICE Z – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE OLÍVIA DA SILVA RUFINO BORGES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Eu, **OLÍVIA DA SILVA RUFINO BORGES**, brasileira, piauiense, picoense, professora aposentada, autorizo o Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Prof^a Dr^a Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 18 de novembro de 2016, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Picos (PI), 25 de outubro de 2018.

Olivia da Silva Rufino Borges

Colaborador (a) da pesquisa

**APÊNDICE Aa – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE
RAIMUNDA FONTES DE MOURA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DA ENTREVISTA

Eu, **RAIMUNDA FONTES DE MOURA**, brasileira, piauiense, picoense, professora aposentada, autorizo o Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Welbert Feitosa Pinheiro, orientando da Profª Drª Sônia Maria dos Santos, a fazer uso da entrevista concedida por mim em data de 10 de novembro de 2016, para sua pesquisa intitulada "O garimpeiro de memórias: as práticas educativas de Ozildo Albano, no Piauí (1952-1989)". Outrossim, autorizo o pesquisador a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Picos (PI) 23 de outubro de 2018.

Raimunda Fontes de Moura

Colaborador (a) da pesquisa